COMENTÁRIO DO NOVO TESTAMENTO

COMENTÁRIO DO NOVO TESTAMENTO

Exposição de
Atos dos Apóstolos

Vol. 1

Simon J. Kistemaker



Comentário do Novo Testamento – Exposição de Atos dos Apóstolos
©2003, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *New Testament Commentary*, *Exposition of the Acts of the Apostles* por Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company, P.O. Box 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287. ©1975, William Hendriksen. Todos os direitos são reservados.

1ª edição em português – 2003
Tiragem: 3.000 exemplares

Tradução
??????????????

Revisão
?????????
????????????

Editoração
Eline Alves Martins

Capa
Expressão Exata

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
André Luís Ramos, Mauro Fernando Meister,
Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste,
Sebastião Bueno Olinto, Valdeci Santos Silva.



EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Abreviaturas 7
Prefácio 10
Introdução ao Evangelho de Atos 15
Comentário do Evangelho de Atos, vol. 1 65

1. Antes do Pentecoste (1.1-26) 67
2. A Igreja em Jerusalém, *parte 1* (2.1-47) 103
3. A Igreja em Jerusalém, *parte 2* (3.1-26) 163
4. A Igreja em Jerusalém, *parte 3* (4.1-37) 195
5. A Igreja em Jerusalém, *parte 4* (5.1-42) 241
6. A Igreja em Jerusalém, *parte 5* (6.1-15) 291
7. A Igreja em Jerusalém, *parte 6* (7.1–8.1a) 313
8. A Igreja na Palestina, *parte 1* (8.1b–40) 377
9. A Igreja na Palestina, *parte 2* (9.1-43) 427
10. A Igreja na Palestina, *parte 3* (10.1-48) 481
11. A Igreja na Palestina, *parte 4* (11.1-18) e a Igreja em Transição, *parte 1* (11.19-30) 531
12. A Igreja em Transição, *parte 2* (12.1-25) 563
13. A Igreja em Transição, *parte 3* (13.1-3) e a Primeira Viagem Missionária, *parte 1* (13.4-52) 591

ABREVIATURAS

ASV	American Standard Version
AUSS	Andrews University Seminary Studies
Bauer	Walter Bauer, W. F. Arndt, F.W. Gingrich e F. W. Danker, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, 2ª
BEB	*Baker Encyclopedia of the Bible*
Beginnings	F. J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake (organizadores), *The Beginnings of Christianity*
BF	British an Foreign Bible Society, *The New Testament*, 2ª ed.
BJ	Bíblia de Jerusalém
Bib	*Biblica*
BibRes	*Biblical Research*
BibToday	*Bible Today*
BibTh	*Bible Translator*
BJRUL	*Bulletin of John Rylands University Library of Manchester*
BS	*Bibliotheca Sacra*
BZ	*Bibliche Zeitschrift*
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
CJT	*Canadian Journal of Theology*
I Clem.	Primeira Epístola de Clemente
ConcJourn	*Concordia Journal*
ConcThMonth	*Concordia Theological Monthly*
CT	*Christianity Today*
EDT	*Evangelical Dictionary of Theology*
EphThL	*Ephemerides Théologicae lovaniensis*

Ed	Esdras
EvQ	*Evangelical Quarterly*
ExpT	*Expository Times*
GNB	Good News Bible
GTJ	*Grace Theological Journal*
HTR	*Harvard Theological Review*
IDB	*Interpreter´s Dictionary of the Bible*
Interp	*Interpretação*
ISBE	*International Standard Bible Encyclopedia,* ed. rev.
IsrExj	*Israel Exploration journal*
JBL	*Journal of Biblical Literature*
JETS	*Journal of the Evangelical Theological Society*
JJS	*Journal of Jewish Studies*
JSNT	*Journal for the Study of the New Testament*
Jt	Judite
JTS	*Journal of Theological Studies*
Jub.	Jubileu
KJV	King James Version (versão autorizada)
LB	Living Bible (A Bíblia viva)
LCL	Loeb Classical Library edition
lit.	literal, literalmente
LXX	Septuaginta
Mac.	Macabeus
Majority Text	Arthur L. Farstad e Zane Hodges, *The Greek New Testament: According to the Majority Text*
Merk	Augustinus Merk (org.), *Novum Testametum Graece et Latine,* 9ª ed.
MLB	The Modern Language Bible (A Bíblia na linguagem moderna)
Moffatt	*The Bible – A New Translation*, James Moffatt
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NEB	New English Bible
NedTTs	*Nederlands theologisch tijdschrift*
Neotes	*Neotestamentica*
Nes-Al	Eberhard Nestle e Kurt Aland, *Novum Testamentum Graece,* 26ª ed

NIDNTT	*New International Dictionary of New Testament Theology*
NIV	New International Version
NKJV	New King James Version
NovT	*Novum Testamentum*
n.s.	nova série
NTS	*New Testament Studies*
PEQ	*Palestine Exploration Quarterly*
Phillips	*The New Testament in Modern English*, J. B. Phillips
RefThR	*Reformed Theological Review*
RelStudRev	*Religious Studies Review*
ResQ	*Restoration Quarterly*
IQS	Manual de Disciplina
RB	*Revue biblique*
RevThom	*Revue thomiste*
RSPT	*Revue des sciences philosophiques et théologiques*
RSV	Revised Standard Version
RV	Revised Version
Sab.	Sabedoria de Salomão
SB	H. L. Strack e P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*
SEB	Simple English Bible
SecCent	*Second Century*
Sir.	Siraque
Talmud	O Talmude Babilônico
TDNT	*Theological Dictionary of the New Testament*
Thayer	Joseph H. Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament*
TheolZeit	*Theologische Zeitschrift*
Tob.	Tobit
TynB	*Tyndale Bulletin*
VigChr	*Vigiliae christianae*
VoxRef	*Vox Reformata*
WTJ	*Westminster Theological journal*
ZNW	*Zeitschrift für die Nieutestamentliche Wissenschaft*
ZPEBN	*Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*

Prefácio

Este volume completa a seqüência dos quatro Evangelhos e Atos na série "Comentários do Novo Testamento". Meu precursor, o Dr. William Hendriksen, escreveu o comentário sobre o Evangelho de Lucas, e eu tenho o grato privilégio de apresentar ao leitor o volume sobre Atos. Apesar de ter adotado o formato de Hendriksen, nota-se que difiro dele em estilo e apresentação.

Enquanto compunha o comentário de Atos, mantive em mente as necessidades do pastor e do professor das Escrituras. Ao longo deste volume tentei fornecer uma descrição adequada das épocas históricas, das influências culturais e dos aspectos geográficos mencionados pelo escritor de Atos. Com freqüência, limitações de espaço forçaram-me a restringir discussões acerca de problemas históricos, culturais e lingüísticos. Portanto, deixei estes assuntos para serem tratados com maior profundidade em artigos especializados. Meu objetivo é ater-me ao texto e explicá-lo do modo mais claro possível.

Nas seções denominadas **Palavras, Frases e Construções em Grego** é fornecida ajuda básica para uma melhor compreensão do texto. Essas seções foram colocadas separadamente para que o leitor que não tem conhecimento do grego não fique intimidado, e o pastor ou o professor que conheça a gramática grega possa ser assistido a fim de compreender essa porção das Escrituras.

Ademais, este volume auxilia o leitor a receber uma introvisão acerca de considerações doutrinárias e práticas de passagens específicas. Apesar de Lucas ter escrito a história da igreja e não um discurso doutrinário, Atos possui uma ênfase decididamente teológica. Por essa razão eu resumi a teologia de Atos na Seção F da Introdução e em seções individuais por todo o comentário.

Estou fornecendo ao leitor a minha própria tradução de Atos. Quando relevante, anotei as traduções do texto ocidental, que se constituem freqüentemente de acréscimos ou embelezamentos das passagens em questão. Nesses casos, rejeito essas traduções. Por vezes o texto ocidental apresenta uma fraseologia que parece ser genuína e aceitável. Quando esse é o caso, incorporei tal tradução à minha, como, por exemplo, no texto de 24.6-8 (veja comentário).

Que este comentário seja uma bênção ao pastor e ao estudioso da Bíblia em proclamar e ensinar as riquezas da Palavra de Deus.

Primavera de 1990
Simon J. Kistemaker


MAR ADRIÁTICO
MACEDÔNIA
Roma
Três Vendas
Praça de Ápio
ITÁLIA
Putéoli
Filipos
Anfípolis
Tessalônica
Beréia
Apolônia
ACAIA
Régio
SICÍLIA
Corinto
Atenas
Cencréia
Siracusa
Malta
MAR MEDITERRÂNEO
Cauda
SIRTE
0 50 100 Milhas
0 50 100 150 Km


Neápolis
Trôade
Assôs
Mitilene
Antioquia
Icônio
MAR EGEU
Sardes
Éfeso
Mileto
Listra
Tarso
Derbe
Perge
Antioquia
Mira
Atália
Pátara
Cós
Rodes
SÍRIA
Creta
CHIPRE
Salamina
Pafos
Damasco
Bons Portos
Tiro
Ptolemaida
Cesaréia
Antipátride
Jerusalém

Introdução

ESBOÇO

A. Título
B. Fontes
C. Discursos
D. Historicidade
E. Autor, Data e Local
F. Teologia
G. Características
H. Texto
I. Propósito
J. Temas
K. Esboço

Atos ultrapassa, em extensão, quase todos os livros do cânon neotestamentário. Com seus 28 capítulos, compreendendo um total de 1.007 versículos, forma um elo inseparável entre os Evangelhos e as Epístolas. Certamente que sem Atos o cânon estaria incompleto. Atos é a continuação do relato dos Evangelhos e estabelece a base para a literatura epistolar.

A. Título

O titulo de Atos, acrescentado provavelmente no século 2º, é problemático em vários aspectos. Alguns tradutores da Bíblia trazem a designação *Atos dos Apóstolos*, e contam com o apoio dos pais da igreja primitiva.[1] Mas afora a listagem dos doze apóstolos no capítulo 1, Lucas discorre apenas a respeito do ministério de Pedro e Paulo. Aliás, João acompanha Pedro ao templo "à tarde para orar" (3.1) e a Samaria (8.14), mas Lucas não registra nenhum feito ou palavra específica de João. Obviamente, esse título descritivo do livro é bastante abrangente. A sugestão de se recorrer ao nome de *Atos de Pedro e Paulo* não encontrou resposta favorável, pois nesse livro Lucas relata também o ministério de Estêvão, Filipe, Barnabé, Silas e Timóteo.

Em seguida, a proposta de chamar o livro de *Os Atos do Espírito Santo* também falha em seu esforço para obter apoio.[2] A despeito da ênfase de Lucas sobre o derramamento do Espírito Santo em Jerusalém (2.1-4), Samaria (8.17), Cesaréia (10.44-46) e Éfeso (19.6), o conteúdo do livro é muito mais abrangente do que comunica o título proposto. Ademais, no primeiro versículo de Atos, Lucas dá a entender que está escrevendo uma continuação de seu evangelho. Ele indica que o seu primeiro volume é um livro de "tudo o que Jesus *começou* tanto

1. Irineu, *Against Heresies* 3.13.3; Clemente de Alexandria *Stromata* 5.82; Tertuliano, *Fasting* 10. Os Códices Sinaiticus, Vaticanus e Bezae trazem essa tradução. Manuscritos minúsculos fornecem extensões: "Atos dos Santos Apóstolos" e "Atos dos Santos Apóstolos de Lucas o Evangelista".

2. Comparar John Albert Bengel, *Gnomon of The New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 512.

a fazer como a ensinar" (1.1). Por inferência, diz que em Atos Jesus continua sua obra. Logo, a ênfase não recai tanto no Espírito Santo, mas naquilo que Jesus está realizando no desenvolvimento da Igreja em Jerusalém, Samaria, Ásia Menor, Grécia e Itália.

Uma outra alternativa seria chamar o livro apenas de *Atos*.[3] A concisão desse título é atraente. Apesar de evitar as objeções levantadas contra os outros nomes, é ainda assim, indefinido e incolor. Os escritores antigos empregavam comumente o termo *Atos* para descrever os feitos de heróis célebres, inclusive Ciro e Alexandre, o Grande.[4] Conseqüentemente, o título de Atos, seja breve ou longo, permanece problemático.

A seqüência de Lucas-Atos pelas mãos de Lucas pode ser comparada à seqüência das duas cartas de Paulo aos Coríntios. No entanto, a diferença é que os cristãos do século 1º colocaram o "primeiro livro" de Lucas junto aos Evangelhos e consideraram Atos como história da Igreja. Assim, classificaram Atos como pertencente à categoria dos livros históricos. Em suma, Atos relata a história da igreja primitiva.

B. Fontes

1. *Seletividade*

Lucas é um historiador que apresenta uma descrição completa do desenvolvimento da igreja primitiva? Não, pois ele retrata apenas o crescimento da igreja que começa em Jerusalém e caminha em direção ao norte e oeste. Relata o que ocorreu na Palestina, Síria, Ásia Menor, Macedônia, Grécia e Roma, mas omite o que aconteceu em outros lugares. Lucas se desvia de muitos países os quais relaciona como uma tabela de nações (2.9-11). Pessoas desses países haviam ido a Jerusalém para celebrar a festa do Pentecoste, ouviram a proclamação do evangelho e retornaram às suas terras de origem. Mas ao retratar a igreja em desenvolvimento, Lucas segue um caminho que o leva ao norte e oeste de Jerusalém. Ele desconsidera o que aconteceu nas nações ao sul e leste de Israel.

E mais, de todo o material disponível, Lucas seleciona somente

3. NIV, SEB.

4. Xenofonte, *Cyropaed* 1.2.16; Diogenes Laertius 2.3; Diodorus Siculus 16.1.1; Josefo, *Antiquities* 14.4.3[68].

alguns incidentes, e, ao descrevê-los, escolhe deliberadamente fazê-lo de modo breve. Por exemplo, seu retrato das mortes de Ananias e Safira (5.1-11) levanta inúmeras questões devido à sua brevidade; ele conta que Pedro, que é o líder em Jerusalém, simplesmente sai e vai para outro lugar (12.17); e declara que ao concluir sua segunda viagem missionária, Paulo, por implicação, "subiu e saudou a igreja", em Jerusalém (18.22). Os historiadores do mundo antigo "eram compelidos a impor limites bem rígidos ao material narrativo que chegava até eles advindo da tradição oral ou de fontes escritas".[5]

2. *Tradição*

Lucas tinha de ser breve em vista da riqueza do material e da extensão do período que cobriu. Se colocarmos a ascensão de Jesus (descrita em 1.9-11) em 30 d.C. e a libertação de Paulo da prisão domiciliar por volta de 63 d.C., então Lucas cobre um período de 33 anos. Incidentalmente, Lucas relata que Jesus iniciou seu ministério público quando tinha cerca de 30 anos de idade (Lc 3.23); esse ministério durou três anos. Assim o período coberto pelo Evangelho de Lucas é também de 33 anos. O tempo total para ambos, o Evangelho e Atos, é de 66 anos.

Sendo o Evangelho Segundo Lucas e Atos um relato contínuo, as palavras de introdução do Evangelho se aplicam também a Atos. Lucas escreve que sua informação lhe foi passada por "testemunhas oculares e ministros da palavra" (Lc 1.2). À medida que reunia, dos apóstolos e outras testemunhas oculares, material para o Evangelho, obtinha de Pedro, Paulo, Tiago, Silas e Timóteo os fatos para a composição de Atos. Em Atos ele revela, pelo uso dos pronomes *nós* e *nos*, que ele próprio participou como uma testemunha ocular.[6] Ele indica que estava em Jerusalém quando Paulo foi preso e que se encontrou com Tiago e os anciãos (21.17,18). Supomos que durante o tempo em que Paulo esteve preso, Lucas teve bastante tempo para reunir material concreto de testemunhas oculares que lhe relataram o nascimento, o desenvolvimento e a extensiva influência da igreja de Jerusalém. Tanto de Pedro como de Paulo pôde obter numerosos relatos orais, os quais organizou

5. Martin Hengel, *Acts and the History of Earliest Christianity*, trad. por John Bowden (Filadélfia: Fortress, 1980), p. 10.

6. Veja 16.10-17; 20.5-21.18; 27.1-28.16. Essas passagens referem-se à segunda e terceira viagens missionárias de Paulo e à sua viagem a Roma.

numa seqüência mais ou menos cronológica. Teve Lucas acesso a documentos escritos? Os discursos de Pedro, Estevão, Paulo e outros estavam disponíveis em forma escrita? Não temos evidência de que Lucas tenha contado com fontes escritas, e qualquer estudioso que declare ter Lucas usado tais relatos deve estar necessariamente trabalhando com hipóteses.[7] O Evangelho de Lucas pode ser comparado aos outros Evangelhos canônicos, mas Atos, como relato histórico, é singular no Novo Testamento: é o único livro de história da igreja primitiva no cânon.

3. *Relato de Testemunhas Oculares*

Quando Lucas ouvia as testemunhas oculares que lhe contavam acerca dos eventos ocorridos a partir da ascensão e dos aparecimentos de Jesus, indubitavelmente tomava nota por escrito. Subseqüentemente, revisava esses sumários ajuntados a partir de entrevistas pessoais.[8] Lucas menciona muitas pessoas de um modo que sugere um conhecimento pessoal delas. Segundo a tradição, apoiada por Eusébio e pelo prólogo antimarcionista da segunda metade do século 2º, Lucas procedia da Antioquia na Síria.[9] Ele desenvolveu amizade com Barnabé, a quem os apóstolos tinham enviado para socorrer a inexperiente igreja de Antioquia (11.22). Descreve Barnabé como "um bom homem, cheio do Espírito Santo" (11.24). Devido à sua ligação com Antioquia, Lucas descreve Nicolau como sendo de Antioquia e convertido do judaísmo (6.5). Além disso, fornece alguns detalhes a respeito dos mestres e profetas antioquenses: Barnabé, Simeão chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém que havia sido criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo (13.1). Em Antioquia encontrou provavelmente Judas, chamado Barsabás, e Silas (15.22,32); mas certamente veio a conhecer Silas em Filipos (16.19-40). Lá ele conheceu também Lídia, a vendedora de tecido de púrpura e natural de Tiatira (16.14).

---

7. Jacques Dupont conclui: "A despeito da mais cuidadosa e detalhada pesquisa, não foi possível definir nenhuma das fontes utilizadas pelo autor de Atos, de um modo que encontrasse amplo acordo entre os críticos". *The Sources of the Acts*, trad. por Kathleen Pond (Nova York: Herder and Herder, 1964), p. 166.

8. Colin J. Hemer, "Luke the Historian", *BJRUL* 60 (1977-78): 49 (veja seu *Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tubingen: Mohr, 1989), pp. 335-36.

9. Eusébio, *Ecclesiastical History*, 3.4.6.

Lucas ficou na casa de Filipe, o evangelista, em Cesaréia (21.8; e veja 6.5). É lógico pensar que Lucas tenha recebido dele informações a respeito do início e desenvolvimento da igreja em Samaria (8.5-25), da conversão do eunuco etíope (8.26-40) e da admissão dos da casa de Cornélio à igreja em Cesaréia (10.1-11.18). Em Jerusalém, Lucas travou conhecimento com João Marcos, cuja mãe possuía uma espaçosa casa (12.12). Ali ele pode ter conhecido a jovem serva Rode (12.13).

Em Atos, Lucas cita mais de cem nomes próprios, e relaciona alguns deles com títulos. Por exemplo, anota que Sérgio Paulo era um procônsul em Chipre (13.7) e Gálio era um procônsul na Acaia (18.12). Inscrições arqueológicas testificam da exatidão desses títulos.[10] Se sabemos que hoje muitos oficiais em nosso governo ocupam uma certa posição por não mais do que um ou dois anos, reconhecemos que somente um historiador habilidoso seria capaz de manter um registro preciso. Assim, Lucas parece ser um historiógrafo meticuloso.

Em várias ocasiões, Lucas revela o lugar onde certas pessoas moravam, especificando sua cidade natal ou província: "Áquila, natural do Ponto com sua mulher Priscila, haviam sido expulsos de Roma e se estabelecido em Corinto (18.1,2). Tício Justo morava ao lado da sinagoga em Corinto (18.7); Crispo era o principal dessa sinagoga (18.8; veja também 1Co 1.14); e Sóstenes se tornou o sucessor de Crispo (18.17; 1Co 1.1). Lucas descreve Apolo minuciosamente. Ele era natural de Alexandria e homem bastante culto (18.24-26). Conta que em Trôade se encontrou com Sópatro, filho de Pirro, de Beréia, Aristarco e Secundo de Tessalônica, Gaio e Timóteo de Derbe, Tíquico e Trófimo da província da Ásia (20.4).

A informação geográfica, especialmente no que tange às viagens de Paulo, é admiravelmente detalhada; Lucas cita não menos do que cem nomes de lugares em Atos. Como companheiro de Paulo na conclusão da terceira viagem missionária, Lucas menciona todos os lugares na rota da Grécia a Jerusalém e a duração do tempo em que permaneceram em cada lugar. Paulo passou três meses na Grécia (20.3), cinco dias viajando a Trôade e sete dias ali (20.6). No primeiro dia da

10. Kirsopp Lake. "The Chronology of Acts", *Beginnings*, vol. 5, pp. 445-74. "O tempo normal do cargo parece ter sido de um ano, mas dois anos não seria sem precedente" (p. 463). Veja também A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (1963; reedição, Grand Rapids: Baker, 1978), pp. 99-107.

semana Paulo e seus companheiros celebraram culto em Trôade (20.7). Paulo foi a pé até Assôs, enquanto os outros tomaram um barco para chegar lá. Lucas faz uma descrição do dia-a-dia da viagem pela costa oeste da Ásia Menor aos portos de Tiro, Ptolemaida e Cesaréia (20.15,16; 21.1-8). Novamente Lucas fornece referência detalhada de tempo com referência à permanência e prisão de Paulo em Jerusalém, sua jornada noturna a Cesaréia e seu aprisionamento ali (21-26). E, por fim, empregando muitos termos náuticos, climáticos e geográficos, Lucas apresenta um relato fidedigno da viagem a Roma (27-28).[11]

Em suma, a apresentação de Lucas de fatos históricos e geográficos é esplêndida. Demonstra que em muitos episódios ele próprio foi uma testemunha ocular. E quando não havia estado presente, consultava pessoas que haviam estado no local e podiam fornecer um relato preciso dos incidentes ocorridos.[12]

Lucas começou o Livro de Atos com o pronome na primeira pessoa do singular **eu** (1.1), e na segunda metade do livro emprega a primeira pessoa do plural **nós**. Já que seu estilo é o mesmo do princípio ao fim, chegamos à conclusão de que o pronome pessoal se refere ao autor desse livro. Além do mais, os primeiros a receberem Atos estavam familiarizados com Paulo e seu colaborador Lucas (Cl 4.14; 2 Tm 4.11; Fm 24) e tinham condições de verificar a exatidão de seus relatos históricos e geográficos. Os membros das igrejas em Éfeso e Colossos sabiam os nomes dos lugares mencionados por Lucas ligados às viagens de Paulo através da costa leste e oeste da Ásia Menor. Teriam rejeitado o livro como sendo fraudulento se Lucas tivesse apresentado ficção em vez de fatos. Os críticos alegam que o escritor de Atos iniciou o uso dos pronomes "nós" e "nos" com o intuito de tornar claro que ele próprio fez parte das viagens de Paulo.[13] Mas eles mesmos não

11. Angus Acworth, "Where Was St. Paul Shipwrecked? A Reexamination of the Evidence", *JTS* n.s. 24 (1973): 190-93; e Colin J. Hemer, "Euraquilo and Melita", *JTS* n.s. 26 (1975): 100-111. Consultar ainda Colin J. Hemer, "First Person Narrative in Acts 27-28", *TynB* 36 (1985): 79-109.

12. Consultar W. Ward Gasque, "The Historical Value of the Book of Acts. The Perspective of British Scholarship", *TheolZeit* 28 (1972): 177-96. Veja ainda W. Ward Gasque, "The Historical Value of the Book of Acts. An Essay in the History of New Testament Criticism", *EvQ* 41 (1969): 68-88.

13. Martin Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres: SCM, 1956), p. 105.Veja

puderam provar que o próprio Lucas não podia ter sido uma testemunha ocular.

Portanto, concluímos que Lucas não dependeu apenas de fontes escritas, mas também da tradição oral que recebia de pessoas que tinham conhecimento pessoal dos eventos transcorridos.

C. Discursos

Lucas é também capaz de se expressar em excelente grego, mas em Atos ele varia a escolha de palavras de acordo com o palco dos acontecimentos. Reflete a locução, o vocabulário e a cultura da área que descreve. Assim, nos capítulos que retratam a Palestina (1-15), o grego de Lucas traz um colorido aramaico. A segunda metade do livro (16 – 28) reflete um ambiente gentílico e é escrito em grego fluente que, por vezes, rivaliza com o grego clássico. Para ilustrar, das 67 vezes que o modo optativo ocorre no Novo Testamento, dezessete se encontram em Atos. Essas dezessete ocorrências aparecem principalmente na segunda metade do livro e são muitas vezes oriundas dos lábios daqueles que conhecem bem o grego.[14]

1. *Classificação*

Atos é repleto de discursos diretos que constituem cerca de metade de todo o livro. Contando tanto os discursos curtos quanto os compridos, chegamos a pelo menos 26 pronunciamentos. São pronunciados, de um lado, por apóstolos e líderes cristãos; e, de outro, por não-cristãos (judeus e gentios). Lucas apresenta discursos feitos por Pedro,[15] um extenso sermão de Estêvão ante o Sinédrio (7.2-53), uma breve explanação por Cornélio (10.30-33), um breve pronunciamento de Tiago no Concílio de Jerusalém (15.13-21), o conselho de Tiago e dos anciãos de Jerusalém a Paulo (21.20-25) e nove sermões e discursos de

também Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 85. Haenchen chama o uso de "nós" em Atos de "o enfeite de última hora do autor". Consultar Hans Conzelmann, *Acts of the Apostles*, trad. por James Limburg. A. Thomas Kraabel e Donald H. Juel (1963): Filadélfia: Fortress, 1987), p. xxxix.

14. Filósofos gregos em Atenas (17.18), Paulo no Areópago (17.27 [duas vezes]), governador Festo (25.16 [duas vezes], 20), Paulo se dirigindo ao rei Agripa (26.29). As outras vezes são 5.24; 8.20,31; 10.17; 17.11; 20.16; 21.33; 24.19; 27.12,39.

15. 1.16-22; 2.14-36,38 – 39; 3.12-26; 4.8-12,19,20; 5.29-32; 10.34-43; 11.5-17; 15.7-11.

Paulo.[16] Os outros pronunciamentos são de Gamaliel, o fariseu (5.35-39), Demétrio, o ourives (19.25-27), o escrivão da cidade de Éfeso (19.35-40), Tértulo, o advogado (24.2-8) e Festo, o governador (25.24-27).[17] Adicionalmente, Lucas coloca o texto de duas cartas: uma do Concílio de Jerusalém para as igrejas gentílicas (15.23-29) e a outra escrita por Cláudio Lísias ao governador Félix (23.27-30).

Os discursos tornam o livro de Atos fascinante, pois quando as pessoas falam aprendemos algo a respeito da personalidade delas. Lucas retrata as pessoas como são, e à medida que ouvimos os seus discursos, passamos a conhecê-las. Ele ouviu Paulo proclamar as boas-novas em Filipos, seu pronunciamento aos anciãos efésios, seu discurso em Jerusalém, sua defesa diante de Félix e sua defesa diante de Festo e Agripa. Presumimos que Lucas tenha recebido de Paulo as palavras do sermão deste em Antioquia da Pisídia e de seu pronunciamento no areópago. De Pedro, Lucas ajuntou informações de seus discursos no cenáculo, no Pentecoste, próximo ao Pórtico de Salomão, ante o Sinédrio e no Concílio de Jerusalém. Talvez Paulo e outras testemunhas tenham fornecido informações a respeito do discurso de Estêvão diante do Sinédrio.

Se Lucas recebeu sua informação de testemunhas oculares, ele reproduz fielmente os discursos que estas e outras pronunciaram? Como era de se esperar, o contexto revela que Lucas apresenta os discursos de forma condensada. Mas esses resumos são fiéis aos fatos ou foram colocados nos lábios dos oradores? Alguns estudiosos são da opinião de que os discursos são criações do escritor de Atos. Por meio de comparações, apontam para o historiador grego Tucídides e afirmam que Lucas adotou a metodologia daquele, que asseverava ter ele "se apegado o mais estreitamente possível ao sentido geral daquilo que havia sido realmente dito" ao compor os seus discursos.[18] A aparente intenção do antigo escritor é declarar que os discursos que escreveu eram historicamente exatos e não baseados em sua própria imaginação. Ape-

16. 13.16-41; 14.15-17; 17.22-31; 20.18-35; 22.1-21; 24.10-21; 26.2-23, 25-27; 27.21-26; 28.17-20.

17. H. J. Cadbury, "The Speeches in Acts" *Beginnings*, vol. 5, p. 403. Veja também John Navonne, "Speeches in Acts", *BibToday* 65 (1973): 1114-17.

18. Tucídides, *History of the Peloponnesian War* 1.22.1.

sar de as palavras de Tucídides terem constituído tópico de muito debate,[19] prevalece a inclinação de se tornar sua afirmação como a mais válida. A tarefa assumida pelo historiador antigo foi a de apresentar um relato dos eventos exatamente como aconteceram. Ele relatava fatos, não ficção.

Se atentarmos bem para as palavras do próprio Lucas no prefácio de seu evangelho, descobrimos que ele fornece um relato de coisas que aconteceram, as quais as pessoas aceitaram como verdadeiras (Lc 11). Logo no início de seus escritos, Lucas informa ao leitor que seu relato como historiador é fiel aos fatos acontecidos.

A questão que interessa ao estudante de Atos é se nesse relato histórico Lucas está fazendo uma apresentação verdadeira. Os discursos que ele próprio não ouviu são relatados com precisão? Essa pergunta pode ser respondida por meio da leitura e comparação dos discursos de Pedro com seus escritos e dos discursos de Paulo com as epístolas que compôs.

2. *Pedro*

Nos discursos de Pedro, Lucas consistentemente apresenta construções gramaticais gregas que parecem revelar a inabilidade do orador de falar corretamente e com fluência. Em traduções literais são óbvias as construções incoerentes. A seguir, encontram-se dois exemplos, o primeiro da pregação de Pedro aos judeus no templo, e o segundo do seu sermão na casa de Cornélio:

> É com base na fé em seu nome, seu nome que fortaleceu este homem a quem vedes e conheceis, e a fé que é por meio dele concedeu-lhe esta saúde perfeita que está diante de todos vós (3.16).[20]
>
> A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, pregando a paz por meio de Jesus Cristo, este é Senhor de todos, vós mesmos conheceis o que

19. Veja Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles*, p. 141, expressando dúvida; e W. Ward Gasque aceitando a declaração como verdadeira no "The Speeches of Acts: Dibelius Reconsidered", *New Dimensions in New Testament Study*, org. por Richard N. Longenecker e Merril C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974), pp. 243-44. Comparar T.F. Glasson, "Speeches in Acts and Thucydides", *ExptT*76 (1964-65): 165.

20. Para uma discussão sobre uma possível tradução do texto aramaico, consultar F. J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake, "The Internal Evidence of Acts", *Beginnings*, vol. 2, pp. 141-42.

> aconteceu por toda a Judéia, começando na Galiléia, após o batismo que João proclamou (10.36,37).[21]

Essas sentenças truncadas se assemelham a alguns dos versículos nos escritos de Pedro, onde temos de fornecer palavras para complementar as cláusulas para que tenhamos uma apresentação sem ambigüidades. No exemplo seguinte, as palavras em itálico foram acrescentadas para maior clareza:

> Se alguém falar, *que ele fale*, como se fossem as *próprias* palavras de Deus; se alguém servir, *que ele o faça*, como se fosse com a força que Deus dá (1Pe 4.11).

Um exemplo da segunda carta de Pedro demonstra a dificuldade que o escritor tinha para se expressar clara e corretamente:

> Pela palavra de Deus, a terra foi formada da água e pela água, por meio da qual o mundo naquele tempo foi destruído com água (2Pe 3.5b,6).

Outro aspecto que revela similaridade é a escolha de palavras que Pedro emprega em seus discursos e cartas. Ao examinarmos essas semelhanças, descobrimos que algumas vezes, não apenas no grego, mas até na tradução, elas são surpreendentes:

Atos	1 Pedro
pelo expresso propósito e presciência de Deus (2.23)	segundo a presciência de Deus (1.2)
como juiz dos vivos e dos mortos (10.42)	para julgar os vivos e os mortos (4.5)

Quando Pedro fala à casa de Cornélio, ele diz aos ouvintes gentios que "Deus não mostra nenhum favoritismo" (10.34). Em seguida, repete essa idéia numa fraseologia um pouco diferente quando fala no Concílio de Jerusalém em favor da admissão dos gentios à membresia da igreja. Ele diz que Deus "não fez nenhuma distinção entre nós e eles" (15.9, NIV). Por fim, em 1 Pedro ele escreve que Deus "imparcialmente julga a obra de cada homem" (1.17). E mais, quando proclama as boas-novas à multidão no Pórtico de Salomão, convoca o povo a se

21. Consultar Max Wilcox, *The Semitisms of Acts* (Oxford: Clarendon, 1965), pp. 151-53.

arrepender a fim de apressar a vinda de Cristo (3.19-21). Ele expressa o mesmo sentimento numa breve sentença em 1 Pedro: "Deveis viver vidas santas e piedosas enquanto suspirais pelo dia de Deus e apressais a sua vinda" (3.11b-12a, NIV).

Admitimos que os paralelos e semelhanças que anotamos dos discursos e cartas de Pedro são apenas indícios reveladores.[22] E reconhecemos que o vocabulário de Lucas é mais amplo e profundo em escopo do que as palavras por nós relacionadas nas comparações. Mesmo assim, nesses discursos parece representar Pedro do modo como o conhecemos por meio dos Evangelhos e de suas epístolas.

3. *Paulo*

Em suas epístolas, Paulo se refere a nomes e circunstâncias mencionados por Lucas em Atos. Lucas descreve o primeiro encontro de Paulo com o fazedor de tendas Áquila e sua esposa Priscila (18.2). E Paulo, em várias cartas, menciona os nomes desse fiel casal (Rm 16.3; 1Co 16.19; 2Tm 4.19). Lucas cita os nomes de Crispo, Sóstenes e Apolo com referência a Corinto (18.8, 17, 24). Esses nomes aparecem com freqüência nas epístolas de Paulo.[23]

Em Atos, Lucas relata como Paulo escolheu Silas e Timóteo para acompanhá-lo como colaboradores (15.40; 16.1-3). Em suas cartas às igrejas, Paulo os reconhece como pregadores da mensagem do Evangelho (2Co 1.19; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1). Alguns dos outros nomes que ocorrem em Atos e nas epístolas de Paulo são Barnabé, Tiago, Marcos, Tíquico, Aristarco e Trófimo.

E mais, Paulo lembra Timóteo das coisas que lhe aconteceram em Antioquia da Pisídia, Icônio e Listra (2Tm 3.11) – as perseguições e apedrejamento que teve de sofrer nesses lugares (At 13.14,50,51; 14.4-6,19; veja também 2Co 11.25). E na sua carta aos tessalonicenses, Paulo se refere acentuadamente à perseguição que os crentes deveriam sofrer da parte de seus próprios conterrâneos, os quais eram incitados pelos judeus locais. Esses judeus obtiveram sucesso em expulsar Paulo da cidade de Tessalônica e em frustrar seus esforços de levar a men-

22. Cadbury expressa ceticismo em relação a esses paralelos. "The Speeches in Acts", *Beginnings*, vol. 5, p.413.

23. 1 Coríntios 1.1,12,14; 3.4,5,6,22; 4.6; 16.12; Tito 3.13.

sagem de salvação aos gentios (1Ts 2.14-16; e veja At 17.1-9). A partir dessa breve pesquisa, concluímos que existem elos de ligação entre os relatos em Atos e as referências recíprocas às epístolas de Paulo. Assim Paulo corrobora a evidência histórica apresentada por Lucas em Atos.

Nos sermões e discursos de Paulo, são discerníveis certos aspectos de seu ensino epistolar. Quando ele pregou na sinagoga de Antioquia da Pisídia, finalizou seu sermão mencionando a doutrina da justificação: "Todo aquele que crê em (Jesus) é justificado de todas as coisas das quais não podíeis ser justificados por intermédio da lei de Moisés" (13.39). Paulo expressa a doutrina da justificação nas suas epístolas aos Romanos, aos Gálatas e aos Efésios.[24] Ele ensinou essa doutrina fundamental tanto em sermões como em cartas. Incidentalmente, o sermão que Paulo pregou na Antioquia da Pisídia serviu aparentemente como um padrão para outros lugares onde ele ensinou o evangelho, mas dos quais Lucas não registrou nenhum resumo de sermão.

O discurso de despedida de Paulo aos anciãos efésios na praia em Mileto contém várias frases que ocorrem também nas suas epístolas. Estes são alguns exemplos:

Servindo ao Senhor com toda humildade [20.19]	Servindo ao Senhor [Rm 12.11] com toda humildade [Ef 4.2]
para que eu possa terminar a corrida [20.24]	terminei a carreira [2 Tm 4.7]
completar a obra que recebi do Senhor (20.24)	completar a obra que recebestes do Senhor [Cl 4.17]

Lucas apresenta vários sermões e discursos de Paulo, mas não demonstra nenhum conhecimento das epístolas paulinas. Em nenhum lugar na sua pesquisa histórica ele relata que Paulo tivesse escrito cartas às igrejas. Mesmo assim, presumimos que Lucas tinha conhecimento da existência e da influência desses escritos sobre a igreja. Como explicamos esse fenômeno peculiar? A resposta deve ser buscada nos respec-

24. Romanos 3.20,21.28; Gálatas 3.16; Efésios 2.9. Rejeitando que Lucas tenha escrito Atos, Jurgen Roloff diz que em geral os discursos que o escritor coloca nos lábios de Paulo não tem nada em comum com a teologia paulina e as características conhecidas de suas epístolas. *Die Apostelgeschichte*, série Das Neue Testament Dutsch, vol. 5 (Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1981), p. 3. Mas veja Hemer, *Book of Acts*, p. 426.

tivos propósitos de Paulo e Lucas. Paulo escreveu epístolas teológicas e pastorais para corrigir, repreender, exortar e ensinar. Suas cartas se originaram geralmente por causa de controvérsias ou questões dentro das igrejas. Entretanto, o propósito de Lucas em Atos é diferente. Ele o escreve a fim de apresentar a história do nascimento, desenvolvimento e crescimento da igreja. Sem Atos, haveria uma lacuna no cânon do Novo Testamento; logo, Atos constitui a ponte entre os quatro Evangelhos e as epístolas de Paulo, Pedro, João, Tiago, Judas e a epístola aos Hebreus. (O Apocalipse representa o clímax das Escrituras). Devido ao seu propósito de apresentar a história da igreja primitiva, Lucas rodeia as epístolas teológicas de Paulo e fornece uma revisão cronológica do ministério do apóstolo.

4. *Estêvão*

O discurso principal de Atos é o que Estêvão apresentou perante os membros do Sinédrio (7.2-53). No seu discurso, Estêvão traça a história do povo de Israel desde o tempo de Abraão até ao templo de Salomão. Mas o discurso é muito mais do que uma crônica de acontecimentos históricos. Estêvão revela que ele, assim com o escritor da epístola aos Hebreus, é um perito teólogo, plenamente familiarizado com as Escrituras, e sábio para chegar a conclusões implícitas. Estêvão mostra que Deus não está limitado a um templo terreno construído por mãos humanas: Ele se revelou a Abraão na Mesopotâmia, a José no Egito e a Moisés nas chamas da sarça ardente. Estêvão prova que os judeus não podem confinar o lugar da habitação de Deus ao templo de Jerusalém.

Em seu discurso, Estêvão desenvolve os temas teológicos acerca de Deus, a adoração, a lei, o pacto e a pessoa e mensagem do Messias. Por intermédio da obra do Messias, a casa de Israel pode adorar a Deus em verdade e justiça. Estêvão evita mencionar o nome de Jesus, mas ensina que Deus levantou um Salvador para a casa de Israel.

Não temos condições de apurar de quem Lucas recebeu a essência do discurso de Estêvão. Supomos que ele tenha obtido acesso ao discurso que Estêvão pronunciou diante do Sinédrio, por meio de Paulo e dos membros do Sinédrio que haviam se tornado cristãos. O discurso chegou às mãos de Lucas por intermédio de uma tradição fixa em for-

ma oral ou escrita. Com referência a Atos 7, um estudo da escolha de palavras, referências ao templo e a Moisés, a ausência de construções gramaticais típicas de Lucas – todos esses fatos indicam que o discurso de Estêvão não teve origem na mente de Lucas.

Assim, as palavras *promessa* e *aflição* possuem seu próprio sentido no contexto de Atos 7 e não correspondem aos seus empregos no restante de Atos. E o modo de Estêvão falar a respeito de Moisés e o templo é confinado a esse discurso em particular. Finalmente, no discurso de Estêvão existem pelo menos 23 palavras que não aparecem outra vez em Atos ou nos outros livros do Novo Testamento; também numerosas formas literárias, peculiares ao Evangelho de Lucas e a Atos, estão ausentes do discurso de Estêvão.[25] Não podemos deduzir que Lucas tenha apresentado um relato *ipsis verbis* do discurso de Estêvão, mas podemos afirmar com segurança que ele permite ao orador original, Estêvão, ser ouvido em palavras e conceitos que pertencem a ele, o primeiro mártir cristão.

Inferimos que Lucas, como um historiador fiel, tenha incorporado o discurso de Estêvão nesse ponto de Atos a fim de preparar o leitor para a perseguição subseqüente à morte de Estêvão, e para a extensão da igreja além das fronteiras de Jerusalém. Foi Estêvão, e não Lucas, que providenciou o ímpeto para o maior desenvolvimento da igreja. Portanto, Lucas está relatando informação factual baseada em acontecimentos históricos.[26] Ele é um historiador que, à maneira de Tucídides, faz o relato mais aproximado possível do sentido daquilo que os oradores na realidade disseram.

D. Historicidade

Em seu evangelho, Lucas fornece algumas referências de tempo para demonstrar que a mensagem de seu evangelho é fundamentada em fatos históricos:

---

25. Martin H. Scharlemann, "Stephen's Speech: A Lucan Creation?" *ConcJourn* 4 (1978): 57. Veja também A. F. J. Klijn, "Stephen's Speech – Acts VII. 2-53" *NTS* 4 (1957, 58): 25-31; L. W. Barnard, "Saint Stephen and Early Alexandrian Christianity" *NTS* 7 (1960-61): 31.

26. Comparar com Martin Scharlemann, *Stephen: A Singular Saint*, Analecta Biblica 34 (Roma: Biblical Institute, 1968), pp. 52-56; John J. Kilgallen, *The Stephen Speech. A Literary and Redactional Study of Acts 7,2 – 53*, Analecta Biblica 67 (Roma: Biblical Institute, 1976), p. 113.

> Nos dias de Herodes, rei da Judéia (1.5)
>
> Naqueles dias, saiu um decreto da parte de César Augusto (2.1)
>
> E no décimo quinto ano do reinado de Tiberio César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judéia, Herodes, tetrarca da Galiléia, seu irmão, Filipe, tetrarca da Ituréia e Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene (3.1).

A história de Lucas é destituída de qualquer data exata. Ainda assim, a precisão histórica é mais implicitamente acentuada em Atos do que no Evangelho de Lucas. Temos condições de assegurar algumas referências de época em Atos. O livro em si parece estar escrito como cronologia de acontecimentos que, com poucas exceções, são relacionados em ordem seqüencial.

1. *Ascensão e Pentecoste*

A partir de fontes históricas e arqueológicas, recolhemos suficiente informação acerca da vida de Paulo a fim de nos capacitarmos a construir uma cronologia para Atos. Entretanto, os estudiosos diferem quanto à apreciação dessas datas, e muitas vezes demonstram pouca unanimidade. Iniciamos com os versículos de abertura de Atos, que relatam os aparecimentos de Jesus durante o período de quarenta dias antes de sua ascensão. A ressurreição, os aparecimentos e a ascensão de Jesus tiveram lugar, presumivelmente, na primavera de 30 d.C. Subseqüentemente, o derramamento do Espírito Santo no Pentecoste ocorreu dez dias depois da ascensão de Jesus.

2. *Paulo em Damasco*

Os primeiros capítulos de Atos não fornecem nenhuma referência a acontecimentos que apontem datas verificáveis. Até da fuga de Paulo por sobre os muros da cidade de Damasco não recolhemos evidência cronológica experimental (9.23-25; 2Co 11.32,33). Aretas IV, rei dos nabatanos, governou Damasco durante alguns anos de 37 a 40 d.C.; permanece a questão sobre "se ele a tomou por força ou se a obteve por meio de favor imperial".[27] Mesmo assim, não foi encontrada em Da-

27. Emil Schurer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B. C. - A.D. 135*), rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, pp. 129-30.

masco nenhuma moeda imperial romana da época de Calígula (37-41 d.C.) ou Cláudio (41-54 d.C.). Isso parece sugerir que Damasco era governada pelos nabatanos desde 37 d.C. Conseqüentemente, supomos que Paulo tenha escapado dali nesse ano.

3. *A Fome em Jerusalém*

Em Atos 11.27,28, Lucas registra uma profecia de Ágabo de que "haveria uma severa fome por todo o mundo romano". E ele assegura que "isto aconteceu durante o reinado de Cláudio (imperador)". A expressão *por todo o mundo romano* não deve ser tomada literalmente, senão Antioquia, que enviou ajuda a Jerusalém (11.29), também teria sido atingida por essa fome. No entanto, no Novo Testamento o termo grego *oikoumene* (o mundo habitado) é freqüentemente empregado como uma mera generalização (Por exemplo, Paulo e Silas são acusados de "causar problemas por todo o mundo" – 17.6, quando, na realidade, estavam pregando o evangelho na Macedônia). Logo, presumimos que Lucas sabia que os efeitos da fome eram mais severos num lugar do que noutro.[28]

A informação que recolhemos desses escritores dos primeiros séculos da era cristã parece sugerir que a fome teve lugar na segunda metade da quinta década, 46 d.C. Nesse ano, a rainha-mãe, Helena de Adiabene (um estado ao leste do Rio Tigre, na antiga Assíria), e seu filho, rei Izates, ambos convertidos ao judaísmo, foram a Jerusalém. Quando souberam da severa fome nessa cidade, compraram grãos do Egito e figos de Chipre para o povo flagelado pela fome em Jerusalém.[29] De igual modo, os cristãos de Antioquia estenderam seu amoroso cuidado aos irmãos da igreja-mãe em Jerusalém nomeando Barnabé e a Saulo (Paulo) para levar-lhes ajuda (11.29,30).

4. *A Libertação de Pedro*

Lucas relata esse incidente no contexto da fundação e desenvolvi-

28. Conzelmann é de opinião que "Lucas não notou a inconsistência de que Antioquia também estaria envolvida em tal fome". *Acts of the Apostles*, p. 90 n. 7. Para um comentário similar, veja Gerd Luedemann, *Paul, Apostle to the Gentiles: Studies in Chronology*, trad por. F. Stanley Jones (Filadélfia: Fortress, 1984), p. 11.

29. Veja especialmente *Antiquities*, de Josefo 3.15.3 [320]; 20.2.5 [51-52]; 20.5.2 [101]; e consultar *Claudius*, de Suetonio 18.2; *Annals*, de Tácito, 12.43; *Roman History*, de Dio Cassius, 60.11; *Ecclesiastical History*, de Eusébio, 2.8.

mento de Antioquia. A seguir continua sua seqüência cronológica registrando a morte do apóstolo Tiago (12.2), a prisão e libertação de Pedro (12.3-17) e a morte do rei Herodes Agripa I (12.21-23).

Herodes Agripa I passou algum tempo em Roma, onde eventualmente se tornou amigo de Gaio Calígula, que, por sua vez, depois da morte de Tibério em 37 d.C., se tornou imperador. Calígula concedeu-lhe as tetrarquias de Ituréia, Traconites e Abilene, uma área a oeste e norte da Galiléia.[30] Também concedeu a Agripa o direito de chamar-se de rei. Acusando falsamente a seu tio Antipas de conspiração perante o imperador, Agripa maquinou a queda de Antipas e obteve suas tetrarquias de Galiléia e Peréia em 39 d.C.[31] Quando o imperador Calígula foi assassinado, em 41 d.C., Agripa estava em Roma, fez amizade com Cláudio, o novo imperador, e recebeu deste o governo da Judéia e Samaria. O território de Agripa era tão extenso quanto tinha sido o de seu bisavô Herodes, o Grande.[32]

Em Jerusalém Agripa matou Tiago, e então prendeu a Pedro com a intenção de matá-lo depois da Páscoa (12.2-4). Depois da libertação de Pedro da prisão, Agripa partiu para Cesaréia e ali enfrentou uma delegação de Tiro e Sidom. Essa delegação foi a Cesaréia a fim de resolver um caso com Agripa; desejavam obter uma reconciliação, porque dependiam de Agripa para vender cereais (12.20). Lucas escreve que "no dia marcado, Herodes envergou sua vestimenta real e se assentou no trono" (12.21). E Josefo, cuja narrativa desse acontecimento corresponde estreitamente à de Atos, diz:

> Após completar o terceiro ano de seu reinado sobre toda a Judéia (44 A.D.), Agripa foi à cidade de Cesaréia, que antes se chamara Torre de Strato. Ali realizou espetáculos em honra a César, sabendo que estes haviam sido instituídos como um tipo de festival em favor do bem estar de César.[33]

Esses jogos aconteciam, ou no dia 5 de março (aniversário da cidade de Cesaréia), ou em primeiro de agosto (conhecido como o mês do

30. Josefo, *War* 2.9.6 [181]; *Antiquities* 18.6.10 [237]
31. Josefo, *War* 2.9.6 [181-83]; *Antiquities* 18.7.1-2 [240-56].
32. Josefo, *War* 2.11.5 [214-15]; *Antiquities* 19.5.1 [274-75] e 19.8.2 [351].
33. Josefo, *Antiquities* 19.8.2 [343] (LCL). Comparar com *War* 2.11.6 [219].

imperador).[34] Aí o rei era proclamado como um deus e não como um homem. Como conseqüência, a justiça divina provocou sua morte de forma repentina.

Destas duas datas (5 de março e primeiro de agosto), a segunda é a preferida por duas razões: primeira, Agripa atacou deliberadamente dois servos de Deus, matando Tiago e prendendo Pedro. Quando os guardas se mostraram incapazes de explicar como Pedro escapara da prisão, Agripa providenciou um apressado julgamento e mandou matá-los (12.19). Além disso, quando o rei chegou a Cesaréia, foi alvo da ira de Deus, foi julgado de forma imediata e teve uma morte dolorosa. Em segundo lugar, a delegação de Tiro e Sidom buscava um acordo de paz a fim de poder comprar grãos. Agosto era a época em que se efetuava a compra de cereais depois do término da colheita de trigo em junho e julho.

Concluímos que Pedro foi solto da prisão durante a festa da Páscoa (abril) de 44 d.C., e que Agripa morreu em agosto desse mesmo ano. Se determinarmos a data dos jogos de Cesaréia para cinco meses mais cedo, no dia 5 de março, teríamos de dizer que a prisão e soltura de Pedro ocorreram na primavera de 43 d.C.[35]

5. *Primeira Viagem Missionária*

Depois do interlúdio da fuga de Pedro da prisão e da morte de Agripa, Lucas menciona o retorno de Barnabé e Saulo (Paulo) a Antioquia (12.25). A igreja de Antioquia ordenou esses homens como missionários destinados aos gentios e os enviou a caminho de Chipre. Ali eles encontraram o procônsul Sérgio Paulo que se tornou cristão (13.7,12). Evidência arqueológica, descoberta em Quitraia, no norte de Chipre, aponta para Quinto Sérgio Paulo, que era procônsul durante o reinado de Cláudio (41-54 d.C.). Devido ao fato de que os procônsules serviam apenas um ano numa certa área, essa pessoa em particular poderia ter exercido seu cargo em 46 d.C., no início da primeira viagem missionária.

---

34. Consultar Lake, "The Chronology of Acts", *Beginnings*, vol. 5, p. 452.Veja também de Suetonio, *Claudius* 2.

35. Consultar F. F. Bruce, "Chronological Questions", *BJRUL* 68 (1985-86): 277. Comparar com F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, rev. e ed.., série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), pp. 241-42.

6. *Segunda Viagem Missionária*

A Segunda viagem missionária de Paulo deve ser considerada à luz de dois incidentes: a expulsão dos judeus de Roma por Cláudio (18.2) e o comparecimento de Paulo perante o tribunal de julgamento do procônsul Gálio (18.12).

A estimativa populacional dos judeus habitantes em Roma nos meados do século 1º é de pelo menos quarenta mil. Quando os cristãos começaram a familiarizar o povo judeu de Roma com a mensagem do evangelho, estabeleceu-se forte reação e surgiram tumultos nas ruas. Suetônio, um historiador romano, conta que Cláudio "expulsou os judeus porque eles estavam continuamente causando distúrbios, instigados por Cresto".[36] Desconhecendo o nome grego *Christos*, esse escritor o grafou de forma incorreta; e não tendo familiaridade com o Cristianismo, pensou que o próprio "Cresto" liderava os tumultos.

Suetônio não data esse incidente. Orósio, um escritor do século 5º, afirma que a expulsão ocorreu no nono ano do reinado de Cláudio.[37] Se Orósio estiver certo, o nono ano de Cláudio é 49 d.C. Essa data se encaixa à cronologia da segunda viagem missionária de Paulo. Orósio registra que recebeu sua informação de Josefo, mas nos escritos subsistentes de Josefo esse incidente não é relatado. Apesar de a informação de Orósio não poder ser testada, a data em si possui credibilidade em vista da chegada de Paulo a Corinto por volta de 50 d.C.[38]

Enquanto Paulo permanecia em Corinto, "os judeus se levantaram contra ele e o trouxeram diante da cadeira de juízo" de Gálio, o procônsul (18.12). Paulo encontrara ferrenha oposição dos judeus que recusavam-lhe entrada na sinagogoa local. Com um grupo de seguidores coríntios, Paulo fundou uma igreja e permaneceu na cidade por um ano e meio. Durante esse tempo, Gálio foi para a Acaia como procônsul. Inscrições revelam que ele serviu nesse cargo em 51,52 d.C., possivel-

36. *Judaeos umpulsore Chresto tumultuantes expulit*; Suetonio *Claudius* 25.4. Veja ainda Dio Cassius, *Roman History* 60.6.6.

37. Paulus Orosius, *The Seven Books of History Against the Pagans*, série Fathers of the Church, trad. por Roy J. Deferrari (Washington, D.C.; Catholic University Press, 1964), p. 297.

38. Luedemann afirma que o edito de Cláudio foi emitido em 41 d.C.; *Paul, Apostle to the Gentiles*, p. 170. Mas E.M. Smallwood, *The Jews under Roman Rule* (Leiden: Brill, 1976), pp. 210-16, sugere que Cláudio tratou do assunto duas vezes: em 41 e em 49.

mente de julho de 51 a junho de 52. "É quase certeza, pois, que os dezoito meses de Paulo em Corinto foram do outono de 50 d.C. até a primavera ou o início do verão de 52 (segundo o texto ocidental de Atos 18.2 ele esteve presente a um festival em Jerusalém logo depois de deixar Corinto).[39]

7. *A Prisão de Paulo*

Ao retornar a Jerusalém no término de sua terceira viagem missionária, Paulo ficou preso por dois anos em Cesaréia (24.27). O governador Félix, casado com a judia Drusila, conversava freqüentemente com Paulo, mas o manteve na prisão quando foi sucedido pelo governador Festo.

Josefo registra detalhes interessantes a respeito de Drusila. Ela nasceu em Roma em 38 d.C., terceira e a mais jovem filha de Herodes Agripa I. Quando este morreu em 44 d.C., a garota Drusila, de 6 anos de idade, já havia sido prometida em casamento a Epifânio, filho de Antíoco, rei de Comagena.[40] Tendo Epifânio recusado submeter-se à circuncisão, rejeitando assim o casamento, Drusila foi dada em matrimônio por seu irmão Agripa II a Azizo, rei de Emesa no norte da Síria.[41] Isso ocorreu quando ela tinha 14 anos de idade. No ano seguinte, o governador Félix persuadiu-a a deixar seu marido e se tornar sua mulher. Suetônio ressalta que Drusila veio a ser a terceira esposa de Félix.[42] Félix e Drusila tiveram um filho, Agripa, que morreu quando o Vesúvio entrou em erupção em 79 d.C. Deduzimos que Paulo falou ao governador e sua esposa sobre Jesus Cristo (presumivelmente na segunda metada de sexta década, certamente depois de 54 d.C.).

Félix se tornou procurador da Judéia em 52 d.C., depois de Cláudio haver deposto Ventidio Cumano. Josefo relata que isso aconteceu no décimo segundo ano do reinado de Cláudio.[43] Mas quanto tempo Félix permaneceu no cargo? Guiados por um comentário de Tácito (de

39. Bruce, "Chronological Questions", p. 283.Comparar com Colin J. Hemer, "Observations on Pauline Chronology", *in Pauline Studies*, org. por Donald A. Hagner e Murray J. Harris (Exeter: Pater noster; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), pp. 6-9.

40. Josefo, *Antiquities* 19.0.1 [354-55].

41. Josefo, *Antiquities* 20.7.1 [137-39].

42. Suetonio, *Claudius* 28.

43. Josefo, *Antiquities* 20.7.1 [137]; comparar com Tácito, *Annals* 12.54.7.

quem Palas, o influente irmão e protetor de Félix na corte de Nero, caiu das boas graças em 55 d.C.),[44] alguns estudiosos sustentam que o mandato de Félix durou de 52 a 55 e que a queda de Palas causou o regresso daquele a Roma (24.27).[45] Mas à luz de um grande número de fatores, somos a favor de um governo mais prolongado. Em primeiro lugar, em seu discurso perante Félix, o advogado Tértulo elogia o governador por proporcionar aos judeus "paz duradoura" (24.2). Paulo, por semelhante modo, declara ter sido Félix governador "por muitos anos" (24.10). A seguir, ele manteve Paulo por dois anos na prisão em Cesaréia. Dificilmente podemos nos referir a um mandato de três anos como um longo período que produziu paz duradoura, especialmente não quando o julgamento inicial de Paulo perante Félix foi deflagrado no início de sua prisão. Por fim, a remoção de Palas não deve ser entendida como o cessar de sua influência na corte de Nero. Palas exercia considerável influência devido à sua opulência, da qual Nero finalmente se apropriou em 62 d.C., quando matou Palas.[46]

Não conseguimos precisar a data do regresso de Félix a Roma e da chegada de Pórcio Festo em Cesaréia (25.1). Mas duas indicações sugerem a data de 59 ou 60 d.C. Em primeiro lugar, as moedas que marcavam o quinto aniversário do reinado de Nero (58/59 d.C.) começaram a circular na Judéia. Deduzimos que a introdução dessas moedas no mercado tenha sido resultado da chegada do recém-nomeado governador Festo.[47] Em segundo lugar, Félix assumiu o cargo em 52 d.C. e Albino, o sucessor de Festo, se tornou governador em 62 d.C. Portanto, o mandato de Félix e Festo preenche um período de dez anos. Josefo relata vários acontecimentos relacionados a Félix, mas raramente se refere a Festo. Ele deixa a indubitável impressão de que a gestão de Festo foi curta, talvez três anos, pois morreu enquanto ocupava o cargo.[48]

Considerando que Josefo não fornece nenhuma referência de tempo, somos inclinados a dizer que o mandato de Félix como governador

44. Tacito, *Annals* 13.14.1.

45. Haenchen ,*Acts*, p. 71 71; Conzelmann, *Acts of the Apostles*, pp. 194-95.

46. Tacito *Annals* 14.65.1

47. Consultar Smallwood, *The Jews under Roman Rule*, p. 269 n. 40.

48. Josefo, *war* 2.12.8-13.1 [247-71]; *Antiquities* 20.8.9-11 [182-96]. Consultar Robert Jewett, *A Chronology of Paul's Life* (Filadélfia Fortress, 1979), pp. 43-44.

durou sete anos e o de Festo três. Para ser exato, Festo se tornou procurador em 59 d.C.[49] Por outro lado, se Félix foi chamado a Roma por Nero no verão de 55 d.C., dentro de nove meses após haver se tornado imperador, os muitos incidentes que Josefo registra acerca da administração de Nero teriam de ser agrupados nesse período de nove meses.[50] E isso parece pouco provável. Logo, optamos pela duração de sete anos de governo de Félix.

Algumas semanas depois da chegada de Festo em Cesaréia, o novo governador buscou o conselho de Agripa II em relação a Paulo, o prisioneiro (25.1,6,13-22), arrumou para este passagem a bordo de um navio, e o enviou a Roma. Paulo naufragou na Ilha de Malta em outubro de 59, e em fevereiro de 60 continuou sua viagem para Roma. Ali, como prisioneiro, passou dois anos em sua própria casa alugada e foi solto em 62 d.C.

8. *Cronologia*

Com base em algumas datas fixas e várias hipóteses prováveis, aventuro-me traçar a seguinte lista cronológica:

Acontecimento	*Data*
Nascimento de Paulo	5 d.C.
Pentecoste	30
Conversão de Paulo	35
Fuga de Damasco	37
Morte de Agripa I	44
Ajuda para os famintos de Jerusalém	46
Primeira viagem missionária	46-48
Concílio de Jerusalém	49
Judeus expulsos de Roma	49
Segunda viagem missionária	50-52
Terceira viagem missionária	52-55
Paulo na Macedônia	56-57
Detenção e aprisionamento	57-59
Viagem e naufrágio	59
Prisão domiciliar em Roma	60-62

49. Hemer, *Book of Acts*, p. 171. Schurer opta por 60 d.C. *History of the Jewish People*, vol. 1, p. 465 n. 42.

50. Josefo, *War* 2.13.1-7 [250-70]; *Antiquities* 20.8.1-8 [148-81].

Para a Espanha, Creta e Macedônia	63-67
Detenção e aprisionamento	67
Morte de Paulo	67 ou 68

E. Autor, Data e Local

1. *Quem escreveu Atos?*

A igreja primitiva da primeira e maior parte do século 2º é silenciosa quanto à autoria de Atos. Em 175 d.C., o Cânon Muratoriano registrou estas palavras: "Entretanto, os Atos de todos os Apóstolos foram escritos em um volume. Lucas o destina ao "excelentíssimo Teófilo". Dessa época temos o prólogo antimarcionista a Lucas, o qual registra que o próprio Lucas escreveu os Atos dos Apóstolos. Por volta de 185 d.C., Irineu fala em termos semelhantes. No início do século 3º, Clemente de Alexandria, Orígenes e Tertuliano declaram que Lucas é autor tanto do Evangelho quanto de Atos. Conseqüentemente, a evidência externa é forte e unânime ao declarar Lucas como o autor de Atos.

A tradição revela certos aspectos da vida de Lucas, o que é evidenciado pelo prólogo antimarcionista escrito entre 160 e 180 d.C.:

> Lucas é sírio, natural de Antioquia, por profissão um médico. Foi discípulo dos apóstolos e mais tarde acompanhou Paulo até o seu martírio. Serviu ao Senhor sem distrações, sem esposa, sem filhos. À idade de 84 anos adormeceu na Beócia, cheio do Espírito Santo.

Paulo também registra que Lucas era médico por profissão (Cl 4.14). A partir de uma análise do vocabulário de Lucas no Evangelho e em Atos, ficamos cientes de que o escritor poderia ter sido um médico, refletindo sua profissão nos seus escritos.[51] Tanto Eusébio como Jerônimo testificam que Lucas procedia de Antioquia. Em Atos, o escritor parece ser inclinado a mencionar Antioquia. Das quinze vezes que Antioquia da Síria é citada no Novo Testamento, quatorze delas se encontram em Atos.[52] Para Lucas, Antioquia é importante, pois ali a igreja tinha a visão de enviar missionários ao mundo greco-romano. Se tivesse morado em Antioquia, Lucas teria encontrado com Barnabé

51. Veja H.J. Cadbury, *The Style and Literary Method of Luke*, 2 vols. (Cambridge: Harvard University Press, 1919-20).

52. 6.5; 11.19,20,22,26 [duas vezes], 27; 13.1; 14.26; 15.22,23,30,35; 18.22.

(11.22), Paulo (11.26) e Pedro (2.11). E seguramente foi nessa cidade que ele ouviu a mensagem do evangelho, converteu-se e se tornou discípulo dos apóstolos.

O Evangelho de Lucas e Atos estão estreitamente relacionados devido à dedicatória desses dois livros a Teófilo (Lc 1.3; At 1.1). Casualmente, o tratamento *excelentíssimo Teófilo* parece inferir que este pertencia a uma alta classe social (comparem-se 23.26; 24.3; 26.25). E ainda, o versículo introdutório de Atos (1.1) revela que esse é o segundo volume que Lucas escreveu e uma continuação do primeiro (o Evangelho).

No entanto, o nome *Lucas* se encontra ausente tanto do Evangelho como de Atos. O Evangelho se tornou conhecido como "o Evangelho segundo Lucas", mas ainda assim os principais manuscritos omitem o nome de Lucas no título de Atos. Isso não constitui obstáculo se considerarmos que nenhum dos evangelistas menciona seu próprio nome no relato do Evangelho que escreveu.

Lucas se tornou seguidor de Paulo, como podemos afirmar a partir das passagens em que aparece "nós", na segunda parte de Atos (16.10-17; 20.5–21.18; 27.1–28.16). Ele esteve com Paulo na segunda viagem missionária, acompanhou-o da Macedônia a Jerusalém no término da terceira viagem missionária, aparentemente ficou na Judéia e Cesaréia enquanto Paulo esteve na prisão, e finalmente viajou com ele até Roma. Em suas epístolas, o próprio Paulo testifica o fato de que Lucas era seu companheiro e colaborador (Cl 4.14; 2Tm 4.11; Fm 24).

Entre os ajudantes de Paulo encontravam-se Timóteo, Silas, Tito, Demas, Crescente e Lucas, mas como autor de Atos temos de eliminar a todos exceto Lucas. Crescente é relativamente desconhecido (2Tm 4.10); Demas era colaborador de Paulo (Cl 4.14; Fm 24), porém abandonou-o mais tarde (2Tm 4.10). Apesar de Tito ter acompanhado Paulo e Barnabé a Jerusalém e trabalhado nas igrejas de Corinto, Creta e Dalmácia, parece não ter sido um dos companheiros de Paulo a quem o apóstolo menciona nas saudações de suas epístolas. Os nomes de Silas e Timóteo são mencionados nas passagens em que aparece "nós", de Atos, porém ambos são mencionados na terceira pessoa. Pelo processo de eliminação, chegamos à conclusão de que Lucas é a pessoa mais provável a ter composto os livros a ele atribuídos.

2. Quando Atos foi escrito?

A data mais antiga possível para a composição de Atos é 62 d.C., que é o ano da libertação de Paulo da prisão romana e a última referência de tempo em Atos ("dois anos completos" [28.30]). A data final para a escrita desse livro é 96 d.C., pois Clemente de Roma tinha conhecimento de Atos. Portanto, a data da composição reside nesse período de 34 anos.[53]

Os estudiosos que têm adotado a teoria da data-tardia propõem três pontos. Primeiramente chamam a atenção para Lucas 19.43,44 e 21.20-24, onde o escritor descreve a queda e destruição de Jerusalém em 70 d.C. Isso significa que a composição da seqüência Lucas-Atos deve ser colocada depois da devastação de Jerusalém. Em seguida, o Evangelho de Marcos, escrito por volta de 65 d.C., é básico para o Evangelho de Lucas. Assim, pois, o Evangelho de Lucas e Atos devem ter sido compilados depois do aparecimento do Evangelho de Marcos, e surgido, desse modo, nos anos 70 ou 80 d.C. Finalmente, Lucas se apoiou nos escritos do historiador judeu Josefo, que terminou seu *Jewish War* [*Guerra dos Judeus*] no início dos anos 70 e o seu *Antiquities* [*Antiguidades*] em torno de 93 d.C.

São numerosas, e pesam muito, as objeções a uma data posterior a 70 d.C. e elas minam seriamente a teoria da data-tardia.Relacionaremos e discutiremos essas objeções ponto por ponto.

1. Proporcionalmente, em Atos, Lucas devota mais espaço a Paulo do que a qualquer outra pessoa. Isso é compreensível porque ele se tornou seu companheiro de viagem e cooperador. Mas Lucas intercala sua cronologia da vida de Paulo com a mensagem de que o apóstolo passou dois anos em prisão domiciliar em Roma (28.30). Não relata nada a respeito das contínuas viagens de Paulo, sua segunda detenção e prisão em Roma (onde Lucas estava presente [2 Tm 4.11]) e sobre a morte do apóstolo.

O argumento de que Lucas pretendia escrever um terceiro volume para completar a trilogia é especulação e não encontra nenhum apoio

53. J. C. O'Neill coloca a data da composição bem adiantada dentro do século 2º, mas seu ponto de vista não tem apoio. *The Theology of Acts in ts Historical Setting* (Londres: SPCK, 1970), pp. 21,26.

na antiguidade nem na História. Se, segundo as epístolas pastorais, Paulo visitou Éfeso depois de seu período de prisão em Roma (1Tm 3.14), Lucas não teria descrito a comovente separação de Paulo dos anciãos efésios (20.25, 38) sem algum esclarecimento adicional.[54] E se realmente Paulo visitou a Espanha (Rm 15.24,28), como Clemente de Roma parece assegurar quando escreve que Paulo "alcançou os limites do oeste",[55] sem dúvida Lucas teria anotado isso na conclusão de Atos a fim de mostrar que a ordem de Jesus (fazer discípulos até os confins da terra) havia sido cumprida. Se Lucas estava presente com Paulo na prisão, é de esperar que soubesse também a respeito de sua morte. Mas Lucas não relata nada acerca da detenção, da prisão e da execução do apóstolo.

2. As últimas palavras do livro de Atos (em grego) são "sem impedimento". Quer dizer, em Roma Paulo pregou o evangelho do reino de Deus e a mensagem de Jesus Cristo "com intrepidez e sem impedimento" (28.31). Por meio de implicação, Lucas diz ao leitor que o governo romano não proibia a proclamação do evangelho e a fundação da igreja. Lucas conclui seu segundo volume com uma nota alegre: o Estado não coloca objeções à obra da igreja. Ele reflete as condições sociopolíticas de Roma na época da libertação de Paulo. Enquanto sob custódia romana, os oficiais romanos o protegiam de danos físicos (21.30-36). Deram-lhe oportunidade de se defender e lhe permitiram explicar a mensagem do Evangelho (22.1-21). Colocaram-se bondosamente à disposição do apóstolo durante a viagem a Roma (27.43) e sua prisão domiciliar na cidade imperial (28.30-31). Isso mudou quando Nero começou a perseguir os cristãos depois de Roma ter sido incendiada em 64 d.C.

Se Lucas tivesse escrito Atos nos anos 70 da era cristã, ele teria violado seu senso de integridade histórica por não refletir essas cruéis perseguições instigadas por Nero. "Depois de tais acontecimentos,

54. Conzelmann tenta resolver este problema afirmando que "a fraseologia de Atos 20.25 exclui a possibilidade de que Paulo tenha sido solto do aprisionamento romano (e tenha conseguido fazer outra visita ao Oriente). Isso está também de acordo com as Pastorais, que têm conhecimento de apenas um aprisionamento de Paulo"; *Acts of the Apostles*, p. 174. Mas Eusébio escreve que Paulo foi solto depois de sua primeira prisão romana. Veja *Ecclesiastical History* 2.22.2,3.

55. I Clem. 5.7 (LCL). Veja ainda o Cânon Muratório, linhas 34-39.

qualquer cristão que escrevesse com o espontâneo otimismo de Atos 28, teria sido por causa de uma obtusidade quase subumana.[56]

3. O Livro de Atos reflete a teologia que rememora as três primeiras décadas depois do Pentecoste. Considerem-se os seguintes pontos: Primeiro, Lucas identifica Jesus como o Jesus de Nazaré (3.6;4.10; 6.14; 10.38-40; 22.8; 26.9) e denomina os convertidos de "discípulos" em Jerusalém, Damasco, Jope, Antioquia, Listra e Éfeso. Em segundo lugar, a igreja em si consistia de numerosas congregações que se reuniam em casas particulares. "Cada grupo veio a ser conhecido numa área local como *ekklesia*."[57] Finalmente, o conteúdo de Atos não exibe nenhuma preocupação teológica e eclesiástica pertinente à igreja das últimas décadas do século 1º.

4. Por vezes, os relatos históricos de Atos trazem um paralelo com os trabalhos de Josefo. Mas isso não significa que Lucas dependia de Josefo para fornecer-lhe detalhes históricos. Pelo contrário, uma comparação dos paralelos de Lucas e Josefo indicará claramente que os dois escritores se apoiavam em tradições independentes. Por exemplo, ambos fazem referência ao revolucionário egípcio que guiava seus seguidores pelo deserto. Lucas escreve que eram quatro mil terroristas (21.38), mas Josefo declara que o egípcio possuía um exército de trinta mil homens, quatrocentos dos quais foram mortos e duzentos levados como prisioneiros. Em outro relato, ele escreve que a maior parte da força egípcia foi morta ou aprisionada.[58] No que se refere a esses números, a precisão histórica de Josefo é definitivamente suspeita. Daí se conclui que uma análise cuidadosa dos escritos de Josefo mostra que Lucas não dependeu daquele para suas narrativas históricas.

5. Se Lucas escreveu seu Evangelho depois de 70 d.C., então suas palavras a respeito da destruição de Jerusalém (Lc 19.43,44; 21.20-24) se constituem em história descritiva. Se reconhecermos que Lucas recebeu por meio da tradição (Lc 1.2) as palavras da profecia de Jesus acerca de Jerusalém, e se presumirmos que ele sabia do seu cumprimento, Lucas poderia ter compilado seus livros depois da ruína de Jerusalém. Mas

56. Pierson Parker, "The 'Former Treatise' and the Date of Acts" *JBL* 84 (1965): 53.

57. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 741.

58. Josefo, *War* 2.13.5 [261-63]; *Antiquities* 20.8.6 [169-71].

se esta suposição for verdadeira,esperaríamos que contivesse detalhes notáveis a respeito do acontecimento histórico de Jerusalém.

Nesse ponto, os escritos de Lucas são desprovidos de qualquer indicação de que o autor esteja apresentando História em vez de profecia. Se crermos que Jesus disse palavras de genuína profecia acerca de Jerusalém uns quarenta anos antes de sua destruição, podemos datar a composição tanto do Evangelho como de Atos para antes de 70 d.C.

Se os estudiosos fossem capazes de expressar genuína unanimidade ao designar datas exatas para a composição dos outros Evangelhos sinóticos, não teriam nenhuma dificuldade em fazer o mesmo com o Evangelho de Lucas e Atos. Devido a essa falta de consenso, cremos ser plausível uma data mais remota para os escritos de Lucas. Aceitamos como genuína profecia as palavras registradas no discurso acerca da destruição de Jerusalém pronunciadas pelo próprio Jesus (Mt 24; Mc 13; Lc 19.41-44; 21. 5-36). E para a compilação de Atos sugerimos uma data anterior a 19 de julho de 64 d.C., quando Roma foi queimada e as perseguições de Nero contra os cristãos foi iniciada. Uma data posterior ao verão de 64 teria feito Lucas alterar o final de Atos.

3. *Onde Atos foi escrito?*

Não temos nenhuma indicação de onde Lucas escreveu Atos. Haveria ele já escrito partes antes de acompanhar Paulo em sua viagem a Roma? Pôde manter seus documentos a salvo durante o naufrágio em Malta? Terminou o livro em Roma durante os dois anos da prisão domiciliar de Paulo? Podemos multiplicar as perguntas, porém não podemos dar respostas definidas. Alguns estudiosos apontam Acaia como o possível local da composição de Atos. Outros apontam Roma.

F. Teologia

Apesar de Lucas ter servido a Paulo como seu fiel companheiro, em seus escritos não demonstra nenhum conhecimento das epístolas que Paulo enviou às várias igrejas e pessoas. Quando Lucas escreveu o Livro de Atos, muitas das cartas de Paulo haviam sido escritas e começado a circular na igreja primitiva. Ele escreveu suas epístolas aos gálatas e aos tessalonicenses durante sua segunda viagem missionária, e compôs suas principais epístolas (1 e 2 Coríntios e Romanos) próximo ao final de sua terceira viagem missionária. Delineou as chamadas epís-

tolas da prisão (Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses) enquanto sob prisão domiciliar em Roma. Paulo exortava os destinatários dessas epístolas a lerem-nas em outras igrejas (veja Cl 4.16; 1Ts 5.27). Logo, Lucas deve ter conhecido as epístolas de Paulo. Mas em Atos, o propósito de Lucas é escrever como historiador e não como teólogo. Entretanto, isso não quer dizer que não exista nenhuma teologia nesse livro de História. Aliás, encontramos um grande número de assuntos teológicos tratados nos vários discursos registrados por Lucas.

1. Deus em Palavra e Ação

No Pentecoste, Pedro enfatiza a obra de Deus em Jesus Cristo. Deus credenciou Jesus de Nazaré, que foi morto segundo o desígnio e presciência de Deus, mas o levantou dentre os mortos, exaltou-o a um lugar de honra no céu, e fez de Jesus Senhor e Cristo (2.22-24, 32-36). No Pórtico de Salomão, Pedro afirma que o Deus dos patriarcas havia glorificado a Cristo e o ressuscitara (3.13-15). Jesus veio, diz Pedro, como cumprimento da promessa de que Deus levantaria um profeta semelhante a Moisés (3.22). Pedro e os outros apóstolos repetem esses temas teológicos diante dos membros do Sinédrio (4.10; 5.30-32).

Na casa de Cornélio, Pedro testificou que Deus o comissionara a ir a um gentio (10.28). Assegurou à sua platéia que Deus não demonstra favoritismo, pois ungiu a Jesus com o Espírito Santo, ressuscitou-o dentre os mortos, fez com que fosse visto por testemunhas escolhidas por Deus e o nomeou para julgar os vivos e os mortos (10.34-42; veja 15.7-10).

No seu sermão na sinagoga judaica em Antioquia da Pisídia, Paulo evocou os temas da graça eletiva, promessa e propósitos de Deus (13.17-37). No discurso pronunciado no areópago ele trata de Deus o Criador, o Autor e o Juiz em Cristo (17.24-31). E em seu discurso de despedida pronunciado aos anciãos efésios ele faz referência ao propósito e à igreja de Deus (20.27,28).

No que concerne à obra de Deus para salvar o homem pecador, Leon Morris observa: “Uma das coisas que Lucas torna extremamente clara é que isso não deve ser considerado somente como um outro movimento humano. Não devemos pensar que alguns galileus palradores conseguiram persuadir o povo a compartilhar de sua sorte. Pelo

contrário, houve um grande ato divino: *Deus* enviou Jesus para ser Salvador. Não compreenderemos esse movimento a não ser que enxerguemos Deus nele".[59] Deus salva uma pessoa segundo o seu plano predestinado. Logo, os gentios, a quem Deus desde a eternidade decretou para a vida eterna, receberam alegremente o evangelho da parte de Paulo e Barnabé e creram (13.48). Quando Paulo sacudiu o pó de suas roupas em protesto aos judeus e estava pronto a deixar Corinto, o Senhor lhe falou para permanecer ali porque ele tinha muita gente naquela cidade (18.6-10). Nessa época, essas pessoas não haviam ainda recebido a dádiva da salvação apesar de já pertencerem a Deus.

Por todo o livro de Atos, Lucas emprega repetidamente as expressões a *palavra de Deus* (treze vezes), *a palavra do Senhor* (dez vezes), ou simplesmente *a palavra* (treze vezes). Duas vezes usa a frase *a palavra da sua graça*, uma vez o termo descritivo ***a** palavra desta salvação*, e uma vez *a palavra do evangelho***.** Num total de quarenta referências à palavra de Deus.[60] Esses termos denotam a revelação de Deus plenamente reconhecida em seu Filho Jesus Cristo. Logo, os termos se referem ao evangelho de Cristo.

Jesus envia seus apóstolos com a mesma mensagem que ele próprio proclamou durante o seu ministério terreno. Para ilustrar, no seu Evangelho, Lucas relata que nas horas vespertinas do dia da ressurreição, Jesus abriu as Escrituras aos discípulos. Ele lhes ensinou que tudo tinha de ser cumprido de acordo com o que estava escrito a seu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos (Lc 24.44). Jesus se referiu às três partes das Escrituras Hebraicas e assim, por implicação, a todo o Antigo Testamento. Quando Pedro pronunciou seus sermões no Pentecoste e no Pórtico de Salomão, de igual modo citou essas três partes da palavra de Deus para provar que Jesus havia certamente cumprido as Escrituras.

2. Jesus Cristo

Em seus discursos, Pedro faz alusão à humanidade de Jesus. Ele o retrata como um homem que realizou sinais e milagres (2.22) e que era

59. Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 150.
60. *Ibid*., p. 219.

conhecido como Jesus de Nazaré (4.10). Jesus demonstra a realidade de seu corpo humano depois da ressurreição comendo e bebendo com os apóstolos (10.41). E, ainda, Pedro expressa a divindade de Jesus chamando-o de Santo e Justo (3.14). Este tema está presente também nos discursos de Estêvão e Paulo respectivamente (7.52; 17.31; 22.14).[61]

Dentre os vários nomes de Jesus em Atos, encontram-se as seguintes designações: "Senhor" (1.24; 2.36; 10.36), "Cristo" (2.36; 3.20; 5.42; 8.5; 17.3; 18.5), "servo" (3.13,26; 4.27,30), "Profeta" (3.22), "Príncipe e Salvador" (5.31), "Filho do homem" (7.56), "Filho de Deus" (9.20) e muitos outros. Em geral Lucas designa nomes a Jesus na primeira metade de seu livro, porém não na segunda. Sugerimos que, primeiro, esses nomes refletem o ambiente aramaico no qual tiveram origem; e segundo, eram novos ao público gentílico que Paulo encontrava em suas viagens missionárias.

Segundo Lucas, o ponto principal do ministério de Jesus é trazer salvação ao seu povo. No Evangelho ele descreve o que Jesus começou a fazer e a ensinar, e em Atos ele continua a relatar a obra da salvação que Jesus realizou. Ao enfatizar o conceito de *salvação*, Lucas retrata Jesus, o doador da salvação, como figura central em sua teologia.[62]

3. *O Espírito Santo*

Um tema predominante em Atos é do Espírito Santo. Prometido por Jesus antes de sua ascensão, derramado no dia de Pentecoste, prometido a todo o povo e concedido como dádiva a todo aquele que fosse batizado, a pessoa e obra do Espírito Santo são evidentes por toda parte em Atos. O Espírito concedeu aos crentes a capacidade de falar em outras línguas (2.4,11; 10.46; 19.6). Mais tarde encheu os crentes quando oravam juntos depois da libertação de Pedro e João (4.31). Estêvão ficou cheio de fé e do Espírito Santo e assim proclamava o evangelho com intrepidez aos judeus helenistas nas sinagogas de Jerusalém (6.5, 8-10). O Espírito Santo foi derramado sobre os samaritanos para indi-

61. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 231. Veja também F.F. Bruce, "The Theology of Acts" *TSF Bulletin* 10 (1987): 15.

62. I. Howard Marshall, Luke: *Historian and Theologian* (Grand Rapids: Zondervan, 1071), p. 94. Consultar Robert H. Smith, "The Theology of Acts" *ConcThMonth* 42 (1971): 531.

car que o muro de separação entre os cristãos judeus e os cristãos samaritanos havia sido efetivamente removido (8.14-17). A mesma coisa aconteceu ao público gentílico na casa de Cornélio (10.44). Como conseqüência, os cristãos judeus em Jerusalém tiveram de aceitar a palavra de Pedro de que Deus havia dado aos gentios o mesmo dom concedido aos de Jerusalém que haviam crido no Senhor Jesus Cristo (11.17). E, por fim, o Espírito desceu sobre os discípulos de João Batista em Éfeso e assim eles também se tornaram parte da comunhão cristã (19.1-7).

O Espírito Santo falou por intermédio do profeta Ágabo predizendo uma severa fome (11.28) e a prisão de Paulo (21.10,11). O Espírito nomeou Barnabé e Paulo para se tornarem missionários no mundo greco-romano (13.1,2) e ordenou a Paulo e a seus companheiros que fossem à Macedônia em vez de seguirem para a província da Ásia e Bitínia (16.6,7). O Espírito é identificado com o Pai (1.4,5) e com Jesus (16.7). De modo implícito, Lucas ensina a doutrina da Trindade.

O Espírito também falou por meio da Escritura do Antigo Testamento. Pedro disse que a Escritura tinha de ser cumprida, pois "por meio da boca de Davi" o Espírito Santo verbalizou uma profecia que na realidade tratava de Judas (1.16). Em seguida, note-se que a oração da igreja de Jerusalém revela a mesma fraseologia: "Falastes pelo Espírito Santo por meio da boca de nosso pai e teu servo Davi" (4.25). Finalmente, dirigindo-se aos judeus em Roma, Paulo disse que o Espírito falou aos antepassados por meio do profeta Isaías (28.25). A presença do Espírito Santo era evidente na época dos santos do Antigo Testamento, mas também o era no tempo do Concílio de Jerusalém. Na carta às igrejas gentílicas, os membros do Concílio testificaram que sua decisão parecia bem ao Espírito Santo (15.28). Em suma, o Espírito guia e dirige a igreja.

4. *A Igreja*

Apesar de a palavra *ekklesia* (igreja) ocorrer apenas três vezes nos quatro Evangelhos (Mt 16.18; 18.17 [duas vezes]), ela aparece 23 vezes em Atos. Lucas a emprega no singular para expressar a união do corpo. O plural aparece com referência às igrejas da Síria e Cilícia (15.41) e à visita de Paulo às igrejas gentílicas quando entrega a carta do Concílio de Jerusalém (16.5). Para Lucas, a igreja de Jerusalém é e

continua sendo a igreja-mãe que proporciona liderança e orientação às igrejas-filhas em desenvolvimento em Samaria, Cesaréia, Antioquia e outros lugares. A igreja de Jerusalém possui um grandioso contingente de liderança quando o Concílio se reúne (15.4, 12,22). Na conclusão de sua terceira viagem missionária, Paulo faz um relatório a Tiago e aos anciãos da igreja em Jerusalém (21.17-19). Lucas mostra, assim, um aspecto da centralidade dessa igreja.

O fundamento da igreja é o ensino acerca da ressurreição de Jesus; os apóstolos proclamavam esse ensinamento por todos os lugares, tanto a judeus quanto a gentios. A doutrina da ressurreição de Cristo se tornou o princípio fundamental da igreja. Pedro a proclamou ante as multidões nas cortes do templo, perante os membros do Sinédrio e na casa de Cornélio. Nenhum outro ensinamento dividiu tanto os que criam dos que não criam como o da doutrina da ressurreição. Tanto os cristãos judeus como os cristãos gentios confessavam alegremente que Jesus morreu e ressuscitou dos mortos, ao passo que os oponentes do evangelho rejeitavam veementemente esse ensino. O ponto crucial do discurso de Paulo no areópago apareceu quando ele introduziu a doutrina da ressurreição dos mortos (17.32). Alguns zombavam do ensino de Paulo, enquanto uns poucos o aceitavam. Mais tarde, quando Paulo se dirigiu ao governador Festo e ao rei Agripa e mencionou a ressurreição de Cristo, Festo bradou: "Paulo, estás louco? As muitas letras te fazem demente" (26.24).

Em Atos, a comunhão na igreja depende da fé pessoal em Jesus Cristo, arrependimento, remissão de pecados, batismo e a habitação do Espírito Santo (2.38,39). A participação como membro acontece por meio do treinamento no ensino apostólico, freqüência aos cultos de adoração, participação na ceia do Senhor e dedicação à oração (2.42). O amor ao próximo atinge o seu auge quando os membros eliminam a pobreza do seio da igreja (4.34). Os diáconos ajudam na distribuição de alimentos aos necessitados (6.1-6) e os presbíteros cuidam das necessidades espirituais da igreja (14.23; 20.28). Os apóstolos passam o seu tempo em oração e no ensino da Palavra de Deus.

5. *Escatologia*

O Evangelho de Lucas contém o discurso de Jesus a respeito da

destruição de Jerusalém e a consumação no final da era cósmica (Lc 19.42-44; 21.5-36). Mas em Atos, Lucas não se refere ao final dos tempos. Para ele o progresso do evangelho é de suprema importância. É bem verdade que a descrição de Lucas da ascensão de Jesus revela que ele voltará do mesmo modo como subiu (1.11; compare-se 3.19,20); e tanto Pedro como Paulo chamam a atenção para o dia do julgamento (10.42; 17.31). Mas a natureza histórica de Atos não se presta ao tema doutrinário da volta de Jesus, a ressurreição total dos crentes, o dia do juízo, a vida porvir, o céu e inferno. Lucas escreve uma história de nascimento, desenvolvimento e progresso da igreja do Novo Testamento. Em suma, ele compõe Atos não como um simples livro de História, mas como um livro que abre janelas teológicas para o futuro. Lucas afirma que o evangelho de Cristo avançou de Jerusalém até Roma via Antioquia. E ele certifica-se de que a partir dessa cidade imperial, as boas-novas se espalhem até aos confins da terra (1.8). A conclusão de Atos é dirigida para o futuro, pois "o evangelho não pode ser detido".[63]

G. Características

Uma das características do estilo de Lucas é a sua abordagem ao escrever a história da igreja. É como se ele tivesse formado um álbum repleto de fotos e agora fornecesse um comentário descritivo para explicar cada fotografia individualmente. Ao passar de um retrato para o outro, omite detalhes que levantam muitas questões. Aqui estão alguns. Onde o restante dos apóstolos realizou trabalho missionário? Quando é que o evangelho foi proclamado em Alexandria, Egito, à comunidade judaica de cerca de um milhão de pessoas? O que o eunuco etíope realizou em sua terra natal? O que aconteceu com Cornélio de Cesaréia? Se Paulo passou três anos de sua vida pastoreando a igreja em Éfeso (20.31), por que Lucas não relatou o crescimento e desenvolvimento dessa igreja?

A passos céleres Lucas conduz o leitor pela galeria histórica da igreja primitiva. Ele menospreza detalhes, e com freqüência resume rapidamente os acontecimentos. No entanto, esses sumários são de grande importância porque em sua síntese comunicam o propósito da obra

63. F.F. Bruce, "The Holy Spirit in the Acts of the Apostles", *Interp* 27 (1973): 183.

de Lucas, a saber, apresentar um relato da mensagem da salvação.[64] Ele capta este pensamento no último versículo de Atos: é a obra da pregação do reino de Deus e o ensino das coisas concernentes ao Senhor Jesus Cristo (28.31). Assim, Atos é a continuação da obra que Jesus começou a fazer e a ensinar enquanto estava na terra (1.1).

1. *Continuação do Evangelho*

A estreita ligação entre o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos não é apenas óbvia por sua dedicatória a Teófilo, o relato do aparecimento de Jesus e a repetição da narrativa da ascensão. Ela se torna aparente também quando examinamos de perto o paralelo do último segmento de Lucas 24 e a primeira metade de Atos 1, que descrevem a ascensão de Jesus. Essas duas passagens revelam uma inter-relação inerente.[65]

São proeminentes os seguintes pontos:

Lucas 24.42-53	*Atos 1.4-14*
Jesus comeu peixe, 42,43	comendo com os apóstolos, 4
Promessa do Pai, 49	promessa do Pai, 4
Revestido de poder, 49	recebereis poder, 8
Testemunhas destas coisas, 48	minhas testemunhas, 8
Perto de Betânia, 50	o Monte das Oliveiras, 12
Ele foi levado para os céus, 51	ele foi elevado às alturas, 9
Discípulos retornaram a Jerusalém, 52	discípulos retornaram a Jerusalém, 12
Louvando a Deus, 53	em constante oração, 14

Algumas características do Evangelho de Lucas aparecem também em Atos. Por exemplo, o interesse de Lucas pelas pessoas é evidente no seu Evangelho. Ele menciona mais nomes próprios em seu Evangelho do que qualquer um dos outros evangelistas o faz em seus relatos. Cita os nomes dos maridos e esposas (Zacarias e Isabel, José e Maria), freqüentemente se refere a outras pessoas não judias (a viúva de Sarepta, o siro Naamã, os samaritanos) e descreve relações sociais (como, por exemplo, refeições em casa de Maria e Marta, de Zaqueu, dos fari-

64. W. C. van Unnik, "The 'Book of Acts' the Confirmation of the Gospel", *NovT* 4 (1960): 58.

65. Consultar M. D. Goulder, *Type and History in Acts* (Londres: SPCK, 1964), pp. 16-17.

seus). O mesmo é verdade em Atos, que inclui mais de cem nomes de pessoas. Ele apresenta maridos e mulheres (Ananias e Safira, Áquila e Priscila), ressalta a inclusão dos samaritanos e gentios, e delineia incontáveis relacionamentos sociais.

2. Repetição

Atos é notável pelo seu paralelismo e repetição. Incidentes admiráveis na vida de Pedro são repetidos na narrativa da vida de Paulo. Pedro curou o aleijado na porta do templo de Jerusalém (3.1-10); Paulo curou o aleijado de Listra (14.8-10). Pedro levantou Dorcas dentre os mortos em Jope (9.36-42) e Paulo restaurou a vida de Êutico em Trôade (20.9-12). Preso em Jerusalém, Pedro foi solto por um anjo (12.3-11); e Paulo, encarcerado em Filipos, foi libertado quando um terremoto sacudiu a prisão (16.26-30).

O sermão que Paulo pregou em Antioquia da Pisídia (13.16-41) possui muitos paralelos no sermão de Pedro pronunciado no Pentecoste (2.14-36). Aliás, tanto Pedro como Paulo citam a mesma passagem do Antigo Testamento para provar a ressurreição de Jesus (Sl 16.10). E ambos os sermões concluem com uma ênfase sobre o perdão de pecados por meio de Jesus Cristo (2.38; 13.38).

Lucas relata três vezes a experiência da conversão de Paulo: o acontecimento em si (9.1-19), o discurso de Paulo em Jerusalém (22.3-16) e a audiência deste com o rei Agripa (26.12-18). Três vezes Lucas alude à visão de Pedro no telhado em Jope (10.9-16; 10.28; 11.5-10). Duas vezes Pedro se dirigiu ao Sinédrio e disse que lhe importava obedecer a Deus e não aos homens (4.19; 5.29). E duas vezes Paulo apelou para a sua posição de cidadão romano (16.37,38; 22.25-28). Esses são alguns poucos exemplos das características peculiares de Lucas em Atos. Pela repetição dos mesmos aspectos de um incidente ou dizeres, Lucas procura enfatizar e promover a causa do evangelho.

3. Estilo e Linguagem

Lucas é um escritor capaz que, comparado a outros autores gregos merece respeito e admiração por compor um livro que em estilo, escolha de palavras, gramática e vocabulário, toma assento entre os escritores do koinê e entre os do período clássico. Além do excelente grego (incluindo o uso do optativo e em várias ocasiões da construção gra-

matical com o genitivo absoluto),[66] Lucas registra muitos termos aramaicos em seu relato. Alguns desses são nomes de lugares e de pessoas: Aceldama (1.19), Barsabás (1.23), Tabita (9.36, 40) e Barjesus (13.6).

Talvez devido ao fato de que Lucas estava registrando o que lhe era relatado oralmente, com freqüência ele adaptava seu estilo para escrever de forma popular em vez de empregar o grego literário. Como resultado, em muitos lugares falta clareza e precisão à sintaxe de uma certa sentença ou cláusula.[67] Estes são alguns exemplos de tradução literal do grego:

> "Então o capitão com seus oficiais os trouxeram não com força, pois temiam o povo que eles não fossem apedrejados" (5.26). O significado da última cláusula é: "pois temiam que o povo os apedrejasse".
>
> "Para muitos daqueles que tinham espíritos imundos clamando em alta voz saíram, e muitos que tinham sido paralíticos e [muitos que] que eram coxos foram curados" (8.7). O significado da primeira parte da sentença é: "espíritos maus bradando em alta voz estavam saindo de muitas pessoas".
>
> "Sabeis que desde tempos remotos dentre vós Deus escolheu por meio de minha boca os gentios para ouvirem a mensagem do evangelho e crer" (15.7). Pedro é o orador e ele quer dizer: "Vós sabeis que há muito tempo Deus me escolheu dentre vós para que dos meus lábios os gentios pudessem ouvir a mensagem do evangelho e nela crer".

Esses exemplos são alguns poucos dentre os incontáveis outros espalhados por todo o livro. Em algumas sentenças Lucas deixa de dar o sujeito da frase, de modo que o significado fica obscuro. Por exemplo: "E ali após ter morrido seu pai, ele o fez mudar-se para esta terra na qual agora habitam. E não lhe deu herança" (7.4,5). O sujeito dessas duas sentenças é Deus, que o tradutor deve providenciar a fim de esclarecer o sentido.

---

66. J. de Zwaan classifica 63 empregos apropriados do genitivo absoluto em Atos, doze que são duvidosos e vinte que avalia como defeituosos. "The Use of the Greek Language in Acts", *Beginnings*, vol. 2, p. 42.

67. Para uma extensa lista de irregularidades na sintaxe grega, veja F.W. Grosheide, *De Handelingen der Apostolen*, série do Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1948), vol. 2. P. xxv.

Não podemos explicar por que Lucas, que prova ser capaz de escrever em excelente grego, apresenta gramática incompleta e defeituosa. As irregularidades gramaticais parecem refletir as fontes que Lucas consultou para a composição de seu livro. Mesmo assim, essas peculiaridades elevam, e não diminuem, a estatura de Atos. O livro em si é uma obra de arte literária que ocupa lugar entre os clássicos.

H. Texto

O leitor que comparar a versão da Bíblia King James (1611) e a nova versão da mesma Bíblia (1979) com qualquer outra versão, imediatamente observará diferenças na linguagem. Tanto a antiga quanto a nova versão King James apresentam um texto que é mais extenso e diverso. Transmitem, desse modo, o texto completo de versículos que foram eliminados ou encurtados em todas as outras traduções.[68] Os tradutores omitiram esses versículos completamente ou em parte porque os melhores manuscritos gregos, conhecidos como texto alexandrino, não os trazem. Eles seguem esse texto e consideram-no autêntico e verdadeiro. As diferenças de tradução dependem, em grande parte, do texto ocidental, do qual o Codex Bezae constitui o melhor representante. Esse texto varia em numerosos aspectos, dos quais a extensão é a característica mais proeminente. Bruce M. Metzger, seguindo a narrativa de Albert C. Clark, escreve: "O texto ocidental é quase um décimo mais extenso do que o texto alexandrino, e é geralmente mais pitoresco e circunstancial, ao passo que o texto mais curto é geralmente menos colorido e em alguns lugares mais obscuros".[69] Por exemplo, Lucas relata que em Éfeso Paulo alugou a sala de conferências de Tirano e diariamente ensinava ali (19.9). O Codex Bezae acrescenta nesse ponto a nota interessante de que Paulo ensinava "da hora quinta até à hora décima", o que equivale a 11 da manhã até às 4 da tarde durante o calor do dia. Mesmo que esse acréscimo seja genuíno, os tradutores hesitam em incorporá-lo ao texto.

---

68. Aqui está uma breve lista: 2.30b; 8.37; 9.5b, 6a; 15.18,34; 24.6b-8a; 28.16b, 29.

69. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 260; Albert C. Clark, *The Acts of the Apostles: A Critical Edition* with *Introduction and Notes on Selected Passages* (1933; Oxford: Clarendon, 1970), p. xxxii.

Se pesquisarmos a longa lista de numerosos pequenos acréscimos feitos pelo Codex Bezae ao texto tradicional, teremos a clara impressão de que o texto ocidental assume um lugar secundário. Aqui estão apenas algumas poucas ilustrações:

> Simão, o mágico, "não cessava de chorar copiosamente" (8.24).
>
> Pedro e o anjo "desceram sete degraus" (12.10).
>
> O carcereiro "prendeu o restante" dos prisioneiros antes de levar Paulo e Silas para fora da prisão (16.30).[70]

Mesmo assim, a questão da autenticidade é real em alguns versículos do texto ocidental. Uma delas se relaciona ao acréscimo do pronome *nós* no Codex Bezae, em 11.27,28: "Ora, naquele tempo alguns profetas foram de Jerusalém a Antioquia. *E houve regozijo; e quando nós estávamos reunidos*, um deles, chamado Ágabo, se pôs de pé e predisse por meio do Espírito que haveria uma grande fome por todo o mundo romano". Se adotarmos o texto ocidental desse versículo (palavras em itálico) certamente teremos a primeira passagem "nós" e assim forneceremos apoio ao ponto de vista de que Lucas, testemunha ocular, era natural de Antioquia.

Qual é a origem do texto ocidental? Por volta do final do século 19 (1895), o estudioso alemão Friedrich Blass propôs que Lucas fez uma cópia do seu rascunho original de Atos, alterou várias frases e retirou algumas sentenças. O primeiro rascunho é o texto ocidental, e a cópia mudada e reduzida é o texto alexandrino. Outra teoria é aquela de que, enquanto os escribas dos primeiros séculos copiavam o texto, introduziam frases esclarecedoras e acrescentavam sentenças inteiras provenientes da tradição oral. James Hardy Ropes conclui que "o texto ocidental" foi feito antes, talvez até bem antes do ano 150, por um cristão de fala grega que sabia alguma coisa do hebraico, no Oriente, talvez na Síria ou Palestina... O objetivo do revisor era melhorar o texto, não restaurá-lo. Ele não viveu muito longe do tempo em que o cânon do Novo Testamento, em seus núcleos, foi primeira e definitivamente composto".[71]

---

70. Consultar F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª edição (revista e aumentada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 107.

71. James Hardy Ropes, "The Text of Acts", *Beginnings*, vol. 3, p. ccxliv–cclv. Para um estudo compreensivo das várias hipóteses, veja Metzger, *Textual Commentary*, pp. 260-70.

Nenhuma das hipóteses sugeridas tem provado ser convincente ou assumido posição de liderança. Em geral, os estudiosos adotam o texto alexandrino e seguem a regra de que o mais curto é o preferencial; os escribas são mais propensos a acrescentarem ao texto e melhorá-lo ostensivamente do que diminuir seu tamanho. Isso não significa que ao grupo ocidental de testemunhas falte credibilidade; pelo contrário, cada versículo deve ser julgado segundo os seus próprios méritos.

Os estudiosos que têm pesquisado o texto ocidental de Atos têm descoberto evidências de anti-semitismo.[72] Ademais, F.F.Bruce comenta que se dissermos que o texto alexandrino é superior ao ocidental, "não indica que aquele seja equivalente ao original".[73] Ao contrário, o papiro manuscrito do século 3º, P45, pode muito bem ser mais antigo do que ambos os textos, o alexandrino e o ocidental.

I. Propósito

Lucas teria se proposto escrever Atos como uma história da igreja primitiva? Como anteriormente apontamos, dificilmente pensamos assim, pois a obra de Lucas não é uma crônica de incidentes históricos cuidadosamente construída. É certo que Lucas traça o nascimento, crescimento e desenvolvimento da igreja, mas, estritamente falando, Atos não é um livro de História como tal. Até o título de Atos falha em mostrar que ele é um livro de História. Ele é conhecido como os "Atos dos Apóstolos".

Admitindo-se que Lucas tenha composto um livro acerca da história da igreja primitiva, ele nunca foi considerado o pai da história da igreja. Em vez disso, Lucas é conhecido como um evangelista. Eusébio compôs a história da igreja e em razão de seu trabalho é chamado de historiador. Lucas, entretanto, como um dos quatro evangelistas, apresenta as boas-novas de Jesus Cristo.[74] Ele destina seu Evangelho a Teófilo com o intuito de dar-lhe certeza daquilo que ele ensinara (Lc 1.4). Ele ensina a seu amigo Teófilo as palavras e ações de Jesus Cristo. Ao concluir o Evangelho, escreve Atos e o destina também a Teófi-

72. Consultar Eldon J. Epp, *The Theological Tendency of Codex Bezae Cantabrigiensis in Acts* (Cambridge: Cambridge University Press, 1966), p. 64.

73. F.F. Bruce, "Acts of the Apostles", *ISBE*, vol. 1, p. 35; e seu *Acts* (texto grego), p. 109.

74. Van Unnik, "The 'Book of Acts' the Confirmation of the Gospel", p. 42.

lo. Lucas quer dizer-lhe que a mensagem do Evangelho não pode ser restringida à nação de Israel, pois o evangelho que Jesus proclamou primeiramente aos judeus deve ser proclamado ao mundo inteiro.

Assim, o propósito de Atos é convencer Teófilo de que ninguém pode prejudicar a vitoriosa marcha do evangelho de Cristo. Por essa razão, Lucas relata a Teófilo o progresso das boas-novas de Jerusalém até Roma. Ele o faz em harmonia com a Grande Comissão que Jesus deu aos seus seguidores (Mt 28.19). Em Atos, Lucas mostra a Teófilo que os apóstolos certamente se aplicaram a cumprir o mandamento de Jesus (comparar com 1.8). Lucas demonstra que Deus desejava espalhar o evangelho e enviou o Espírito Santo para promover a causa do reino. Em seu primeiro livro, Lucas revela que Jesus é o Messias a respeito de quem os profetas do Antigo Testamento profetizaram e que viria para cumprir as promessas messiânicas. Em seu segundo livro, ele retrata como o evangelho entra no mundo e como o nome de Jesus é proclamado a todas as nações.[75]

Assim como Lucas teve de ser seletivo com o seu material ao compor o Evangelho, assim também se esmerou ao escolher os elementos necessários à composição de Atos. Ele esboça o progresso do Evangelho e, conseqüentemente, devota muito tempo e esforço à visita de Pedro a Cesaréia. Preenche um capítulo e meio com o registro da visita de Pedro à casa de Cornélio (10.1 – 11.18). Para Lucas, que é um cristão gentio, esse é o ponto da História no qual os gentios recebem as boas-novas da salvação e se tornam parte da comunidade daqueles que crêem.

De igual modo, Lucas descreve, com elaboração, a viagem de Paulo a Roma em quase dois capítulos (27 e 28). Seu alvo é delinear as tentativas de Satanás para frustrar a missão de Paulo na igreja de Roma. Quando este chegou à cidade imperial, fez de sua casa alugada a sede da missão primitiva durante dois anos. Dessa casa partiram missionários para todo o mundo romano. De maneira conclusiva, Lucas cumpriu o propósito de seu livro quando o terminou com a sua menção do trabalho de Paulo em Roma.

---

75. Consultar Jacques Dupont, *The Salvation of the Gentiles: Essays on the Acts the Apostles*, trad. por. John R. Keating (Nova York: Paulist, 1979), p.33.

J. Temas

Atos expõe um grande número de temas que o autor tece na sua estrutura. Podemos divisar os temas por todo o livro e, ao reconhecê-los, ter um entendimento mais claro do intento de Lucas quando escreveu Atos.

1. O tema do Espírito Santo é resumido em 1.8: "Mas recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra". O Espírito Santo é derramado sobre os judeus em Jerusalém no dia de Pentecoste. Os samaritanos recebem o Espírito Santo quando Pedro e João chegam, oram e lhes impõem as mãos. A seguir, o Espírito Santo instrui Pedro a acompanhar os servos de Cornélio, viajar a Cesaréia e pregar o evangelho aos gentios, representados por Cornélio e os de sua casa. O Espírito Santo desce também sobre eles. Finalmente, em Éfeso, Paulo encontra os discípulos de João Batista que desconhecem a vinda do Espírito. Quando Paulo põe as mãos sobre esses discípulos, eles recebem o dom do Espírito Santo.

2. O tópico seguinte é o tema missionário. Pedro e os onze proclamam o evangelho em Jerusalém, principalmente aos judeus de fala aramaica. Estêvão prega as boas-novas na sinagoga dos libertos, a judeus cuja língua materna é o grego. Filipe vai a Samaria, prega a palavra e batiza o povo. Quando o apóstolo chega para receber os samaritanos como membros da igreja, Filipe viaja em direção a Gaza e explica ao eunuco etíope a mensagem de Isaías 53. Depois de batizar o etíope, Filipe prega o evangelho em numerosos lugares na costa do Mediterrâneo e chega a Cesaréia. Pedro estende seu ministério para além da cidade de Jerusalém e viaja a Lida e Jope a fim de fortalecer as igrejas. De Jope, ele viaja a Cesaréia para ensinar o evangelho na casa de Cornélio e dar as boas-vindas aos gentios no seio da igreja.

Paulo, convertido a caminho de Damasco, prega nas sinagogas dessa cidade, vai a Jerusalém onde ele enfrenta debate com os judeus de língua grega, viaja para Tarso via Cesaréia e possivelmente funda igrejas na Cilícia e norte da Síria. Barnabé é enviado a Antioquia a fim de organizar uma igreja de cristãos judeus e gentios. Ele e Paulo são mandados a Chipre e à Ásia Menor a fim de pregar o evangelho aos gentios. Em sua segunda viagem missionária, Paulo estende o seu ministé-

rio cruzando o Mar Egeu e inicia trabalho missionário na Europa (Macedônia e Grécia). Durante sua terceira viagem missionária, escreve uma carta à igreja em Roma, na qual expressa o desejo de visitar os crentes dali. Depois de dois anos de prisão, Paulo chega à cidade imperial.

3. A autoridade dos apóstolos e da igreja de Jerusalém constitui outro tema. Os apóstolos são elementos-chave na organização da igreja em Jerusalém, ensinando ao povo a doutrina apostólica, recebendo doações para os pobres e nomeando sete homens para supervisionar a distribuição diária de alimentos. Eles supervisionam também a extensão da igreja entre os samaritanos em Samaria e os gentios de Cesaréia. A igreja de Jerusalém comissiona Barnabé a ir a Antioquia, e essa igreja assume também liderança no Concílio de Jerusalém. Por fim, ao término de cada viagem missionária, Paulo visita Jerusalém a fim de informar a igreja a respeito do trabalho que realizou.

4. O tema acerca da oposição à expansão do evangelho é evidente do princípio ao fim. Os zombadores no dia de Pentecoste acusam os apóstolos de estarem embriagados. O Sinédrio prende Pedro e João por pregarem no Pórtico de Salomão. Ananias e Safira procuram corroer a integridade da igreja por meio de fraude. Os apóstolos são detidos, encarcerados, soltos por um anjo e castigados por ordem do Sinédrio. Estêvão é apedrejado e morre; Paulo, tendo experiência semelhante em Listra, sobrevive. Ele e Silas, açoitados e colocados na cadeia em Filipos, são expulsos de Tessalônica e Beréia. Mas sempre que os apóstolos encontram resistência e oposição, o evangelho é pregado e a igreja floresce. Os esforços de Satanás para impedir a divulgação do evangelho não são apenas inúteis; certamente eles auxiliam o crescimento da igreja.

5. Um último tema é a defesa do evangelho. Jesus informou aos seus discípulos que eles seriam arrastados perante os concílios locais, açoitados nas sinagogas e levados diante de governadores e reis. Ele os incentivou a não temerem, porque Deus lhes daria o seu Espírito que falaria por eles e por intermédio deles (Mt 10.17-20). Pedro se dirige a uma multidão de milhares de judeus no dia de Pentecoste, resultando em que três mil se arrependem, crêem e são batizados. De pé em semicírculo e encarando os membros do Sinédrio, Pedro e João defendem a

causa do Evangelho. Falam com tamanha intrepidez que os membros do Sinédrio são obrigados a reconhecer que esses homens de fato foram discípulos de Jesus. Pedro repreende a Simão, o mágico, por querer comprar o dom do Espírito Santo, e Paulo se opõe à falácia de Barjesus. Paulo defende o evangelho com habilidade diante dos filósofos atenienses e procura persuadir dois governadores (Félix e Festo) e o rei Agripa a se tornarem cristãos. Numa das epístolas de Paulo ficamos sabendo que, enquanto sob prisão domiciliar, Paulo foi o instrumento na conversão da guarda palaciana e dos da casa de César (Fp 1.13; 4.22). Lucas retrata a ambos, Pedro e Paulo, como defensores do evangelho de Cristo.

K. Esboço

Em primeiro lugar, aqui está um esboço de dez pontos do livro de Atos, que por sua simples disposição não apresenta nenhuma dificuldade para ser memorizado pelo estudante:

1.1-26	Antes do Pentecoste
2.1-8.1a	A Igreja em Jerusalém
8.1b-11.18	A Igreja na Palestina
11.19-13.3	A Igreja em Antioquia
13.4-14.28	A Primeira Viagem Missionária
15.1-35	O Concílio de Jerusalém
15.36-18.22	A Segunda Viagem Missionária
18.23-21.16	A Terceira Viagem Missionária
21.17-26.32	Em Jerusalém e Cesaréia
27.1-28.31	Viagem e Permanência em Roma

Em segundo lugar, um esboço completo com todos os detalhes como segue:

I.	1.1-26	Antes do Pentecoste	
	1.1-8	A. Antes da Ascensão de Jesus	
		1. Introdução	1.1-5
		2. Propósito	1.6-8
	1.9-11	B. B Ascensão de Jesus	
	1.12-14	C. Depois da Ascensão de Jesus	
	1.15-26	D. A Nomeação de Matias	
		1. Cumprimento das Escrituras	1.15-20

		2. Requisitos Apostólicos	1.21,22
		3. Escolha Divina	1.23-26
II.	2.1-8.1a	A Igreja em Jerusalém	
	2.1-47	A. Pentecoste	
		1. Derramamento do Espírito	2.1-13
		2. O Sermão de Pedro	2.14-41
		3. A Comunidade Cristã	2.42-47
	3.1-5.16	B. O Poder do Nome de Jesus	
		1. A Cura do Coxo	3.1-10
		2. O Discurso de Pedro	3.11-26
		3. Perante o Sinédio	4.1-22
		4. As orações da Igreja	4.23-31
		5. O Amor dos Crentes	4.32-37
		6. A Fraude de Ananias	5.1-11
		7. Milagres de Curas	5.12-16
	5.17-42	C. Perseguição	
		1. Prisão e Soltura	5.17-20
		2. Liberdade e Consternação	5.21-26
		3. Acusação e Resposta	5.27-32
		4. Sabedoria e Persuasão	5.33-40
		5. Regozijo	5.41,42
	6.1-8.1a	D. Ministério e Morte de Estêvão	
		1. Nomeação de Sete Homens	6.1-7
		2. A Prisão de Estêvão	6.8-15
		3. O Discurso de Estêvão	7.1-53
		4. A Morte de Estêvão	7.54 – 8.1a
III.	8.1b-11.18	A Igreja na Palestina	
	8.1b-3	A. Perseguição	
	8.4-40	B. O Ministério de Filipe	
		1. Em Samaria	8.4-25
		2. Ao Etíope	8.26-40
	9.1-31	C. A Conversão de Paulo	
		1. Paulo vai a Damasco	9.1-9
		2. Paulo em Damasco	9.10-25
		3. Paulo em Jerusalém	9.26-30
		4. Conclusão	9.31
	9.32-11.38	D. O Ministério de Pedro	
		1. Milagre em Lida	9.32-35
		2. Milagre em Jope	9.36-43
		3. O Chamado de Pedro	10.1-8

		4. A Visão de Pedro	10.9-23a
		5. A Visita de Pedro a Cesaréia	10.23b-48
		6. A Explicação de Pedro	11.1-18
IV.	11.19-13.3	A Igreja em Transição	
	11.19-30	A. O Ministério de Barnabé	
		1. A Expansão do Evangelho	11.19-21
		2. A Missão de Barnabé	11.22-24
		3. Os Cristãos em Antioquia	11.25,26
		4. Profecia e Cumprimento	11.27-30
	12.1-19	B. Pedro foge da prisão	
		1. Preso por Herodes	12.1-5
		2. Solto por um Anjo	12.6-11
		3. A Igreja em oração	12.12-17
		4. A Reação de Herodes	12.18,19
	12.20-25	C. Morte de Herodes Agripa I	
	13.1-3	D. Paulo e Barnabé são comissionados	
	13.4-14.28	A Primeira Viagem Missionária	
	13.4-12	A. Chipre	
		1. Sinagoga Judaica	13.4,5
		2. Barjesus	13.6-12
	13.13-52	B. Antioquia da Pisídia	
		1. Convite	13.13-15
		2. Exame do Antigo Testamento	13.16-22
		3. A Vinda de Jesus	13.23-25
		4. Morte e Ressurreição	13.26-31
		5. As Boas-Novas de Jesus	13.32-41
		6. Renovação do Convite	13.42-45
		7. Efeito e Oposição	13.46-52
	14.1-7	C. Icônio	
		1. A Mensagem Proclamada	14.1-3
		2. Divisão	14.4
		3. A Fuga	14.6,7
	14.8-20a	D. Listra e Derbe	
		1. O Milagre	14.8-10
		2. A Resposta	14.11-13
		3. A Reação	14.14-18
		4. A Reviravolta	14.19,20a
	14.20b-28	E. Antioquia da Síria	
		1. O Fortalecimento das Igrejas	14.20b-25
		2. O Relatório a Antioquia	14.26-28

	15.1-35	O Concílio de Jerusalém	
		A. A Cronologia	
	15.1-21	B. O Debate	
		1. A Controvérsia	15.1-5
		2. O Discurso de Pedro	15.6-11
		3. Barnabé e Paulo	15.12
		4. O Discurso de Tiago	15.13-21
	15.22-35	C. A Carta	
		1. Os Mensageiros	15.22
		2. A Mensagem	15.23-29
		3. O Efeito	15.30-35
VII.	15.36-18.22	A Segunda Viagem Missionária	
	15.36-16.5	A. Revisitação às Igrejas	
		1. A Separação	15.36-41
		2. Derbe e Listra	16.1-5
	16.6-17.15	B. Macedônia	
		1. O Chamado Macedônio	16.6-10
		2. Filipos	16.11-40
		3. Tessalônica	17.1-9
		4. Beréia	17.10-15
	17.16-18.17	C. Grécia	
		1. Atenas	17.16-34
		2. Corinto	18.1-17
	18.18-22	D. Volta a Antioquia	
VIII.	18.23-21.16	A Terceira Viagem Missionária	
	18.23-28	A. Até Éfeso	
	19.1-41	B. Em Éfeso	
		1. O Batismo de João	19.1-7
		2. O Ministério de Paulo	19.8-12
		3. O Nome de Jesus	19.13-20
		4. O Plano de Paulo	19.21,22
		5. A Queixa de Demétrio	19.23-41
	20.1-21.16	C. Até Jerusalém	
		1. Pela Macedônia 20.1-6	
		2. Em Trôade 20.7-12	
		3. Em Mileto 20.13-38	
		4. A Viagem 21.1-16	
IX.	21.17-26.32	Em Jerusalém e Cesaréia	
	21.17-23.22	A. Em Jerusalém	

		1. A Chegada de Paulo	21.17-26
		2. A Prisão de Paulo	21.27-36
		3. O Discurso de Paulo	21.37-22.21
		4. O Julgamento de Paulo	22.22-23.11
		5. A Proteção de Paulo	23.12-22
	23.23-26.32	B. Em Cesaréia	
		1. A Transferência de Paulo	23.23-35
		2. Paulo perante Félix	24.1-27
		3. Paulo perante Festo	25.1-12
		4. Paulo e Agripa II	25.13-27
		5. O Discurso de Paulo	26.1-32
X.	27.1-28.31	A Viagem e Permanência em Roma	
	27.1-44	A. De Cesaréia a Malta	
		1. A Creta	27.1-12
		2. A Tempestade	27.13-44
	28.1-16	B. De Malta a Roma	
		1. Em Malta	28.1-10
		2. Em Roma	28.11-16
	28.17-31	C. O Aprisionamento Romano	

Comentário de Atos dos Apóstolos

Vol. 1

1

Antes do Pentecoste

1.1-26

ESBOÇO

1.1-26	I. Antes do Pentecoste
1.1-8	A. Antes da Ascensão de Jesus
1.1-5	1. Introdução
1.6-8	2. Propósito
1.9-11	B. A Ascensão de Jesus
1.12-14	C. Depois da Ascensão de Jesus
1.15-26	D. A nomeação de Matias
1.15-20	1. Cumprimento das Escrituras
1.21,22	2. Requisitos Apostólicos
1.23-26	3. Escolha Divina

Capítulo 1

ATOS 1.1-26

1 1. O primeiro livro, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou
tanto a fazer como a ensinar 2. até ao dia em que foi elevado às alturas, depois
de ter instruído, por intermédio do Espírito Santo, os apóstolos que escolhera. 3. A
eles também se apresentou vivo depois de seu sofrimento, por meio de muitas
provas convincentes, aparecendo-lhes por um período de quarenta dias e falando
das coisas concernentes ao reino de Deus. 4. E, enquanto comia com eles, lhes
ordenou: "Não se ausentem de Jerusalém, mas esperem pela promessa que meu
Pai fez, da qual vocês me ouviram falar. 5. Pois João batizou com água, mas vocês
serão batizados com o Espírito Santo dentro de alguns dias".

6. E então, quando se reuniram, lhe perguntaram: "Senhor, neste tempo está
restaurando o reino de Israel?" 7. Ele lhes disse: "Não compete a vocês conhecer
os tempos ou as épocas os quais o Pai fixou por sua própria autoridade. 8. Mas
vocês receberão poder quando o Espírito Santo vier sobre vocês, e serão minhas
testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos con-
fins da terra".

9. Depois de ter dito essas coisas, ele foi elevado às alturas à vista deles. E
uma nuvem o ocultou de seus olhos. 10. Enquanto olhavam atentamente para o
céu enquanto ele subia, de repente dois homens vestidos de branco se puseram de
pé ao lado deles. 11. Eles disseram: "Homens da Galiléia, por que estão olhando
para o alto? Este mesmo Jesus, que foi dentre vocês elevado ao céu, voltará do
mesmo modo como o viram subir ao céu".

12. Então retornaram a Jerusalém, do Monte das Oliveiras, que dista de Jeru-
salém uma jornada de sábado. 13. E quando entraram foram ao cenáculo onde se
reuniam: eram eles Pedro, João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Ma-
teus, Tiago filho de Alfeu e Simão o Zelote e Judas filho de Tiago. 14. Estes
tinham todos um só pensamento, devotando-se constantemente à oração, junta-
mente com as mulheres e Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

15. E naqueles dias, Pedro se pôs de pé no meio dos irmãos (uma assembléia
de cerca de cento e vinte pessoas) e disse: 16. "Homens e irmãos, tinha de cum-
prir-se a Escritura a qual o Espírito Santo proferiu anteriormente pela boca de

Davi a respeito de Judas, que se tornou um guia daqueles que prenderam a Jesus. 17. Porque ele era contado entre nós e tomou parte neste ministério".

18. (Este homem comprou um campo com a recompensa recebida por sua maldade; e caindo de cabeça para baixo, arrebentou-se ao meio e todo o seu intestino se derramou. 19. E se tornou conhecido por todos os que habitam em Jerusalém, pois chamaram àquele campo em sua própria língua de Aceldama, isto é, campo de sangue).

20. Pois está escrito no Livro dos Salmos:

'Que este lugar seja um deserto
e que ninguém habite nele'.
'Que outro tome o seu encargo.'

21. "É, portanto, necessário que um dos homens que nos têm acompanhado todo o tempo em que Jesus esteve entre nós – 22. iniciando com o batismo de João até ao dia em que ele dentre nós foi elevado às alturas – seja uma testemunha conosco de sua ressurreição." 23. E eles propuseram dois homens: José chamado Barsabás (que era também conhecido como Justo) e Matias. 24. Eles oraram: "Senhor, tu conheces o coração de todos os homens; mostra-nos qual destes dois homens elegeste 25. para receber este ministério e apostolado do qual Judas se desviou para ir ao seu próprio lugar". 26. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Matias, e ele foi acrescentado aos onze apóstolos.

I. Antes do Pentecoste

1.1-26

A. Antes da Ascensão de Jesus

1.1-8

1. *Introdução*

1.1-5

Na primeira sentença desse livro, Lucas torna bastante claro que ele é o autor do terceiro Evangelho. Dedica tanto o Evangelho como Atos a Teófilo, um gentio convertido ao Cristianismo. Apesar de Lucas não mencionar seu próprio nome, nem no Evangelho nem em Atos, o estilo, o vocabulário e a escolha de palavras apontam para o mesmo autor em ambos os livros.

Os primeiros dois versículos de Atos servem como ponte entre a narrativa evangelística da vida e do ministério de Jesus e o relato histórico do desenvolvimento da igreja. Com efeito, o Evangelho de Lucas e o livro de Atos formam um livro em duas partes: Atos é a continuação do Evangelho.

1. O primeiro livro, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou tanto a fazer como a ensinar.

Notem-se os pontos:

a. *Evangelho* – Lucas se refere ao terceiro Evangelho como "o primeiro livro".[1] Em grego, a expressão **anterior** ou **primeiro** significa que é o primeiro de dois ou mais objetos. Nesse caso Lucas escreve apenas dois livros, o Evangelho e Atos. Ele faz distinção entre esses dois documentos chamando o primeiro de "anterior". Inquirir se ele pretendia ou não escrever um terceiro volume sobre a história da igreja depois da soltura de Paulo da prisão domiciliar em Roma, não leva mais do que a mera especulação e completa futilidade.

b. *Nome* – Lucas dedica tanto o Evangelho como Atos a Teófilo. O nome significa "amigo de Deus" e se aplica a judeus e gentios.[2] No prólogo do Evangelho, Lucas chama Teófilo de "excelentíssimo". Essa descrição ocorre também nos discursos dirigidos aos governadores romanos Félix e Festo (veja Atos 23.26; 24.3; 26.25). Supomos que Teófilo pertença à classe culta líder da sociedade. Ele teme a Deus e freqüenta regularmente os cultos numa sinagoga judaica, mas põe objeções à circuncisão. Logo, não é um convertido ao judaísmo, mas, como o centurião romano Cornélio (10.1, 2), adora ao Senhor Deus. Por meio da dedicação desse Evangelho a Teófilo (Lc 1.3), Lucas o apresenta a Jesus Cristo em palavra e ação. E apesar de não fornecer mais detalhes a respeito dele em Atos, presumimos que, pela leitura do Evangelho, Teófilo tenha se tornado cristão.

c. *Pessoa* – "A respeito de tudo o que Jesus começou tanto a fazer como a ensinar". Mesmo sendo o Evangelho de Lucas mais extenso do que os outros três Evangelhos, o autor não quer dizer que tenha registrado tudo o que Jesus disse e fez (comparar com Jo 21.25). Ele emprega o adjetivo *tudo* a fim de incluir todas as coisas que menciona acerca de Jesus no terceiro Evangelho. Nos primeiros onze versículos do capítulo 1, o sujeito predominante é Jesus.[3] Com a cláusula "tudo o que

1. Bauer (p. 477) cita três exemplos de Heródoto, Platão e Filo que têm fraseologia semelhante à primeira frase de 1.1.

2. Consultar SB, vol. 2, p. 588. E veja Josefo, *Antiquities* 17.4.2 [78]; 18.5.3 [124], que registra o nome *Teófilo* como pertencente ao povo judeu.

3 Em Atos, Jesus é o sujeito de numerosas outras passagens também (por exemplo, 2.33;

Jesus começou tanto a fazer como a ensinar", Lucas deixa subentendido que o seu relato em Atos é uma continuação do que Jesus disse e fez segundo o que está registrado no Evangelho. Ele escreve acerca de Jesus, que é o assunto tanto do Evangelho como de Atos.

2. Até ao dia em que foi elevado às alturas, depois de ter instruído, por intermédio do Espírito Santo, os apóstolos que escolhera.

Nesse versículo, Lucas apresenta três tópicos distintos. São eles:

a. *Ascensão* – Dos quatro evangelistas, Lucas é o único que apresenta um relato descritivo da ascensão de Jesus. Ele conclui seu Evangelho com um breve relatório a respeito do acontecimento (Lc 24.50-53), volta ao assunto no primeiro capítulo de Atos (1.2) e apresenta um registro mais detalhado um pouco adiante no mesmo capítulo (vs. 9-11). Com a narrativa da ascensão, Lucas liga o Evangelho a Atos, pois essa narrativa marca o final do Evangelho e o início de Atos.

No Novo Testamento, o verbo grego que significa "elevado às alturas" freqüentemente descreve a ascensão de Jesus ao céu.[4] Sem a expressão qualificativa **ao céu**, o verbo em si "testifica da familiaridade da igreja apostólica com a ascensão como um acontecimento formal e reconhecido na vida de nosso Senhor".[5] Aqui Lucas menciona brevemente a ascensão e assim resume um tópico que pretende discorrer no restante do capítulo.

b**.** *Instrução* – Lucas escreve: "Depois de ter instruído, por intermédio do Espírito Santo, os apóstolos que escolhera". Indiretamente, Lucas relaciona a ascensão de Jesus a um elemento na Grande Comissão. Antes de ser elevado ao céu, Jesus instrui os onze discípulos a fazerem discípulos em todas as nações, ensinando-os a "guardarem todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.20). Durante o período de quarenta dias entre a sua ressurreição e a sua ascensão, Jesus instruiu seus discípulos no ensino do evangelho. Desse modo ele os preparou para a grande tarefa que os aguardava depois do Pentecoste.

7.55,59; 9.5,10-16,34; 10.13-15; 16.7; 18.9; 20.35; 22.7-10, 18-21; 23.11; 26.14-17.

4. Comparar com Marcos 16.19; Atos 1.2,11,22; 1 Timóteo 3.16; consultar Burghard Siede. *NIDNTT*, vol. 3, p 749; Gerhard Delling. *TDNT*, vol. 4, p. 8. Consultar ainda Jacques Dupont, "Anelemphthe (Act. i.2)" *NTS* 8 (1962): 154-57.

5. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 2.

No grego, a expressão: *por intermédio do Espírito Santo* pode ser empregada com qualquer uma das palavras precedentes *ter instruído* ou com o verbo seguinte *que escolhera*. À vista da ênfase de Lucas à obra do Espírito no capítulo 1, os estudiosos preferem ligar a frase com aquela que a precede. Donald Guthrie escreve: "Lucas demonstra que ele vê seu livro como o resultado das revelações do Espírito do Senhor ressurreto aos apóstolos".[6] O Espírito Santo habitava em Jesus, pois ele soprou sobre seus discípulos e concedeu-lhes o Espírito Santo (Jo 20.22). No ministério deles, Cristo guiou seus apóstolos por meio do Espírito Santo (veja, por exemplo, 16.7). O Espírito de Jesus é o Espírito Santo.

c. *Eleição* – "Os apóstolos a quem escolhera". Lucas emprega o termo *apóstolo*, pois em Atos ele caracteriza os crentes como discípulos (aqueles que aprendem) e os apóstolos como aqueles que ensinam. Aliás, esses discípulos recebem instruções no ensino dos apóstolos (2.42); e ainda, os apóstolos de Jesus ensinam com autoridade no nome de Jesus Cristo.[7] O próprio Jesus elegeu os doze apóstolos (os onze e Matias) e os enviou como seus embaixadores a proclamarem o evangelho e a realizarem milagres em seu nome. O Espírito Santo confirmou a eleição desses doze, pois ele os plenificou no dia de Pentecoste (2.4).

3. A eles também se apresentou vivo depois de seu sofrimento, por meio de muitas provas convincentes, aparecendo-lhes por um período de quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.

Numa cláusula curta: "após seu sofrimento", Lucas resume os acontecimentos da Semana da Paixão a qual descreveu com detalhes no Evangelho. Ele faz também uma mera referência às aparições de Jesus pós-ressurreto, apenas o suficiente para provar que ele está vivo. Segundo o relato dos quatro Evangelhos, Atos e Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, Jesus apareceu dez vezes no período entre a Páscoa e a Ascensão. Ele se mostrou a:

6. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 536.

7. Para um estudo compreensivo do conceito de *apóstolo*, veja especialmente Karl Heinrich Rengstorf, *TDNT*, vol. 1, pp. 407-45; Dietrich Müller, *NIDNTT*, vol. 1, pp. 128-35.

1. Mulheres no túmulo (Mt 28.9,10)
2. Maria Madalena (Mc 16.9-11; Jo 20.11-18)
3. Dois homens de Emaús (Mc 16.12; Lc 24. 13-32)
4. Pedro em Jerusalém (Lc 24.34; 1Co 15.5)
5. Dez discípulos (Lc 24.36-43; Jo 20. 19-23)
6. Onze discípulos (Jo 20.24-29; 1Co 15.5)
7. Sete discípulos pescando no Mar da Galiléia (Jo 21.1-23)
8. Onze discípulos na Galiléia (Mt 28.16-20; Mc 16.14-18)
9. Quinhentas pessoas (presumivelmente na Galiléia; 1Co 15.6)
10. Tiago, o irmão do Senhor (1Co 15.7)

O último aparecimento de Jesus ocorreu quando ele ascendeu ao céu partindo do Monte das Oliveiras próximo a Jerusalém. Todos esses aparecimentos mostram, diz Lucas, que "[Jesus] se apresentou vivo após seu sofrimento, por meio de muitas provas convincentes". A obra que Jesus começou a realizar durante seu ministério terreno continua porque ele vive.

A ascensão de Jesus teve lugar no quadragésimo dia depois de sua ressurreição e dez dias antes do Pentecoste, que é uma palavra grega que significa "qüinquagésimo". Durante esses quarenta dias, Jesus instruiu os discípulos nas coisas pertinentes ao "reino de Deus". Com essa declaração em resumo, Lucas chama a atenção do leitor uma vez mais para o seu relato no Evangelho. O Evangelho segundo Lucas registra mais de trinta ocorrências da expressão *reino de Deus*; ele o menciona também várias vezes em Atos (1.6; 8.12; 14.22; 19.8; 20.25; 28.23,31). No entanto, por meio de comparação, Mateus desenvolve o conceito de reino e utiliza a expressão *reino dos céus* (ou *de Deus*) pelo menos cinqüenta vezes.

Qual é a mensagem do reino de Deus? Essa expressão encerra a essência dos ensinamentos de Jesus. O reino é o governo de Deus sobre os corações e vidas do seu povo que, como cidadãos desse reino, recebem remissão de pecados e vida eterna.[8] Além disso, para os apóstolos a frase *o reino de Deus* significava pregar as boas-novas da morte e ressurreição de Jesus e fazer discípulos de todas as nações. "Disso

8. Consultar João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, pp. 24,25).

segue-se que a igreja pode tomar a mensagem de Jesus do modo como se encontra registrada nos Evangelhos, e fazer dela parte de si mesma."[9]

4. E, enquanto comia com eles, lhes ordenou: "Não se ausentem de Jerusalém, mas esperem pela promessa que meu Pai fez da qual vocês ouviram falar. 5. Pois João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo dentro de alguns dias".

As traduções variam no tocante à primeira parte desse versículo. Muitas versões trazem a leitura: "e estando reunidos" (por exemplo, a NKJV). Essa tradução se origina da crucial palavra grega *sunalizomenos*. Mas essa expressão ocorre somente uma vez no Novo Testamento e, portanto, o tradutor deve ser cauteloso. O significado primário do termo grego é "comer [sal] com alguém". Apesar das objeções que provoca, essa versão parece encontrar apoio nas palavras de Pedro: "Deus fez com que ele [Jesus] fosse visto, não por todos, mas por testemunhas previamente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele depois da sua ressurreição dentre os mortos" (10.40,41). Em outras palavras, Jesus comeu com os discípulos como prova visível de que não era um fantasma, mas um ser humano de carne e osso (veja Lc 24.36-43). Ao comer com seus discípulos, Jesus lhes demonstra a realidade de sua ressurreição.

"Não vos ausenteis de Jerusalém, mas esperai pela promessa que meu Pai fez." Devemos considerar essa ordem de Jesus aos seus apóstolos à luz do contexto histórico. Depois de sua ressurreição, ele instruiu os discípulos a retornarem à Galiléia (Mt 28.10; Mc 16.7). Eles prontamente obedeceram por duas razões. Primeira, poderiam ver Jesus novamente na Galiléia, como ele havia dito. E segunda, não tinham nenhum desejo de permanecer em Jerusalém, o lugar onde os judeus haviam matado Jesus. Mesmo assim, no Domingo de Páscoa Jesus já lhes havia dito que, a começar em Jerusalém, eles proclamariam o arrependimento e o perdão a todas as nações por meio de seu nome. Ele disse: "E vos concederei a promessa de meu Pai, mas permanecei na cidade até que estejais revestidos do poder do alto" (Lc 24.49).

9. I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentary Series (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), pp. 57-58.

Durante o seu ministério, Jesus ensinou aos discípulos que o Pai mandaria o Espírito.[10] No Pentecoste, Pedro afirma que o dom do Espírito Santo tem origem no Pai (comparar com 2.33). Jesus aponta para o Pai, e não para si mesmo, pois assim como o Espírito Santo foi enviado, ele também o foi pelo Pai. Como porta-voz do Pai, Jesus promete o dom do Espírito (Jo 14.26).

Como os apóstolos haviam estado com Jesus desde a época de seu batismo (comparar com 1.22), eles conheciam as palavras ditas por João Batista a respeito de Jesus. João declarou que, embora ele batizasse com água, Jesus batizaria com o Espírito Santo e com fogo (Mt 3.11; Lc 3.16). Jesus lembra os discípulos das palavras ditas por João, e diz: "Pois João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de alguns dias". Mais tarde, Pedro repete literalmente essas palavras de Jesus quando relata aos judeus cristãos de Jerusalém a respeito de sua visita à casa de Cornélio (11.16). Note-se que Jesus não diz que ele próprio batizará os apóstolos com o Espírito; em vez disso, eles serão batizados, e Deus, o Pai, é o agente subentendido.

O período entre a ascensão de Jesus e o derramamento do Espírito Santo no Pentecoste é curto – apenas dez dias. Nas palavras de Jesus, o tempo é de apenas "alguns dias". Nesse tempo os discípulos deveriam preencher a vaga deixada por Judas Iscariotes com uma pessoa que tivesse familiaridade com Jesus desde o tempo em que fora batizado por João. As repetidas referências a João Batista nesse capítulo indicam o início da era do Novo Testamento.

Considerações Doutrinárias em 1.3

Como precursor de Jesus, João Batista proclama que "o reino dos céus está próximo" (Mt 3.2). Quando Jesus inicia seu ministério, ele prega a mesma mensagem (Mt 4.17), pois anuncia que o reino de Deus é uma realidade presente. Desse modo ele informa aos fariseus que "o reino de Deus está em vós" (Lc 17.21).

Qual é o efeito do reino de Deus? Primeiramente, Jesus quebra o poder de Satanás que é o príncipe deste mundo. De maneira figurada, ele entra na casa de Satanás, amarra-o e o despoja de suas possessões (veja

10. Mateus 10.20; João 14.16,17,26; 15.26; 16.7,8,12,13.

Mt 12.29). Depois, Jesus revela que viu Satanás caindo do céu como um relâmpago (Lc 10.18) e dá a entender que este se sujeitou ao próprio Jesus. O reino pertence ao Pai, a quem Cristo o apresentará depois de ter subjugado todos os seus inimigos (1Co 15. 24-28).

Jesus concede a seus seguidores autoridade para se oporem às forças de Satanás, apresentarem o reino de Deus e aplicarem os seus princípios de retidão, justiça, amor, misericórdia e paz. A mensagem do reino inclui remissão de pecados, o dom da vida eterna, a declaração da autoridade de Jesus sobre todas as coisas no céu e na terra e a promessa de que Jesus está perto do seu povo até à consumação dos séculos (Mt 28.19,20). É evidente que Jesus é o centro do reino de Deus porque ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19.16).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.1-4

Versículo 1

πρῶτον – em seu Evangelho e em Atos, Lucas não emprega πρό τερος [anterior] (adjetivo ou verbo) para que πρῶτος [primeiro] em Atos 1.1 com λόγος [relato] não subentenda τριτος [terceiro].[11]

Versículo 3

δι᾽ ἡμερῶν – o caso genitivo denota tempo. A preposição parece significar "depois" numa construção que é idiomática (comparar com Mt 26.61; At 24.17. Gl 2.1).

Versículo 4

συναλιζόμενος – no grego helenístico, o verbo συναλίζω escrito com um α prolongado significa "eu reúno", mas com um α abreviado significa "eu como [sal] com alguém".[12] O emprego do singular no lugar do plural no particípio é realmente estranho quando este significa "eu reúno". Por essa razão muitos tradutores têm escolhido a versão *comer*.

---

11. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 663.

12. Consultar Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª edição corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 278-79.

2. Propósito

1.6-8

Na primeira seção desse capítulo, Lucas escreve dois versículos introdutórios (vs. 1 e 2) que são históricos em sua natureza. Depois ele se refere ao período de quarenta dias no qual Jesus aparece para seus seguidores e durante o qual instrui seus discípulos (vs. 3-5). A seguir relata a questão específica dos onze discípulos e acrescenta a compreensiva resposta de Jesus que, aliás, indica o propósito de Lucas ao escrever Atos.

6. E então, quando se reuniram, lhe perguntaram: "Senhor, neste tempo está restaurando o reino de Israel?"

Antes da ascensão de Jesus, quando os apóstolos perceberam que os seus aparecimentos logo teriam fim, eles lhe perguntaram acerca do futuro. Como em grego o verbo *perguntar* indica repetição, entendemos que os discípulos, em unanimidade, fizeram a pergunta que mais pesava na mente deles: "Senhor, neste tempo estarás restaurando o reino de Israel?"

Como interpretarmos essa pergunta? A explicação mais comum é a de que os discípulos ainda estão pensando em termos de um reino político da nação de Israel do qual Jesus seria o seu rei terreno. Durante o ministério terreno de Jesus, a mãe de Tiago e João pediu que seus dois filhos pudessem receber lugares especiais no reino. Logo depois da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, ela perguntou a Jesus se Tiago e João poderiam sentar-se à sua esquerda e à sua direita no seu reino (Mt 20.21). Apesar da ênfase de Jesus num reino espiritual, na época de sua ascensão, os discípulos expressam seu ardente desejo de serem libertos da opressão estrangeira e lhe imploram para restaurar o reino de Israel. Para eles, Jesus é o seu soberano Senhor.

Mesmo que esta explicação seja válida, devemos ainda assim examinar cuidadosamente a pergunta dos apóstolos. Em primeiro lugar, eles indagam se Jesus iria restaurar o reino de Israel *neste tempo*. Em sua resposta, Jesus não responde à questão da restauração, mas do tempo. Ele diz aos apóstolos: "Não vos pertence conhecer tempos ou épocas os quais o Pai fixou por sua própria autoridade" (v. 7). Em segundo lugar, se interpretarmos o texto como significando a restauração do Israel espiritual, Jesus insinua que os discípulos, com sua referência a

Israel, estão muito restritivos. O evangelho da salvação é para todas as nações. Desse modo Jesus os instrui a serem testemunhas em Jerusalém, na Judéia e em Samaria, e até aos confins da terra (v. 8).[13] Conclui-se, pois, que, à luz da resposta de Jesus, é possível ou mesmo plausível dar uma interpretação espiritual à pergunta dos apóstolos.

7. Ele lhes disse: "Não compete a vocês conhecer os tempos ou as épocas os quais o Pai fixou por sua própria autoridade".

Os apóstolos revelam sua curiosidade acerca do futuro. Mas o futuro pertence a Deus, não a eles. Deveriam ter-se lembrado da observação pertinente a Moisés: "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas pertencem a nós e a nossos filhos, para sempre" (Dt 29.29). Todos têm um desejo inato de poder levantar a cortina que separa o futuro do presente. Como não temos essa capacidade, precisamos de ajuda. Mas até mesmo Jesus é incapaz de revelar-nos o final dos tempos. Ele declara: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos dos céus, nem o Filho, mas somente o Pai" (Mt 24.36). Jesus não diz que ele é ignorante acerca do futuro; ele quer dizer que os discípulos não têm o direito de saber aquilo que lhes está reservado.

"Não compete a vocês conhecer." Jesus brandamente repreende os discípulos por sua limitada compreensão da extensão do reino de Deus. Mas seu objetivo não é reprová-los, e, sim, ensiná-los.[14] O Pai tem pleno controle do calendário dos acontecimentos mundiais e levará tudo ao seu destinado fim.

Jesus ensina que os discípulos devem evitar investigações sobre os tempos desconhecidos e as épocas futuras. Em contraste com os profetas do Antigo Testamento, que vasculhavam o horizonte do tempo e prediziam o futuro, os apóstolos do Novo Testamento são as testemunhas da vida de Jesus Cristo de Nazaré e falam do tempo presente. Em suma, os discípulos testificam do passado (a saber, a vida de Cristo) em vez de profetizarem acerca do futuro.[15]

---

13. Consultar F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série do Kommentaar op het Nieuwe Testament Series, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 17.

14. Comparar com John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 514.

15. Consultar Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 4.

"Os tempos e as épocas os quais o Pai fixou por sua própria autoridade." Como Deus determinou o calendário de acontecimentos, nada acontece por acaso. Como declarou o teólogo alemão do século 16, Zacharias Ursinus:

> De fato, todas as coisas nos vêm
> não por acaso,
> mas de suas mãos paternais.[16]

Note que Jesus diz "o Pai" e não "meu Pai". Ele subentende que os apóstolos também chamam Deus de Pai. Com Cristo eles são filhos de Deus e podem ter certeza de que Deus tem o controle absoluto.

8. "Mas recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra."

Nesse texto Lucas apresenta o tema de todo o livro. Ele contém a promessa do Pentecoste e a ordem de testemunhar de Jesus nas seguintes áreas geográficas: Jerusalém, Judéia, Samaria e o mundo.

a. *Promessa* – Vemos um distinto paralelo entre Jesus e seus discípulos quando estão para iniciar seus respectivos ministérios. Quando Jesus foi batizado, o Espírito Santo desceu sobre ele e o fortaleceu para que se opusesse ao poder de Satanás (veja Mt 3.16). Antes que os apóstolos possam assumir a tremenda responsabilidade de construir a igreja de Jesus Cristo e conquistar as fortalezas de Satanás, eles recebem o poder do Espírito Santo. No cenáculo, no Domingo da Páscoa, Jesus soprou sobre os apóstolos e disse: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20.22). Mas imediatamente antes disso ele lhes dissera: "Assim como o Pai me enviou a mim, assim também eu vos envio a vós" (v. 21).

O Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Por exemplo, Jesus informa a seus discípulos em seu discurso de despedida: "Quando vier o Consolador a quem vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade que vem do Pai, ele testificará de mim" (Jo 15.26, NIV). Portanto, o Espírito Santo não é um poder inanimado, e, sim, a terceira pessoa da Trindade. E a promessa do Espírito tem sua origem no Pai. "Envio sobre vós a promessa de meu Pai" (Lc 24.49a.)

16. Catecismo de Heidelberg, resposta 27.

b. *Ordem* – Somente por intermédio do poder e da morada da pessoa do Espírito Santo é que os discípulos serão capazes de testemunhar por Jesus Cristo. Não só os discípulos recebem o Dom do Espírito, mas, como Lucas mostra em Atos, inúmeras pessoas são cheias do Espírito Santo e se tornam testemunhas de Cristo. "O testemunho eficiente só pode ser levado a cabo onde o Espírito estiver presente; e onde o Espírito está presente, sempre haverá testemunho eficiente."[17] A palavra de Jesus – "e recebereis poder" – se aplica primeiramente aos doze apóstolos e depois a todos os crentes que testemunham eficientemente em favor de Jesus Cristo.

"Sereis minhas testemunhas." Em Atos, o termo *testemunha* tem um duplo significado. Primeiro, refere-se à pessoa que presenciou um ato ou acontecimento. Em segundo lugar, se refere à pessoa que apresenta um testemunho no qual defende ou promove uma causa. Desse modo, os apóstolos escolhem Matias para ser o sucessor de Judas Iscariotes porque, como testemunha ocular, ele havia seguido a Jesus desde o tempo do batismo de João Batista até ao momento da ascensão de Cristo. Além disso, Jesus ordena a Matias proclamar a mensagem da sua ressurreição (1.21,22).[18]

No sentido restrito da palavra, o termo *testemunha* não se aplica a Paulo e a Barnabé, que durante sua primeira viagem missionária proclamaram a mensagem da ressurreição de Jesus ao povo de Antioquia da Pisídia (13.31). Paulo e Barnabé declaram que não são testemunhas; eles pregam as boas-novas.[19] Jesus envia os doze apóstolos no dia de Pentecoste como testemunhas verdadeiras de tudo o que ele disse e fez.

Esses doze apóstolos viram e ouviram Jesus e agora falam aos outros a seu respeito (comparar com 1Jo 1.1). Cheios do Espírito Santo, eles começam a proclamar as boas-novas em Jerusalém (veja Lc 24.47).

17. David John Williams, *Acts* Series Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 8.

18. O substantivo grego para "testemunhar" ocorre treze vezes em Atos (1.8,22; 2.32; 3.15; 5.32; 6.13; 7.58; 10.39, 41;13.31; 22.15, 20; 26.16). Incidentemente, das 34 ocorrências no Novo Testamento, Atos possui o maior número, seguido por nove vezes nas epístolas de Paulo e cinco em Apocalipse.

19. Consultar Herman Strathmann, *TDNT*, vol. 4, p. 493; Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 3, p. 1044.

Depois pregam o evangelho nas regiões da Judéia e Samaria, e finalmente o levam a Roma. Roma era a capital imperial de onde saíam todas as estradas como os raios de uma roda, estendendo-se até ao final do mundo conhecido de então (cf. Is 5.26, "os confins da terra"). No terceiro Evangelho, Lucas volta a atenção para Jerusalém onde Jesus sofre, morre, ressurge dos mortos e ascende aos céus. Em Atos, ele focaliza a atenção em Roma como o destino do Evangelho de Cristo. De Roma, as boas-novas alcançam o mundo inteiro.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.6 e 8

Versículo 6

εἰ – esta partícula não é traduzida quando é usada para introduzir uma questão direta.

μὲν οὖν – em Atos, esta combinação ocorre repetidas vezes, não para mostrar contraste, mas para "introduzir uma nova seção da narrativa, significando "assim, pois".[20]

Versículo 8

ἐπελθόντος – o particípio aoristo ativo no caso genitivo parte da construção do genitivo absoluto. A forma composta do genitivo é diretiva devido à repetição de ἐπί (sobre).

᾽Ιουδαία ... Σαμαρεία – "essas duas províncias romanas são distintas, mas adjacentes".[21]

B. A Ascensão de Jesus

1.9-11

A ascensão de Jesus aos céus é um acontecimento histórico. Os cristãos o observam no quadragésimo dia depois da Páscoa; logo, numa quinta-feira, e dez dias antes do Pentecoste. Na verdade, algumas igrejas até mesmo realizam cultos de adoração no dia da ascensão para celebrar a entronização de Jesus Cristo. E no seu culto confessam verbalmente que Jesus "está sentado à destra de Deus, o Pai Altíssimo" (Credo Apostólico).

---

20. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 187.

21. Robertson, *Grammar*, p. 787.

9. Depois de ter dito essas coisas, ele foi elevado às alturas à vista deles. E uma nuvem o ocultou de seus olhos.

Lucas registrou o acontecimento da ascensão de Jesus em pouquíssimas e notáveis palavras. Na conclusão de seu Evangelho, ele narra que Jesus levou os discípulos às proximidades de Betânia, a menos de quatro quilômetros de Jerusalém (Lc 24.50; Jo 11.18). Em Atos, ele revela que o lugar exato da partida foi o Monte Olival (1.12). No Evangelho, ele relata que, "havendo levantado as mãos, Jesus abençoou [os discípulos]. Enquanto os abençoava, ele os deixou e foi elevado ao céu" (Lc 24.50,51). Mas a narrativa de Lucas em Atos traz apenas as palavras: "Depois de [Jesus] ter dito essas coisas, ele foi elevado às alturas à vista deles".

a. "Ele foi elevado às alturas à vista deles". Apesar de no versículo 9 Lucas omitir a referência ao céu, nos dois versículos seguintes (vs. 10,11) ele emprega a expressão *ao céu* ou *céus* quatro vezes. Por que Lucas omite a referência ao céu no versículo 9? Ele retrata a ascensão, não do ponto de vista de Jesus quando entrou no céu, mas da perspectiva dos discípulos.[22] Eles estão testemunhando a ascensão de Jesus da terra ao céu. Devem dar-se conta de que as visitas periódicas do Cristo ressurreto cessaram com a sua ascensão, o que marca o fim do tempo em que ele esteve fisicamente presente com os seus seguidores. Desse modo, nos capítulos subseqüentes de Atos, Jesus aparece aos apóstolos em visões (por exemplo, 18.9). Note que a construção passiva do verbo *foi elevado* deixa subentendido que Deus, o Pai, é o agente que levou Jesus de volta aos céus (veja v. 2). Essa construção revela que a tarefa de Jesus na terra terminou.

b. "E uma nuvem o ocultou de seus olhos." Não devemos discutir a ascensão em termos da física ou cosmologia, pois as Escrituras não pretendem ensinar uma lição a respeito da localização do céu. "O movimento ascendente é quase o único método possível de representar pictoriamente uma remoção total."[23] O que Lucas quer dizer é que Jesus deixa este cenário terreno e entra na glória celestial. Aprendemos de outras passagens da Escritura que uma nuvem encobre a glória ce-

22. Consultar David E. Holwerda, "Ascension", *ISBE*, vol. 1, p. 311.
23. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 395.

lestial. Uma nuvem brilhante envolveu Moisés e Elias enquanto conversavam com Jesus na transfiguração. E dessa nuvem os discípulos ouviram a voz de Deus (Mt 17.5; 2Pe 1.17; comparar também com Êx 40.34,35).[24]

10. Enquanto olhavam atentamente para o céu enquanto ele subia, de repente dois homens vestidos de branco se puseram de pé ao lado deles. 11. Eles disseram: "Homens da Galiléia, por que estão olhando para o alto? Este mesmo Jesus, que foi dentre vocês elevado ao céu, voltará do mesmo modo como o viram subir ao céu".

Fazemos as seguintes observações:

a. *Discípulos* – Mesmo não sendo Lucas testemunha ocular da ascensão de Jesus, ele fornece uma vívida descrição. Descreve o contínuo olhar dos discípulos fixo nos céus. Em seu Evangelho, Lucas afirma que os discípulos adoram a Jesus e retornam a Jerusalém com grande alegria (Lc 24.52). Mas em Atos ele concentra a atenção no seu constante olhar para os céus (veja também v. 11). Lucas retrata a emoção humana produzida pela partida. Entretanto, se há alguma tristeza, ela se dissipa com o aparecimento de dois anjos.

b. *Anjos* – Enquanto os discípulos continuam olhando fixamente para os céus, de repente dois homens vestidos de branco se põem de pé ao lado deles. Obviamente, são anjos enviados por Deus. Note-se a similaridade com a aparição de dois anjos no túmulo vazio na manhã da Páscoa, quando dois anjos de branco aparecem às mulheres e a Maria Madalena (Lc 24.4; Jo 20.12). A cor branca simboliza pureza e alegria.

Os anjos não foram enviados para repreender, mas para revelar. Logo indagam: "Homens da Galiléia, por que estais olhando para o alto?" Presumimos que todos os onze discípulos são da Galiléia – Judas Iscariotes fora a exceção. Os anjos chamam os apóstolos de galileus para lembrar-lhes de sua comunhão com Jesus e seu ministério terreno na Galiléia. Os anjos vieram para transformar a possível tristeza em alegria; para assegurar aos discípulos o fato de que mesmo que Jesus tenha subido, do céu ele os conduzirá a fim de cumprirem sua tarefa; e para garantir-lhes a volta de Cristo no tempo determinado.

24. Veja George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 334.

c. *Jesus* – Como o próprio Jesus prometeu aos apóstolos que estaria com eles até ao final dos tempos (Mt 28.20), assim também os anjos enfatizam a continuidade que eles têm com Jesus. Eles dizem que "este mesmo Jesus que foi dentre vós assunto ao céu, voltará do mesmo modo como o vistes subir ao céu". Os anjos não estão expondo nova revelação, mas afirmando e repetindo o que Jesus ensinou durante o seu ministério. No final dos tempos, disse Jesus, "[os homens] verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens com poder e grande glória" (Lc 21.27). Os anjos colocam em equilíbrio a ascensão de Jesus e sua volta. Assim como subiu, assim voltará. Jesus retornará fisicamente, no mesmo corpo glorificado com que subiu ao céu. Ele permanece verdadeiro ao seu caráter e palavra enquanto orienta o crescimento da igreja e prepara um lugar para os seus seguidores (Jo 14.2,3).

Considerações Doutrinárias em 1.9-11

Depois da ascensão de Jesus, os discípulos "retornaram a Jerusalém com grande alegria" (Lc 24.52). Apesar de Lucas não revelar o que motivou o regozijo deles, encontramos algumas razões que levam todo crente a se regozijar na ascensão de Cristo.

Em primeiro lugar, a entrada de Jesus no céu com um corpo humano glorificado é nossa segurança de que nós seremos igualmente glorificados, e de corpo e alma entraremos na presença de Deus. No céu, "o pó da terra [Gn 2.7] está no trono da majestade nas alturas", onde o próprio Cristo está sentado à direita de Deus.[25]

Em segundo lugar, à mão direita de Deus, o Pai, Jesus é o nosso advogado para defender a nossa causa (1Jo 2.1). Quando oramos a Deus no nome de Jesus, ele aperfeiçoa as nossas orações e as apresenta a Deus. Jesus conhece o nosso anseio em estar com ele, nossas necessidades diárias e nossos pecados. Ele fala ao Pai em nosso favor e obtém a nossa salvação. Durante sua presença física, ele nos concede o dom do Espírito Santo para nos guiar e dirigir nossa vida diária.

E, por fim, a ascensão de Jesus e o fato de ele ter-se assentado à destra de Deus marcam sua entronização real. De seu trono Jesus governa este mundo, mesmo que o mundo não esteja disposto a reconhecer a soberania

25. Alexandre Ross, "Ascension of Christ", *EDT*, p. 87.

de Cristo. Quando "colocar todos os seus inimigos sob seus pés" (1Co 15.25), ele entregará o reino ao seu Pai e o fim terá chegado.[26]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.10,11

Versículo 10

Παρειστήκεισαν – este verbo composto de παρίστημι (eu permaneço ao lado) está no mais-que-perfeito, porém é equivalente ao tempo imperfeito.[27]

Versículo 11

ὅν τρόπον – literalmente, significa "de que maneira". Esta construção "representa uma frase adverbial composta tal como ἐκεῖνον τρόπον ὅν... *na maneira pela qual*".[28]

C. Depois da Ascensão de Jesus

1.12-14

Em obediência às instruções de Jesus (1.4; Lc 24.49), os apóstolos aguardam dez dias em Jerusalém pela vinda do Espírito Santo. Durante esse tempo de espera, reúnem-se diariamente numa grande sala para contínuas orações enquanto se preparam para a tarefa que os aguarda.

12. Então retornaram a Jerusalém, do Monte das Oliveiras, que dista de Jerusalém uma jornada de sábado.

Lucas não chama a atenção para os anjos, e sim, para os apóstolos que retornaram a Jerusalém. Essa cidade é significativa na história do Novo Testamento, porquanto próximo a ela Jesus morreu na cruz e ressurgiu dos mortos. Dela, num sentido mais amplo, ele subiu ao céu. E nela o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos.

O lugar de onde Jesus subiu ao céu é o Monte das Oliveiras. Lucas não especifica o ponto exato de onde Jesus partiu, mas o topo desse

---

26. Comparar com Bruce M Metzger, "The Meaning of Christ's Ascension", *CT* 10 (27 de maio, 1966): 863-64; veja ainda C.F.D. Moule, "The Ascension – Acts 1.9" *ExpT* 68 (1957): 205-9.

27. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 904.

28. C.F.D. Moule, *And Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 132.

monte está a dois mil pés acima da cidade de Jerusalém (comparar com Zc 14.4; Mc 11.1). A vista da cidade é magnífica.

Escrevendo a Teófilo, que era gentio, Lucas pressupõe que ele tenha conhecimento das leis e dos costumes judaicos, mesmo que não estivesse familiarizado com a topografia da Palestina. Lucas emprega a expressão *uma jornada de sábado* para indicar a distância e não o tempo, pois ao judeu era permitido andar no sábado, partindo de Jerusalém, cerca de um quilômetro.[29] Jesus não ascendeu num sábado, e sim, numa quinta-feira, que é o quadragésimo dia depois da Páscoa (veja v. 3).

13. E quando entraram foram ao cenáculo onde se reuniam: eram eles Pedro, João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago filho de Alfeu e Simão o Zelote e Judas filho de Tiago.

Os apóstolos retornaram a Jerusalém e se reuniram no cenáculo onde estavam acostumados a se encontrar. Lucas dá a entender ser essa *a* sala, que pode ter sido o mesmo lugar onde Jesus e os discípulos celebraram a Páscoa. Mesmo assim nos falta a certeza porque Lucas usa uma palavra diferente para a sala da Páscoa; ele a chama de "sala acima do andar térreo" (Lc 22.12). Segundo o relato de Atos, os discípulos se dirigiram à sua sala; a palavra em grego significa "sob o teto", isto é, no andar de cima. Chegaram a ela por uma escada que havia no exterior da casa. Entendemos que uma sala no andar de cima protege os ocupantes de interferências externas, e desse modo era ideal ao propósito dos discípulos, a saber, orar. Apesar de sabermos que a igreja primitiva se reunia na casa da mãe de João Marcos para oração (12.12), Lucas não fornece nenhuma prova de que esse seja o mesmo local. Os apóstolos permanecem nesse lugar até assumirem sua tarefa no dia de Pentecoste.

Quem são os apóstolos? Os escritores dos Evangelhos sinóticos fornecem uma lista de nomes (Mt 10.2-4; Mc 3.16-19; Lc 6.14-16), mas Lucas julga necessário apresentar uma outra lista sem o nome de Judas Iscariotes. Ele indica que os apóstolos devem nomear uma pessoa para o lugar de Judas para completar o número dos doze. Relacio-

29. SB, vol. 2, pp. 590-94. Comparar com Êxodo 16.29; Números 35.5; Js 3.4.

na os nomes numa seqüência que varia das listas anteriores: Pedro, João, Tiago e André. Notar que, apesar de Pedro e André serem irmãos, seus nomes estão separados pelos dos irmãos João e Tiago. Depois Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus. Os três últimos trazem descrições adicionais: Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote e Judas filho de Tiago. A última pessoa é também conhecida por Tadeu (Mt 10.3; Mc 3.18).

14. Estes tinham todos um só pensamento, devotando-se constantemente à oração juntamente com as mulheres e Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

a. *Oração* – Na primeira parte desse versículo, Lucas menciona dois itens dignos de nota. Primeiro, os apóstolos estão continuamente em oração. Essa é uma característica fundamental dos apóstolos e dos cristãos primitivos. Depois do Pentecoste, os crentes se reuniam para orar (2.42) e os apóstolos tornaram conhecido que sua tarefa era "devotarem [-se] à oração e ao ministério da palavra" (6.4). Em seus escritos, eles encorajam os crentes a "orar sem cessar" (1Ts 5.17). Em segundo lugar, os apóstolos oram juntos "com uma só mente" (NASB). Apresentam suas orações em unanimidade e expressam uma perfeita unidade que se torna característica da igreja primitiva.[30] Presume-se que os apóstolos oram pelo derramamento do Espírito Santo, cuja vinda Jesus prometeu repetidas vezes durante o seu ministério.

b. *Crentes* – Os crentes que se acham juntos em Jerusalém formam o núcleo da igreja cristã. Esse núcleo consiste de homens e mulheres aos quais foi acrescentado um grupo de cerca de 120 pessoas (v. 15). Concluímos que as mulheres a quem Lucas se refere são aquelas que acompanhavam Jesus durante o seu ministério terreno (Maria Madalena, Joana, Suzana e muitas outras) e o sustentavam financeiramente (Lc 8.2,3). Elas seguiram a Jesus desde a Galiléia para a sua última visita a Jerusalém; permaneceram à certa distância da cruz quando ele morreu (Lc 23.49; Jo 19.25); fizeram os preparativos necessários para o seu sepultamento (Lc 23.55,56; 24.1); e deram aos discípulos a notícia de sua ressurreição (Lc 24.9,10).

Lucas se refere também a Maria, mãe de Jesus. Nos primeiros dois

30. Consultar Williams, *Acts*, p. 12; Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 39.

capítulos de seu Evangelho, ele faz de Maria a figura central.[31] Indubitavelmente, ela é uma pessoa de influência que, juntamente com seus filhos, cria em Jesus. O termo *irmãos* não indica os filhos de José nascidos de um casamento anterior, e, sim, filhos nascidos de José e Maria depois do nascimento de Jesus. Eles são Tiago, José, Simão e Judas (Mt 13.55; Mc 6.3). Dos Evangelhos aprendemos que os próprios irmãos de Jesus se recusavam a crer nele, mesmo nos últimos seis meses de seu ministério público (Jo 7.5; veja também Mc 3.21). Depois da ressurreição de Jesus, eles creram nele. Assim, lemos que os quarenta dias anteriores à sua ascensão, Jesus apareceu a Tiago em particular a fim de provar a realidade de sua ressurreição (1Co 15.7).Tiago depositou sua fé em Jesus. Ele se tornou, finalmente, o cabeça da igreja de Jerusalém e escreveu uma carta aos cristãos dispersos (Tg 1.1). Por fim, Judas, que chama a si mesmo de irmão de Tiago, escreveu também uma epístola canônica (Jd 1).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.13,14

Versículo 13

Καταμένοντες – com o imperfeito ativo ἦσαν, esta construção é passado perifrástico e expressa continuidade. O composto neste particípio presente indica a idéia verbal perfectiva.

ζηλωτής – Simão é um zelote. Os Evangelhos de Mateus e Marcos chamam-no de Καναναῖος. Esta palavra não equivale a "cananeu"; pelo contrário, deriva de uma forma aramaica que significa "zelote" (Mt 10.4; Mc 3.18).

Versículo 14

προσκαρτεροῦντες – esta é parte de uma construção perifrástica passada. O particípio presente composto é perfectivo e tem sua raiz no verbo καρτερέω (eu sou forte, firme).

ὁμοθυμαδόν – como um advérbio, esta palavra vem de ὁμοῦ (juntos) e do substantivo θυμός (paixão, ardor).

---

31. O nome de Maria aparece dezenove vezes no Novo Testamento, cinco das quais ocorrem em Mateus (1.16,18,20; 2.11; 13.55), uma em Marcos (6.3); doze em Lucas (1.27,30,34,38,39,41,46,56; 2.5,16,19,34) e uma em Atos (1.14). Maria não deu à luz apenas seu Filho; ela também ajudou no nascimento da igreja.

D. A Nomeação de Matias
1.15-26

1. *Cumprimento da Escritura*
1.15-20

Sabemos pelas enumerações que Paulo faz dos aparecimentos de Jesus depois da Páscoa, que ele foi visto por mais de quinhentas pessoas de uma só vez (1Co 15.6). Esse aparecimento pode ter ocorrido na Galiléia (Mt 28.10, 16-20). No entanto, em Jerusalém encontravam-se cerca de 120 crentes que, antes do Pentecoste, começaram a reunir-se com os apóstolos.

15. E naqueles dias, Pedro se pôs de pé no meio dos irmãos (uma assembléia de cerca de cento e vinte pessoas) e disse: 16. "Homens e irmãos, tinha de cumprir-se a Escritura a qual o Espírito Santo proferiu anteriormente pela boca de Davi a respeito de Judas, que se tornou um guia daqueles que prenderam a Jesus. 17. Porque ele era contado entre nós e tomou parte neste ministério".

Entre a ascensão de Jesus e o Pentecoste, os crentes de Jerusalém se reúnem não só para a oração, mas também para a reflexão a respeito da vaga deixada pela partida de Judas. Lucas fala em termos gerais: "naqueles dias". Ele registra que Pedro é o porta-voz dos apóstolos quando se dirige aos crentes.[32] Lucas acrescenta uma nota explicativa e diz literalmente: "Havia no mesmo [local] uma multidão de nomes de mais ou menos cento e vinte". Os nomes pertencem aos que são crentes verdadeiros.

Nos primeiros doze capítulos de Atos, Pedro é o líder inquestionável na igreja de Jerusalém. Aqui está o início de seu ministério apostólico. Falando decisivamente, ele se dirige à multidão e fala da questão do cumprimento da Escritura. Ele diz: "Homens e irmãos",[33] o que

32. Pelo menos duas traduções trazem a versão *discípulos* (KJV, NKJV). Entretanto, os tradutores seguem o melhor texto grego que traz a expressão *irmãos*. A fim de evitar confusão causada pela repetição dessa palavra, que aparece no versículo precedente (v. 14), onde se refere aos irmãos de Jesus, os escribas adotaram a versão *discípulos*.

33. No texto grego essa expressão aparece como um tratamento treze vezes, todas em Atos (1.16; 2.29,37; 7.2; 13.15,26,38; 15.7,13; 22.1; 23.1,6; 28.17). O equivalente moderno "irmãos e irmãs" é proposto pela SEB.

constitui um tratamento familiar. Ele inicia o seu discurso chamando a atenção para o fato de que a Escritura *tinha de* cumprir-se. Pedro baseia seus comentários na Palavra de Deus e dá a entender que a Escritura é autêntica e deve ser cumprida inexoravelmente. Ele liga a palavra escrita ao Espírito Santo, que "proferiu anteriormente pela boca de Davi a respeito de Judas" (NJV). A Escritura é, pois, o produto do Espírito, como Pedro declara com eloqüência em uma de suas epístolas (2Pe 1.20,21). Ele afirma que o Espírito Santo fala utilizando a boca do homem. Quer dizer, o Espírito se comunica conosco por intermédio da boca de Davi, o compositor de muitos salmos.

O que se cumpre? Pedro aponta para Judas, "que se tornou um guia daqueles que prenderam a Jesus". Ele próprio se lembra muito bem da noite da traição de Jesus e de seu próprio pecado ao negar a Cristo. Mesmo assim, ele articula brevemente a queixa contra Judas, que espontaneamente traiu o seu Senhor.

"Porque ele era contado entre nós e tomou parte neste ministério." Quase como uma reflexão posterior, Pedro evoca o fato de que Judas havia pertencido ao círculo dos doze apóstolos durante o ministério terreno de Jesus. Ao longo de todo esse período, Judas era um dos doze que Jesus escolheu depois de ter passado uma noite em oração (Lc 6.12-16). Além disso, "Pedro se refere a Judas como aquele que obteve, por escolha de Cristo, uma parte no ministério apostólico".[34] Judas, então, foi divinamente nomeado para tomar lugar entre os apóstolos e servir a Cristo no ministério.

18. (Este homem comprou um campo com a recompensa recebida por sua maldade; e caindo de cabeça para baixo, arrebentou-se ao meio e todo o seu intestino se derramou. 19. E se tornou conhecido por todos os que habitam em Jerusalém, pois chamaram àquele campo em sua própria língua de Aceldama, isto é, campo de sangue).

Antes de Lucas prosseguir com o discurso de Pedro, provando que a Escritura devia cumprir-se "pela boca de Davi a respeito de Judas" (v. 16), ele providencia uma nota explicativa acerca da morte de Judas. Fornece informação suplementar e não contraditória àquilo que Ma-

34. J. I. Packer, *NIDNTT*, vol. 1, p. 478.

teus escreve sobre o fim de Judas (Mt 27.3-10). Mateus registra que Judas, depois de devolver as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e anciãos do povo, enforcou-se. Os principais sacerdotes resolveram usar o dinheiro para comprar o campo do oleiro, que seria usado para sepultar estrangeiros.

Num relato abreviado, Lucas pinta Judas como o comprador desse campo. Porque os sumos sacerdotes consideravam a recompensa recebida por Judas como dinheiro de sangue, recusaram-se a aceitar de volta as moedas de prata. Elas pertenciam a Judas. Então, indiretamente, Judas comprou o campo do oleiro. Isso é o que Lucas tem em mente ao escrever: "Este homem comprou um campo com a recompensa recebida por sua maldade".

"Caindo de cabeça para baixo, arrebentou-se ao meio e todo o seu intestino se derramou." Embora Lucas omita a referência ao enforcamento de Judas (Mt 27.5), inferimos que se precipitou em resultado do fato de ele estar suspenso. Ou a corda se partiu devido ao impacto súbito causado por um corpo despencando, ou foi finalmente cortada por alguém. Não é remota a possibilidade de que, enquanto caía, o corpo de Judas tenha ido de encontro a um objeto agudo que o fez arrebentar-se. Também deduzimos que Judas morreu no campo comprado pelos sacerdotes. Lucas indica que os residentes de Jerusalém ouviram a respeito da medonha morte de Judas e deram nome ao campo, "em sua própria língua, de Aceldama", que quer dizer: "campo de sangue". Do ponto de vista de Mateus, o sangue derramado pertencia a Jesus. Por essa razão, os sumos sacerdotes chamaram as trinta moedas de prata de "dinheiro de sangue" (Mt 27.6). Porém, note que Mateus escreve para um público judeu, enquanto Lucas se dirige a cristãos gentios. Logo, os relatos de Mateus e Lucas não são contraditórios.[35] Mateus e Lucas são como dois repórteres de notícias que estão descrevendo um acontecimento de diferentes perspectivas e para públicos diferentes.

20. Pois está escrito no Livro dos Salmos:
'Que este lugar seja um deserto

35. Consultar A.B. Gordon, "The Fate of Judas According to Acts 1.18", *EvQ* 43 (1971): 97-100; Max Wilcox, "The Judas Tradition in Acts 1.15-26" *NTS* 19 (1973): 438-52.

e que ninguém habite nele'.
'Que outro tome o seu encargo.'

Considerem-se estes pontos:

a. *Contexto* – Lucas retoma o discurso de Pedro e apresenta duas citações dos Salmos colocadas por este para provar o seu ponto. A primeira é do Salmo 69.25 e a segunda do 109.8. Pedro introduz as citações do Antigo Testamento com a familiar expressão *pois está escrito*. Isso quer dizer que a Escritura tem validade duradoura, é absolutamente digna de confiança e deve cumprir-se.

Os Salmos eram bem conhecidos dos judeus e cristãos primitivos. Eram cantados nas sinagogas locais nos cultos públicos e, desse modo, decorados. Os cristãos davam uma interpretação messiânica a muitos dos Salmos, especialmente quando sabiam que o próprio Jesus havia citado e feito a aplicação de alguns em particular. Aliás, quando Jesus limpou o templo citou o Salmo 69.9a: "O zelo da tua casa me consumirá" (Jo 2.17).

Paulo cita o Salmo 69.9b e o aplica a Cristo: "Os insultos dos que te insultam caíram sobre mim" (Rm 15.3, NIV).[36] Esse Salmo em particular pertence à categoria que fala a respeito do Messias sofredor. "Os Salmos da Paixão são a parte do Antigo Testamento citada com maior freqüência no Novo Testamento; e depois do Salmo 22, não há nenhum outro citado de tantas maneiras como o de número 69."[37] Nem todos os versículos desse Salmo são diretamente messiânicos. Alguns deles descrevem os inimigos de Deus sobre os quais o salmista pronuncia uma maldição. Pedro toma um desses versículos e o aplica a Judas. O Salmo 109.8 também contém uma maldição que Pedro dirige ao traidor de Jesus.

b. *Significado* – A fraseologia dessas citações difere um pouco do texto do Antigo Testamento. Em lugar de empregar o singular "sua" e "tenda", o salmista usa o plural "suas" e "tendas" ("Que sua morada seja desolada; que ninguém habite em suas tendas" [Sl 69.25]). Ele

36. Paulo cita o Salmo 69.22,23 em Romanos 11.9,10. Além disso, existem no Novo Testamento pelo menos doze alusões a versículos do Salmo 69.

37. Franz Delitzsch, Biblical *Commentary on the Psalms*, trad. por Francis Bolton, 3 vols. (1877; Grand Rapidas: Eerdmans, 1955), vol. 2, p. 277.

pronuncia uma maldição sobre os inimigos de Deus e dá a entender que a expressão *morada* inclui todas as possessões materiais de um homem. Para contraste, Pedro aplica a expressão ao nome, família e bens materiais de Judas, que são amaldiçoados. Em seguida, pensa sobre o lugar apostólico que Judas ocupou durante o ministério de Jesus, e cita o Salmo 109: "Que outro assuma seu lugar de liderança". O cargo apostólico em si não é afetado pela morte de Judas, mas é dado a uma outra pessoa. Com essa citação dos Salmos, Pedro indica que o círculo dos doze apóstolos deve ser restaurado. O sucessor de Judas Iscariotes deve assumir o cargo apostólico, e, como pessoa, deve ser radicalmente diferente do traidor. Deve ser capaz de cumprir os requisitos apostólicos enumerados por Pedro na última parte do discurso.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.15-20

Versículo 15

ὀνομάτων – literalmente, esta palavra significa "nomes", mas é traduzida por "pessoas", referindo-se assim tanto a homens como a mulheres.

Versículo 16

ἔδει – o imperfeito ativo do indicativo do verbo incompleto δεῖ (é necessário) expressa, neste texto, necessidade divina.[38]

ὁδηγοῦ – com o particípio γενομένου, esta é a construção gramatical do genitivo absoluto. O tempo aoristo do particípio denota ação simples que ocorre subseqüentemente à ação do verbo principal.

Versículo 17

κατηριθμημένος – este particípio perfeito passivo do verbo καταριθμέω (eu enumero com) é uma construção perifrástica para mostrar duração de tempo. A palavra ocorre uma vez no Novo Testamento.

Versículo 18

ἐκ μισθοῦ τῆς ἀδικίας – "do salário que causou maldade". Aqui está a construção gramatical do genitivo objetivo (comparar com 2Pe 2.13, 15).

---

38. Veja R.C.Trench, *Synonyms of the New Testament* (1854; Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 392.

πρηνής – "precipitou-se"; "de cabeça para baixo". Alguns estudiosos sugerem a tradução "*inchado, distendido*".[39]

Versículo 19

τῇ ἰδίᾳ διαλέκτῳ – o adjetivo significa "privativa" e o substantivo "linguagem". Esta é uma referência à língua aramaica falada em Jerusalém e transliterada para o grego com a palavra Ἀκελδαμάχ.

Versículo 20

ἐπισκοπήν – do verbo ἐπισκοπέω (eu supervisiono), o substantivo significa supervisão no cumprimento do ofício apostólico.

ἕτερος – a palavra denota um outro de um tipo diferente.

---

2. *Requisitos Apostólicos*

1.21-22

Quais são os requisitos do apostolado? Pedro define-os brevemente e espera que o candidato capaz de cumprir esses padrões seja eleito para preencher a vaga deixada por Judas.

21. "É, portanto, necessário que um dos homens que nos têm acompanhado todo o tempo em que Jesus esteve entre nós – 22. iniciando com o batismo de João até ao dia em que ele dentre nós foi elevado às alturas – seja uma testemunha conosco de sua ressurreição."

Ao citar as palavras do salmista, "que outro nome tome o seu encargo", Pedro expressa o desejo de que Deus seguramente aponte um sucessor. Quando diz que é necessário escolher um provável apóstolo, ele revela a vontade de Deus nesse assunto (comparar com v. 16). Pedro e sua audiência não agem por sua própria vontade, e, sim, em obediência à palavra de Deus (Sl 109.8).

a. "É, portanto, necessário que um dos homens que nos têm acompanhado todo o tempo em que Jesus esteve entre nós." Assim como Jesus nomeou os doze discípulos que formavam um paralelo com as doze tribos de Israel, assim também os onze apóstolos tinham de escolher, por sorte, uma pessoa a mais para restaurar o círculo apostólico.[40]

---

39. Bauer, pp. 700-701. Consultar Metzger, *Textual Commentary*, pp. 286-87.

40. Veja Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 de *The Expositor's*

O número doze denota perfeição e aparece inúmeras vezes no Novo Testamento com referência aos discípulos, às tribos de Israel, a Jerusalém e ao dia do juízo.[41] Casualmente, não foi eleito nenhum sucessor depois da morte do apóstolo Tiago (At 12.2), porque a igreja nessa época estava bem estabelecida. E Paulo se tornou como que um nascido fora de tempo" (1Co 15.8).

Durante o seu ministério, Jesus tinha mais discípulos do que os doze por ele eleitos. Uma vez comissionou outros 72 (ou setenta) para uma missão comparável à dos doze discípulos (Lc 10.1,17; e veja Mt 10.5).

b. "Os homens que nos têm acompanhado todo o tempo em que Jesus esteve entre nós." Embora os evangelistas relatem que Jesus chamou Mateus (Mt 9.9), e talvez outros mais tarde, pelo menos a metade dos doze discípulos já havia começado a seguir a Jesus antes de seu batismo (veja Jo 1.35-51).

O tratamento *Senhor Jesus* ocorre com freqüência em Atos (4.33; 11.20; 16.31; 20.21,24,35). Ele descreve o ministério de Jesus bem como serve de confissão de fé (1Co 12.3). A frase *[Jesus] esteve entre nós* é um semitismo típico do idioma materno de Pedro. Certamente Lucas apresenta o discurso de Pedro e não uma composição mais ou menos livre.[42]

c. "Iniciando com o batismo de João até ao dia em que ele dentre nós foi elevado às alturas." Aqui está uma clara referência ao início do evangelho apostólico (Mt 3.1; Mc 1.1; Lc 3.1).[43] Por exemplo, na casa de Cornélio, Pedro também inicia a sua apresentação do evangelho com o batismo de Jesus (At 10.37). O evangelho apostólico pinta o batismo de João como o início do ministério de Jesus. E esse ministério durou até o dia da sua ascensão.

Bible Commentary, org. por. Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 265.

41. Por exemplo: Mateus 11.1; 19.28; João 6.70; Atos 6.2; Apocalipse 7.5-8; 21.12,14,16,21.

42. Veja Herman N. Ridderbos, *The Speeches of Peter in the Acts of the Apostles* (Londres: Tyndale, 1962), p. 9.

43. Consultar Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 521. As narrativas do nascimento nos primeiros dois capítulos de ambos os evangelhos de Mateus e Lucas referem-se a um tempo que não fazia parte do ministério oficial de Jesus.

d. "[É, portanto, necessário que um dos homens] seja uma testemunha conosco de sua ressurreição." São duas as qualificações para o apostolado: o possível apóstolo deve ter sido treinado por Jesus desde o tempo de seu batismo até ao dia de sua ascensão; ele também precisa ser testemunha da ressurreição de Cristo. Estritamente falando, nenhum discípulo estava presente quando Jesus se levantou dentre os mortos. Mas ele apareceu aos apóstolos e à muitas outras pessoas a quem, pois, apresentou evidência física de sua ressurreição. O termo *testemunha* possui sentido duplo: refere-se a algo que uma pessoa viu, e significa o ato de testificar (comparar com o v. 8). Os apóstolos haviam visto o Cristo ressurreto; agora estão para contar ao mundo acerca desse evento redentivo. A doutrina da ressurreição de Cristo é fundamental à pregação tanto de Pedro como de Paulo, pois seus sermões culminam na proclamação do princípio cristão: "Creio na ressurreição do corpo" (Credo Apostólico).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.21,22

Versículo 21

ἐν παντὶ ξρόνῳ – "o contexto fortemente sugere *durante todo o tempo*, e não *em toda ocasião*".[44]

Versículo 22

τῆς ἀναστάσεως αὐτοῦ – "de sua ressurreição". O genitivo é tanto subjetivo quanto objetivo.

γενέσθαι – o infinitivo aoristo médio introduzido por δεῖ (é necessário) é uma afirmativa direta. Esta extensa sentença (vs. 21,22) exemplifica o excelente estilo grego.

Dentre os numerosos discípulos de Jesus, apenas dois são candidatos à vaga deixada por Judas. Presumimos que os candidatos eram raros, pois, relativamente, poucas pessoas eram capazes de preencher os requisitos. No entanto, os apóstolos precisam de apenas uma pessoa para restaurar seu círculo.

---

44. Moule, *Idiom-Book*, pp. 94-95.

3. Nomeação Divina

1.23-26

23. E eles propuseram dois homens: José chamado Barsabás (que era também conhecido como Justo) e Matias. 24. Eles oraram: "Senhor, tu conheces o coração de todos os homens; mostra-nos qual destes dois homens elegeste 25. para receber este ministério e apostolado do qual Judas se desviou para ir ao seu próprio lugar".

Depois de Pedro formular as condições para o apostolado, os outros respondem e propõem os nomes de dois homens: José e Matias. José é também conhecido por seu nome latino *Justo* (comparar com 18.7; Cl 4.11) e como filho de Sabbas (o ancião) ou filho do Sábado. Ou o nome de seu pai era Sabbas ou José nasceu num sábado. Provavelmente Judas Barsabás (15.22) era seu irmão. O segundo candidato é Matias. Seu nome é uma forma abreviada de Matatias (presente de Jeová).

Os crentes são incapazes de tomar uma decisão por suas próprias possibilidades. Eles sabem que não precisam de duas, senão que apenas uma pessoa é necessária para preencher o lugar de Judas para que tivessem novamente o décimo segundo membro do apostolado. Jesus nomeou originalmente os doze; agora ele deve eleger um dos candidatos. A congregação ora:

> Senhor, tu conheces o coração de todos.
> Mostra-nos qual destes dois elegeste
> Para assumir este ministério apostólico [NIV]

Portanto, a decisão não é tomada pelos apóstolos, e, sim, pelo próprio Senhor. O termo *Senhor* indica ou Deus ou Jesus. Embora Lucas escreva em outro lugar: "Deus, que conhece o coração" (15.8), o contexto em si mesmo demonstra que Pedro se refere ao Senhor Jesus (v. 21). Além disso, o verbo **elegeste** aparece no v. 2 onde Jesus é o sujeito.[45] Os apóstolos formulam e aplicam as qualificações para os dois homens, mas o Senhor conhece o coração deles e elege o sucessor para assumir o ministério apostólico no lugar de Judas Iscariotes. Os crentes concluem sua oração com as palavras: "do qual Judas se des-

45. Veja F.F.Bruce, *The Book of the Acts*, ed. Revista, New International Commentary na série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 47.

viou para ir ao seu próprio lugar". Essas palavras sugerem que Judas deixou seu cargo apostólico para assumir seu lugar a serviço de Satanás.

26. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Matias, e ele foi acrescentado aos onze apóstolos.

Os apóstolos lançam mão do costume do Antigo Testamento de lançar sorte para saber a vontade de Deus.

> A sorte se lança no regaço,
> Mas a sua própria decisão procede do Senhor.
> [Pv 16.33]

A prática de lançar sorte era comum nos tempos do Antigo Testamento; no Novo Testamento, os evangelistas registram que os soldados lançaram sorte sobre as vestes de Jesus (Mt 27.35; Mc 15.24; Lc 23.34; Jo 19.24). Depois do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste, a prática cessou. No período entre a ascensão de Jesus e o Pentecoste, os apóstolos determinam as condições do apostolado, oram pedindo orientação divina e lançam sorte para se certificarem da eleição de Deus.

"A sorte caiu sobre Matias." Lucas não revela como os apóstolos lançaram sorte, mas apenas escreve que Matias é o eleito do Senhor. O Senhor o nomeia como já anteriormente comissionara os apóstolos. Por essa razão, não é observada a cerimônia da imposição de mãos (por exemplo, 6.6). Apesar de Matias preencher a vaga no círculo dos doze apóstolos, não ouvimos falar dele em todo o restante do Novo Testamento.[46]

O apostolado é em si mesmo um assunto intrigante. Paulo é incapaz de preencher as qualificações do apostolado, mesmo assim se torna o apóstolo destinado aos gentios. Ao lado de Pedro, Paulo é o apóstolo mais proeminente na igreja primitiva. No entanto, Paulo não poderia ter assumido o lugar de Judas, pois o seu apostolado é inteiramente distinto. A diferença entre Paulo e os Doze é óbvia: ele submete o seu trabalho à apreciação dos apóstolos (veja Gl 1.18; 2.2,7-10).

46. Nos primeiros séculos, circulavam tradições não verificáveis concernentes a Matias. Assim, Eusébio (300 d.C.) acreditava que Matias era um dos setenta (e dois) discípulos que Jesus comissionou (Lc 10.17). *Ecclesiastical History* 1.12.3 (LCL). Veja também David W.Wead, "Mathias", *ISBE*, vol. 3, p. 288.

Mesmo assim, Paulo e os apóstolos partilham de uma nomeação comum, porquanto foi o próprio Jesus quem os comissionara.[47]

Considerações Práticas em 1.26

Uma igreja deveria lançar sorte para a eleição de seus líderes? Nos tempos do Antigo Testamento, o sumo sacerdote usava o Urim e o Tumim para tomar decisões pelos israelitas (Êx 28.30). Talvez o Urim e o Tumim fossem pequenas pedras que davam ao sacerdote resposta negativa ou positiva a uma questão. O lançar sorte era comum entre os israelitas. Eles o fazem para distribuir a terra e determinar sua herança (por exemplo, Nm 26.55; Js 14.2; 15.1; 1Cr 6.54); para descobrir o pecado de Acã (Js 7.16-18); para eleger Saul, rei de Israel (1Sm 10.20,21); e para determinar o número e o tempo de os sacerdotes e levitas servirem no templo (Ne 10.34; 11.1).

A última referência nas Escrituras acerca do povo de Deus lançando sorte é quando Matias é eleito para suceder Judas. Note-se que, segundo o Novo Testamento, o povo de Deus não lançou nenhuma sorte durante o ministério de Jesus nem depois do derramamento do Espírito Santo. E mais, a igreja primitiva não fornece nenhuma evidência dessa prática na nomeação de seus líderes. Como o Novo Testamento e a igreja primitiva são silenciosos a respeito deste assunto, os crentes precisam ser cautelosos para não adotarem uma prática à qual falte firme apoio.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 1.24-26

Versículo 24

ἀνάδειξον – o aoristo imperativo ativo derivado do verbo ἀναδείκνυμι (ergo para que todos vejam; nomeio) ocorre apenas uma vez.

ἐξελέξω – esta é a segunda pessoa do singular do aoristo médio indicativo do verbo ἐκλέγομαι (eu escolho).

Versículo 25

λαβεῖν – de λαμβάνω (eu tomo, recebo), este segundo aoristo infinitivo expressa propósito.

47. Consultar William Childs Robinson, "Apostle" *ISBE*, vol. 1, pp. 192-95; Karl Heinrich Rengstorf, *TDNT*, vol. 1, pp. 420-45.

τὸν τόπον τὸν ἴδιον – note-se o enfático emprego dos artigos definidos. O adjetivo vem em último lugar na sentença para enfatizá-la. A frase em si é um eufemismo para morte.

Versículo 26

ἔδωκαν – em vez do verbo βάλλω (eu lanço sorte), o aoristo indicativo de δίδωμι (eu concedo) parece indicar uma expressão idiomática do hebraico.

συγκατεψηφίσθη – as duas preposições σύν (com) e κατά (para baixo) com o substantivo ψῆφος (pedrinha) sugerem o lançar de sorte por meio do colocar juntas várias pedrinhas.

Sumário do Capítulo 1

Nos primeiros dois versículos, Lucas escreve uma introdução que serve de ponte entre o seu Evangelho e Atos. Ele registra que Jesus apareceu aos apóstolos durante o período de quarenta dias, e lhes deu instruções preparativas para a tarefa que lhes estava determinada. Essas instruções consistiam em aguardar em Jerusalém o dom do Espírito Santo. Os discípulos perguntam a Jesus quando é que ele restaurará o reino a Israel. Jesus lhes diz que o Pai prefixou o tempo e a data para o estabelecimento do reino, e que eles receberão poder divino para serem testemunhas de Jesus em Jerusalém e até aos confins da terra.

Jesus sobe para os céus enquanto os apóstolos o contemplam. Em seguida dois anjos anunciam que Jesus voltará do mesmo modo como subiu. Do monte das Oliveiras os apóstolos retornam a Jerusalém, reúnem-se numa sala no andar superior e revelam unidade em constante oração juntamente com algumas mulheres, com Maria, a mãe de Jesus, e os irmãos dele.

Pedro se dirige a um grupo de cerca de 120 crentes e menciona o cumprimento das Escrituras com relação a Judas. Estabelece a necessidade de se eleger um substituto para preencher a vaga e satisfazer os requisitos para o apostolado. O grupo propõe dois nomes, pede ao Senhor em oração que eleja um deles e lança sorte. Matias é eleito e acrescentado ao número dos doze apóstolos.

2

A Igreja em Jerusalém

Parte 1

2.1-47

ESBOÇO

2.1-8.1a II. A Igreja em Jerusalém
2.1-47 A. Pentecostes
2.1-13 1. Derramamento do Espírito
2.1-4 a. Derramamento
2.5-11 b. Reunião
2.12-13 c. Zombaria
2.14-41 2. O Sermão de Pedro
2.14-21 a. Explicação dos Acontecimentos
2.22-24 b. A Palavra de Deus Cumprida
2.25-28 c. A Profecia de Davi
2.29-36 d. A Promessa de Deus Cumprida
2.37-41 e. Resultado Genuíno
2.42-47 3. Comunidade Cristã
2.42,43 a. Na Adoração
2.44-47 b. Na Comunidade

Capítulo 2

ATOS 2.1-19

2 1. Quando chegou o dia do Pentecostes, estavam todos reunidos num lugar.2. E de repente um ruído como de um vento soprando violentamente veio do céu e encheu a casa onde estavam sentados. 3. E a eles apareceram línguas como que de fogo que se separaram e pousaram em cada um deles. 4. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas à medida que o Espírito lhes ia dando habilidade.

5. Ora, viviam em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações debaixo do céu. 6. Quando ouviram aquele barulho, reuniu-se uma multidão; ficaram confusos porque cada um os ouvia falar em sua própria língua. 7. E começaram a ficar totalmente atônitos, dizendo: "Não são da Galiléia todos estes homens que estão falando? 8. Como então cada um de nós os ouve falar em nossa língua materna?" 9. "Partos, medos e elamitas; residentes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, Ponto e Ásia, 10. Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia perto de Cirene, e visitantes de Roma, 11. judeus e convertidos ao judaismo, cretenses e arábios – nós os ouvimos falando em nossas próprias línguas as grandiosas obras de Deus!" 12. E todos ficaram atônitos e perplexos, perguntando uns aos outros: "O que significa isso?" 13. Mas outros zombavam e diziam: "Estão cheios de vinho doce".

14. Então Pedro se levantou com os Onze, ergueu a sua voz e lhes dirigiu a palavra: "Companheiros judeus e todos vocês que residem em Jerusalém, fiquem sabendo disso e prestem atenção às minhas palavras. 15. Pois esses homens não estão bêbados como vocês supõem. São apenas nove horas da manhã! 16. Mas é isso o que foi dito pelo profeta Joel:

> 17. 'E nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito
> sobre todo o povo; seus filhos e suas filhas profetizarão, seus
> jovens verão visões e seus velhos sonharão sonhos.
> 18. Até mesmo sobre meus escravos, tanto homens como
> mulheres, derramarei do meu Espírito naqueles últimos dias e
> eles profetizarão.
> 19. E eu mostrarei maravilhas em cima no céu e embaixo na
> terra, sangue e fogo e vagalhões de fumaça.

20. O sol se tornará em escuridão e a lua em sangue, antes que o
grande e glorioso dia do Senhor venha.
21. E acontecerá que todo o que clamar pelo nome do Senhor será
salvo'".

22. "Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem atestado por Deus perante vocês com milagres, prodígios e sinais, os quais Deus realizou por intermédio dele no meio de vocês, como vocês mesmos sabem.23. Esse homem foi entregue a vocês segundo o propósito designado por Deus e por sua presciência, e vocês, usando homens sem lei, pregaram-no na cruz e o mataram. 24. Deus o ressuscitou, tendo-o livrado da agonia da morte, porque era impossível que ele fosse mantido sob o poder dela. 25. Pois Davi disse a respeito dele:

'Eu via o Senhor sempre diante de mim; pois ele está à minha
destra, para que eu não seja abalado.
26. Portanto meu coração se alegrou e a minha língua exultou;
até mesmo meu corpo habitará em esperança,
27. porque não me abandonarás na sepultura, nem permitirás que
o teu Santo entre em decomposição;
28. Tu me fizeste conhecidos os caminhos da vida; e me encherás
de alegria na tua presença'.

29. "Homens e irmãos, posso dizer confiantemente a vocês que o patriarca Davi tanto morreu como foi sepultado, e seu túmulo está conosco até hoje. 30. E sendo profeta, ele sabia que Deus lhe fizera juramento de colocar um de seus descendentes no seu trono. 31. Olhando adiante, ele falou no que concerne à ressurreição de Cristo, que ele não foi abandonado na sepultura nem seu corpo entrou em decomposição. 32. A este Jesus Deus ressuscitou, e todos nós somos testemunhas disso. 33. Portanto, tendo sido exaltado à destra de Deus, e havendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, ele derramou o que vocês agora vêem e ouvem. 34. Pois Davi não subiu ao céu, mas ele mesmo disse:

'o Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita
35. até que eu faça seus inimigos como estrado para seus pés'.

36. "Portanto, que toda a casa de Israel saiba com certeza que Deus fez desse Jesus, a quem vocês crucificaram, tanto Senhor como Cristo."

37. Então, quando ouviram isso, lhes cortou o coração e disseram a Pedro e ao restante dos apóstolos: "Homens e irmãos, o que devemos fazer?"

38. Pedro lhes respondeu: "Arrependam-se e sejam batizados, cada um de vocês, no nome de Jesus Cristo, para o perdão dos seus pecados. E vocês receberão o dom do Espírito Santo. 39. A promessa é para vocês e seus filhos e para todos os que estão longe – tantos quantos o Senhor nosso Deus irá chamar para si mesmo".

40. E com muitas outras palavras ele testificou e continuava a exortá-los: "Salvem-se desta geração perversa". 41. Então os que aceitaram a sua palavra foram batizados, e cerca de três mil pessoas foram acrescentadas naquele dia.

42. Eles estavam continuamente se dedicando ao ensino dos apóstolos e à comunhão, no partir do pão e na oração. 43. Todos estavam cheios de espanto, e muitos prodígios e sinais estavam sendo realizados pelos apóstolos. 44. E todos os que criam ficavam juntos e compartilhavam todas as coisas. 45. Começaram a vender suas propriedades e bens e davam a qualquer um que tivesse necessidade. 46. Dia a dia continuavam a se reunir nos pátios do templo, partindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e sinceridade de coração, 47. louvando a Deus e gozando do favor de todo o povo. O Senhor continuava a acrescentar diariamente ao número deles os que estavam sendo salvos.

II. A Igreja em Jerusalém
2.1–8.1a

A. Pentecostes
2.1-47

1. *Derramamento do Espírito*
2.1-13

Apesar de Atos ser um livro histórico, Lucas omite referências quanto a datas precisas. Os estudiosos, de um modo geral, concordam que na cronologia de Atos a festa do Pentecostes foi celebrada no ano 30 d.C., durante a última semana de maio.[1] O termo *Pentecoste* deriva de uma palavra grega que significa "qüinquagésimo". Os judeus celebravam o Pentecostes como a Festa das Semanas no qüinquagésimo dia depois da Páscoa (Lv 23.15,16; Dt 16.9-12). Eles a chamavam também de Festa da Colheita (Êx 23.16). Os judeus consideravam o Pentecostes como o festival da ceifa, ocasião na qual apresentavam os primeiros frutos da colheita do trigo (Nm 28.26). Depois da destruição do templo em 70 d.C., transformaram esse festival na comemoração da entrega do Decálogo no Monte Sinai. Basearam isso na referência cronológica em Êxodo 19.1.[2] Presumivelmente os judeus reagiram à observância cristã do Pentecostes.

1. Por exemplo, W. Ralph Thompson, "Chronology of the New Testament", *ZPEB*, vol. 1, p. 821. Consultar ainda Harold W. Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1976), p. 143.

2. Veja SB, vol. 2, p. 601; Arthur F. Glasser, "Pentecost", *ISBE*, vol. 3, p. 759; James D. G. Dunn, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 784-87. Em face da evidência de escritos intertestamentários (Jub. 6.17 e Qumran), alguns estudiosos pensam que a mudança para a comemoração da entrega do Decálogo seja pré-cristã.

a. *Derramamento*

2.1-4

1. Quando chegou o dia do Pentecostes, estavam todos reunidos num lugar.

Em resposta à ordem de Jesus (1.4), os apóstolos esperam em Jerusalém, com paciência e em oração, pelo dom do Espírito Santo. O texto grego inicia com a palavra *e* (KJV e NASB); isso indica que o acontecimento do Pentecostes está estreitamente ligado à ascensão de Jesus. Uma versão literal do texto grego traz "quando o dia do Pentecostes estava sendo cumprido". Quer dizer, ao chegar o qüinquagésimo dia, o período de espera está completo. Para os apóstolos tem início uma nova era.

Quantas pessoas se encontravam reunidas no dia de Pentecostes? Supomos que o número inclua todos os crentes no grupo dos 120 (1.15). Entretanto, são levantadas algumas objeções a esta interpretação. O último versículo do capítulo precedente (1.26) menciona os apóstolos; no segundo capítulo, não são os 120 que ocupam o palco central, mas Pedro e os Onze (v.14); e na conclusão do sermão de Pedro, a multidão se dirige aos apóstolos e não aos 120 (v.37). Por outro lado, não podemos limitar o adjetivo *todos* aos doze apóstolos quando o contexto do capítulo anterior ressalta a harmonia cristã básica. Por essa razão, interpretamos o adjetivo como incluindo todos os crentes mencionados no capítulo precedente.

Onde estavam os crentes? Lucas escreve sucintamente "num lugar". Se pensarmos no cenáculo (1.13), questionamos se essa sala poderia acomodar um grupo de 120 pessoas. Entretanto Lucas indica que estavam sentados numa casa (v.2) e não no recinto do templo.[3] Admitimos que não podemos ter certeza, mas presumimos que o local da reunião tenha sido nas proximidades do templo, onde os apóstolos permaneciam continuamente louvando a Deus (comparar com Lc 24.53).

2. E de repente um ruído como de um vento soprando violentamente veio do céu e encheu a casa onde estavam sentados. 3. E a

3. Consultar Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 do *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 269.

eles apareceram línguas como que de fogo que se separaram e pousaram em cada um deles. 4. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas à medida que o Espírito lhes ia dando habilidade.

Observe os seguintes três pontos:

a. Vento – Nas horas matinais do Pentecostes, o povo ouve, de repente, o som de um vento forte soprando do céu. Um aspecto importante da vinda do Espírito Santo é a subitaneidade com que aparece. Apesar de os discípulos terem permanecido em Jerusalém conforme foram instruídos, a fim de aguardar o derramamento do Espírito, ainda assim sua chegada repentina é surpreendente. Os seguidores de Cristo irão passar por situação semelhante quando Jesus voltar repentinamente. A despeito dos sinais dos tempos que Jesus revela ao seu povo, a volta dele será surpreendente e inesperada.

Lucas declara que há o ruído do soprar de um vento violento. Ele não indica que o vento em si esteja tornando conhecidos os seus efeitos. Sabemos, a partir de outras partes da Escritura, que tanto no grego quanto no hebraico uma única palavra transmite o duplo sentido de *vento* e *espírito* (Ez 37.9,14; Jo 3.8). Nós ouvimos e sentimos o efeito do vento, mas não conseguimos vê-lo. Assim também é com o Espírito. Ele vem dos céus (habitação de Deus) e não do céu (espaço acima de nossa cabeça), com o som de um vento impetuoso. Ele enche a casa onde os cristãos se acham sentados orando por sua vinda (comparar com 4.31).

Vemos a importância do vento no relato de Lucas. O vento simboliza o Espírito Santo, que enche a casa onde os crentes estão reunidos. O som do vento denota poder celestial, e sua subitaneidade revela o princípio de um acontecimento sobrenatural.

b. *Fogo* – "E a eles apareceram línguas como que de fogo que se separaram e pousaram em cada um deles." Este é o cumprimento da descrição de João Batista acerca do poder de Jesus: "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3.11; Lc 3.16). No Antigo Testamento o fogo é freqüentemente usado como símbolo da presença de Deus em relação à santidade, ao juízo e à graça. Por exemplo, Moisés ouviu a voz de Deus na sarça ardente e lhe foi dito para tirar as sandá-

lias (Êx 3.2-5); o fogo destruiu o sacrifício de Elias no Monte Carmelo (1Rs 18.38); e uma carruagem de fogo o levou ao céu (2Rs 2.11).[4]

Os crentes não apenas ouvem a vinda do Espírito Santo, como também o vêem aparecendo no que parecem ser línguas de fogo. Esse fogo, símbolo da presença divina, toma a forma de línguas que não saem da boca dos crentes, porém pousam sobre a cabeça deles. Por conseqüinte, não devemos confundir essas línguas com "outras línguas" mencionadas no versículo subseqüente (v.4), onde Lucas introduz o milagre de falar em línguas.

O Espírito Santo aparece nesse sinal externo e pousa sobre cada um dos crentes. Não se trata de algo ilusório, pois Lucas indica claramente que eles viram línguas de fogo. A descida do Espírito cumpre a profecia de João Batista de que os discípulos seriam batizados com o Espírito e com fogo.[5] Logo, a vinda do Espírito Santo prenuncia uma nova era, pois ele faz sua habitação entre os homens, não de forma temporária, mas para sempre.

c. *Línguas* – "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas à medida que o Espírito lhes ia dando habilidade." O texto grego indica que o enchimento com o Espírito Santo ocorreu de uma vez por todas, isto é, ele não veio e foi-se embora, mas permaneceu, como fica evidente pelo relato de Lucas. Quando Pedro se dirige ao Sinédrio ele está cheio do Espírito (4.8; e veja 4.31). Depois de sua conversão, Saulo recebe o Espírito Santo (9.17; comparar com 13.9,52). O derramamento do Espírito não é repetitivo, pois ele fica com a pessoa que foi cheia. Além disso o Espírito se estende para círculos cada vez mais abrangentes alcançando os samaritanos (8.17), os gentios (10.44-46) e os discípulos de João Batista (19.1-6). Isso ocorre em harmonia com a ordem de Jesus aos apóstolos e no seu cumprimento, ordem esta de testemunhar em Jerusalém, na Judéia, em Samaria e até aos confins da terra (1.8).

Qual é o efeito do Espírito Santo sobre todos os crentes? Lucas escreve: "Eles ficaram cheios". Nós não devemos limitar o adjetivo

4. Consultar Friedrich Lang, *TDNT*, vol. 6, pp. 934-47; Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 1, pp. 653-57.

5. Veja James D. G. Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, Studies in Biblical Theology, 2ª série 15 (Londres: SCM, 1970), p. 40.

todos como aplicável somente aos apóstolos, pois Pedro em seu sermão mostra que a profecia de Joel fora cumprida: "Vossos filhos e vossas filhas profetizarão" (v.17; Jl 2.28). E quando Pedro e João, subseqüentemente, relataram aos crentes os comentários dos maiorais dos sacerdotes, *todos* ficaram cheios com o Espírito Santo (4.31). O efeito da habitação do Espírito Santo é o de que ele assume o controle total de cada crente.

O cristão que é cheio do Espírito passa a ser o seu porta-voz. No caso dos crentes de Jerusalém, eles falam em outras línguas e por meio disso provam que o Espírito Santo os controla e capacita. A palavra *língua* equivale ao conceito de *idioma falado*. Isso fica evidenciado pelo comentário de Lucas que "cada qual os ouvia falar em sua própria língua" (v.6); a multidão pergunta: "Então, como é que cada um de nós os ouve em sua língua nativa?" (v.8); e dizem: "Nós os ouvimos falar em nossa própria língua as grandiosas obras de Deus" (v.11). As línguas que os crentes falam são línguas conhecidas, faladas em regiões que vão desde a Pérsia, no Oriente, até Roma, no Ocidente. Não podemos equiparar o acontecimento do Pentecostes com o falar em línguas na igreja de Corinto. Os crentes que falam em outras línguas no Pentecostes não o fazem para a edificação da igreja (diferente da fala extática [1Co 14]). Enquanto na igreja dos coríntios a fala extática deve ser interpretada, no Pentecostes os ouvintes não necessitam de intérpretes porque podem ouvir e são capazes de compreender cada um sua própria língua.[6] A habilidade de falar em línguas vem de dentro do homem como um sinal interior do Espírito Santo; o vento e o fogo são sinais exteriores.

Considerações Doutrinárias em 2.2 e 4

Versículo 2

Aqui está o cumprimento da promessa de Jesus aos apóstolos: "Vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias" (1.5). No dia de Pentecostes, o Espírito encheu a todos os que se achavam sentados

6. Veja William F. MacDonald, "Glossolalia in the New Testament", *in Speaking in Tongues: A Guide to Research on Glossolalia*, org. por Watson E. Mills (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), p. 134.

na casa, de modo que os 120 foram espiritualmente batizados (vs.2,4). É significante um estudo do batismo do Espírito em Atos. "Sempre que o batismo com o Espírito é mencionado depois do Pentecostes, nunca é uma experiência de crentes que já foram batizados uma vez com o Espírito, mas somente de novos grupos de pessoas que são levadas à fé em Cristo".[7]

Depois do derramamento do Espírito Santo sobre os judeus em Jerusalém, Jesus ampliou sua igreja acrescentando os samaritanos, que receberam o Espírito (8.16,17). Em seguida ele convidou os gentios para a sua igreja. Isso aconteceu quando Pedro pregou o evangelho na casa de Cornélio e o Espírito Santo foi derramado sobre os gentios (10.44,45). Finalmente, os discípulos de João Batista, que não tinham ouvido o evangelho e não sabiam acerca do Espírito Santo, foram acrescentados à igreja. Paulo os batizou no nome de Jesus e o Espírito Santo veio sobre eles (19.6).

Pedro disse ao público em Jerusalém: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo" (2.38 – NVI). A partir do estudo de Atos, concluímos que o batismo com água e o batismo com o Espírito ocorrem normalmente de modo simultâneo.

Versículo 4

Apesar de alguns estudiosos afirmarem que o milagre de falar em línguas se liga mais aos ouvintes do que aos que as falavam, este ponto de vista não faz justiça àqueles que, cheios do Espírito Santo, falaram em línguas. O contexto do evento de Pentecostes apresenta comentários dos que ouviram os apóstolos falando em idiomas conhecidos, mas algumas questões precisam ser tratadas. Por exemplo, se dissermos que os crentes, pelo poder do Espírito Santo, falaram às pessoas da platéia em suas própria línguas, por que Pedro se dirigiu ao povo empregando um idioma apenas (v.14)? E ainda, se a multidão entendeu Pedro, supomos que os presentes eram capazes de se comunicar em grego, ou aramaico, ou em ambas as línguas. Ademais, a expressão *outras línguas* não se aplica à Judéia (v.9), pois ali se falava o aramaico e o grego. E por fim, se todos os presentes eram capazes de ouvir acerca "das grandiosas obras de Deus" em suas línguas maternas, por que algumas pessoas zombavam dos apóstolos e os acusavam de bebedeira (v.13)?[8] Perguntas específicas concernentes à experiência do Pente-

7. George F. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 345.
8. Consultar Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série West-

costes permanecem sem resposta devido à brevidade do relato. Dessa narrativa, podemos tirar apenas algumas conclusões gerais.

O Espírito Santo une os crentes de várias partes do mundo, falando a eles de forma miraculosa na linguagem da fé. Ele torna possível para os ouvintes vencerem a confusão linguística de Babel (Gn 11.1-9) quando os chama a responderem ao evangelho em arrependimento e fé (v.38). Enquanto os incrédulos zombam do milagre do Pentecostes, três mil crentes se arrependem, são batizados e se unem à igreja (v.41).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.1-4

Versículo 1

ἐν τῷ com o infinitivo presente médio, essa construção denota tempo e se refere ao dia de Pentecostes durante o qual o Espírito Santo veio.

Versículo 2

φερομένης πνοῆς – vindo do verbo φέρω (eu carrego, levo), o particípio presente médio pode formar tanto uma construção do genitivo absoluto como um particípio descritivo (com o pronome πνοῆς) dependente de ἦχος (som).

Versículo 4

ἐπλήσθησαν – o indicativo aoristo passivo de πίμπλημ (eu encho) complementa os outros dois verbos que expressam o conceito *encher*: συμπληροῦσθαι (v.1) e ἐπλήρωσεν (v.2).

ἑτέραις – no contexto, este adjetivo tem o significado de *diferente*. Contrastar com o uso de ἑτέροις no versículo 40.

Entre o povo judeu que vivia na dispersão, muitos decidiram fixar residência em Jerusalém por motivos religiosos ou educacionais. Eles vieram de inúmeros países, ficando em Jerusalém em caráter permanente ou temporário. E também, um grande número de peregrinos tinha ido a Jerusalém a fim de celebrar a festa judaica da colheita denominada Pentecostes (comparar com 20.16; 1Co 16.8).

---

minster Commentaries (1901; ed. reimpressa, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 21; F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, pp. 61-63.

b. *Reunião*

2.5-11

5. Ora, viviam em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações debaixo do céu. 6. Quando ouviram aquele barulho, reuniu-se uma multidão; ficaram confusos porque cada um os ouvia falar em sua própria língua.

a. "Ora, viviam em Jerusalém judeus piedosos." Observamos que o evangelho vai ao judeu primeiro, e não ao gentio, em conformidade com o que Jesus instruíra aos discípulos quando os enviou em sua excursão missionária: "Não vão aos gentios... Antes vão às ovelhas perdidas da casa de Israel"(Mt 10.5,6). Judeus tementes a Deus vindos do estrangeiro se fixaram na cidade santa. "Era desejo dos judeus devotos da dispersão passar seus últimos dias no solo da terra santa e serem sepultados ali."[9]

No Novo Testamento, o termo grego que significa "piedoso" descreve apenas o povo judeu: Simeão (Lc 2.25), Ananias (At 22.12) e os homens que sepultaram Estêvão (8.2). São pessoas que obedecem à lei de Deus de maneira fiel e reverente.

b. "De todas as nações debaixo do céu." Esses judeus representam o mundo em geral. Haviam ido a Jerusalém provenientes de todas as nações do mundo civilizado daquela época. Nos versículos subseqüentes Lucas fornece uma lista das nações (vs.9-11).

c. "Quando ouviram aquele barulho, reuniu-se uma multidão; ficaram confusos." As pessoas ouvem o ruído do vento impetuoso ou o som dos apóstolos falando em muitas línguas? Supomos que a palavra *barulho* se refere ao ruído do vento violento (v.2) e não ao falar em línguas dos crentes. Imaginamos as pessoas se reunindo em grupos procurando determinar a origem do som. Ao se moverem para o local onde se encontram os crentes, ouvem-nos falando em várias línguas. O resultado é que ficam confusas.

d. "Porque cada um os ouvia falar em sua própria língua." Lucas indica que não apenas a multidão ouvia as vozes dos crentes, mas também cada indivíduo judeu presente ali, ouve sua própria língua. Com

9. Everett F. Harrison, *The Apostolic Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 49.

efeito, ele diz que cada um deles permanece ouvindo enquanto os que falam continuam a falar.

Presumimos que os judeus tementes a Deus eram pelo menos bilíngües, senão trilíngües. Habitando em Jerusalém, eles conversavam em aramaico. E se tivessem vindo das partes do Império Romano a oeste e norte de Israel, saberiam o grego. Mas eles tinham aprendido também os idiomas dos países onde nasceram. Agora ouvem essas línguas faladas por pessoas que não residem nessas nações, mas que são galileus. Lucas relata apenas o fato do falar e não menciona o conteúdo da fala. Nos versículos subseqüentes ele apresenta a essência do sermão de Pedro no Pentecostes.

7. E começaram a ficar totalmente atônitos, dizendo: "Não são da Galiléia todos estes homens que estão falando? 8. Como então cada um de nós os ouve falar em nossa língua materna?"

A língua é o veículo de comunicação que para cada pessoa é a sua língua materna. Quando os estrangeiros residentes de Jerusalém ouvem o idioma que aprenderam no país onde nasceram e foram criados, eles ficam completamente pasmos. As barreiras lingüísticas que embaraçam a comunicação eficaz são removidas quando o Espírito Santo capacita os crentes a transmitir a revelação de Deus em vários idiomas.

A multidão percebe que os que estão falando não são estrangeiros, porém galileus. Talvez o povo os tenha reconhecido como seguidores de Jesus, ou então as roupas dos apóstolos os distinguia como galileus.[10] Aos olhos dos judeus de Jerusalém, a Galiléia era uma área de desenvolvimento atrasado da Palestina, habitada por gente inculta. Todavia os galileus em questão comunicam a verdade de Deus em diversas línguas.

Enquanto os crentes falam, eles demonstram para a platéia que estão louvando a Deus em todas as línguas e dialetos do mundo. Provam que a revelação de Deus não está limitada a um idioma em particular, porém transcende a todas as variações da fala humana. Entretanto, observamos que Deus não concede, repetidamente, o milagre de falar em língua estrangeira. Nós não lemos, por exemplo, que Paulo e Barnabé se dirigem ao povo de Listra na língua deles (14.11).

10. Comparar com Mateus 26.73; Marcos 14.70; Lucas 22.59.

Quando os crentes se dirigem à multidão em línguas conhecidas, os judeus estrangeiros que habitam em Jerusalém indagam: "Como, então, cada um de nós os ouve falando em nossa língua materna?" Ao falar em outras línguas, os crentes apresentam a evidência de que o Espírito Santo está realizando um milagre. Os que ouvem seu próprio idioma ou dialeto ficam assombrados e perguntam enfaticamente como aquilo era possível. Essa pergunta é básica, pois eles a fazem duas vezes depois de Lucas ter introduzido o conceito (veja vs.6,8,11). Ao ouvir sua língua materna ou dialeto, eles ficam suscetíveis a aceitar Cristo e o seu evangelho quando Pedro prega seu sermão do Pentecostes.

Esses estrangeiros representam as nações nas quais nasceram. Depois do cativeiro babilônico, nem todos os judeus retornaram à Palestina. Muitos permaneceram na Pérsia e na Mesopotâmia. Outros foram deportados da Babilônia para a Ásia Menor durante os séculos 4º e 3º antes de Cristo. Ainda outros se fixaram no Egito, especialmente na cidade de Alexandria, ou rumaram para o Ocidente, para Roma.[11] Os judeus residiam em toda parte no Império Romano, de leste a oeste, pois eram um povo disperso.

9. "Partos, medos e elamitas; residentes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, Ponto e Ásia, 10. Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia perto de Cirene, e visitantes de Roma, 11. judeus e convertidos ao judaismo, cretenses e arábios – nós os ouvimos falando em nossas próprias línguas as grandiosas obras de Deus!"

Lucas lista quinze nações do mundo civilizado dos seus dias. Ele inicia com os países do Oriente (Pártia, Média, Elão, Mesopotâmia), depois se move para a Ásia Menor via Judéia (Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília), de lá para a África (Egito, Cirene) e então para Roma, Creta e Arábia.[12] Por que ele relaciona essas nações e omite outras (como por exemplo Grécia, Macedônia, Chipre) é uma questão em aberto. Lucas parece agrupar os países por categorias lingüísticas, pois seu objetivo no relato do Pentecostes é enfatizar que as boas-novas transcendem as barreiras das línguas.[13]

11. Consultar F. F. Bruce, *New Testament History* (1969; Garden City, N. Y.: Doubleday, 1971), pp. 135-37.

12. Consultar G. D. Kilpatrick, "A Jewish Background to Acts 2.9-11?" *JJS* 26 (1975): 48-49.

13. Veja E. Güting, "Der geographische Horizont der sogenannte Völkerliste des Lukas

a. “Partos, medos e elamitas.” Esses povos pertenciam a diferentes nações onde eram faladas diferentes línguas. Os partos viviam ao sul do Mar Cáspio, na área conhecida hoje como Irã. Na era apostólica, essas pessoas jamais haviam sido conquistadas pelas tropas do exército romano, falavam um dialeto persa e concediam liberdade religiosa aos judeus. Os medos, que junto com os persas haviam consolidado um império (veja Et 1.3, 18,19; Dn 5.28; 6.8,12,15; 8.20), residiam a sudoeste do Mar Cáspio. Os elamitas ocupavam a terra diretamente ao norte do Golfo Pérsico no leste do Rio Tigre. Eles passaram a fazer parte do império persa, mas mantiveram seu próprio idioma.

b. “Residentes da Mesopotâmia.” Viviam entre os rios Tigre e Eufrates. Os judeus que foram a Jerusalém vindos na Mesopotâmia eram, na verdade, residentes da Babilônia, para onde tinham sido exilados séculos antes. Eram visitantes em Jerusalém porque continuavam a viver na Mesopotâmia, que é o Iraque de nossos dias.

O grego mostra que a palavra *residentes* deve incluir também as pessoas da Judéia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito e Líbia. Assim, essa gente tinha vindo à festa de Pentecostes em Jerusalém e esperava retornar aos seus países de origem.

c. “Judéia.”A presença da Judéia nessa lista é problemática; obviamente ela não se encaixa entre a Mesopotâmia e a Capadócia. Lucas se refere, muitas vezes, à Judéia como a terra dos judeus, e pode estar pensando no território controlado por Davi e Salomão, desde o Eufrates ao norte, até a fronteira egípcia ao sul.[14] Isso ameniza o problema porque então inclui a Síria, que está ausente da listagem. Ademais, aos olhos dos judeus, Jerusalém era a capital não somente da Judéia, mas de todos os lugares onde haviam judeus fixados. Os judeus vindos da Judéia dificilmente passariam despercebidos.[15]

(Acta 2.9-11),” *ZNW* 66 (1975): 149-69; J.A. Brinkman, “The Literary Background of the ‘Catalogue of the Nations’ (Acts 2.9-11),” *CBQ* 25 (1963): 418-27; Bruce M. Metzger, “Ancient Astrological Geography and Acts 2.9-11”, *in Apostolic History and the Gospel*, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pp. 123-33.

14. F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista do New International Commentary da série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 56.

15. SB, vol. 2, p. 611.

d. “Capadócia, Ponto e Ásia.” A seguir Lucas menciona na sua lista as áreas da Ásia Menor. Capadócia estava localizada ao norte da Síria e Mesopotâmia e se estendia para a costa sudeste do Mar Negro. Ponto, juntamente com a Bitínia, formavam uma província romana situada ao longo das margens no sudoeste do Mar Negro. Ásia era o nome da província romana situada na parte ocidental da Ásia Menor. Para ilustrar, Pedro dirigiu sua primeira epístola aos cristãos judeus que se achavam espalhados pela Galácia, Ponto, Capadócia, Ásia e Bitínia (1Pe 1.1).

Os judeus viviam na Ásia Menor aos milhares. Assim sendo, Lucas acrescenta os nomes provinciais Frígia e Panfília, localizadas nas partes sudoeste e sudeste da Ásia Menor, respectivamente. O historiador judeu Josefo registra que no século 2º a.C., o governante sírio Antíoco III deportou duas mil famílias judias para a Frígia.[16] Durante suas viagens missionárias Paulo viajou pela Panfília (13.13) e Frígia (16.6; 18.23).

e. “Egito.” No século 1º da era cristã, a população judaica no Egito chegava a um milhão de pessoas. A maioria vivia na cidade costeira de Alexandria.[17] Nessa cidade, os judeus haviam traduzido a Escritura do Antigo Testamento do hebraico para o grego. A oeste do Egito, a Líbia havia aberto suas fronteiras ao povo judeu que fixava residência em sua capital Cirene (6.9; 11.20; 13.1; Mt 27.32).[18]

f. “Visitantes de Roma.” Lucas é específico e não mais emprega o termo *residentes*, e sim, “visitantes”. Esses judeus não são necessariamente cidadãos romanos, mas judeus e convertidos ao judaísmo que moravam em Roma. Na época dos apóstolos, esses judeus podiam ser contados aos milhares. Em Roma eles propagaram o judaísmo e, como resultado, conseguiram inúmeros prosélitos. Dentre esses convertidos encontravam-se também muitos tementes a Deus, que observavam a lei de Moisés, mas não se submetiam à circuncisão (veja 10.1; e Lc 7.5).

g. “Cretenses e arábios.” Como uma reflexão posterior, Lucas menciona outros dois grupos: cretenses e arábios. Creta é uma ilha no Mar

16. Josefo, *Antiquities*, 12.3.4 [147].
17. Josefo, *Antiquities*, 14.7.2 [118]; *War* 2.18.8 [110-18].
18. Comparar com Josefo, *Antiquities* 14.7.2 [116-18].

Mediterrâneo localizada ao sul da Grécia. Paulo viu a costa de Creta em sua viagem à Itália (27.7) e visitou a ilha quando Tito fundou ali a igreja (Tt 1.5). Os arábios que foram a Jerusalém para a festa do Pentecostes, presume-se, eram judeus residentes em Nabatéia. Os nabetanos eram habitantes do deserto que viviam numa área que se estendia na direção sudoeste, de Damasco ao Egito. Petra, situada na banda sudoeste da Palestina, era sua capital. Paulo passou algum tempo no reino nabetano da Arábia (Gl 1.17).

h. "Nós os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandiosas obras de Deus!" Os crentes cheios do Espírito Santo proclamam os milagres realizados por Deus. Presumimos que eles declaram especialmente as maravilhas relacionadas à ressurreição e ascensão de Jesus. Lucas diz que os judeus piedosos residentes de Jerusalém ou os que estão em visita à cidade ouvem acerca dessas maravilhas em suas línguas maternas.

Considerações Doutrinárias em 2.5-11

A igreja do Novo Testamento começa com os 120 que aguardam a vinda do Espírito Santo. Ao vir, ele abre as comportas dirigindo-se aos judeus "de todas as nações debaixo do céu" (v.5). Em todas as diferentes línguas dessas nações, o Espírito Santo apresenta a mensagem das maravilhas que Deus fez, por intermédio da boca dos seus. A esses milhares de judeus que tinham vindo de inúmeros lugares, Deus acrescenta três mil à sua igreja. A verdade do Todo-poderoso não está mais confinada à cidade de Jerusalém. No dia de Pentecostes a igreja passa a ser universal.

A partir do exame da Escritura do Antigo Testamento ficamos sabendo que os judeus se encontravam juntos em Jerusalém para o festival da colheita. No Novo Testamento, Deus, por intermédio do derramamento do Espírito Santo e a missão da igreja, colhe os primeiros frutos de sua ceifa espiritual. Henry Alford, poeta e comentarista britânico do século 19, coloca essa verdade numa canção:

> O mundo inteiro é o campo do próprio Deus,
> Que dá fruto para o seu louvor;
> Trigo e erva daninha semeados juntos,
> Crescem em alegria ou tristeza:
> Primeiro a folha cortante, depois a espiga,

Então aparece a espiga por inteiro:
Senhor da ceifa, conceda que vejamos
Grãos saudáveis e que sejam puros.

Notamos que Lucas não dá indicação alguma de que esteja familiarizado com a interpretação rabínica da comemoração do acontecimento de entrega da Lei no Pentecostes. A partir de comentários feitos por rabinos duzentos anos depois do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, aprendemos que Deus promulgou a Lei no Monte Sinai em setenta línguas, mas que somente os israelitas ouviram a sua voz.[19] Mesmo se virmos uma semelhança entre a tradição rabínica das setenta línguas no Monte Sinai e a narrativa de Lucas acerca das muitas línguas faladas no Pentecostes, não vemos que com a vinda do Espírito Deus tenha dado uma nova lei.[20] Em vez disso, ele apresentou o dom do Espírito não somente aos 120, mas também a todo crente. Como disse Pedro: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo" (v.38 – NVI).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.5-9

Versículo 5

κατοιχοῦντες – esse particípio presente ativo do verbo composto κατά (embaixo) e οἰκέω (eu habito) forma, com o imperfeito ativo ἦσαν (eles estavam), uma construção perifrástica que expressa duração. A forma composta com a preposição κατά denota permanência. Por outro lado, παρά com o verbo οἰκέω aponta para forasteiros que moram temporariamente em algum lugar.

Versículo 6

γενομένης – com o substantivo φωνῆς, esse particípio aoristo médio forma a construção do genitivo absoluto.

συνεχύθη – de συγχύν(ν)ω (eu confundo), esse verbo ocorre repetidas vezes em Atos (2.6; 9.22; 19.32; 21.27,31), porém em nenhum outro

19. Para uma lista de referências, consultar SB, vol. 2, pp. 604-5.

20. Veja Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. de Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 174. Consultar também David John Williams, *Acts*, série Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 27.

lugar no Novo Testamento. O verbo significa, literalmente, "despejar junto [na mente]" causando assim confusão.

ἤκουον – o imperfeito ativo de ἀκούω (eu ouço) expressa ação contínua.

Versículo 8

ἡμεῖς – como pronome pessoal, enfatiza o sujeito do verbo ἀκού ομεν (nós ouvimos). Palavra por palavra, o versículo inteiro é enfático.

Versículo 9

οἱ κατοικοῦντες – esse particípio presente articular se refere aos nove países ou áreas desde a Mesopotâmia até a Líbia.

Ἰουδαίαν – como adjetivo juntamente com o substantivo compreendido como γῆν (terra), essa palavra deve ser entendida no sentido mais abrangente possível de toda a nação judaica. Todavia, a combinação τε καί (e) a liga estreitamente a Capadócia, o que é bastante incomum. Além do mais, como substantivo Ἰουδαίαν deveria ter sido precedido pelo artigo definido τήν. Por que os habitantes da Judéia ficariam "pasmos ao ouvirem os apóstolos falando na sua própria língua"?[21] Os escritores, através dos séculos, têm proposto conjeturas (por exemplo, Armênia, Bitínia e Cilícia); não obstante, a evidência manuscrita a favor de Ἰουδαίαν é excepcionalmente forte.

---

c. *Zombaria*

2.12,13

12. E todos ficaram atônitos e perplexos, perguntando uns aos outros: "O que significa isso?" 13. Mas outros zombavam e diziam: "Estão cheios de vinho doce".

Lucas retoma sua narrativa sobre a reação da multidão dizendo que estavam "atônitos". Ele emprega a mesma palavra no versículo 7, mas agora acrescenta o termo *perplexos*. Lucas indica que a pessoas continuam confusas, pois não conseguem explicar o milagre que estão presenciando. Aquelas pessoas piedosas indagam entre si acerca do significado do acontecimento (comparar com 17.20).

---

21. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the NewTestament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 293.

Nem todos os ouvintes estão desorientados. Lucas diz que um certo grupo de pessoas ridiculariza os apóstolos e os que estão com eles. Retrata-os como incrédulos que se opõem ao avanço da igreja de Cristo. Podem ser igualados ao "mundo [, que] começa com a *zombaria*; em seguida prossegue para o *questionamento* (4.7); para as *ameaças* (4.7); depois para a *prisão* (5.18); dali para os *açoites* (5.40); até chegar ao *assassinato* (7.58)".[22] Essa é a estratégia imutável do diabo contra Jesus e seus seguidores. Deus realiza milagres para todos verem e ouvirem, mas os incrédulos se recusam a aceitar a verdade. Eles criticam aquilo que é santo e assim endurecem o próprio coração.

Os zombadores afirmam que os apóstolos estão embriagados porque beberam vinho em demasia. Atacam Pedro e seus companheiros com uma alegação ridícula; a hora do dia para se ver pessoas sob a influência de bebida alcoólica não está nem mesmo no início. Pedro responde à acusação chamando a atenção para o horário: "São apenas nove horas da manhã!" (v.15).

A festa do Pentecostes constitui o festival do trigo e não das uvas. A colheita das uvas acontece no final do verão. Portanto, a palavra *vinho* não está se referindo ao vinho novo, mas ao vinho doce da safra do ano anterior.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.12,13

Versículo 12

διηπόρουν – de διαπορέω (eu estou desorientado), esse composto demonstra intensidade ("totalmente perplexo"), duração (tempo imperfeito) e apoio para o verbo precedente ("admirado").

ἄλλος πρὸς ἄλλον – uma expressão idiomática que é reflexiva e equivalente ao pronome ἀλλήλων.

Versículo 13

ἕτεροι – este adjetivo não é um sinônimo de ἄλλοι nesta frase. Aqui ele diz respeito a um grupo de pessoas totalmente diferente das que estavam admiradas e perplexas.

---

22. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por De Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 526.

διαχλευάζοντες – este particípio presente de um verbo composto indica ação contínua e intensa. Ele descreve a maneira de zombar usada para com os apóstolos.

μεμεστωμένοι – o verbo μεστόω (eu encho) neste contexto se refere a vinho. Observe que o perfeito médio neste particípio indica um ato iniciado no passado com efeito no presente. Junto com o verbo *estar*, a construção forma o perfeito perifrástico.

---

2. *O Sermão de Pedro*

2.14-41

a. *Explicação dos Acontecimentos*

2.14-21

Depois de enumerar as nações do mundo e descrever a reação do povo ao milagre do Pentecostes, Lucas focaliza a atenção no sermão que Pedro faz nessa manhã. O sermão em si é um modelo para outros sermões e discursos registrados em Atos. Em sua mensagem, Pedro começa explicando o acontecimento propriamente dito e citando a profecia de Joel. Depois ele prega o evangelho de Cristo referindo-se ao sofrimento, morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Por último, exorta os presentes a que se arrependam e sejam batizados.

Alguns estudiosos são da opinião de que o sermão de Pedro é bem mais um discurso teológico escrito por Lucas do que um relato histórico da fala do apóstolo.[23] Sabemos que o próprio Lucas não se encontrava presente em Jerusalém no dia de Pentecostes, mas recebeu informações de "testemunhas oculares e servos da palavra" (Lc 1.2). Muito provavelmente Pedro serviu como informante de Lucas e lhe forneceu os moldes e a fraseologia do sermão. Com efeito, "tanto o molde e quanto teologia básica são mais antigos do que Lucas e provavelmente remontam aos primórdios da igreja".[24]

---

23. Dentre outros, Richard F. Zehnle, *Peter's Pentecost Discourse: Tradition and Lukan Reinterpretation in Peter's Speeches of Acts 2 and 3*, série Society of Biblical Literature Monograph 15, org. por Robert A. Kraft (Nashville: Abingdon, 1971), pp. 136-38.

24. I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 72.

14. Então Pedro se levantou com os Onze, ergueu a sua voz e lhes dirigiu a palavra: "Companheiros judeus e todos vocês que residem em Jerusalém, fiquem sabendo disso e prestem atenção às minhas palavras. 15. Pois esses homens não estão bêbados como vocês supõem. São apenas nove horas da manhã!"

a. *Liderança* – Imediatamente depois da ascensão de Jesus, Pedro assume o papel de líder dentro do grupo dos 120 crentes. E novamente, no dia de Pentecostes, quando todo o povo se acha perplexo acerca do milagre de falar em outras línguas, Pedro mostra à multidão que ele é o líder dos doze apóstolos. Em épocas anteriores as multidões vinham ouvir Jesus. Agora elas vêm até os apóstolos e Pedro se dá conta de que a tarefa de proporcionar liderança pertence a ele. Apoiado por seus companheiros apóstolos e cheio do Espírito Santo, ele encara os milhares de judeus na área do templo. Com ousadia e confiança lhes dirige a palavra.

"Então Pedro se levantou com os Onze." As pressões da incerteza e da curiosidade compelem os apóstolos a se apresentarem para explicar a importância do acontecimento do Pentecostes. O pescador comum e sem escolaridade chamado Simão Pedro encontra um lugar de onde pode se dirigir ao povo no raio do alcance de sua voz. A expressão *se levantou* não quer dizer que ele se pôs em pé porque se achava assentado, mas significa que ele encarou a multidão. A presença dos outros apóstolos ao seu lado transmite ao povo que Pedro fala em nome deles.

Para os apóstolos, o milagre do falar em numerosas línguas é passado (comparem-se 10.46; 19.6). Depois do Pentecostes eles proclamam o evangelho de Cristo no vernáculo. Portanto, Pedro entrega sua mensagem numa única língua. Supomos que ele tenha falado no seu idioma materno, o aramaico, que a multidão compreendia. E ao término de seu sermão o povo responde (v.37).

b. *Discurso* – "Companheiros judeus e todos vocês que residem em Jerusalém." Ao desenvolver sua fala, Pedro se familiariza gradualmente com a platéia. Ele inicia com o tratamento comum "companheiros judeus" (v.14); depois apela para o seu orgulho religioso e diz "homens de Israel" (v.22); e por fim os chama de "irmãos" (v.29).[25] Pedro

25. Consultar R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 71.

se dirige também a todos aqueles que vieram de outros lugares e residem agora em Jerusalém. Apesar de não mencionar os convertidos, ele indubitavelmente os inclui. (Incidentalmente, Pedro não menospreza as mulheres. Segundo o costume da época, o termo *irmãos* inclui as irmãs.) O apóstolo lhes diz para prestarem bastante atenção àquilo que ele vai explicar acerca do que viram e ouviram.

c. *Refutação* – Pedro rebate o ataque dos incrédulos com um comentário que apela ao bom senso do público. Apontando para os apóstolos ele diz: "Esses homens não estão bêbados como vocês supõem. São apenas nove horas da manhã!" A tradução literal seria "É apenas a terceira hora do dia" (NKJV). Devemos entender que os antigos dividiam o espaço de tempo entre o nascer e o pôr-do-sol em doze períodos. Isso quer dizer que esses períodos eram mais curtos no inverno e mais longos no verão. Conseqüentemente, se o Pentecostes era comemorado na última semana de maio, a "terceira hora" não correspondia às nove, mas às oito horas da manhã.[26] A esta hora do dia, 120 pessoas não estariam embriagadas. Especialmente no sábado e nos dias festivos, o judeu não fazia sua primeira refeição antes de cerca do meio-dia.[27]

16. "Mas é isso o que foi dito pelo profeta Joel:
17. 'E nos últimos dias, diz Deus,
derramarei do meu Espírito sobre todo o povo;
seus filhos e suas filhas profetizarão,
seus jovens verão visões e seus velhos sonharão sonhos.
18. Até mesmo sobre meus escravos,
tanto homens como mulheres, derramarei do meu
Espírito naqueles últimos dias e eles profetizarão'".

Pedro começa seu sermão citando a Escritura do Antigo Testamento. Ele pratica o que Jesus ensinou aos apóstolos, a saber, primeiro citar a Escritura e depois mostrar seu cumprimento e aplicação. Pedro cita o profeta Joel, que prediz o derramamento do Espírito Santo, e explica que a profecia foi cumprida. Em suma, ele indica que a era dos últimos dias é chegada. Pedro exemplifica o cumprimento da profecia

26. João Calvino, *Commentary of the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 56.
27. Josefo, *Life 54* [279].

de Joel quando fala com intrepidez à multidão, proclama o evangelho de Cristo e demonstra visivelmente que ele está cheio do Espírito Santo.

Os judeus presentes ao Pentecostes sabem que Joel profetizara a vinda do dia do Senhor "nos últimos dias". Nesses últimos dias de cumprimento, Deus concede as suas bênçãos ao seu povo que se arrepende dos pecados. Esses dias inauguram a era messiânica na qual Deus derrama o seu Espírito sobre o seu povo.

"Derramarei do meu Espírito sobre todo o povo." Na profecia de Joel o termo *povo* engloba homens e mulheres, jovens e velhos. Por semelhante modo em Atos, Lucas não faz distinção alguma entre homens e mulheres. Ambos sofrem perseguições (8.3); ambos se unem à igreja (17.4,12); e ambos ensinam (18.26).[28]

"Seus filhos e filhas profetizarão." Qual é o significado do verbo *profetizar*? Nos cenários do Antigo Testamento ele traz a conotação de predizer o futuro. No acontecimento do Pentecostes, a previsão do futuro não está evidente. Uma outra interpretação é a de que profetizar é equivalente a pregar. E por fim, "profetizar pode significar engajar-se em louvor a Deus (veja 1Cr 25.3)".[29] Na igreja primitiva os profetas instruíam e exortavam o povo de Deus. Assim, Lucas registra que Filipe, o evangelista, "tinha quatro filhas solteiras que profetizavam" (21.9).

"Seus jovens verão visões e seus velhos sonharão sonhos." Como a Escritura testifica repetidas vezes, Deus se revela em profecias, visões e sonhos.[30] Com o derramamento do Espírito Santo, todos os crentes, sem distinção de gênero, idade e posição social, recebem a sabedoria e a habilidade de conhecer a Deus, de modo que até mesmo ensinar ao próximo acerca do Senhor não é mais necessário (Jr 31.34; Hb 8.11).

"Até mesmo sobre meus escravos, tanto homens como mulheres, eu derramarei do meu Espírito naqueles últimos dias." A palavra *escravos* significa que Deus concede o seu Espírito a todas as classes

28. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 162.

29. Harrison, *The Apostolic Church*, p. 51. E veja Gary V. Smith, "Prophet", *ISBE*, vol. 3, p. 1004.

30. O Antigo Testamento está repleto de exemplos de profecias e sonhos. No Novo Testamento, veja, concernentes aos sonhos, Mateus 1.20; 2.12; 27.19. Em Atos são muitas as referências a visões (por exemplo, 9.10,12; 10.3; 12.9; 18.9).

sociais. Note que Deus os reinvindica como seus dizendo "*meus* escravos". Muitos desses servos não eram judeus, mas gentios. Escravos gentios, ambos homens e mulheres, recebem o Espírito e conhecem o Senhor. Isso fica evidente especialmente nas epístolas do Novo Testamento (comparar com Ef 6.5-9; Cl 3.22-4.1; 1Tm 6.1,2; Tt 2.9,10; 1Pe 2.18-21). Deus derrama seu Espírito sobre os escravos, de modo que eles possam compartilhar dos dons do Espírito.

19. "'E eu mostrarei maravilhas em cima no céu
e embaixo na terra,
sangue e fogo e vagalhões de fumaça.
20. O sol se tornará em escuridão e a lua em sangue,
antes que o grande e glorioso dia do Senhor venha.
21. E acontecerá que todo o que clamar pelo nome
do Senhor será salvo.'"

a. "E eu mostrarei maravilhas em cima no céu e embaixo na terra." Lucas relata que Pedro cita a profecia de Joel, mas não fornece sua explicação. Ele deixa de declarar que essa profecia foi cumprida na morte de Jesus na cruz quando as trevas tomaram conta da terra durante três horas (Mt 27.45). Nessa hora o sol não ficou mais visível e os sinais da natureza constituíam um testemunho eloqüente da morte de Cristo.

Além disso, Lucas não indica que no Pentecostes Deus cumpriu a profecia de Joel dos sinais e prodígios. Ele conta que o derramamento do Espírito ocorreu em Jerusalém (2.1-4), Samaria (8.17), Cesaréia (10.44) e Éfeso (19.6). Mas em nenhuma dessas ocasiões o povo presenciou sinais na natureza como Joel predissera.

Por fim, Lucas é igualmente reservado com respeito ao cumprimento da profecia de Joel concernente aos sinais e prodígios. O profeta prediz que todas essas coisas acontecerão "antes que o grande e glorioso dia do Senhor venha". Todavia, à parte do anúncio pelos anjos quando da ascensão de Jesus (1.11), Lucas não coloca ênfase alguma na doutrina da volta de Cristo em Atos dos Apóstolos.[31] Mesmo se os crentes no dia de Pentecostes aguardassem o eventual retorno de Je-

31. Veja Herman N. Ridderbos, *The Speeches of Peter in the Acts of the Apostles* (Londres: Tyndale, 1962), p. 15.

sus, Lucas focaliza a atenção na sua morte, ressurreição e exaltação (vs.22-36) mas não na sua volta. Relata apenas o que Pedro citou da profecia de Joel. Logo ele realiza o propósito de seu escrito, a saber, mostrar que os apóstolos são testemunhas desde Jerusalém até aos confins do mundo (1.8). De modo inverso, nos escritos de Pedro compostos próximos ao fim de sua vida, o apóstolo delineia, de forma bem distinta, a volta de Cristo como uma doutrina fundamental da igreja (1Pe 5.4; 2Pe 3.4,10-13). Pedro, de forma apropriada, designa a volta de Cristo como "o dia do Senhor", isto é, o dia do juízo. Para o incrédulo esse dia significa castigo eterno, mas para o cristão ele significa salvação na presença do Senhor.

b. "Todo o que clamar pelo nome do Senhor será salvo." Pedro usa o último versículo de sua citação da profecia de Joel como introdução de sua explanação do evangelho de Cristo (vs.22-36). Paulo cita esse mesmo texto em sua argumentação sobre a salvação (Rm 10.13).[32]

A fraseologia desse versículo específico de Joel indica que Pedro não mais se dirige à multidão como um todo. Ele confronta o ouvinte individualmente com o evangelho de Cristo e lhe diz para invocar o nome do Senhor. Nesse ponto o ouvinte compreende que a palavra *Senhor* significa Deus; mas na conclusão de seu sermão, Pedro declara de forma bem patente que Deus fez Jesus "tanto Senhor como Cristo"(v.36). Quando o crente clama pelo nome do Senhor (comparar com 9.14), ele invoca Cristo.

Deus abre o caminho da salvação para todos os povos, tanto judeus como gentios. Ele faz sua promessa às pessoas individualmente e lhes pede que respondam individualmente.[33] Esses crentes, como membros do corpo de Cristo, constituem a igreja cristã.

Considerações Doutrinárias em 2.17-21

Depois da obra criadora de Deus e a encarnação do seu Filho, o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes foi o terceiro maior ato divino.

32. São várias as alusões à profecia de Joel no Novo Testamento; a maior parte delas aparece em Apocalipse (doze ocorrências). Veja Nes-Al, p. 767.

33. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 22.

Pelo Antigo Testamento sabemos que o Espírito estava presente antes do Pentecostes, mas sempre temporariamente e para propósitos especiais. Por exemplo, o Espírito Santo repousou sobre Eldade e Medade no acampamento de Israel e os tornou capazes de profetizar (Nm 11.26; comparar também com 1Sm 10.6,10). Pelos profetas, os discípulos de Jesus sabiam que Deus derramaria seu Espírito sobre o Messias e sobre a casa de Israel (Is 11.2; 44.3; Ez 39.29; Jl 2.28-32). Deveras, Deus deu o Espírito a Jesus sem limites (Jo 3.34) e encheu João Batista e seus pais com o Espírito Santo (Lc 1.15,41,67).

Depois de sua ressurreição e antes de sua ascensão, Jesus soprou sobre seus discípulos e disse: "Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos" (Jo 20.22,23). Depois, no dia de Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, sobre as mulheres e Maria, os irmãos de Jesus e outros, ao todo 120 pessoas (At 1.12-15; 2.4,17).

Deus enviou o Espírito Santo para estar com a igreja de Jesus para sempre. Quando Jesus reuniu seus doze discípulos, começou a edificar a sua igreja (Mt 16.18) distinta do judaísmo. Enquanto Jesus ainda não tivesse sido glorificado o Espírito Santo não viria, pois o próprio Cristo era a presença divina no meio deles (Jo 7.39). Mas quando ele foi glorificado, soprou sobre eles o Espírito Santo em antecipação do Pentecostes. No intervalo entre a ascensão de Jesus e o Pentecostes, eles experimentaram a presença do Espírito Santo. Com o seu derramamento no Pentecostes, a igreja assumiu sua identidade própria separada do judaísmo.

Em harmonia com a ordem de Jesus aos apóstolos para iniciarem em Jerusalém, Pedro proclamou o evangelho de Cristo primeiro na cidade santa. Mais tarde ele pregou as boas-novas em Samaria e Cesaréia, e nesses lugares o Espírito Santo foi derramado. O resultado é que, desde seu princípio, a igreja de Cristo é uma igreja universal, pois todo cristão confessa as seguintes palavras:

> Creio no Espírito Santo;
> Creio na santa igreja universal,
> na comunhão dos santos.
>
> – Credo Apostólico

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.17 e 21

Versículo 17

ἐκχέω ἀπό – "eu derramarei de". O verbo normalmente toma um objeto direto em vez de uma frase preposicional. Entretanto, a presença da preposição é resultado da tradução literal do texto hebraico para o grego.

ἐνυπνίοις ἐνυπνιασθήσονται – "sonharão sonhos". Aqui está a construção hebraica do infinitivo absoluto transmitida para o grego. A construção hebraica envolve ênfase.

Versículo 21

πᾶς ὅς – "todo aquele que". O pronome relativo não tem nenhum antecedente. Logo, com o adjetivo πᾶς, ele serve como sujeito da sentença. O adjetivo inclui qualquer pessoa, indiscriminadamente.

b. A *Palavra de Deus Cumprida*

2.22-24

Depois de Pedro ter citado uma passagem do Antigo Testamento (Jl 2.28-32) explicando o milagre de Pentecostes que o povo presenciara, está pronto para pregar o evangelho de Cristo. Ele deseja que o povo saiba que, com o derramamento do Espírito Santo, a era messiânica chegou.

22. "Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem atestado por Deus perante vocês com milagres, prodígios e sinais, os quais Deus realizou por intermédio dele no meio de vocês, como vocês mesmos sabem."

a. "Homens de Israel, ouçam estas palavras." Em primeiro lugar, Pedro apela para o que é de conhecimento geral, pois ambos, palestrante e ouvintes, aceitam a Escritura como a Palavra de Deus. Em seguida, ele se dirige ao público com as palavras *homens de Israel*. Essas palavras não transmitem uma mensagem nacionalista, que excluem os gentios; elas não representam machismo algum; e nem tampouco constituem uma mera variação de sua saudação inicial "companheiros judeus" (v.14). A palavra *Israel* nesse contexto é um termo religioso que lembra à platéia de Pedro a aliança que Deus fez com seu povo Israel, isto é, tanto o apóstolo como seus ouvintes são membros

dessa aliança.[34] Com essa saudação, Pedro se torna mais pessoal e a emprega para apresentar Jesus de Nazaré.

b. "Jesus de Nazaré foi um homem atestado por Deus perante vocês com milagres, prodígios e sinais." Pedro usa o nome e lugar da residência de Jesus que são familiares às pessoas.[35] As multidões conheciam Jesus por esse nome (Mt 26.71; Lc 18.37; Jo 18.5,7). Segundo a informação na cruz, esse era o nome de Jesus (Jo 19.19). Pedro o descreve como um homem atestado por Deus durante toda a sua vida terrena, como é evidente pelos milagres, sinais e prodígios que Jesus realizou. A palavra *atestado* descreve Jesus como uma pessoa enviada por Deus e que fala como representante seu. Ninguém na platéia que tenha conhecimento da vida de Jesus pode negar seus feitos miraculosos dando vista aos cegos, ressuscitando os mortos e pregando o evangelho do reino (comparar com Mt 11.5; Lc 7.22). Com efeito, esses milagres, prodígios e sinais demonstram para os ouvintes que a era messiânica é chegada, pois Jesus é o Messias.

c. "[Esses sinais] os quais Deus realizou por meio dele no seu meio, como vocês mesmos sabem." Pedro, na sua proclamação do evangelho, coloca a ênfase sobre Deus.[36] Ele diz que Deus aprovou Jesus (v.22), realizou milagres por intermédio dele (v.22), o entregou para ser morto (v.23), ressuscitou-o dentre os mortos (vs. 24,32) e o fez Senhor e Cristo (v.36). Essa ênfase é de pleno conhecimento de todos, pois esses judeus tementes a Deus (v.5) reconhecem que Jesus não poderia ter feito o que fez a não ser que Deus estivesse com ele (comparar com Jo 3.2; 10.38). Conformemente, Pedro acrescenta "como vocês mesmos sabem."

23. "Esse homem foi entregue a vocês segundo o propósito designado por Deus e por sua presciência, e vocês, usando homens sem lei, pregaram-no na cruz e o mataram."

Observamos os seguintes dois pontos:

a. *O propósito de Deus* – Pedro dá a entender que a platéia tem

34. Veja Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 73; Lenski, *Acts*, p. 80.

35. Veja ainda 3.6; 4.10; 6.14; 22.8; 24.5; 26.9. No grego, a fraseologia difere levemente em 10.38.

36. Consultar Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 22.

pleno conhecimento do julgamento e da morte de Jesus Cristo. Ele emprega o pronome pessoal *vocês* nesse versículo a fim de envolver seus ouvintes para que assumam a responsabilidade pela crucificação de Jesus. Todavia, ele enxerga a prestação de contas deles de uma perspectiva divina. Deus tem total controle, mesmo que os judeus tenham levado Jesus a julgamento e os soldados romanos o tenham matado.

Pedro diz que a morte de Jesus ocorreu segundo "o propósito designado por Deus e por sua presciência". A expressão *propósito designado* indica que um plano foi determinado e ele está claramente definido. O autor desse propósito designado é o próprio Deus (veja 4.28). Pedro tira qualquer dúvida de que Deus tivesse agido temerariamente ao formular seu propósito de entregar Jesus ao povo judeu. Ele acrescenta o termo *presciência*. Com essa palavra o apóstolo aponta para a onisciência de Deus por meio da qual cada parte do seu plano é, de antemão, plenamente conhecida por ele (1Pe 1.2). Em sua primeira epístola Pedro escreve que "[Jesus] foi conhecido antes da criação do mundo" (1Pe 1.20 – NVI). E por fim, por intermédio de todos os profetas do Antigo Testamento, Deus prenunciou que Cristo sofreria (3.18).

b. *Responsabilidade do homem* – Pedro responsabiliza seu público pela morte de Jesus. Do ponto de vista do povo, "a alegação messiânica de Jesus e sua morte na cruz eram fatos irreconciliáveis, opostos autocontraditórios".[37] Sabem que qualquer um que for pendurado num madeiro é amaldiçoado [por Deus]"(Dt 21.23; Gl 3.13). Pedro faz oposição a esse ponto de vista apontando para o conselho determinado de Deus e sua presciência.

Aqui está uma tensão não resolvida entre Deus determinar a morte de seu Filho e o homem ser responsável por cometer a ação (veja 3.17,18; 4.27,28; 13.27). O próprio Deus entregou Jesus aos judeus, que o mataram pregando-o na cruz. Os judeus não podiam se desobrigar, atribuindo a culpa da morte de Jesus aos romanos, a quem chamavam de "homens maus", pois eles próprios haviam empregado a ajuda dos romanos. O apóstolo ensina que os judeus devem ser responsabilizados por matar Jesus (3.15; 4.10; 5.30; 10.39). Eles devem enxergar todos os aspectos do plano de Deus. Assim sendo, Pedro diz:

37. Günter Dulon, *NIDNTT*, vol. 1, p. 473.

24. "Deus o ressuscitou, tendo-o livrado da agonia da morte, porque era impossível que ele fosse mantido sob o poder dela".

Pedro declara o fato da ressurreição de Cristo. Ele observa, positivamente, que Deus levantou Jesus dentre os mortos. Ele afirma a doutrina apostólica da ressurreição, um tema recorrente em Atos.[38] Deus realizou seu plano em estágios predeterminados: primeiro a morte de Cristo, e depois sua ressurreição.

Deus levantou Jesus "tendo-o livrado da agonia da morte". A tradução literal do texto grego da palavra "agonia" é "dores de parto". Mas qual é o significado de livrar Jesus das dores de parto da morte? Alguns intérpretes têm sugerido que Pedro, falando aramaico, tenha empregado uma outra palavra para dores de parto, a saber, laços.[39] Argumentam que os salmistas falam de "laços de morte" (Sl 18.4; 116.3; e veja 2Sm 22.6). Não podemos determinar que palavra Pedro usou em aramaico. O grego, entretanto, traz a expressão *dores de parto*, que também ocorre no discurso de Jesus a respeito do final dos tempos (Mt 24.8; Mc 13.8). Essa expressão é uma figura de linguagem que não deve ser forçada (comparar com a expressão *as portas do inferno* em Mt 16.18). Deus livrou Jesus da agonia que acompanha a morte.

Pedro dá a razão do livramento de Jesus da agonia da morte: "porque era impossível que ele fosse mantido sob o poder dela". Deus pronunciou a maldição de morte sobre a raça humana quando Adão caiu em pecado (Gn 3.17,18; veja também Gn 2.17). Mas o Jesus sem pecado, que tomou sobre si o pecado do mundo (Jo 1.29), removeu o aguilhão da morte (1Co 15.55,56) quando morreu na cruz. Assim, a morte não tinha mais poder algum sobre ele.

A morte não pode segurar sua presa –
Jesus, meu Salvador.
– Robert Lowry

38. Veja também 2.32; 3.15; 5.30; 10.40; 13.30,34,37; 17.31.
39. Comparar com Robert G. Bratcher, "'Having Loosed the Pangs of Death'", *BibTr 10* (1959): 18-20; Haenchen, *Acts*, p. 180.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.23,24

Versículo 23

βουλῇ χαὶ προγνώσει – estes dois substantivos são precedidos por um artigo definido (τῇ) e portanto estão estreitamente ligados. βουλῇ (propósito) está qualificado pelo particípio passivo perfeito ὡρισμένῃ (do verbo ὁρίζω [eu estabeleço limites; determino]).

ἔχδοτον – este é um adjetivo verbal de ἐκδίδωμι (eu desisto) que expressa a construção passiva *foi entregue*; Deus é o agente implícito.

διὰ χειρός – é literalmente "pela mão [de]". Esta é uma típica construção hebraica traduzida para o grego.

Versículo 24

ὠδῖνας – "dores de parto". O texto grego não tem variações dessa palavra. Entretanto no hebraico, o texto massorético traz *ḥeḇel* (laço) em vez de *ḥēḇel* (dores de parto) nos Salmos 18.6 e 116.3. A Septuaginta [Sl 18.6 = 17.6 e 116.3 = 114.3] traz ὠδῖνες. O texto da Septuaginta e as palavras de Pedro são bem anteriores ao ponto vogal relativamente recente do texto massorético, sendo portanto preferíveis.

c. *A Profecia de Davi*

2.25-28

25. "Pois Davi disse a respeito dele:
'Eu via o Senhor sempre diante de mim;
pois ele está à minha destra,
para que eu não seja abalado.
26. Portanto meu coração se alegrou
e a minha língua exultou;
até mesmo meu corpo habitará em esperança,
27. porque não me abandonarás na sepultura,
nem permitirás que o teu Santo entre em decomposição;
28. Tu me fizeste conhecidos os caminhos da vida;
e me encherás de alegria na tua presença'".

Aqui está a segunda das três citações do Antigo Testamento no sermão de Pedro no Pentecostes. Ela segue a tradução grega do Salmo 16.8-11, que pouco difere do texto hebraico nessa passagem. Pedro

cita esse salmo para apoiar seu ensinamento de que Deus levantou Jesus dentre os mortos e assim cumpriu a profecia de Davi concernente ao Cristo e sua ressurreição. Paulo também cita um versículo desse salmo quando prega em Antioquia da Pisídia e vê o cumprimento da ressurrreição de Jesus no Salmo 16.10: "Não permitirás que o teu Santo veja corrupção" (13.35).

a. "Eu via o Senhor sempre diante de mim; pois ele está à minha destra, para que eu não seja abalado." Davi se revela como alguém que deposita sua confiança totalmente em Deus. Fala como filho de Deus que sabe que ele nunca está longe de si. De fato, Davi enxerga o Senhor na sua frente; o texto hebraico diz "o Senhor, tenho-o sempre na minha presença" (Sl 16.8). Deus se encontra à destra de Davi e por causa da sua presença ele está tranqüilo. A cláusula "ele está à minha destra" (Sl 73.23; 109.31; 110.5; 121.5) descreve Deus como protetor de Davi.

b. "Portanto meu coração se alegrou e a minha língua exultou." Devido à estreita comunhão que Davi tem com Deus e a confiança que nele deposita, seu coração está cheio de alegria e felicidade. Ele expressa seus sentimentos entoando cânticos de louvor. Davi faz referência ao seu coração, que é o centro de seu ser. Ele crê com o seu coração e confessa com a sua boca (Rm 10.10). E continua: "Meu corpo habitará em esperança". A versão hebraica do texto do Salmo 16.9b traz o seguinte: "meu corpo também descansará seguro". Davi sabe que fisicamente está salvo e seguro mesmo em face da morte. Ele deposita sua confiança em Deus. Eis a razão:

c. "Porque não me abandonarás na sepultura, nem permitirás que o teu Santo entre em decomposição". Apesar de Davi estar se referindo a si próprio na primeira parte do versículo (v.27; Sl 16.10), na segunda metade ele profetiza acerca do Messias e sua ressurreição. Davi expressa sua confiança de que o sepulcro não marcará o fim de sua comunhão com Deus. Continuará gozando a vida na presença do Senhor. Ele repete esse pensamento no versículo seguinte: "Tu me fizeste conhecidos os caminhos da vida" (v.28; Sl 16.11).

Muitas versões transliteram o termo grego *Hades*.[40] Esse é o termo

40. Por exemplo, NKJV, JB, RSV, NASB.

para o hebraico *Seol*, que significa "cova" ou "túmulo". Em seu sermão, Pedro emprega a palavra *Hades*, não no sentido de "morada dos mortos", mas como sepultura. Mesmo no sepulcro Deus não abandona seu próprio filho, mas assegura-lhe a ressurreição. A sentença "nem permitirás que o teu Santo entre em decomposição", é a segurança de Davi da afirmação de Deus.

Paulo fornece uma análise lógica das palavras de Davi e as aplica a Cristo. Ele diz: "Porque Davi, após ter servido o propósito de Deus em sua própria geração, adormeceu. Foi sepultado com seus pais e entrou em decomposição. Mas aquele a quem Deus levantou dentre os mortos não entrou em decomposição" (13.36,37). A explicação de Pedro do comentário de Davi é mais explícita ainda (vs.29-32). Ele aponta para a evidência do túmulo de Davi em Jerusalém, porém o sepulcro de Cristo está vazio porque Deus o ressuscitou dos mortos. E o próprio Pedro pode testificar desse fato.

d. "Tu me fizeste conhecidos os caminhos da vida; e me encherás de alegria na tua presença." Na última parte desse salmo, Davi lança mão do recurso literário do contraste: negativo e positivo, morte e vida, decomposição e presença de Deus. Notar também o contraste entre "me" e "seu Santo". Mesmo se a segunda metade do versículo 27 (Sl 16.10) se referir ao próprio Davi, o fato de que Pedro o chama de profeta não aponta para o salmista, e sim, para Cristo. Não obstante, no último versículo desse salmo, Davi fala a respeito de si mesmo; ele resume sua comunhão íntima com Deus.

Davi reconhece que Deus lhe deu revelação divina que o instrui a seguir os caminhos da vida. Ele declara: "Tu me fizeste conhecidos os caminhos da vida". Para Davi, a Palavra de Deus é uma lâmpada para os seus pés e luz para os seus caminhos (Sl 119.105). Ele sabe que o próprio Deus é uma fonte de vida, de forma que Davi pode desfrutar a plenitude da vida na presença de Deus. A alegria de Davi consiste em andar continuamente no caminho da vida em comunhão com o seu Senhor.

A frase *na tua presença* constitui uma fonte de alegria, pois a presença de Deus é a luz das luzes.[41] Nas palavras do apóstolo João: "Ora,

41. Consultar Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Psalms*, trad por. Francis Bolton, 3 vols. (1877; Grand Rapids: Eerdmans, 1955), vol. 1, p. 229.

a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa" (1Jo 1.3,4).

Considerações Doutrinárias em 2.25-28

Os escritores do Antigo Testamento sabem que ninguém pode escapar do poder da morte e que todos descem à sepultura no tempo designado. Sabem também que Deus tem poder sobre a morte e que na sua presença eles têm vida eterna. Dessa forma, Jó declara confiantemente que, apesar de a morte destruir sua pele na tumba, ele verá a Deus na sua carne (Jó 19.25-27). Cheio de esperança, Davi afirma que verá a face de Deus e terá acesso a ele depois da morte (Sl 11.7; 16.9-11; 17.15). E Asafe confessa que está sempre junto de Deus, que o levará para a glória. Mesmo quando seu ser físico fenecer, Deus é a sua porção para sempre (Sl 73.23-26).

Os cristãos primitivos aplicavam o Salmo 16.10 a Cristo: "Porque não me abandonarás na sepultura, nem permitirás que o teu Santo entre em decomposição". Eles interpretavam as palavras de Davi no sentido de que o túmulo não poderia destruir o corpo de Jesus. Em hebraico a palavra *destruir* (*šāhaṭ*) tem a mesma raíz de *sepultura* (*šāhaṭ*). "O sepulcro ou cova é o lugar onde o corpo é destruído."[42] O corpo de Cristo não viu decomposição, porém foi glorificado na sua ressurreição. Conseqüentemente, a promessa de Deus não foi cumprida em Davi, e sim, em Cristo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.25 e 27

Versículo 25

εἰς αὐτόν – junto com o acusativo, a preposição é comparável ao dativo da referência "com respeito a".[43]

διὰ παντός – a expressão significa, literalmente, "durante todo [o tempo]" com a provisão do substantivo χρόνος.

42. Friedmann Merkel, *NIDNTT*, vol. 1, p. 470. Haenchen e Longenecker observam que Lucas omite de seu Evangelho o clamor de Jesus "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Sl 22.1). Lucas inclui a referência de Jesus ao Paraíso (Lc 23.43) e suas palavras "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito" (v.46). O paralelo com o Salmo 16.8 é significativo. Haenchen, *Acts*, p. 181; Longenecker, *Acts*, pp. 281-82.

43. Veja H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1967), p. 103.

Versículo 27

εἰς – junto com o acusativo, a preposição tem o sentido de ἐν com o dativo "dentro do sepulcro".

ὅσιον – esse adjetivo aparece oito vezes no Novo Testamento, cinco das quais estão em citações. Empregado para Deus, dá idéia de que ele é santo no juízo (Ap 16.5). Jesus é o Santo (hebraico: *ḥasîd*), a quem Deus levantou dentre os mortos.[44]

---

d. *A Promessa de Deus Cumprida*

2.29-36

29. "Homens e irmãos, posso dizer confiantemente a vocês que o patriarca Davi tanto morreu como foi sepultado, e seu túmulo está conosco até hoje. 30. E sendo profeta, ele sabia que Deus lhe fizera juramento de colocar um de seus descendentes no seu trono."

Pedro se dirige à multidão chamando-lhes de "irmãos". Na reunião dos 120 crentes ele empregou o mesmo tratamento (1.16). Depois de citar o texto do Salmo 16, familiar ao público devido ao seu uso nas sinagogas locais, Pedro se identifica com seus ouvintes e usa o termo *irmãos*.[45]

a. *Patriarca* – Ao mencionar Davi e chamá-lo de "patriarca", Pedro se relaciona efetivamente com os judeus; o nome *Davi* lembra a eles a era dourada de Israel. Davi morrera e fora sepultado em Jerusalém, e sua tumba permanecia ali até mesmo no tempo dos apóstolos.[46] Ninguém faz objeção à referência de Pedro, pois o que ele diz é incontestável. Todos já tinham visitado o sepulcro de Davi; assim sendo, Pedro pode falar com confiança acerca desse fato histórico.

Entretanto, o apóstolo não está tão interessado na história da morte e do sepultamento de Davi, mas na interpretação do texto do Salmo 16.10.

---

44. Comparar com R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (1854; Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 329.

45. A saudação *irmãos* (literalmente "homens [e] irmãos") ocorre apenas em discursos quando judeus falam a platéias judaicas (1.16; 2.29,37; 7.2; 13.15,26,38; 15.7,13; 22.1; 23.1,5,6; 28.17).

46. Veja Neemias 3.16. Josefo comenta que o túmulo de Davi era uma edificação que continha várias salas e criptas para o sepultamento dos reis. *Antiquities* 13.8.4 [249]; 16.7.1 [179]; *War* 1.2.5[61]. A tumba permaneceu intocada durante a destruição de Jerusalém em 70 a.C. e ainda era mencionada no tempo de Hadriano (117-38 d.C.).

Deus fizera uma aliança eterna com os israelitas; ele prometera a Davi o seu amor fiel (Is 55.3). Porém Davi morreu. Pedro o chama de patriarca e dessa forma o coloca no mesmo nível de Abraão, Isaque, Jacó e os doze cabeças das tribos de Israel. O corpo de Davi sepultado numa tumba é a evidência silenciosa para Pedro e seus contemporâneos de que essa citação específica do salmo (Sl 16.10) permanece sem cumprimento.

b. *Profeta* – Davi não cumpre, ele próprio, as palavras do Salmo 16.10, mas fala profeticamente acerca de outra pessoa. Davi é rei de Israel; entretanto age como profeta. De fato, junto com o restante dos profetas do Antigo Testamento, Davi está "tentando descobrir para que pessoa e para qual tempo o Espírito de Cristo neles estava apontando quando predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam" (1Pe 1.11). No Salmo 16, Davi olha para a frente, em direção ao Cristo ressurreto. Para compor esse salmo, Davi recebeu uma revelação de Deus e profetizou acerca do Messias.

"[Davi] sabia que Deus lhe fizera juramento." O uso do juramento não representa apenas garantia da varacidade de uma declaração; fazer um juramento significa que o que for firmado jamais pode ser mudado.[47] Quebrar um juramento é perjúrio. Desse modo, quando Deus promete em juramento que fará alguma coisa, ele certamente cumprirá a sua promessa.

O que Deus prometeu a Davi em juramento? Que "colocaria um dos descendentes [de Davi] no seu trono". A Escritura do Antigo Testamento declara com clareza que Deus fez um juramento com respeito aos sucessores de Davi. Aqui está uma passagem:

> O Senhor fez um juramento a Davi,
> um juramento seguro que não irá revogar:
> "Um de seus descendentes
> eu colocarei no seu trono –
> se seus filhos guardarem a minha aliança
> e os estatutos que eu lhes ensinar, então
> os filhos deles se assentarão
> no seu trono para sempre e sempre" [Sl 132.11,12, NVI].[48]

47. F. Charles Fensham, "Oath", *ISBE*, vol. 3, p. 573.
48. Veja também 2 Samuel 7.12-16; Salmo 89.3,4,35,36.

Essa passagem indica a cláusula condicional na promessa de Deus a Davi, pois seus descendentes ficaram obrigados a guardar a aliança de Deus e a obedecer aos seus preceitos. O Messias, rebento de Davi, guarda a aliança e cumpre a lei (Mt 5.17; Rm 10.4). Cristo ocupa o trono de Davi para sempre (Lc 1.32,33), não num reino terreno, mas num reino eterno e espiritual (Jo 18.36). E note ainda que com o juramento feito por Deus concernente ao sucessor de Davi, o Senhor quer dizer que o Messias cumpre a promessa.[49]

31. "Olhando adiante, ele falou no que concerne à ressurreição de Cristo, que ele não foi abandonado na sepultura nem seu corpo entrou em decomposição."

Nos versículos 30 e 31, os termos *profeta, sabia, olhando adiante* e *falou* estão intimamente relacionados. As palavras se ligam à função profética de Davi e o descrevem como percorrendo com os olhos o horizonte do futuro e predizendo a ressurreição do Messias. Profeticamente Davi sabia que o Messias se levantaria do túmulo e teria vida eterna.[50] Por essa razão Pedro diz que Davi falou da ressurreição do Messias no Salmo 16.10, "porque não me abandonarás na sepultura, nem permitirás que o teu Santo entre em decomposição". Pedro vê o cumprimento desse salmo e portanto muda os tempos dos verbos do futuro para o passado: "[Cristo] não *foi abandonado* na sepultura, nem seu corpo *entrou* em decomposição" (itálico acrescentado). Conseqüentemente, Pedro enxerga a ressurreição de Cristo para a vida eterna como a consumação do reinado espiritual de Davi no qual Cristo é rei para sempre. Ele não coloca a ênfase em Davi, o compositor do salmo, mas em Cristo, que cumpriu suas palavras. Além disso, Pedro afirma que a evidência dessa sua observação é irrefutável. Ele faz a seguinte observação:

32. "A este Jesus Deus ressuscitou, e todos nós somos testemunhas disso. 33. Portanto, tendo sido exaltado à destra de Deus, e havendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, ele derramou o que vocês agora vêem e ouvem".

---

49. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 73.

50. "Devemos advertir a igreja cristã que o ponto de vista de Pedro afirma claramente que a função profética de Davi permitiu-lhe ter uma clara previsão da ressurreição de Cristo." Walter C. Kaiser, Jr., "The Promise to David in Psalm 16 and Its Application in Acts 2.25-33 and 13.32-37," *JETS* 23 (1980): 229; também publicado em *The Uses of the Old Testament in the New* (Chicago: Moody, 1985), p.40.

Nesses dois versículos Pedro nota os fatos redentores da ressurreição e ascensão de Jesus associados ao derramamento do Espírito Santo. Na verdade, ele faz referência às três Pessoas da Trindade: o Pai, Jesus e o Espírito Santo. Três vezes no seu sermão do Pentecostes ele aponta enfaticamente para Jesus como *esse* Jesus (veja vs.23,32,36) a fim de lembrar ao seu público o conhecimento e familiaridade deles com Jesus de Nazaré (v.22). Mais uma vez Pedro ressalta o tema da igreja primitiva: a ressurreição dos mortos (v. 24; e veja 13.30,33,34,37; 17.31).

Nos versículos 32 e 33 Pedro faz uma distinção entre as testemunhas apostólicas ("todos nós somos testemunhas") que viram o Jesus ressurreto, e a multidão que observa o fenômeno do Pentecostes ("o que vocês agora vêem e ouvem"). Em outro contexto, Pedro declara que Jesus apareceu apenas àquelas testemunhas "que foram de antemão designadas por Deus" (10.41). De modo inverso, a multidão no Pentecostes não viu o Cristo ressurreto; eles viram e ouviram os indícios visíveis e audíveis da presença do Espírito Santo.

Pelo fato de a platéia de Pedro não ter visto Jesus no período dos quarenta dias entre sua ressurreição e ascenção, eles precisavam provas de que o que as testemunhas oculares proclamavam era verdadeiro. Dessa forma desejavam saber a relação entre a ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito Santo. Para responder às perguntas de seus ouvintes, Pedro faz alusão à ascensão de Jesus e menciona o lugar de Cristo à destra de Deus (comparar com 5.31). Os cristãos formularam finalmente essas verdades no Credo Apostólico e confessaram que Jesus Cristo

> Subiu ao céu,
> E está assentado à direita
> De Deus Pai, Todo-poderoso..

De sua posição de exaltação, Jesus cumpriu a promessa de que o Pai enviaria o Espírito Santo (Veja Jo 7.39; 14.26; 15.26). No dia de Pentecostes, as palavras de Jesus concernentes à vinda do Espírito estão sendo cumpridas. Conseqüentemente, todos os presentes na área do templo em Jerusalém podem enxergar a evidência do derramamento do Espírito. Os ouvintes devem saber, então, que Jesus, assentado à direita de Deus, tem a autoridade de comissionar o Espírito a vir e habitar nos corações dos crentes.

Pedro se aproxima do final de seu sermão, e por fim responde à pergunta da platéia: "O que significa isso?" (v.12). Quer dizer, o Espírito Santo prometido por Jesus como dom do Pai veio da autoridade de Jesus para enviar o Espírito. Pedro diz aos seus ouvintes que Jesus certamente ocupou o assento de honra ao lado de Deus, o Pai. Ele diz:

34. "Pois Davi não subiu ao céu, mas ele mesmo disse: 'o Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita 35. até que eu faça seus inimigos como estrado para seus pés'".

Pedro introduz o nome de Davi mais uma vez para ligar o Salmo 16.8-11 ao Salmo 110.1. Se alguém dentre os ouvintes de Pedro questionasse se o primeiro salmo se referia ou não a Cristo, a citação do segundo salmo prova, sem sombra de dúvida, que Jesus subiu e está sentado no trono do céu. O povo judeu interpretava a Escritura com a regra hermenêutica da analogia verbal, isto é, se duas passagens possuem uma analogia verbal (como no caso dessas duas citações do Saltério), então uma deve ser interpretada do mesmo modo que a outra. Os judeus consideravam o Salmo 110 como sendo messiânico, e portanto tinham de interpretar a passagem do Salmo 16 de forma igualmente messiânica.

O Salmo 110.1 não se aplica a Davi, mas a Cristo (veja Mt 22.41-46). No seu debate com os fariseus, Jesus demonstra que nesse salmo Davi fala da exaltação de Cristo no céu e da autoridade que lhe foi confiada.[51] Ele reina e não será completamente vitorioso até que todos os seus inimigos se tornem estrado para seus pés.

36. "Portanto, que toda a casa de Israel saiba com certeza que Deus fez desse Jesus, a quem vocês crucificaram, tanto Senhor como Cristo."

Aqui está a conclusão do sermão de Pedro. Ele profere uma admoestação dirigida a cada membro pertencente à casa de Israel e diz que Jesus é tanto Senhor como Cristo.

Observe os seguintes pontos:

a. *Todo Israel* – Nessa conclusão Pedro apela a todas as pessoas que alegam ser israelitas. Ele o faz porque a nação de Israel se conside-

51. Consultar Longenecker, *Acts*, pp. 279-80.

rava povo de Deus. Repetidas vezes Deus havia dito aos descendentes de Abraão: "Eu serei [o seu] Deus, e [eles] serão o meu povo" (Jr 31.33). E ainda, quando Jesus enviou os discípulos em sua primeira viagem missionária, ele os instruiu a não irem aos gentios: "De preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10.6). Cristo endereça seu evangelho primeiro aos judeus, depois aos samaritanos (At 8.4-25), e por último aos gentios (At 10.24-48). No dia do Pentecostes a platéia judaica precisa ter plena segurança da verdade do evangelho.

b. *Deus* – Qual é o conteúdo dessa verdade? Pedro diz: "Deus fez desse Jesus, a quem vocês crucificaram, tanto Senhor como Cristo". Por todo o seu sermão, o apóstolo faz de Deus o principal orador e executor (vs.17,22-24,30,32,36). Na conclusão, ele muda a atenção para a deidade de Jesus Cristo, a quem coloca no mesmo nível de Deus. Faz isso tendo plena consciência do credo monoteístico do povo judeu: "Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus, o Senhor é um" (Dt 6.4, NVI). Pedro ensina a divindade de Jesus Cristo, colocando-o assim ao lado de Deus. Ele salienta que, apesar de o povo judeu ter crucificado Jesus (v.23), Deus fez dele tanto Senhor como Cristo. Quando Pedro declara que Deus fez Jesus Senhor e Cristo, ele não comunica a interpretação de que Deus exaltou Jesus depois de sua morte na cruz. Pelo contrário, o Novo Testamento alude à exaltação de Jesus mesmo antes de seu sofrimento na cruz do Calvário.[52] Naturalmente os títulos *Senhor* e *Cristo* são usados depois da ressurreição e ascensão de Jesus, quando os apóstolos tomam consciência do significado desses acontecimentos redentores.

c. *Senhor e Cristo* – Aqui está a questão. Durante os primeiros tempos de seu ministério, Jesus nunca se referiu a si próprio como o Cristo. Somente no seu julgamento foi que ele respondeu afirmativamente à pergunta do sumo sacerdote concernente ao seu messianismo (Mc 14.61,62). Todavia, no primeiro sermão registrado de um dos apóstolos de Jesus, Pedro o chama de Senhor e Cristo.[53] Enquanto na Escritura do Antigo Testamento o termo *Senhor* indica Deus, nos escritos do

52. Veja especialmente Mateus 22.44 (e passagens paralelas); 26.64. Consultar Harrison, *The Apostolic Church*, pp. 51-52.

53. A literatura a esse respeito é extensiva. Veja, por exemplo, Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 515; Richard N. Longenecker, *The Cristology of Early Jewish Christianity*, Studi-

Novo Testamento os seguidores de Jesus o chamam tanto de Senhor como Cristo. A comunidade dos cristãos primitivos criou esses termos e os aplicou a Jesus?[54] Dificilmente. Note que o anjo que proclama o nascimento de Jesus diz aos pastores no campo de Belém que "[Jesus] é Cristo, o Senhor" (Lc 2.11). As palavras de Pedro falam claramente que Deus, e não a igreja cristã, fez de Jesus tanto Senhor como Cristo. Quer dizer, em conseqüência da morte e ressurreição de seu Filho, Deus declara que Jesus é certamente o Cristo, o soberano Senhor (comparar com Rm 1.4).

Considerações Doutrinárias em 2.36

Nesse versículo, os dois títulos, *Senhor* e *Cristo* são significativos. O versículo indica que o próprio Deus concedeu esses títulos a Jesus. Assim, o título *Senhor* pertence a Jesus em vez de a Deus o Pai, pois os escritores do Novo Testamento declaram que todo joelho deve se dobrar diante dele e toda língua confessar que ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores (veja Fp 2.9-11; Ap 17.14; 19.16). E ainda, antes de ter ascendido ao céu, Jesus revelou sua posição real quando disse: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18).

Em seu sermão, Pedro fala acerca de Jesus de Nazaré, a quem os judeus haviam crucificado. Ele menciona acontecimentos históricos bem conhecidos de seu público, e dessa forma liga os nomes *Jesus* e *Cristo* (v.31).[55] Pedro escreve enfaticamente "esse Jesus" (vs.32,36), que é exaltado à posição da mais alta honra. Jesus está sentado ao lado de Deus o Pai (v.33), pois ele é o Cristo, o Filho de Deus.

---

es in Biblical Theology, série 2ª 17 (Londres: SCM, 1970), p. 129; Vincent Taylor, *The Names of Jesus* (Londres: Macmillan, 1953), p. 43.

54. Para um estudo acerca desse ponto de vista, veja Wilhelm Bousset, *Kyrios Christos: A History of the Belief in Christ from the Beginnings of Christianity to Irenaeus*, trad. por John E. Steely (Nashville: Abingdon, 1970), p. 146. Veja Rudolf Bultmann, *Theology of the New Testament*, trad. por Kendrick Grobel, 2 vols. (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1951), vol. 1, p. 51.

55. Consultar Guthrie, *New Testament Theology*, p. 246.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.30-36

Versículo 30

ὅρκῳ ὤμοσεν – "[ele] havia jurado um juramento" (NKJV). Apesar do substantivo ser redundante em nossa língua, seu uso no dativo reflete, talvez. a construção hebraica do infinitivo absoluto.

καθίσοι – o infinitivo aoristo ativo de καθίζω (eu me sento; sentado) deve ser tomado como um verbo transitivo e não intransitivo. O objeto direto é "um de seus descendentes" (RSV, NASB).

Versículo 32

τοῦτον τὸν Ἰησοῦν – o pronome demonstrativo que precede o artigo definido e o substantivo significa ênfase. Veja também o versículo 36.

ἡμεῖς – esse pronome pessoal foi colocado entre o adjetivo πάντες (todos) e o verbo ἐσμεν (nós somos) para dar ênfase. É aparente o contraste implícito com ἡμεῖς (vocês) no versículo subseqüente (v.33).

Versículo 33

τῇ δεξιᾷ – deve ser fornecido o substantivo *mão*. O dativo pode ser instrumental ("ao lado da mão direita"), locativo ("à mão direita") ou diretivo ("na mão direita").[56]

τε – esta partícula adjunta conecta a cláusula ao particípio aoristo passivo ὑψωθείς (exaltado) e a cláusula ao particípio aoristo ativo λαβών (recebeu).

Versículo 36

ἀσφαλῶς – empregado figurativamente, o advérbio significa "sem dúvida alguma".Ele aparece na sentença em primeira mão a fim de conferir-lhe ênfase.

πᾶς οἶκος Ἰσραήλ – "existe apenas uma 'casa de Israel'".[57] Essa construção significa, portanto, "toda a casa de Israel".

Lucas apresenta um resumo do sermão de Pedro. Ainda assim o

56. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 190.

57. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 772.

leitor é capaz de sentir o efeito dramático da reação do público à pregação da Palavra. Em resposta ao discurso do apóstolo, as pessoas ficam grandemente perturbadas e, em resposta ao discurso de Pedro, perguntam a Pedro e seus companheiros: "O que devemos fazer?"

e. *Resultado Genuíno*

2.37-41

37. Então, quando ouviram isso, lhes cortou o coração e disseram a Pedro e ao restante dos apóstolos: "Homens e irmãos, o que devemos fazer?"

a. "Agora, quando ouviram isso." As palavras de Pedro atingem o coração das pessoas. Seu sermão lembra a elas de sua recusa em ouvir a Jesus e aceitá-lo como o Messias. A acusação do apóstolo de que crucificaram e mataram Jesus é comprovada e penetra na consciência deles.

b. "Lhes cortou o coração." O termo *cortar*, na verdade significa que o coração deles são trespassados pela culpa de forma que ficam profundamente perturbados (GNB). Os que receberam a revelação de Deus sabem que são culpados. Conseqüentemente exclamam: "Homens e irmãos, o que devemos fazer?" No dia do Pentecostes eles vêem evidência do derramamento do Espírito Santo, ouvem a exposição de Pedro e se dão conta de que pecaram contra Deus ao se recusarem a aceitar o seu Filho. Agora voltam-se para os seguidores imediatos de Jesus e pedem conselho aos apóstolos.

c. "[Eles] disseram a Pedro e ao restante dos apóstolos." Eles se dirigem a Pedro e àqueles que estão com ele empregando a mesma expressão "irmãos" (v.29) que o apóstolo usara com eles. Dessa maneira estabelecem um elo mútuo de parentesco espiritual. Fazendo a pergunta "o que devemos fazer?" eles vão até a fonte que proporciona a informação necessária. Fazem a mesma pergunta que a multidão fez a João Batista no Jordão (Lc 3.10; veja também At 16.30; 22.10). Essa pergunta indica que são incapazes de retirar sua culpa e portanto precisam de ajuda.[58] Em resposta às palavras de Pedro, eles expressam fé em Jesus e indiretamente suplicam os apóstolos para conduzi-los a Deus.

58. Veja Lenski, *Acts,* p. 104.

38. Pedro lhes respondeu: "Arrependam-se e sejam batizados, cada um de vocês, no nome de Jesus Cristo, para o perdão dos seus pecados. E vocês receberão o dom do Espírito Santo. 39. A promessa é para vocês e seus filhos e para todos os que estão longe – tantos quantos o Senhor nosso Deus irá chamar para si mesmo".

Tecemos as seguintes considerações:

a. *Arrependimento* – O povo indaga de Pedro e do restante dos apóstolos como podem receber a remissão do pecado e encontrar a salvação. O que Pedro lhes diz? Ele não lhes dirige palavras de reprimenda. Em vez disso, profere a mesma palavra dita por João Batista no Jordão e por Jesus durante seu ministério: "Arrependam-se" (veja Mt 3.2; 4.17). O imperativo *arrependam-se* sugere que os judeus se voltem do mal que cometeram, tenham intensa aversão pelos pecados que cometeram, experimentem uma virada completa na vida e sigam os ensinamentos de Jesus.[59]

Arrependimento significa que a mente do homem é mudada completamente, de forma que ele, conscientemente, vira as costas ao pecado (3.19).[60] O arrependimento faz com que a pessoa pense e aja em harmonia com os ensinos de Jesus. O resultado é que ela rompe com a incredulidade e, pela fé, aceita a Palavra de Deus.

b. *Batismo* – Pedro continua e diz: "Seja batizado, cada um de vocês". No grego, o verbo *arrepender* no imperativo está no plural; o apóstolo se dirige a todas as pessoas cuja consciência as levam ao arrependimento. Mas o verbo *seja batizado* está no singular e salienta a natureza individual do batismo. O cristão deve ser batizado para ser um seguidor de Jesus Cristo, pois o batismo é o sinal que indica que a pessoa pertence ao grupo do povo de Deus.

Arrependimento, batismo e fé estão teologicamente interligados. Quando o crente arrependido é batizado, ele faz um compromisso de fé. Aceita Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador e sabe que, por meio do sangue de Cristo, seus pecados são perdoados. Pedro instrui o

59. Thayer, p. 405; Bauer, p. 512. Consultar também Jürgen Goetzmann, *NIDNTT*, vol. 1, p. 358.

60. De acordo com Louis Berfhof, o verdadeiro arrependimento engloba três elementos: intelecto, emoções e vontade. Veja *Systematic Theology*, 2ª ed. revista (Grand Rapids: Eerdmans, 1941), p. 486.

povo, é claro, que o batismo deve ser "no nome de Jesus Cristo para o perdão dos seus pecados". O perdão dos pecados acontece somente por intermédio de Cristo em conseqüência de sua morte e ressurreição (veja Rm 6.1-4). Como precursor de Jesus, João Batista pregava o arrependimento do pecado e depois batizava as pessoas que viravam as costas ao pecado (Mc 1.4).

c. *Nome* – Pedro assevera que o crente deve ser batizado "no nome de Jesus Cristo para o perdão dos seus pecados". A instrução parece ir contra as palavras da Grande Comissão, quando Jesus diz aos apóstolos que batizem os crentes no nome do Deus Triúno (Mt 28.19,20). Observe, em primeiro lugar, que o termo *nome* inclui a plena revelação concernente a Jesus Cristo (veja ainda 8.12; 10.48; 19.5). Quer dizer, essa palavra aponta para a sua pessoa e obra e para aqueles a quem ele redimir. Em outras palavras, Pedro não está contradizendo a fórmula batismal dada por Jesus; em lugar disso, ele ressalta a função e o lugar singulares que Jesus tem no que se refere ao batismo e à remissão de pecados. Em seguida, Pedro usa o nome composto *Jesus Cristo* para indicar que Jesus de Nazaré com certeza é o Messias. Assim como Jesus cumpre as profecias relativas à vinda do Messias, assim também o batismo no seu nome é o cumprimento do batismo de João (veja 19.1-7). O batismo de João era apenas com água, mas o de Jesus é com água e com o Espírito Santo (comparar com Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33; At 1.5).

d. *Dom* – "E vocês receberão o dom do Espírito Santo." Dentro da igreja primitiva, esse texto provou não apresentar contradição alguma às palavras de João Batista: "Eu os batizo com água, mas ele [Jesus] os batizará com o Espírito Santo" (Mc 1.8 – NVI). No século 1º, os cristãos viam o batismo de João como a sombra e o de Jesus como a realidade. Assim sendo, a pessoa batizada no nome de Jesus declara sua fidelidade a Cristo, confessando particularmente que *Jesus é Senhor* (Rm 10.9; 1Co 12.3).[61]

O que vem a ser esse dom do Espírito? Pedro coloca o substantivo *dom* no singular, e não no plural. Em contraste, Paulo escreve à igreja de Corinto acerca dos dons do Espírito Santo, dentre eles: sabedoria,

61. Marshall, *Acts*, p. 81.

conhecimento, fé, curas, profecias, línguas e interpretação (1Co 12.8-11,28-31; 14.1,2). Mas ao povo presente no Pentecostes, Pedro diz que o crente batizado receberá o dom do Espírito Santo. A expressão *dom* aparece na passagem acerca do derramamento do Espírito sobre os samaritanos; Simão, o mágico, tentou comprar por dinheiro esse dom (8.20). O termo ocorre também na narrativa da visita de Pedro a Cornélio que, juntamente com os de sua casa, recebeu o dom do Espírito Santo (10.45; veja ainda 11.17). A partir dessas passagens ficamos sabendo que esse dom se refere ao poder do Espírito Santo que habita nas pessoas. Note, entretanto, que em 2.38-41, Lucas não faz nenhuma menção aos convertidos falando em línguas (2.4) nem aos apóstolos impondo as mãos sobre os convertidos para que possam receber o Espírito (8.17). Presumimos, portanto, que "falar em línguas e impor as mãos não eram considerados pré-requisitos para se receber o Espírito".[62]

O contexto do relato do Pentecostes indica que o dom do Espírito depende do batismo. As duas cláusulas "ser batizado" e "vocês receberão o dom do Espírito Santo" são declarações separadas. Num estudo detalhado a respeito dessa questão, Ned B. Stonehouse faz a seguinte observação: "Pode-se concluir, com segurança, que Atos 2.38 não deve ser entendido como ensinando que o dom do Espírito depende do batismo".[63] Um estudo mais minucioso de Atos no que tange à questão do batismo e o dom do Espírito Santo revela que essas duas declarações estão relacionadas, porém uma não segue necessariamente a outra. Assim, no versículo 38, Pedro instrui o povo a se arrepender e a ser batizado; então ele acrescenta a promessa (no tempo futuro) de que "receberão o dom do Espírito Santo".

e. *Promessa* – No versículo subseqüente (v.39) Pedro diz ao seu público que "a promessa é para vocês e seus filhos e para todos os que estão longe – tantos quantos o Senhor nosso Deus irá chamar para si mesmo".

Qual é o significado da palavra *promessa*? Relatando as palavras de Pedro, Lucas não fornece detalhes. O artigo definido que precede o substantivo *promessa* parece indicar que Pedro tem em mente a pro-

62. Longenecker, *Acts*, p. 284.

63. Ned B. Stonehouse, "Repentance, Baptism and the Gift of the Holy Spirit", *WTJ 13* (1950-51): 14.

messa específica da vinda do Espírito Santo. A promessa se refere à profecia de Joel 2.28-32, que foi cumprida no dia de Pentecostes. Antes de sua ascenção, Jesus diz aos apóstolos: "Não se ausentem de Jerusalém, mas esperem a promessa do Pai, a qual ouviram de mim" (1.4; veja também Lc 24.49). E o Cristo exaltado derrama o Espírito Santo prometido que recebeu de Deus o Pai (At 2.33).[64]

A frase *para vocês e seus filhos* é um eco da promessa de Deus a Abraão de ser um Deus para ele e seus descendentes pelas gerações vindouras (Gn 17.7). De igual modo, a promessa do Espírito Santo vai bem além dos judeus e seus filhos que se achavam presentes em Jerusalém no Pentecostes. Desde o momento de sua chegada, o Espírito Santo permanece com o povo de Deus até o fim dos tempos. Ele conduz os crentes a Jesus Cristo e habita no coração deles, pois o corpo físico é o seu templo (1Co 6.19).

"E para todos os que estão longe – tantos quantos o Senhor nosso Deus irá chamar para si mesmo." Pedro e seus companheiros judeus se consideram povo da aliança de Deus, os primeiros a receber a bênção da salvação. Mas por intermédio da obra de Cristo os gentios também são incluídos na aliança de Deus. O próprio Pedro afinal se dá conta da significação das palavras que ele pronuncia no Pentecostes quando conta aos judeus em Jerusalém sobre sua visita a Cornélio em Cesaréia. Ele conclui: "Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" (11.17). Anos mais tarde Paulo escreve aos membros gentios da igreja a respeito de sua exclusão da aliança, e diz: "Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo" (Ef 2.13, e veja v.17).

Cabem aqui dois comentários finais. Primeiro, o termo *longe* engloba tanto tempo quanto lugar. A promessa de Deus se estende por todas as gerações até o fim do mundo. Ela também alcança os povos de todas as nações, tribos, raças e línguas, onde quer que habitem na face dessa terra. As palavras de Pedro estão em completa harmonia com as de Jesus: "Fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19). E em segundo lugar, Deus é soberano ao chamar a si o seu próprio povo. A

64. MacDonald, "Glossolalia in the New Testament", p. 130.

salvação começa nele, que a concede a todos os que ele, em sua soberana graça, irá efetivamente chamar. Essas palavras de Pedro correspondem às da profecia de Joel, tendo nelas sua equivalência: "E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (v.21; Jl 2.32).

40. E com muitas outras palavras ele testificou e continuava a exortá-los: "Salvem-se desta geração perversa". 41. Então os que aceitaram a sua palavra foram batizados, e cerca de três mil pessoas foram acrescentadas naquele dia.

Aqui está a conclusão do acontecimento do Pentecostes. Apesar de Lucas apresentar uma breve declaração, nós compreendemos que Pedro continuou falando depois de ter encerrado seu sermão.

a. "E com muitas outras palavras ele testificou e continuava a exortá-los", escreve Lucas. Ele parece dizer que os judeus faziam perguntas sobre muitos assuntos relacionados à mensagem de Pedro. Ressalta a palavra *outras*, que no grego aparece no início da sentença a fim de lhe conferir ênfase. Lucas dá a impressão de que Pedro advertiu os inquiridores para que examinassem cuidadosamente a evidência por ele apresentada. Com efeito, o tempo do verbo *exortar* (no grego) indica que o apóstolo apelou repetidas vezes aos seus ouvintes com esse pedido: "Salvem-se desta geração perversa". O pedido é um eco de um verso no familiar cântico de Moisés ao povo, devido ao seu uso nos cultos das sinagogas:

> Eles agiram corruptamente para com [Deus];
> para sua vergonha não são mais seus filhos,
> *porém uma geração deformada e corrupta*.
> [Dt 32.5, NVI, itálicos acrescentados]

Quem são as pessoas dessa geração corrupta? São, obviamente, os líderes religiosos que, durante o julgamento de Jesus, incitaram a multidão a gritar: "Crucifica-o, crucifica-o" (Lc 23.21). Os sacerdotes e escribas desejavam ter o controle pleno do povo judeu. Mas quando Jesus ensinou a Escritura com autoridade, eles se opuseram vigorosamente a ele e afinal conseguiram matá-lo.

Vindo de uma cultura cristianizada, temos dificuldade em compre-

ender a agonia mental pela qual passaram os judeus no Pentecostes, quando decidiram romper com o poder e autoridade de seus líderes espirituais. Pela fé, aceitaram a Cristo e seguiram seus ensinamentos. Deram esse passo de fé porque Pedro lhes disse claramente que a liderança dos sacerdotes e escribas era corrupta (comparar com Fp 2.15). Ele insistia pedindo a eles que abandonassem aquela gente má e fossem salvos.[65] Ao serem batizados, os crentes judeus rejeitaram decisivamente a autoridade da hierarquia religiosa, seguiram a Jesus Cristo e estavam preparados para suportar o ódio e o desprezo de seus antigos líderes e mestres.

b. "Então os que aceitaram a sua palavra [de Pedro] foram batizados." O texto indica claramente que nem todos os que ouviram as palavras de Pedro creram. Mas os que aceitaram a sua mensagem pediram o batismo. Pelo fato de esse versículo deixar de fornecer qualquer informação acerca do modo de batismo e o lugar em que ele aconteceu, é melhor não sermos dogmáticos.

c. "E cerca de três mil pessoas foram acrescentadas naquele dia." Antes do Pentecostes o número do grupo de crentes era 120 (1.15), mas quando o Espírito Santo foi derramado o Senhor acrescentou cerca de três mil pessoas, tanto homens como mulheres, assim presumimos. Esse aumento é fenomenal e sem dúvida causou problemas administrativos, como é evidenciado pela negligência para com as viúvas de fala grega (6.1). O crescimento da igreja continuou sem cessar,[66] de modo que uma estimativa moderada nos diria que havia vinte mil cristãos em Jerusalém antes da perseguição que aconteceu depois da morte de Estêvão (8.1b).

Considerações Práticas em 2. 40,41

Em muitas igrejas exige-se dos candidatos a membros que possuam conhecimento adequado da Escritura e habilidade para articular as doutrinas da igreja antes que sejam batizados e aceitos como membros. Admitindo que o conhecimento da Escritura e doutrina seja algo desejável para os membros da igreja (para que sejam capazes de responder àqueles que

65. Veja Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 84.
66. Comparar com 2.47; 4.4; 5.14; 6.1,7; 9.31,35,42; 11.21,24; 14.1,21; 16.5; 17.12.

lhes indagam a respeito da fé cristã), devemos perguntar se a Escritura diz alguma coisa a respeito da aceitação de futuros membros. A resposta é afirmativa.

Iniciemos com a assim chamada Grande Comissão (Mt 28.19,20). Jesus diz, literalmente: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado". Assim, então, o processo de fazer discípulos é realizado em dois passos: primeiro, batizando o candidato, e em seguida, ensinando-lhe a doutrina.

Agora, note que Pedro segue as diretrizes de Jesus. No dia de Pentecostes ele faz discípulos quando prega a palavra, e imediatamente os batiza. Depois ele e os demais apóstolos continuam a ensinar-lhes o evangelho de Cristo (2.42) em base regular. O povo judeu que ouviu Pedro no Pentecostes conhecia a Escritura do Antigo Testamento, mas esse conhecimento não era esperado da parte dos gentios. Richard B. Rackham comenta: "Ficamos surpresos com a rapidez com que o batismo foi dado no caso de um gentio como o carcereiro de Filipos, ou mesmo um prosélito como o eunuco etíope".[67]

O Novo Testamento parece indicar que quando um crente aceita Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor ao ouvir o evangelho, ele deve receber a oportunidade de se batizar. Porém o batismo deve ser seguido de estudo diligente e contínuo da Escritura pelo resto de sua vida terrena.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.37-39

Versículo 37

κατενύγησαν – verbo composto vindo de κατανύσσομαι (sou trespassado). O composto é perfectivo; em forma, trata-se de um segundo aoristo passivo.

τε – a partícula adjunta liga estreitamente os dois verbos *trespassado* e *disse*.

λοιπούς – traduzido por "o restante de" ou "outros", este adjetivo é omitido no texto ocidental do Codex Bezae (veja JB e NEB).

---

67. Rackham, *Acts*, p. 33.

Versículo 38

ἐπί – esta preposição precede o termo *o nome* e é sinônima de ἐν (em), como por exemplo, em 3.6; 4.10,17,18; 5.28,40.

εἰς salientando mais o resultado do que o propósito, esta palavra tem o sentido de "com vistas a" ou "resultando em".[68]

τοῦ ἁγίου πνεύματος – esta cláusula é um genitivo de aposição junto com τὴν δωρεάν e significa "o dom, a saber, o Espírito Santo".[69]

Versículo 39

εἰς μακράν – o substantivo feminino ὁδόν (caminho) deve ser suprido aqui. A expressão parece ser um semitismo.

ὑμῖν – este dativo de posse junto com o verbo *ser* pode ser traduzido por "vocês têm a promessa".[70]

---

3. *Comunidade Cristã*

2.42-47

a. *Na Adoração*

2.42,43

Lucas descreve a beleza da igreja crescendo e se desenvolvendo. Ele retrata a espontaneidade, a dedicação e a devoção dos cristãos primitivos em relação a Deus e aos cultos de adoração. Na última seção desse capítulo, ele descreve a igreja em culto formal e informal, bem como sua influência na comunidade.[71]

42. Eles estavam continuamente se dedicando ao ensino dos apóstolos e à comunhão, no partir do pão e na oração.

Observe os seguintes componentes:

a. *Ensino* – A sentença "Eles estavam continuamente se dedicando ao ensino dos apóstolos" aponta para o fervor e dedicação dos primeiros convertidos ao Cristianismo. Eles se voltavam para os apóstolos

68. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University press, 1960), p. 70.

69. Veja Hanna, *Grammatical Aid*, p. 191.

70. Consultar Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 189.2.

71. Faltam diretrizes para se dividir esses versículos em seções. Os estudiosos não chegam a nenhuma unanimidade.

constantemente a fim de receber instrução sobre o evangelho de Cristo, pois Jesus havia nomeado seus seguidores imediatos para que fossem professores desses aprendizes (Mt 28.20).

Durante seu ministério terreno, Jesus ensinou com autoridade e "não como os mestres da lei" (Mc 1.22 – NVI). Antes de subir ao céu ele delegou essa autoridade aos apóstolos, que falavam em seu nome. Repare o sentido duplo do termo *ensino*. De modo amplo, a palavra se refere às boas-novas de tudo quanto Jesus disse e fez. E intensivamente, os apóstolos se achavam envolvidos na obra de ensinar um evangelho oral aos convertidos, a quem Lucas chama de discípulos (aprendizes) em Atos.[72] Deduzimos que esse ensino era conduzido especialmente nos cultos públicos, onde os apóstolos ensinavam esse evangelho em suas pregações.

b. *Comunhão* – Três palavras sucedem o termo *ensino*. A primeira, comunhão, descreve o entusiasmo demonstrado pelos crentes no elo comum durante o culto, às refeições e no compartilhar de seus bens materiais (v.44). Os cristãos demonstravam visivelmente sua união em Jesus Cristo nos cultos de adoração, onde chamavam uns aos outros de irmãos e irmãs.

c. *Partir do pão* – Isso refere-se a uma refeição na casa de alguém (veja Lc 24.30,35) ou a um culto de Santa Ceia? Essa questão é difícil de ser respondida.[73] O contexto, no entanto, parece sugerir que a passagem se refere à celebração da Ceia do Senhor. No grego, o artigo definido precede o substantivo *pão* e assim especifica que os cristãos partilhavam *do* pão separado para o sacramento da comunhão (comparar com 20.11; 1Co 10.16). E também, o ato de partir o pão tem sua continuação no do oferecimento de orações (presumivelmente no ambiente do culto público). As palavras *partir do pão* aparecem dentro da seqüência do ensino, comunhão e orações nos cultos de adoração. Logo, compreendemos o termo como uma descrição antiga da celebração da Santa Comunhão. Na liturgia da igreja cristã essa celebração era e é geralmente acompanhada por ensinamentos do evangelho e por orações.

72. Veja, por exemplo, 6.1,2,7; 9.1,10,19,25,26,38; 11.26,29; 13.52.

73. Alford comenta que a interpretação dada "como a celebração da Ceia do Senhor tem sido, tanto antigamente como nos tempos modernos, a prevalecente". *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 29.

d. *Oração* – O texto diz, literalmente, "as orações". Observe que aqui também Lucas usa o artigo definido para descrever orações específicas proferidas no culto; talvez elas incluam as orações formais que os judeus estavam acostumados a fazer no templo (3.1). Em suma, os quatro elementos mencionados por Lucas nesse versículo (v.42) parecem se ligar ao culto público: ensino e pregação apostólicos, comunhão dos crentes, celebração da Ceia do Senhor e orações comunitárias.

43. Todos estavam cheios de espanto, e muitos prodígios e sinais estavam sendo realizados pelos apóstolos.

Um senso de espanto enchia o coração dos crentes porque eles sentiam a proximidade de Deus em seu meio. O grego afirma que seu espanto e admiração persistiam sem haver diminuição (veja 5.5,11; 19.17). Isso se dava por causa dos "muitos prodígios e sinais" que os apóstolos realizavam (5.12).

Jesus dotara os apóstolos de autoridade para realizar milagres (comparar com Mt 10.8). Eles exercitavam repetidamente esse poder, quer em resposta à fé do povo, quer para lhes aumentar a fé. O resultado era duplo: os crentes ficavam conscientes da presença sagrada de Deus entre eles e inúmeros convertidos eram acrescentados à igreja (v.47). As palavras *muitos prodígios e sinais* ecoam da profecia de Joel e constituem seu cumprimento (2.19; Jl 2.30).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.42

ἦσαν – o emprego do tempo imperfeito para expressar continuidade é evidente nesse versículo e no restante da passagem. Para a construção do passado perifrástico de ἦσαν e do particípio presente ativo προσχαρτεροῦντες, veja a explanação em 1.14.

τοῦ ἄρτου – aqui o artigo definido especifica o substantivo, mas no versículo 46 ele está ausente.

---

b. *Na Comunidade*

2.44-47

Nesses últimos poucos versículos do capítulo, Lucas é mais geral em sua descrição das atividades que têm lugar na vida dos crentes primitivos. Os cristãos expressam sua crença espiritual em ações espontâneas.

44. E todos os que criam ficavam juntos e compartilhavam todas as coisas. 45. Começaram a vender suas propriedades e bens e davam a qualquer um que tivesse necessidade.

Essa é a primeira vez em Atos que Lucas designa os membros da igreja como "os crentes". Por falta de um termo definido (por exemplo, cristãos [veja 11.26]), ele escreve "os que crêem". Os zombadores que se recusam a aceitar Jesus pela fé são excluídos e não têm parte alguma na comunidade cristã. A fé em Jesus é o principal requisito para se pertencer à igreja cristã. Somente as pessoas que crêem nele partilham da união que se torna visível nos cultos e na vida em comum.

"Eles compartilhavam todas as coisas."Enquanto os israelitas viajavam pelo deserto durante quarenta anos, Deus provia diariamente para as suas necessidades. Estavam todos no mesmo nível econômico; ninguém era rico e ninguém era pobre.[74] Quando chegaram na Terra Prometida, cada um recebeu a sua herança. Com o decorrer do tempo eles começaram a experimentar tanto riqueza quanto pobreza em suas comunidades. Tal diferença foi evidenciada através dos séculos, pois sabemos que os judeus se recusaram a observar as estipulações de Deus para que cuidassem dos pobres e fossem generosos para com eles (Dt 15.1-11; Mq 2.1,2).

Jesus pregou o evangelho e disse: "Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus" (Lc 6.20; Mt 5.3). Ele instruiu o jovem rico a vender suas propriedades e dar o dinheiro aos pobres (Mt 19.21).

Depois do Pentecostes, os novos convertidos em Jerusalém "compartilhavam todas as coisas. Começaram a vender suas propriedades e bens e davam a qualquer um que tivesse necessidade". O compartilhar comunitário de bens materiais não era um despojamento de riquezas. Pelo contrário, constituía em boa vontade da parte dos proprietários em colocar seus pertences à disposição de todos os crentes que se encontravam necessitados.[75] A meta dos cristãos primitivos era abolir a pobreza de forma que os carentes, como uma classe de pessoas, não

74. David M. Howard, Jr., "Poverty", *ISBE*, vol. 3, p. 922.

75. No século 1º, a comunidade Qumran promovia a prática do partilhar os bens. Em conformidade com as palavras do Salmo 37.14, "os pobres e necessitados", os residentes de Qumran se viam como "a Congregação dos Pobres". Consultar David E. Holwerda, 'Poor" *ISBE*, vol. 3, p. 908.

existisse mais no meio deles (4.34a). Lucas não fornece nenhuma informação de que os ricos tivessem vendido todos os seus bens. Em vez disso, ele faz alusão ao estabelecimento de um fundo geral mediante o qual os pobres eram sustentados e no qual os ricos depositavam o dinheiro conseguido com a venda de propriedades (4.34b-35; 6.1). Ademais, os que tinham bens os vendiam em base voluntária (5.4).

46. Dia a dia continuavam a se reunir nos pátios do templo, partindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e sinceridade de coração, 47a. louvando a Deus e gozando do favor de todo o povo.

Lucas continua a descrever a vida da comunidade cristã. Ele introduz sua descrição das atividades dos crentes com a expressão *todos os dias*. Os cristãos de Jerusalém vão ao templo, que para eles é a casa de Deus. Consideram-se judeus que viram o cumprimento da Escritura do Antigo Testamento por intermédio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Eles se reúnem nos pátios do templo, presumivelmente na área chamada Pórtico de Salomão (3.11; 5.12) para oração e louvor. Gozam de completa união num contexto que se compara à natureza explodindo num panorama primaveril de beleza, esplendor e perfeita harmonia. Os cristãos não enfrentam ainda nenhuma oposição da parte do povo judeu em geral, nem de seus líderes religiosos em particular. A vida deles é exemplar, de forma que por meio de sua conduta eles podem conduzir outros a Cristo.

Diariamente se reúnem nas casas para comer pão e confirmar a unidade que têm em Cristo. Naturalmente comer pão em casa dificilmente é digno de nota, pois isso é costume e é o que se espera que aconteça. Todavia Lucas compara a união e harmonia dos crentes no templo com sua intimidade e as refeições em comum nos lares. Os cristãos "comiam juntos com alegria e sinceridade de coração". Apesar de Lucas não declarar explicitamente, a prática de comer juntos refeições comuns é comparável à festa do amor mencionada indireta e diretamente por Paulo em sua carta à igreja de Corinto (1Co 11.20-22), por Pedro (2Pe 2.13) e por Judas (Jd 12).[76] Walter Bauer explica a festa

76. Consultar Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistles of Peter and of the Epistle of Jude*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1987), pp. 301, 392.

do amor como "uma refeição em comum partilhada pelos cristãos primitivos em conexão [com] seus cultos com o propósito de promover e expressar amor fraternal".[77] Em Jerusalém os crentes desfrutam de tais refeições "todos os dias" (v.46a), conforme Lucas indica no grego. Conseqüentemente, devemos distinguir a refeição em comum da celebração da Ceia do Senhor (v.42).

Lucas enfatiza a união, a harmonia, a alegria e a sinceridade dos crentes. Esses elementos são os frutos do Espírito Santo agindo no coração e na vida dos cristãos primitivos. Em Atos, Lucas salienta repetidamente a alegria ou contentamento, muitas vezes em relação à influência do Espírito Santo (veja, por exemplo, 8.8,39; 13.48,52; 15.3; 16.34). Doutro lado, o termo *sinceridade* aparece apenas uma vez no Novo Testamento. É derivado de uma palavra que significa terreno macio, plano, sem qualquer pedra que arruíne a superfície ou o solo.[78]

"Louvando a Deus e gozando do favor de todo o povo." A primeira frase se refere a Deus e a outra ao povo. Ambas fazem parte da estrutura do versículo precedente (v.46) no qual Lucas descreve as atividades diárias dos crentes. Que testemunho ao verdadeiro Cristianismo! Esses cristãos vivem uma vida de louvor a Deus, e como resultado, são elogiados pelo povo. Eles demonstram o poder do evangelho e da presença do Espírito. Desse modo são testemunhas vivas para Cristo. Aqui a igreja missionária está em ação, pois as pessoas, ao notarem a conduta cristã dos convertidos, falam em favor da igreja e são atraídas a Cristo.[79]

47b. O Senhor continuava a acrescentar diariamente ao número deles os que estavam sendo salvos.

Lucas conclui essa seção dizendo que o Senhor acrescenta novos convertidos à igreja. Note, em primeiro lugar, que ele emprega o título *o Senhor* para Jesus, não para Deus. Em segundo lugar, o Senhor Jesus continua seu trabalho de ampliar a comunidade cristã. Dentre os habi-

77. Bauer, p. 6.

78. Thayer, p. 88.

79. Seguindo literalmente o texto grego, a Vulgata traz *habentes gratiam ad omnem plebem* (tendo caridade para com todo o povo). Essa tradução dá uma interpretação ativa ao invés de passiva ao texto, e dessa forma o compara à primeira parte do v.47, "louvando a Deus". Veja também F. P. Cheetham, "Acts ii.47: *echontes charin pros holon ton lao*", *ExpT 74* (1963): 241-15.

tantes de Jerusalém ele toma três mil pessoas, realiza conversões e as acrescenta à igreja como crentes. Lucas retrata os convertidos como "os que estavam sendo salvos". Quer dizer, o Senhor é o Agente na obra de salvar seu povo, pois ele cumpre a profecia de Joel: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (v.21; Jl 2.32). E por último, repare na palavra *diariamente*. Esse termo deve ser tomado junto com a sentença descritiva "os que estavam sendo salvos". A frase não infere uma salvação gradual do crente em individual, porém indica que o milagre da salvação ocorre todos os dias. Hoje também o Senhor continua a acrescentar à sua igreja e chama as pessoas para se tornarem cidadãs espirituais da cidade chamada Sião. Juntamente com John Newton o crente canta humilde, porém triunfantemente:

> Salvador, se da cidade de Sião
> Pela graça membro sou,
> Que o mundo zombe ou se compadeça,
> Gloriar-me-ei no Seu Nome:
> O prazer do mundano se apaga,
> Toda a sua pompa, orgulho e exibição;
> Alegria sólida e tesouro durável
> Somente conhecem os filhos de Sião.

Considerações Práticas em 2.42-45

Versículo 42

Desde seus primórdios até o presente, a igreja cristã tem empregado os catecismos em seu ministério educacional. Esses catecismos são breves resumos da fé cristã apresentados na forma de perguntas e respostas. Eles ensinam o bê-a-bá da doutrina, explicando o significado do Credo Apostólico, dos sacramentos, dos Dez Mandamentos e da Oração do Senhor. Em 1529, Martinho Lutero compôs seu Pequeno Catecismo a fim de ensinar as crianças as doutrinas elementares da igreja. Ele disse: "Promovi tantas mudanças que hoje em dia uma menina ou menino de 15 anos sabe mais sobre a doutrina cristã do que costumavam saber todos os teólogos das grandes universidades". João Calvino escreveu um catecismo em francês (1537) para instruir o povo nas verdades da Escritura. Na Alemanha, Zacarias Ursinus e Gaspar Olevianus escreveram o Catecismo de Heidelberg (1563), que tem sido chamado de o mais doce documento da Refor-

ma. E na Inglaterra, o Pequeno e o Grande Catecismo de Westminster foram impressos em 1647. Estes e muitos outros têm sido e são ferramentas valiosas para ensinar conhecimento doutrinário ao povo de Deus. Eles apóiam a admoestação de Pedro: "Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" (1Pe 3.15).

Versículos 44,45

Os membros da igreja de Jerusalém mostravam uma espontaneidade singular no cuidado dos necessitados. Eles o faziam em obediência a Cristo e aos apóstolos que lhes haviam ensinado a "se lembrarem dos pobres" (veja, por exemplo, Gl 2.10). Todavia os apóstolos jamais disseram a ninguém que vendessem propriedades para sustentar os carentes. Em lugar disso, enfatizavam a alegria de contribuir voluntariamente. Assim Paulo escreveu: "Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama a quem dá com alegria" (2Co 9.7 – NVI).

A igreja instituiu o diaconato com o propósito de ministrar às necessidades dos pobres porque, como Jesus disse, "os pobres, sempre os tendes convosco" (Jo 12.8). A igreja não está promovendo bens em comum, mas está salientando a prescrição bíblica de ajudar os carentes. "Façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé [cristã]" (Gl 6.10).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 2.44-47

Versículo 44

ἐπὶ τὸ αὐτό – esta frase também ocorre em 1.15; 2.1,44; 1 Coríntios 11.20; 14.23. Ela significa "todos juntos; o conjunto". "[A frase] parece ter adquirido um sentido semitécnico, não diferente de ἐν ἐκκλησία ('na comunhão da igreja').[80]

Versículo 45

τὰ κτήματα – estas palavras se referem a propriedades, terrenos e imóveis; τὰς ὑπάρξεις são posses, bens e riquezas. Os verbos ἐπίπρασκον (imperfeito ativo de πιπράσκω [eu vendo]) e διεμέριζον (imperfeito ativo do verbo composto διαμερίζω [eu distribuo]) descrevem a atividade mantida de vender e distribuir.

80. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. (revista e aumentada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 155. Veja também Metzger, *Textual Commentary*, p. 132.

Versículo 47

προσετίθει – de προστίθημι (eu acrescento), este verbo imperfeito ativo dá a conotação de repetição, isto é, ação contínua no tempo passado.

τοὺς σῳζομένους – o artigo definido juntamente com o particípio presente passivo de σῴζω (eu salvo) constitui uma descrição dos recém-convertidos. A tradução literal é a seguinte: "os que iam sendo salvos". Entretanto, alguns tradutores apresentam sua própria interpretação do particípio grego: "os que deveriam ser salvos" (KJV), "aqueles a quem ele estava salvando" (NEB), "os destinados a serem salvos" (Bíblia de Jerusalém).

Sumário do Capítulo 2

Manifestado por sinais visíveis e audíveis, o Espírito Santo é derramado no dia de Pentecostes. Ele enche as pessoas que se acham reunidas e faz com que falem em outras línguas. Encontram-se em Jerusalém inúmeros judeus piedosos de várias nações. Eles ouvem o ruído do vento, reúnem-se e ouvem os galileus falando-lhes em suas línguas maternas. Alguns dentre o povo vêm do Oriente (Pártia, Média, Elão e Mesopotâmia), outros são da Ásia Menor e África, e ainda outros são visitantes de Roma. Essas pessoas ficam cheias de espanto e indagam o que significa aquele fenômeno.

Alguns zombadores afirmam que os apóstolos estão embriagados, mas Pedro se dirige à multidão e responde aos que zombam. Ele salienta que a profecia de Joel concernente à vinda do Espírito Santo foi cumprida. Pelos Salmos ele prova que Jesus, crucificado pelos judeus, foi ressuscitado por Deus e está agora assentado à sua direita no céu. De sua posição de exaltação, ele enviou o Espírito Santo. Ele pôde fazer isso porque Deus o fez Senhor e Cristo.

O povo fica tomado pela culpa e pede conselho a Pedro. Ele admoesta sua platéia a que se arrependa e seja batizada. Três mil pessoas aceitam a mensagem de Pedro, são batizadas e acrescentadas ao grupo inicial dos crentes. Os convertidos são instruídos nos ensinamentos dos apóstolos, na adoração e participação da comunhão. Eles repartem seus bens materiais, louvam a Deus e desfrutam do favor de todo o povo. A igreja continua a crescer.

3

A Igreja em Jerusalém

Parte 2

3.1-26

ESBOÇO (continuação)

3.1-5.16	B. O Poder do Nome de Jesus
3.1-10	1. A Cura do Coxo
3.1-5	a. Cenário
3.6-10	b. Milagre
3.11-26	2. O Discurso de Pedro
3.11-16	a. Explanação
3.17-23	b. Exortação
3.24-26	c. Promessa

Capítulo 3

ATOS 3.1-10

3 1. Ora, Pedro e João estavam subindo ao templo às três horas da tarde com o fim de orar. 2. E um homem que era coxo de nascença estava sendo carregado à porta do templo, chamada Formosa, onde geralmente o colocavam a fim de pedir esmolas aos que ali entravam. 3. Quando ele viu Pedro e João que iam entrar, pediu-lhes alguma coisa. 4. Pedro olhou atentamente para ele, bem como João, e disse-lhe: "Olhe para nós!" 5. E ele fixou a atenção neles, esperando receber deles alguma coisa. 6. Porém Pedro disse: "Prata e ouro não tenho, mas o que tenho te dou: no nome de Jesus Cristo de Nazaré, anda". 7. Tomando-o pela mão direita, o levantou; e imediatamente seus pés e tornozelos se fortaleceram. 8. E, saltando, pôs-se de pé e começou a andar; entrou no templo com eles, andando, saltando e louvando a Deus. 9. E todo o povo o viu andando e louvando a Deus. 10. Reconheceram-no como aquele que costumava esmolar assentado à porta do templo, chamada Formosa. E estavam cheios de admiração e assombro por aquilo que lhe havia acontecido.

B. O Poder do Nome de Jesus

3.1-5.16

1. A Cura do Coxo

3.1-10

No capítulo precedente, Lucas declara de forma resumida que os apóstolos realizaram muitas maravilhas e sinais miraculosos (2.43). Que milagres são esses que a todos encheram de espanto? Lucas descreve um deles, a saber, a cura do mendigo aleijado. Esse milagre foi realizado em resposta à fé do mendigo (v. 16), e foi seguido pelo sermão de Pedro dirigido à multidão. Esse fato trouxe um acréscimo de cinco mil homens à membresia da igreja, sem contar as mulheres (4.4).

a. *Cenário*

3.1-5

1. Ora, Pedro e João estavam subindo ao templo às três horas da tarde com o fim de orar.

a. "Pedro e João." Lucas continua a focalizar a atenção em Pedro, o porta-voz dos doze apóstolos. Mas agora ele acrescenta o nome de João, filho de Zebedeu. Durante o ministério de Jesus, tanto Pedro como João haviam pertencido ao chamado círculo íntimo dos discípulos. Estavam com Jesus na sua transfiguração (Mt 17.1). Jesus instruiu esses dois discípulos a prepararem a festa da Páscoa (Lc 22.8). E Jesus levou Pedro e João consigo ao lugar chamado Getsêmani (Mc 14.33).

Lucas relata que os apóstolos em Jerusalém comissionaram a Pedro e João para conduzirem o crescimento da igreja em Samaria (8.14). Além disso, Paulo considera Pedro e João os pilares da comunidade cristã (Gl 2.9). Esses dois apóstolos eram certamente os líderes da igreja, mesmo quando – como Lucas relata – era Pedro quem falava e João ouvia. E ainda, os apóstolos continuavam a prática de irem de dois em dois (veja Mc 6.7).

b. "Estavam subindo ao templo." A Nova Versão Internacional (NIV) acrescenta as palavras *um dia*, as quais não constam do texto grego.[1] Porém, note-se que o verbo *estavam subindo* está na forma do passado progressivo, indicando que eles costumeiramente iam ao templo para orar. Os apóstolos permaneceram em Jerusalém, obviamente para ensinar à multidão de crentes (veja 2.41,42,47). Eles mantinham a tradição de orar no templo em horas estipuladas.[2] Os cristãos primitivos se consideravam judeus que jamais pensariam em romper com as horas tradicionais de oração no templo.

c. "Às três horas da tarde com o fim de orar." Segundo o Talmude, o povo oferecia orações no templo três vezes ao dia: pela manhã, à tarde e ao pôr-do-sol.[3] Enquanto os sacerdotes ofereciam sacrifícios, o

1. As versões NEB, SEB e GNB trazem também essa tradução. O texto grego traz o termo *agora* ou *e*. O Codex Bezae traz a sentença temporal *e nestes dias*.

2. O verbo *subir* é o verbo padrão para descrever uma pessoa que está se dirigindo a Jerusalém ou alguém que está indo ao templo.

3. *Beracloth* 1.1-2; 4.1. Josefo observa que eram oferecidos sacrifícios duas vezes por dia: "pela manhã e na hora nona". *Antiquities* 14.4.3 [65] (LCL).

povo orava. Certamente que a hora do sacrifício era a hora da oração. Pedro e João se dirigiam à reunião das três da tarde e entraram no complexo do templo, mas não no santuário. Já nos tempos de Davi, o povo judeu costumava orar três vezes ao dia. Ele escreve:

> Mas eu clamo ao Senhor Deus por socorro
> E ele me salvará.
> Pela manhã, ao meio-dia e à noite
> Minhas queixas e lamentos sobem a ele,
> E ele ouvirá a minha voz [Sl 55.16,17, GNB].

2. E um homem que era coxo de nascença estava sendo carregado à porta do templo, chamada Formosa, onde geralmente o colocavam a fim de pedir esmolas aos que ali entravam.

Lucas relata que o homem coxo de nascença tinha de ser carregado para o templo, onde esmolava. Como era comum naqueles dias, não era ensinada uma profissão aos deficientes físicos. Eles se tornavam mendigos (veja Jo 9.1,8). Parentes e amigos, diariamente, carregavam o homem para uma das portas do templo por onde as pessoas entravam para orar. Esses adoradores teriam dor de consciência ao verem o mendigo aleijado; em conseqüência, lhe dariam algum dinheiro. O local no templo era resultado de uma escolha sagaz por parte do homem e seus carregadores.

Os estudiosos não conseguem dizer com certeza onde se localizava a porta do templo chamada Formosa. Faltam dados acerca da área do templo depois da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Diz Kirsopp Lake: "Não houve apenas uma completa destruição dos prédios, mas também um absoluto deslocamento da tradição em Jerusalém".[4] Mesmo assim os estudiosos apresentam três teorias a respeito da localização da porta Formosa. São elas:

1. A chamada porta de Susã, na muralha externa a leste do templo. Essa porta ficava próxima ao Pórtico de Salomão (3.11), do lado de fora do Pátio dos Gentios.

2. A porta de Nicanor, localizada a leste do Pátio das Mulheres.

4. Kirsopp Lake, "Localities in and near Jerusalém Mentioned in Acts", *Beginnings*, vol. 5, p. 486.

Dava acesso ao Pátio das Mulheres, vindo do Pátio dos Gentios. Porque essa porta era feita de bronze de Corinto e "muito excedia em valor às revestidas de prata e ouro",[5] o comentário de Pedro de não possuir nem prata nem ouro (3.6) foi bem apropriado.

3. A porta de Nicanor, situada entre o Pátio das Mulheres e o Pátio dos Homens (Esta informação vem da literatura rabínica). No entanto, essa porta dificilmente pode ser a mesma chamada Formosa. Lucas narra que, depois da cura do inválido, este acompanhou os apóstolos para dentro dos pátios do templo (v. 8).

A maioria dos estudiosos aceita a segunda teoria e considera a porta chamada Formosa como sendo a porta de Nicanor, feita de bronze de Corinto.[6] Um judeu alexandrino chamado Nicanor doou para o templo a linda porta revestida de bronze.

O mendigo assentava-se diariamente à porta do templo e esperava receber dos adoradores ofertas em dinheiro. Esse homem não era um membro da comunidade cristã, pois se assim o fosse teria recebido assistência financeira dos crentes. Deus disse aos israelitas que não deveria haver nenhum pobre no meio deles (Dt 15.4, e veja vs. 7,8). Mas os judeus ignoravam o mandamento de Deus e consideravam uma virtude dar esmolas aos pedintes (veja, por exemplo, Mt 6.1,2).

3. Quando ele viu a Pedro e João que iam entrar, pediu-lhes alguma coisa. 4. Pedro olhou atentamente para ele, bem como João, e disse-lhe: "Olhe para nós!" 5. E ele fixou a atenção neles, esperando receber deles alguma coisa.

Assim que os dois apóstolos entraram na área do templo, o mendigo lhes pede algum dinheiro. Para ele, trata-se de adoradores anônimos. Ele espera que, ao ouvirem sua súplica por misericórdia, pararão e lhe oferecerão dinheiro. Em vez de dar algumas moedas ao mendigo, Pedro fixa sua atenção no homem e fala com ele. Lucas registra que João também olha atentamente para o mendigo aleijado.

Notamos duas coisas no versículo 4. Primeira, Pedro não está interessado nos aspectos externos do homem, a saber, sua condição de

5. Josefo, *War* 5.5.3 [201] (LCL).

6. Para um estudo mais aprofundado, consultar Joaquim Jeremias, *TDNT*, vol. 3, p. 173 n.5; Gottlob Schrenk, *TDNT*, vol. 3, p. 236; David F. Payne, "Gate", *ISBE*, vol. 2, pp. 408-9.

mendigo. Pedro olha para ele com a intenção de realizar uma cura que mude seu estado físico. Segunda, Pedro e João não pretendiam realizar uma cura milagrosa sem uma resposta do homem em questão. Os apóstolos têm o Espírito Santo que os leva a determinar se o homem tem fé ou não. Embora nesse versículo Lucas não o expresse, em seu sermão subseqüente Pedro afirma de modo inequívoco que o homem foi curado por meio da fé (v. 16). O mendigo tinha mais de 40 anos de idade (veja 4.22), e possivelmente tinha ouvido Jesus, ou mesmo Pedro, pregando na área do templo. Ele obedece à ordem de Pedro e olha para os apóstolos, "esperando receber deles alguma coisa".

Palavras, Frases e Construções em Grego em 3.1-5

Versículo 1

ἱερον – esta palavra designa todo o complexo do templo, tanto as edificações como a área ao redor, ao passo que ναός significa o santuário em si.

ἐπί – "na expressão de tempo aqui, [a preposição] indica um período mais definido do que o acusativo simples teria expresso".[7]

Versículo 2

ὑπάρχων – como um particípio presente ativo, esta palavra equivale ao particípio ativo presente ὤν do verbo *ser*.

ἐτίθουν – notar o freqüente emprego do tempo imperfeito nesta passagem (vs. 1-5). O imperfeito expressa repetição.

καθ' ἡμέραν – "diariamente". Lucas parece gostar desta frase preposicional, pois a usa cinco vezes em seu Evangelho e sete vezes em Atos. Em contraste, ela aparece apenas duas vezes nas epístolas paulinas e uma vez em Mateus e outra em Marcos. A epístola aos Hebreus a traz quatro vezes com uma leve variação.

τοῦ αἰτεῖν – o infinitivo juntamente com o artigo definido no caso genitivo expressa propósito.

---

7. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 192. Veja também A.T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 602.

Versículo 5

ἐπεῖχεν – uma forma composta de ἐπί (sobre) e ἔχω (eu tenho, mantenho) no tempo imperfeito necessita do complemento τοὺς ὀφθαλμούς (ele estava mantendo seus olhos sobre [eles]).

προσδοκῶν – o particípio presente ativo denota modo.

---

b. *Milagre*

3.6-10

6. Porém Pedro disse: "Prata e ouro não tenho, mas o que tenho te dou: no nome de Jesus Cristo de Nazaré, anda".

Pedro continua como o porta-voz enquanto João permanece em silêncio. E enquanto o mendigo espera ansiosamente receber algo, Pedro diz: "Prata e ouro não tenho". Quer dizer, dentre os meus pertences, não se encontra dinheiro. O dinheiro das pessoas que vendiam suas terras e seus bens de valor não pertencia a Pedro (veja 2.44,45; 4.34,35; 5.1,2). A serviço de Jesus, Pedro não era um homem rico (veja-se Mt 10.9,10). Ele vivia de acordo com o mandamento do Senhor de que "aqueles que proclamam o evangelho devem viver do evangelho" (1Co 9.14).

O que Pedro dá ao mendigo aleijado é de muito mais valor para ele do que qualquer quantidade de prata e ouro. Pedro cura-o no nome de Jesus Cristo de Nazaré e o manda andar. Ao longo de quarenta anos esse homem esteve imóvel, e agora ele vai fazer uso de suas pernas. Pedro invoca o nome de Jesus a fim de mostrar-lhe que o poder curador de Jesus, conhecido de todo o povo de Israel, emana do apóstolo para o aleijado. Desse modo não é Pedro, e, sim, Jesus aquele que outorga restauração.

O termo *nome* é significativo, porquanto contém a plena revelação da pessoa mencionada. Assim, o nome Jesus se refere ao seu nascimento, ministério, sofrimento, morte, ressurreição e ascensão. A seguir, o nome *Cristo* aponta para o Messias que é Filho exaltado de Deus. E ainda, o lugar chamado *Nazaré* é acrescentado para maior identificação; este foi o nome que Pilatos escrevera na tabuleta afixada no cimo da cruz de Jesus (Jo 19.19). Finalmente, a frase *nome de Jesus (Cristo)* ocorre repetidamente em Atos.[8]

---

8. São estas as referências: 2.38; 3.6; 4.10, 18, 30; 5.40; 8.12,16; 9.27; 10.48; 16.18; 19.5,

A cura no nome de Jesus Cristo de Nazaré requer fé por parte do inválido. Pedro o manda andar, mas o coxo só pode fazê-lo se depositar sua fé em Jesus. O Novo Testamento ensina que os milagres acontecem em conexão com a fé.[9]

7. Tomando-o pela mão direita, o levantou; e imediatamente seus pés e tornozelos se fortaleceram. 8. E, saltando, pôs-se de pé e começou a andar; entrou no templo com eles, andando, saltando e louvando a Deus.

Ao tomar o coxo pela sua mão direita para ajudá-lo a levantar-se, Pedro segue o mesmo procedimento de Jesus quando curou a sogra de Pedro de uma febre: "Tomando-a pela mão, Jesus a ajudou a levantar-se. A febre a deixou e ela passou a servi-los" (Mc 1.31). Em ambos os casos, o milagre acontece depois de os pacientes serem ajudados pelo ato de estender a mão. Notar que Lucas, como médico, relata com precisão que Pedro segurou a mão direita do homem. Este instantaneamente sente força em seus pés e tornozelos, e reconhece que houve um milagre. O advérbio *imediatamente* torna claro que um milagre aconteceu.

O homem salta, e pela primeira vez em sua vida se põe de pé. Que experiência de alegria e felicidade! Mesmo que jamais tivesse andado, ele tenta e não encontra nenhuma dificuldade. Seu caminhar se transforma em saltos, pois ele reconhece que Deus realizou um milagre em sua vida. Profere palavras de louvor e agradecimento a Deus, e deseja acompanhar os apóstolos para dentro do pátio do templo a fim de orar. (O lugar onde seus parentes e amigos o colocavam para esmolar diariamente não era considerado como pátio do templo). Agora ele entra na área do templo para expressar sua gratidão a Deus (comparar com Lc 17.15).

O paralelo com a cura efetuada por Paulo no homem aleijado em Listra é admirável. Lucas escreve que Paulo olhou diretamente para o homem e viu que ele tinha fé para ser curado. Então disse-lhe para pôr-se de pé, com o resultado de que o homem saltou e começou a andar (14.9,10).

13, 17; 21.13; 26.9. São numerosas as referências implícitas ao nome de Jesus.

9. Consultar João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 94.

A referência à chegada da era messiânica é significativa. Profetizando o tempo da vinda do Messias, Isaías disse:

> Então se abrirão os olhos dos cegos,
> E se desimpedirão os ouvidos dos surdos,
> *Os coxos saltarão como cervos*,
> E a língua dos mudos cantará de alegria
> [35.5,6a, itálicos acrescentados].

Jesus inaugurou a era messiânica quando fez que os cegos vissem, os aleijados andassem, os leprosos ficassem limpos e os mudos falassem; quando ressuscitou os mortos e pregou o evangelho aos pobres (Mt 11.5; Lc 7.22). Depois do Pentecoste, essa era messiânica prossegue, como Pedro indica, curando miraculosamente um coxo no nome de Jesus Cristo de Nazaré.

9. E todo o povo o viu andando e louvando a Deus. 10. Reconheceram-no como aquele que costumava esmolar assentado à porta do templo, chamada Formosa. E estavam cheios de admiração e assombro por aquilo que lhe havia acontecido.

Não se sabe por quanto tempo os apóstolos e o homem que fora curado oraram no templo. Lucas relata a reação do povo que testemunha o efeito do milagre no mendigo que agora anda, salta e louva a Deus.

Estes são os fatos:

a. Durante muitos anos o povo tinha conhecido o coxo como um homem assentado à porta chamada Formosa a mendigar; sabiam que o seu mal provinha de um defeito de nascença que o impossibilitava de andar.

b. Reconhecem o mendigo e vêem-no agora andando e saltando de alegria; ouvem que ele louva a Deus por havê-lo curado.

c. Ficam completamente atônitos e espantados em face de um maravilhoso ato de Deus. Assim como Jesus realizava milagres no meio deles, agora seus apóstolos o fazem no seu nome. Em suma, o que Jesus iniciou durante o seu ministério terreno tem agora prosseguimento por meio de seus seguidores imediatos. Com admiração e espanto, o povo se abre às boas-novas de Jesus Cristo que Pedro está proclamando.

Considerações Doutrinárias em 3.6

Nosso nome serve ao útil propósito de nos distinguir dos outros. Ter o mesmo nome e sobrenome de outra pessoa traz confusão e às vezes até aborrecimento. Mas nosso nome não revela nada acerca de nosso ser, características e habilidades. As Escrituras ensinam que quando Deus dá nome a uma pessoa, esse nome descreve a personalidade dela. Por exemplo, Deus chama Abrão de Abraão, que significa "pai de muitas nações" (Gn 17.5). E o anjo do Senhor instrui José a chamar o filho de Maria de Jesus, "porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). O nome de Jesus revela seu ser e sua missão. Aparecendo em forma humana, Jesus, o Filho de Deus, tem poder para perdoar pecados.

Os discípulos de Jesus profetizam, expulsam demônios e realizam milagres em seu nome (Mt 7.22; Mc 9.39; Lc 10.17). Eles receberam autoridade para pregar o arrependimento e o perdão no nome de Jesus (Lc 24.47), e para agir em seu benefício. Quando Deus derrama o Espírito Santo nesse nome (Jo 14.26), os apóstolos recebem poder e autoridade divinos para realizar milagres (At 3.6; 14.10).

Podemos profetizar e realizar exorcismos e milagres usando o nome de Jesus? Apesar de que os apóstolos receberam poderes miraculosos, o Novo Testamento indica que Jesus não nos dá nenhuma ordem para expulsar demônios, curar os doentes e ressuscitar os mortos no nome dele. O que Jesus nos diz é para empregarmos a fórmula *em nome de Jesus* quando orarmos a Deus o Pai (Jo 14.13,14; 16.23,24). Essa fórmula não deveria ser apenas uma conclusão formal e habitual de nossas orações. Ela significa que nós, como seguidores de Cristo, pedimos a Deus que nos abençoe para glorificarmos o nome de Deus, para expandirmos seu reino e para fazermos a sua vontade (Mt 6.9,10). Quando oramos em harmonia com a receita que Jesus nos deu, Deus ouvirá nossas orações e as atenderá.[10]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 3.7-10

Versículo 7

πιάσας – o particípio aoristo ativo de πιάζω (eu tomo) é seguido pelo acusativo αὐτόν como objeto direto e o genitivo τῆς δεξιᾶς χειρός que é partitivo.

10. Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 653; Gerald F. Hawthorne, "Name", *ISBE*, vol. 3, p. 483.

Versículo 8

ἐξαλλόμενος – o particípio presente médio (depoente) do verbo composto ἐξάλλομαι (eu salto) retrata continuidade, intensidade e direção. O verbo principal ἔστη está no aoristo para indicar ocorrência única. Mas περιεπάτει está no imperfeito ativo: o homem não cessou de andar.

Versículo 10

ἐπεγίνωσκον – o tempo imperfeito neste verbo composto indica que "eles *começaram* a reconhecê-lo".[11] A preposição ... possui uma conotação diretiva em vez de intensiva (comparar com 4.13).[12]

συμβεβηκότι – no tempo perfeito do verbo συμβαίνω (eu encontro, sucedo), este particípio ativo é traduzido como mais-que-perfeito. O importante não é a ação pertencente ao passado, mas o estado contínuo do milagre.

---

11. Enquanto ele se apegava a Pedro e João, todo o povo, cheio de espanto, correu para junto deles no lugar chamado Pórtico de Salomão. 12. Quando Pedro viu isso, dirigiu-se à multidão: "Homens de Israel, por que vocês se maravilham disso, ou por que fixam os olhos em nós, como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar? 13. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus de nossos pais glorificou ao seu servo Jesus, a quem vocês entregaram e negaram na presença de Pilatos, apesar de este ter decidido libertá-lo. 14. Vocês negaram o Santo e o Justo e pediram que um assassino lhes fosse solto. 15. Vocês mataram o Príncipe da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. Somos testemunhas dele. 16. E pela fé em seu nome, este que vocês vêem e reconhecem foi fortalecido em seu nome. E a fé que veio dele concedeu-lhe esta perfeita saúde perante todos vocês.

17. "E agora, irmãos, sei que vocês agiram em ignorância, assim como o fizeram os seus líderes. 18. Mas Deus cumpriu desse modo as coisas que antes havia dito por intermédio de todos os profetas, que o seu Cristo sofreria. 19. Arrependam-se, pois, e convertam-se a Deus, para que seus pecados sejam apagados, 20. que tempos de refrigério possam vir do Senhor, e que ele envie para vocês o Cristo que lhes foi designado, a saber, Jesus. 21. Ele deve permanecer no céu até que ocorram os tempos da restauração de todas as coisas a respeito das quais Deus falou há muito tempo por meio de seus santos profetas. 22. Pois Moisés disse: 'O Senhor vos suscitará um profeta dentre vossos irmãos semelhante a mim; ouvi a tudo quanto ele vos disser. 23. E todo aquele que não ouvir a este profeta será completamente destruído do meio de seu povo'.

24. "E todos os profetas, desde Samuel até os que o sucederam, de igual

---

11. Robertson, *Grammar*, p. 885.

12. Consultar F.F.Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3a ed. (revista e aumentada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 193.

modo anunciaram estes dias. 25. E vocês são os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com seus pais. Ele disse a Abraão: 'E pela tua descendência todas as famílias da terra serão abençoadas'. 26. Quando Deus ressuscitou o seu servo, ele o enviou primeiramente para vocês, para os abençoar a fim de que cada um de vocês se aparte das suas perversidades."

2. *O Discurso de Pedro*

3.11-26

a. *Explanação*

3.11-16

Pedro é um verdadeiro missionário de Jesus. Ele vê e aproveita a oportunidade de testemunhar de seu Senhor. Realiza um milagre, observa seu efeito e imediatamente fala à multidão que se reúne. Ele sabe que seu público está "cheio de espanto e admiração", é simpático para com ele e quer ouvir uma explicação.

11. Enquanto ele se apegava a Pedro e João, todo o povo, cheio de espanto, correu para junto deles no lugar chamado Pórtico de Salomão.

Lucas não fornece nenhum detalhe a respeito do culto de oração no Pátio dos Homens. Deduzimos que quando Pedro e João tentaram andar pelo Pátio das Mulheres e pela porta do templo chamada Formosa até ao Pátio dos Gentios, o aleijado a quem haviam curado não lhes permitia perdê-lo de vista. Não devemos pensar que ele impedia os apóstolos de se locomoverem. Pelo contrário, permaneceu junto deles e dava a entender à multidão que os discípulos de Jesus haviam sido os instrumentos em sua cura.

O foco da atenção é, portanto, Pedro e João. Lucas escreve: "Todo o povo, cheio de espanto, corre para junto deles". Quando os apóstolos atravessaram o Pátio dos Gentios até ao Pórtico de Salomão, um aglomerado de pessoas começou a cercá-los. O Pórtico de Salomão, localizado no lado leste do templo, era considerado parte do templo de Salomão. Mas esta dedução é baseada mais na lembrança respeitável desse grande rei do que na realidade. A planta baixa dos templos de Salomão e Herodes respectivamente diferem de modo considerável. Assim não é possível identificar o lugar exato.[13]

13. Josefo, *Antiquities* 15.11.3-5 [391-420]; 20.9.7 [219-23]. Consultar William S. LaSor, "Jerusalem", *ISBE*, vol. 2, p. 1028.

Havia um pórtico de três alas com colunas que atingiam uma altura de nove metros. "As fileiras de colunas tinham espaço de dez metros nas alas dos lados e treze metros na ala central."[14] Havia um total de 162 colunas. O Pórtico era coberto por um teto de cedro, e o lugar em si oferecia amplo espaço para um grande número de pessoas. Esse era o lugar onde Jesus se reuniu com os líderes judeus quando foi a Jerusalém para a Festa da Dedicação (Jo 10.22). E ali a multidão, curiosa e atônita, se reuniu em torno de Pedro e João para descobrir o que havia sucedido ao mendigo paralítico.

12. Quando Pedro viu isso, dirigiu-se à multidão: "Homens de Israel, por que vocês se maravilham disso ou por que fixam os olhos em nós, como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?"

Pedro tem um auditório pronto para ouvir sua explicação, pois o povo está admirado pelo milagre acontecido. Não demonstram nenhuma incredulidade; a ridicularização que se fez ouvir no Pentecoste se encontra ausente (comparar com 2.13). Pedro tem, portanto, uma rara oportunidade de proclamar o evangelho. Como no seu sermão do Pentecoste, ele explica primeiramente as circunstâncias do milagre, depois familiariza seus ouvintes com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, e por fim conclama-os ao arrependimento e à fé.

a. "Homens de Israel." Pedro utiliza o tratamento familiar do seu sermão do Pentecoste (2.22), pois fala a um grupo de judeus que conhece o Antigo Testamento e não ignora os milagres realizados por Jesus. Ele se dirige a eles como povo de Deus e diz-lhes para não se surpreenderem com o milagre que vêem no mendigo coxo. Por implicação, lembra-lhes as obras de Jesus de Nazaré, cujo poder continua a existir em seus seguidores imediatos.

b. "Por que fixam os olhos em nós, como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?" Pedro reprova seu público judeu admoestando-o a não olhar para as obras do homem, e, sim, para o poder de Deus. Lucas apresenta um paralelo com o relato acerca do povo de Listra, que considerou Paulo e Barnabé como deuses depois de Paulo ter curado um homem aleijado (14.8-18). Naturalmente,

14. Harold Stigers, "Temple, Jerusalém", *ZPEB*, Vol. 5, p. 651.

a multidão de Jerusalém não adora Pedro e João, mas pensa que os dois apóstolos eram portadores de poder e santidade inerentes, e, portanto, conquistaram a habilidade de fazer um paralítico andar. Pedro dirige a atenção deles não para as obras humanas, e, sim, para a glória de Deus.

13. "O Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus de nossos pais glorificou ao seu servo Jesus, a quem vocês entregaram e negaram na presença de Pilatos, apesar de este ter decidido libertá-lo."

Lucas apresenta somente um extrato do discurso de Pedro. Mesmo assim, a narrativa mostra claramente que ele apela para os motivos religiosos de seu auditório. Depois de dirigir-se a eles como "homens de Israel", Pedro indica que Deus é o Deus dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Ele toca aqui numa parte básica do fundamento religioso de Israel. Deus se revelou aos antepassados, de quem Abraão, Isaque e Jacó constituem as três primeiras gerações. Aqui estão as mesmas palavras que Deus disse a Moisés na sarça ardente: "Eu sou o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó" (Êx 3.6,15).[15] Jesus também referiu-se a essas mesmas palavras quando, no seu discurso dirigido aos saduceus acerca da doutrina da ressurreição, disse-lhes que Deus é Deus de vivos e não de mortos (Mt 22.32; Mc 12.26,27; Lc 20.37,38). Finalmente, Estêvão as menciona no seu discurso perante o Sinédrio (7.32). Essas palavras são consagradas pelo uso reverente. Logo, Deus é o Deus dos pais de Israel (comparar com Mt 8.11; At 22.14).

Continuando, Pedro diz: "O Deus de nossos pais glorificou ao seu servo Jesus". Ele indica que Jesus figura na linha dos patriarcas e dos pais espirituais do povo judeu. Deus glorificou a Jesus, a quem Pedro deliberadamente chama de "servo" para lembrar aos seus ouvintes a profecia de Isaías a respeito do sofrimento e glória do Servo do Senhor (Is 52.13 – 53.12). Eles precisam saber que Jesus cumpriu essa profecia messiânica (comparar com Mt 12.18). Jesus é o servo de Deus (veja v. 26; 4.27,30).[16] Durante o seu ministério, ele se refere ao cumprimen-

15. Essas palavras formam as palavras introdutórias das sobejamente conhecidas Dezoito Bênçãos Judaicas.

16. Para uma discussão completa sobre o tópico *servo de Deus*, veja Joaquim Jeremias, *TDNT*, vol. 5, pp. 686-717; Otto Michel, *NIDNTT*, vol. 3, pp. 607-13; e Richard T. France, "The Servant of the Lord in the Teachings of Jesus", *TynB* 19 (1968): 26-52.

to da profecia de Isaías (por exemplo, Is 53.12 e Lc 22.37). Jesus é o Servo Sofredor, mas Deus o glorificou, isto é, ele foi "levantado, elevado e sobremaneira exaltado" (Is 52.13 NIV).

Por que Jesus foi levantado? Porque, diz Pedro aos seus compatriotas judeus, "vocês o entregaram e negaram na presença de Pilatos, apesar de este ter decidido libertá-lo". Ele coloca o fardo da culpa nos ombros certos. Os judeus são responsáveis pela morte do Servo de Deus, a quem este glorificou levantando-o dos mortos. Subseqüentemente, ele subiu ao céu para assumir seu lugar à destra de Deus.

Na presença de Pôncio Pilatos, os judeus negaram o Servo de Deus que viera para o seu póprio povo (Jo 1.11). E mesmo quando Pilatos queria libertar Jesus por não haver encontrado nenhum fundamento sobre o qual culpá-lo (Lc 23.4,14), puseram Pilatos à prova. Os judeus forçaram-no a manter sua fidelidade a César e depois fizeram-no ceder ao seu pedido de crucificar Jesus (Jo 19.12-16).

14. "Vocês negaram o Santo e o Justo e pediram que um assassino lhes fosse solto. 15. Vocês mataram o Príncipe da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. Somos testemunhas dele."

Os judeus deviam saber, pelo Antigo Testamento, que o Messias é chamado Santo. Por exemplo, no seu sermão do Pentecoste (2.27) Pedro lembrou-lhes esse fato citando o Salmo 16.10: "Nem permitirá que o seu Santo sofra decomposição". Ele ressaltou que Davi não estava falando de si mesmo, e, sim, de Cristo (comparar com Is 41.14). E o povo sabia, pelos profetas, que o Messias é o Justo. Assim Isaías escreveu: "Pelo seu conhecimento o meu Servo, o Justo, justificará a muitos" (Is 53.11; e veja Jr 23.5; 33.15; Zc 19.9).[17]

Pedro lembra o seu público de sua recente história e repete a acusação de que negaram e mataram Jesus. Elas eram a pessoas que se puseram perante Pilatos e exigiram a morte de Jesus. Queriam a soltura do prisioneiro Barrabás, um anarquista e assassino (Mc 15.7). A escolha que Pilatos colocou diante dos judeus era sem dúvida bem clara. Ele lhes disse que, ou soltaria Jesus a quem tinha achado inocente, ou o desordeiro e homicida Barrabás (Lc 23.13-19). Até a esposa do gover-

17. Referências neotestamentárias a Jesus como o Santo são: Marcos 1.24; João 6.69; e como o Justo: Atos 7.52; 22.14; 1 João 2.1. Consultar Herman N. Ridderbos, *The Speeches of Peter in the Acts of the Apostles* (Londres: Tyndale, 1962), p. 22.

nador lhe pediu para não se envolver com aquele homem inocente, Jesus (Mt 27.19).

"Vocês mataram o Príncipe da vida." A denúncia de Pedro é dirigida diretamente à consciência de seu auditório. Note-se que ele não põe a culpa sobre Pôncio Pilatos, que ordenou aos seus soldados crucificarem Jesus. Pedro culpa o povo judeu que, incitado pelos principais sacerdotes e líderes, pediu a morte de Jesus. Ele assegura que eles próprios são os assassinos. Aqui está o duro contraste e a profundidade de seu crime: eles pediram a Pilatos a libertação de Barrabás, o assassino (v. 14), e a morte de Jesus, o Príncipe da vida (v. 15). Mas Jesus é o Doador da vida (Jo 10.28) e é, portanto, a sua fonte. O termo grego traduzido por "príncipe" pode significar também "autor" (5.31; e veja Hb 2.10; 12.2). Entretanto, o homem mortal é incapaz de matar o Autor da vida, o mesmo que foi levantado do túmulo.

"Deus [o] ressuscitou dentre os mortos." Um tema característico expresso pelos apóstolos Pedro e Paulo em seus sermões aparece nesta seqüência: vós, povo judeu, matastes Jesus; Deus o ressuscitou dos mortos; e nós, os apóstolos, somos testemunhas.[18] Se Deus levantou Jesus dentre os mortos, então, por implicação, ele pode dar vida aos seus assassinos. Em outras palavras, o anúncio triunfante de Pedro – "Deus [o] ressuscitou dentre os mortos" – se estende para incluir seu acusado auditório. Quando perceberem o erro de seu procedimento e se voltarem para Deus arrependidos e crentes, então ele estará disposto a perdoá-los e restaurá-los como seu povo e a conceder-lhes vida eterna. Desse modo, os discípulos de Jesus são testemunhas da ressurreição de Cristo e proclamam as boas-novas de vida e curam em seu nome.

16. E pela fé em seu nome, este que vocês vêem e reconhecem foi fortalecido em seu nome. E a fé que veio dele concedeu-lhe esta perfeita saúde perante todos vocês.

Fé no nome de Jesus constitui o requisito básico colocado por Pedro diante de seus ouvintes. Pela fé no Jesus ressurreto e glorificado os apóstolos podem realizar milagres. Note-se que a expressão *fé em seu nome [de Jesus]* aparece duas vezes nesse versículo. Examinemos esses dois conceitos.

18. Comparar com estas referências: Atos 2.23,24; 4.10; 5.30-32; 10.39-41; 13.28-31.

a. *Fé*. Devemos perguntar se Pedro fala a respeito da fé dos apóstolos ou da fé do aleijado. A resposta é, naturalmente, que tanto os apóstolos quanto o mendigo tinham fé. Pedro e João realizaram o milagre somente porque confiaram plenamente em Jesus para conceder-lhes o poder de curar. O paralítico também confiou no Senhor para curá-lo, mesmo que Lucas nada diga a respeito de sua fé quando o milagre aconteceu (vs. 3-7). Essa fé, como é colocada por Pedro, vem por meio de Jesus. Ela só é eficiente por intermédio dele, como se faz evidente na cura do homem coxo: "E a fé, que vem por meio de Jesus, concedeu a este homem perfeita saúde" (RSV). A fé e o nome de Jesus são os dois lados da mesma moeda que representa a cura. Em suma, a fé é o *modo* e o nome de Jesus é a *causa* da restauração do homem.[19]

b. *Nome*. No grego faltam ao v. 16 polimento e equilíbrio. Como um sumário apresentado por Lucas, ele reflete a ênfase de Pedro posta no nome de Jesus, que ele menciona repetidas vezes e até personifica. O texto diz literalmente: "E o nome de Jesus que fortaleceu este homem a quem vedes e reconheceis" (NASB). Quando Pedro disse ao paralítico: "No nome de Jesus Cristo de Nazaré, anda" (v. 6), ele não pronunciou meramente uma fórmula mágica efetuando um milagre. Pelo contrário, pela fé no nome de Jesus ele creu que o seu divino poder fluiria por meio dele para curar o aleijado. Os sete filhos de Ceva invocaram o nome de Jesus, sem fé, e não realizaram nada, antes receberam uma severa surra do espírito maligno a quem tentavam expulsar (19.13-16). No entanto, quando os 72 discípulos comissionados por Jesus retornaram a ele, regozijavam-se e disseram: "Senhor, até os demônios se nos submetem no teu nome" (Lc 10.17).

A fé no nome de Jesus pede uma resposta do mendigo que estende sua mão direita para Pedro e percebe que seus pés e tornozelos estão fortes. Com essa evidência, a qual todos os ouvintes podem ver, Pedro está agora prestes a convidar os judeus a depositarem sua fé em Jesus.

Considerações Práticas em 3.16

Ao longo de toda a história da igreja, o dom de cura nunca deixou de existir. Os nomes de Francisco de Assis, Martinho Lutero e John Wesley,

19. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 99.

para não mencionar os nomes de cristãos de nossos dias, destacam-se em relação ao ministério de cura. Dentre os dons do Espírito Santo encontra-se o dom de curar (1Co 12.9,28). No entanto, Paulo pergunta incisiva e retoricamente: "Têm todos o dom de curar?" (1Co 12.30, NIV). O próprio Paulo realizou milagres de cura em suas viagens missionárias, mas não fornece nenhum indício de que tenha curado Epafrodito, tão enfermo que quase morreu (Fp 2.27). Paulo admite abertamente que ele "deixou Trófimo doente em Mileto" (2Tm 4.20). E o próprio Paulo havia lutado com um espinho na carne, o qual Deus não removeu (2Co 12.7-9). Enfim, Paulo não podia usar seu dom de cura quando quisesse nem onde quer que estivesse.

Tiago nos instrui a chamar os presbíteros da igreja quando estivermos doentes. Esses presbíteros devem orar e ungir com óleo em nome do Senhor (5.14). Ele ressalta que "a oração da fé curará o enfermo" (v. 15), pois a fé e a oração constituem requisitos aos quais o Senhor responde.[20] Às vezes os milagres de cura não acontecem, especialmente quando Deus quer fortalecer nossa fé para a sua glória. Como ensinam as Escrituras, Deus responde às orações no seu tempo e à sua maneira. Ele disse a Paulo: "A minha graça te basta, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12.9).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 3.11-16

Versículo 11

κρατοῦντος δὲ αὐτοῦ – o particípio presente ativo com o pronome no caso genitivo formam a construção do genitivo absoluto.

ὁ λαός – esta é uma expressão favorita no Evangelho de Lucas e em Atos. Das 143 ocorrências deste substantivo no Novo Testamento, 84 se acham nos escritos de Lucas. O substantivo é coletivo; possui um verbo no singular (συνέδραμεν, aoristo ativo de συντρέχω [eu corro junto]; e traz um adjetivo composto no plural (ἔκθαυβοι, completamente atônito).

Versículo 12

ἡμῖν – devido à sua posição na sentença, este pronome pessoal é en-

20. Para uma discussão acerca deste assunto, veja Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistle of James and the Epistles of John*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1986), pp. 175-77.

fático. Está no plural dativo como objeto indireto e é explicado pelo particípio perfeito ativo πεποιηκόσιν (de ποιέω [eu faço, realizo]), no dativo.

τοῦ περιπατεῖν – com o artigo definido no genitivo, o infinitivo presente ativo expressa propósito.

Versículo 14

τὸν ἅγιον καὶ δίκαιον – dois epítetos são aplicados a uma pessoa com um artigo definido.[21] Note-se o contraste entre esta frase e ἄνδρα φονέα (assassino).

Versículo 16

ἡ πίστις – o contexto geral deste substantivo indica que tanto os apóstolos como o coxo depositaram sua fé em Jesus Cristo.

ἀπέναντι – um verbo composto advindo de três preposições (ἀπό, ἐν e ἀντί) tem o significado secundário de *à vista de, em vez de* "oposto".

---

b. *Exortação*

3.17-23

Pedro desvendou o miserável estado de seus ouvintes, que agora enxergam sua culpa diante de Deus. Apesar de poderem alegar desculpas e reivindicar circunstâncias atenuantes, continuam culpados da morte de Jesus Cristo, o Autor da vida. Pedro se lhes dirige com palavras mansas ditas com interesse e preocupação pastorais. Ele se coloca no nível deles e diz palavras de conforto.

17. "E agora, irmãos, sei que vocês agiram em ignorância, assim como o fizeram os seus líderes. 18. Mas Deus cumpriu deste modo as coisas que antes havia dito por intermédio de todos os profetas, que o seu Cristo sofreria."

Fazemos estas observações:

a. *Ignorância*. Depois de explicar os acontecimentos de um passado recente, conhecidos de cada um dos ouvintes dentre o público de Pedro, ele se volta para a presente situação. Em tom gentil, está na realidade perguntando: "O que devemos fazer em relação ao nosso pecado?" Porque o povo o procura para receber orientação, Pedro tem

21. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 785.

uma perfeita oportunidade de levá-los ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo, Como um pastor, ele admite que seus ouvintes, a quem se dirige como "irmãos", cometeram o seu crime na ignorância. Pecaram involuntariamente, sendo levados por um espírito de turba que os fez gritar: "Crucifica-o!" Se tivessem pecado desafiadoramente, teriam cometido blasfêmia. Deus diz que não perdoa aquele que peca voluntariamente (veja Nm 15.30,31). Alguém que peca de modo desafiante está na realidade cometendo o pecado contra o Espírito Santo (Mt 12.31,32). Entretanto, o povo judeu pecou involuntariamente devido à cegueira espiritual.

Os judeus não tinham ainda percebido que Jesus de Nazaré veio a eles como o seu Messias. Nem compreenderam as Escrituras ao falar de um Servo Sofredor, isto é, o Messias. Em seu sermão aos judeus de Antioquia da Pisídia, Paulo diz que o povo de Jerusalém e seus líderes não reconheceram Jesus (13.27). Mesmo assim, a sua culpa, que só pode ser removida pelo arrependimento e pelo amor perdoador de Cristo, permanece. O amor de Cristo está presente. Até mesmo na cruz Jesus orou pelo povo que o matou: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34).

Pedro inclui os líderes do povo judeu em seu discurso: "E agora, irmãos, sei que vocês agiram na ignorância, assim como o fizeram os seus líderes". Essa declaração geral não significa que todo líder judeu tenha agido por ignorância. Lembre-se de que Jesus ensinou a doutrina do pecado contra o Espírito Santo quando fariseus e mestres da lei disseram que ele estava expulsando demônios por Belzebu, o príncipe dos demônios (veja Mt 12.24; Mc 3.22; Lc 11.15).

b. *Cumprimento*. Pedro repete as palavras ditas por Jesus primeiramente aos dois homens de Emaús e mais tarde no cenáculo quando abriu as Escrituras e disse aos discípulos que o Cristo sofreria e entraria na sua glória (veja Lc 24.26,27; 45,46).

Pedro baseia seu sermão no Antigo Testamento e diz aos seus ouvintes que Jesus é o cumprimento da profecia. De fato, Pedro põe isso de forma clara quando diz que "Deus cumpriu desse modo as coisas que antes havia dito por intermédio de todos os profetas". Deus fala por meio de seus servos, os profetas, mas cumpre sua palavra por meio de Jesus, seu Filho. Logo, Deus providencia continuidade em sua reve-

lação. Ele faz saber que a comunidade cristã vive na era do cumprimento.[22] Assim, os cristãos primitivos enxergam no Antigo Testamento a humilhação e o sofrimento que levam à glória.

Os profetas da era do Antigo Testamento profetizaram que o "Cristo sofreria" (comparar com Is 50.6; 53.3-12; 1Pe 1.10-12). Estando os judeus familiarizados com os escritos dos profetas, deveriam conhecer esses fatos. Jesus disse aos homens de Emaús que eram "tardios de coração para crer tudo o que os profetas disseram" (Lc 24.25); e no cenáculo ele teve de abrir a mente de seus discípulos a fim de que pudessem compreender as Escrituras (Lc 24.45).

Pedro segue agora o exemplo deixado por Jesus e instrui seus ouvintes no ensino a respeito do Messias sofredor. Ele lhes diz que Jesus sofreu e morreu na cruz porque os judeus o entregaram para ser crucificado. Mostra-lhes também o caminho do arrependimento, de voltar-se para Deus, da remissão dos pecados e uma renovação de vida que é refrigério.

19. "Arrependam-se, pois, e convertam-se a Deus, para que os seus pecados sejam apagados, 20. que tempos de refrigério possam vir do Senhor, e que ele envie a vocês o Cristo que lhes foi designado, a saber, Jesus."

a. "Arrependam-se, pois, e convertam-se a Deus." Aqui está a resposta à pergunta: "O que faremos acerca do nosso pecado?" Com base em evidência escriturística de que Deus cumpriu as profecias messiânicas, Pedro ordena que seus ouvintes se arrependam (comparar com 2.38). Eles precisam renunciar à sua vida pregressa e dar uma meia volta no seu modo de pensar, a fim de que não mais sigam seus caminhos de outrora, mas ouçam obedientemente a Palavra de Deus cumprida em Jesus Cristo. O arrependimento afeta a existência humana em sua totalidade; atinge o âmago do ser e afeta todo o relacionamento externo com Deus e com o próximo. Arrepender-se é dar as costas ao pecado; fé é voltar-se para Deus.[23] Pedro diz ao povo para voltar-se para Deus, que em linguagem simples quer dizer: arrepender-se e crer.

22. Veja Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), pp. 736-37. E consultar George E. Ladd, *A Theology of New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), pp. 330-31.

23. James D .G. Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, Studies in Biblical Theology, 2a série 15 (Londres: SCM, 1970), p. 91. Veja também seu artigo "Repentance", *in Baker's Dictio-*

b. "Para que os seus pecados sejam apagados." Pedro apresenta um quadro dos pecados do homem gravados numa lousa que pode ser apagada. Embora ele não diga quem limpa a lousa, nós sabemos que somente Deus perdoa pecados por meio de Jesus Cristo. Talvez essa seja uma indicação do jeito típico do hebreu expressar um pensamento sem usar o nome de Deus. A palavras de Pedro constituem uma alusão ao batismo, que é o símbolo da lavagem dos pecados do homem. Note-se que Pedro emprega a palavra *pecados* no plural a fim de englobar a totalidade dos pecados do crente. Quando Deus perdoa os pecados do homem, o relacionamento entre este e Deus é restaurado. Isso significa que o homem entra num novo período de sua vida. Pedro expressa esse pensamento em termos característicos. Ele diz:

c. "Que tempos de refrigério possam vir do Senhor".[24] Essa é certamente uma cláusula interessante, que literalmente diz: "que venham estações de refrigério da face do Senhor". O que Pedro quer dizer? A palavra *refrigério* aparece apenas uma vez no Novo Testamento e uma no texto da Septuaginta do Antigo Testamento (Êx 8.15; 8.11 LXX). Por esta razão os estudiosos não podem assegurar o significado preciso dessa palavra. Aqui estão algumas sugestões que apresentam:

1. Os tempos de refrigério são a "era da salvação, prometida à nação de Israel se ela se arrependesse".[25]

2. A expressão *tempos de força espiritual* (GNB) "refere-se ao futuro e à volta de Cristo".[26] À luz do contexto, os comentaristas pensam que a frase descreve a volta iminente de Jesus.

3. Porque a expressão *tempos de refrigério* está diretamente ligada ao arrependimento e conversão a Deus, ela se refere aos tempos de um futuro imediato e não de um futuro remoto.[27]

---

nary of Christian Ethics, org. por Carl. F. H. Henry (Grand Rapids: Baker, 1973), pp. 578-79.

24. A divisão do versículo difere nos Novos Testamentos gregos e nas traduções. Algumas incluem essa cláusula com o versículo 19, outras com o versículo seguinte.

25. Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 686. E consultar Eduard Schweizer, *TDNT*, vol. 9, pp. 664-65.

26. David. John Williams, *Acts*, Série Good News Commentaries (San Francisco: Harper e Row, 1985), p. 55. Veja ainda Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 37.

27. Consultar R.C.H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 142.

À vista da incerteza em torno dessa frase, devemos evitar ser dogmáticos. A palavra *tempos* está no plural e significa estações periódicas nas quais o crente perdoado e restaurado experimenta o refrigério da aproximação do Senhor. Além disso, devemos indagar se o termo *Senhor* indica Jesus ou se é o nome de Deus no Antigo Testamento. O sujeito da cláusula seguinte é Deus. Isso é evidenciado, por exemplo, na seguinte tradução: "Então que o Senhor possa conceder-vos um tempo de recuperação e enviar-vos o Messias que ele já designou" (NEB).[28]

d. "E que ele vos envie o Cristo que vos foi designado, a saber, Jesus." Deus envia Cristo em resposta ao arrependimento e à conversão do homem a Deus. Mas quando é que Cristo virá? Na verdade, Cristo veio para o seu povo que o rejeitou e matou. Agora ele vem para todos os que o ouvem por intermédio da pregação da Palavra de Deus. E no final dos tempos, Deus enviará Jesus à terra novamente. Mas qual é o contexto no qual Pedro fala?

Pedro se dirige a judeus que, apesar de não terem aceito o Jesus designado por Deus enquanto vivia entre eles, têm agora a oportunidade declará-lo seu Messias. Em sua graça e amor, Deus lhe concede mais uma oportunidade de reconhecer o Cristo. Se o rejeitarem uma segunda vez, não poderão chegar ao arrependimento quando Jesus afinal voltar nas nuvens dos céus. Portanto, o seu arrependimento apressará a volta de Cristo. Pedro corrobora esse pensamento na sua epístola: "Deveis viver em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus" (2Pe 3.12).

21. "Ele deve permanecer no céu até que ocorram os tempos da restauração de todas as coisas a respeito das quais Deus falou há muito tempo por meio de seus santos profetas."

a. "Ele deve permanecer no céu." Em seu discurso acerca do final dos tempos, Jesus disse aos discípulos que ninguém a não ser o Pai sabe o tempo exato da volta dele (Mt 24.36). Logo, Deus o Pai determina quando Jesus voltará para restaurar todas as coisas. Enquanto isso, quando o evangelho de Cristo estiver sendo pregado na terra, Jesus permanecerá no céu, de onde dirige o desenvolvimento de sua igreja e de seu reino. Ele não voltará até que "este evangelho do reino

28. Veja também NAB, GNB, MLB, *Moffatt*.

[tenha sido] pregado no mundo inteiro como testemunho a todas as nações, e então virá o fim" (Mt 24.14).

b. "Até que ocorram os tempos da restauração de todas as coisas." O que Pedro quer dizer com essas palavras? No contexto da passagem, ele se dirige ao povo judeu que aguarda a restauração de todas as coisas, como lhes disseram os profetas do Antigo Testamento. Os tempos de refrigério que vêm como resultado do arrependimento e fé, são precursores do tempo da completa restauração. Enquanto as estações de refrigério são periódicas e subjetivas, o tempo da restauração é permanente e objetivo.[29] Segundo Paulo, a restauração será completa quando tudo estiver sujeito a Jesus Cristo e quando ele entregar o reino a seu Pai (1Co 15.24).

c. "A respeito dos quais Deus falou há muito tempo por meio de seus santos profetas." Pedro prova seu argumento referindo-se novamente às profecias do Antigo Testamento (veja ainda 1Pe 1.10-12; 2Pe 1.19-21). Note-se que Pedro chama os profetas de santos porque transmitiam a revelação divina. Num sentido, ele repete as palavras do versículo 18, onde ele diz: "Deus cumpriu, desse modo, as coisas que antes dissera por intermédio de todos os profetas". Deus fez promessas por meio dos profetas, seus porta-vozes. O que os profetas disseram?

22. "Pois Moisés disse: 'O Senhor vos suscitará um profeta dentre vossos irmãos semelhante a mim; ouvi a tudo quanto ele vos disser. 23. E todo aquele que não ouvir a este profeta será completamente destruído do meio de seu povo'."

a. "Pois Moisés disse." Pedro escolhe o exemplo de Moisés dentre os profetas do Antigo Testamento. Ninguém pode discutir a situação profética de Moisés, pois o próprio Deus lhe concedeu essa posição (Dt 18.18). Da sarça ardente, Deus chamou Moisés para ser seu profeta (Êx 3.4); outros profetas receberam chamado semelhante (veja 1Sm 3.1-14); Is 6. 1-13; Jr 1.4-19; Ez 1.1-3). Moisés é, portanto, o primeiro na linha dos profetas, e o maior deles.

b. "O Senhor Deus vos suscitará um profeta." Pedro cita uma pas-

29. Veja Albrecht Oepke, *TDNT*, vol. 1, p. 391; Hans-Georg Link, *NIDNTT*, vol. 3, p. 148; John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 545.

sagem conhecida do Antigo Testamento. Ele dá uma versão abreviada das palavras ditas por Moisés e registradas em Deuteronômio 18.15-20. Os autores dos Evangelhos fazem alusão a essas palavras inúmeras vezes[30] e Estêvão as cita em parte (7.37) em seu discurso no Sinédrio. Portanto, a fraseologia exata difere do texto hebraico e da tradução da Septuaginta, mas o significado é virtualmente idêntico.

c. "Dentre vossos irmãos semelhante a mim." Ao cumprir a profecia do Antigo Testamento, Cristo é um profeta como Moisés, diz as palavras que Deus lhe deu e ordena ao povo judeu que ouça obedientemente àquilo que ele tem a dizer. A conclusão é que todo aquele que se recusar a ouvir a Jesus "será exterminado do meio do seu povo" (comparar com Lv 23.29).

Cristo é como Moisés? Moisés diz que Deus suscitará um profeta semelhante a ele. Os judeus consideravam-no o maior profeta da terra porque Deus falou com ele face a face (veja Nm 12.8). Conheciam também este eloqüente testemunho a respeito de Moisés.

> Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face, no tocante a todos os sinais e maravilhas que, por mando do Senhor, fez na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus oficiais e a toda a sua terra; e no tocante a todas as obras de sua poderosa mão, e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel [Dt 34.10-12, Almeida Atualizada].

Mas Cristo excedeu a Moisés em todos os aspectos. O autor de Hebreus expõe isso de forma sucinta quando diz que Moisés era um servo na casa de Deus, porém Cristo é o Filho sobre a casa de Deus (3.5,6). Moisés instituiu a primeira aliança para a nação de Israel (Êx 24.3-8), mas essa aliança se tornou obsoleta (Hb 8.13); Cristo instituiu a nova aliança em seu sangue para as pessoas de todas as nações (Mt 26.28; 1Co 11.25). Ainda assim a semelhança entre Cristo e Moisés é evidenciada nestas palavras: "dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim". Cristo é um profeta que é, como Moisés, descendente físico de Abraão e assim pertence a Israel. Os judeus que ouvem Pedro devem reconhecer que Cristo certamente cumpriu as palavras proféticas de Moisés.

---

30. Veja Mateus 17.5; Marcos 9.4,7; Lucas 7.39; 24.25; João 1.21; 5.46.

d. “Ouvi a tudo quanto ele vos disser.” Com essa profecia, Pedro parece dizer aos seus ouvintes judeus que se creram nas palavras de Moisés e obedeceram-nas, devem também crer em Jesus e obedecê-lo. Moisés profetizou acerca de Cristo, e Cristo falou sobre Moisés (Jo 5. 45,46). O povo judeu aguardava a vinda de “*o* Profeta”, como disseram repetidas vezes durante o ministério de Jesus (veja Jo 1.21-25; 7.40). E muitas vezes chamaram Jesus de um profeta ou de o Profeta.[31]

e. “E todo aquele que não ouvir a este profeta será completamente destruído do meio de seu povo.” Aqui está a proverbial moeda de duas faces. De um lado, Deus dá a ordem de obedecer; do outro, revela a conseqüência da desobediência. Deus chama os judeus a ouvirem as palavras de Moisés nas quais ele fala de Cristo. Ele lhes ordena que ouçam a mensagem de Cristo. Mas Deus encontrou má vontade quando os judeus se recusaram a obedecer a Jesus durante o seu ministério terreno. Agora, uma vez mais Deus lhes fala pela boca de um dos apóstolos de Cristo. Se descobrir que continuam em desobediência, serão eliminados do meio do povo de Deus.

Considerações Práticas em 3.22b

Em português temos dois verbos sinônimos, porém cada um possui o seu próprio significado distinto. São os verbos *ouvir* e *escutar*. O primeiro significa, entre outras coisas, “perceber com o ouvido”. O segundo significa “ouvir atentamente”. Devido à multiplicidade de ruídos que ouvimos ao nosso redor, muitas vezes deixamos de escutar. Quer dizer, nossa mente é dotada de uma habilidade excepcional de ouvir e não reagir. As crianças, às vezes, demonstram essa proficiência de ouvir sem escutar quando chega a hora de irem para a cama. Os pais lembram-lhes gentilmente que devem aprontar-se para dormir, mas descobrem que seus filhos continuam a tentar ganhar tempo. Se as crianças não reagem depois de repetidas e até mesmo de sérias advertências, o pai ou a mãe costumam perguntar: “Você está me ouvindo?” Certamente estão ouvindo, porém não estão escutando.

Episódios semelhantes ocorrem diariamente em nossa própria vida de adultos. Falando conosco acerca de seu Filho, Deus diz: “Ouvi tudo quanto ele vos disser”. Assentimos com a cabeça e prometemos fazê-lo. Porém, ao atentarmos para nós mesmos, confessamos que, apesar de Jesus

31. Veja Mateus 21.11; Lucas 7.16,39; 24.19; João 6.14.

nos falar pela leitura das Escrituras, falhamos na ação da obediência. Lembremo-nos, portanto, do que Deus falou dos céus no tempo da transfiguração de Jesus, dizendo: "Este é o meu Filho amado em quem tenho prazer. A ele ouvi!" (Mt 17.5).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 3.17-23

Versículo 17

χαὶ νῦν – Pedro faz uma transição de sua aplicação dos acontecimentos passados para a presente realidade.

χατὰἄγνοιαν – em vez de um particípio, Lucas usa uma frase preposicional para expressar modo: por ignorância.

Versículo 20

ὅπως ἄν – a combinação do advérbio com o particípio introduz uma cláusula de propósito baseada no imperativo aoristo ativo μετανοήσατε (arrependei-vos!) e ἐπιστρέψατε (convertei-vos!) do versículo precedente (v. 19).

χαιροί – este substantivo está estreitamente relacionado a χρόνων (v. 21) e, como este, acha-se sem o artigo definido. Nos versículos 21 e 22, os substantivos são virtualmente sinônimos.

Versículo 23

ἀκούσῃ τοῦ προφήτου – como uma prótase numa sentença condicional, o verbo está no subjuntivo aoristo ativo. O aoristo denota ação simples. Seguido pelo caso genitivo no substantivo προφήτου, o verbo possui o seguinte significado: "toda alma que não ouvir àquele profeta" (isto é, "que até mesmo recusar-se a deixar um profeta falar").[32]

---

c. *Promessa*

3. 24-26

Os últimos três versículos do sermão de Pedro formam a conclusão de seu discurso. Nesses versículos ele lembra seu público das bênçãos da aliança por eles herdadas por meio de Abraão, seu pai espiritual. Agora, por intermédio de Jesus Cristo, Deus continua a abençoar o seu povo.

32. Hanna, *Grammatical Aid*, p. 193.

24. "E todos os profetas, desde Samuel até os que o sucederam, de igual modo anunciaram estes dias."

A linha de raciocínio que Pedro desenvolve é aquela de que todos os profetas, de Moisés e Samuel até aos que os sucederam, falaram acerca da vinda do Messias. Depois de citar a profecia de Moisés nos versículos precedentes, Pedro menciona Samuel. Na época intermediária entre Moisés e Samuel, os profetas não pronunciaram nenhuma profecia concernente a Cristo. Por essa razão, Pedro omite aquele período e continua com Samuel que, nos escritos judaicos, era conhecido como o mestre dos profetas (comparar com 13.20; 1Sm 3.19).[33] No entanto, as Escrituras não fornecem nenhuma indicação de que *Samuel* tenha profetizado ou ensinado os profetas. Se tomarmos o nome *Samuel* para consultar o período que cobre o tempo dos livros a ele atribuídos, encontramos algumas alusões proféticas ao Messias. Por exemplo, o profeta Natã informa a Davi que de sua descendência Deus estabelecerá um reino duradouro (2Sm 7.12-14; At 2.30; Hb 1.5). O próprio Davi, a quem Samuel ungiu rei sobre Israel, é um precursor de Jesus, rei dos judeus (Mt 2.2; 27.37).[34]

"Todos os profetas ... anunciaram estes dias." A comunidade cristã primitiva examinava atentamente as profecias do Antigo Testamento para se certificar de que Jesus Cristo de Nazaré as tinha cumprido. Nos seus sermões e epístolas, Pedro e Paulo citaram repetidas vezes essas profecias para mostrar que Jesus é certamente o Messias prometido.

Guia, ó Rei eternal,
Até que cesse a medonha guerra do pecado
E a santidade sussurre
O doce amém da paz;
Pois não é com espadas batendo-se ruidosamente,
Nem com rufar de estridentes tambores,
Mas com gestos de amor e misericórdia
Que vem o reino celestial.
– Ernest W. Shurtleff

25. "E vocês são os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez

33. Veja SB, vol. 2, p. 627; Lenski, *Acts*, p. 147.
34. Para referências concernentes ao reinado de Davi, veja 1 Samuel 13.14; 15.28; 16.13; 28.17.

com seus pais. Ele disse a Abraão: 'E pela tua descendência todas as famílias da terra serão abençoadas'."

O fato de que Lucas apresenta um resumo do sermão de Pedro torna-se evidente especialmente nesse versículo. A conexão entre ele e o versículo anterior é a expressão *herdeiros dos profetas*.[35] Quem são esses herdeiros? Pedro se dirige aos seus ouvintes e diz: "vós". Segundo Paulo, ao povo judeu foram confiadas as próprias palavras de Deus (Rm 3.2). A expressão *herdeiros dos profetas* indica, portanto, que os judeus eram os recipientes das profecias; em última análise, estas vêm de Deus na forma das Escrituras. Ademais, os judeus são herdeiros da aliança que Deus fez com Abraão e seus descendentes (Gn 15.18; 17.2,4,7; Rm 9.4), confirmada pela nação de Israel nos dias de Moisés (Êx 24.3-8). Assim, Pedro vai do tempo de Moisés a um período mais remoto no qual Deus faz uma aliança com Abraão e promete a ele e aos seus descendentes bênçãos inauditas. Deus selou suas palavras num pacto que transcenderia os séculos e incluiria todos os descendentes espirituais de Abraão.

Deus disse a Abraão: "E pela tua descendência todas as famílias da terra serão abençoadas". A palavra *descendência*, no grego, é "semente" (no singular), e dessa forma chama a atenção para uma pessoa, a saber, Cristo. Paulo emprega a mesma palavra (semente) no singular e escreve: Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua semente. As Escrituras não dizem: "às sementes", como se referisse a muitos, porém "e à tua semente", referindo-se a uma pessoa, que é Cristo [Gl 3.16].

Em suas discussões teológicas, tanto Pedro como Paulo chamam a atenção para Jesus Cristo. Pedro cita diretamente da Septuaginta que descreve a cena de Abraão oferecendo Isaque no Monte Moriá (Gn 22.18).[36] Seus ouvintes se consideram "herdeiros da aliança que Deus fez com Israel e pensam que os gentios não possuem parte alguma neste pacto."[37] Mas a citação sobejamente conhecida do Antigo Testamento inclui todas as nações da terra. Pedro não fornece detalhes,

35. A tradução literal é "filhos dos profetas", expressão familiar na tradução de 1 Reis 20.35; 2 Reis 2.3,5,7 da Septuaginta. Consultar Adolf Deissman, *Bible Studies* (ed. reimpressa; Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979), p. 163.

36. Comparar também com Gênesis 12.3; 18.18; 26.4; 28.14. Para uma referência no Novo Testamento, veja Gálatas 3.8.

37. Gerhard Schneider, *Die Apostelgeschichte*, série Herders Theologischer Kommentar zum Neuen Testament, 2 vols. (Freiburg: Herder, 1980), vol. 1, p. 330.

embora as palavras da Grande Comissão "fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19) estejam indelevelmente gravadas em sua memória. No entanto, ele torna conhecido de seu auditório que Jesus veio para abençoá-los primeiro, pois o evangelho deve ser proclamado primeiramente aos membros da casa de Israel (Mt 10.6; Rm 1.16; 2.10).

26. "Quando Deus ressuscitou o seu servo, ele o enviou primeiramente a vocês, para os abençoar a fim de que cada um de vocês se aparte das suas perversidades."

a. *Servo.* "Quando Deus ressuscitou o seu servo." Deus nomeou Jesus Cristo para tomar o lugar de Abraão a fim de cumprir as palavras ditas a ele: "Pela tua descendência [isto é, Cristo] todas as famílias da terra serão abençoadas". Portanto, o verbo *ressuscitou* não se relaciona à ressurreição, mas à nomeação de Cristo para servir como o descendente de Abraão (comparar com v. 22). Note-se que Pedro mais uma vez chama Jesus de servo de Deus (veja v. 13), o que parece ser para ele um título comum (4.27,30). Pedro busca essa terminologia no Antigo Testamento e identifica Jesus com o Servo Sofredor de Isaías.[38]

b. *Enviou.* "Ele o enviou primeiramente a vocês, para os abençoar." A missão de Cristo é abençoar, em palavra e obra, os descendentes espirituais de Abraão. Note-se que Pedro, empregando o verbo *abençoar*, liga Jesus Cristo à citação relativa a Abraão. A quem Jesus abençoa primeiro? O texto diz claramente que ele se dirige primeiramente aos judeus: "[Deus] o enviou primeiramente a vós". Essa é a razão pela qual Pedro prega seu sermão no Pórtico de Salomão a um público judeu. Nesse momento ele não entra em detalhe a respeito de que a rejeição de Cristo pelos judeus implica antes em voltar-se para os gentios. Foi isso o que Paulo disse em Antioquia da Pisídia: "A Palavra de Deus foi dita primeiramente a vós. Já que a rejeitais e não vos considerais dignos da vida eterna, nos volveremos para os gentios" (13.46).

Qual é a bênção concedida por Jesus? Pedro diz: "[Ele é enviado] para os abençoar a fim de que cada um de vocês se aparte das suas perversidades". A bênção é, pois, o arrependimento e a salvação. Aqui está uma repetição da ordem dada anteriormente por Pedro no seu ser-

38. Veja Isaías 52.13 – 53.12. Consultar ainda Guthrie, *New Testament Theology*, p. 461. Para estudos adicionais, veja Richard N. Longenecker, *The Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology, 2ª série 17 (Londres: SCM, 1970), p. 105.

mão (v. 19), mas com a diferença de que entendemos Cristo como sendo instrumento no processo de separar o pecador do mal. Note-se que Pedro é direto quando diz aos judeus que Cristo os separa "das perversidades [deles]". Ele é o Salvador do seu povo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 3.24 e 26

Versículo 24

κατήγγειλαν – apesar de o versículo apresentar dois verbos, ἐλάλησαν (aoristo ativo de λαλέω [eu falo]), traz ὅσοι (tantos quantos) como sujeito; κατήγγειλαν (aoristo ativo de καταγγέλλω [eu proclamo]) é o verbo principal precedido por καί (também).

Versículo 26

εὐλογοῦντα – o particípio presente ativo é "usado como futuro no sentido de propósito" (enviar).[39]

ἐν τῷ ἀποστρέφειν – o infinitivo presente ativo precedido pela preposição e o artigo definido no caso dativo expressa duração; é também intransitivo com ἕκαστον (cada) como objeto direto; e por último, a construção é instrumental, pois o sujeito inferido do infinitivo é Cristo.

Sumário do Capítulo 3

Pedro e João sobem juntos ao templo na hora estipulada para a oração. Ali Pedro cura um homem paralítico à porta chamada Formosa. A multidão fica atônita e se reúne em torno dos apóstolos e do exaleijado. Pedro aproveita a oportunidade e prega um sermão. Ele diz ao povo que não tem poder inerente para curar, mas que o homem foi curado no nome de Jesus Cristo.

Pedro lembra as pessoas de que elas mataram Jesus, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Ele conforta o povo e o admoesta a arrepender-se para que possa ser perdoado e receber a Cristo. Ele os instrui nas profecias do Antigo Testamento tomando o exemplo do testemunho de Moisés. Pedro menciona que todos os profetas falam de Cristo e mostra que as bênçãos da aliança prometidas aos descendentes de Abraão chegam agora até eles por meio de Cristo, que os afasta de seus maus caminhos.

---

39. Robertson, *Grammar*, p. 891.

4

A Igreja em Jerusalém

Parte 3

4.1-37

ESBOÇO (continuação)

4.1-22	3. Perante o Sinédrio
4.1-4	a. Prisão
4.5-7	b. Julgamento
4. 8-12	c. Defesa
4. 13-17	d. Consulta
4.18-22	e. Absolvição
4.23-31	4. Orações da Igreja
4.23,24a	a. Cenário
4.24b-28	b. Discurso
4.29-31	c. Pedido e Resposta
4.32-37	5. O Amor dos Santos
4.32-35	a. Comunhão de Bens
4.36-37	b. Exemplo de Barnabé

Capítulo 4

ATOS 4.1-20

4 1. Enquanto Pedro e João ainda falavam ao povo, os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus se aproximaram deles. 2. Estavam fortemente sobressaltados porque os apóstolos ensinavam o povo e proclamavam em Jesus a ressurreição dos mortos. 3. E prenderam Pedro e João e, por já ser tarde, recolheram-nos à prisão até o dia seguinte. 4. Porém, muitos dos que ouviram a mensagem creram, e o número de homens chegou a cerca de cinco mil.

5. E, no dia seguinte, seus líderes, anciãos e escribas reuniram-se em Jerusalém. 6. Anás, o sumo sacerdote, e Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote se encontravam ali. 7. E, pondo-os no centro, começaram a argüi-los: "Em que poder ou em nome de quem vocês fizeram isso?"

8. Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: "Autoridades e anciãos do povo! 9. Se somos hoje questionados por uma boa obra feita a um homem enfermo e como foi curado, 10. que seja conhecido de todos vocês e de todo o povo de Israel que pelo nome de Jesus Cristo de Nazaré, a quem vocês crucificaram, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, este homem está diante vós com saúde". 11. Ele é 'a pedra rejeitada por vocês, os construtores, a qual se tornou a pedra angular'. 12. A salvação não é encontrada em nenhum outro, pois não existe nenhum outro nome debaixo do céu, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos".

13. Ao notarem a coragem de Pedro e João e compreenderem que eram homens incultos e iletrados, se maravilharam e reconheceram que eles haviam estado com Jesus. 14. E vendo o homem que fora curado junto deles, perceberam que nada podiam dizer. 15. Quando mandaram que saíssem do Sinédrio, consultaram entre si 16. e disseram: "O que vamos fazer a esses homens? Pois o fato de ter ocorrido um milagre notório por intermédio deles é evidente a todos os habitantes de Jerusalém. Não podemos negá-lo. 17. Mas para impedir que isso se espalhe mais entre o povo, admoestemo-los a não mais falarem a ninguém nesse nome."

18. Chamando-os, ordenaram-lhes que não falassem nem de modo algum ensinassem no nome de Jesus. 19. Mas Pedro e João responderam: "Julguem se é justo diante de Deus obedecer a vocês e não a Deus. 20. Pois não podemos deixar de falar a respeito das coisas que temos visto e ouvido".

21. E depois de ameaçá-los uma vez mais, deixaram-nos ir – não encontraram nenhum fundamento para puni-los também por causa do povo, pois todos glorificavam a Deus pelo que tinha acontecido. 22. Pois o homem que fora miraculosamente curado tinha mais de quarenta anos de idade.

3. *Perante o Sinédrio*

4. 1-22

a. *Prisão*

4.1-4

Quando as multidões se reuniam em torno de Jesus, as autoridades o mantinham em estreita vigilância. De igual modo, quando Pedro e João se dirigem a um grande público na área do templo, "os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus" reagem. Quem são essas pessoas e que autoridade têm para prenderem Pedro e João?

Os sacerdotes eram organizados em 24 divisões que serviam no templo em rodízio (comparar com Lc 1.8).[1] Os sacerdotes e levitas administravam os sacrifícios da manhã e da tarde. O capitão da guarda do templo era um sacerdote encarregado da força policial do templo. Sua autoridade era a segunda depois da do sumo sacerdote;[2] seu tempo de serviço era indefinido e ininterrupto; e o seu dever era manter a ordem no templo e nas áreas adjacentes. Lucas freqüentemente faz referência ao capitão e aos oficiais da guarda do templo (5.24,26; Lc 22.4,52).

Os saduceus eram de descendência sacerdotal, presumivelmente da linhagem do sumo sacerdote Zadoque (Ez 40.46; 44.15,16; 48.11). Tendo formado um partido que controlava o templo e a alta casta dos sacerdotes, eles exerciam enorme poder político. Aceitavam como autoridade apenas os cinco livros de Moisés; o restante do Antigo Testamento tinha para eles apenas valor secundário. Desse modo, negavam as doutrinas pertinentes ao Messias, aos anjos, aos demônios, à imortalidade e à ressurreição.[3]

1. Consultar Josefo, *Antiquities* 7.14.7 [363-65]; e veja Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C.-A.D. 135)*, rev. e org. por Por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 247.

2. Veja Josefo, *War* 2.17.2 [409]; 6.5.3 [294]; *Antiquities* 20.6.2 [131]; 9.3 [208]. E consultar SB, vol. 2, pp. 628-31.

3. Para maiores informações, veja Donald A. Hagner, "Sadducees", *ZPEB*, vol. 5, pp. 211-16.

1. Enquanto Pedro e João ainda falavam ao povo, os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus se aproximaram deles.

No dia de Pentecoste, uma grande multidão do povo ouviu o sermão de Pedro. Os sacerdotes, a polícia do templo e os saduceus, que normalmente se abstinham de exercer qualquer influência sobre as grandes massas nas cortes do templo nos dias festivos, estavam alertas para agirem quando a multidão se acercou de Pedro e João no Pórtico de Salomão. Mesmo que a cura do coxo fosse sem importância para os líderes religiosos, a publicidade dela advinda e o sermão de Pedro causaram tal preocupação neles que logo interromperam o ensino do apóstolo.

Lucas apresenta um resumo do sermão que Pedro fez no templo e escreve que tanto Pedro quanto João falavam à multidão. Ele retrata Pedro como o porta-voz, mas indiretamente indica que João também se expressava (comparar com vs. 13,17-20).

Os sacerdotes, a polícia do templo e os saduceus impediram os apóstolos de continuarem o seu ensino, prendendo-os. A presença de três grupos de pessoas para prenderem dois apóstolos demonstra ou a inabilidade de controlar a multidão ou o medo do comando militar romano sediado no templo. Mas a multidão estava ordeira e pacífica, diferente do que aconteceu quando da prisão de Paulo, décadas mais tarde (veja 21.27-40). Os sacerdotes, guardas do templo e saduceus, no entanto, faziam objeções a duas questões: o simples fato de que Pedro e João ensinavam; e o conteúdo de seu ensino, especialmente a doutrina da ressurreição.

2. Estavam fortemente sobressaltados porque os apóstolos ensinavam o povo e proclamavam em Jesus a ressurreição dos mortos.

a. *Ensino*. Na cultura da época, o título *rabi* impunha grande respeito. Essa palavra hebraica na realidade significa "o meu grande", juntamente com a palavra *mestre* subentendida. "Nos Evangelhos, esse termo é usado constantemente em contextos em que a intenção é passar a idéia de extremo respeito (seja sincero ou não)."[4] Esperava-se que um mestre em Israel fosse uma pessoa culta, credenciada (veja v.

4. Wilber T. Dayton, "Teaching of Jesus", *ZPEB*, vol. 5, p. 607.

13). Apesar de Jesus não ter recebido treinamento formal, ele era aceito como mestre porque falava com autoridade (Mt 7.29; Mc 1.22). Ainda assim, os líderes religiosos questionavam a origem de sua autoridade (Mt 21.23; Jo 2.18). Segundo eles, um mestre deve ser capaz de responder perguntas acerca de doutrina e lei, e ter um grupo de discípulos. Jesus se encaixava nos dois aspectos, pois interpretava habilmente as Escrituras a ponto de ninguém ousar fazer pergunta (Mt 22.46). E ele tinha um grupo de doze discípulos que o seguia. No entanto, na opinião dos sacerdotes, definitivamente faltavam aos apóstolos as qualificações necessárias. E mais, pelo poder e pela natureza convincente de sua mensagem, os apóstolos estavam enfraquecendo a influência e a autoridade dos sacerdotes. Portanto, os apóstolos representavam uma ameaça para os líderes religiosos da época.

b. *Doutrina*. Outra objeção ao ensino de Pedro e João veio dos saduceus, que negavam a doutrina da ressurreição (23.8; Mt 22.23). Em contraste, os fariseus ensinavam essa doutrina, e na sua oposição aos saduceus, deram as boas-vindas ao apoio recebido da comunidade cristã.[5] Alguns dos fariseus (por exemplo, Nicodemos e José de Arimatéia) tornaram-se seguidores de Jesus e o douto rabino Gamaliel persuadiu o Sinédrio a libertar os apóstolos (5.34-40).

Os apóstolos pregam a doutrina da ressurreição em referência a Jesus. Note-se que, no pensamento dos saduceus, os discípulos de Jesus estão alegando o impossível. Depois de os líderes judaicos terem livrado a terra de Jesus de Nazaré, pregando-o numa cruz, seus seguidores, começam a falar de sua ressurreição. E apesar de nenhum dos líderes judeus ter visto Jesus novamente, de repente, algumas semanas mais tarde, multidões em Jerusalém ouvem os seus discípulos que proclamam a doutrina da ressurreição (2.24,32). Depois, uma vez mais, dois de seus discípulos pregam essa doutrina em referência a ele.

Por dedução, Pedro e João ensinam que, assim como Jesus foi ressuscitado dos mortos, assim também todos os que depositam nele sua confiança experimentarão a ressurreição do corpo (comparar com Jo 5.28,29; 1Co 15.12-18). A doutrina da ressurreição é fundamental em

5. Veja Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 45.

Atos; em seus sermões e discursos, Pedro e Paulo proclamam essa doutrina a judeus e gentios.[6] Ser testemunha da ressurreição de Jesus constitui um dos requisitos para o apostolado (1.22).

3. E prenderam Pedro e João e, por já ser tarde, recolheram-nos à prisão até o dia seguinte. 4. Porém, muitos dos que ouviram a mensagem creram, e o número de homens chegou a cerca de cinco mil.

Atos é um livro que registra numerosas primeiras experiências. Encontram-se entre as primeiras experiências, por exemplo, a cura de um aleijado (3.6,7), a morte de um mártir (7.60), a grande perseguição (8.1-4) e a ressurreição de Dorcas (9.40). Aqui Lucas descreve a primeira prisão. A polícia do templo prende Pedro e João; por causa da hora avançada, são levados à cadeia e não ao tribunal para serem processados. Presumimos que a hora do dia deveria ser depois das quatro da tarde, já que, depois de oferecidos os sacrifícios da tarde, os guardas fechavam os portões. Lucas simplesmente relata que os apóstolos são levados sob custódia e não entra em detalhes acerca do lugar ou das condições.

O importante não é a prisão dos apóstolos, e, sim, o efeito de seus ensinamentos. "[Porque] a palavra de Deus não está acorrentada" (2Tm 2.9), a igreja continuava a crescer. Certamente Deus realizou um milagre para fazer com que a multidão fosse a Cristo depois de ouvir o sermão.[7] O grego indica que a membresia total da igreja de Jerusalém "chegou" a cinco mil homens.

Além do mais, Lucas escreve especificamente que "o número de *homens* chegou a *cinco mil*" (itálicos acrescentados). Deduzimos que ele queira dizer membros da igreja do sexo masculino, que freqüentemente eram contados como os cabeças das famílias. (Em outras partes do Novo Testamento, a palavra *homens* deve ser tomada literalmente [comparar com Mt 14.21; Mc 8.9]). Em outro capítulo, Lucas menciona que "mais e mais os crentes no Senhor, tanto homens como mulheres, estavam sendo acrescentados ao seu número" (5.14). De acordo

6. Veja 2.24,32; 3.15; 4.10; 10.40; 13.30,33,34,37; 17.31.

7. Consultar João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 113.

com uma estimativa, vinte mil cristãos viviam em Jerusalém antes da perseguição que se seguiu à morte de Estêvão (8.1-4). Vemos que a igreja continua a crescer e que Cristo habita no meio de seu povo.

Comentários Adicionais Sobre os Saduceus

O partido dos saduceus floresceu por mais de dois séculos, desde o tempo dos macabeus em aproximadamente 150 a.C. até ao tempo da destruição de Jerusalém e da suspensão do sacerdócio, em 70 d.C. As informações que podemos reunir vêm basicamente do Novo Testamento e de Josefo que, por pertencer ao partido dos fariseus, escreve sob essa perspectiva. Durante a era dos macabeus foram formados os partidos dos fariseus e saduceus. Os fariseus eram numerosos e populares; porém, os saduceus, apesar de serem o partido da minoria, eram detentores de riquezas e poder político. Eles controlavam o sacerdócio em Jerusalém e contavam com o apoio do governo romano. O sacerdócio cessou quando as forças romanas destruíram Jerusalém, e os saduceus desapareceram de cena.

Não se pode assegurar a origem do nome *saduceu*. Uma teoria é que o nome deriva da palavra grega *saduque*, que é equivalente a "filho de Zadoque". Zadoque foi um sacerdote no tempo de Davi e Salomão (2Sm 8.17; 15.24-36; 1Rs 1.32; 2.35). Anos mais tarde, os filhos de Zadoque formaram um grupo especial de sacerdotes que permaneceu fiel a Deus (Ez 40.45,46; 44.15-17; 48.11). São também mencionados na literatura intertestamentária e de Qumram. Entretanto, a comunidade Qumram se opunha ao partido dos saduceus. Além disso, a evidência para estabelecer um elo entre o sacerdócio do período dos macabeus e os filhos de Zadoque não pode ser comprovada.

Os saduceus aparecem algumas vezes no cenário do Novo Testamento. Eles ouvem a pregação de João Batista, que os chama de "raça de víboras" (Mt 3.7). Pedem a Jesus que lhes mostre um sinal dos céus (Mt 16.1), e este adverte os seus discípulos a se precaverem contra o fermento (doutrina) dos saduceus (Mt 16.6). Os saduceus questionam Jesus acerca da ressurreição, que é a doutrina por eles rejeitada (Mt 22.23). Jesus lhes responde com uma citação de um dos livros de Moisés (Êx 3.6), porque os saduceus aceitavam apenas esses livros como autorizados. Eles se opõem aos apóstolos, metem-nos na cadeia e os fazem passar por julgamento perante o Sinédrio (At 4.1-21; 5.17,18; 23.6-8).

Sempre que os saduceus se apercebiam de uma ameaça à sua autori-

dade, agiam impiedosamente. Desse modo, estes e o sumo sacerdote Caifás acharam por bem que um homem morresse pelo povo em lugar de "perecer uma nação inteira" (Jo 11.50; 18.14) e condenaram Jesus (Mt 26.57-66). Como eram incapazes de lidar com o rápido crescimento da igreja, os sacerdotes e os saduceus prenderam os apóstolos. E, finalmente, o sumo sacerdote saduceu, Anás, condenou à morte Tiago, irmão de Jesus, o autor da epístola que traz o seu nome.[8]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.1

ἱερεῖς – dois códices (B e C) trazem a tradução ἀρχιερεῖς (sumo sacerdote); também o traz a NEB. A palavra *sacerdote* aparece somente 31 vezes no Novo Testamento, mas sumo sacerdote ocorre 122 vezes. "É mais provável que os escribas tenham substituído a palavra pela outra, mais freqüentemente usada, do que vice-versa, especialmente já que nesse caso a modificação se dava também no interesse de ressaltar a seriedade da perseguição."[9]

---

b. *Julgamento*

4.5-7

Lucas não está interessado em detalhes relacionados aos apóstolos na prisão e ao paradeiro do mendigo que curaram. Ele descreve o julgamento que acontece no dia seguinte quando os saduceus e a família sumo sacerdotal se reúnem no Sinédrio.

5. E, no dia seguinte, seus líderes, anciãos e escribas reuniram-se em Jerusalém. 6. Anás, o sumo sacerdote, e Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote se encontravam ali.

a. "No dia seguinte." Como no caso de Jesus, o corpo das autoridades convocou o Sinédrio às pressas para um julgamento. Por lei, o Sinédrio se reunia no período compreendido entre os sacrifícios da manhã e da tarde. Como os apóstolos foram presos no final da tarde, o julgamento perante o Sinédrio foi adiado até o dia seguinte. Assim, no dia seguinte essa assembléia se reuniu como a suprema corte de Israel.

---

8. Consultar Josefo, *Antiquities* 20.9.1 [197-200].

9. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª edição corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 316.

Os líderes (que eram investidos de autoridade), os anciãos (que forneciam conselhos) e os mestres da lei (que formulavam doutrina) constituíam o tribunal.

O Sinédrio não impunha a pena de morte, exceto no caso de um gentio que entrasse no pátio interior do templo. Um forte indicador da autoridade do Sinédrio se encontra numa inscrição com data do tempo de Cristo: "Nenhum gentio poderá entrar para dentro da grade que circunda o santuário ou dentro do recinto. Aquele que for pego ali estará sujeito à pena de morte que inevitavelmente se seguirá".[10] As mortes de Estêvão (7.58) e de Tiago, irmão de Jesus, não são normativas. Portanto, os apóstolos podiam ser julgados, porém não executados.

b. "Líderes, anciãos e escribas." A membresia do Sinédrio era composta de 72 pessoas, um número padronizado de acordo com o tribunal mosaico dos setenta (Nm 11.16,17). Apesar de os anciãos serem respeitados por seus conselhos e os mestres por seu conhecimento da lei mosaica, os saduceus eram os líderes, com o sumo sacerdote servindo de presidente (e 71º membro) dessa corte de justiça. Quando Jesus foi julgado, Caifás era o cabeça do Sinédrio. No julgamento de Paulo, o sumo sacerdote Ananias presidiu (23.2). No julgamento de Pedro e João, o sumo sacerdote e os membros de sua família eram figuras proeminentes.

c. "Reuniram-se em Jerusalém." Presumivelmente, o sumo sacerdote estabeleceu a reunião convocando todos os membros do Sinédrio. Isso podia ser feito sem maiores dificuldades, pois todos residiam em Jerusalém, onde se deu a assembléia. O historiador judeu Josefo, escreveu que o local de reuniões do Sinédrio ficava a oeste da área do templo.[11]

d. "Anás, o sumo sacerdote, e Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote se encontravam ali." Segundo os Evangelhos, Caifás era o sumo sacerdote (Mt 26.3,57; Jo 11.47-53; 18.13,14,24,28). No entanto, Anás havia ocupado a posição de sumo sacerdote durante quase uma década (6-15 d.C.), mas foi deposto pelo governador romano, Valério. Anás era pessoa de influência, pertencen-

10. Harold Singers, "Temple, Jerusalém", *ZPEB*, vol.5, p. 650.
11. Josefo, *War* 5.4.2 [142-46].

te ao partido dos saduceus, e relutava em entregar sua autoridade. Portanto, certificando-se de que membros de sua família o sucedessem, ele continuou a exercer seu poder mantendo ao mesmo tempo o título de sumo sacerdote (Lc 3.2; Jo 18.13,24). Cinco de seus filhos, bem como seu genro Caifás e um neto, foram sumos sacerdotes em intervalos sucessivos. Assim a família de Anás manteve e consolidou o poder dele no Sinédrio.[12]

O filho de Anás, Eleazar, o sucedeu em 15 d.C. e ocupou a posição de sumo sacerdote por três anos. O genro, Caifás, tornou-se sumo sacerdote e serviu nessa posição durante dezoito anos (18-36 d.C.). Depois dele, o filho de Anás, João (Jônatas),[13] assumiu o cargo e foi finalmente seguido por Alexandre. Infelizmente, nada mais se sabe a respeito de João, Alexandre "e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote". Talvez a expressão *linhagem do sumo sacerdote* não fosse restrita à família de Anás, mas incluía as famílias sacerdotais influentes cujos membros ocupavam posições de liderança no serviço do templo e no Sinédrio. A informação de Lucas a respeito da presença da família sumo sacerdotal na reunião do Sinédrio indica que a oposição aos apóstolos vinha principalmente dos saduceus.

7. E, pondo-os no centro, começaram a argüi-los: "Em que poder ou em nome de quem vocês fizeram isso?"

Pedro e João foram levados pela polícia do templo ao lugar onde se reunia o Sinédrio. Não se sabe se o homem que fora curado passou a noite na cadeia com os apóstolos, mas, segundo Lucas (vs. 10,14), ele estava presente ao julgamento e permaneceu junto dos apóstolos. Os três homens foram colocados no centro de um semicírculo com assentos elevados ocupados pelos membros do Sinédrio. Esses assentos eram propositalmente arranjados em semicírculo para que os membros pudessem ver uns aos outros.[14] Eles ficavam assentados, porém os réus tinham de permanecer de pé de frente para os líderes da nação. Os

12. Veja Josefo, *Antiquities* 20.9.1 [197-203].

13. Josefo escreve que o governador Vitélio "removeu de seu sagrado ofício o sumo sacerdote José, cognominado Caifás, e nomeou em seu lugar Jônatas, filho de Ananos, o sumo sacerdote". *Antiquities* 10.4.3 [95] (LCL). O texto ocidental (o manuscrito grego Código D e as versões em latim antigo) traz *Jônatas* em vez de "João".

14. Mishnah, *Sanhedrin* 4.3.

apóstolos encaravam os membros do conselho que olhavam para eles de seus assentos elevados.

Apenas algumas semanas antes o Sinédrio se reunira na casa de Anás para o julgamento de Jesus, no qual Caifás serviu como presidente da corte. Os líderes do Sinédrio tentaram livrar-se de Jesus Cristo de Nazaré crucificando-o. Mas o nome de Jesus reapareceu quando esses discípulos usaram-no para curar um paralítico. Os líderes se recusaram a reconhecer Jesus, e ao contrário disso perguntaram em que poder ou em nome de quem os apóstolos haviam realizado o milagre da cura do homem aleijado (veja Mt 21.23).

No grego, a ênfase recai sobre o pronome *vós*, que é a última palavra da sentença e recebe assim toda a ênfase. Dirigem-se aos apóstolos como se eles, tendo o mendigo por cúmplice, tivessem cometido um crime. O tribunal está tentando se inteirar dos fatos, mesmo que seus membros já tenham ouvido os detalhes pela boca de outras pessoas. As autoridades querem saber qual a fonte do poder dos apóstolos para realizar um milagre e também o nome da pessoa que os investiu de tal poder. Note-se que os líderes não questionam os apóstolos a respeito de sua autoridade para ensinar em público. Nem tampouco indagam acerca da doutrina da ressurreição, pois isso seria muito arriscado na presença dos fariseus que defendiam esse ensino (comparar com 22.30 – 23.10). Querem saber de quem os pescadores galileus receberam poder para realizar milagres.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4. 5 e 7

Versículo 5

τοὺς ἄρχοντας – os três grupos que compõem o Sinédrio são os líderes, os anciãos e os escribas. Note-se que o artigo definido precede cada substantivo. A primeira parte constituinte, "os líderes", equivale a "sumo sacerdotes" (comparar com Mc 14.53). Os anciãos ocupam uma venerável posição como representantes de Israel (veja Êx 3.16). E os escribas são os especialistas que estudavam as Escrituras.

Versículo 7

ἐπυνθάνοντο – do verbo πυνθάνομαι (eu indago), este imperfeito médio (depoente) denota ação repetitiva.

ποίᾳ – o pronome interrogativo indica força qualitativa: "por qual tipo de poder?"

ὑμεῖς – colocado no final da sentença, o pronome é enfático. Ele corresponde ao pronome pessoa ἡμεῖς (v. 9).

---

c. *Defesa*

4.8-12

8. Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: "Autoridades e anciãos do povo! 9. Se somos hoje questionados por uma boa obra feita a um homem enfermo e como foi curado, 10. que seja conhecido de todos vocês e de todo o povo de Israel que pelo nome de Jesus Cristo de Nazaré, a quem vocês crucificaram, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, este homem está diante de vocês com saúde".

a. "Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse." No dia de Pentecoste Pedro e os outros receberam o Espírito Santo, que continuava a habitar neles. Ainda assim, em ocasiões especiais, o Espírito capacitava os apóstolos a falar com intrepidez, pois Jesus havia dito a seus discípulos: "Mas quando vos prenderem, não vos preocupeis sobre o que falar ou como falar. Porque naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer, pois não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo de vosso Pai é quem fala por vós" (Mt 10.19,20). Pedro experimentou o cumprimento das palavras de Jesus quando se pôs perante o Sinédrio.

b. "Autoridades e anciãos do povo." Embora Lucas tenha mencionado que o ajuntamento consistia de autoridades, anciãos e mestres da lei, Pedro se dirige apenas às autoridades e anciãos. Aparentemente, apenas esses dois grupos de pessoas exerciam a liderança e faziam perguntas (comparar com vs. 23; 23.14; 25.15).

c. "Se somos hoje questionados por uma boa obra feita a um homem enfermo e como foi curado." Pedro habilidosamente muda o julgamento, passando de uma possível investigação criminal para uma inquisição acerca de um ato de misericórdia. O verbo *questionados* significa que Pedro considera o julgamento como uma inquisição e a coloca assim em forma positiva. "Somos questionados" significa que essa inquisição é um fato que está realmente acontecendo no momen-

to. Além disso, indica ainda que Pedro tem pleno controle da situação. Ele diz que ele e João realizaram uma boa ação, e dá a entender que ninguém pode considerá-los culpados por assim procederem em favor de um homem que era aleijado de nascença.

d. "E [indagados de] como foi curado." No grego o verbo *curar* pode significar também "salvar" (veja v. 12). No caso do coxo, é óbvia a cura física; sabemos que, devido à sua fé em Jesus, ele obteve também a salvação.

Pedro sabe que os líderes estão interessados na maneira como foi realizado o milagre da cura. Em resposta à sua pergunta ele lhes dá uma resposta direta em relação à fonte do poder curador e o nome pelo qual ele e João realizaram o milagre. Sem temer os mesmos juízes que condenaram Jesus e o entregaram a Pôncio Pilatos, Pedro fala com intrepidez e lhes revela que o homem foi curado no nome de Jesus Cristo de Nazaré. A palavra *nome* aponta para a plena revelação concernente a Jesus. Essa palavra aparece repetidas vezes nos discursos de Pedro, pois ele o proclama a todo o povo.[15]

e. "Que seja conhecido de todos vocês e de todo o povo de Israel." A expressão *que seja conhecido* é semelhante à injunção *prestai atenção às minhas palavras* (veja 2.14; 13.38; 28.28). Pedro amplia seu público para incluir o Sinédrio e toda a nação judaica. Uma vez mais, ele muda habilmente o foco da inquisição, do mendigo curado para Jesus Cristo que o curou. O nome de Jesus Cristo deve fazer-se conhecido a cada pessoa em Israel.

f. "Pelo nome de Jesus Cristo de Nazaré." Note-se que Pedro pronuncia as mesmas palavras que usou quando curou o aleijado à porta chamada Formosa (3.6). Ele percebe que, apesar de o nome de Jesus ser uma ofensa às autoridades e aos anciãos que o condenaram, eles fizeram a pergunta acerca do modo como os apóstolos curaram o coxo. Agora Pedro lhes dá uma resposta honesta e direta. Eles são incapazes de compreender que Jesus, morto na cruz, possua poder divino para realizar um inegável milagre de cura.[16] Mas esse é precisamente o pon-

15. Veja Herman N. Ridderbos, *The Speeches of Peter in the Acts of the Apostles* (Londres: Tyndale, 1962), p. 29.

16. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 115.

to que Pedro tenta alcançar. Deliberadamente, ele usa o nome duplo para caracterizar a vida terrena de Jesus e a missão divina do Cristo (o Messias). Para tornar completa a identificação, Pedro ajunta o local da residência de Jesus pelo qual ele era conhecido do povo: "de Nazaré".

g. "A quem vocês crucificaram, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos." Em seus sermões e discursos, Pedro ousadamente diz aos seus auditórios judaicos a mesma coisa: "vós crucificastes Jesus, mas Deus o ressuscitou dos mortos" (2.23,24; 3.15; 5.30). Pedro lança sobre o Sinédrio a culpa pela morte de Jesus. Mesmo assim, não se detém na ignomínia da condenação de um homem inocente à morte, e sim, na ressurreição de Jesus para a vida. A mensagem da ressurreição é básica para a pregação apostólica, e aqui Pedro a proclama na presença da suprema corte de Israel.

h. "[Pelo poder de Jesus] este homem está diante de vocês com saúde." Imagina-se que nesse momento Pedro aponte diretamente para o mendigo curado, testemunho vivo do poder de Jesus. Já que os milagres feitos por Jesus durante o seu ministério terreno são bem conhecidos de todo o Israel, os membros do Sinédrio não podem negar a continuação da obra do Jesus ressurreto. Quando ele se levantou do túmulo, o principal sacerdote subornou os soldados que guardavam a entrada da tumba e mandou que dissessem: "Seus discípulos vieram à noite e roubaram o corpo enquanto dormíamos" (Mt 28.13). Mas sua fraude não pode igualar-se ao poder glorioso de Jesus demonstrado na cura do paralítico. O homem curado representa testemunho vivo do Cristo ressurreto. Jesus recebe o crédito por esse milagre de cura.

11. "Ele é a pedra rejeitada por vocês, os construtores, a qual se tornou a pedra angular."

Como faz em todos os seus discursos, Pedro baseia sua mensagem em passagens retiradas do Antigo Testamento. Aqui ele cita um texto de um Salmo conhecido, cantado pelos peregrinos a caminho de Jerusalém durante uma festa religiosa (Sl 118.22). Com essa citação, Pedro lembra os principais sacerdotes e fariseus das palavras ditas por Jesus a eles na última semana de seu ministério. Jesus citou o Salmo 118.22,23 e aplicou as palavras deste ao seu público, dizendo: "Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará

em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó" (Mt 21.43,44). Ao mesmo tempo, os principais sacerdotes e fariseus perceberam que Jesus estava falando deles. Agora Pedro diz a mesma coisa. Os membros do Sinédrio são os construtores espirituais da casa de Deus, para a qual devem escolher as pedras de construção. Rejeitam uma das pedras por julgá-la imprópria; mas Deus, que é o construtor-chefe, toma essa pedra e faz dela a pedra angular do edifício. Essa citação dos Salmos é uma ilustração gráfica de Jesus Cristo que, como Pedro escreve em sua epístola, é "a pedra viva rejeitada pelos homens, mas para Deus eleita e preciosa" (1Pe 2.4; veja também vs. 6-8).[17]

Os membros do Sinédrio devem perceber que eles são os construtores espirituais da casa de Deus, para a qual ele nomeou Jesus Cristo como pedra de esquina. Não podem evitar o nome de Jesus; este nome está intrinsecamente ligado ao Israel espiritual. Jesus cumpriu a citação do Salmo que o retrata como a pedra angular (Sl 118.22). Desse modo, o Sinédrio não pode fraudar o poder e o nome de Jesus Cristo. A salvação é encontrada somente nele.

12. "A salvação não é encontrada em nenhum outro, pois não existe nenhum outro nome debaixo do céu, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos."

Fazemos as seguintes observações:

a. *A salvação proclamada.* "A salvação não é encontrada em nenhum outro." Esse texto está entre as passagens mais conhecidas e amadas de Atos. Pedro desafia o seu auditório imediato, mas ao mesmo tempo fala a todo o povo que busca a salvação.[18] Ele se dirige aos homens letrados e influentes do Sinédrio cujo trabalho consiste em mostrar ao povo de Israel o caminho da salvação. Eles assim o faziam dizendo aos judeus que realizassem obras que lhes garantissem ganhar a salvação. Mas Pedro anuncia que a salvação não pode ser obtida de nenhum outro modo a não ser pelo nome de Jesus Cristo. A salvação por ele anunciada compreende a cura tanto física como espiritual.[19]

17. Consultar Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistles of the Peter and of the Epistle of Jude*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1987), pp. 84-88.

18. Colin Brown escreve que em Atos 4.12 Pedro "faz uma declaração absoluta e universal da mensagem cristã da salvação", *NIDNTT*, vol. 3, p. 213.

19. Consultar Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard

Eles contemplam a evidência na cura física do homem dantes coxo. Porém devem entender que o bem-estar espiritual inclui perdão de pecados e um relacionamento restaurado com Deus. Ninguém no público de Pedro seria capaz de apontar alguém de seu meio que pudesse outorgar salvação, porquanto cada um necessita dela. Logo, devem se aperceber que somente poderão ter paz com Deus por meio de Jesus Cristo.

b. *Nome dado*. "Não existe nenhum outro nome debaixo do céu, dado entre os homens." O nome *Jesus* revela a obra do Salvador, porque esse nome significa "ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Significa que ele cura as pessoa, fisicamente, dos efeitos do pecado, porém, mais do que isso, ele remove o próprio pecado, para que a pessoa possa estar diante do trono do juízo de Deus como se nunca tivesse cometido pecado algum. Jesus torna o pecador espiritualmente íntegro, restaurando-o ao legítimo relacionamento com Deus, o Pai. Jesus diz: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Ninguém, a não ser Jesus, é capaz de efetuar a remissão de pecados. "Por meio de seu nome, todo aquele que crê receberá o perdão dos pecados" (10.43).

Pedro não recorre a uma declaração exagerada, mas a uma expressão idiomática descritiva quando diz que não há nenhum outro nome debaixo do céu além do nome *Jesus*. Em nenhum outro lugar no mundo inteiro é o homem capaz de encontrar outro nome (isto é, outra pessoa) que ofereça a salvação que Jesus oferece. As religiões fora do Cristianismo fracassaram porque apresentam uma salvação por meio das obras e não pela graça. O nome *Jesus* foi dado ao homem pelo próprio Deus para mostrar que a salvação se origina em Deus.

c. *Os crentes salvos*. "[Nenhum outro nome] pelo qual devamos ser salvos." O texto grego é específico. Não diz que *podemos* ser salvos, pois isso indicaria que o homem tem habilidade inerente para obter a salvação. Nem diz que *talvez* possamos ser salvos, pois desse modo a cláusula indicaria certeza. O texto é definitivo. Ele diz: "pelo qual *devamos* ser salvos". A palavra *devamos* revela uma necessidade

---

Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 217. E veja C.K. Barrett, "Salvation Proclaimed: XII, Acts 4.8-12, "*ExpT 94*" (1982): 68-71.

divina estabelecida por Deus, segundo o seu plano e decreto, para salvar-nos por intermédio da pessoa e obra de Jesus Cristo.[20] E mais, essa palavra significa que o homem tem uma responsabilidade moral de responder ao chamado para crer em Jesus e assim apropriar-se da salvação. Ele não possui nenhum outro recurso para salvar, a não ser por meio do Filho de Deus.

Considerações Doutrinárias em 4.11

Os tradutores da Nova Versão Internacional (NIV) escolheram a expressão *pedra angular* para a citação do Salmo 118.22. No grego, a tradução literal é "a cabeça da esquina", que muitas versões trazem.[21] Essa expressão refere-se à pedra principal da esquina. Outras traduções trazem a leitura *pedra fundamental*.[22] Nos tempos antigos, a pedra fundamental fazia parte da fundação na qual jazia toda a estrutura do edifício ou casa. Utilizamos essa expressão quando dedicamos um edifício e colocamos num certo lugar uma pedra fundamental. Figurativamente, é o elemento básico de um todo (desta maneira, sua fundação). Ainda outros tradutores preferem a expressão *pedra-chave*.[23] Esse termo significa o nome da pedra mais alta que ficava no topo de um arco, ou a pedra que mantinha juntas as pedras da fileira mais alta.

Não importa se usamos a expressão pedra angular, pedra de esquina ou pedra fundamental quando aplicamos esses termos a Cristo. O Messias é a primeira e a última pedra da casa de Deus. Os rabinos judeus entendiam as passagens do Antigo Testamento que falavam da pedra de esquina como referindo-se ao Messias (Sl 118.22; Is 8.14 [pedra]; 28.16). E os escritores do Novo Testamento, seguindo o exemplo de Jesus (Mt 21.42), aplicaram-nas a Cristo (Rm 9.33; Ef 2.20; 1 Pe 2.6).[24]

20. Veja Thayer, p. 126; Bauer, p. 172; Walter Grndmann, *TDNT*, vol. 2, p. 24; Erich Tiedtke e Hans-Georg Link, *NIDNTT*, vol. 2, p. 666.
21. Veja KJV, RV, ASV, RSV, *Moffatt*, *Philips*.
22. Por exemplo, NKJV, NASB, SEB.
23. Comparar com JB, NEB.
24. Edward Mack, "Cornestone", *ISBE*, vol. 1, p. 784.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.9-12

Versículo 9

εἰ – a partícula seguida pelo verbo no modo indicativo introduz uma condição de fato simples que expressa a realidade.

ἀνθρώπου – o caso genitivo é objetivo: "uma boa obra [é feita] a um homem enfermo".[25]

Versículo 10

γνωστὸν ἔστω – esta combinação de um adjetivo com o imperativo ocorre quatro vezes em Atos (2.14; 4.10; 13.38; 28.28). Com o presente imperativo, Pedro dá ao seu público uma ordem branda: "Que seja conhecido".

Versículo 11

οὗτος – o pronome demonstrativo refere-se a Jesus, embora na cláusula precedente o mesmo pronome se aplique ao paralítico.

Versículo 12

ἕτερον – "o ponto que faz ἕτερον é que nenhum outro nome, a não ser o de Jesus" é o que é dito aqui.[26]

ἐν ἀνθρώποις – algumas versões trazem a tradução *entre os homens* (por exemplo, NKJV); juntamente com o verbo *dar*, a preposição ἐν com o dativo é equivalente a εἰς com o acusativo ("aos homens").[27]

d. *Consulta*

4.13-17

Em seu discurso ao Sinédrio, Pedro demonstra que está no pleno comando. Fala sem receio e desafia abertamente os membros da corte a aceitarem Jesus Cristo como o Salvador deles. Seu auditório está atônito e ninguém ousa fazer outras perguntas.

25. A.T.Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 500.

26. *Ibid*, p. 749.

27. Consultar C.F.D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª edição (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 76.

13. Ao notarem a coragem de Pedro e João e compreenderem que eram homens incultos e iletrados, se maravilharam e reconheceram que eles haviam estado com Jesus.

a. *Perceber*. "Ao notarem a coragem de Pedro e João." Lucas coloca os verbos gregos desse versículo no tempo imperfeito a fim de retratar o efeito contínuo de uma ação. Assim, o Sinédrio continuou fascinado pela coragem de Pedro e João, que abrem a boca e, com intrepidez e franqueza, falam a verdade. Entretanto, eles não tinham condições de saber que fora o Espírito Santo quem capacitara os apóstolos a falarem e lhes dera coragem (v. 8).

b. *Entender*. Como poderiam homens comuns, sem instrução, pescadores da Galiléia, dirigir-se com habilidade e eloqüência aos membros cultos da suprema corte? Esses pescadores citavam e aplicavam porções das Escrituras; também eram capazes de pregar com eficiência, porém não tinham recebido nenhum treinamento teológico formal de mestres de renome. Seu sotaque e vestuário galileus sem dúvida revelavam que Pedro e João pertenciam a uma classe de indoutos. Isso não significa que os apóstolos não tivessem aprendido a ler e escrever, pois seus escritos testificam que sim. No entanto, lhes faltava escolaridade teológica formal. Lucas relata que eram considerados como "incultos e iletrados", quer dizer, não eram tidos como mestres em teologia, pois eram gente comum".[28]

c. *Reconhecer.* "[Os sidedristas] se maravilharam e reconheceram que eles haviam estado com Jesus." Os membros da corte começavam a ver semelhança entre Jesus e seus apóstolos. Os líderes judaicos (muitos dos quais pertenciam ao Sinédrio) ficaram maravilhados quando Jesus ensinou abertamente no templo durante a Festa do Tabernáculo. Eles indagaram: "Como este homem adquiriu tal conhecimento sem haver estudado?" (Jo 7.15, NIV). Ademais, Pedro e outro dos discípulos de Jesus estiveram em seu julgamento na área da corte do sumo sacerdote, e "o outro discípulo... era conhecido do sumo sacerdote" (Jo 18.16).

O sumo sacerdote e os outros membros do tribunal estavam atônitos e perceberam a ligação óbvia entre Jesus e seus discípulos (veja Mt

28. Consultar Bauer, p. 370; Thayer, p. 297.

26.71; Lc 22.56). O iletrado Jesus, que era competente na exposição das Escrituras, treinara seus discípulos a continuarem sua obra interrompida por sua morte prematura.[29] Os membros do Sinédrio livraram a terra da presença de Jesus, crucificando-o; agora enfrentavam seus porta-vozes que revelavam a mesma coragem de seu Mestre. E mais, os membros do tribunal evitavam o uso do nome *Jesus* durante o julgamento, mas agora tinham de reconhecê-lo por causa de seus discípulos. Dirigiram sua ira contra os seguidores de Jesus, Pedro e João.

14. E vendo o homem que fora curado junto deles, perceberam que nada podiam dizer.

Os membros do Sinédrio eram incapazes de fazer alguma coisa – diante deles se encontrava a evidência incontestável na pessoa do mendigo curado. Esse homem se encontrava de pé junto aos apóstolos como prova viva do milagre de cura que se dera na área do templo no dia anterior. Lucas retrata o homem em pé; quer dizer, com pés e tornozelos fortes. Mais tarde ajunta a informação de que o mendigo tinha 40 anos de idade (v. 22).

Os membros do Sinédrio estavam diante de um dilema, pois não tinham como fugir do presente caso. Aperceberam-se de que Pedro havia transformado o julgamento numa inquisição acerca do paralítico restabelecido. E a pessoa em questão apresentava evidência viva pondo-se de pé ao lado dos apóstolos. Em suma, os acusadores não tinham nada a dizer. Jesus cumpriu sua promessa feita aos seus discípulos: "Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem" (Lc 21.15).

15. Quando mandaram que saíssem do Sinédrio, consultaram entre si 16. e disseram: "O que vamos fazer a esses homens? Pois o fato de ter ocorrido um milagre notório por intermédio deles é evidente a todos os habitantes de Jerusalém. Não podemos negá-lo".

O tribunal está desorientado e necessita de tempo para pensar. Assim, alguém apresenta a sugestão de interromper a sessão para consultarem entre si (comparar com 5.34). O oficial presidente do Sinédrio

29. Comparar com Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª edição (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 93. E veja Rackham, *Acts*, p. 59.

ordena que os apóstolos e o mendigo se desculpem e se retirem da sala do tribunal. Não podemos determinar quanto tempo durou o recesso, mas pelo verbo *consultar* deduzimos que muitas palavras foram ditas a portas fechadas. Talvez Lucas tenha recebido essa informação de uma testemunha ocular (comparar com Lc 1.2) que era ou se tornou subseqüentemente seguidora de Jesus. Por exemplo, Nicodemos, "que era um dentre eles" (Jo 7.50, NIV), pode ter sido a testemunha que forneceu a Lucas a informação sobre a discussão.

A pergunta "o que devemos fazer a estes homens?" revela perplexidade e inabilidade para agir. Debatem se devem soltar os apóstolos ou fazer algo contra eles. Para os membros da corte, a libertação dos apóstolos é uma questão de perda de prestígio. Por outro lado, puni-los por realizarem um milagre incorreriam no risco de aguçar a ira do povo, pois "o fato de ter ocorrido um milagre notório por intermédio deles [os apóstolos] é evidente a todos os habitantes de Jerusalém". Como resultado desse milagre e da pregação de Pedro, a igreja cristã aumentou o seu número para cerca de cinco mil homens em Jerusalém (v. 4).

O tribunal chega à única conclusão possível: "Não podemos negá-lo [o milagre]". Em suas confrontações com Jesus, os líderes judeus foram incapazes de encontrar algo de que acusá-lo. Seus discípulos, igualmente, os privam de qualquer evidência que prove que laboram em erro. Por falta de algo concreto, os sinedristas são forçados a liberar os apóstolos.

17. "Mas para impedir que isso se espalhe mais entre o povo, admoestemo-los a não mais falarem a ninguém nesse nome."

Depois de deliberarem sobre as consequências de qualquer que fosse a decisão que tomassem, os membros do Sinédrio resolveram soltar os apóstolos. Determinam, pois, que estes se abstenham de qualquer ação que influencie o povo. Note-se que primeiro os líderes judeus demonstram seu desprezo pela fé cristã chamando-a de "isto [esta coisa]". Em segundo lugar, sua pergunta inicial era "em que poder ou em nome de quem fizestes isto?" (v. 7). Mas a discussão é centrada principalmente no *nome* e em segundo plano no *poder*. Apesar da conclusão de que os apóstolos tinham estado com Jesus, os líderes judeus se recusavam a mencionar o seu nome. Em terceiro lugar, decidem que o nome de Jesus não pode se espalhar mais e que precisam dizer aos discípulos a

"não mais falarem a ninguém nesse nome". A palavra *mais* pode ser compreendida no sentido de intensidade ou de extensão. O crescimento e o desenvolvimento da igreja de Jerusalém tornam preferível a interpretação do termo no sentido de *intensidade*. Por último, os membros do Sinédrio compreendem plenamente que a revelação do nome de Jesus constitui a mensagem proclamada pelos apóstolos.[30] Os membros do tribunal mostram sua animosidade em relação a Jesus ao proibírem os apóstolos de mencionarem o nome dele. Quanto aos líderes espirituais de Israel, eles rejeitam a admoestação de Pedro de buscar-se salvação somente no nome de Jesus (v. 12). Estão impossibilitados de punir ou penalizar Pedro e João por sua coragem de pregar-lhes acerca de Jesus. Mesmo assim, estão determinados a pôr um basta na expansão do nome de Jesus.

Considerações Práticas em 4.13-17

Deus usa os dois pescadores galileus para confundir os proeminentes juízes do supremo tribunal de Israel. Na sala de justiça, Pedro proclama o evangelho de Cristo e diz aos líderes religiosos e civis de seus dias que não podem apropriar-se da salvação a não ser por meio do nome de Jesus Cristo. Este nome foi dado por Deus aos homens de todas as regiões do mundo. O povo ou amaldiçoa, ou ignora, ou adora o nome de Jesus. No serviço de Satanás, milhões se utilizam desse nome em maldições; inúmeras pessoas tentam ignorá-lo porque têm a errônea noção de que Jesus não existe; e multidões dentre todas as nações e línguas louvam o glorioso nome de Jesus por meio de orações audíveis e silenciosas, por meio de alegres canções e por meio da palavra falada.

Às vezes até mesmo os cristãos ignoram o nome de Jesus fora das quatro paredes do edifício de suas igrejas. Agem como se Jesus não tomasse parte alguma no mundo em que vivem. Mesmo assim, Jesus redimiu o mundo e tudo o que nele há. Esse mundo redimido é, portanto, a oficina do cristão, onde o crente expressa sua gratidão a Jesus. O nome de Jesus precisa ser ouvido em todas as áreas da vida: nas cortes de justiça e do governo; nas salas de aulas das escolas, colégios e universidades; nos recintos de comércio e indústria; e em todos os lugares de trabalho diário do mundo de

30. Veja F.W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 138.

hoje. Deus tem colocado pessoas comuns em lugares estratégicos e quer que elas tornem conhecidos tanto o nome como a mensagem de Jesus.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.13

καταλαβόμενοι – como um segundo aoristo médio derivado do verbo composto καταλαμβάνω (eu me dou conta de), este particípio necessita da palavra *mente* para completar o pensamento.

ἀγράμματοί καὶ ἰδιῶται – A.T. Robertson faz um interessante comentário a respeito destes dois substantivos que descrevem Pedro e João como gente "comum e sem escolaridade". Ele escreve: "Não é preciso um grande esforço para distinguir, mas é digno de nota que 2 Pedro e Apocalipse são exatamente os dois livros do Novo Testamento cujo grego mais choca a mente culta e que demonstra a maior afinidade com o *koinê* em papiro um tanto iletrado. Uma das teorias sobre a relação entre 1 e 2 Pedro é que Silvano (1Pe 5.12) era o escriba de Pedro na primeira epístola, e desse modo o grego é regular e fluente, ao passo que em 2 Pedro temos o grego do próprio apóstolo, um tanto rústico e sem correções. Esta teoria se baseia na suposição da genuinidade de 2 Pedro, que é muito discutida. Assim também em Atos, Lucas refina o grego de Pedro nas narrativas de seus discursos.[31]

ἐπεγίνωσχον – todos os verbos finitos neste versículo estão no imperfeito, exceto εἰσιν, que é parte de uma afirmação indireta. O imperfeito demonstra ação contínua no passado. O verbo significa "aperceber-se" e não "reconhecer".[32]

ἦσαν – como o verbo εἰμί está incompleto e falta-lhe o aoristo, o perfeito e o mais-que-perfeito, o imperfeito é forçado a funcionar como um mais-que-perfeito – "estiveram".

---

c. *Absolvição*

4.18-22

Pedro e João estão cheios do Espírito Santo, que os capacita a dirigir-se ao Sinédrio, refutar seus adversários e proclamar as boas-novas. Os membros do Sinédrio, por sua vez, perdem sua compostura e são incapazes de se saírem vencedores.

---

31. Robertson, *Grammar*, pp. 415-16.
32. Veja Thayer, p. 237; Bauer, p. 219.

18. Chamando-os, ordenaram-lhes que não falassem nem de modo algum ensinassem no nome de Jesus. 19. Mas Pedro e João responderam: "Julguem se é justo diante de Deus obedecer a vocês e não a Deus. 20. Pois não podemos deixar de falar a respeito das coisas que temos visto e ouvido".

a. "Chamando-os." Os membros do Sinédrio encontram um modo de "sair pela tangente" a fim de dar à sessão do tribunal uma aparência de legalidade. Ordenam que os apóstolos voltem à sala do tribunal e então os advertem severamente a que não divulguem uma palavra sequer a respeito de Jesus e nem ensinarem no seu nome. Não aplicam nenhuma penalidade no caso de não cumprimento da ordem, porém, se os apóstolos se recusassem a obedecer, isso seria considerado como desacato ao tribunal.[33] Eles não os proíbem de realizar milagres no nome de Jesus.

b. "Julguem [por vocês mesmos]." Tanto Pedro quanto João respondem ao veredito e intrepidamente apelam para a autoridade maior que governa tanto os membros do Sinédrio como os apóstolos. Apelam para Deus e desafiam o tribunal a examinar sua sentença e ver se ela está ou não em conformidade com a lei de Deus. Os apóstolos perguntam aos juízes "se é justo diante de Deus obedecer a vós e não a Deus". Eles insinuaram que o veredito se choca com a vontade de Deus, mesmo se os próprios sinedristas acreditassem estar corretos. Os corajosos apóstolos estão prontos a aceitar uma sentença do Sinédrio que não seja contrária à vontade de Deus.[34] Eles afirmam que os juízes devem se pôr na presença de Deus e pronunciar uma sentença justa. "A única coisa que os membros do Sinédrio devem temer é que o Juiz divino declare injusta uma ação por eles praticada."[35]

c. "Obedecer a vocês e não a Deus." Nesse breve relato, Lucas omite detalhes pertinentes à vontade de Deus. Poderíamos perguntar: "Como o júri saberia se o seu veredito forçava os apóstolos a desobe-

33. Consultar I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 102.

34. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 552.

35. R .C. Lenski, *The Interpretacion of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 172.

decerem a Deus?" Porém, observe-se que algum tempo mais tarde o ilustre fariseu Gamaliel se dirige aos seus companheiros do Sinédrio e os aconselha a libertar os apóstolos. Ele diz: "Então, neste caso vos sugiro: afastai-vos desses homens e deixai-os ir! Pois se este plano ou movimento for de origem humana, fracassará. Mas se for de Deus, vós sereis incapazes de derrotá-los; ainda vos achareis lutando contra Deus" (5.38,39). Pedro e João persistem em declarar sua lealdade a Deus antes que aos homens, pois se encontram sob a autoridade divina e devem obedecê-la. Eles exortam os sinedristas a fazerem o mesmo, pois toda autoridade procede de Deus. Em outra ocasião, Pedro e seus companheiros apóstolos declaram o mesmo princípio: "Importa-nos obedecer antes a Deus do que os homens" (5.29).

d. "Não podemos deixar de falar a respeito das coisas que temos visto e ouvido." Aqui está a explicação da cláusula precedente "se é justo diante de Deus obedecer a vós e não a Deus". Assim como os profetas do Antigo Testamento não podiam deixar de proclamar a palavra que Deus lhes havia dado (veja Jr 20.9; Am 3.8; Jn 3.1-13), assim também os apóstolos tinham de ensinar tudo aquilo que Jesus lhes ordenara (Mt 28.20). Eles obedecem a Jesus, que os incumbiu de serem "testemunhas tanto em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (1.8). Os apóstolos, cheios do Espírito Santo, têm de falar e ensinar as boas-novas de Jesus Cristo.

21. E depois de ameaçá-los uma vez mais, deixaram-nos ir – não encontraram nenhum fundamento para puni-los também por causa do povo, pois todos glorificavam a Deus pelo que tinha acontecido. 22. Pois o homem que fora miraculosamente curado tinha mais de quarenta anos de idade.

Os juízes do Sinédrio não puderam opor-se às palavras de Pedro e João e assim encerram o caso sem declarar a inocência dos apóstolos. O Sinédio se recusa a considerar as palavras dos apóstolos. Ao contrário disso, emitem ameaças vazias. Eles se dão conta de que os apóstolos ganharam a causa porque o seu desejo era o de obedecer a Deus antes de obedecer aos homens. Os juízes foram incapazes de divisar qualquer punição para Pedro e João que pusesse, de modo eficiente, um fim à sua causa. Temem a ira do povo de Jerusalém que canta louvores a Deus pelo milagre efetuado no meio deles.

No tocante ao julgamento humano, o pecado tem o efeito de cegar, como se evidencia nas palavras e atos do Sinédrio. Os apóstolos desafiam os juízes a examinarem o seu veredito na presença de Deus, pois são responsáveis perante ele; enquanto isso, o povo de Jerusalém louva a Deus por realizar tão grande milagre de cura. De dentro e de fora da sala do tribunal do júri é dito aos juízes que olhem para Deus. Porém, cegos pelo pecado, rejeitam a admoestação e continuam a tatear na escuridão.

A ênfase nessa passagem não é nem sobre os apóstolos nem sobre os sinedristas. Lucas põe a ênfase em Deus, que deseja obediência e que recebe os louvores dos homens. Desse modo, os apóstolos não angariam elogios por falarem corajosamente na presença dos 71 membros do Sinédrio. Os apóstolos ganham a causa no tribunal e obtêm sua própria libertação, porém o louvor pertence a Deus tão somente. Ele enviou o seu Santo Espírito e fez com que o povo se alegrasse naquilo que acontecera.[36]

Ninguém pode pôr em dúvida a evidência do milagre. Lucas fornece a razão dizendo que "o homem que tinha sido miraculosamente curado tinha mais de quarenta anos de idade". Ele era coxo de nascença (3.2); nunca fora capaz de andar. Logo, havendo conhecido o homem durante décadas, o povo reconhece que ocorrera um milagre. A evidência é irrefutável.

Considerações Práticas em 4.18-22

Somos cidadãos do reino de Deus aqui na terra, e ao mesmo tempo a maioria de nós é cidadã do país onde reside. Como cristãos, esforçamo-nos por obedecer às leis do reino de Deus, e por causa de sua palavra sabemos que devemos também ser obedientes às autoridades estabelecidas por ele (Rm 13.1; 1Pe 2.17). Mas quando a lei de Deus e a da terra entram em conflito, enfrentamos um dilema. Conhecemos a injunção apostólica "antes importa obedecer a Deus do que aos homens". Confessamos que Deus exige obediência incondicional. Quando o intento de uma lei civil é contrário à lei de Deus, devemos registrar nossas objeções junto às autoridades governamentais. Por exemplo, se a lei proíbe os cristãos de

36. Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 140.

pregar e ensinar o evangelho de Cristo, eles devem desobedecer a essa lei e descobrir maneiras de frustrar essa proibição.

Numa democracia, os cristãos podem publicamente fazer objeções às leis que os forcem a serem desobedientes a Deus. Podem tomar várias atitudes: protestar por meio de cartas a membros do legislativo, fazer propaganda com o fim de ativar a consciência pública, organizar manifestações, votar contra propostas inaceitáveis, votar para que oficiais eleitos deixem o cargo e procurar preencher esses cargos elegendo líderes cristãos.

Quando possível, os cristãos devem lançar mão de persuasão moral e resistência passiva, e não recorrer à força. Devem se abster de tomar a lei em suas próprias mãos. Em vez disso, devem utilizar os meios legais disponíveis para modificar o sistema que se oponha à lei de Deus. Ao procurar obedecer a essa lei superior, os cristãos devem estar preparados para pagar o preço da perseguição. Ao pagarem o preço, devem lembrar-se das encorajadoras palavras de Jesus: "Regozijai-vos e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus" (Mt 5.12).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.18-22

Versículo 18

τὸ καθόλου – o artigo definido precede o advérbio καθόλου (completamente, de modo [algum]) como se fosse um substantivo. O artigo não é traduzido. Para uma construção comparável, veja τὸ πῶς no versículo 21.[37]

μὴ φθέγγεσθαι – a proibição negativa traz o infinitivo presente advindo do verbo φθέγγομαι (literalmente: eu produzo um som). O substantivo derivado é φθόγγος (som).

ἐπὶ τῷ ὀνόματι – veja a explicação de 2.38.

Versículo 19

εἰ – a partícula introduz uma pergunta indireta e significa "se/ou".

κρίνατε – o imperativo aoristo ativo de κρίνω (eu julgo) transmite o conceito de uma ação simples.

37. Consultar Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. po Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 399.3.

οὐ δυνάμεθα ... μὴ λαλεῖν – num certo sentido, os dois negativos se cancelam mutuamente e apresentam assim um sentido positivo: "Não podemos parar de falar".[38]

Versículo 21

εὑρίσχοντες – este particípio presente ativo de εὑρίσχω (eu acho) expressa uma conotação causal que explica a ação do verbo principal precedente ἀπέλυσαν (deixaram-nos ir porque...).

τὸ πῶς – o artigo definido introduz uma pergunta indireta que inicia com o advérbio πῶς (como). O artigo definido não deve ser traduzido.

Versículo 22

ἐτῶν ... πλειόνων – este é o genitivo da definição, e esse é o caso de τῆς ἰάσεως (de cura).[39]

γεγόνει – o tempo mais-que-perfeito ativo de γίνομαι (eu sou, me torno) com freqüência dispensa o acréscimo.

---

23. Logo que foram soltos, Pedro e João foram ao seu próprio povo e lhes contaram tudo quanto os principais sacerdotes e anciãos lhes disseram. 24. Quando ouviram isso, levantaram unânimes suas vozes a Deus. Eles disseram: "Senhor, tu fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há. 25. Falaste pelo Espírito Santo por meio da boca de nosso pai e teu servo Davi:

> 'Por que enfureceram-se as nações,
> e os povos conspiraram em vão?
> 26. Os reis da terra se levantaram,
> e as autoridades juntaram-se à uma
> contra o Senhor e contra o seu Ungido.'

27. Porque verdadeiramente tanto Herodes como Pôncio Pilatos com as nações e o povo de Israel se juntaram nesta cidade contra o teu santo servo Jesus, a quem o senhor ungiu. 28. Fizeram aquilo que a tua mão e o teu propósito predestinaram que deveria acontecer. 29. E agora, Senhor, considera as suas ameaças e concede que teus servos possam falar a tua palavra com grande intrepidez, 30. e que estendas a tua mão para curar e realizar sinais e prodígios por meio do nome do teu santo servo Jesus."

31. Depois de terem orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos. E todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a anunciar com intrepidez a palavra de Deus.

---

38. *Ibid*., nº 431.1.

39. Moule, *Idiom-Book*, p. 38. E veja Robertson, *Grammar*, p. 498.

4. *Orações da Igreja*

4.23-31

Apesar de Lucas não fornecer detalhes acerca da igreja de Jerusalém durante a prisão e o julgamento de Pedro e João, precisamos de pouca imaginação para saber que os crentes se achavam em contínua oração. Oravam pela segurança dos apóstolos, por intrepidez no falar e por libertação imediata.

a. *Cenário*

4.23,24a

23. Logo que foram soltos, Pedro e João foram ao seu próprio povo e lhes contaram tudo quanto os principais sacerdotes e anciãos lhes disseram. 24a. Quando ouviram isso, levantaram unânimes suas vozes a Deus.

Logo que os apóstolos são soltos, correm para o "seu próprio povo", como registra Lucas. Quem é esse povo? Não podemos dizer que constituem toda a igreja de Jerusalém, pois assim teríamos de pensar em termos de pelo menos cinco mil homens (v. 4). Talvez Lucas tenha em mente o grupo original que costumava reunir-se no cenáculo depois da ascensão de Jesus (veja 1.13-15).

Temos aqui a comunhão dos santos. Os que oravam pela libertação dos prisioneiros recebem agora um relatório detalhado da parte dos próprios prisioneiros. Pedro e João relatam aos seus amigos o desenrolar do julgamento e narram as perguntas dos principais sacerdotes e anciãos e as ameaças feitas por essas autoridades. Ademais, todos os apóstolos estão interessados em saber as implicações do veredito recebido por Pedro e João.

Note-se que Lucas menciona apenas os principais sacerdotes e anciãos, que representam o Sinédrio e o partido dos saduceus. Presumimos que essas pessoas eram aquelas que dirigiam o interrogatório durante o julgamento. Em Atos, esta é a primeira vez que Lucas escreve a expressão no plural – os principais sacerdotes – o que inclui as pessoas pertencentes à família do sumo sacerdote (veja v. 6) e outros representantes, inclusive o capitão da guarda do templo.[40]

40. O plural *sumos sacerdotes* ocorre freqüentemente em Atos; veja 5.24; 9.14,21; 22.30;

Note-se também que Lucas diz que os apóstolos deram um relatório a respeito das perguntas e ameaças dos principais sacerdotes e anciãos, mas não acerca de sua própria defesa. Portanto, os líderes da igreja de Jerusalém olham para o futuro e se apercebem dos perigos que enfrentam, perigos impostos pelos membros do Sinédrio. Seu único recurso é fugir para Deus em oração.

> De todo vento tempestuoso que sopra,
> De toda onda crescente de ais,
> Há uma calma, um refúgio seguro;
> Este se encontra sob o trono de misericórdia.
> – Hugh Stowell

Juntos, os líderes da igreja oram a Deus como haviam feito depois da ascensão de Jesus (1.14). Encontraram força e coragem na comunhão íntima com Deus, pois se apercebem de que ele reina neste mundo e suplantará as ameaças do Sinédrio.

b. *Petição*

4.24b-28

24b. Eles disseram: "Senhor, tu fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há".

A oração registrada por Lucas é tipicamente judaica e tem como modelo a petição feita por Ezequias quando o exército assírio sitiou Jerusalém (Is 37.16-20).[41] Os líderes da igreja de Jerusalém oram agora e se dirigem a Deus como soberano Senhor (veja Lc 2.29; 2 Pe 2.1; Jd 4; Ap 6.10). Ele é o líder soberano sobre todas as coisas que fez. Ele é o Criador do universo e mestre de todos os seus *servos* (note-se o termo *servo* no versículo seguinte [v. 25]).

Ao orarem, os apóstolos reconhecem Deus como Criador "do céu, da terra, do mar e de tudo o que neles há". De fato, citam a Escritura do Antigo Testamento, que em vários lugares registra essas palavras (Êx

23.14; 25.15; 26.10, 12. Consultar também Joaquim Jeremias, *Jerusalem in the Time of Jesus* (Filadélfia: Fortress, 1969), p. 179); Jürgen Baehr, *NIDNTT*, vol. 3, p. 40 e Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, pp. 233-36.

41. Embora o termo grego *despotes* (soberano Senhor) seja aplicado a Deus e a Cristo, não deve ser feita nenhuma distinção. Os cristãos primitivos nem mesmo distinguiam entre Deus e Cristo quando usavam o termo *kyrios* (Senhor).

20.11; Ne 9.6; Sl 146.6; Is 37.16). Conhecem a verdade fundamental de que Deus, criador do céu, terra, mar e tudo o mais, possui o soberano direito de governar sua criação.[42] Deus reina sobre sua criação; portanto, a vontade do homem não pode ir de encontro ao Senhor soberano, nem por um momento.

25. "Falaste pelo Espírito Santo por meio da boca de nosso pai e teu servo Davi:

'Por que enfureceram-se as nações,
e os povos conspiraram em vão?'

As traduções diferem no que tange à fórmula introdutória dessa citação do salmo (Sl 2.1,2). Aqui está uma tradução mais sucinta do texto: "[Tu] que pela boca de teu servo Davi disse" (NKJV).[43] A diferença de tradução procede do texto grego que, nessa fórmula, possui muitos substantivos aparentemente desconexos. A tradução mais curta que omite a expressão pelo *Espírito Santo* não se baseia nas mais antigas e mais confiáveis testemunhas.[44] Os tradutores preferem conservar a expressão, e mesmo que o grego seja confuso, o sentido é claro. O texto grego diz que Deus falou pelo Espírito Santo (comparar com 1Pe 1.11; 2Pe 1.21) por meio da boca de Davi. Uma fórmula semelhante, porém em grego direto, aparece em 1.16. Os cristãos primitivos tinham uma inclinação natural de se referir a Davi e de fazer citações do Saltério.[45] Na fórmula introdutória, Davi é chamado de "nosso pai e teu servo".

A citação do Salmo 2.1,2 é apropriada para a situação em questão, pois os apósotlos se sentem comprimidos pela hierarquia religiosa e

42. Veja Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 85.

43. Veja também a KJV. A NASB traz "que pelo Espírito Santo, por meio da boca de nosso pai Davi, teu servo, disseste", e ressalta em anotação de margem que a expressão *por meio da* não consta no texto grego.

44. Metzger discute detalhadamente essa difícil sentença e conclui que "o texto mais antigo a que se tem acesso" é considerado "como sendo o mais próximo do que o autor originalmente escreveu do que qualquer uma das outras formas existentes do texto". *Textual Commentary*, pp. 321-23.

45. Em Atos o nome de Davi aparece onze vezes (1.16; 2.25,29,34; 4.25; 7.45; 13.22 [duas vezes], 34,36; 15.16). E as citações diretas do Saltério são: 2.1,2 (At 4.25,26); 2.7 (At 13.33); 16.8-11 (At 2.25-28); 16.10 (At 13.35); 69.25 (At 1.20); 109.8 (At 1.20); 110.1 (At 2.34,35); 146.5,6 (At 4.24). É difícil dizer quantos desses salmos Davi compôs.

pelo governo judeu. Como o salmista, eles perguntam: "Por que enfureceram-se as naçaões e os povos conspiraram em vão?" O texto segue a tradução da Septuaginta e desse modo difere levemente da terminologia grega "por que as nações conspiram?" Mas a ênfase recai sobre o termo *em vão*, isto é, por que as nações tramam em vão? Os inimigos de Deus pensam que são vitoriosos contra a sua igreja. Eles crucificam Jesus e prendem seus apóstolos impunemente, mas suas ações são inúteis. Assim como Davi suportou perseguições nas mãos de Saul, mas experimentou o cuidado protetor de Deus, assim também os apóstolos sabem que o Senhor não os abandonará (Mt 28.20b). O Salmo 2 revela a completa tolice das nações em tramar contra Deus, pois todos os seus esforços serão frustrados. O reino do Filho de Deus durará para sempre.

26. "'Os reis da terra se levantaram,
e as autoridades juntaram-se à uma
contra o Senhor e contra o seu Ungido'."

Davi é um tipo de Cristo. Ele vê as nações do seu tempo enfurecidas conspirando e tramando contra Deus; elas se opõem ao Senhor Deus e se mantêm contra o seu Ungido. Davi é o rei ungido pelo profeta Samuel conforme instruções do Senhor. Desta maneira Davi é o ungido do Senhor. Quando as nações conspiram contra Davi, então se enfurecem contra Deus. Quando os reis estão contra Davi, estão se opondo ao Senhor. E todos os seus esforços são totalmente vãos. Entretanto, Davi é apenas um sinal que aponta em direção a Cristo. Ele fala profeticamente acerca de Jesus Cristo, que é o Rei e o Ungido.

Os apóstolos vêem o cumprimento desse Salmo, em particular (Sl 2) em Cristo, a quem Deus ungiu e deu posse como Rei em seu santo monte Sião (Sl 2.2,6). Desde meados do século 1º antes de Cristo, o Salmo era interpretado como se referindo ao Messias. Por exemplo, o contexto do Salmo de Salomão (17.26) contém uma referência messiânica ao Salmo 2.9.[46] Dentre os manuscritos do Mar Morto existe um documento datado do tempo que inclui o Salmo 2 numa coletânea de passagens messiânicas do Antigo Testamento.[47] No Novo Testamento,

46. Veja James H. Charlesworth (org.), *The Old Testament Pseudepigrapha*, 2 vols. (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1983), vol. 2, p. 643.

47. Y.Yadin, "A Midrash on 2 Sam. VII and Ps I-II (4 Q Florilegium)", *IsrExJ* 9 (1959): 97.

naturalmente, esse Salmo em especial é considerado messiânico e citado com freqüência (veja 13.33; Hb 1.5; 5.5; Ap 2.26,27; 19.15).

27. "Porque verdadeiramente tanto Herodes como Pôncio Pilatos com as nações e o povo de Israel se juntaram nesta cidade contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste."

Os próprios apóstolos dão uma interpretação corrente da citação dos Salmos porque a vêem cumprida na vida de Jesus. Aqui está um paralelo gráfico da profecia e seu cumprimento:

Salmo 2.1,2	*Atos 4.27*
As nações conspiram (se enfurecem)	os gentios conspiram
os povos tramam em vão	com o povo de Israel
os reis e as autoridades	Herodes e Pôncio Pilatos
da terra	nesta cidade
contra	contra
o Senhor	teu santo servo Jesus
e o seu Ungido	a quem ungiste

Seguramente, dizem os cristãos primitivos, a verdade é que Jesus cumpriu as palavras proféticas do Salmo 2, como podia testificar qualquer pessoa que testemunhara o julgamento e morte de Jesus. Herodes Antipas era tetrarca da Galiléia e Peréia durante o ministério de Jesus e era conhecdo pelo povo como rei (Mt 14.9; Mc 6.14,22,25-27). Pôncio Pilatos, nomeado por Tibério César para servir como governador, era o líder que representava a autoridade romana. Dos quatro evangelistas, apenas Lucas registra o incidente do juiz Pôncio Pilatos enviando Jesus a Herodes Antipas, que estava em Jerusalém na época do julgamento de Cristo. Herodes estava radiante ao ver Jesus porque esperava vê-lo realizar algum milagre. Quando Jesus não satisfez ao seu desejo, Herodes o mandou de volta a Pilatos. Lucas conclui esse episódio com estas palavras: "Naquele mesmo dia Herodes e Pilatos se tornaram amigos; antes disso eram inimigos" (Lc 23.12).

Mesmo podendo identificar Pilatos com os gentios, somente por inferência poderemos conceber Herodes e Israel com o "povo".[48] No texto grego esse termo aparece no plural a fim de fazer correspondên-

48. Consultar Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 799.

cia à construção do Salmo 2. Note-se também que os apóstolos chamam Jesus de *servo*, o que parece ter sido uma designação comum para Jesus que reflete passagens bem conhecidas em Isaías (52.13-15; 53.1-12). Aliás, no contexto de seu sermão no Pórtico de Salomão, Pedro se refere a Jesus como "servo" duas vezes (3.13,26). Na oração da igreja de Jerusalém, esse termo também se aplica a Jesus (vs. 27,30). Deus ungiu a Jesus com o Espírito Santo na hora de seu batismo no rio Jordão (comparar com 10.38; Is 61.1; Mt 3.16). Desse modo, em cumprimento à profecia, os gentios e o povo de Israel se colocaram contra Deus e seu Ungido.

28. "Fizeram aquilo que a tua mão e o teu propósito predestinaram que deveria acontecer."

Os apóstolos olham o cumprimento do Salmo 2 do ponto de vista divino. Percebem que Deus preordenou com sua "mão e propósito" as ações do povo que levou Jesus ao seu julgamento e morte. Repetem a observação feita por Pedro no seu sermão do Pentecoste: "Este homem [Jesus] vos foi entregue segundo o propósito e presciência de Deus; e vós, usando homens iníquos, cravaram-no numa cruz e o mataram" (2.23; veja ainda 3.18).

Os apóstolos afirmam a doutrina da predestinação e especificamente a afirmam em sua oração. "Este é o único lugar no Novo Testamento onde o verbo 'predestinaram' (*proōrizō*) aparece fora das epístolas paulinas."[49] Deus permitiu a Herodes, Pilatos e o povo levar seu Filho a julgamento e matá-lo. Note-se a ordem das palavras no versículo 28. Os judeus e os gentios fizeram aquilo (e somente aquilo!) que Deus com o seu poder (em primeiro lugar) e conforme a sua vontade (em segundo) havia planejado de antemão. Ele não forçou os adversários de Jesus a se engajarem em atos de violência contra a vontade deles, pois as evidências provam que assumiram total responsabilidade. Em vez disso, Deus permitiu que conspirassem contra ele a fim de poder consumar a salvação para o seu povo.

49. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 618. Veja George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 330.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4. 25 e 27

Versículo 25

ὁ ... εἰπών – a sentença como está é um grego tortuoso comparado à mesma idéia expressa de forma fluente em 1.16. Através dos séculos, têm sido sugeridas numerosas emendas; vão desde suprimir a expressão *pelo Espírito Santo* à pressuposição da presença de um texto aramaico original que diz: "aquilo que nosso Pai Davi, teu servo, disse pela boca do Espírito Santo".[50]

Versículo 27

ἐπι᾽ ἀληθείας – esta frase expressa a realidade "contrária à mera aparência". Significa "de acordo com a verdade".[51]

c. *Pedido e Resposta*

4.29-31

29. "E agora, Senhor, considera as suas ameaças e concede que teus servos possam falar a tua palavra com grande intrepidez, 30. e que estendas a tua mão para curar e realizar sinais e prodígios por meio do nome do teu santo servo Jesus."

É interessante que a comunidade dos crentes não diz uma só palavra de agradecimento a Deus por livrar Pedro e João da prisão e do julgamento. Ao contrário, os cristãos pedem ao Senhor que reaja às ameaças do Sinédrio e conceda aos seus servos "grande intrepidez" para proclamar o evangelho de Cristo. Não pedem proteção contra a perseguição que inevitavelmente se seguirá quando proclamarem as boas-novas. Eles sabem que Deus está no controle de cada situação, como confessaram com o Salmo 2. Estão confiantes de que ele não permitirá que seu plano e propósito sejam frustrados pelas autoridades do povo.

A palavra *intrepidez* aparece três vezes nesse capítulo (4.13, 29,31)[52] e o conceito é proeminente em Atos. Os apóstolos sabem que

50. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 195.

51. Bauer, p. 36.

52. Veja ainda 2.29; 28.31. O verbo *falar livremente, abertamente* ocorre (em traduções variadas) em 9.27,28; 13.46; 14.3; 18.26; 19.8; 26.26.

devem pedir a Deus que lhes dê coragem cada vez que proclamarem a sua palavra. Eles percebem que, quando posto em prática, o dom da intrepidez causa espanto (v. 13), contenda e divisão (14.1-4). Quando o Senhor concede esse dom aos seus servos, eles são capazes de falar com eloqüência e de modo eficaz numa situação hostil. Ele confirma o pedido deles dando-lhes a capacidade de curar os enfermos e "realizar sinais e prodígios".[53]

Embora o Sinédrio tenha despedido Pedro e João com a proibição de não mais falarem nem ensinarem no nome de Jesus Cristo (v. 18), os membros do tribunal não lhes proibiram de realizar milagres de cura. Se tivessem dito aos apóstolos que não curassem os enfermos, teriam negado a cura milagrosa obtida pelo mendigo. Incapazes de desmentir esse testemunho vivo, negaram aos apóstolos apenas a liberdade de falarem em nome de Jesus.

Entretanto, os apóstolos pedem a Deus para curar aqueles que estão aflitos. Pedem-lhe que mande seu poder curador, que estenda sua mão e toque os enfermos. Assim, é Deus e não o homem quem realiza milagres. Os milagres e prodígios são sinais que confirmam a pregação das boas-novas. Eles ocorreram no nome de Jesus Cristo e auxiliam a proclamação deste nome. Assim, os adversários não podem negar a evidência dos milagres. A oração dos apóstolos termina com a cláusula "por meio do nome do teu Santo servo Jesus" (v. 30).

31. Depois de terem orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos. E todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a anunciar com intrepidez a palavra de Deus.

Nem toda oração recebe resposta imediata, porém nesse caso Deus fortalece a fé dos crentes indicando que ouviu sua petição. Somos lembrados da experiência que Paulo e Silas tiveram na prisão filipense. Enquanto oravam e cantavam hinos a Deus no meio da noite, de repente um violento terremoto sacudiu as bases da prisão (16.26). Por semelhante modo, Deus demonstrou sua aprovação divina aos apóstolos fazendo tremer a casa onde se encontravam, e aparentemente usou um terremoto para conseguir esse efeito. Deus deu um sinal aos apóstolos

53. Heinrich Schlier, *TDNT*, vol. 5, p. 882. Consultar Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 2, p. 736.

de que assim como sacudiu a casa com um terremoto, assim também faria o mundo tremer com o evangelho de Cristo.

Veja o paralelo entre o Pentecoste e esse acontecimento. No dia de Pentecoste, soprou um vento violento e encheu a casa onde os crentes se achavam assentados (2.2). Depois viram línguas de fogo pousando sobre cada um deles; "ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas segundo o Espírito Santo lhes concedia habilidade" (2.4). Depois de Pedro e João terem sido soltos, os cristãos oraram. O lugar onde estavam reunidos tremeu; "todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a anunciar com intrepidez a palavra de Deus".

As diferenças entre esses dois acontecimentos se constituem em soprar o vento *versus* tremer o local da reunião; a evidência externa das línguas de fogo num acontecimento e a manifestação interior de coragem no outro; e, por fim, a capacidade de falar em outras línguas no Pentecoste ante a intrepidez para falar a palavra de Deus agora.

As semelhanças são admiráveis: o Espírito Santo vem como uma resposta à oração (1.14; 4.24-30); o Espírito enche os que estão presentes (2.4; 4.31); e todos proclamam as maravilhas e a palavra de Deus (2.11; 4.31). Os crentes recebem uma nova efusão do Espírito Santo, que os enche de coragem e assim proclamam as boas-novas. Lucas não descreve a quem os crentes anunciavam corajosamente a palavra de Deus; talvez fosse primeiramente aos de seu própro círculo, e depois aos de fora, em direta oposição às ameaças do Sinédrio. Desse modo, a expressão *com intrepidez* se torna significativa e descreve adequadamente o falar dos apóstolos e seus ajudantes. Eles são os proclamadores "da palavra de Deus", que no contexto de Atos é sinônimo do evangelho de Jesus Cristo. Lucas fornece um lampejo dessa intrepidez quando escreve em passagem subsequente: "E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e pregar as boas-novas de que Jesus é o Cristo" (5.42).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.29-31

Versículo 29

καὶ τὰ νῦν – esta frase aparece somente em Atos (4.29; 5.38; 20.32;

27.22) e singifica “quanto à presente situação” (NASB – anotação marginal).

ἔπιδε – imperativo aoristo ativo do verbo composto ἐφοράω (eu considero). O verbo é diretivo.

πάσης – com o substantivo ao qual falta o artigo definido, este adjetivo significa “total”, isto é, “com total franqueza”.[54]

Versículo 30

ἐν τῷ – a preposição ἐν seguida pelo artigo definido τῷ e o infinitivo presente constitui uma das construções gramaticais favoritas de Lucas. Esta combinação é válida para ambos os infinitivos ἐκτείνειν e γίνεσθαι.[55]

Versículo 31

δεηθέντων – o particípio aoristo passivo com o pronome αὐτῶν forma a construção do genitivo absoluto. O particípio deriva do verbo δέομαι (eu peço, imploro).

ἐσαλεύθη – de σαλεύω (eu tremo), este verbo é mais fraco em significado do que o verbo σείω (eu faço tremer, agitar). O aoristo passivo indica que Deus é o agente.

ἐλάλουν – note-se que Lucas utiliza o tempo imperfeito para indicar ação contínua do verbo no passado. Com este verbo, Lucas descreve a ação de falar.

τὸν λόγον τοῦ θεοῦ – “a palavra de Deus”. Em Atos, esta construção pode denotar tanto o uso sujetivo quanto objetivo do genitivo: a palavra que pertence a Deus, e a palavra que é falada para Deus.

---

32. E a comunidade dos crentes era uma em coração e mente. Ninguém dizia que qualquer coisa que possuía era sua; antes, tinham todas as coisas em comum. 33. Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e havia muita graça sobre todos eles. 34. Pois não havia nenhuma pessoa necessitada entre eles. Porquanto os que eram proprietários de terras ou casas, vendiam-nas periodicamente e traziam os valores das vendas, 35. depositando-os aos pés dos apóstolos, e os valores eram distribuídos a qualquer que tivesse necessidade.

---

54. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 275.3.

55. Veja Robertson, *Grammar*, p. 417.

36. E José, um levita nascido em Chipre, que também era chamado pelos apóstolos de Barnabé – que significa Filho do Encorajamento – 37. e que era dono de um campo, vendeu-o, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos.

5. *O Amor dos Santos*

4. 32-37

Lucas descreve como os membros da igreja de Jerusalém viviam juntos em harmonia. Uma harmonia evidente prevalecia entre os membros, enquanto continuavam a pregar a ressurreição de Jesus Cristo. Juntos cuidavam das necessidades espirituais e materiais dos cristãos primitivos, tanto que a pobreza foi de fato abolida.

a. *Comunhão de bens*

4.32-35

32. E a comunidade dos crentes era uma em coração e mente. Ninguém dizia que qualquer coisa que possuía era sua; antes, tinham todas as coisas em comum.

a. "E a comunidade dos crentes era uma em coração e mente." Eis um retrato da extraordinária união da comunidade cristã primitiva. Apesar da oposição por parte do Sinédrio (talvez por causa dela), os crentes formam uma comunidade que é "uma em coração e mente". Os crentes, em número de cerca de cinco mil homens (v.4), mantêm-se unidos em razão da presença do Espírito Santo em seu meio, a pregação da Palavra de Deus e a prontidão em compartilhar os bens uns com os outros. Apesar de podermos explicar a unidade da comunidade cristã, reconhecemos que num grupo tão numeroso ela é sem dúvida singular.[56]

A expressão *uma em coração e mente* é tipicamente hebraica. Ela ocorre com frequência em Deuteronômio[57] e faz parte do sumário do Decálogo: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente" (Mc 12.30). Os cristãos primitivos expressam esse amor no plano horizontal a todos os seus irmãos e irmãs que são necessitados. Dessa forma cumprem a segunda parte deste sumário: "Amarás ao próximo como a ti mesmo" (Mc 12.31).

56. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 128.
57. Veja Deuteronômio 6.5; 10.12; 11.13; 13.3; 26.16; 30.2,6,10.

b. "Ninguém dizia que qualquer coisa que possuía era sua; antes tinham todas as coisas em comum." Lucas narra enfaticamente que ninguém na comunidade declarava a autonomia de suas posses. O termo *ninguém* sublinha a união que prevalecia na igreja de Jerusalém. Num sentido, Lucas repete o que relatou quanto ao efeito do sermão de Pedro no Pentecoste: "Todos os que criam permaneciam juntos e compartilhavam todas as coisas. Começaram a vender suas propriedades e bens e davam àqueles que tivessem necessidade" (2.44,45).

Uma vez mais ele ilustra o espírito singular dos cristãos primitivos em cuidarem dos pobres em seu meio. Eles assim o fazem repartindo os bens materiais e demonstrando seu desejo de não declará-los como seus. Têm consciência da instrução divina de não se achar nenhum pobre no meio do povo de Deus (comparar com Dt 15.4). Quer dizer, por causa das bênçãos abundantes de Deus sobre o seu povo, a comunidade cristã deve abolir a pobreza.

Note-se que os apóstolos advogam o compartilhar voluntário de bens, e não a abolição de propriedades. Como comunidade, os cristãos são distintos da comunidade chamada Qumram localizada próximo à margem noroeste do Mar Morto. Os essênios que viviam naquela comunidade haviam renunciado ao direito de possuir propriedade particular, estabeleceram um fundo comum e distribuíram a cada membro uma parte igual para suprir as suas necessidades.[58] Os cristãos em Jerusalém, no entanto, viviam pelo princípio de repartir voluntariamente as possessões a fim de fortalecer a união e harmonia da comunidade. Os essênios agiam em resposta a uma regra de compulsão feita por homens; os cristãos agiam em obediência à lei do amor de Deus. Os cristãos praticavam o uso comum de seus bens, não a posse comum de propriedades.

33. Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e havia muita graça sobre todos eles.

As necessidades materiais e espirituais seguem juntas. Toda a comunidade se engaja na luta de ajudar materialmente uns aos outros, e

58. Josefo, *War* 2.8.3 [122-23]. Dentre os manuscritos do Mar Morto, veja 1QS1.11-13. Para informações complementares, consultar Haenchen, *Acts*, pp. 234-35; e Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 da *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, (1981), pp. 311-12.

os apóstolos proclamam o evangelho de Cristo. Especialmente depois da confirmação de Deus em resposta à sua oração, os apóstolos são incapazes de ficar calados, e com intrepidez pregam a ressurreição do Senhor Jesus. Lucas escreve que continuam a assim fazê-lo com grande poder. As palavras *grande poder não se referem aos milagres de cura, mas à plenitude do Espírito Santo que capacitava os apóstolos a pregarem com ousadia* (comparar com v. 30). A comunidade demonstra poder vibrante em apoio aos apóstolos, que deliberadamente menosprezam as ameaças do Sinédrio.

Mais uma vez Lucas enfatiza um dos temas básicos da pregação apostólica: "os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus" (veja 1.22; 3.15,26; 4.2,10). Eles se encontraram com Jesus pessoalmente depois de sua ressurreição; Jesus é o Senhor deles, como afirma Lucas. Em obediência ao seu Senhor, os apóstolos testificam da sua ressurreição (2.36).

A última parte desse versículo (v. 33) equilibra as palavras *grande poder com muita graça*. Qual é o significado de "graça"? Alguns tradutores entendem que o termo significa "as grandes bênçãos de Deus"[59] sobre todos os crentes. Essa é uma tradução livre do texto, particularmente devido à ausência da palavra *Deus*. Assim, outros tradutores interpretam o termo *graça* como "favor" no sentido de que os habitantes de Jerusalém viam os cristãos com bons olhos: "todos gozavam de grande respeito" (JB; também NAB, NEB). Aqui está uma tradução apropriada, pois os cidadãos de Jerusalém observavam que os cristãos supriam as necessidades de todo o seu povo e ninguém era carente; ouviam os apóstolos pregarem a doutrina da ressurreição; e testemunhavam um poder inerente em razão da presença do Espírito Santo. O público em geral tinha uma impressão favorável acerca da comunidade cristã (comparar com 2.47; 4.21; 5.13).

34. Pois não havia nenhuma pessoa necessitada entre eles. Porquanto os que eram proprietários de terras ou casas, vendiam-nas periodicamente e traziam os valores das vendas, 35. depositando-os aos pés dos apóstolos, e os valores eram distribuídos a qualquer que tivesse necessidade.

59. Notar SEB e GNB. Consultar também Deuteronômio 15.4b. Dentre os comentaristas que sustentam este ponto de vista, veja Lenski, *Acts*, p. 189.

Lucas fornece aqui alguns detalhes a mais acerca da igreja além do que deu a respeito da comunidade formada imediatamente depois do Pentecoste (2.44,45). Ali ele registrou que os cristãos tinham tudo em comum e que vendiam suas posses e bens para cuidar dos pobres. Mas aqui ele declara que a pobreza fora eliminada, e que à medida que surgiam as necessidades, os crentes que possuíam propriedades vendiam-nas e levavam o dinheiro aos apóstolos para a distribuição entre os carentes. Observamos três aspectos da comunidade cristã em desenvolvimento: primeiro, a venda de terras ou casas ocorria somente quando havia uma necessidade; segundo, os crentes estabeleceram um fundo para as pessoas carentes; e, terceiro, os apóstolos tinham o encargo de distribuir o dinheiro.

Pouco sabemos a respeito da igreja em Jerusalém no período entre o Pentecoste e a perseguição que se seguiu à morte de Estêvão (8.1). Enquanto alguns crentes tinham posses, outros não as tinham. Mas ninguém na comunidade passava necessidade, porque os ricos vendiam terras ou casas e generosamente entregavam a renda aos apóstolos. Com o aumento da membresia da igreja, aumentou igualmente o trabalho diaconal dos apóstolos. Chegou a hora de nomear homens qualificados para distribuir o dinheiro na igreja em desenvolvimento.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.32-35

Versículo 32

ἔλεγεν – note-se o emprego do tempo imperfeito nos versículos 32-35. O imperfeito revela ação repetida. Note-se também que οὐδὲ εἷς como sujeito do verbo é mais enfático do que o simples οὐδείς (ninguém).

Versículo 33

ἀπεδίδουν – do verbo composto ἀποδίδωμι (eu devolvo), o tempo imperfeito demonstra repetidas ocorrências no passado e significa que os apóstolos pagaram uma dívida.

μεγάλῃ – uma vez no dativo com δυνάμει (poder) e uma vez com χάρις (graça, favor) no nominativo. A partícula adjunta τε liga intimamente as duas cláusulas.

Versículos 34-35

πωλοῦντες – o particípio presente ativo significa repetição; e também o indica o tempo imperfeito de ἔφερον (eles continuavam a trazer) e ἐτίθουν (eles continuavam a colocar).

καθότι ἄν – esta construção gramatical aparece duas vezes no Novo Testamento, ambas em Atos (2.45; 4.35). Ela expressa idéia comparativa. A partícula ἄ com o imperfeito de εἶχεν revela uso repetitivo.[60]

---

b. *O Exemplo de Barnabé*

4.36,37

Depois de descrever a generosidade da comunidade cristã em geral, Lucas dá um exemplo específico e descreve um incidente da vida de Barnabé. Ao longo da primeira metade de Atos, Barnabé cumpre o papel de ajudante, mediador e encorajador. Lucas o retrata aqui em conexão com a ajuda aos necessitados.

36. E José, um levita nascido em Chipre, que também era chamado pelos apóstolos de Barnabé – que significa Filho do Encorajamento – 37. e que era dono de um campo, vendeu-o, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos.

Como era típico nos tempos do Novo Testamento, Barnabé tinha o nome *José* que lhe fora dado e que sem dúvida era usado pelos membros de sua família e parentes. No Novo Testamento, ele não é conhecido por esse nome; em Atos e nas epístolas de Paulo, ele é Barnabé. Lucas nos informa que os apóstolos o chamavam de Barnabé; talvez quando foi batizado ele tenha recebido um nome aceito tanto por ele como pela comunidade cristã. Lucas também nos fornece uma interpretação: o nome significa Filho do Encorajamento. Em outras palavras, o nome descreve o caráter dessa pessoa.

A dificuldade é que não podemos traçar a origem do nome *Barnabé* com uma expressão significativa em aramaico. É certo que a palavra aramaica *bar* significa "filho". Mas o nome *Nabé* é desconhecido. Adolf Deissmann tentou encontrar uma solução com uma variação da palavra *Nabé*. Ele sugere que aceitemos a hipótese de *filho de Nebo.*[61]

---

60. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 967.

61. Adolf Deissmann, *Bible Study* (reedição: Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979), pp. 309-10. Veja ainda S.P.Brock, "*BARNABAS; HUIOS PARAKLĒSEŌS*", *JTS* 25 (1974): 93-98.

Outros sugerem a variação *filho de um profeta*. Mas estas não servem de base para "filho do encorajamento" e não resolvem a dificuldade que enfrentamos. Permanece o fato de que não era o pai dele, e sim, o próprio Barnabé aquele que era conhecido como um encorajador. Admitimos ser o problema insolúvel e pensamos que ele recebeu esse nome devido ao seu caráter admirável.

Barnabé era um levita natural de Chipre, uma ilha na parte ocidental do Mar Mediterrâneo. Ele foi a Jerusalém talvez porque seu primo Marcos e sua tia Maria (mãe de Marcos) morassem ali (12.12 e Cl 4.10).

Apesar de a lei de Moisés proibir os levitas de possuírem propriedades (Nm 18.20; Dt 10.9), não podemos confirmar se os levitas da dispersão cumpriam essa ordenança. Barnabé poderia ter obtido propriedade pelo casamento e, sabendo da estipulação mosaica, desejasse vendê-la. O ponto é que ele vendeu um campo, presumivelmente nos arredores de Jerusalém, e doou a verba aos apóstolos para a distribuição entre os pobres. Ele foi uma das muitas pessoas que venderam propriedades para sustentar os necessitados. Mas Lucas retrata Barnabé em razão do papel de líder desempenhado por ele tempos mais tarde.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 4.36

ὀπό – esta preposição freqüentemente toma o lugar da forma apropriada ὑπό (por).[62] Com o genitivo ela expressa mediação.

τῷ γένει – "por raça". O dativo como dativo de referência denota modo.

Sumário do Capítulo 4

Pedro e João são detidos, passam a noite na prisão e no dia seguinte comparecem perante o Sinédrio. As autoridades, anciãos e mestres da lei se reúnem para argüir os apóstolos a respeito da cura que haviam realizado no dia anterior.

Cheio do Espírito Santo, Pedro corajosamente se dirige aos membros do Sinédrio e os informa que a cura aconteceu como um ato de

62. Veja Bauer, p. 88.

bondade no nome de Jesus Cristo de Nazaré. Ele lembra ao seu público de que eles haviam crucificado Jesus, mas Deus o ressuscitou dos mortos. Em seguida, diz-lhes que Jesus é a pedra rejeitada pelos homens, mas eleita para ser pedra angular; a salvação não reside em nenhum outro além de Jesus.

O Conselho percebe a coragem dos apóstolos, nota que foram instruídos por Jesus e reconhece o milagre que realizaram. O Sinédrio proíbe os apóstolos de falarem e ensinarem no nome de Jesus. Ainda assim, Pedro responde ao veredito e diz que os sinedristas devem julgar se é certo obedecer aos homens antes que a Deus. Depois de serem proibidos de pregar, os apóstolos são soltos.

Os crentes se reúnem para orar. Referindo-se às Escrituras, pedem a Deus que lhes conceda intrepidez para pregar a Palavra. Deus responde à sua oração com o sinal exterior de um terremoto e do sinal interior do enchimento do Espírito Santo.

A comunidade dos crentes demonstra união. Compartilham bens e eliminam a pobreza. Os apóstolos pregam a Palavra com ousadia, recebem fundos de propriedades vendidas e distribuem o dinheiro entre os necessitados. Barnabé vende um campo e leva a renda obtida aos apóstolos.

5

A Igreja em Jerusalém

Parte 4

5.1-42

ESBOÇO (continuação)

5.1-11	6. A Fraude de Ananias
5.1-6	a. Ananias
5.7-11	b. Safira
5.12-16	7. Milagres de Curas
5.17-42	C. Perseguição
5.17-20	1. Prisão e Libertação
5.21-26	2. Liberdade e Consternação
5.27-32	3. Acusação e Resposta
5.27-28	a. Acusação
5.29-32	b. Resposta
5.33-40	4. Sabedoria e Persuasão
5.33-34	a. Reação
5.35-39	b. Sabedoria
5.40	c. Persuasão
5.41-42	5. Regozijo

Capítulo 5

ATOS 5.1-11

5 1. Ora, um homem chamado Ananias, com sua mulher, Safira, vendeu uma parte da propriedade. 2. E depois de reter parte do preço para si, com o pleno conhecimento de sua esposa, levou o restante e o colocou aos pés dos apóstolos. 3. Porém Pedro disse: "Ananias, por que Satanás encheu o seu coração para que você mentisse ao Espírito Santo e guardasse para si parte do preço do terreno? 4. Enquanto a terra permanecia sem ser vendida, não era ela sua? E depois de ter sido vendida, não estava o dinheiro a sua disposição? Então, o que fez com que você pensasse em fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas a Deus". 5. E ao ouvir Ananias essas palavras, caiu e morreu. Grande temor sobreveio a todos os ouvintes. 6. Então os jovens se levantaram, cobriram-lhe o corpo e, carregando-o para fora, o sepultaram.

7. E cerca de três horas mais tarde, sua esposa entrou, não sabendo o que havia acontecido. 8. Pedro lhe disse: "Diga-me, é este o preço que você e Ananias receberam pelo terreno?" "Sim", disse ela, "é". 9. Então Pedro lhe disse: "Por que ambos entraram em acordo para testar o Espírito do Senhor? Olha! Os pés dos que sepultaram seu marido estão à porta e também a levarão para fora".

10. E imediatamente ela caiu aos pés de Pedro e morreu. Quando os moços entraram, encontraram-na morta, carregaram-na para fora e a sepultaram ao lado de seu marido. 11. Grande temor sobreveio a toda a igreja e a todos quantos ouviram essas coisas.

---

6. *A Fraude de Ananias*

5.1-11

Depois de retratar a conduta exemplar de Barnabé, Luca descreve a conduta avarenta de Ananias e Safira. Sem qualquer introdução, ele narra que esse casal decide vender um campo, levam o dinheiro aos apóstolos e os fazem saber que sua oferta corresponde ao valor total recebido pela venda da propriedade. Mas, furtivamente, retêm parte do

dinheiro para si. Em suma, Ananias e Safira estão roubando de Deus (comparar com Js 7.1).

a. *Ananias*

5.1-6

1. Ora, um homem chamado Ananias, com sua mulher, Safira, vendeu uma parte da propriedade. 2. E depois de reter parte do preço para si, com o pleno conhecimento de sua esposa, levou o restante e o colocou aos pés dos apóstolos.

Primeiramente Lucas menciona o nome de Ananias, que é um nome judeu bastante comum em Atos e provavelmente signifique "o Senhor é gracioso".[1] Lucas registra que o nome pertence também a um cristão de Damasco, enviado por Jesus para ministrar a Saulo (9.10-17), e ao sumo sacerdote que presidiu o julgamento de Paulo em Jerusalém (22.30-23.5).

O nome Safira aparece uma só vez nas Escrituras e significa "formosa". Como seu marido, Ananias, ela tem um nome aramaico. Juntos pertencem à comunidade cristã de Jerusalém e juntos buscam louvor e admiração dos membros dessa comunidade. Entretanto, propositalmente planejam reter parte da renda provinda da venda de sua propriedade, porque não amam a Deus, mas ao dinheiro. Vendem um campo de sua propriedade, recebem o dinheiro, guardam para si parte da renda e doam o restante aos apóstolos para a distribuição entre os pobres.

Lucas omite detalhes e apresenta um simples esboço do incidente.[2] O que ele ressalta, no entanto, é a intenção. Quando Ananias se aproxima dos apóstolos e lhes entrega um saco de dinheiro como anteriormente o fizera Barnabé, a congregação, de modo audível ou silenciosamente, elogia Ananias e o coloca no mesmo nível de Barnabé. Mes-

1. David Miall Edwards enumera onze pessoas que têm o nome de Ananias em Atos (5.1; 9.10; 23.2) e na literatura apócrifa (por exemplo, Tobias 5.12; Judite 8.1; 1 Esdras 5.16; 9.21). Veja "Ananias" *in IBSE*, vol. 1, pp. 120-21; e veja D. Edomnd Hierbert, "Ananias", *ZPEB*, vol. 1, pp. 153-54.

2. I. Howard Marshall sugere que ambos, Ananias e Safira, culpados de pecar contra o Espírito Santo, morreram de choque por "terem quebrado um tabu". *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary,* série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids, Eerdmans, 1980), p. 111.

mo que os crentes não tenham consciência da fraude intencionada, Pedro percebe a obra de Satanás no coração de Ananias.

3. Porém Pedro disse: "Ananias, por que Satanás encheu o seu coração para que você mentisse ao Espírito Santo e guardasse para si parte do preço do terreno? 4. Enquanto a terra permanecia sem ser vendida, não era ela sua? E depois de ter sido vendida, não estava o dinheiro a sua disposição? Então, o que fez com que você pensasse em fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas a Deus".

Notemos alguns paralelos desse relato na Escritura do Antigo Testamento. Na pureza do Paraíso, Satanás entrou para instigar Eva a pecar contra Deus (Gn 3.1). O seu pecado afetou toda a raça humana. Quando os israelitas se consagraram a Deus observando o rito da circuncisão e celebrando a festa da Páscoa (Js 5.1-12), o pecado de Acã, roubando de Deus, destruiu efetivamente a pureza moral de Israel. Desse modo o seu pecado afetou a cada israelita. De igual modo, a fraude de Ananias poderia ter destruído a pureza da igreja primitiva, demonstrada pela união, pelo amor e pela harmonia. Esses três exemplos servem como advertências.

Guiado pelo Espírito Santo, Pedro percebe Satanás agindo no coração de Ananias e então faz algumas perguntas penetrantes.

a. "Ananias, por que Satanás encheu o seu coração?" De experiência própria, Pedro sabe que Satanás o persuadiu a negar Jesus três vezes (Lc 22.31,32), e que Satanás colocou no coração de Judas Iscariotes a intenção de trair Jesus (Lc 22.3; Jo 13.2,27). Ele percebe que com o crescimento inicial da igreja, Satanás tenta criar devastação entrando no coração de um crente. Casualmente, quando Satanás vai a um crente para levá-lo a pecar, o homem é completamente responsável se lhe der permissão para entrar em sua vida.[3] O crente deve estar consciente do poder do diabo e resistir a ele por meio da perseverança na fé (1Pe 5.8,9).

b. "[O que fez com você] mentisse ao Espírito Santo?" Com essa pergunta, Pedro revela o âmago do pecado de Ananias. Ainda que de tempos em tempos Satanás influencie o coração de todos, no caso de Ananias ele enchera completamente o seu coração. Conseqüentemen-

3. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 136.

te, Ananias mentiu ao Espírito Santo, expulsou Deus de sua vida e pecou deliberadamente.[4] Seu pecado, pois, não é apenas uma mentira, mas uma fraude total. Ele queria que a igreja acreditasse que estava doando dinheiro para agradar a Deus. Como Pedro coloca, ele não mentira aos homens, e sim, a Deus (v. 4). Ananias age como se Deus não conhecesse as transações diárias da igreja e ignorasse a sua fraude.

c. "[O que fez com que você] guardasse para si parte do preço do terreno?" Como Paulo informa aos crentes de Corinto, "Deus ama a quem dá com alegria" (2Co 9.7). Quer dizer, Deus se alegra quando um crente dá de coração. Ele deseja que seus filhos dêem generosamente, sem compulsão. Alguns anos atrás participei de um culto durante o qual os diáconos passaram os recipientes do ofertório. Uma mulher, sentada diretamente na minha frente, recebeu o recipiente do diácono e então, gentilmente, pediu que ele trocasse uma nota que ela tinha na mão. Depois de ele ter feito isso, ela depositou no recipiente a quantia que desejava doar e guardou o restante. Ela era certamente alguém que deu com alegria, contribuindo com o montante que havia decidido no seu coração. De semelhante modo, Ananias poderia ter retido parte do total para si quando vendeu seu terreno. Mas porque ele tentou enganar a Deus, Pedro teve de fazer-lhe perguntas adicionais.

d. "Enquanto a terra permanecia sem ser vendida, não era ela sua?" E depois de ter sido vendida, não estava o dinheiro a sua disposição?" Essas perguntas revelam que os cristãos primitivos não praticavam a posse comunitária de propriedades, mas apenas um compartilhar de bens para eliminar a pobreza entre os crentes (comparar com 2.44,45; 4.32,34,35).

A resposta que Ananias deve dar às perguntas de Pedro é afirmativa. Como parte culpada, Ananias é incapaz de dizer qualquer coisa. Ele permanece mudo (comparar com Mt 22.12), pois cometeu um grave pecado contra Deus e agora está condenado.

O pecado é um mistério que faz os homens agirem irracionalmente. Se Ananias tivesse sido honesto e direito, ele saberia que a propriedade e, depois de sua venda, o dinheiro, pertenciam-lhe enquanto per-

4. Veja João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, pp. 133-34.

manecessem sob sua posse. Poderia fazer deles o que quisesse e não estava sob nenhuma obrigação.[5] No entanto, permitiu que Satanás enchesse seu coração, recusou-se a adorar a Deus e fez do dinheiro o objeto de sua adoração. Ao servir a esse ídolo, ainda assim desejava o elogio do povo de Deus por sua generosidade dissimulada. Ele deveria saber que o homem não pode servir a dois senhores – a Deus e ao dinheiro (Mt 6.24; Lc 16.13).

e. "Então, o que fez com que você pensasse em fazer tal coisa? Você não mentiu aos homens, mas a Deus." Alguns manuscritos antigos substituem as palavras "*tal coisa*" por *este mal*". Quer dizer, Ananias cometeu um mal aos olhos de Deus e dos homens. Ele deveria ter sabido que Deus é verdade e luz, e que a falsidade tem origem no diabo. Pedro chega à conclusão de que Ananias tentou enganar os homens, mas que na realidade mentiu a Deus. O homem está sempre diante de Deus que tudo vê (veja Pv 15.3).

Pedro não faz nenhuma distinção entre Deus e o Espírito Santo. No versículo 3, ele declara que Ananias mentiu ao Espírito Santo e no versículo seguinte diz que Ananias mentiu a Deus. Portanto, Pedro identifica o Espírito Santo com Deus. Num versículo subseqüente (v. 9), ele menciona o Espírito do Senhor. Logo, para ele o Espírito Santo é Deus; é a terceira pessoa da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

5. E ao ouvir Ananias essas palavras, caiu e morreu. Grande temor sobreveio a todos os ouvintes. 6. Então os jovens se levantaram, cobriram-lhe o corpo e, carregando-o para fora, o sepultaram.

a. "E ao ouvir Ananias essas palavras, caiu e morreu." O grego indica que enquanto Ananias ouvia as palavras ditas por Pedro, caiu e expirou. Aqui está um caso de julgamento divino com efeito imediato. As Escrituras revelam incidentes semelhantes nos quais Deus puniu pecadores com mortes súbitas. Por exemplo, quando os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, apresentaram fogo estranho perante Deus, ele os atingiu com fogo e eles morreram instantaneamente (Lv 10.1,2).Quando Uzá tentou segurar a arca de Deus colocada num carro de bois em vez de ser carregada pelos sacerdotes, Deus o atingiu e ele morreu ao lado da arca (2Sm 6.7). O veredito de Deus contra a Ananias (e Safira)

5. Veja B. J. Capper, "The Interpretation of Acts 5.4", *JSNT* 19 (1983): 117-31.

resultou também em rápida execução. Em cada caso, o castigo divino por meio da pena de morte revela uma verdade fundamental: o povo de Deus deve saber que existe para servi-lo e não vice-versa.

Deus, e não Moisés, matou os filhos de Arão (Lv 10.2); e Deus, e não Davi, executou Uzá (2Sm 6.7). Do mesmo modo, ele usa Pedro como porta-voz, mas o próprio Deus é quem mata Ananias. No caso de Safira, Pedro omite o veredito que o próprio Deus executa (veja v. 9). A ênfase no relato da morte de Ananias não recai em fatores físicos ou psicológicos que resultam num ataque cardíaco, mas na execução de um veredito de Deus (comparar com Is 11.4).

b. "Grande temor sobreveio a todos os ouvintes." Deus quer que a igreja permaneça pura e sem mácula. Ele remove a culpa do pecado de Ananias retirando-o, bem como a sua esposa, da comunidade dos cristãos primitivos. Se Deus tivesse permitido que esse pecado ficasse impune, a igreja não teria nenhuma defesa contra a acusação de que ele tolerava engano contra si e seu povo. Agora, no início de seu ministério, a igreja está livre dessa acusação.

Lucas, com freqüência, descreve o medo e o espanto do povo (veja 2.43; 5.11; 19.17). Os crentes que testemunharam a morte de Ananias na presença dos apóstolos ficaram cheios de espanto, e outros que ouviram a respeito por intermédio dessas testemunhas foram também tomados de santo temor. Todos entenderam a verdade de que "Deus exerce terrível vingança sobre os enganadores".[6]

c. "Então os jovens se levantaram." As Escrituras não fornecem nenhum relato de que jovens ocupassem um cargo específico ou que a tarefa de sepultamento fosse confiada a eles. Outra passagem que emprega a expressão *moços* aparece na primeira epístola de Pedro, onde ele exorta os moços a "serem submissos aos mais velhos" (1Pe 5.5; e veja 1 Tm 5.1; Tt 2.1-6).

Os usos e costumes desse tempo diferiam do que é convencional em nossos dias. Devido ao clima quente de Israel, o sepultamento era feito no mesmo dia em que ocorria a morte. Especialmente quando um corpo se achava sob julgamento divino, tinha de ser sepultado imedia-

6. Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary,* trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 241.

tamente (comparar com Lv 10.4 [veja o contexto mais abrangente]; Dt 21.23; Mt 27.57-59; Jo 19.31; Gl 3.13). Ademais, o corpo sem vida de alguém condenado por Deus contaminava o santuário onde se reuniam os crentes. Os apóstolos pediram aos jovens que removessem o corpo e o preparassem para o enterro. Eles envolveram o corpo de Ananias e o sepultaram, provavelmente num túmulo cavado numa rocha fora de Jerusalém. Teriam, depois, tampado o túmulo com uma pedra.[7]

Considerações Doutrinárias em 5.1-6

Dois pontos na narrativa da morte de Ananias e Safira demandam discussão. Em primeiro lugar, por que Pedro não concedeu a Ananias a oportunidade de se arrepender? Quando Pedro confrontou Simão, o mágico, que lhe ofereceu dinheiro para comprar o poder do Espírito Santo, ele ordenou que se arrependesse (8.22; comparar também com 2.38). Aventuramo-nos a dizer que Ananias era um judeu que desde cedo conhecia as Escrituras e mais tarde na vida chegou ao conhecimento da verdade ao ser batizado em nome de Jesus. Simão, por outro lado, vivia em escuridão espiritual praticando feitiçaria. Foi batizado porque creu (8.13), mesmo que sua fé não fosse genuína. Quando quis comprar o poder do Espírito, Pedro o repreendeu e o chamou ao arrependimento para livrá-lo das garras de Satanás.

Tanto Ananias quanto Safira mentiram ao Espírito Santo (vs.3,4) e concordaram em testar o Espírito de Deus (v.9). Apesar de não terem blasfemado contra o Espírito, deliberadamente colocaram-no à prova. Assim como os israelitas que puseram Deus à prova morreram no deserto, assim também Ananias e sua mulher morreram. O escritor da Epístola aos Hebreus, comentando acerca da morte de um blasfemo, pergunta: "De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da Graça?" (10.29). E ele conclui: "terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (v. 31). Ananias e Safira insultaram o Espírito Santo, mentiram-lhe, puseram-no à prova. Conseqüentemente, pereceram.

Uma simples ilustração da vida diária faz uma paralelo com a disciplina de Deus aplicada a Ananias e Safira. Quando um pai encara a tarefa de disciplinar um de seus filhos que agiu mal, as outras crianças da famí-

7. Para maiores informações, consultar W. Harold Mare, "Burial", *ZPBE*, vol. 1, pp. 672-74; J. Barton Payne, "Burial", *IBSE*, vol. 1, pp. 556-61.

lia que testemunham a ação disciplinar, sabiamente se mantêm caladas. Elas percebem que a disciplina é necessária e justificável. Sabem também que existe hora para falar e hora para ficar calado. Quando é aplicada uma correção, é hora de ficar calado.

Consideremos, pois o segundo ponto. Por que os apóstolos não notificaram Safira sobre a morte e o sepultamento de Ananias? Não podemos responder a essa pergunta porque o relato não fornece informação completa. No entanto, quando a congregação percebeu que Deus puniu Ananias com morte repentina, os crentes sabiam, pelas Escrituras, que o corpo de uma pessoa amaldiçoada por Deus tinha de ser removido e sepultado no mesmo dia (Dt 21.23). No caso dos filhos de Arão, Nadabe e Abiú, que morreram junto ao altar, Moisés disse aos seus primos para carregarem os corpos, "ainda em suas túnicas", para fora do acampamento a fim de serem sepultados (Lv 10.5). A Arão e a seus filhos, Eleazar e Itamar, não foi permitido prantear. E mais, qualquer que tocasse um corpo era considerado imundo por sete dias (Nm 19.11).

Os jovens removeram o corpo de Ananias da sala para eliminar o perigo da contaminação. Percebendo que o julgamento de Deus havia se abatido ali, não deram evidência de tristeza, nem notificaram o parente mais próximo. E ao sepultar Ananias o mais rápido possível, purificaram o local de reuniões da maldição que recaíra sobre Ananias.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.2-6

Versículo 2

ἐνοσφίατο – do verbo νοσφίζω (eu separo), esta forma de aoristo médio significa "apropriar-se incorretamente".

συνειδυίης – juntamente com o substantivo γυναικός (esposa) o particípio perfeito ativo de σύνοιδα (eu compartilho conhecimento), traduzido no tempo presente, está no caso genitivo e forma a construção do genitivo absoluto. O composto denota responsabilidade compartilhada.

Versículo 3

ψεύσασθαι – este infinitivo aoristo médio do verbo ψεύδομαι (eu minto) expressa resultado.[8]

---

8. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927: Nova York: Macmillan, 1967), pp. 215, 285.

Versículo 4

οὐχί – aqui a partícula negativa introduz uma pergunta retórica que exige uma resposta afirmativa. A partícula controla os dois verbos ἔμενεν (permaneceu) e ὑπῆρχεν (foi). O tempo aoristo do primeiro verbo é culminativo.

τί ὅτι – esta é uma forma abreviada de τί γέγονεν ὅτι (o que foi que aconteceu) ou simplesmente "por quê?" (veja v.9).

Versículo 6

συνέστειλαν – a forma do aoristo ativo de συστέλλω (eu recolho) tem várias interpretações: "eu cubro, envolvo"; "eu guardo, dobro, pego"; e "eu levo, removo".[9]

---

b. *Safira*

5.7-11

7. E cerca de três horas mais tarde, sua esposa entrou, não sabendo o que havia acontecido. 8. Pedro lhe disse: "Diga-me, é este o preço que você e Ananias receberam pelo terreno?" "Sim", disse ela, "é".

A narrativa é bastante esquematizada, todavia Lucas fornece ao leitor detalhes suficientes para que possamos seguir a seqüência. Safira fica preocupada e começa a procurar pelo marido. Não se sabe se a casa deles ficava longe do local das reuniões dos apóstolos. Mas depois que se passaram três horas, ela os procurou. Ninguém da comunidade cristã a informou do fim trágico da vida terrena de Ananias; ela própria, cega pelo pecado, não se desviou do caminho da falsidade que ela e o marido concordaram em tomar.

Quando se aproxima de Pedro e aparentemente pergunta-lhe onde está seu marido, Pedro pede que ela lhe responda a uma pergunta. "Diga-me", ele diz, e cita uma soma: "é este o preço que você e Ananias receberam pelo terreno?" Talvez ela tivesse visto a bolsa de dinheiro que seu marido tinha levado para o local de reuniões e provavelmente Pedro tenha apontado para ela. Safira já se apercebeu da ausência de seu marido. Mas essas observações e a pergunta direta de Pedro não a

9. Bauer, p. 795.

fazem refletir sobre o pecado que ela e o marido tinham cometido. Sua cegueira espiritual faz com que ela persista no pecado. Afirma que o preço citado por Pedro é a soma que ela e Ananias receberam pela venda de sua propriedade. Com sua resposta afirmativa dada a Pedro, ela não somente indica persistência no pecado, mas também se recusa a admitir-se culpada. Assim, com sua resposta, Safira sela sua própria condenação.

9. Então Pedro lhe disse: "Por que ambos entraram em acordo para testar o Espírito do Senhor? Olha! Os pés dos que sepultaram seu marido estão à porta e também a levarão para fora".

Que triste experiência, especialmente para Pedro, ao saber que ambos, marido e mulher, deliberadamente praticaram uma mentira! Ele faz a Safira uma pergunta, apesar de não esperar que responda. Essa pergunta é na realidade equivalente à declaração de um fato. Mas note-se a importância da questão que descreve a essência do pecado cometido por Ananias e Safira: "Por que ambos [marido e mulher] entraram em acordo para *testar* o Espírito do Senhor?"

Deus deu ao seu povo o mandamento: "Não tentarás o Senhor teu Deus, como o tentaste em Massá" (Dt 6.16). O clássico exemplo de tentar o Espírito de Deus é o dos israelitas rebeldes no deserto de Massá e Meribá. Tentaram o Senhor dez vezes e então encararam a sentença de morte executada durante sua permanência no deserto (veja, por exemplo, Nm 14.21-23; Sl 95.7-11; Hb 3.16-19). Jesus, quando tentado por Satanás para pular do pináculo do templo, apelou também para o mandamento de não tentar o Senhor Deus (Mt 4.7).

Sabemos que Lucas apresenta um resumo dos comentários de Pedro. Ao ouvi-lo, Safira, provavelmente, percebeu que seu marido morrera e que seu corpo fora removido para o sepultamento. Pedro lhe revela, numa descritiva figura de linguagem, que os pés dos moços que sepultaram Ananias estão à porta. O termo *pés* é uma expressão idiomática na qual parte do corpo representa a pessoa por completo. Quer dizer, os homens que levaram o corpo do marido dela estão agora retornando. Pedro complementa sua frase, dizendo: "E também te levarão para fora". É Pedro o carrasco de Safira? Não, na realidade não o é. Pedro pronuncia a sentença e Deus executa o castigo. O caso de Safira difere do de seu marido porque Pedro não paga com juízo quando se

dirige a Ananias. Note-se, entretanto, que ele informa a Safira que os homens a levarão para fora a fim de sepultá-la. Ele deixa a execução da pena de morte para Deus.

10. E imediatamente ela caiu aos pés de Pedro e morreu. Quando os moços entraram, encontraram-na morta, carregaram-na para fora e a sepultaram ao lado de seu marido.

Na primeira sentença desse versículo Lucas ressalta o imediatismo da morte de Safira. Pedro lhe informa a respeito da tarefa dos moços e ela desaba a seus pés. Isaías certamente profetiza acerca do Messias e o retrata em seus atos tremendos: "Com o sopro de seus lábios aniquilará o ímpio" (11.4).

Aqui está uma ação repetida para os moços que receberam a incumbência de levar Safira para fora e sepultá-la ao lado do marido. Mais uma vez, Lucas nada menciona sobre pranteamento ou notificação aos parentes. A idéia é que os crentes viram o juízo de Deus aplicado aos ímpios. E porque perceberam ser esta uma obra disciplinar de Deus, mantiveram-se em silêncio. O efeito positivo é que Deus quer que a igreja continue a ser o baluarte da verdade e integridade onde não há lugar para a falsidade e a hipocrisia.

11. Grande temor sobreveio a toda a igreja e a todos quantos ouviram essas coisas.

Apresentamos as seguintes observações:

a. *Temor*. Mais uma vez Lucas usa a expressão *grande temor* (v.5), a qual refere-se claramente ao estado de se estar com medo. A intervenção divina para fazer parar o engano dentro da igreja primitiva causa medo no coração de cada membro da igreja. Todos os que ouvem a respeito das mortes de Ananias e Safira percebem o juízo de Deus. Os crentes deveriam saber que Deus não condena riquezas nem as pessoas opulentas. Ele pune aqueles que enganosamente tentam colocá-lo à prova fingindo ser doadores generosos, mas que, na realidade, roubam a Deus.

b. *Igreja*. Esta é a primeira vez em Atos que Lucas emprega o termo *igreja*. De modo significativo, a palavra aparece apenas em duas passagens nos quatro Evangelhos (Mt 16.18; 18.17). Antes e imediatamente depois do Pentecoste, Lucas usa expressões descritivas para o

conceito *igreja*. Ele se refere aos crentes (1.15; 2.44; 4.32), o número deles (2.41,47; 4.4; 5.14) e "seu próprio povo" (4.23). Nos estágios primitivos da igreja cristã, os crentes prontamente chamavam seu local de reuniões de "a sinagoga" (veja o texto grego de Tg 2.2). Somente anos mais tarde, quando a divisão entre judeus e cristãos se tornou permanente, é que os judeus passaram a ir exclusivamente à sua sinagoga e os cristãos à igreja.[10] E tempos depois a expressão *igreja* dava a entender que os cristãos, e não os judeus, eram o verdadeiro povo de Deus.[11] Lucas escreve que toda a igreja foi tomada de medo. Pelo grego, compreendemos que o adjetivo *toda* se refere a todos os crentes pertencentes à igreja universal reunida em Jerusalém, Judéia ou qualquer outro lugar.

c. *Relato*. Pela palavra oral, o relato concernente à morte de Ananias e Safira se espalhou por toda parte, levando a mensagem de que Deus não tolera engano e falsidade na igreja. Portanto, o relatório continha uma advertência a qualquer um que desejasse infiltrar-se na assembléia dos crentes com o propósito de enganar. O súbito juízo de Deus serviu como repressão e manteve a igreja como um reduto da verdade e da integridade.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.7-9

Versículo 7

ὡρῶν τριῶν – "três horas". Lucas freqüentemente introduz números com a partícula ὡς (cerca de) para indicar uma aproximação. O caso genitivo é descritivo.

Versículo 8

ἀπεχρίθη – geralmente a expressão idiomática que segue é escrita por extenso: "ele respondeu e disse". Mas ocasionalmente o verbo *disse* é omitido. A construção gramatical significa "dirigir-se". Mesmo assim, não é remota a possibilidade de que Safira tenha perguntado a Pedro a respeito de seu marido.

---

10. Em Atos, Lucas usa a palavra *ekklēsia* (igreja) 23 vezes: 5.11; 7.38; 8.1,3; 9.31; 11.22,26; 12.1,5; 13.1; 14.23,27; 15.3,4,22,41; 16.5; 18.22; 19.32,39,41; 20.17,28.

11. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 54.

τοσούτου ἀπέδοσθε – juntamente com o verbo, o caso genitivo do adjetivo *tal* denota o genitivo de preço. O verbo é o aoristo médio de ἀποδίδωμι (eu devolvo) e significa "doaste para o teu próprio interesse", isto é, "vendeste".[12]

Versículo 9

ὑμῖν – apesar de Pedro confrontar apenas Safira, ele se lhe dirige no plural ("vós") a fim de incluir seu marido.

ἰδού – esta partícula é realmente o imperativo aoristo médio de εἶδον (eu vi). Aqui ele "não é somente uma profecia, mas a manifestação do julgamento divino e sua execução imediata".[13]

---

12. Muitos sinais e prodígios eram realizados pelos apóstolos entre o povo. E todos costumavam reunir-se no Pórtico de Salomão. 13. Mas ninguém mais ousava associar-se a eles, ainda que o povo os tivesse em alta estima.14. Não obstante, mais e mais crentes no Senhor, tanto homens como mulheres, estavam sendo acrescentados ao seu número. 15. Levavam até mesmo os enfermos para as ruas e os colocavam em camas ou esteiras a fim de que quando Pedro passasse pelo menos a sua sombra pudesse projetar-se em qualquer deles. 16. E também multidões se reuniam vindas de cidades circunvizinhas de Jerusalém. Continuavam a trazer os enfermos e aqueles que eram perturbados por espíritos imundos; todos eram curados.

---

7. *Milagres de Curas*

5. 12-16

Eis aqui o terceiro sumário que Lucas coloca dentro de sua narrativa contínua (comparar com 2.42-47 e 4.32-35) e que demonstra algumas similaridades com os outros dois sumários, isto é, Lucas parece recorrer a afirmativas gerais que parecem contraditórias, como é evidente nos versículos 13 e 14. A linha de pensamento não é fluente nesse sumário. Isso tem feito alguns estudiosos reorganizarem a seqüência dos versículos nesse parágrafo a fim de manter o tema dos apóstolos realizando milagres de cura entre o povo. Esses tradutores iniciam o parágrafo com o versículo 12b, que é então seguido pelos versículos 13 e 14. Colocam o versículo 12a. como prefácio do versí-

---

12. A.T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 810.

13. Haenchen, *Acts*, p. 239.

culo 15 para obter continuidade.[14] Outros tradutores consideram os versículos 12b-14 como um comentário parentético.[15] No entanto, deve-se levantar a questão da necessidade ou não da reorganização dos versículos ou da sua colocação em forma parentética. Apesar das dificuldades, a maioria dos tradutores prefere o texto como o temos aqui.

12. Muitos sinais e prodígios eram realizados pelos apóstolos entre o povo. E todos costumavam reunir-se no Pórtico de Salomão. 13. Mas ninguém mais ousava associar-se a eles, ainda que o povo os tivesse em alta estima.

Lucas continua sua narrativa chamando a atenção para os outros apóstolos além de Pedro e João. O versículo 12 literalmente diz: "E nas mãos dos apóstolos muitos sinais e prodígios estavam acontecendo entre o povo". Sabemos que os apóstolos, em obediência à ordem de Jesus, curavam pessoas impondo suas mãos sobre os enfermos.[16] Sabemos também que a tradução literal traz uma expressão típica hebraica que não precisa ser traduzida: a expressão *nas mãos de* se refere aos apóstolos; nessa sentença, Lucas põe toda a ênfase sobre eles. Entretanto, não são os apóstolos, e, sim, Deus quem cura os enfermos; aqueles servem como instrumentos nas mãos de Deus. E ainda, Lucas deseja dispersar a idéia que caracteriza Pedro como o obreiro operador de milagres, como se o restante dos apóstolos não contasse. Todos os apóstolos receberam autoridade de Jesus Cristo para pregar e curar, e sobre todos eles foi derramado o Espírito Santo.

a. "Muitos sinais e prodígios eram realizados pelos apóstolos entre o povo." Aqui está, pois, uma referência explícita aos apóstolos. A expressão *muitos sinais e prodígios* é uma repetição de 2.43,[17] onde, de forma resumida, Lucas menciona a obra realizada pelos apóstolos. Ele diz que eles realizavam esses sinais e prodígios entre o povo. Com a palavra *povo*, o escritor tem em mente o povo de Israel. Os habitantes de Jerusalém observavam o poder curador demonstrado nos prodígios realizados pelos apóstolos.

14. Por exemplo JB, *Phillips* e *Moffatt*.

15. Veja a KJV. A NEB coloca o versículo 12a junto com o versículo 11 para formar uma conclusão do relato acerca de Ananias e Safira. O versículo 12b, então, forma o início de um novo parágrafo.

16. Veja 3.7; 9.41; 28.8; e veja Marcos 16.18.

17. Veja ainda Atos 2.19,22; 4.30; 6.8; 7.36; 14.3, 15.12; 2 Coríntios 12.12.

b. "E todos costumavam reunir-se no Pórtico de Salomão." Quem está incluído na palavra *todos*? Estaria Lucas dizendo que todos os apóstolos eram um em coração e mente e se reuniam numa área espaçosa do templo chamada Pórtico de Salomão (veja a discussão sobre 3.11)?[18] Ou estaria ele dizendo que mais de cinco mil crentes (4.3) estavam com os apóstolos nas dependências do templo? Os estudiosos em geral favorecem a segunda interpretação porque a fluência da frase é mais natural. Entretanto, o problema de interpretação apenas começa com o versículo 12. O versículo seguinte (13) também apresenta ambigüidades.

c. "Mas ninguém mais ousava associar-se a eles, ainda que o povo os tivesse em alta estima." A questão é: a quem se refere o pronome *os*? Se os crentes forem separados dos apóstolos, então Lucas traz estes em mente ao empregar o pronome *os*. Nesta interpretação, os apóstolos permaneciam sozinhos na área do templo e o povo de Jerusalém os elogiava (comparar com v. 26). Então os crentes temem as autoridades e mantêm distância dos apóstolos. Mas o contrário é que é verdadeiro, pois não encontramos nenhuma indicação de que os crentes fossem temerosos e tímidos (veja 4.24-30).

Uma segunda interpretação diz que a expressão *ninguém mais* ou *o restante* se refere aos não-cristãos ou aos "de fora" (NEB). No Novo Testamento, o termo descreve com freqüência os não-crentes (por exemplo, Lc 8.10; Ef 2.3; 1Ts 4.13; 5.6).[19] Logo, esta interpretação evoca três categorias de pessoas em Jerusalém: os cristãos, os incrédulos e os judeus fiéis favoravelmente inclinados ao Evangelho. Devido ao súbito juízo sobre Ananias e Safira, os incrédulos têm medo de se unir à igreja. Mesmo assim, o povo judeu que ama a Deus continua a manter os cristãos em alta estima (4.21). O pronome *os* se refere aos cristãos.

Uma terceira explicação refere-se àqueles que temem juntar-se à comunidade cristã como "não-membros simpatizantes".[20] Dão seu apoio

18. A SEB traduz da seguinte forma: "Os apóstolos estavam juntos no Alpendre de Salomão". Everett F. Harrison concorda que "somente os apóstolos se encontravam no Pórtico de Salomão". *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academic Books, 1986), p. 105.

19. Em duas passagens a expressão *o restante* indica os crentes (veja Ap 11.13; 12.17). Walther Günther e Hartmut Krienke, *NIDNTT*, vol. 3, p. 253.

20. D.R.Schwartz, "Non-Joining Symphatizers (Acts 5.13,14)", *Bib* 64 (1983): 550-55.

aos cristãos e os têm em alta consideração, mas hesitam em se tornar um deles. Os termos *o restante e o povo* são virtualmente sinônimos. Conclusivamente, apesar da escolha continuar difícil, os estudiosos preferem a segunda interpretação.

14. Não obstante, mais e mais crentes no Senhor, tanto homens como mulheres, estavam sendo acrescentados ao seu número.

Notamos três itens:

Primeiro, Lucas perdeu a conta do número de cristãos em Jerusalém. Depois da cura do aleijado, ele calcula o total da membresia em cerca de cinco mil homens (4.3). Agora comenta que "mais e mais crentes no Senhor, tanto homens como mulheres, estavam sendo acrescentados ao seu número". Apesar do medo demonstrado pelos incrédulos, o Espírito Santo está agindo no coração de homens e mulheres. O crescimento da igreja continua imbatível. A morte de Ananias e Safira impede os incrédulos de se juntarem à igreja, mas, ao mesmo tempo, grande número de verdadeiros convertidos se une e fortalece a comunidade cristã. Na verdade, Lucas abandonou seu desejo de ser preciso e agora registra que multidões do povo se tornam membros da igreja.

Em segundo lugar, observamos Lucas declarando especificamente que as mulheres se juntaram à igreja. No ambiente pré-Pentecoste do cenáculo, ele registra a presença de mulheres, entre elas Maria, a mãe de Jesus (1.14). Em sua última contagem da membresia da igreja, Lucas menciona especificamente apenas os cinco mil homens, e não as mulheres (4.3). Mas em capítulos subseqüentes, refere-se tanto a homens quanto a mulheres (por exemplo, 8.3,12; 9.2; 13.50).

Uma terceira observação é a de que o grego permite duas traduções: "Não obstante, mais e mais *crentes no Senhor*, tanto homens como mulheres, estavam sendo acrescentados ao seu número"(itálicos acrescentados), ou "E crentes estavam cada vez mais sendo *acrescentados ao Senhor*, multidões de homens e mulheres" (NKJV, itálicos acrescentados; e veja KJV e a nota marginal da NEB). Como o verbo *crer* geralmente pede um objeto direto (neste caso, "o Senhor"), e devido à sua posição o verbo *crer* recebe ênfase na sentença grega, a primeira tradução é a melhor das duas.

15. Levavam até mesmo os enfermos para as ruas e os coloca-

vam em camas ou esteiras a fim de que quando Pedro passasse pelo menos a sua sombra pudesse projetar-se em qualquer deles.

Como o versículo 15 se liga à passagem precedente? Alguns estudiosos ou reorganizam esse parágrafo ou consideram os versículos 12b-14 como uma declaração parentética (veja discussão sobre o v. 12). Outros tradutores ajuntam os versículos 14 e 15 e consideram, desta forma, um dependente do outro.[21] Há mérito nessa combinação, pois a ação resultante das pessoas levando seus enfermos para as ruas (v. 15) surge do fato de que crêem no Senhor (v. 14). Logo a ênfase recai no verbo *crer*. Essas pessoas que crêem no Senhor confiam nele para curar os enfermos. O contexto parece indicar que sua fé não dependia dos milagres que os apóstolos realizavam.[22]

Vemos aqui o princípio de que Deus realiza milagres em resposta à fé e visando ao aumento da fé. Os milagres não ocorrem independentemente da fé. A questão é que, assim como Jesus realizava milagres na Galiléia e Jerusalém, assim seus discípulos estão agora realizando milagres pela autoridade dele, isto é, as pessoas que haviam colocado sua confiança em Jesus vão aos apóstolos para receber cura. E supomos que os apóstolos, em seu ensino e pregação, levassem as pessoas a Jesus.

As pessoas levam os doentes às ruas principais e às praças na plena certeza de que a cura acontecerá. Mas, devido à sua fé no Senhor, não há nenhuma mágica na cura dos enfermos. Ocupando leitos e macas, os doentes aguardam que Pedro passe, a fim de que mesmo sua sombra se projete sobre eles. Uma sombra se relaciona ao objeto que bloqueia a luz, mas não é parte integral desse objeto. Esses inválidos nem mesmo tocam um avental ou lenço pertencente a Pedro (comparar com 19.12), ou tentam tocar a orla de sua capa (veja Mc 6.56). Os crentes confiam que a sombra de Pedro será suficiente para curar os enfermos. O texto na realidade diz: "De modo que quando Pedro passasse, pelo menos a sua sombra pudesse projetar-se em qualquer deles". Ou seja, nem todo aquele que era levado para as ruas numa cama ou esteira seria tocado pela sombra de Pedro. Nesse ponto, o chamado texto oci-

21. Veja a RSV, NASB e NKJV.

22. F.W.Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 167.

dental dos manuscritos gregos traz uma sentença adicional para esclarecimento: "Pois eram libertos de qualquer doença com a qual cada um era afligido".

Da cultura em que vivia, Lucas toma emprestado o conceito de que um objeto possui poder inerente.[23] Mas não devemos indagar se o povo era supersticioso, pois o Senhor pode curar uma pessoa ao tocá-la, falando com ela ou fazendo com que uma sombra se projete sobre ela. Henry Alford pergunta e conclui:

> Não pode o "Espírito Criador" trabalhar com qualquer instrumento, ou com nenhum, como lhe aprouver? E o que é uma mão ou uma voz mais do que uma sombra, exceto que a analogia do instrumento ordinário é a maior ajuda para a fé no recipiente? Onde a fé, como aparentemente aqui, não necessitava dessa ajuda, foi adotado o meio menos provável.[24]

Para a importância cultural do conceito *sombra*, considerem-se as palavras de Gabriel a Maria: "O poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra" (Lc 1.35). Portanto, uma sombra é mais do que suficiente como meio para Deus estender ao homem seu poder curador. Deus exige fé para que aconteça a cura do enfermo. A fé se encontra presente, pois o versículo 14 revela que multidões de homens e mulheres criam no Senhor. E essas multidões não se limitam aos numerosos habitantes de Jerusalém.

16. E também multidões se reuniam vindas de cidades circunvizinhas de Jerusalém. Continuavam a trazer os enfermos e aqueles que eram perturbados por espíritos imundos; todos eram curados.

Pelo menos dois paralelos distintos podem ser notados. Primeiro, detectamos um paralelo com o ministério de curas de Jesus. O povo que ouvia sobre o que Jesus estava fazendo vinha a ele da Galiléia, Judéia, Jerusalém, Iduméia e áreas dalém do Jordão e arredores de Tiro e Sidom (Mc 3.7,8). Os autores dos Evangelhos falam de multi-

23. P. W. van der Horst, "Peter's Shadow: The Religio-Historical Background of Acts", v. 15, *NTS* 23 (1977): 204-12.

24. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7a ed, 4 vols, (1877: Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 53.

dões de pessoas indo a Jesus para ouvi-lo e dos enfermos que desejavam tocá-lo (veja Lc 6.17-19). Agora os apóstolos presenciam a mesma coisa acontecendo com eles, quando multidões chegam dos arredores trazendo parentes e amigos enfermos. A influência da igreja cristã se estende muito além da cidade de Jerusalém.

O segundo paralelo é a cura do coxo na porta chamada Formosa (3.1-10). Essa cura resultou em animosidade da parte do sumo sacerdote e dos saduceus, que expressaram seu ressentimento pondo Pedro e João na prisão e levando-os ao tribunal no dia seguinte (4.1-7). Nesse julgamento, os membros do Sinédrio nunca buscaram restringir o ministério de cura dos apóstolos. Apenas lhe ordenaram a não falarem e nem ensinarem no nome de Jesus (4.18). Enquanto a cura do aleijado foi um incidente isolado, as curas realizadas por todos os apóstolos às pessoas de cidades circunvizinhas de Jerusalém são incontáveis.[25] A reação dos saduceus se torna clara na seqüência da narrativa. Os apóstolos são encarcerados e levados a juízo pelo Sinédrio. E os membros deste exprimem seu furor querendo matá-los (5.33).

Lucas relata que o povo não traz aos apóstolos somente os doentes, mas também aqueles que se achavam atormentados por espíritos maus (veja Lc 6.18). Ele faz distinção entre o povo que sofria de doenças comuns e os que estavam possessos de demônios. Apenas os autores dos Evangelhos e Atos mencionam pessoas atormentadas por espíritos malignos em Jerusalém, Judéia, Galiléia, Decápolis, Samaria, Filipos e Éfeso.[26] O restante do Novo Testamento é silencioso acerca desse mal. Durante o ministério de Jesus, e por algumas décadas, as forças do mal pareciam se tornar evidentes especialmente nas pessoas atormentadas por possessão demoníaca (vejam, por exemplo, 8.7; 16.16; 19.15; Mt 8.16; 10.1). De semelhante modo, os apóstolos, como Jesus, enfrentam as forças do diabo em pessoas atormentadas por espíritos imundos. Lucas conclui seu sumário declarando que os enfermos e aqueles que eram perturbados por espíritos imundos eram todos curados.

25. Consultar Haenchen, *Acts*, p. 245.
26. Veja Guthrie, *New Testament Theology*, p. 137.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.14-16

Versículo 14

προσετίθεντο – o tempo imperfeito indica ação contínua no passado. A voz passiva indica que Deus é o agente, pois ele acrescenta seu povo à igreja. Portanto, o verbo não deve ser tomado com o dativo τῷ κυρίῳ (ao Senhor), o que é redundante. Em vez disso, o particípio presente ativo πιστεύοντες controla o caso dativo.

Versículo 15

ἵνα χἂν – esta combinação ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento (aqui e em Mc 6.56, onde os enfermos tentam tocar a orla do manto de Jesus). "E ambos os casos pode ser detectada uma cláusula *condicional* inferida".[27]

ἐρχομένου – devido ao caso genitivo neste particípio presente médio e no substantivo próprio Πέτρου, e devido à sua posição na sentença, esta é a construção gramatical do genitivo absoluto.

Versículo 16

συνήρχετο – o imperfeito médio, no singular, dependente do seu sujeito simples τὸ πλῆθος (a multidão), é seguido por φέροντες (carregando), que é um particípio presente ativo plural.

πέριξ – advérbio obviamente derivado da preposição περί (arredores) aparece apenas aqui.

17. Então o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, o partido dos saduceus, ficaram cheios de inveja. 18. Prenderam os apóstolos e puseram-nos na cadeia pública.19. Porém, durante a noite um anjo do Senhor abriu os portões da prisão. Levando-os para fora, disse: 20. "Vão, levantem-se e falem ao povo no templo todas as palavras desta vida".21. E ao ouvirem isso, entraram no templo ao romper do dia e começaram a ensinar.

Quando o sumo sacerdote, e os que com ele estavam, chegaram, convocaram o Sinédrio – a assembléia dos anciãos de Israel – e expediram ordem à casa presidiária para que os apóstolos fossem trazidos perante eles. 22. E quando os oficiais chegaram à prisão, não encontraram os apóstolos. Eles voltaram e relataram: 23. "Encontramos a prisão trancada com segurança e os guardas de pé junto às portas. Mas, ao abri-las, não encontramos ninguém lá dentro". 24. Ao ouvirem essas pa-

27. C.D.F. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2a ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 139.

lavras, tanto o capitão da guarda do tempo como os principais sacerdotes ficaram grandemente perplexos, ponderando sobre o que estava para acontecer.

25. Então alguém chegou e lhes disse: “Vejam! Os homens que os senhores puseram na prisão estão de pé nas áreas do templo e ensinam o povo”.26. Imediatamente, o capitão com seus guardas saíram e os trouxeram – não à força, pois temiam ser apedrejados pelo povo.

27. Trouxeram os apóstolos e os colocaram perante o Sinédrio. O sumo sacerdote os interrogou: 28. “Demos a vocês ordens expressas para que não continuassem a ensinar nesse nome. E vejam o que aconteceu; vocês encherem Jerusalém com seus ensinamentos e pretendem lançar sobre nós o sangue desse homem”.

29. Pedro e os outros apóstolos responderam: “Devemos antes obedecer a Deus do que aos homens. 30. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus a quem vocês mataram pendurando-o no madeiro”.31. “Ele é aquele a quem Deus exaltou à sua destra como Príncipe e Salvador a fim de trazer a Israel arrependimento e perdão de pecados.”32. “E somos testemunhas destas coisas, bem assim o Espírito Santo, o qual Deus concedeu àqueles que lhe obedecem.”

33. E quando ouviram isso, se enfureceram no coração e queriam matá-los. 34. Mas um membro do Sinédrio, um fariseu chamado Gamaliel, mestre da lei e respeitado pelo povo, levantou-se e ordenou que os homens fossem postos do lado de fora por um pouco.35. Ele disse ao Sinédrio: “Homens de Israel, sejam prudentes naquilo que intentam fazer a estes homens. 36. Algum tempo atrás, Teudas se levantou dizendo ser alguém. Cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele; mas quando foi morto, todos os seus seguidores foram dispersos e isso deu em nada. 37. Depois desse homem, Judas da Galiléia apareceu na época do recenseamento e fez o povo se revoltar e segui-lo. Ele também foi morto e todos os que o seguiam foram espalhados. 38. Assim, neste caso, eu sugiro: Afastem-se destes homens e deixe-os ir! Porque se este plano ou movimento for de origem humana, fracassará. 39. Mas se for de Deus, vocês serão incapazes de subjugá-los; e ainda se acharão até mesmo lutando contra Deus”. E eles foram persuadidos por ele.

40. Depois de chamar os apóstolos, açoitaram-nos e lhes ordenaram a não mais falarem no nome de Jesus; então os soltaram.

41. Portanto, os apóstolos se retiraram da presença do Sinédrio e se regozijaram porque foram considerados dignos de sofrer desgraça pelo Nome. 42. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e pregar as boas-novas de que Jesus é o Cristo.

C. Perseguição

5.17-42

A narrativa de Atos é repleta de repetições. Na última parte do capítulo 5, Lucas apresenta um relato que, em muitos aspectos, consiste numa repetição de 4.1-21. Ele narra que uma vez mais o partido dos saduceus se coloca contra o crescimento da igreja cristã. Agora, no

entanto, a reação dos saduceus é mais severa e sua posição se intensifica. Mandam prender todos os apóstolos.

1. *Prisão e Libertação*

5.17-20

17. Então o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, o partido dos saduceus, ficaram cheios de inveja. 18. Prenderam os apóstolos e puseram-nos na cadeia pública.

A cura de numerosas pessoas residentes em Jerusalém e cidades circunvizinhas traz, por assim dizer, manchetes aos noticiários do dia. Milhares se comprimem em torno dos apóstolos que encontram as pessoas nas ruas, praças e no Pórtico de Salomão, na área do templo. O ajuntamento dessas multidões chega ao conhecimento do sumo sacerdote e seus associados do Sinédrio. Eles enfrentam um problema que não tinham podido resolver anteriormente quando disseram a Pedro e João que não falassem nem ensinassem no nome de Jesus.

O texto grego traz a seguinte leitura: "Então o sumo sacerdote se levantou", isto é, ele entra em ação, pois na sua opinião esse movimento liderado pelos apóstolos tinha ido longe demais. Presumimos que o sumo sacerdote seja Anás e não Caifás, seu genro (veja discussão sobre 4.6), e que seus associados sejam membros das famílias dos sumos sacerdotes e do partido dos saduceus. O termo *partido* é a tradução da palavra grega *hairesis*, do qual temos os derivados *heresia* e *herege*. Em Atos, esse termo pode ter conotação favorável ou desfavorável;[28] aqui seu significado é positivo, porque o partido dos saduceus era de fato o partido político com autoridade sobre Israel. O sumo sacerdote e seus associados não eram somente os mentores espirituais que controlavam os serviços do templo e sua área. Eram também autoridades políticas que exerciam liderança no Sinédrio (veja comentário sobre 4.1,2; e veja 23.6-8) e temiam tumultos locais. Por essa razão, impunham extrema objeção a que os apóstolos atraíssem grandes multidões, especialmente na área do templo, a qual consideravam como seu domínio de influência (comparar com 5.12). Lucas, portanto, acrescenta a nota: "[eles] ficaram cheios de inveja".

28. Comparar com o texto grego de Atos 15.5; 24.5,14; 26.5; 28.22; veja também 1 Coríntios 11.19; Gálatas 5.20; 2 Pedro 2.1. Veja Gerhard Nordholt, *NIDNTT*, vol. 1, p. 535.

A inveja do sumo sacerdote Anás e dos líderes saduceus tem origem no zelo por Deus e seu povo? De modo algum, pois sua inveja é pessoal e vingativa. Por exemplo, o fato de Anás permanecer como sumo sacerdote quando Caifás foi nomeado para esse posto descreve a ambição egoística daquele. O poder e autoridade dos líderes políticos e religiosos são desafiados pelos apóstolos. Logo, precisam agir.

O sumo sacerdote e seu partido ordenam que o capitão da guarda do templo e seus oficiais prendam os apóstolos (veja v. 26). Presumivelmente, emitem a ordem à tarde, pois os apóstolos, ao serem presos, devem passar a noite no cárcere público. Essa prisão, pertencente ao Estado, é diferente do lugar onde Pedro e João passaram a noite no aprisionamento anterior (4.3). Agora os apóstolos se acham numa cadeia pública onde são mantidos os ladrões e assassinos. (Casualmente, a palavra grega *público(a)* pode ser também tomada adverbialmente e assim significar "os apóstolos foram postos publicamente no cárcere"). Nos tempos do Novo Testamento, os prisioneiros eram mantidos em prisão pública por um período limitado enquanto aguardavam o julgamento e a sentença. "No sistema legal romano, o aprisionamento em si não era considerado como forma de castigo."[29]

19. Porém, durante a noite um anjo do Senhor abriu os portões da prisão. Levando-os para fora, disse: 20. "Vão, levantem-se e falem ao povo no templo todas as palavras desta vida".

Lucas relata a libertação dos apóstolos por um anjo, durante a noite, mas omite os detalhes. Ele os reserva para a narrativa paralela da libertação de Pedro (12.4-10). Lucas relata que um anjo do Senhor pôs os apóstolos em liberdade, mas, ironicamente, os saduceus que os prenderam negavam a existência dos anjos (veja 23.8). Ele escreve simplesmente "um anjo do Senhor" e não "o anjo do Senhor", que é freqüentemente mencionado no Antigo Testamento como "o auxílio personificado de Deus ao povo de Israel" (por exemplo, Êx 14.19; Nm 22.22; Jz 6.11-24).[30] Lucas emprega também a designação *um anjo do Senhor* nos seus registros de:

· a narrativa de Estêvão acerca da história de Israel (7.30);

29. Gary L. Knapp, "Prision", *ISBE*, vol. 3, p. 975.
30. Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 1, p. 101.

· o encontro de Filipe com o eunuco etíope (8.26);
· a libertação de Pedro da prisão (12.7-10) e
· a morte do rei Herodes (12.23).[31]

Deus intervém de modo sobrenatural enviando um anjo com a dupla incumbência de abrir as portas do cárcere público para soltar os apóstolos e de instruí-los a pregarem a plena mensagem da salvação. Como o anjo abre as portas sem que os guardas se apercebam, faz parte do milagre da libertação. Ele instrui os apóstolos a irem às áreas do templo, muito provavelmente ao Pórtico de Salomão, a fim de "falar ao povo no templo todas as palavras desta vida". Sua tarefa de pregar e ensinar ao povo deve continuar em Jerusalém. Os apóstolos são soltos da prisão para proclamarem a palavra da vida.

O texto grego diz: "No templo, falem ao povo todas as palavras desta vida". Qual é o significado da expressão *desta vida*? Quando multidões abandonaram Jesus durante o seu ministério, ele perguntou aos doze apóstolos: "Vocês querem deixar-me também? Então Pedro, como o porta-voz deles, disse: Senhor, a quem iremos? O senhor tem as palavras da vida eterna" (Jo 6.67,68, NIV). Essas palavras, pois, exprimem a mensagem da salvação – vida eterna por meio da ressurreição de Cristo (comparar com 3.15; Fp 2.16). Os saduceus rejeitavam a doutrina da ressurreição. Ainda assim os apóstolos a proclamam publicamente como "a plena mensagem desta nova vida" (NIV).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.17-20

Versículo 17

ἀναστάς – este particípio aoristo ativo do verbo ἀνίστημι (eu me levanto) na forma intransitiva ocorre freqüentemente no Novo Testamento (dezessete vezes no singular), tanto que sua significação básica foi enfraquecida. Geralmente indica "o princípio de uma ação".[32]

ἡ οὖσα αἵρεσις – o particípio presente de εἰμί significa, na realidade, "existente", isto é, "o partido existente".

---

31. Veja também Mateus 1.20-24; 2.13,19; 28.2; Lucas 1.11; 2.9; Atos 27.23.
32. Bauer, p. 70.

Versículos 19,20

διὰ νυκτός – a preposição διά (através) pouco acrescenta à tradução *durante a noite* (comparar com Jo 3.2).

τῆς ζωῆς ταύτης – a Nova Versão Internacional (NIV) traz a tradução *esta nova vida*. A palavra *vida* no aramaico e siríaco é equivalente a "salvação" (veja 3.26).

---

2. Libertação e Consternação

5.21-26

21a. E ao ouvirem isso, entraram no templo ao romper do dia e começaram a ensinar.

Depois de serem soltos da prisão, os apóstolos tiveram tempo de se preparar para a incumbência que o anjo lhes dera. Ao romper da manhã, quando as pessoas costumeiramente iam ao templo para as orações matinais, os apóstolos os aguardavam para dizer-lhes a respeito da nova vida em Jesus Cristo. Demonstram coragem e intrepidez ao retornarem ao lugar onde o sumo sacerdote e seus companheiros exerciam autoridade. Mas assim o fizeram em obediência à ordem divina que haviam recebido.

A maioria dos tradutores traduz o verbo na segunda parte da sentença como "[eles] começaram a ensinar". No grego, o verbo aparece no imperfeito, o que pode se referir ao início de um ato. Pode também significar continuação de um processo, isto é, os apóstolos continuavam a ensinar o evangelho.[33] Em sua oração, pedem a Deus que lhes conceda capacidade para ensinar o evangelho com grande intrepidez (4.29); cheios do Espírito Santo, falam "a palavra de Deus com intrepidez" (4.31). Logo, percebemos uma continuidade da ação dos apóstolos de pregar e ensinar o evangelho de Cristo.

21b. Quando o sumo sacerdote, e os que com ele estavam, chegaram, convocaram o Sinédrio – a assembléia dos anciãos de Israel – e expediram ordem à casa presidiária para que os apóstolos fossem trazidos perante eles.

---

33. Na verdade, duas versões refletem este significado: "eles... continuaram com seu ensino" (NEB) e "eles recomeçaram seu ensino" (NAB).

A maioria dos tradutores inicia um novo parágrafo com o versículo 21b, porque no contexto o verbo *chegaram* significa que o sumo sacerdote não foi ao templo, mas ao salão do supremo tribunal chamado Sinédrio. A ênfase nesse versículo não recai sobre o verbo *chegar*, e sim, sobre o verbo *convocar*.

Com um subentendido toque de bom humor, Lucas relata que o sumo sacerdote convoca o Sinédrio para um julgamento apressado e envia guardas à cadeia a fim de trazerem os apóstolos para o seu processo. Lucas narra o acontecimento de uma perspectiva divina, e desse modo retrata como são vãos os esforços humanos para se opor à obra de Deus. Assim, o sumo sacerdote envia mensageiros para reunir os membros do Sinédrio o mais rápido possível. Mas os apóstolos estão ensinando as pessoas na área do templo.

Lucas escreve: "O Sinédrio – a assembléia dos anciãos de Israel". Nesse ponto ele fornece uma explicação, talvez para indicar que, em contraste com o julgamento anterior de Pedro e João (4.5-22), dessa vez toda a assembléia se acha presente.[34] O Sinédrio é o conselho regente, não apenas de Jerusalém, mas de todo o Israel.

A pedido do sumo sacerdote e seus colegas, os guardas da polícia do templo vão ao cárcere público para trazer os apóstolos perante o Sinédrio. Podemos perguntar se alguém da ordem sacerdotal, a serviço no templo naquela manhã, não poderia ter detectado a presença dos apóstolos nas áreas do templo. Lucas não fornece nenhuma indicação exceto a de que o capitão da guarda do templo não sabia da libertação dos apóstolos (v. 24). A sala do Sinédrio ficava a oeste do complexo do templo, e o Pórtico de Salomão a leste. A localização da cadeia pública é desconhecida.

22. E quando os oficiais chegaram à prisão, não encontraram os apóstolos. Eles voltaram e relataram: 23. "Encontramos a pri-

34. Bauer, na p. 156, interpreta o "conselho dos anciãos" como sendo "o Sinédrio em Jerusalém". No entanto, Gerhard Schneider acha que havia um senado (concílio) próximo ao Sinédrio. *Die Apostelgeschichte*, série Herders Theologischer Kommentaar zum Neuen Testament, 2 vols. (Freiburg; Herder, 1980), vol. 1, p. 390. Para maiores informações a respeito do Sinédrio, veja o comentário sobre 4.5,6; veja ainda Emil Schurer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C. – A.D. 135)*, ver. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 210-18; Donald A Hagner, "Sanhedrin" *ZPEB*, vol. 5, p. 271.

são trancada com segurança e os guardas de pé junto às portas. Mas, ao abri-las, não encontramos ninguém lá dentro".

Presumimos que a hora do dia em que os oficiais chegaram à prisão fosse relativamente cedo. Eles pedem ao carcereiro que lhes entregue os apóstolos para o julgamento, porém, ao investigarem, os oficiais encontram as portas trancadas e os guardas vigiando celas vazias. Chegam à embaraçosa conclusão de que os apóstolos não se acham mais ali, e, consternados, regressam ao salão do Sinédrio. Relatam aos surpresos membros do supremo tribunal que, a despeito de as portas da prisão estarem trancadas com segurança e da contínua presença dos guardas, as celas que abrigavam os apóstolos estão vazias.

24. Ao ouvirem estas palavras, tanto o capitão da guarda do templo como os principais sacerdotes ficaram grandemente perplexos, ponderando sobre o que estava para acontecer.

A pessoa responsável pela segurança dos prisioneiros é o capitão da guarda do templo (veja 4.1). Ele é membro de uma proeminente família sacerdotal que serve permanentemente no templo e é isento do rodízio a que o restante dos sacerdotes deve se submeter. É um servo do Sinédrio (comparar com Lc 22.4,52). Ele e os principais sacerdotes estão completamente perplexos e incapazes de encontrar uma explicação racional para a fuga dos apóstolos. Toda a assembléia do Sinédrio aguarda na sala de justiça, mas os principais sacerdotes que convocaram a reunião não podem apresentar-lhes os apóstolos. Eles se perguntam o que significa esse incidente. O Sinédrio discute a situação, mesmo que ninguém seja capaz de explicar os detalhes relatados pelos soldados. Fracassam em perceber que Deus está protegendo os apóstolos e usando-os para fomentar o crescimento de sua igreja.

25. Então alguém chegou e lhes disse: "Vejam! Os homens que os senhores puseram na prisão estão de pé nas áreas do templo e ensinam o povo".

Deus está guiando e dirigindo o desenrolar desse acontecimento. Pela sua providência, um mensageiro corre da área do templo até à sala onde o Sinédrio está reunido. Talvez ele seja um sacerdote ou levita a par da prisão dos apóstolos e seu julgamento marcado para aquela manhã. É de pressupor-se que, na confusão dessa hora, lhe é permitido

chegar diante do Sinédrio. Ele diz aos membros do conselho: "Vede! Os homens que pusestes na prisão estão de pé nas áreas do templo e ensinam o povo". A consternação é total, pois o sumo sacerdote e seus associados se dão conta de que os apóstolos receberam ajuda de fora para a sua saída da prisão. Isso significa que têm um apoio que obviamente se opõe à autoridade do sumo sacerdote. Naturalmente, este e seus colegas sabem que os apóstolos recebem o apoio do público em geral (veja 4.21). Talvez desconfiem de que até entre os membros do Sinédrio encontrem-se fariseus favoráveis aos apóstolos e à sua causa. Estavam incluídos entre esses apoiadores Nicodemos e José de Arimatéia.

Os proeminentes membros do Sinédrio estão sem saber o que fazer, pois haviam ordenado aos apóstolos que não falassem nem ensinassem no nome de Jesus. No entanto, esses pescadores galileus continuam a ensinar as pessoas na área do templo. A ousadia dos apóstolos é inacreditável aos olhos do sumo sacerdote e seus amigos; os apóstolos não escaparam da prisão e se esconderam, mas estão ensinando nas áreas do templo. Agora que a guarda do templo e seus oficiais sabem onde estão os apóstolos, têm a chance de se redimir.

26. Imediatamente, o capitão com seus guardas saíram e os trouxeram – não à força, pois temiam ser apedrejados pelo povo.

O capitão da guarda do templo precisa salvar as aparências. Logo que ouve a notícia sobre os apóstolos, leva seus guardas, corre para as áreas do templo e encontra os apóstolos ensinando o povo. O texto grego coloca o verbo *trazer* (e os traziam) no imperfeito a fim de descrever a situação delicada. O capitão é incapaz de levar os apóstolos com violência porque o povo os têm em alta estima e está pronto a protegê-los atirando pedras nos guardas no templo.

O contingente policial do templo e os membros proeminentes do Sinédrio são levados pelo medo e não pelo espanto e admiração à vista dos milagres divinos. Lembremo-nos de que os principais sacerdotes e anciãos temiam igualmente o povo quando Jesus lhes perguntou se João Batista provinha do céu ou dos homens. Não podiam admitir que ele tivesse vindo "do céu", pois, se assim fosse, deveriam tê-lo aceito como profeta. E não podiam dizer "dos homens", porque temiam o povo (Mt 21.25,26). Durante o ministério de Jesus, e agora na prisão

dos apóstolos, os principais sacerdotes e os anciãos demonstram que o medo havia minado, enfim, sua autoridade. O capitão e seus homens temem que, se usassem alguma demonstração de força, seriam atacados pela multidão. Ao contrário, os apóstolos acompanham voluntariamente os soldados numa tentativa de não se tornarem provocativos. Sabem que Deus, que os livrou da prisão, também os protegerá na sala do tribunal.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.21-26

Versículo 21

ἐδίδασκον – o imperfeito ativo é incoativo (eles começaram a ensinar) ou interativo (eles continuaram a ensinar). Prefiro este último, porque está em harmonia com a ordem divina recebida pelos apóstolos.

τὸ συνέδριον χαί – a conjugação é explicativa e significa "isto é".

Versículo 24

διηπόρουν – para uma explicação deste verbo, veja 2.12. Ele introduz uma pergunta indireta trazendo um optativo potencial (γένοιτο) com a partícula ἄν[35] A pergunta direta é: "O que acontecerá?" ou em forma mais idiomática: "O que isto quer dizer?"

Versículo 26

ἦγεν – o emprego do imperfeito ativo do verbo ἄγω (eu conduzo, trago) é descritivo; quer dizer, ele descreve uma ação em progresso.

μὴ λιθασθῶσιν – "senão o povo os apedreja". A cláusula negativa de propósito introduzida pelo verbo *temer* depende mais de οὐ μετὰ βίας do que do verbo ἐφοβοῦντο (eles estavam com medo).[36]

---

3. *Acusação e Resposta*

5. 27-32

Não somente Pedro e João, mas todos os apóstolos estão agora de pé perante toda a assembléia do supremo tribunal de Israel. Têm consciência das palavras de Jesus de que não precisam preocupar-se com o

35. Robertson, *Grammar*, p. 940.
36. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 55.

que dizer diante de um tribunal legal. O Espírito Santo lhes dará as palavras para aquela hora (Mt 10.19,20).

a . *Acusação*

5.27,28

27. Trouxeram os apóstolos e os colocaram perante o Sinédrio. O sumo sacerdote os interrogou: 28. "Demos a vocês ordens expressas para que não continuassem a ensinar nesse nome. E vejam o que aconteceu; vocês encheram Jerusalém com seus ensinamentos e pretendem lançar sobre nós o sangue desse homem".

Os membros do Sinédrio estão assentados em semicírculo, ao passo que os apóstolos permanecem de pé no meio e de frente para eles. Para Pedro e João esse é um ato repetido, porém para o restante dos apóstolos esse julgamento é uma primeira experiência. O sumo sacerdote, como oficial presidente da assembléia, dirige-se a eles. Aparentemente não está interessado em saber dos apóstolos como é que foram soltos da prisão, ainda que isso tenha já causado grande consternação. Ele e os outros membros do Sinédrio focalizam a atenção na ordem que haviam dado ao despedirem Pedro e João do julgamento anterior. Admitidamente, na ocasião anterior ele havia falado somente com dois apóstolos, mas ele e o Sinédrio tinham pretendido que a ordem fosse válida para a igreja toda. Os crentes, no entanto, oravam pedindo grande coragem para proclamarem o evangelho, e, "cheios do Espírito Santo, começaram a falar a palavra de Deus com intrepidez" (4.31). Não tinham obedecido às ordens do Sinédrio e agora são acusados de desobediência.

Este é o ponto em questão: "Demos a vocês ordens expressas para que não continuassem a ensinar nesse nome". Note-se que o sumo sacerdote ignora propositalmente o nome *Jesus* (veja também 4.17), e insolentemente o chama de "esse homem".[37] Porém evita dizer que emitiu essa ordem acompanhada de ameaças quando os membros do Sinédrio não puderam punir os apóstolos. Ele se dá conta de que, como suas ameaças eram palavras desprovidas de poder, assim também o

37. Os líderes judeus já haviam ignorado o nome de Jesus durante seu ministério e se referiram a ele como "este enganador" e "este homem". Veja, por exemplo, Mateus 27.63; João 9.16,24; 11.47.

foram suas ordens. Tem a sensação de estar lutando por uma causa perdida, pois o que vê acontecendo em público é o contrário daquilo que ordenara. Ele sabe que os apóstolos continuam enchendo Jerusalém com os ensinamentos de Jesus em desafio aberto às suas ordens; certamente que ele se sente incapaz de fazê-los parar de ensinar no nome de Jesus. E reconhece que o Sinédrio não possui nenhum ensino capaz de se opor às doutrinas de Cristo. Em sua frustração, apresenta duas acusações adicionais:

1. "Vocês encheram Jerusalém com seus ensinamentos." De propósito, o sumo sacerdote evita usar o nome de Jesus e afirma que os ensinamentos são oriundos dos apóstolos. Mas estes têm afirmado repetidas vezes que não agem em seu próprio nome, senão que receberam autoridade de Jesus Cristo (veja 3.6,16; 4.10).

2. "[Vocês] pretendem lançar sobre nós o sangue desse homem." Com suas próprias palavras, ele admite ter assassinado um homem inocente. O sumo sacerdote não pode fugir à evidência de que o Sinédrio desejara a morte de Jesus, mesmo que Pôncio Pilatos não tivesse encontrado base alguma para condená-lo (Lc 23.22). A referência ao sangue de Jesus é um claro eco da resposta do povo judeu à afirmação de Pilatos: "Estou inocente do sangue deste homem. Fique o caso convosco" (Mt 27.24). A multidão respondeu: "Que o seu sangue caia sobre nós e nossos filhos" (v. 25). Agora, os membros do Sinédrio devem assumir a responsabilidade por terem derramado sangue inocente. Ainda assim, o sumo sacerdote põe extremadas objeções aos constantes lembretes de Pedro de que as autoridades judaicas, e a multidão por eles incitada, mataram Jesus cravando-o numa cruz.[38] É impressionante a evidência contra os membros da corte judaica. Entretanto, o sumo sacerdote acusa os apóstolos de estarem determinados a atribuir a culpa da morte de Jesus a ele e aos seus associados.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.28

οὐ – esta partícula negativa no início da sentença faz parte de uma pergunta retórica que pressupõe uma resposta afirmativa. Sua omissão transforma a frase numa declaração positiva. Bruce M. Metzger acredita

38. Comparar com Atos 2.23; 3.13-15; 4.10,11.

que a partícula "seja um acréscimo feito por um escriba, ocasionado pela influência do verbo ἐπηρώτησεν no versículo 27".[39] Ele e muitos tradutores apóiam a omissão dessa partícula.

παραγγελίᾳ παρηγγείλαμεν – a combinação de um substantivo e um verbo da mesma família reflete a construção hebraica do infinitivo absoluto. Esta construção é enfática e significa "nós vos ordenamos expressamente".[40]

βούλεσθε – apesar de ocorrer com menos freqüência no Novo Testamento do que o verbo θέλω (eu desejo), este verbo não expressa um futuro simples, e sim, um propósito.

---

b. *Resposta*

5.29-32

Pedro tem sido o porta-voz dos crentes desde que Jesus subiu aos céus. Ele se dirigiu aos fiéis no cenáculo (1.15-22), à multidão no Pentecoste (2.14-39), ao grupo no Pórtico de Salomão (3.12-26) e ao Sinédrio (4.8-12). Uma vez mais ele se dirige àquela assembléia.

29. Pedro e os outros apóstolos responderam: "Devemos antes obedecer a Deus do que aos homens. 30. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus a quem vocês mataram pendurando-o no madeiro".

Pedro começa respondendo à primeira acusação do sumo sacerdote: a desobediência dos apóstolos à ordem do Sinédrio. A resposta de Pedro é idêntica àquela que lhes deu na última vez que se lhes dirigiu. Naquela ocasião ele pediu a seus membros que escolhessem: "Julgai se é justo aos olhos de Deus obedecer a vós e não a ele" (4.19). Agora afirma claramente que os apóstolos devem obedecer a Deus antes que aos homens. Os sinedristas são os líderes espirituais de Israel, e para eles não deve haver escolha. Sua resposta unânime a uma questão concernente à obediência deve ser: "Obedecei a Deus!" Ele é a autoridade absoluta no céu e na terra.

Quando Pedro, com o consentimento dos apóstolos, diz que eles

---

39. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3a ed. revista (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 331.

40. Veja Moule, *Idiom Book*, p. 178.

obedecem a Deus antes de obedecerem aos homens, remove com eficácia a objeção do sumo sacerdote à alegada desobediência dos apóstolos. Além do mais, pela sua história nacional, os membros do concílio judaico conhecem a validade do princípio de obedecer a Deus e não aos homens.[41] Por exemplo, as parteiras hebréias obedeceram a Deus, não a Faraó (Êx 1.17). Ezequias ouviu ao Senhor e não ao rei da Assíria (2Rs 19.14-37). As Escrituras ensinam que Deus abençoa a obediência, porém abomina a desobediência. Logo, os apóstolos devem obedecer a Deus e não às ordens do sumo sacerdote.

Em seguida, Pedro responde à acusação do sumo sacerdote concernente à morte de Jesus. Ele diz: "O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus a quem matastes pendurando-o no madeiro". Pedro habilidosamente apresenta sua resposta aos membros do conselho: ele traz as boas-novas de que Jesus está vivo porque Deus o ressuscitou dos mortos. Note-se que ele chama Deus de "o Deus de nossos pais". Com essas palavras, ele lembra seu auditório de Moisés, a quem Deus mandou que falasse aos israelitas no Egito: "O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós" (Êx 3.15). Com essa referência indireta à passagem registrada por Moisés, Pedro demonstra unidade e continuidade ao lado de seus companheiros israelitas. Ele se refere a Jesus com ousadia porque a esperança e consolação de Israel se ligavam à vinda do Messias, a quem Deus enviara na pessoa de Jesus Cristo.

Na sala do tribunal, Pedro lembra os membros do Sinédrio que eles são responsáveis pela morte de Jesus "pendurando-o no madeiro". Ele escolhe cuidadosamente as palavras de sua última sentença, mas não é porque queira descrever a morte de Jesus pela crucificação de forma poética. Pelo contrário, Pedro emprega essas palavras porque elas vêm diretamente do Antigo Testamento. Quando as autoridades judaicas planejaram a morte de Jesus, incitaram a multidão a gritar: "Crucifica-o!" Sabiam o significado das palavras do Antigo Testamento e conseqüentemente desejavam que Deus o amaldiçoasse conforme a injunção divina: "Todo aquele que for pendurado no madeiro está sob a maldição de Deus" (Dt 21.23; Gl 3.13; veja também At 10.39; 13.29;

41. Consultar Harrison, *Interpreting Acts*, p. 108.

1Pe 2.24). Em suma, tentaram usar Deus para seus próprios maus propósitos negando a Jesus todo e qualquer vestígio de graça e favor divinos. Disseram que a maldição de Deus deveria repousar sobre ele ao morrer na cruz do Calvário; segundo eles, Jesus não servia para permanecer nesta terra, e em razão da maldição de Deus, o céu não o aceitaria. Pedro, portanto, deliberadamente lembra ao sumo sacerdote e seus colegas as palavras da Escritura que eles tinham em mente quando pediram a Pilatos que crucificasse Jesus.

31. "Ele é aquele a quem Deus exaltou à sua destra como Príncipe e Salvador a fim de trazer a Israel arrependimento e perdão de pecados."

O sujeito tanto do versículo anterior (v. 30) como desse é Deus. Ao enfatizar esse sujeito, Pedro está claramente dizendo aos membros do Sinédrio que eles cometeram um crime contra o Altíssimo, que levantou Jesus dentre os mortos e o exaltou à mais alta posição no céu, a saber, à destra de Deus. Eles mataram Jesus, mas Deus o ressuscitou dos mortos (veja 2.24; 3.15; 4.10). Eles o condenaram, crucificando-o, mas Deus o exaltou ao mais alto grau (veja 2.33). Deus está agindo na morte, ressurreição e ascensão de Jesus.

Num sentido, Pedro está repetindo partes do sermão que pregou no Pentecoste. Naquele dia ele havia dito ao público que Jesus havia subido ao céu para assumir seu lugar ao lado de Deus o Pai, em cumprimento à profecia messiânica do Salmo 110.1 (2.34,35). Agora ele está dizendo aos membros do Sinédrio que eles mataram o Messias, a quem Deus ressuscitou para a vida e concedeu-lhe um lugar no céu, ao seu lado. Significa que são culpados diante de ambos, de Deus e de Jesus.

Pedro descreve Jesus como Príncipe e Salvador. Ele o chama de Príncipe por causa de sua posição exaltada e de sua posição como "o Príncipe da vida" (3.15). O termo *Salvador* aparece apenas duas vezes em Atos: aqui e em 13.23. Essas descrições são significativas. Com elas Pedro informa ao seu auditório que esse Príncipe não é somente um governante que, com base na sua posição de exaltação e divina autoridade, exige a obediência do homem. Jesus é também Salvador, por meio de quem importa que o homem seja salvo. Em ocasião anterior, Pedro advertiu os líderes e anciãos de Israel de que a salvação pode ser obtida somente por intermédio do nome de Jesus (4.12). Agora, de

maneira mais direta, ele lhes informa que aquele Jesus é Salvador para que "[Deus possa] trazer a Israel arrependimento e perdão de pecados". Apesar de a salvação envolver uma completa reviravolta na mente do pecador, Pedro declara que tanto o arrependimento quanto a remissão de pecados são dádivas de Deus. Os dois conceitos, *arrependimento* e *perdão de pecados* são partes componentes das boas-novas pregadas por João Batista (Mc 1.4), por Jesus (Mt 4.17) e pelos apóstolos (Lc 24.47; At 2.38; 13.38). É claro que a importância do nome de Jesus é que ele salva o seu povo dos seus pecados (Mt 1.21).[42]

No ambiente da sala do tribunal do Sinédrio, Pedro indica que o arrependimento e remissão de pecados são dádivas de Deus a Israel. Poucos anos mais tarde, os gentios também recebem a remissão de pecados (10.43) a fim de tornar válida a afirmação angelical de que "boas-novas de grande alegria serão para todo o povo" (Lc 2.10). Pedro já demonstrara sua unidade e continuidade com seus companheiros judeus referindo-se ao Deus de seus pais. Agora revela que, por meio de Jesus, Deus providenciou salvação para o seu povo – Israel. Dessa maneira Deus oferece dádivas até mesmo aos membros do Sinédrio a fim de que possam ser absolvidos de seu hediondo crime.

32. "E somos testemunhas destas coisas, bem assim o Espírito Santo, o qual Deus concedeu àqueles que lhe obedecem."

Notamos estes pontos:

a. Testemunhas. Na realidade, Pedro está repetindo as palavras que Jesus disse aos discípulos no cenáculo na noite do Domingo de Páscoa. Ali ele lhes explicou as Escrituras; abriu-lhes o entendimento para que pudessem compreender o cumprimento messiânico destas Escrituras; mostrou-lhes a importância de seu sofrimento, morte e ressurreição; contou-lhes a respeito da pregação do arrependimento e perdão de pecados no seu nome; nomeou-os como testemunhas dessas coisas; e lhes ordenou a esperarem em Jerusalém até que recebessem o poder do alto, que é o dom do Espírito Santo (Lc 24.44-49). Pedro ecoa as palavras de Jesus, especialmente quando diz que os apóstolos são testemu-

42. Para estudo mais aprofundado das palavras *Príncipe e Salvador*, consultar Richard N. Longenecker, *the Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology, série 2a 17 (Londres: SCM, 1970), pp. 55-58, 141-44.

nhas dessas coisas. Pedro e os apóstolos são testemunhas oculares e ao mesmo tempo testificam a todos acerca da pessoa e obra de Jesus Cristo.[43]

b. Espírito Santo. Pedro não está dizendo que os apóstolos estão no mesmo nível que o Espírito Santo ao testemunhar de Jesus. Certamente que não. Em suas epístolas, ele esclarece esse assunto ao escrever que nas Escrituras o Espírito Santo apontava para o tempo e as circunstâncias dos sofrimentos de Cristo e da sua glória que se seguiria (1Pe 1.11; veja também 2Pe 1.21). O Espírito Santo capacita os apóstolos a testificarem de Jesus e age por meio deles (Mt 10.20; Jo 14.26; 15.26,27).

c. Dom. O Espírito Santo é o dom de Deus para o seu povo. Todo o que depositar sua confiança em Jesus, arrepender-se e for batizado e perdoado recebe o Espírito Santo (2.38,39). Pedro declara explicitamente que Deus outorga o Espírito "àqueles que lhe obedecem". Ele convoca o sumo sacerdote e seus associados à obediência, à fé e ao arrependimento. Mas se eles se recusarem a aceitar Jesus como seu Salvador, não receberão o dom do Espírito Santo. Então a culpa de seu crime permanecerá sobre eles para sempre.

Pedro usa a palavra *obedecer*, a qual repete no início de sua defesa: "Devemos antes obedecer a Deus do que aos homens" (v. 29). Entretanto, o termo que emprega não indica meramente que seus ouvintes devam ser persuadidos a concordarem voluntariamente com as ordens de alguém. Isso em si é muito bom. Mas a palavra significa que a pessoa cumpre essas ordens obedientemente e sem demora.[44] Isso é o que Pedro pede de seus ouvintes. Se os sinedristas obedecerem a Jesus, experimentarão a ação do Espírito Santo.

Considerações Doutrinárias em 5.27-32

John Knox, o reformador escocês do século 16, cunhou o lema: "Com Deus o homem está sempre com a maioria". Não se sabe se Knox se baseou na vida de Pedro, mas pelas Escrituras sabemos que este encarou

43. Veja também 1.8,22; 1 Pedro 5.1.

44. Comparar John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 562.

corajosamente 71 membros do supremo tribunal de Israel. Mesmo sem ter recebido nenhum treinamento em defesa legal, Pedro respondeu engenhosamente a todas as acusações feitas contra ele. Ao se dirigir ao Sinédrio, experimentou o poder do Espírito Santo na formulação e apresentação eficiente de sua resposta.

O sumo sacerdote percebeu que, ao ensinar o evangelho de Jesus Cristo, os apóstolos continuamente diziam às multidões de Jerusalém que o Sinédrio era culpado do derramamento de sangue inocente. Portanto, o evangelho os colocava sob juízo e os chamava ao arrependimento, fé e obediência. Se atendessem à pregação dos apóstolos, teriam de abandonar o sacerdócio. Eles encaravam a decisão crucial: colocar-se a favor ou contra Jesus. O escritor de Atos registra que: "um grande número de sacerdotes se tornou obediente à fé" (6.7, NIV).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.29-32

Versículo 29

οἱ ἀπόστολοι – a palavra ἄλλοι (outro) está subentendida;[45] logo, "Pedro e os outros apóstolos".

πειθαρχεῖν δεῖ – "é necessário obedecer". Neste caso, as palavras significam necessidade divina. O composto deriva de πείθομαι (eu estou persuadido) e ἀρχή (um líder): "obedecer a um governante".[46] Em seu discurso, Pedro emprega o verbo duas vezes (veja v. 32).

Versículo 30

διεχειρίσασθε – este verbo no aoristo médio ocorre uma vez no Novo Testamento. A forma composta é perfectiva: "lançar mãos violentas sobre".

χρεμάσαντες – um particípio aoristo que expressa meio ou modo: "pendurando-o num madeiro".

Versículo 31

τῇ δεξιᾷ – o caso dativo pode significar meio ou lugar: "com sua destra" ou "à sua destra". Os tradutores se dividem a respeito deste ponto da gramática. Veja 2.33.

---

45. Robertson, *Grammar*, p. 747.
46. Thayer, p. 497.

τοῦ δοῦναι – o infinitivo aoristo ativo de δίδωμι (eu dou) com o artigo definido no caso genitivo denota propósito.

Versículo 32

τῶν ῥημάτων – o substantivo significa, literalmente, "palavras", mas o contexto exige a tradução *coisas*.

---

4. *Sabedoria e Persuasão*

5.33-40

Muitos na sala do tribunal reagiram negativamente à resposta de Pedro, ao passo que outros eram simpáticos à causa dos crentes. E supomos que ainda outros (por exemplo, Nicodemos) eram seguidores de Jesus Cristo. Conseqüentemente, o sumo sacerdote não podia contar com o total apoio dos membros do Sinédrio.

a. *Reação*

5.33,34

33. E quando ouviram isso, se enfureceram no coração e queriam matá-los. 34. Mas um mebro do Sinédrio, um fariseu chamado Gamaliel, mestre da lei e respeitado pelo povo, levantou-se e ordenou que os homens fossem postos do lado de fora por um pouco.

Os apóstolos que proclamam o evangelho de Cristo podem dizer: "Para uns somos o cheiro da morte; para outros, a fragrância da vida" (2Co 2.16, NIV). Quando os judeus, no Pentecoste, vão a Pedro depois de seu sermão, estão com o coração compungido pelo arrependimento (2.37). Quando os saduceus, no Sinédrio, ouvem as palavras de Paulo, o coração deles fica compungido, não movido pelo arrependimento, mas pela raiva. Ficam tão furiosos que querem matar os apóstolos (comparar com 7.54). Recusam-se a aceitar o evangelho que os conclama a obedecer a Deus, e, ao contrário disso, querem tirar da terra os seguidores de Jesus. Ainda que não tenham poder algum para executar a sentença de morte, tentarão encontrar uma maneira de matá-los (veja 7.57,58). Com a ajuda do governador romano, executaram Jesus; agora querem livrar-se de seus discípulos.

Durante o ministério de Jesus, seus oponentes eram os fariseus e os peritos na lei. Os saduceus raramente se aproximavam dele com

perguntas (Mt 22.23). No entanto, no período pós-Pentecoste, os saduceus se sentem ameaçados ante a crescente influência dos apóstolos. Mas a oposição dos fariseus é arrefecida. Aliás, alguns dos fariseus vêem os cristãos como aliados que pregam a doutrina da ressurreição. Os fariseus, que acalentam essa doutrina, se opõem aos saduceus que a repudiam; portanto, dão boas-vindas ao apoio que recebem da comunidade cristã.[47] No Sinédrio, os fariseus detêm o equilíbrio do poder, e um deles, Gamaliel, até mesmo dá um conselho que é favorável aos apóstolos.

"Um fariseu chamado Gamaliel, mestre da lei." Gamaliel havia nascido numa família de mestres da lei mosaica. Era filho do rabino Simeão e neto do influente rabino Hilel, que fundara uma escola para os fariseus. Gamaliel tornou-se líder nessa escola, que era conhecida por sua tendência mais liberal do que a sua rival, a escola do rabino Shamai. Gamaliel era um homem tolerante e cauteloso que também servia no Sinédrio como um de seus membros letrados.[48] Paulo fora um de seus alunos, pois quando ele se identificou, disse que tinha sido educado e treinado na lei por Gamaliel (22.3). Entretanto, Paulo adotou uma atitude intolerante para com os cristãos primitivos e tentou destruir a igreja de Cristo (veja Gl 1.23). Sabemos que por vezes os alunos discordam de seus professores e seguem uma linha contrária ao que aprenderam.

"[Gamaliel era] respeitado pelo povo." Na literatura judaica, Gamaliel é mencionado repetidas vezes como Rabi Gamaliel, o Ancião (para diferenciar de seu neto Gamaliel II), que emitiu sábios pareceres e conselhos concernentes a assuntos relacionados ao relaxamento da observância do sábado e proteção para as mulheres em caso de divórcio. Os judeus o buscavam para receber orientação, especialmente no Sinédrio. Seu período de influência foi aproximadamente de 25 d.C. a 40 d.C.[49] Lucas, que talvez tenha obtido o conteúdo do discurso de Pedro por meio desse simpatizante membro do concílio, retrata Gamaliel como um destacado líder no julgamento dos apóstolos.

47. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901: re-edição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 45.
48. Ronald F. Youngblood, "Gamaliel", *ISBE*, vol. 2, pp. 393-94.
49. Consultar SB, vol. 2, pp. 636-39.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.33,34

διεπρίοντο – o imperfeito passivo de διαπρίω (eu via em dois) significa ação contínua no tempo passado. O composto é diretivo.

βραχύ – empregada adverbialmente, esta palavra expressa tempo (pouco tempo) e não lugar ou quantidade.

b. *Sabedoria*

5.35-39

Gamaliel pede uma sessão privativa da assembléia, portanto ordena que os apóstolos sejam dispensados por um pouco tempo (comparar com 4.15). Nesse ínterim dirige-se à assembléia e aconselha.

35. Ele disse ao Sinédrio: "Homens de Israel, sejam prudentes naquilo que intentam fazer a estes homens. 36. Algum tempo atrás, Teudas se levantou dizendo ser alguém. Cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele; mas quando foi morto, todos os seus seguidores foram dispersos e isso deu em nada".

Note-se que o próprio Gamaliel se exclui das intenções do sumo sacerdote e dos seus associados saduceus. Ele não emprega a primeira pessoa do plural *nós* para incluir-se nas decisões do Sinédrio. Em vez disso, se dirige aos seus colegas de tribunal na segunda pessoa do plural *vós*, indicando que ele não faz parte das ações da assembléia, mas apenas a serve no papel de conselheiro. Ele vê que os outros estão tão inflamados pelo ódio e pela ira que estão a ponto de precipitadamente cometer assassinato, coisa com a qual ele, como homem moderado, não pode concordar. Assim, com palavras calmas e dois exemplos da história recente, tenta acalmar os ânimos do Sinédrio.[50]

a. Teudas. Gamaliel menciona Teudas (o nome talvez seja uma contração de Teodoro, Teódoto ou Teodósio), que havia se proclamado líder. Atraiu quatrocentos homens que se lhe juntaram. Mas ele foi morto e seus seguidores dispersos. Lucas não fornece data para esse incidente. Supomos que ele apresenta seus exemplos em seqüência histórica e que esse acontecimento tenha ocorrido antes da revolta liderada por Judas, o galileu, em 6 d.C. (v. 37). Josefo registra um relato

50. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 152.

sobre um certo Teudas, um profeta autoproclamado que persuadiu grandes massas a tomarem seus pertences e segui-lo até ao Jordão; prometeu fazê-los atravessar o rio a pé enxuto. Ali Cúspio Fado, procurador da Judéia (44-46 d.C.), e seus soldados mataram Teudas e vários de seus seguidores.[51]

Alguns estudiosos dizem que Lucas menciona um acontecimento que ocorreu mais de uma década depois de Gamaliel ter-se dirigido ao Sinédrio. Mas como Josefo não escreveu seu relato até 93 d.C., Lucas não tinha nenhum acesso ao *Antiquities* de Flávio Josefo. Afora a data, a narrativa de Josefo difere de modo significativo, quanto à fraseologia, do exemplo que Gamaliel apresentou ao Sinédrio. Logo, não é remota a possibilidade de que outra pessoa chamada Teudas tenha liderado uma rebelião ocorrida antes do tempo de Judas, o galileu.[52]

Com esse exemplo, Gamaliel está dizendo que, assim como Teudas tinha um grupo de mais ou menos quatrocentos seguidores, mas foi morto e estes foram dispersos, também Jesus tem adeptos. Entretanto, Jesus foi crucificado, e assim, insinua Gamaliel, seus seguidores, sem líder, afinal se dispersarão.

37. "Depois desse homem, Judas da Galiléia apareceu na época do recenseamento e fez o povo se revoltar e segui-lo. Ele também foi morto e todos os que o seguiam foram espalhados."

b. Judas. Durante o reinado do imperador Augusto, foram feitos pelos menos recenseamentos: um em 6 a.C. (Lc 2.2) e outra vez em 6 d.C. Já que o censo não envolvia apenas a contagem da população, mas também o pagamento de impostos de propriedades ao governo romano, a população judaica tinha se sentido ofendida pelas pessoas que faziam o recenseamento. Em 6 d.C. surgiram revoltas em protesto contra a taxação de impostos. Judas, natural de Gamala na Gaulanícia (as Colinas de Golan), rebelou-se fazendo "o povo se revoltar", conseguindo o apoio do povo judeu. Mas Judas foi morto quando o exército romano comprimiu essa rebelião e espalhou seus seguidores.[53] Um resultado da revolu-

51. Josefo, *Antiquities* 20.5.1 [97].

52. SB, vol. 2, p. 640. Uma situação análoga são duas revoluções distintas na Irlanda em 1848 e 1891. Em ambas as rebeliões era líder um certo William O'Brien. Veja Grosheide, *Handelingen der Apostelen,* vol. 1, p. 184 nº 3.

53. Josefo, *Antiquities* 17.13.5 [354]; 18.1.1 [1]. Ele registra a data exata do recensea-

ção de Judas foi o surgimento do partido dos zelotes, ao qual pertencia um dos doze discípulos chamado Simão, o zelote (Mt 10.4).

O segundo exemplo de Gamaliel, portanto, não é tão notável quanto sua primeira ilustração. Enquanto os seguidores de Teudas foram dispersos, alguns dos que pertenciam a Judas se tornaram zelotes e faziam parte do complexo político da Judéia do século 1º. De semelhante modo, Jesus morreu, porém seus discípulos alteraram a configuração religiosa de Israel.

Com o segundo exemplo, Gamaliel adverte seus colegas: assim como tolerais os zelotes, assim também tolerai os cristãos.

38. "Assim neste caso eu sugiro: Afastem-se desses homens e deixe-os ir! Porque se este plano ou movimento for de origem humana, fracassará. 39. Mas se for de Deus, vocês serão incapazes de subjugá-los; e ainda se acharão até mesmo lutando contra Deus." E eles foram persuadidos por ele.

Gamaliel aplica seus exemplos ao caso que ora se acha diante do tribunal e aconselha o Sinédrio a deixar os apóstolos em paz e a soltá-los. Ele aconselha os membros da corte a não se envolverem e insinua que o seu envolvimento na morte de Jesus repousa agora como um fardo de culpa na consciência deles. Ele diz aos sinedristas para libertarem os apóstolos, assim como o fizeram com Pedro e João no julgamento anterior.

Empregando duas sentenças condicionais, Gamaliel convence seus ouvintes de que se o novo movimento for de origem humana, fracassará, mas se sua origem for divina, o Sinédrio é que fracassará, pois a corte de justiça estará lutando contra Deus. No grego, essas duas sentenças revelam uma diferença na ênfase. Quer dizer, a primeira frase condicional expressa a incerteza de Gamaliel: "Porque se este plano ou movimento for de origem humana, falhará". Os exemplos da história de cada um deles constituem prova de que movimentos feitos por homens são infrutíferos e causam mais mal do que bem.

A partir do que Gamaliel tem visto e ouvido em Jerusalém, não está de modo algum convencido de que essa nova religião seja de ori-

---

mento como "o trigésimo sétimo ano depois de César ter vencido Antônio", que é 6 d.C. (veja 18.2.1 [26]).

gem humana em propósito e atividade. Ele sabe que os próprios apóstolos repetidamente ensinam primeiro que sua religião é o cumprimento das Escrituras e, em segundo lugar, que devem ser obedientes a Deus (vs. 29,32). Assim, na segunda sentença condicional, Gamaliel expressa a realidade ou o simples fato: "Mas se for de Deus, vocês serão incapazes de derrubá-los; vocês se encontrarão até mesmo lutando contra Deus". Gamaliel insinua que o Cristianismo procede de Deus. Dessa forma persuade os membros da corte a libertarem os apóstolos.

O texto ocidental dos manuscritos gregos expande os versículos 38 e 39, acrescentando palavras e expressões e fornecendo interessante comentário sobre o parecer de Gamaliel. Aqui está a tradução com os acréscimos em itálico:

> Assim, no presente caso, *irmãos*, digo a vocês: mantenham-se afastados desses homens e deixe-os ir, sem *manchar suas mãos*, pois se este plano ou este movimento for de homens, fracassará, mas se for de Deus, vocês não poderão subjugá-los – *nem vocês, nem reis ou tiranos. Portanto, mantenham-se afastados desses homens*, para que não se encontrem fazendo oposição a Deus.[54]

A última cláusula – "ainda se acharão lutando contra Deus" – é uma sentença completa separada da precedente. Gamaliel recorre ao pronunciamento de uma advertência ao conclamar seus companheiros judeus a reconhecerem a verdade que sabem provir das Escrituras: "Não pelejem com o Senhor, Deus de seus pais, porque vocês não serão bem sucedidos" (2Cr 13.12; veja também Pv 21.30).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.35-39

Versículo 35

προσέχετε ἑαυτοῖς ἐπί – o imperativo presente com o pronome reflexivo no caso dativo ("prestai atenção em vós mesmos") é seguido por ἐπί, que quer dizer "no caso de" ou "contra".

μέλλετε – com o infinitivo presente equivale ao tempo futuro (comparar com 9.44).

---

54. Metzger, *Textual Commentary*, p. 335.

Versículo 36

διελύθησαν – o composto tem uma conotação perfectiva: "perder-se completamente" ou "dissolver".

Versículos 38,39

ἐὰν ᾖ – esta sentença condicional com o subjuntivo presente denota incerteza. O uso de εἰ com o presente indicativo ἐστιν expressa certeza. A. T. Robertson comenta: "Gamaliel dá o benefício da dúvida ao Cristianismo. Ele presume que este venha de Deus e coloca a alternativa de que seja dos homens na terceira classe [sentença condicional]. Naturalmente, isso não mostra que Gamaliel era cristão ou inquiridor. Ele estava meramente querendo marcar um ponto contra os saduceus".[55]

---

c. *Persuasão*

5.40

40. Depois de chamar os apóstolos, açoitaram-nos e lhes ordenaram a não mais falarem no nome de Jesus; então os soltaram.

O prudente conselho de Gamaliel acalma seus colegas. Ele os persuade a soltar os apóstolos (veja 4.21). Note-se que ele, um fariseu, tem a capacidade de mostrar liderança eficiente num Sinédrio dominado por saduceus. Seu preparo, conhecimento da lei mosaica e o respeito da população judaica fazem dele um formidável porta-voz cujo conselho é prontamente aceito.

O sumo sacerdote e seus associados chamam os apóstolos. Em lugar de lhes dirigir ameaças como fizeram anteriormente, os punem com açoites. Segundo a lei mosaica, um homem que for culpado de um crime merece receber uma surra. O juiz ordena que ele se deite e seja açoitado na sua presença. Castiga-o com o número de açoites por ele decretado, que não pode exceder a quarenta (Dt 25.2,3). Paulo escreve que foi açoitado cinco vezes e que recebeu dos judeus os estipulados quarenta açoites menos um (2Co 11.24). Os concílios judaicos menores puniam os que quebravam a lei com açoites que eram-lhes aplicados no ambiente das sinagogas (Mt 10.17).

Os açoites eram aplicados com um chicote feito de pele de bezerro,

---

55. Robertson, *Grammar*, p. 1018.

> na parte superior do corpo nu do ofensor – sendo que um terço dos açoites era aplicado no peito e os outros dois terços nas costas. O ofensor ficava de pé em posição encurvada e aquele que ministrava os açoites ficava de pé sobre uma pedra em posição superior. As chicotadas eram acompanhadas de recitação de versículos das Escrituras contendo admoestação e consolação.[56]

O tribunal liberta os apóstolos com a ordem de "não mais falarem no nome de Jesus" (veja 4.18). Os membros do Sinédrio reconhecem sua incapacidade de impedir o crescimento da igreja, pois demonstram sua fraqueza ao submeterem os apóstolos à flagelação.

5. Regozijo

5.41,42

A reação dos apóstolos parece contrária às emoções humanas comuns. Quando Jesus deixa os discípulos na sua ascensão, eles retornam a Jerusalém "com grande alegria" (Lc 24.52). Quando são açoitados, deixam o Sinédrio cantando. Os seguidores de Jesus olham para a vida de uma perspectiva divina e declaram que sofrer por Jesus é uma honra.

41. Portanto, os apóstolos se retiraram da presença do Sinédrio e se regozijaram porque foram considerados dignos de sofrer desgraça pelo Nome.

Como o Sinédrio ordenou que os apóstolos fossem açoitados, o público em geral teria de considerá-los criminosos culpados de haver quebrado a lei – para ser exato, a ordem de não falar nem ensinar no nome de Jesus. As marcas das chicotadas marcavam os apóstolos como pessoas que quebravam a lei e significavam sinais de desgraça.

Mas os apóstolos não se envergonhavam do seu castigo. Em lugar disso, lembravam-se da bem-aventurança de Jesus para regozijar-se e alegrar-se sempre que as pessoas pronunciassem insultos ou instigassem perseguições contra os seus seguidores. Disse Jesus: "Grande será o vosso galardão no céu" (Mt 5.12). Anos mais tarde, o próprio Pedro encoraja os cristãos oprimidos da Ásia Menor: "Regozijai-vos na medida que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo" (1Pe 4.13;

56. H. Cohn, "Flogging", *Encyclopaedia Judaica*, vol. 6, p. 1350.

veja também 2Ts 1.4). Paulo, em sua epístola aos Romanos, também informa aos seus leitores de que os cristãos se regozijam nos seus sofrimentos (5.3). Em suma, os crentes sentem-se triunfantes e alegres ao sofrerem pelo nome de Jesus.

O termo *nome*, nesse versículo, é significativo e, portanto, é escrito em maiúsculas em algumas traduções.[57] Ele engloba a verdade de Deus revelada em Jesus como Salvador do mundo. Nessa forma abreviada, "o Nome" se refere a Jesus, sua pessoa e obra, e às boas-novas proclamadas por seu povo (veja 9.16; 3Jo 7). Casualmente, os cristãos primitivos empregavam com freqüência termos curtos para identificar o Cristianismo (como, por exemplo, "o Caminho" [9.2; 19.9,23; 22.4; 24.14,22]).

42. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e pregar as boas-novas de que Jesus é o Cristo.

Os apóstolos tiveram seu dia no tribunal e ganharam. Obedientes à ordem do Senhor de falar às pessoas a respeito da mensagem plena da salvação (v. 20), ignoram a ordem do Sinédrio. Aliás, voltam ao mesmo lugar onde o capitão da guarda do templo os prendera. Ensinam nas áreas do templo, presumivelmente no Pórtico de Salomão, e assim o fazem sabendo que o sumo sacerdote não pode impedi-los. Na área do templo, diariamente, encontram as multidões e se lançam à comunicação em massa. Porém, dirigem seus esforços evangelísticos também às pessoas individualmente e desse modo ensinam às famílias de casa em casa. Séculos antes, Jeremias profetizou uma palavra vinda de Deus:

> "Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor" [Jr 31.34, Almeida Atualizada].

Essa profecia está sendo cumprida em Jerusalém. Em todos os lugares da cidade as pessoas sabem que Jesus é o Cristo, aquele que cumpriu a profecia messiânica das Escrituras (2.36).

57. Por exemplo NAB, NEB, NIV.

Considerações Doutrinárias em 5.41,42

Nas palavras de seu conhecido hino, Isaque Watts faz uma pergunta penetrante:

> Sou eu um soldado da cruz,
> Um seguidor do Cordeiro
> E devo temer assumir sua causa,
> Ou corar ao falar o seu Nome?

Os apóstolos não somente proclamaram o nome de Jesus nas áreas do templo e de casa em casa; eles até mesmo agradeceram ao Senhor por terem sido dignos de sofrer pelo seu nome. Isso não quer dizer que os cristãos devam de modo ativo buscar perseguição e represália, porque sofrer por uma recompensa promove o ego humano e assim é sem valor aos olhos de Deus. Nem os cristãos devem de modo ativo evitar o sofrimento por amor de Cristo, pois isso é franca demonstração de covardia. Quando Deus coloca um crente, em tempos de provações, onde o sofrimento é inevitável, ele deve se regozijar e se sentir feliz, pois o seu galardão será grande no céu. As adversidades são os instrumentos de Deus para fortalecer o crente na fé e na confiança. Os problemas enfrentados pelo crente hoje são passageiros e não podem ser comparados à glória eterna que o aguarda no céu (2Co 4.17).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 5.41,42

Versículo 41

μὲν οὖν – esta combinação expressa uma idéia contínua de transição. Não indica contraste porque falta δέ. Uma tradução simples seria "e assim".[58] Os tradutores da Nova Versão Internacional (NIV) a omitem.

ἐπορεύοντο – o imperfeito médio é descritivo e durativo. Deveria ser tomado juntamente com o gerúndio *regozijando*.

ὑπέρ – com o caso genitivo, esta preposição significa "pelo bem de".

Versículo 42

οὐκ ἐπαύοντο – no imperfeito médio, este verbo demonstra ação con-

58. Moule, *Idiom-Book*, p. 162.

tínua no tempo passado e controla os dois gerúndios a fim de suplementar seu significado. Eles são διδάσκοντες (ensinando) e εὐαγγελιξόμενοι (proclamando as boas-novas).

Sumário do Capítulo 5

Ananias tenta enganar o Espírito Santo, é repreendido por Pedro e punido por Deus com morte súbita. Sua esposa Safira, que havia concordado com o engodo, é interrogada por Pedro e encontra destino semelhante ao do marido. A morte súbita dessas duas pessoas traz grande medo sobre a igreja e sobre o povo que ouve a seu respeito.

Os apóstolos realizam numerosos milagres curando os enfermos e os endemoninhados. Até mesmo a sombra de Pedro projetada sobre eles é suficiente para trazer cura.

O sumo sacerdote e seus associados ficam cheios de inveja e mandam prender os apóstolos e colocá-los no cárcere. Um anjo os livra durante a noite e os instrui a pregarem as boas-novas nas adjacências do templo, o que fazem na manhã seguinte. Quando guardas enviados pelo sumo sacerdote chegam ao cárcere a fim de levarem os apóstolos à sala do tribunal do Sinédrio, encontram a prisão vazia. Encontram os apóstolos na área do templo e os levam ao Sinédrio a fim de serem julgados. O sumo sacerdote os acusa de desobedecerem à ordem estrita de não ensinarem no nome de Jesus, mas Pedro, juntamente com os outros apóstolos, defende suas atividades e proclama Cristo e sua ressurreição. Os membros do Sinédrio estão furiosos a ponto de desejarem matar os apóstolos, mas Gamaliel intervém com sábio conselho. Ele persuade o Sinédrio a libertar os apóstolos. Depois de terem sido açoitados, retornam às adjacências do templo e continuam a ensinar e a proclamar o evangelho de Cristo.

6

A Igreja em Jerusalém

Parte 5

6.1-15

ESBOÇO (continuação)

6.1 – 8.1a	D. Ministério e Morte de Estêvão
6.1-7	1. A Nomeação de Sete Homens
6.1-4	a. Problema e Proposta
6.5-7	b. Implementação e Resultado
6.8-15	2. A Prisão de Estêvão
6.8-10	a. Oposição
6.11-15	b. Prisão e Testemunho

Capítulo 6

ATOS 6.1-7

6 1. E naqueles dias, quando o número de discípulos continuava a aumentar, houve uma reclamação por parte dos judeus de fala grega contra os judeus de fala aramaica, porque suas viúvas estavam sendo negligenciadas na distribuição diária de alimento. 2. Então os Doze reuniram toda a comunidade dos discípulos e disseram: "Não é correto para nós que paremos de ensinar a palavra de Deus a fim de servir às mesas. 3. Irmãos, escolham dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e sabedoria, a quem nomearemos para este serviço. 4. Nós, porém, nos devotaremos à oração e ao ministério da palavra".

5. Esta proposta agradou a toda a comunidade. Assim elegeram Estêvão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo; e Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau de Antioquia, convertido ao judaísmo. 6. Apresentaram esses homens aos apóstolos que oraram e lhes impuseram as mãos.

7. À medida que a palavra de Deus continuava a se espalhar, o número de discípulos em Jerusalém continuava a aumentar mais e mais. E um grande número de sacerdotes se tornou obediente à fé.

D. Ministério e Morte de Estêvão

6.1-8.1a

1. *A Nomeação de Sete Homens*

6.1-7

Lucas introduz uma nova fase no desenvolvimento da igreja. Seu crescimento incessante cria problemas administrativos que afetam sua união. Os doze apóstolos ensinam ao povo a doutrina apostólica (2.42) e evangelizam as circunvizinhanças de Jerusalém. Têm também a responsabilidade de distribuir as ofertas colocadas em seu poder para aliviar as necessidades dos pobres. Agora surge um problema entre os judeus de fala grega, cujas viúvas sofrem de negligência em relação à distribuição diária de alimentos.

a. *Problema e Proposta*

6.1-4

1. E naqueles dias, quando o número de discípulos continuava a aumentar, houve uma reclamação por parte dos judeus de fala grega contra os judeus de fala aramaica, porque suas viúvas estavam sendo negligenciadas na distribuição diária de alimento.

a. "Naqueles dias." Não podemos determinar o ano ou a época exata à qual Lucas se refere. Evidentemente ele fala dos dias que se seguiram ao julgamento dos apóstolos e seus combinados esforços para pregar e ensinar o evangelho por toda a Jerusalém. O resultado dessa atividade intensa é que a membresia da igreja aumentava a passos largos. É difícil dizer quantos cristãos pertenciam à igreja de Jerusalém. Supomos que ela tenha dobrado seu número a partir do último cálculo apresentado por Lucas: "cinco mil homens" (4.4; veja ainda 5.14).

As estatísticas quanto à população da Jerusalém do século 1º não constituem nada mais do que estimativas. Existem em disponibilidade dados de fontes antigas, juntamente com cálculos fornecidos por estudiosos modernos. Mas esses números refletem uma disparidade que vai desde uma estimativa de três milhões de habitantes até uma outra de vinte mil.[1] William S. LaSor apropriadamente conclui: "Dados de registros antigos, por mais incríveis que possam parecer, freqüentemente são tão incorretos quanto as estimativas feitas por estudiosos".[2]

Note-se que Lucas identifica os crentes como *discípulos*. No tempo do ministério de Jesus, eram conhecidos como discípulos os Doze e também os setenta. Agora estes doze apóstolos se tornaram mestres e os novos convertidos são seus discípulos (por exemplo, 6.1,2,7; 9.1,10,19).

b. "Houve uma reclamação por parte dos judeus de fala grega." No Pentecoste, ficamos sabendo que judeus devotos tinham vindo da dispersão para se fixarem em Jerusalém (2.5-11). Muitos desses judeus devotos eram pessoas idosas que desejavam passar o resto de seus dias na cidade santa. Como haviam residido anteriormente em outros luga-

1. Josefo, *War* 2.14.3 [280]; Joaquim Jeremias, *Jerusalém in the Time of Jesus* (Filadélfia: Fortress, 1969), p. 84.

2. William S. LaSor, "Jerusalem", *ISBE*, vol. 2, p. 1015.

res, seu idioma materno era o grego e não o aramaico ou hebraico (falado pelos judeus de Jerusalém). Muitas dessas pessoas aceitaram o evangelho de Cristo e se tornaram parte da igreja cristã. No entanto, cada grupo possuía a sua própria sinagoga antes de estes se tornarem cristãos. Ao se tornarem discípulos, os crentes de língua grega e os de língua aramaica continuaram tendo cada um a sua própria assembléia. E mais, cada grupo usava a sua própria Bíblia; os judeus de fala grega estavam acostumados à Septuaginta (tradução grega das Escrituras em hebraico) e os judeus hebraístas, ao Antigo Testamento no original hebraico. Aqui está, pois, o início da divisão causada por diferenças lingüísticas e culturais.

A expressão traduzida como "judeus de fala grega" aparece no texto grego como "helenistas". Esse termo grego tem gerado muita discussão entre os estudiosos desde o Cristianismo primitivo até ao presente. Se descontarmos variantes textuais, encontramos essa expressão três vezes em Atos. Em 6.1, os tradutores dão-lhe acertadamente o significado de *judeus cristãos de fala grega.* O termo ocorre também em 9.29, onde se refere aos judeus de fala grega que não eram cristãos. Em 11.20, refere-se às pessoas que não são nem judias nem cristãs, mas aquelas cuja língua nativa é o grego. Os estudiosos geralmente concluem que o significado da expressão *helenistas* deve ser determinado pelo contexto no qual é usada.[3]

c. "Suas viúvas estavam sendo negligenciadas." Os cristãos de fala aramaica em Jerusalém eram a maioria, e os crentes de fala grega formavam a minoria. Apesar de a harmonia e a união constituírem a característica da igreja cristã, diferenças lingüísticas e culturais causavam inevitável separação. Especialmente as viúvas desse grupo minoritário se sentiam alienadas e esquecidas. Elas "estavam sendo negligenciadas na distribuição diária de alimentos", mas não podiam mais ir à sinagoga local em busca de assistência financeira. A fraseologia do texto declara somente o fato de que as viúvas dos judeus de fala grega sofriam de negligência; não indica que os apóstolos eram culpados por esse esquecimento.

3. Nesse ponto, a literatura representativa inclui H. J. Cadbury, "The Hellenists", *Beginningis*, vol. 5, pp. 59-74; E. C. Blackman, "The Hellenists of Acts vi. 1", *ExpT* 48 (1937): 524-25; C. D. F. Moule, "Once More, Who Were the Hellenists", *ExpT* 70 (1959): 100-102.

Em vista de suas muitas responsabilidades, os apóstolos não podiam fazer justiça no tocante ao cuidado das necessidades financeiras de todas as viúvas. A evidência demonstra que eles estão muito ocupados. Assim, a situação lembra a de Moisés julgando o povo de Israel. Jetro, o sogro deste, aconselhou-o a escolher homens capazes e a colocá-los como juízes para o povo (Êx 18.17-26). Isso aliviou o fardo de Moisés. Assim também os apóstolos tentam resolver o problema do cuidado aos necessitados.

2. Então os Doze reuniram toda a comunidade dos discípulos e disseram: "Não é correto para nós que paremos de ensinar a palavra de Deus a fim de servir às mesas. 3. Irmãos, escolham dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e sabedoria, a quem nomearemos para este serviço. 4. Nós, porém, nos devotaremos à oração e ao ministério da palavra".

Notem-se estes pontos:

a. *Os Doze*. Essa é a única vez em Atos que Lucas emprega o termo descritivo *os doze* para os apóstolos.[4] Ele usa a expressão para indicar que, junto ao corpo dos doze apóstolos, um outro de sete administradores serve às necessidades da igreja em crescimento. Até aqui os Doze têm tido a responsabilidade total de cuidar das necessidades espirituais e materiais dos crentes. Mas é chegada a hora de encontrar alívio.

Os doze apóstolos convocam toda a comunidade cristã a fim de tomar uma importante decisão. Não podemos esperar que todos os crentes pudessem estar presentes a uma reunião em particular, pois desse modo sua condução se tornaria inviável. Os Doze estão encarregados da reunião, e colocam diante dos crentes uma questão de prioridade: "Não é correto que nós paremos de ensinar a palavra de Deus a fim de servir às mesas". Sua tarefa principal é ensinar e pregar o evangelho da salvação. Devido à sua posição de liderança, os apóstolos tinham assumido também a responsabilidade de cuidar dos necessitados. Mas essa tarefa secundária não deveria fazer com que deixassem de pregar a palavra de Deus. Eles devem se dedicar à oração e ao ministério da Palavra (v. 4).

Com a ajuda da comunidade cristã, os Doze encontram uma solu-

4. Em seu Evangelho, o termo aparece seis vezes (Lc 8.1; 9.1,12; 18.31; 22.3,47).

ção: nomear alguns homens para servirem às mesas. O significado da palavra *mesa* relaciona-se à *distribuição diária*, que indica o repartir alimentos, ou a doação de dinheiro designado para a compra de alimentos.[5] Homens qualificados da igreja são capazes de realizar essa tarefa. Portanto, os apóstolos propõem que sete homens sejam nomeados para essa responsabilidade.

b. Sete homens. Aqui estão algumas considerações. Primeiramente, o número *sete* representa o número de *plenitude*. Os apóstolos sugerem o número, a igreja elege sete homens e os apóstolos os ordenam. Segundo, nessa passagem Lucas não emprega o termo *diácono*, mas indica que nesse tempo os apóstolos ordenaram sete homens para o cargo especial de ministrar aos pobres (veja também Fp 1.1; 1Tm 3.8-13). Em terceiro lugar, os homens devem preencher dois pré-requisitos: precisam ter boa reputação e devem ser cheios do Espírito Santo e sabedoria. É claro que para a tarefa de distribuir alimento e dinheiro, a pessoa deve ter uma reputação acima de qualquer suspeita e uma recomendação que seus colegas e superiores fornecem alegremente (comparar com 10.22; 16.2; 22.12). E ainda, uma pessoa que ajuda os carentes deve ser cheia do Espírito Santo e sabedoria (veja Nm 27.16-18).

Para o Espírito Santo não há nenhuma separação entre o *sagrado* e o *secular*; ele enche tanto os apóstolos quanto os sete homens eleitos. Aliás, Estêvão e Filipe não somente distribuem comida e verbas, mas também pregam a palavra e realizam milagres (vs. 8-10; 8.6).

c. Oração. "Nós, porém, nos devotaremos à oração e ao ministério da Palavra." A obra que os apóstolos devem realizar é primeiramente estar em constante oração. Essa é exatamente a maneira como Lucas retrata os apóstolos e a igreja (veja 1.14; 2.42; 4.24). E a segunda responsabilidade é ensinar e pregar o evangelho de Cristo (veja especialmente 5.20, 42).

5. Consultar Kirsopp Lake, "The Communism of Acts II and IV – VI and the Appointment of the Steven", *Beginnings*, vol. 5, pp. 148-49. E veja SB, vol. 2, pp. 641-47. Outras intrepretações para a palavra *mesa* são: a mesa do cambista e a mesa do Senhor. Mas esses dois significados não se encaixam no contexto.

Considerações Práticas em 6. 1 e 4

Versículo 1

O Novo Testamento, para não dizer o Antigo, tem muito a dizer acerca da posição e dos direitos da viúva em Israel. Muitas viúvas da Palestina do século 1º enfrentaram a pobreza, mesmo que as autoridades judaicas houvessem feito provisões para o seu sustento (por exemplo, Mc 12.42-44). Dentro da igreja prevalecia o princípio de que não deveria haver nenhum carente entre aqueles que criam. Note-se que Tiago categoriza o cuidado pelos órfãos e viúvas como parte da religião que é pura e sem mancha (Tg 1.27). Paulo também prescreve regras e ordenanças: para viúvas que realmente necessitam de sustento diário; para aquelas que devem ser sustentadas pelos filhos e netos; para viúvas que têm 60 anos ou mais; para viúvas mais jovens que devem casar-se; e para mulheres crentes que devem ajudar a sustentar as viúvas (1Tm 5.3-16).

Versículo 4

No século passado, os pastores colocavam as iniciais *V.D.M.* depois de seu nome. Esta não é uma abreviação de algum grau acadêmico, mas uma descrição de seu trabalho. As iniciais vêm do latim *Verbi Domini Minister*, isto é, Ministro da Palavra do Senhor. Um pastor, estritamente falando, não é ministro da igreja, mesmo que tenha sido ordenado por ela. Ele não é ministro de uma congregação local, mesmo que um conselho ou assembléia supervisione o seu trabalho e pague o seu salário. Um pastor é primeiramente e acima de tudo ministro do evangelho de Cristo, pois Jesus o envia a ensinar e a pregar as boas-novas (Mt 28.19,20). O pastor é, pois, um servo da Palavra de Deus. Como Paulo coloca: "Como é que o povo vai ouvir a não ser que alguém pregue [a Palavra]?" (Rm 10.14). Mas se o pastor é um servo da Palavra, então deve devotar-se inteiramente à tarefa da proclamação das boas-novas do Evangelho. Ele deve resguardar-se contra atrativos que o levem para longe dessa responsabilidade. Devoção genuína à oração e à pregação coroarão o seu trabalho com bênçãos indizíveis.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 6.1-4

Versículo 1

πληθυνόντων – juntamente com o substantivo μαθητῶν (discípulos), no caso genitivo, aqui está a construção gramatical do genitivo absoluto.

πρός – em dado contexto, a preposição significa "contra". Ela traz a conotação de abordagem indireta ao invés da direta ἀντί (face a face).

Versículo 2

ἀρεστόν – o adjetivo verbal do verbo ἀρέσκω (eu agrado; veja v.5) juntamente com a partícula negativa οὐχ (não) significa "não é desejável".[6]

καταλείψαντας – do verbo diretivo composto χαταλείπω (eu deixo de lado, desisto), o particípio aoristo ativo denota modo. Tanto o pronome ἡμᾶς (sujeito do infinitivo) como o infinitivo presente διακονεῖν (servir) abrangem a construção verbal principal.

Versículo 4

τῇ – notem-se os dois artigos definidos que precedem os substantivos προσευχῇ (oração) e διακονίᾳ (ministério). Ambos os artigos significam que o autor indica orações formuladas e cultos de pregação.

προσκαρτερήσομεν – para uma explicação do verbo, veja 1.14. O pronome ἡμεῖς expressa ênfase. A posição do pronome no início da sentença e a posição do verbo no final indicam ênfase.

---

b. *Implementação e Resultado*

6.5-7

5. Esta proposta agradou a toda a comunidade. Assim elegeram Estêvão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo; e Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau de Antioquia, convertido ao judaísmo. 6. Apresentaram estes homens aos apóstolos que oraram e lhes impuseram as mãos.

Os apóstolos propõem e a igreja aprova a sugestão deles. A palavra *agradou* demonstra a harmonia básica entre os apóstolos e a comunidade cristã. A queixa foi retirada e a irritação referente à negligência financeira foi acalmada. Como resultado, a igreja se lança à tarefa de encontrar sete homens capazes. Não se sabe como o povo instituiu e regulou a procura desses homens. Lucas não diz nada sobre lançar sortes (comparar com 1.26), mas o verbo *eleger* indica que foi uma seleção baseada em regulamentos estipulados pelos apóstolos. Inicialmente, Cristo elegeu os doze apóstolos (inclusive Matias; veja 1.24), mas a igreja elege os sete homens a quem os apóstolos dão posse.

---

6. Bauer, p. 105.

Quem são esses sete homens? Todos os nomes são de origem grega. Apesar de alguns nativos judeus terem nomes gregos, entre eles os apóstolos Filipe e André,[7] os estudiosos preferem a explicação de que todos os sete eram judeus helenistas cujo idioma materno era o grego. O primeiro nome é *Estêvão*, que na realidade significa "uma coroa". Num sentido, ele recebeu a coroa da justiça ao sofrer uma morte de mártir. Estêvão preenche os requisitos determinados pelos apóstolos, pois Lucas relata que ele é um homem "cheio de fé e do Espírito Santo". Ele é conhecido por sua fé, como o demonstra no seu ensino e pregação. Filipe é o seguinte. Mais tarde, ele fica conhecido como o evangelista (21.8). Depois seguem-se os nomes de Prócoro, Nicanor, Timão e Pármenas, sobre os quais nada sabemos. O último homem é Nicolau, natural de Antioquia e gentio que se convertera primeiramente ao judaísmo e agora ao Cristianismo. Talvez Lucas tenha um interesse especial em Nicolau porque, segundo a tradição, ele próprio era gentio nascido e criado em Antioquia, e depois tornou-se cristão.[8] Estão aqui, pois, sete helenistas, dos quais seis eram de origem judaica. O sétimo é Nicolau, um gentio que entrou para a igreja como prosélito. Nicolau tem sido freqüentemente identificado como o pai dos nicolaítas, mencionados em Ap 2.6,15. "Certamente os nicolaítas derivam seu nome de algum Nicolau – se deste Nicolau ou de outro a dúvida permanecerá."[9] O fato de que todos os candidatos são helenistas, indubitavelmente apazigua a parte de fala grega da igreja de Jerusalém.

A igreja apresenta esses sete homens aos apóstolos que aprovam a escolha por ela feita. Então os apóstolos apresentam esses homens em oração a Deus e buscam a divina aprovação e bênçãos sobre o trabalho que espera os sete administradores. Depois da oração, os apóstolos ordenam esses sete servos, estendendo suas mãos sobre eles. Desse modo, adotam a prática inaugurada por Moisés na ordenação dos levitas para o serviço especial e na nomeação de Josué como sucessor de Moisés (Nm 8.10; 27.23). Nos tempos do Novo Testamento, não somente os apóstolos aderem ao rito da imposição das mãos a fim de

7. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7a. ed. 4 vols. (1877: Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 63.

8. Consultar F. F.Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista, New International Commentary da série New Testament (Grand Rapids: 1988), p. 121.

9. *Ibid*.

ordenar pessoas qualificadas, mas também a igreja de Antioquia, em obediência, ouve o Espírito Santo e impõe as mãos sobre Barnabé e Paulo (13.2,3; veja ainda 1Tm 5.22).[10]

7. À medida que a palavra de Deus continuava a se espalhar, o número de discípulos em Jerusalém continuava a aumentar mais e mais. E um grande número de sacerdotes se tornou obediente à fé.

Por todo o seu livro, Lucas registra sumários que descrevem o crescimento fenomenal da igreja primitiva. Por exemplo, na conclusão de seu relatório do Pentecoste, ele declara que Deus diariamente acrescentava pessoas aos três mil crentes (2.41,46).[11] O texto grego diz literalmente: "a palavra de Deus continuava a aumentar". Isso não significa que aumentou com o acréscimo de certos livros, mas que o evangelho em si tornou-se parte da vida espiritual do povo. Em outras palavras, o efeito da palavra proclamada tornou-se cada vez mais notável na vida dos habitantes de Jerusalém. Como resultado direto da pregação e do ensino dos apóstolos, que podiam agora dedicar-se à oração e ao ministério da Palavra, mais e mais pessoas criam e seu uniam à igreja.

Lucas acrescenta mais uma observação a esse sumário. "E um grande número de sacerdotes tornou-se obediente à fé." O historiador judeu Josefo relata que na sua época havia quatro tribos sacerdotais e que cada uma delas contava com cerca de cinco mil membros. "Estes oficiam em escala, por um período fixo de dias."[12] Portanto, em qualquer dia encontravam-se em Jerusalém mais ou menos cinco mil sacerdotes. Obviamente, um grande número deles, persuadidos pela pregação do evangelho, unira-se à igreja. Note-se que Lucas emprega o termo *fé* como sinônimo do evangelho de Cristo (comparar com 13.8). Esse termo significa a *fé objetiva* incorporada ao ensino doutrinário, e não a *fé subjetiva* do crente. Na verdade, Lucas lança mão de várias expressões para descrever o Cristianismo nesse período de formação da igreja: o Nome (5.41), o Caminho (9.2) e a Fé (6.7).

10. Além dos serviços de ordenação, a prática no Novo Testamento também se relaciona à bênção das crianças (Mc 10.16), curas (Mc 1.41; At 28.8), recebimento do Espírito Santo (At 8.17; 19.6) e dons espirituais (1Tm 4.14; 2Tm 1.6).

11. Veja também 4.4; 5.14; 6.1; 9.31; 12.24; 16.5; 19.20; 28.31.

12. Josefo, *Against Apion* 2.8 [108] (LCL). Comparar ainda com Esdras 2.36-39 e Neemias 7.39-42, que registram 4.289 sacerdotes retornando depois do exílio. Nos séculos que se seguiram a essa volta, esse número aumentou consideravelmente.

Considerações Doutrinárias em 6.5-7

Apesar de o termo *diácono* (aquele que serve) não ocorrer nos seis primeiros versículos desse capítulo, a palavra grega *diakonia* aparece duas vezes e é traduzia como "distribuição" (v. 1) e "ministério" (v. 4). O contexto revela que os sete homens são servos em nome e em favor de Cristo, isto é, diáconos que ajudam os necessitados. Anos mais tarde Paulo delineia o papel do diácono (1Tm 3.8-13). Mas em Atos, tanto Estêvão como Filipe pregam. Aliás, Filipe é chamado de "o evangelista" (21.8). Ambos realizam milagres (6.8; 8.6) e Filipe até mesmo batiza um etíope (8.38).

O trabalho do diácono difere do dos mestres e pregadores do evangelho? Sem dúvida. Afora o ministério de pregação e de curas de Estêvão e Filipe, a razão fundamental para a nomeação desses sete homens é a de amenizar as necessidades dos pobres. Em Atos, os homens providenciam para as viúvas de fala grega o que necessitam para viver, e assim fazendo, retiram essa responsabilidade dos ombros dos apóstolos. Por sua vez, estes se dedicam completamente à tarefa de orar e pregar. Logo, a responsabilidade primária do diácono é servir ao pobre em nome de Cristo. Sabemos que a igreja em geral reconhece os dois cargos de presbítero e diácono porque Paulo os mencionou na igreja de Filipos (Fp 1.1) e instrui Timóteo acerca de supervisores e diáconos (1Tm 3.1-13). Os pais da igreja dos séculos 1º e 2º verificaram a existência desses dois cargos e até mesmo se referem aos sete homens de Atos 6 como diáconos. Na história da igreja, o termo *diácono* tem sido interpretado de várias maneiras. Entretanto, um estudo desta natureza pertence a outras disciplinas que não a exegese.

8. Ora, Estêvão, cheio de graça e poder, continuava realizando grandes prodígios e sinais entre o povo. 9. Alguns dos que se lhe opunham eram membros da chamada Sinagoga dos Libertos – que eram judeus de Cirene e Alexandria, e da Cilícia e Ásia. Esses homens discutiam com Estêvão, 10. mas eram incapazes de sobrepor-se à sua sabedoria e ao Espírito com que falava. 11. Então instigaram secretamente homens a que dissessem: "Nós o ouvimos falar palavras de basfêmia contra Moisés e contra Deus". 12. E alvoroçaram o povo, os anciãos e os escribas. Havendo prendido a Estêvão, arrastaram-no, levando-o perante o Sinédrio.13. Apresentaram testemunhas falsas que disseram: Este homem não cessa de falar coisas contra este lugar santo e contra a lei. 14. Ouvimo-lo dizer que este Jesus de Nazaré destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos entregou. 15. Quando todos os que se achavam assentados no Sinédrio o olharam atentamente, notaram que seu rosto era como o rosto de um anjo.

2. *Prisão de Estêvão*

6.8-15

Como é característica de sua narrativa, Lucas enumera incidentes que trazem a qualificação de *primeiro*. Nos capítulos 6 e 7 ele salienta o breve ministério do primeiro mártir, Estêvão. À medida que a igreja continua a se desenvolver entre os judeus de língua grega, o primeiro pregador helenista é Estêvão. Apesar de breve, o ministério de Estêvão é um prelúdio ao de Paulo, que em certo sentido assumiu o trabalho interrompido pela morte de Estêvão. Este entra numa sinagoga de judeus de língua grega e encontra oposição. Depois de sua conversão e volta a Jerusalém, Paulo também debate com os gregos de fala grega que tentaram matá-lo (9.29).

a. *Oposição*

6.8-10

8. Ora, Estêvão, cheio de graça e poder, continuava realizando grandes prodígios e sinais entre o povo.

Realmente não sabemos nada a respeito da história pessoal de Estêvão, exceto que era um helenista, um judeu que se tornou cristão. Lucas o descreve como um homem de fé e cheio do Espírito Santo. Estêvão era conhecido por sua sabedoria e, a julgar pelo seu discurso perante o Sinédrio, parece ter sido uma pessoa culta. Presumivelmente freqüentou as escolas dos teólogos judeus em Jerusalém em Alexandria.[13]

Estêvão é um homem "cheio de graça e poder". Com as palavras *graça* e *poder*, Lucas liga o trabalho de Estêvão de misericórdia, cura, ensino e pregação à obra dos apóstolos. Num contexto anterior, Lucas escreve que os apóstolos continuavam a proclamar a ressurreição de Jesus com "grande poder", e que experimentavam "muita graça" (4.33). Assim, Deus abençoa o trabalho de Estêvão no mesmo grau que tem abençoado os feitos dos apóstolos. Para ser exato, Lucas raramente classifica os milagres e prodígios realizados pelos apóstolos. Mas, no caso de Estêvão, revela que os prodígios e sinais são grandes. No grego, o tempo verbal indica que Estêvão continuava a realizá-los. Se ele

13. Consultar Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 88.

já realizava milagres antes de os apóstolos o terem ordenado não está claro, mas é provável. Deduzimos que "grandes prodígios e sinais" descreva o ministério de cura de Estêvão. Especialmente em razão desses milagres, ele era uma bênção para o povo. Não obstante tudo isso, seus próprios conterrâneos o mataram pouco tempo depois.

9. Alguns dos que se lhe opunham eram membros da chamada Sinagoga dos Libertos – que eram judeus de Cirene e Alexandria, e da Cilícia e Ásia. Estes homens discutiam com Estêvão, 10. mas eram incapazes de sobrepor-se à sua sabedoria e ao Espírito com que falava.

A oposição chega, não em virtude dos milagres, porém devido à pregação de Estêvão. Lucas não diz nada acerca da tarefa diaconal de Estêvão, mas ressalta o seu ministério de curas e seus debates com os judeus de língua grega. Ele parece indicar que esse homem talentoso servia a Deus em outras áreas além de servir às mesas. Estêvão foi à sinagoga local de seus compatriotas.

Apresentamos as seguintes observações:

a. Sinagoga. A oposição enfrentada por Estêvão vinha dos membros da chamada Sinagoga dos Libertos. O termo *libertos* tem relação com um grupo de judeus prisioneiros de guerra a quem os romanos capturaram em 63 a.C. sob o comando de Pompeu. Em anos subseqüentes, esses prisioneiros foram libertos e construíram uma colônia ao longo do Rio Tiber, em Roma. Mais tarde, seus descendentes foram expulsos de Roma e presume-se que muitos deles encontraram refúgio em Jerusalém, onde construíram uma sinagoga.[14] Os estudiosos estão divididos no tocante à veracidade de uma inscrição grega referente a essa sinagoga, desenterrada em 1913-14 em Jerusalém.[15]

Além disso, os estudiosos discordam entre si sobre a interpretação da expressão *Sinagoga dos Libertos*. Lucas dá a entender que os libertos tinham uma sinagoga, como o tinham os outros grupos individuais de Cirene, Alexandria, Cilícia e Ásia? Por essa contagem, teriam existido cinco sinagogas diferentes.[16] Por outro lado, o texto grego indica

14. Tácito, *Annals* 2.85, Josefo, *Antiquities* 18.3.5 [83].
15. Consultar Herman Strathmann, *TDNT*, vol. 3, p. 265.
16. Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ* (*175 B.C.*

uma divisão entre os judeus de Cirene e Alexandria (duas cidades da Líbia e Egito respectivamente) e da Cilícia e Ásia (duas províncias da Ásia Menor). Isso significa que existiam duas sinagogas: os libertos, cirênios e alexandrinos num grupo, e os cilícios e asiáticos no outro.[17] Esta última interpretação é recomendável à luz do apoio do texto grego. Também as diferenças geográficas, culturais e até lingüísticas entre os judeus do norte da África (Cirene, Alexandria) e Ásia Menor (Cilícia, Ásia) eram muito grandes para que concordassem em se reunir num só lugar.

b. Cidades e províncias. Os judeus helenistas tinham vindo de vários lugares do império romano. Cirene era a capital da província norte-africana de Cirenaica (a Líbia de nossos dias). Porto marítimo localizado numa rica área agrícola de grãos e rebanhos, Cirene servia como encruzilhada do tráfico do mar e da terra, tendo-se tornado conhecida como um centro comercial. Desenvolveu-se como colônia grega com substanciosa população judaica. Aprendemos do Novo Testamento que muitos desses judeus se tornaram residentes de Jerusalém (2.10; Mt 27.32; Mc 15.21; Lc 23.26).[18]

Alexandria era a capital do antigo Egito e, quase como Roma, o mais importante centro administrativo do mundo mediterrâneo. Possuía renomadas atrações culturais e literárias centralizadas num museu, numa biblioteca e em escolas. Ali, centenas de judeus fixaram residência no correr dos séculos, muitos deles assumindo posições de liderança no governo civil e militar. Os judeus alexandrinos falavam grego, de modo que afinal sentiram a necessidade de uma tradução grega das Escrituras do Antigo Testamento (a Septuaginta).[19]

Tanto a Cilícia como a Ásia eram províncias romanas da Ásia Menor (a Turquia de hoje), onde era falado o grego. A Cilícia era localizada ao

---

- *A.D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 428. E veja-se SB, vol. 2, pp. 661-65. A literatura rabínica menciona a Sinagoga dos Alexandrinos.

17. I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 129. Mas Alford coloca os libertos separadamente e vê três sinagogas distintas. *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 65.

18. William S. LaSor, "Cyrene", *ISBE*, vol. 1, pp. 844-45.

19. Consultar E. M. Blaiklock, "Alexandria", *ZPEB*, vol. 1, pp. 100-103.

longo da Costa do Mediterrâneo na parte sudeste da Ásia Menor. Ela incluía, dentre suas cidades, Tarso, onde nasceu Paulo. Ali residia um número considerável de judeus, alguns dos quais se tornaram membros de igrejas cristãs (15.41). A província da Ásia, fronteiriça com a costa ocidental da Ásia Menor, tinha Éfeso como cidade principal. A área tinha numerosos povoados judeus, e em muitos lugares foram fundadas igrejas (por exemplo, as sete igrejas da Ásia [Ap 1.11]).

c. Debate. "Estes homens discutiam com Estêvão." Mesmo que Lucas retrate Estêvão como precursor de Paulo, ele não fornece nenhuma indicação de que Paulo estivesse presente entre os judeus de fala grega da Cilícia que argumentavam com Estêvão. É possível que Paulo freqüentasse os cultos da Sinagoga dos Libertos. E mais, ele estava presente quando os judeus lançaram pedras contra Estêvão, matando-o (7.58).

Esses judeus de vários lugares da dispersão eram incapazes de sobrepor-se a Estêvão. Certamente não discutiram em razão dos milagres de cura e do apoio da população local. Representavam as sentinelas dos muros de Sião e estavam vigilantes na sua defesa da lei de Moisés, do templo e das observâncias religiosas; portanto, debatiam com Estêvão pontos de doutrina e assuntos de adoração. Lucas declara meramente que Estêvão falava com sabedoria e pelo Espírito. Isso é suficiente por ora, pois no capítulo 7 Lucas narra o conteúdo do discurso de Estêvão. Ele repete os requisitos apostólicos dos sete homens nomeados para o cargo: homens "cheio do Espírito e sabedoria" (v. 3). Estêvão compreendeu o cumprimento da promessa de Jesus de conceder aos seus seguidores palavras de sabedoria para que nenhum de seus opositores fosse capaz de refutá-los (Lc 21.15; comparar com Mt 10.20). Note-se ainda que o termo *sabedoria* aparece apenas quatro vezes em Atos, duas delas relacionadas a Estêvão (vs. 3, 10) e duas em seu discurso perante o Sinédrio (7.10,22). Com o Espírito de Deus e com a sabedoria do alto, Estêvão era capaz de debater com os seus oponentes nas sinagogas judaicas. E cheio do Espírito ele pôde rebater os argumentos dirigidos a ele e à sua interpretação das Escrituras. Se os judeus de língua grega tivessem percebido que estavam se opondo ao Espírito Santo, saberiam que enfrentavam uma batalha que não poderiam vencer.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 6. 8-11

Versículo 8

ἐποίει – o imperfeito denota ação contínua. Este não é um imperfeito incoativo, "ele começava a realizar", mas um imperfeito progressivo, "ele continuava a realizar".

μεγάλα – este adjetivo juntamente com os substantivos *prodígios* e *sinais* aparecem somente aqui. Não é usado para descrever os milagres realizados por Jesus ou pelos apóstolos.

Versículo 9

τῆς λεγομένης – "a chamada". O substantivo Λιβερτίνων (libertos) é seguido pela conjunção καί, que no contexto significa "que é".

τῶν – este artigo definido ocorre duas vezes na sentença. A.T. Robertson comenta: "O emprego de τῶν duas vezes divide as sinagogas em dois grupos (homens da Cilícia e Ásia de um lado, e homens de Alexandria, Cirene e Libertinos (?) do outro)."[20]

Versículos 10,11

O texto ocidental contém vários acréscimos a esses dois versículos. Aqui está a tradução trazendo a expansão em itálico:

> Que não podiam sobrepor-se à sabedoria *que estava nele e ao santo Espírito com o qual ele falava, porque eram refutados por ele com toda intrepidez. Sendo, pois, incapazes de confrontar a verdade...*[21]

b. *Prisão e Testemunho*

6.11-15

Satanás se opõe ao povo de Deus, seja por meio da falsidade ou da violência. Ele usa ambos os métodos no caso de Estêvão. Primeiramente, providencia testemunhas falsas contra Estêvão perante o Sinédrio, e depois instiga o povo a apedrejá-lo até à morte.

20. A.T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 788.

21. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek of the New Testament*, 3ª edição corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 340.

11. Então instigaram secretamente homens a que dissessem: "Nós o ouvimos falar palavras de blasfêmia contra Moisés e contra Deus".

Quem são essas pessoas insidiosas que instigam homens a dar falso testemunho? Os opositores de Estêvão são helenistas que vieram da dispersão; talvez estejam tentando vencer o que pensam ser o estigma da cultura grega e, por extensão, o liberalismo. Em Jerusalém, querem provar sua fidelidade à lei e aos costumes judaicos. Logo, consideram suspeito qualquer um que fuja das rígidas regras e ordenanças. Não é claro o motivo pelo qual esses zelotes contrataram falsas testemunhas (veja v.13) em lugar de declarar que suas próprias objeções às palavras de Estêvão.

Estêvão é um verdadeiro discípulo de Cristo. Enfrentando falsas acusações, Estêvão não está acima de seu mestre, que também teve de ouvir acusações dirigidas a ele por testemunhas falsas (veja Mt 26.59-66 e passagens paralelas). A acusação contra Estêvão tem duas partes: "Nós o ouvimos falar palavras de blasfêmia contra Moisés e contra Deus". Isso era sério, pois a penalidade para qualquer um que blasfemasse o nome de Deus era a morte por apedrejamento (veja Lv 24.16; comparar com Jo 10.33). A palavra *Moisés* refere-se aos cinco livros de Moisés, isto é, a Lei. Acusações acerca de deslealdade para com a lei e blasfêmia contra o nome de Deus são o bastante para alvoroçar o povo de Jerusalém. A despeito de todas as curas realizadas por Estêvão, as pessoas são suficientemente volúveis para acreditar nas falsas acusações e se voltarem contra ele.

12. E alvoroçaram o povo, os anciãos e os escribas. Havendo prendido a Estêvão, arrastaram-no, levando-o perante o Sinédrio.

Os instigadores obtêm sucesso, conseguindo o apoio do povo, dos anciãos de Israel e dos eruditos escribas. Presumimos que Estêvão tenha ensinado que os crentes podiam adorar em qualquer lugar, porque Deus não habita em casas feitas por homens (veja 7.48,49). Para o judeu zeloso, essa afirmativa equivalia à blasfêmia. Com as multidões alvoroçadas, as autoridades civis (anciãos) e os mestres da lei (escribas) vêem uma oportunidade para levar Estêvão a julgamento. Indubitavelmente, muitos desses líderes são membros do Sinédrio.

O povo não está mais do lado de Estêvão. Assim, os membros do Sinédrio não temem uma revolta. Estêvão é preso, talvez pelo capitão da guarda do templo e seus soldados, e levado perante o Sinédrio. Essa é a terceira vez que o supremo tribunal de Israel leva seguidores de Jesus a julgamento; primeiro Pedro e João; depois os doze apóstolos, e agora Estêvão.

13. Apresentaram testemunhas falsas que disseram: Este homem não cessa de falar coisas contra este lugar santo e contra a lei. 14. Ouvimo-lo dizer que este Jesus de Nazaré destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos entregou.

Lucas apresenta seu relato em estilo condensado. Devemos compreender que o Sinédrio precisava de tempo para determinar um tribunal de júri a fim de julgar Estêvão. Também os helenistas precisam de tempo para instruir as testemunhas falsas e apresentarem acusações que toquem o âmago da religião de Israel: o lugar santo e a lei (comparar com 21.28). Segundo a lei de Moisés, qualquer acusação contra uma pessoa deve ser endossada pelo testemunho confirmado de duas ou três testemunhas (Dt 17.6,7). Portanto, no julgamento de Jesus, as testemunhas falsas não conseguiram concordar, e foram dispensadas até que duas delas se apresentaram e disseram ter Jesus afirmado que destruiria o templo e o reconstruiria dentro de três dias (Mt 26.60,61; 27.40; veja ainda Jo 2.19).

As testemunhas no julgamento de Estêvão aparecem com uma acusação forjada de que Estêvão nunca cessa de falar contra a lei de Moisés e contra o templo com tudo o que ele engloba. A frase "este homem não cessa de falar" é um óbvio exagero, pois Estêvão proclama as boas-novas e faz com que elas sejam acompanhadas de grandes milagres. Entretanto, as testemunhas o retratam como um revolucionário que subverte a religião judaica. O enfático "neste lugar" se refere ao templo e seus cultos, e não à cidade de Jerusalém na sua totalidade. O local de reuniões do Sinédrio "pode ter sido localizado no Monte do Templo do lado ocidental do muro que o cercava".[22] E a acusação de que Estêvão fala contra a Lei (Escritura do Antigo Testamento) parece ser um tremendo exagero. O próprio Jesus ensinou que não veio para abolir a Lei e os Profetas, mas para cumpri-los (Mt 5.17).

22. Metzger, *Textual Commentary, p. 341.*

As testemunhas usam contra Estêvão a mesma acusação ouvida por Jesus durante o seu julgamento e crucificação. Testificam que ouviram Estêvão dizer que este Jesus de Nazaré destruiria o templo e mudaria os costumes judaicos que, segundo se sabia, tiveram sua origem em Moisés. Note-se, primeiramente, que as testemunhas empregam o pronome *este* antes do nome de Jesus de Nazaré a fim de expressar seu desdém por ele. Depois, apoiam-se em boatos a respeito das palavras de Jesus. Se estiverem se referindo ao desafio que Jesus apresentou aos seus opositores sobre destruírem o templo, obviamente não o compreenderam. Jesus falou acerca de seu corpo e ajuntou que levantar-se-ia do túmulo dentro de três dias (Jo 2.19). No entanto, os acusadores de Estêvão distorcem as palavras de Jesus e o significado delas.

Num de seus discursos, Jesus predisse a tomada de Jerusalém e de seu templo (Mt 24.2,15; Lc 19.43,44), mas falou profeticamente a respeito da destruição de Jerusalém que ocorreu em 70 d.C. É difícil afirmar se os acusadores de Estêvão estão se referindo ao discurso de Jesus sobre as últimas coisas. Nesse discurso, ele meramente prediz a queda de Jerusalém.

A acusação seguinte é a de que Jesus falou contra os costumes transmitidos por Moisés. As testemunhas emitem generalizações, porém não fornecem detalhes. Aparentemente, uma mera referência à mudança dos costumes judaicos é evidência suficiente para rotular alguém de um fora-da-lei. Jesus se opôs a tradições que tornavam nulos os claros ensinamentos das Escrituras (Mt 15.6), mas sempre ensinou o cumprimento da Palavra de Deus. Ele revelou à mulher samaritana que na era messiânica os verdadeiros adoradores não precisariam ir ao templo samaritano do Monte Gerizim ou ao templo de Jerusalém. Os verdadeiros adoradores adoram o Pai em qualquer lugar, em espírito e em verdade (Jo 4.21-24). Supomos que Estêvão também proclamava estas boas-novas ao povo de Jerusalém a fim de libertá-los de pesados costumes e tradições (veja 21.21).

15. Quando todos os que se achavam assentados no Sinédrio o olharam atentamente, notaram que seu rosto era como o rosto de um anjo.

Ficar de pé no semicírculo e encarar os membros do Sinédrio as-

sentados em fileiras elevadas, intimidaria qualquer pessoa levada a juízo. Mas não Pedro que, em duas ocasiões diante do Sinédrio, ficou cheio do Espírito Santo e falou intrepidamente em defesa própria, e, aliás, se achava no pleno controle da situação (4.8-12; 5.29-32).

Agora, Estêvão ocupa o banco dos réus e quando todos os que estão assentados observam-no atentamente, um fulgor divino parece envolvê-lo. Lucas escreve que o rosto de Estêvão "era como o rosto de um anjo". Deduzimos que Lucas tenha recebido um relatório detalhado do testemunho ocular de Paulo, que no seu discurso à multidão em Jerusalém admite abertamente a sua participação na morte de Estêvão (22.20). Paulo, pois, era um daqueles que observaram a transformação das características faciais de Estêvão. Ainda assim, a despeito desse brilho sobrenatural (veja Êx 34.29,30), os membros do Sinédrio se recusam ouvir o apelo do evangelho de Cristo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 6.11-15

Versículo 11

ὑπέβαλον – o verbo composto que consiste de ὑπό (debaixo) e βάλλω (lanço) tem um significado sinistro: instigar com motivo vil.

ἀχηκόαμεν – o perfeito ativo de ἀκούω (eu ouço) constitui a ação perfeita ou freqüente (veja v.14). O verbo rege o caso genitivo a fim de denotar o ato de ouvir. Em contraste, o caso acusativo denota o ato de compreender.[23]

εἰς – o significado remoto desta preposição é "contra". Veja esta significação também em Lucas 12.10; 15.18.

Versículo 14

καταλύσει – "ele destruirá". Note-se o tempo futuro neste verbo e em ἀλλάξει (ele mudará). Esta declaração indireta quer relatar as palavras exatas ditas por Jesus. Segundo suas próprias convicções, os acusadores não tinham nada a temer: Jesus morrera e não ressuscitara dos mortos.

---

23. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 506. Veja a extensiva discussão na seção **Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.7**.

Versículo 15

ἑστῶτος ἐν μέσῳ αὐτῶν – "de pé no meio deles". O texto ocidental acrescenta esta frase como um comentário explicativo.

Sumário do Capítulo 6

Os cristãos judeus de fala grega em Jerusalém exprimem suas queixas contra os crentes de língua aramaica, porque, na distribuição diária de alimentos, as viúvas do primeiro grupo mencionado são negligenciadas. Os apóstolos convocam os crentes para uma assembléia e sugerem uma divisão de tarefas: sete homens, cheios do Espírito e sabedoria, deveriam tomar conta das necessidades materiais dos pobres, e os apóstolos, devotando-se à oração e à pregação, deveriam cuidar das necessidades espirituais do povo. Estes homens são eleitos e ordenados. Como resultado, a igreja continua a se expandir; e até mesmo muitos dos sacerdotes se unem à igreja.

Um dos sete homens é Estêvão, que além de sua nova responsabilidade, realiza grandes milagres entre o povo e entra na Sinagoga dos Libertos a fim de pregar a Palavra de Deus. Judeus de fala grega do norte da África (inclusive Egito) e Ásia Menor ouvem-no, mas são incapazes de se lhe opor. Entretanto, conseguem alvoroçar a multidão do Sinédrio. Testemunhas falsas apresentam acusações contra ele, dizendo que Estêvão pronunciou palavras de blasfêmia contra a Lei e contra Deus. Ao encarar os membros do Sinédrio, o rosto de Estêvão brilha como o rosto de um anjo.

7

A Igreja em Jerusalém

Parte 6

7.1–8.1a

ESBOÇO (continuação)

7.1-53	3. O Discurso de Estêvão
7.1	a. Abraão
7.9-16	b. José
7.17-22	c. O Preparo de Moisés
7.23-29	d. A Partida de Moisés
7.30-36	e. A Missão de Moisés
7.37-43	f. O Ensino de Moisés
7.44-50	g. O Tabernáculo
7.51-53	h. Aplicação
7.54-8.1a	4. A Morte de Estêvão

Capítulo 7

Atos 7.1-17

7 1. Então o sumo sacerdote perguntou: “Essas coisas são de fato assim? 2. Estêvão respondeu: “Homens, irmãos e pais. O Deus de glória apareceu a nosso pai Abraão quando ainda se achava na Mesopotâmia, antes de ter ele se fixado em Harã. 3. E Deus disse a ele: ‘Deixe sua terra e sua parentela, e vai para a terra que eu vou lhe mostrar’. 4. Então ele deixou a terra dos caldeus e se fixou em Harã. E ali, depois que o pai de Abraão morreu, Deus o fez se mudar para a terra onde vocês agora vivem. 5. E Deus não lhe deu nela herança alguma, nem mesmo terra do tamanho de um pé, mas prometeu dá-la e ele por sua possessão e aos seus descendentes após ele, apesar de naquela época ele ainda não ter filho algum. 6. Foi isso que Deus disse a ele: ‘Seus descendentes viverão numa terra estrangeira como peregrinos, onde serão escravizados e maltratados durante quatrocentos anos. 7. E eu julgarei a nação na qual serão escravizados’, disse Deus, ‘e depois disso eles sairão e me adorarão neste lugar’. 8. E Deus deu a Abraão a aliança da circuncisão; e assim ele se tornou o pai de Isaque, e Abraão o circuncidou ao oitavo dia. Isaque se tornou o pai de Jacó, e Jacó se tornou o pai dos doze patriarcas.

9. “E os patriarcas, invejosos de José, venderam-no como escravo para o Egito. Mas Deus estava com ele 10. e livrou-o de todas as suas aflições. Deu a ele graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, e o designou governador sobre o Egito e de toda a casa real.

11. “Então veio uma fome sobre todo o Egito e Canaã, bem como grande aflição. E nossos pais não conseguiam encontrar alimento. 12. Quando Jacó ouviu que havia grãos no Egito, ele enviou nossos pais a primeira vez. 13. Na segunda visita José se deu a conhecer aos seus irmãos e a família dele se tornou conhecida de Faraó. 14. E José mandou buscar e convidou seu pai Jacó e toda a sua família, num total de setenta e cinco pessoas. 15. Então Jacó desceu para o Egito, e ele e nossos pais morreram ali. 16. Seus corpos foram levados para Siquém e sepultados no túmulo que Abraão comprara com prata dos filhos de Hamor em Siquém.

17. “Quando se aproximava o tempo de Deus cumprir a promessa que ele

fizera a Abraão, nosso povo ficou cada vez mais numeroso no Egito, 18. até que um rei diferente começou a reinar sobre o Egito, o qual não conhecera José. 19. Esse rei tirou proveito de nossa raça, maltratou nossos pais e os fez abandonar suas crianças de forma que não sobrevivessem.

20. "Naquele tempo nasceu Moisés e ele era uma formosa criança para Deus. Durante três meses recebeu cuidados na casa de seu pai. 21. E após ter sido abandonado, a filha de Faraó o adotou e o criou como seu próprio filho. 22. Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras.

23. "Quando Moisés tinha cerca de quarenta anos, ele decidiu visitar seus companheiros patrícios, os israelitas. 24. Quando ele viu um homem sendo tratado injustamente por um egípcio, foi em seu socorro; ele vingou o oprimido derrubando o egípcio. 25. Supunha que seus companheiros patrícios entenderiam que Deus o estava usando para livrá-los, mas eles não entenderam. 26. Então no dia seguinte ele deparou com dois israelitas que estavam brigando e tentou reconciliá-los. Ele disse: 'Homens, vocês são irmãos. Por que estão ferindo um ao outro?' 27. Mas o que estava maltratando seu companheiro disse: 'Quem fez de você governante e juiz sobre nós? 28. Quer matar-me como você matou o egípcio ontem?' 29. Quando Moisés ouviu isso, fugiu e se tornou refugiado na terra de Midiã e teve dois filhos.

30. "E depois de passados quarenta anos, um anjo apareceu a Moisés nas chamas de um arbusto queimante no deserto próximo ao Monte Sinai. 31. Quando Moisés viu aquilo ficou pasmo à sua vista. Ao se aproximar para ver mais de perto, ouviu-se a voz do Senhor: 32. 'Eu sou o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó'. Moisés tremia e não ousava olhar.

33. "Então o Senhor lhe disse: 'Remove as sandálias dos seus pés, pois o lugar onde você está pisando é terra santa. 34. Certamente tenho visto os maustratos ao meu povo no Egito e ouvi seus gemidos. Desci para libertá-los. Vem agora, eu enviarei você ao Egito'.

35. "Este é o mesmo Moisés a quem os israelitas rejeitaram quando disseram: 'Quem fez de você governante e juiz?' A este homem Deus enviou como governante e libertador com a ajuda do anjo que lhe apareceu na sarça. 36. Ele os liderou para fora do Egito, havendo realizado milagres e sinais no Egito, no Mar Vermelho e no deserto durante quarenta anos.

37. "Este é o Moisés que disse aos israelitas: 'Deus vai levantar um profeta para vocês dentre os seus irmãos como ele levantou a mim'. 38. Este é o que esteve na assembléia no deserto com o anjo que lhe falava no Monte Sinai e com nossos pais. Ele recebeu oráculos vivos para passá-los a nós.

39. "Todavia, nossos pais se recusaram a obedecer; eles o rejeitaram e no coração retornaram ao Egito. 40. Eles disseram a Arão: 'Faça para nós deuses que vão adiante de nós. Pois este Moisés que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que foi feito dele'. 41. E fizeram um bezerro naqueles dias; eles ofereceram sacrifício ao ídolo e se alegraram nas obras de suas mãos. 42. Mas Deus virou-lhes as costas e os entregou ao culto das hostes dos céus, assim como está escrito no livro dos profetas:

'Vocês não me trouxeram sacrifícios e ofertas
durante quarenta anos no deserto,
Ó casa de Israel, trouxeram?
43. Vocês levaram consigo a tenda de Moloque
e a estrela do seu deus Renfã,
e as imagens que fizeram para as adorar.
Eu banirei vocês para além de Babilônia'.

44. "Nossos pais tinham o tabernáculo do testemunho no deserto, conforme Deus, que falou a Moisés, lhe havia ordenado construir segundo o modelo que ele tinha visto. 45. E quando nossos pais o receberam de seus pais, eles o trouxeram juntamente com Josué, ao desapossarem os gentios, a quem Deus expulsou de diante deles. E ficou ali até o tempo de Davi. 46. Ele achou favor nos olhos de Deus e pediu para que pudesse prover um lugar de habitação para o Deus de Jacó. 47. Mas foi Salomão quem construiu para ele uma casa. 48. Entretanto, o Altíssimo não vive em casas feitas por mãos humanas. Como diz o profeta:

49. 'O céu é o meu trono,
e a terra o estrado dos meus pés.
Que casa vocês vão construir para mim?
diz o Senhor.
Ou que lugar existe para o meu descanso?
50. A minha mão não fez todas estas coisas?'

51. "Vocês, povo de dura cerviz, incircuncisos de coração e ouvidos. Vocês estão sempre resistindo ao Espírito Santo. Como os seus pais fizeram, assim também vocês o fazem. 52. Houve algum profeta que seus pais não perseguiram? Eles até mesmo mataram os que anunciaram a vinda do Justo, de quem vocês se tornaram agora traidores e assassinos, 53. vocês que receberam a lei transmitida por anjos, todavia não a guardaram."

---

3. *O Discurso de Estêvão*

7.1-53

Com o rosto irradiando um brilho angelical, Estêvão responde a seus adversários recitando a história dos israelitas. Ele começa com o patriarca Abraão, depois se refere a José e ao início da nação de Israel no Egito, e chama a atenção para o preparo, a missão e o ensino de Moisés. Ressalta que a história de Israel está manchada pela desobediência. Menciona a construção do tabernáculo e do templo, e cita a profecia de Isaías a fim de mostrar que Deus não pode ser confinado a uma casa de cultos (Is 66.1,2). Ele conclui seu discurso chamando a atenção para a resistência de Israel a Deus e à sua Palavra.

Esse discurso constitui uma resposta adequada às acusações dirigi-

das contra Estêvão? Do seu ponto de vista a resposta é afirmativa, porque, como judeu, ele apela para a herança histórica da Escritura que o torna partícipe da vida e da história de seus compatriotas. Desse modo, Estêvão declara sua unidade básica com o povo judeu ao mencionar Abraão, o pai dos crentes. O público judeu aprecia narrativas de seu passado histórico que se origina em Abrãao.[1]

a. *Abraão*

7.1-8

1. Então o sumo sacerdote perguntou: "Essas coisas são de fato assim? 2. Estêvão respondeu: "Homens, irmãos e pais. O Deus de glória apareceu a nosso pai Abraão quando ainda se achava na Mesopotâmia, antes de ter ele se fixado em Harã".

Depois de os helenistas e as falsas testemunhas terem apresentado suas acusações baseadas em boatos, o sumo sacerdote solicita a Estêvão que diga ao público a verdade sobre a questão.

Estêvão se dirige aos membros do Sinédrio como "homens, irmãos e pais". Ao término de sua terceira viagem missionária, Paulo emprega as mesmas palavras quando fala aos judeus em Jerusalém (22.1). Em muitos aspectos, então, o discurso de Estêvão forma uma ponte entre os de Pedro e os de Paulo.[2] Além disso, não sabemos quem se lembrou com exatidão das palavras de Estêvão. Sem dúvida Lucas recebeu essa tradição estabelecida em forma oral ou escrita e registrou fielmente sua substância.[3]

Estêvão não apenas considera os membros do Sinédrio como seus irmãos espirituais, mas também demonstra profundo respeito por sua idade e dignidade. Ele os chama de "pais", não porque deseja bajular seus ouvintes, mas para mostrar respeito pela autoridade. Quer contar com sua total atenção e lhes pede para ouvirem o que ele tem a dizer.

A primeira acusação contra Estêvão é a de blasfêmia contra Moi-

1. Para pesquisas semelhantes, veja Josué 24; Neemias 9.5-37; Salmos 78; 105; 106; Hebreus 11.

2. Consultar Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; ed. reimpressa, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 92.

3. Veja J. Julius Scott, Jr., "Stephen's Speech: A Possible Model for Luke's Historical Method?" *JETS* 17 (1974): 91-97; Martin H. Scharlemann, "Acts 7.2-53. Stephen's Speech; A Lucan Criation?" *ConJourn* 4 (1978): 52-57.

sés e contra Deus (6.11). Ele encara essa acusação de frente quando começa a recitar a história de Israel dizendo: "O Deus de glória apareceu a nosso pai Abraão quando ainda se achava na Mesopotâmia". Essa declaração que abre o discurso corresponde ao relato de Moisés acerca de Deus habitando no meio dos israelitas na Tenda do Testemunho e de sua glória enchendo o tabernáculo (Êx 25.8; 40.34,35). Estêvão se amolda totalmente à expectativa judaica mostrando profunda reverência a Deus, à sua glória divina, ao tabernáculo e a Moisés.[4] Estêvão é um com o povo de Israel. Observe, no entanto, que ele principia e conclui seu discurso com uma referência indireta e direta, respectivamente, ao lugar da habitação de Deus (veja vs.44-50). Ao fazer isso, Estêvão enfatiza que Deus não está limitado a um lugar em particular, como fica evidente a partir de seu aparecimento a Abraão em Ur dos Caldeus.

A residência de Abraão na Mesopotâmia está registrada no primeiro livro de Moisés (Gn 11.31). Abraão, juntamente, com sua mulher, Sara, parentes e irmãos, viviam em Ur. Naqueles dias Ur era uma próspera cidade ao longo das margens do Rio Eufrates (nos dias de hoje essa área corresponde ao sul do Iraque). Deus chamou Abraão em Ur (Gn 15.7; Ne 9.7). Ali seus antepassados, inclusive seu pai Terá, adoravam ídolos (Js 24.2). Abraão, sua mulher, seu pai e seu sobrinho Ló, partiram para Canaã, mas se fixaram em Harã, que era uma proeminente cidade situada na parte norte da Mesopotâmia. Ali Terá morreu e ali Deus novamente chamou Abraão para prosseguir para Canaã.

3. "E Deus disse a ele: 'Deixe sua terra e sua parentela, e vai para a terra que eu vou lhe mostrar'. 4. Então ele deixou a terra dos caldeus e se fixou em Harã. E ali, depois que o pai de Abraão morreu, Deus o fez se mudar para a terra onde vocês agora vivem."

Aqui está a primeira dentre as muitas dificuldades históricas que encontramos no relato de Estêvão. Deus chamou Abraão duas vezes, uma em Ur dos caldeus e a outra em Harã? Ele afirma que o Senhor chamou Abraão na Mesopotâmia, porém a narrativa histórica em Gênesis revela que Terá, Abraão, Sara e Ló partiram para Canaã (Gn 11.31).

4. Comparar com Salmo 29.1,2; 1 Coríntios 2.8; Tiago 2.1.

Foram até Harã onde Terá morreu (v.32). Então Deus falou a Abraão e lhe disse para deixar a terra e a sua parentela e ir para uma terra que o Senhor lhe mostraria (Gn 12.1). Conseqüentemente, Deus chamou Abraão duas vezes. Estêvão, no entanto, segue a interpretação aceitável de sua época, a saber, que Deus instruíra Abraão a sair da Caldéia e partir para Canaã.[5]

A segunda questão é se Abraão saiu de Harã antes ou depois que seu pai morreu. Se ele partiu quando estava com 75 anos, então Terá tinha 145. Terá viveu mais 60 anos; ele chegou à idade de 205 anos (Gn 11.26,32; 12.4). Como solucionamos essa aparente discrepância? Alguns estudiosos querem reverter a ordem dos filhos de Terá – Abraão, Naor e Harã. Dizem que Abraão era o filho mais novo de Terá, nascido sessenta anos depois de Harã, a quem consideram ser o primogênito de Terá. Essa solução parece improvável. Terá teria tido 130 anos quando Abraão nasceu, todavia este julga "incrível que ele próprio fosse capaz de gerar um filho aos 99 anos de idade (Gn 17.1,17)".[6] Outros estudiosos sugerem que Estêvão se apoiou no texto grego que traz a mesma versão do Pentateuco Samaritano, dizendo que Terá morreu quando tinha 145 anos. Mas como não existe mais nenhum manuscrito grego que traga essa interpretação, essa sugestão permanece apenas como teoria.[7]

Qual é a resposta a esse problema? Assim como no caso do chamado de Deus a Abraão, Estêvão segue uma interpretação popular de seus dias, não levando muito em conta a exatidão dos detalhes matemáticos. "Essas duas discrepâncias entre Atos e o Antigo Testamento não são realmente nada mais do que a interpretação natural de um leitor comum."[8] O comentário de Estêvão acerca da morte de Terá não precisa ser tomado como uma cronologia. Podemos compreendê-lo como

5. Veja Filo *On Abraham* 71; Josefo *Antiquities* 1.7.1 [154].

6. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 69.

7. Consultar E. Richard, "Acts 7: An Investigation of the Samaritan Evidence", *CBQ* 39 (1977): 190-208.

8. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 70. Veja ainda Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles, in* vol. 9 do *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 340. Tanto Filo (*Migration of Abraham* 176-77) quanto Josefo (*Antiquities* 1.7.1 [154]) oferecem apoio à interpretação popular de Estêvão.

uma nota biográfica que transmite a informação de que Abraão partiu para Canaã sem a companhia de seu pai, que morrera em Harã. Observe que, ao fazer referência à narrativa de Abraão e Terá, Estêvão não está interessado em números específicos. O motivo de sua alusão à migração do patriarca é mostrar que Deus o chamou para a terra onde seus companheiros judeus agora habitam.

Apoiando-se na memória, Estêvão recita, quase que palavra por palavra, o texto da tradução grega do Antigo Testamento (Gn 12.1). Ele diz: "E Deus disse a ele: 'Deixe sua terra e sua parentela, e vai para a terra que eu vou lhe mostrar'". Ele apaga da Septuaginta as palavras "e da casa de seu pai". O Senhor disse a Abraão para se apartar de seus parentes e ir para a terra da escolha de Deus, a saber, o sul de Canaã.

5. "E Deus não lhe deu nela herança alguma, nem mesmo terra do tamanho de um pé, mas prometeu dá-la e ele por sua possessão e aos seus descendentes após ele, apesar de naquela época ele ainda não ter filho algum."

Deus prometeu a Abraão, repetidas vezes, que ele lhe daria, e à sua descendência, a terra de Canaã como possessão perpétua.[9] Abraão era um nômade que mudava seu rebanho de lugar em lugar no sul de Canaã, em busca de pastos verdes, porém ele não possuía terra nenhuma. Quando Sara morreu, ele comprou a caverna de Macpela (Gn 23.17,18). Ele não podia dizer que Deus lhe dera aquela caverna, pois Abraão pagou uma soma em dinheiro para poder obtê-la. Ele recebeu a promessa de Deus de que a terra de Canaã seria para seus numerosos descendentes (Gn 48.4). Mas tanto seu filho Isaque como seu neto Jacó viveram em tendas sem serem proprietários das terras onde habitavam. Esses três patriarcas eram herdeiros da Terra Prometida, todavia tudo o que possuíam era a promessa de Deus (Hb 11.9). Estêvão declara que Abraão não tinha nem mesmo terra suficiente para pousar a planta do pé (comparar com Dt 2.5). Apesar de ter a promessa de que Deus daria Canaã à sua progênie, ele permanecia ainda sem filhos. Deus fez a Abraão uma promessa antes de fazer com ele uma aliança, antes de sua circuncisão, enquanto os cananeus habitavam na terra (Gn 12.6). Deus testou severamente a fé de Abraão. A seu tempo, ele deu a terra aos israelitas quando saíram do Egito.

9. Gênesis 12.7; 13.15,17; 15.18; 17.8.

6. "Foi isso que Deus disse a ele: 'Seus descendentes viverão numa terra estrangeira como peregrinos, onde serão escravizados e maltratados durante quatrocentos anos. 7. E eu julgarei a nação na qual serão escravizados', disse Deus, 'e depois disso eles sairão e me adorarão neste lugar'."

Enquanto se acha em pé diante dos membros do Sinédrio, Estêvão confia em sua memória para citar e se referir à Escritura. Uma vez mais ele cita parte da história de Abraão (Gn 15.13,14). Exceto por umas poucas variações menores, Estêvão retira sua citação diretamente da Septuaginta. A estada de Israel no Egito não fora por escolha do patriarca; como Estêvão diz, Deus predisse que os israelitas seriam escravos no Egito por quatrocentos anos. A despeito de sua promessa de dar Canaã aos descendentes de Abraão, os israelitas tiveram de viver como estrangeiros numa terra estranha durante quatro séculos. Além disso, eram escravos. Estêvão não menciona o nome *Egito*, talvez em consideração aos judeus helenistas de Alexandria.

O número de anos que Israel passou no Egito foi quatrocentos, segundo a palavra de Deus a Abraão (Gn 15.13). Moisés escreve que a duração da permanência de Israel foi de 430 anos (Êx 12.40,41; veja também Gl 3.17). O algarismo 400 é, obviamente, um número redondo, ao passo que 430 é mais específico.[10] Estêvão não está interessado na exatidão dos números. Ele cita o texto de Gênesis de cor com o propósito de ressaltar que Deus puniria os opressores de seu povo. Com essa cláusula ele traz à mente as dez pragas do Egito e o subseqüente livramento do povo de Deus. Logo, as palavras proféticas do Senhor em Gênesis, são cumpridas no relato registrado em Êxodo.

A parte final do versículo 7 difere de sua fonte do Antigo Testamento. Estêvão diz: "E depois disso eles sairão e adorarão [a Deus] neste lugar". Mas o texto do Antigo Testamento traz: "E depois disso, eles sairão com muitas possessões" (Gn 15.14b). Quando os israelitas deixaram o Egito, receberam muitos bens dos egípcios, pois os despojaram (Êx 12.36). Mas Estêvão elimina a cláusula acerca da riqueza material que os filhos de Israel adquiriram quando partiram do Egito.

10. A exegese rabínica explica que o período de 430 anos se estendia desde o nascimento de Isaque até o dia do êxodo. SB, vol. 2, pp. 668-71.

Em lugar disso, ele adiciona uma cláusula modificada vinda de Êxodo 3.12, onde Deus informa Moisés no Deserto de Sinai que, quando tiver tirado os israelitas do Egito, "vocês adorarão [a mim] neste monte". Mas Estêvão muda as palavras *neste monte* para "neste lugar", apontando assim para o templo de Jerusalém em vez de para o Monte Sinai.

Note que ele começa a responder as acusações das falsas testemunhas: a de que fala contra o lugar santo e que Jesus irá destruir "este lugar" (6.13,14). Estêvão demonstra que considera sagrada a adoração a Deus, pois a palavra grega para adoração significa deveres religiosos exteriores realizados num ambiente formal e que requerem um compromisso interior.

8. "E Deus deu a Abraão a aliança da circuncisão; e assim ele se tornou o pai de Isaque, e Abraão o circuncidou ao oitavo dia. Isaque se tornou o pai de Jacó, e Jacó se tornou o pai dos doze patriarcas."

a. *Aliança* – Depois de um breve comentário acerca de Israel no Egito, Estêvão retorna ao assunto de Abraão e sobre os dias que antecederam o nascimento de Isaque. Naquele tempo Deus aparecera ao pai dos crentes e fizera com ele uma aliança que fora selada com o sangue da circuncisão (Gn 17.9-14).

O propósito de Estêvão ao introduzir o conceito de *aliança* nessa conjuntura é mostrar que ela precede o templo e a lei, e portanto é básica para a religião de Israel. Dessa forma ele se desembaraça da acusação de que blasfemara contra a lei e contra Deus. Ao estabelecer uma aliança com Abraão e seus descendentes, Deus declara seu amor duradouro para com o seu povo.[11] No relato histórico sobre Deus confirmando sua aliança com Abraão, o Senhor a chama de "minha aliança" nove vezes (Gn 17.2-21). Ele a inicia e a mantém por todas as gerações como um pacto perpétuo.

b. *Circuncisão* – A circuncisão é o sinal da aliança que Deus fez com Abraão e seus descendentes. O Senhor requer consagração total dos que são circuncidados, inclusive de Estêvão e de sua platéia no Sinédrio. Assim como Abraão circuncidou seu filho Isaque ao oitavo

11. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por de David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 179.

dia, assim também os judeus circuncidam seus descendentes do sexo masculino por todas as gerações. Essa aliança simbolizada no rito da circuncisão é a segurança de Israel. Não o templo (que poderia deixar de existir como nos dias do exílio), mas a aliança permanece para sempre.[12]

c. *Culto* – "E assim [Abraão] se tornou o pai de Isaque." Os tradutores da Nova Versão Internacional eliminaram do texto a palavra *assim*. Mas essa palavra tem importância porque ela aponta para a relação pactual que Abraão tem com Deus. O patriarca precisa circuncidar seu filho com quem Deus continua a mesma aliança (Gn 17.12,21). Abraão e seus descendentes (Isaque, Jacó e os doze patriarcas) são obrigados a guardar a aliança vivendo de modo irrepreensível na presença de Deus (Gn 17.1). Observe que Abraão e sua progênie devem servir e adorar a Deus sem o benefício de um tabernáculo ou de um templo. A aliança suplanta, portanto, o templo e seus cultos. Tanto Estêvão como seus ouvintes se acham na relação com Deus em sua aliança. Para eles é básico o pacto perpétuo vindo por intermédio de Abraão e dos patriarcas. A acusação de que Estêvão blasfemara se torna sem sentido, pois ele demonstra que guarda a aliança amando e servindo a Deus.[13]

Considerações Doutrinárias em 7.2-8

O sumo sacerdote não deveria ter interrompido Estêvão várias vezes para dizer-lhe que respondesse às acusações apresentadas contra ele? O sumo sacerdote não precisa fazer isso, pois Estêvão, a seu próprio modo, está respondendo a elas.

Por todo o seu discurso Estêvão refuta a acusação de blasfêmia revelando sua profunda reverência a Deus e a alta consideração por sua Palavra. Ele alude ao Deus de glória (v.2) e cita a sua ordem a Abraão para deixar a Mesopotâmia e ir para Canaã (v.3). Menciona a promessa feita por Deus de dar-lhe e a seus descendentes a terra de Canaã (v.5). Cita sua

12. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 215. Veja também Gleason L. Archer Jr., "Covenant", *EDT*, pp. 276-78.

13. Consultar R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 267.

palavra profética a respeito da permanência de Israel no Egito e as pragas (vs.6,7). E por fim, observa a instituição feita por Deus da aliança da circuncisão com Abraão e sua prole (v.8).

Embora Estêvão, um judeu de fala grega, não use o texto hebraico, mas a tradução da Septuaginta, suas citações são corretas e bem selecionadas. Ele conhece a Escritura e possui uma habilidade fantástica para interpretar sua mensagem.

Um dos temas da primeira parte do discurso de Estêvão é a onipresença de Deus. Quer dizer, Deus se revela em muitos lugares situados fora da Terra Prometida. Em Ur dos caldeus ele faz a Abraão a promessa de numerosos descendentes; de Ur e de Harã o Senhor o envia a Canaã. No Egito Deus pune os opressores de Israel e conduz os descendentes de Jacó para a liberdade. Porque Deus está universalmente presente, ele pode ser adorado em qualquer lugar. Conseqüentemente, o templo em Jerusalém não é o único lugar onde o povo de Deus pode prestar-lhe culto. E o Cristianismo não está limitado ao templo de Jerusalém.

O discurso de Estêvão é pronunciado numa época em que os judeus de fala grega se tornam influentes na igreja (6.1-7) e quando os samaritanos estão para aceitar a fé (8.4-25). Em suma, Estêvão fala num tempo em que o evangelho está se espalhando em círculos cada vez mais abrangentes.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.1-8

Versículo 1

εἰ – numa pergunta direta, essa partícula não é traduzida.

ταῦτα οὕτως ἔχει – aqui está uma expressão idiomática que significa “essas coisas são verdade?” Comparar com 17.11 e 24.9. O sujeito plural neutro é seguido de um verbo no singular.

Versículo 2

πρὶν ἤ – essa combinação é a mesma de πρίν (antes) “e predomina no coinê”.[14]

κατοικῆσαι – o infinitivo aoristo ativo do verbo composto κατοικέω (eu habito, fixo-me) difere do verbo composto παροικέω (eu vivo como forasteiro). Veja a diferença entre esses dois nos versículos 2, 4 e 6.

---

14. Bauer, p. 701.

Versículo 4

πετῴκισεν – aoristo ativo de πετοικίζω (eu transfiro colonizadores). O sujeito desse verbo é ὁ θεός.

εἰς – a segunda vez em que essa preposição aparece no versículo 4 e deveria ser ἐν (em). Encerra um sentido local e é εἰς (em) possivelmente por atração.[15]

Versículo 5

καί – o segundo καί nesse versículo é adversativo e tem o sentido de *mas*.

οὐκ – normalmente a partícula negativa com um particípio é μή; οὐκ nega verbos no modo indicativo. A expressão ocorre na Septuaginta (comparar com 1Cr 2.30,32).

Versículos 6-7

ἔσται – esse e os outros tempos futuros nos versículos 6 e 7 têm um significado progressivo.

ἀλλοτρίᾳ – "estrangeiro". Esse é um substituto para οὐκ ἰδίᾳ (não seus) de Gênesis 15.13 (LXX). Veja também Êxodo 2.22 (LXX).

ἐὰν δουλεύσουσιν – note que a partícula introduz um indicativo futuro ativo em vez de um presente ou um subjuntivo aoristo. Comparar com ἄν σοι δείξω (eu vou lhe mostrar) no versículo 3.

Versículo 8

καὶ οὕτως – "e assim". Kirsopp Lake e H. J. Cadbury comentam: "O 'assim' é possivelmente enfático e significa 'então, embora não existisse ainda nenhum lugar santo, eram cumpridas todas as condições essenciais para a religião de Israel'".[16]

---

b. *José*

7.9-16

O exemplo seguinte da história de Israel é José, mas Estêvão não menciona Isaque e se refere a Jacó em conexão com José no Egito.

15. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 68. E veja Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 200.

16. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 72.

Então, a escolha de Estêvão quanto às inclusões e omissões em seu relato histórico, reflete seu desejo de mostrar aos membros do Sinédrio que Deus cuidou dos patriarcas numa terra estrangeira.

9. "E os patriarcas, invejosos de José, venderam-no como escravo para o Egito. Mas Deus estava com ele 10. e livrou-o de todas as suas aflições. Deu a ele graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, e o designou governador sobre o Egito e de toda a casa real."

Jacó considerava José seu filho primogênito, pois ele era o primeiro filho de Raquel (Gn 30.24). Jacó amava Raquel, não Lia. Assim sendo, na opinião dele, Raquel era a sua primeira esposa. Por isso José recebia presentes e favores de seu pai, e como resultado, era desprezado pelos irmãos. Anos mais tarde José recebeu porção dobrada da herança quando, em nome de seus filhos Manassés e Efraim, Jacó concedeu-lhe cota dupla na terra de Canaã (Gn 48.5; 1Cr 5.2).

O termo *patriarcas* aplicado aos filhos de Jacó passou a ter uso comum no período intertestamentário.[17] Mas esses filhos não demonstraram nenhuma dignidade patriarcal quando decidiram lançar José num poço; e depois, por vinte peças de prata, venderam-no como escravo aos ismaelitas que o levaram para o Egito; e finalmente os irmãos tomaram sua linda capa, mergulharam-na em sangue de cabra e apresentaram-na a Jacó (Gn 37.12-36). O paralelo entre a venda de José e a traição de Jesus é óbvio. Os patriarcas venderam seu próprio irmão a estrangeiros; os judeus entregaram Jesus nas mãos dos romanos.

Estêvão evita detalhes e ressalta o positivo: "Deus estava com José e resgatou-o de todas as suas aflições". Deus cuidou de José, que se encontrava sozinho numa terra estranha. Note que nos versículos 9-15 o nome *Egito* aparece seis vezes,[18] isto é, a presença de Deus naquele país era real, conforme José podia testificar. Deus o abençoou livrando-o da tentação na casa de Potifar e de uma longa prisão (Gn 39.2,21,23). Fez com que ganhasse favor junto a Faraó e concedeu-lhe sabedoria divina para que interpretasse os sonhos do monarca, suge-

17. Veja IV Macabeus 16.25 e o título do livro pseudo-epigráfico *Os testamentos dos doze patriarcas*.

18. Tem-se sugerido que a ênfase sobre o Egito aponta para Alexandria como lugar de nascimento do judeu de língua grega, Estêvão. David John Williams, *Acts*, série Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 120.

rindo medidas para lidar com a fome prevista (Gn 41.25-36). Deus nomeou José governante sobre o Egito e sobre o palácio de Faraó (Gn 41.37-43; e veja Sl 105.20-22). Estêvão diz que Deus fez de José o segundo em comando no Egito, o mais alto oficial no palácio e o principal conselheiro de Faraó (Gn 45.8). Note então, que Deus está no controle do governo no país do Egito.

11. "Então veio uma fome sobre todo o Egito e Canaã, bem como grande aflição. E nossos pais não conseguiam encontrar alimento. 12. Quando Jacó ouviu que havia grãos no Egito, ele enviou nossos pais a primeira vez."

A fome que José previra quando Deus interpretara os sonhos de Faraó se tornou realidade. Ela não afetou somente o Egito, mas também a vizinha Canaã. Em sua providência, Deus enviou José ao Egito para salvar as vidas de seu pai, irmãos e suas famílias (Gn 45.5,7). A expressão *grande aflição* descreve o sofrimento e morte de milhares de pessoas e animais quando, durante um período de sete anos, não houve colheitas. Estêvão não se demora em detalhes, mas declara que os parentes de José em Canaã não encontravam comida para as pessoas nem para os animais. O tempo do verbo grego indica que eles persistiam em procurar por mantimentos, mas sem nenhum resultado.

O Egito depende das águas do Rio Nilo e não de seu índice pluviométrico anual para alimentar suas lavouras. A Palestina, pelo contrário, recebe suas chuvas das nuvens carregadas de umidade vindas do Mar Mediterrâneo. É raro acontecer uma estiagem em ambos os países ao mesmo tempo, mas nos dias de José os habitantes do Egito, Canaã e todas as outras terras (Gn 41.54) sofreram fome. "Fontes egípcias fazem referência a numerosas vezes nas quais habitantes de outros países, ou até mesmo nações inteiras, buscaram ajuda no Egito durante períodos de fome. Por causa desses antecedentes, a fome de sete anos nos dias de José tem uma nota de exatidão histórica."[19]

Por intermédio da sabedoria que Deus dera a José, foi estocado trigo durante sete anos no Egito, antecipando a seca de também sete anos. Quando Jacó ouviu dizer que os celeiros do Egito estavam cheios e que vendiam grãos ao seu próprio povo e a todos os países circunvi-

19. Gerhardt F. Hasel, "Famine", *ISBE*, vol. 2, p. 281.

zinhos, enviou seus filhos numa viagem de compras (Gn 41.56-57; 42.1-3). Não podemos responder por que Estêvão julga necessário fazer referência às duas visitas dos irmãos de José, mas não devemos procurar tipologia nessa passagem. Com efeito, no discurso de Estêvão a informação é insuficiente para traçar um paralelo entre as duas visitas dos irmãos de José e a primeira e segunda vindas de Cristo (Hb 9.28).[20] Em lugar disso, devemos ressaltar a mensagem central dessa passagem: Deus salva o seu povo da morte certa em Canaã, dando-lhe alimentos do Egito.

13. "Na segunda visita José se deu a conhecer aos seus irmãos e a família dele se tornou conhecida de Faraó. 14. E José mandou buscar e convidou seu pai Jacó e toda a sua família, num total de setenta e cinco pessoas."

Estêvão omite todos os detalhes históricos concernentes a Benjamim, irmão de José, e declara apenas que ele se revelou aos seus irmãos. Quando foi vendido como escravo ao Egito, ele tinha 17 anos (Gn 37.2). Vinte anos mais tarde (Gn 41.46,53), seus irmãos não o reconheceram, pois trajava roupas egípcias, falava por meio de intérprete e tinha a barba raspada à semelhança dos egípcios. Quando, dois anos depois do início da fome, José revelou sua identidade aos filhos de Jacó, ele tinha 39 anos (comparar com Gn 45.6). Por causa de sua autoridade e influência, os membros de sua família foram apresentados a Faraó, que os convidou e ao pai Jacó para virem e se instalarem no Egito. Embora a fome fosse durar ainda mais cinco anos, Jacó e sua família poderiam habitar no fértil Delta do Nilo (Gósen; Gn 46.28). Ali seus rebanhos tinham alimento suficiente para sustentá-los, e José fornecia mantimentos para todos os membros da família de seu pai. Como disse a seus irmãos: "Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento"(Gn 45.7).

Há uma discrepância entre a narrativa do Antigo Testamento, que declara ter havido setenta pessoas na família de Jacó, e a do Novo Testamento, que menciona 75 pessoas?[21] Os estudiosos têm apresenta-

20. Lake e Cadbury são da opinião de que esse ponto de vista é possível com base num "contraste comum na literatura patrística primitiva". *Beginnings*, vol. 4, p. 73.

21. Veja Gênesis 46.27; Êxodo 1.5; Deuteronômio 10.22; Atos 7.14.

do soluções para esse problema, mas a melhor vem da tradução do grego do Antigo Testamento, a Septuaginta, que coloca como sendo 66 o número de pessoas que entraram no Egito com Jacó. O texto exclui Jacó e José e acrescenta nove filhos de José (perfazendo um total de 75). A contagem fornecida na Bíblia hebraica e suas traduções é de 66 pessoas, mais Jacó, José e seus dois filhos; isto é, setenta pessoas.[22]

15. "Então Jacó desceu para o Egito, e ele e nossos pais morreram ali. 16. Seus corpos foram levados para Siquém e sepultados no túmulo que Abraão comprara com prata dos filhos de Hamor em Siquém."

Os judeus davam grande importância ao fato de Jacó e seus filhos terem sido sepultados em Canaã. Jacó instruíra José para enterrá-lo no sepulcro de Macpela, perto de Manre em Canaã (Gn 50.5,13). E José, por sua vez, disse aos descendentes de Jacó para retirarem seus ossos do Egito (Gn 50.25; Êx 13.19); os israelitas o sepultaram séculos mais tarde na terra que Jacó comprara dos filhos de Hamor (Js 24.32).

A Escritura não fornece nenhuma informação acerca da morte e do sepultamento dos irmãos de José.[23] Supomos que o motivo pelo qual José foi sepultado em Siquém seja porque aquela era a terra que seus descendentes herdaram (Js 24.32). Logo, ele foi sepultado em sua própria herança.

"Seus corpos foram levados para Siquém e sepultados no túmulo que Abraão comprara com prata dos filhos de Hamor em Siquém." Há aqui uma inconsistência – Abraão comprou a caverna de Macpela de Efrom, o hitita, por quatrocentos siclos de prata (Gn 23.15). E Jacó comprou um pedaço de terra dos filhos de Hamor em Siquém por cem peças de prata (Gn 33.19). Todavia, antes de prosseguirmos, devemos olhar novamente os versículos precedentes (vs.14,15).

Estêvão e sua platéia conheciam a Escritura tão bem que uma mera referência era o bastante para trazer à memória o relato completo. Quando Estêvão diz "seus corpos", os membros do Sinédrio sabiam que ele

22. Josefo segue a tradução do texto hebraico (*Antiquities* 2.7.4 [183]; 6.5.6 [89]. Mas Filo menciona tanto o relato grego quanto o hebraico e procura harmonizar a diferença quanto aos números (*Migration of Abraham* 199-201 [36]).

23. Josefo relata que os irmãos de José foram sepultados em Hebrom. *Antiquities* 2.8.2 [199]. Consultar também Jubileus 46.8; e Os Testamentos dos Doze Patriarcas.

se referia a Jacó e a José, e que esses dois haviam sido sepultados em dois lugares diferentes: Jacó na caverna que Abraão comprara, e José, no terreno que Jacó adquirira em Siquém. O nome *Abraão* no versículo 16b traz à lembrança a caverna de Macpela em Hebrom, onde Jacó foi sepultado. E Siquém é o local onde os israelitas enterraram os ossos de José. As duas narrativas foram comprimidas numa sentença curta.[24]

Considerações Práticas em 7.9-16

"Não aborreça o aborrecimento até que o aborrecimento aborreça você." Esse ditado bem conhecido em algumas partes do mundo nos diz para evitarmos problemas a todo o custo. Apesar de admitirmos que muitos dos nossos aborrecimentos são culpa nossa, sabemos que muitas vezes tropeçamos em adversidades pelas quais não podemos assumir a responsabilidade. A morte repentina de um ente querido ou de um amigo, a perda do emprego ou meio de sustento, a perseguição, o sofrimento, a pobreza – todas essas aflições nos vêm como provações enviadas por Deus. Aos 17 anos José foi vendido como escravo, levado para o Egito, tentado por uma mulher sedutora, feito prisioneiro e abandonado. Porém Deus estava com ele. E o fato de ele saber disso era o suficiente para que ele fugisse da tentação, fosse cheio de sabedoria divina para aconselhar o Faraó, fosse forte na fé em meio à idolatria pagã e perdoasse seus irmãos.

Por essa razão, José compreendeu que Deus o enviara ao Egito para salvar seus próprios parentes da fome, e que seus adversários foram divinamente designados para cumprir o propósito de Deus: a salvação do seu povo (Gn 50.20). Assim sendo, os problemas vindos das mãos de Deus são fonte de bênçãos indizíveis. E William Cowper captou sucintamente essa verdade nas palavras de seu hino:

> Vós santos temerosos, recobrai coragem nova;
> As nuvens que tanto temeis
> Estão cheias de misericórdia e se romperão
> Em bênçãos sobre vossas cabeças.

24. Veja F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista, série New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 137 n. 35; R. A. Koivisto, "Stephen's Speech: A Theology of Errors?", *GTJ* 8 (1987): 101-14.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.11-13

Versículo 11

οὐχ ηὕρισκον – aqui o imperfeito do indicativo expressa incapacidade duradoura: "eles não conseguiam encontrar alimento".

χορτάσματα – esse substantivo no plural neutro significa "forragem" e é sinônimo de χόρτος (capim). Pode também significar alimento "para homens ou animais".[25]

Versículos 12,13

εἰς – como preposição com sentido locativo, toma o lugar de ἐν (em), que é, de fato, a preposição que aparece em Gênesis 42.2 (LXX).[26]

ἀνεγωρίσθη – essa forma composta é intensiva. É preferível à forma simples devido ao testemunho dos melhores manuscritos gregos.

c. *O Preparo de Moisés*

7.17-22

Estêvão demonstrou de forma adequada que não blasfemara contra Deus nem tampouco desonrara seu culto. Agora ele está pronto para responder à acusação de que falou palavras de blasfêmia contra Moisés. Note que ele dedica a maior parte de seu discurso à vida, à missão e aos ensinamentos de Moisés.

17. "Quando se aproximava o tempo de Deus cumprir a promessa que ele fizera a Abraão, nosso povo ficou cada vez mais numeroso no Egito, 18. até que um rei diferente começou a reinar sobre o Egito, o qual não conhecera José. 19. Esse rei tirou proveito de nossa raça, maltratou nossos pais e os fez abandonar suas crianças de forma que não sobrevivessem."

A nova fase na história do povo de Deus é o cumprimento da promessa que ele fizera a Abraão quatrocentos anos antes. Essa promessa, é claro, dizia respeito aos numerosos descendentes do patriarca e a herança de Canaã (Gn 15.5,7). Deus permite que se passem quatro

25. Thayer, p. 670.

26. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, rev. e trad. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), n º 205.

séculos durante os quais a família de Jacó aumentou e formou uma nação (comparar com Êx 1.7). (Moisés revela que na época do êxodo havia seiscentos mil homens a pé, sem contar mulheres e crianças [Êx 12.37; Nm 1.46; veja também Sl 105.24]. Os estudiosos debatem a respeito das estimativas a respeito da população; uma das possibilidades é a de que a população total girava em torno de um milhão e meio de pessoas.) Deus determina o tempo para o crescimento da nação e seu final êxodo do Egito.

O período estimado entre a morte de José e a ascenção do Faraó que não o havia conhecido é de cerca de dois séculos. José alcançou a idade de 110 anos (Gn 5.26), e quando Moisés tinha 80 anos ele conduziu os israelitas para fora do Egito e os libertou do domínio de Faraó. Este, que não mais honrava José nem se importava com os seus descendentes, pertencia à décima oitava dinastia. Seu nome era Tutmés I. Ele era extremamente cruel e emitiu um decreto para que se destruísse todos os bebês hebreus do sexo masculino (Êx 1.22). Observe que Arão, irmão mais velho de Moisés, havia nascido antes que o decreto fosse expedido, de modo que a ascenção do Faraó Tutmés ocorreu logo antes do nascimento de Moisés (aproximadamente em 1530 a.C.).[27]

Moisés revela que esse Faraó reduziu os israelitas a trabalhos forçados construindo para ele as cidades de Pitom e Ramessés (Êx 1.11). Estêvão diz que Faraó tirou proveito do povo judeu, pois o trabalho forçado causou a morte de incontáveis escravos judeus. Faraó desejava conter o crescimento da população, mas Deus frustrou seus propósitos dando aos israelitas um crescimento numérico fenomenal. Os egípcios eram cruéis para com seus escravos não somente fazendo-os realizar todo o tipo de tarefas, mas também ordenando as parteiras hebréias que matassem, ao nascerem, todas as crianças hebréias do sexo masculino (Êx 1.15,16). Porém, a despeito dos decretos desumanos de Faraó, os hebreus continuavam a crescer em número. Como último recurso, ele ordenou que todos os bebês hebreus do sexo masculino fossem lançados no Nilo (Êx 1.22).

Cabem aqui duas observações. Primeiro, a destruição dos bebês do sexo masculino no Egito tem paralelo com a matança dos meninos em

27. William H. Shea, "Exodus, Date of the", *ISBE*, vol. 2, p. 233.

Belém quando Jesus nasceu (Mt 2.16).[28] A vida de Moisés e a vida de Jesus são poupadas, e o primeiro serve como um tipo de Cristo. Em segundo lugar, por meio da contínua crueldade de Faraó para com os israelitas, Deus os preparou para a sua libertação e êxodo, dando-lhes o desejo de viajar para a Terra Prometida.

20. "Naquele tempo nasceu Moisés e ele era uma formosa criança para Deus. Durante três meses recebeu cuidados na casa de seu pai. 21. E após ter sido abandonado, a filha de Faraó o adotou e o criou como seu próprio filho. 22. Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras."

Durante aqueles dias críticos foi que Moisés nasceu, na família de um levita (Êx 2.1,2). A família incluía duas crianças mais velhas: Miriã, a irmã de Moisés, e seu irmão Arão. Tanto o relato do Antigo Testamento quanto o autor de Hebreus declaram que Moisés era formoso (Êx 2.2; Hb 11.23). A tradução literal "[Moisés] era uma formosa criança para Deus", é talvez uma expressão idiomática semítica que significa "excessivamente belo".[29] A Nova Versão Internacional traz a tradução "ele não era uma criança comum".

Os pais de Moisés aceitaram aquela criança linda como uma dádiva de Deus e não estavam dispostos a abandoná-lo. Durante três meses eles o protegeram dos olhos e ouvidos perscrutadores dos soldados de Faraó. Mas chegou a hora de abrir mão dele. Seus pais teceram um cesto feito de folhas de papiro vedado com alcatrão e piche; tendo colocado Moisés ali dentro, esconderam o cesto e a criança por entre os juncos do Nilo. Instruíram a filha Miriã para que vigiasse Moisés. Incidentalmente o nome *Moisés* soa como uma palavra em hebraico que quer dizer "tirado para fora [das águas]".

A filha de Faraó foi ao rio se banhar. Quando suas ajudantes viram o bebê, elas o retiraram da água e levaram Moisés à princesa. Ela o adotou como seu filho e o criou no palácio real (Êx 2.10).[30] Vemos a providência de Deus protegendo Moisés num tempo quando outros bebês judeus morriam por causa da crueldade de Faraó. Todavia o pró-

28. Consultar W. H. Gispen, *Bible Student's Commentary: Exodus*, trad. por Ed van der Maas (Grand Rapids: Zondervan; St. Catharines: Paideia, 1982), p. 37.

29. Moule, *Idiom-Book*, p. 46.

30. Josefo, *Antiquities* 2.9.7 [232].

prio Moisés passou a fazer parte da família do rei quando a princesa o adotou. Embora a Escritura no Antigo Testamento não relate seu treinamento na corte real, Estêvão segue a tradição e revela que Moisés foi instruído "em toda a sabedoria dos egípcios".[31] Nos tempos antigos o Egito era um grande centro de ensino, conhecimento e sabedoria (comparar com 1Rs 4.30). Moisés provavelmente foi instruído em filosofia, matemática, literatura e retórica. Essas disciplinas o qualificaram para o papel de liderança. Estêvão é breve e vai direto ao ponto. Ele diz apenas que Moisés "era poderoso em palavras e obras".

É claro que como líder dos israelitas, Moisés demonstra repetidas vezes sua habilidade de falar bem na presença de Faraó ou ao se dirigir ao povo de Israel. Sua auto-avaliação de que é pesado de boca e pesado de língua (Êx 4.10) deve ser entendida como uma desculpa para ser dispensado da tarefa que Deus estava colocando diante dele. O Antigo Testamento revela que Moisés, e não Arão, fala com eloqüência e realiza vários milagres. Certamente Moisés era poderoso em palavra e obra.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.17-22

Versículo 17

χαθώς – este composto não é traduzido literalmente ("assim como") mas é considerado advérbio de tempo ("quando").

ὡμολόγησεν – na igreja primitiva, o verbo ὁμολογεῖν recebia o significado técnico de *fazer a confissão de alguém*. Logo, os escribas eram propensos a alterar essa palavra para ἐπαγγελεῖν (prometer) ou para ὀμνύειν (jurar). No entanto, ὁμολογεῖν nesse contexto significa "prometer".[32]

Versículo 19

τοῦ ποιεῖν – o artigo definido singular no caso genitivo junto com o infinitivo presente, normalmente expressa propósito. Aqui a intenção parece ser resultado: "a fim de fazer".[33] Também, a combinação εἰς τό com

---

31. Filo, *Life of Moses* 1.20-22.

32. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 345. Veja ainda Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 187.

33. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 1090.

o infinitivo presente ζῳογονεῖσθαι nessa sentença expressa resultado hipotético.

Versículos 21,22

ἐκτεθέντος αὐτου – o caso genitivo, tanto no particípio passivo aoristo como no pronome, denota a construção do genitivo absoluto.

εἰς – junto com αυτόν como predicativo acusativo, essa frase preposicional quer dizer "como um filho".

παση σοψίᾳ – juntamente com o substantivo *sabedoria* no abstrato, o adjetivo precedente pode significar "cada" ou "todos".[34]

---

d. *A Partida de Moisés*

7. 23-29

O parágrafo seguinte no discurso de Estêvão revela a idade de Moisés e sua inabilidade em liderar. Embora Moisés tenha 40 anos de idade, ele ainda não está pronto para ser o líder de Israel. Ele precisa de um tempo adicional para se preparar para a tarefa que Deus lhe deu.

23. Quando Moisés tinha cerca de quarenta anos, ele decidiu visitar seus companheiros patrícios, os israelitas. 24. Quando ele viu um homem sendo tratado injustamente por um egípcio, foi em seu socorro; ele vingou o oprimido derrubando o egípcio. 25. Supunha que seus companheiros patrícios entenderiam que Deus o estava usando para livrá-los, mas eles não entenderam."

a. "Quando Moisés tinha cerca de quarenta anos." O Antigo Testamento não diz quantos anos Moisés tinha quando fugiu para Midiã. Relata simplesmente que ele já era homem (Êx 2.11l veja também Hb 11.24). Entretanto ficamos sabendo que ele já tinha 80 anos quando se postou em pé diante do Faraó junto com seu irmão Arão (Êx 7.7), e que era da idade de 120 anos quando morreu (Dt 34.7). A tradição judaica relata que Moisés tinha 40 anos quando fugiu do Egito, que viveu em Midiã por quarenta anos, e que conduziu os israelitas durante outros quarenta anos. Portanto, sua vida é dividida em três períodos iguais de quarenta anos cada.[35]

---

34. Robertson, *Grammar*, p. 772.

35. SB, vol. 2, pp. 679-80. Algumas fontes dizem que Moisés tinha 20 anos quando ele fugiu do Egito.

b. "Ele decidiu visitar seus companheiros patrícios, os israelitas." O autor de Hebreus explica que Moisés não queria ser conhecido como o filho da filha de Faraó, mas decidiu ficar do lado do povo de Deus, que era maltratado pelo Faraó (Hb 11.24,25). Moisés se identificou com os descendentes de Abraão, povo da aliança de Deus. Apesar da educação recebida no palácio faraônico, ele era um israelita de coração. Por essa razão, com a idade de 40 anos, Moisés resolveu visitar seus companheiros israelitas. Ele não apenas afirmava ser descendente físico de Abraão ao determinar associar-se aos oprimidos escravos hebreus; ele também sabia que era descendente espiritual de Abraão por causa de sua fé em Deus (comparar com Hb 11.26).[36] O texto grego traz literalmente "surgiu em seu coração visitar seus irmãos, os filhos de Israel". Quer dizer, Deus trabalhou em seu coração de forma que ele decidiu ficar do lado dos israelitas. E assim a palavra *visitar* nesse versículo significa mais do que um encontro social; ela implica a ajuda a alguém necessitado.

c. "E quando viu um deles sendo tratado injustamente." Quando saiu do palácio real para estar com os israelitas, Moisés se arriscou a ficar sob a ira de Faraó por quebrar os laços familiares egípcios em favor da identificação com os hebreus. E mais, ele também correu o risco de ser mal-interpretado pelos israelitas, que o viam como um membro da família de Faraó.

Ao ver um egípcio abusar de um israelita, Moisés foi ao seu socorro desferindo golpes no opressor de forma que ele veio a morrer. O texto ocidental dos manuscritos gregos, seguindo a narrativa do Antigo Testamento, acrescenta que Moisés o enterrou na areia (Êx 2.12). Fora a questão sobre se Moisés tinha ou não justificativa para fazer justiça pelas próprias mãos, o acontecimento provou que ele se desqualificou para o papel de liderança. Moisés tinha de aprender a lição da mansidão (Nm 12.3) para se tornar um líder eficaz.

d. "Ele supunha que seus companheiros patrícios entenderiam que Deus o estava usando para livrá-los."[37] Moisés era da opinião de que

36. Veja Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Epistle to the Hebrews*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1984), pp. 337-38.

37. Josefo *Antiquities* 2.9.2 [205-15].

ele era o homem nomeado por Deus para livrar os israelitas e que deveriam reconhecê-lo como líder deles. Era um homem maduro que havia sido plenamente educado na sabedoria egípcia. Tinha uma fé genuína no Deus de Israel, que prometera libertar seu povo da escravidão quatrocentos anos depois de ter feito a Abraão a promessa de herdar Canaã (Gn 15.13). Os israelitas entesouravam esse conhecimento, talvez por meio da tradição oral, e pacientemente esperavam seu livramento. No entanto, mesmo se Moisés estivesse familiarizado com essa profecia divina, seus patrícios não o aceitaram como seu libertador. Estêvão diz: "eles não entenderam".

26. "Então no dia seguinte ele deparou com dois israelitas que estavam brigando e tentou reconciliá-los. Ele disse: 'Homens, vocês são irmãos. Por que estão ferindo um ao outro?' 27. Mas o que estava maltratando seu companheiro disse: 'Quem fez de você governante e juiz sobre nós? 28. Quer matar-me como você matou o egípcio ontem?' 29. Quando Moisés ouviu isso, fugiu e se tornou refugiado na terra de Midiã e teve dois filhos."

a. "Então no dia seguinte." O dia que se sucedeu provou ser o divisor de águas para Moisés. Ao retornar até os israelitas, ele indicou que seu rompimento com a família real era permanente. Esperava que seus compatriotas o aceitassem como seu líder dado por Deus, que os livraria da cruel escravidão. Todavia, infelizmente estava enganado. Quando voltou aos israelistas, viu dois deles brigando com a intenção de ferir um ao outro. Moisés tentou intervir como pacificador. Ele os interrompeu e disse: "Homens, vocês são irmãos. Por que estão ferindo um ao outro?"

Nessa altura Estêvão não segue o texto do Antigo Testamento, porém dá o significado da pergunta original de Moisés: "Por que você espanca o seu companheiro?" (Êx 2.13). Note que Moisés ressaltou o conceito de *irmãos*, não no sentido de que aqueles dois homens pertencessem a uma mesma família, mas que eram membros da raça hebréia. Portanto, Moisés chamou a atenção para a nacionalidade partilhada deles (e a sua). Quando perguntou por que procuravam ferir um ao outro, indiretamente ele se referiu aos ferimentos que os escravos israelitas recebiam dos feitores egípcios. E mais, ele inadvertidamente chamou a atenção para seu próprio ataque violento e fatal sobre o egípcio.

b. “Quem fez de você governante e juiz sobre nós?” Em lugar de encontrar harmonia com os homens que tentava ajudar, Moisés encontrou repúdio e recusa. O israelita que feria seu patrício empurrou Moisés para trás, não fisica, mas verbalmente, com um ataque que o fez se encolher. Desafiou asperamente a autoridade de Moisés de ir até os israelitas como governante e juiz. Com essa pergunta, o autonomeado porta-voz da nação hebraica rejeitou Moisés como o homem chamado por Deus para libertar seu povo. Essa rejeição era tanto física como espiritual. O israelita, reconhecendo em Moisés as evidências da cultura egípcia, se recusou a reconhecê-lo como um israelita. E em sua cegueira espiritual, fechou seus olhos ao plano de Deus para a salvação.

c. “Quer matar-me como você matou o egípcio ontem?” Para as palavras desse israelita, Estêvão cita exatamente conforme a Septuaginta. A resposta que o israelita esperava tinha de ser negativa, é claro. Essa pergunta levou Moisés aos desespero. Ele não podia voltar para a corte de Faraó depois de ter rompido relações com a família real. Sabia que quando o Faraó ficasse sabendo da morte do egípcio, ele procuraria tirar a vida de Moisés (Êx 2.15). Por outro lado, ele não encontraria abrigo entre os israelitas; a rude recusa do porta-voz hebreu era forte indicação disso. Não havia nada mais para Moisés fazer senão fugir e se tornar refugiado numa terra estrangeira.

d. “Ele fugiu e se tornou refugiado na terra de Midiã.” Como os midianitas eram nômades que, junto com seus rebanhos procuravam pastagens em qualquer lugar, as fronteiras exatas de Midiã não podem ser definidas com exatidão. Segundo a opinião da maioria dos estudiosos, elas ficavam do lado leste do Golfo de Aqabah, na Arábia Saudita atual. Talvez se estendesse ou incluísse a Península do Sinai, pois Moisés levou o rebanho de Jetro para o lado mais distante do deserto próximo a Horebe (Sinai). A Escritura chama Jetro, que era sogro de Moisés, de sacerdote em Midiã (Êx 3.1). Esse foi o lugar para onde Moisés fugiu da presença de Faraó e foi forasteiro durante quarenta anos.[38]

e. “E teve dois filhos.” Estêvão acrescenta, propositadamente, que Moisés teve dois filhos. No contexto histórico ao qual Estêvão se refere, Moisés fugiu para Midiã, foi bem recebido no lar de Jetro e se

38. Consultar Robert L. Alden, “Midian, Midianites”, *ZPEB*, vol. 4, pp. 220-22.

casou com Zípora, uma de suas sete filhas, mas teve um filho apenas (Êx 2.16-22). A partir de uma narrativa posterior que descreve o êxodo, ficamos sabendo que ele teve dois filhos, Gérson e Eliezer. Estêvão lembra essa última passagem porque ela fornece e explica os nomes dos filhos de Moisés: Gérson significa "um estrangeiro ali" e Eliezer quer dizer "meu Deus é [meu] ajudador" (Êx 18.3,4). Moisés nunca se tornou midianita durante sua estada de quarenta anos com Jetro. Como refletem os nomes de seus filhos, ele se manteve como um forasteiro que depositava sua confiança no Deus de Israel.

Considerações Doutrinárias em 7.23-29

Fazemos três observações:

a. *Tipo* – O paralelo entre Moisés e Cristo é impressionante. Moisés, o líder de Israel, foi destinado a libertar seu povo dos laços da escravidão no Egito. Jesus foi enviado por Deus para libertar seu povo da escravidão do pecado e da morte. Moisés veio como um hebreu nativo para o seu próprio povo, que abertamente o rejeitou e o fez fugir para Midiã. Jesus nasceu em Belém, mas quando veio como mestre ao seu próprio povo, eles o rejeitaram e mataram (comparar com Jo 1.11). Moisés foi exaltado por Deus, que o comissionou no deserto para conduzir os israelitas para fora do Egito, a terra de seu cativeiro, para a liberdade da Terra Prometida. Deus também exaltou Jesus ressuscitando-o dentre os mortos. Jesus liberta seu povo da escravidão do pecado e da morte espiritual e lhes concede liberdade no reino dos céus. A diferença nesse paralelo é que Moisés foi a Israel como servo no nome de Deus, mas em Jesus, o próprio Deus vem até seu povo e os salva.

Estêvão explica que Moisés é um tipo de precursor de Cristo (v.37) e cita a profecia feita a Moisés. Foi-lhe dito que Deus levantaria um profeta como ele dentre seus irmãos (Dt 18.15,18). E Jesus cumpriu essa profecia.

b. *Rejeição* – Estêvão mostra claramente que os israelitas rejeitaram Moisés como seu libertador, e dessa forma toca num tema importante para Israel. O tema da rejeição não aparece somente no discurso de Estêvão (vs.27,35,39), mas também prevalece por toda a história de Israel. O povo judeu é notório por rejeitar a graça de Deus. Em seu discurso, Estêvão quer lembrar seu público essa característica negativa que tem obstruído o relacionamento de Israel com Deus.

c. *Honra para Moisés* – Nessa parte de seu discurso, Estêvão não deixa dúvida alguma de que tem grande respeito por Moisés. Logo, são infundadas as acusações de seus opositores, que dizem ter ele blasfemado contra Moisés.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.23-27

Versículo 23

ἐπληροῦτο αὐτῷ – este é um verbo favorito nos escritos de Lucas. Note o tempo imperfeito na voz passiva ("estava sendo cumprido para ele"). A forma verbal comunica um senso de aproximação.

ἀνέβη – essa é uma típica construção semítica: "surgiu em seu coração" (por exemplo a Septuaginta de Is 65.16; Jr 3.16; Ez 38.10). O sujeito do verbo é o infinitivo ἐπιοκέψασθαι (visitar).

Versículo 24

ἠμύνατο – vem do verbo ἀμύνομαι, que aparece uma vez em todo o Novo Testamento. Na voz média, é traduzido como "assistir [a um amigo]".[39]

Versículos 26,27

συήλλασσεν – esse é o imperfeito ativo de συναλλάσσω (eu reconcilio). O imperfeito é conativo: "ele tentou reconciliá-los".

ἀπώσατο – vindo de ἀπωθέω (eu empurro para o lado), a forma está no aoristo médio: "ele empurrou Moisés para longe de si.". Veja também o versículo 39.

---

e. *A Missão de Moisés*

7.30-36

Aqui Estêvão declara que o segundo período de quarenta anos na vida de Moisés chega ao seu final. O último período de quarenta anos compreende a sua missão de liderar o povo de Israel para fora do Egito através do Mar Vermelho e no deserto. Moisés precisou de quarenta anos de estudos no palácio do Faraó e mais quarenta anos de treinamento no deserto antes de estar completamente preparado para servir a

39. Robertson, *Grammar*, p. 805.

Deus. (A propósito, muitos outros líderes passaram tempo no deserto a fim de se prepararem para a obra consagrada [por exemplo, Davi, Elias, João Batista, Jesus e Paulo].)

30. "E depois de passados quarenta anos, um anjo apareceu a Moisés nas chamas de um arbusto queimante no deserto próximo ao Monte Sinai. 31. Quando Moisés viu aquilo ficou pasmo à sua vista. Ao se aproximar para ver mais de perto, ouviu-se a voz do Senhor: 32. 'Eu sou o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó'. Moisés tremia e não ousava olhar."

Estêvão continua a relatar a história de Moisés passando pelo Livro do Êxodo. Ele parece ter memorizado a narrativa, pois em vários lugares apresenta citações da Septuaginta, palavra por palavra. Aqui está um homem que conhece a Escritura e é capaz de explicá-la. Ele faz o relato da missão de Moisés.

a. "E depois de passados quarenta anos, um anjo apareceu a Moisés." Aos 80 anos de idade, depois de ter estado na companhia de Jetro durante quarenta anos, Moisés conduziu o rebanho do sogro para a parte sul da Península de Sinai, perto do Monte Sinai (veja Êx 3.12; 19.11-13; Dt 1.6). Enquanto estava ali, ele notou uma sarça que ardia em chamas sem ser consumida (Êx 3.2).[40] Ao se aproximar do arbusto para olhar mais de perto aquele estranho espetáculo, ele ouviu a voz de Deus. Estêvão explica que o anjo é o Senhor (v.31), isto é, o próprio Deus (vs.32,35; Êx 3.2,7). Alguns intérpretes entendem que o anjo era o pré-encarnado Filho de Deus. João Calvino diz, por exemplo, que Deus jamais se comunica com o homem senão por intermédio de Cristo.[41] Mas nesse contexto, a evidência é insuficiente para concluir que Estêvão esteja se referindo a Cristo. Em vez disso, dizemos que "o anjo porta a autoridade e presença do próprio Deus".[42]

Deus apareceu nas chamas de uma sarça ardente e o faz em conformidade com muitas de suas aparições no fogo. Assim sendo, ele era

40. As igrejas presbiterianas tomaram desse texto seu símbolo da sarça ardente. Como moto, usam as palavras do latim *nec tamen consumebatur* (e não se consumia).

41. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 190. Veja ainda John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew F. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 576.

42. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 75.

uma coluna de fogo de noite para os israelitas enquanto eles viajaram pelo deserto (Êx 13.21); quando entregou a lei, Deus desceu sobre o Monte Sinai em fogo (Êx 19.18; comparar também com 1Rs 18.24,38).

b. "Quando Moisés viu aquilo ficou pasmo à sua vista." Deus atiçou a curiosidade de Moisés, e quando ele se aproximou do arbusto ardente, o Senhor lhe falou. Deus construiu uma ponte de ligação entre os séculos e se identificou como o Deus dos três patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó. A aliança que ele fizera com Abraão e as promessas feitas ao patriarca eram reais. Deus iria cumprir sua palavra e redimir o seu povo, Israel, da servidão. Não é de admirar que Moisés tremesse e não ousasse olhar para a sarça. Ele novamente tremeu de medo quando Deus falou do Monte Sinai (Hb 12.21). Ele se deu conta de que estava na presença de Deus. Todavia, o Senhor o chamou e o comissionou para a tarefa de conduzir seu povo para fora do Egito.

33. "Então o Senhor lhe disse: 'Remove as sandálias dos seus pés, pois o lugar onde você está pisando é terra santa. 34. Certamente tenho visto os maus-tratos ao meu povo no Egito e ouvi seus gemidos. Desci para libertá-los. Vem agora, eu enviarei você ao Egito'."

a. *Santidade* – Moisés se deu conta de que estava na presença do Deus santo, cuja presença santificava até mesmo o chão onde ele pisava (veja Js 5.15). Moisés se achava, por assim dizer, no santuário de Deus, e tinha de desatar e tirar suas sandálias. Os orientais ainda o fazem quando entram em templos, santuários e até mesmo em suas próprias casas. Têm o maior cuidado para não macular aquilo que é sagrado e limpo.

Estêvão inverte a seqüência da narrativa apresentada no Êxodo. Nesse relato, primeiro Deus disse a Moisés para tirar o calçado e então se revelou como o Deus dos patriarcas (3.5,6). A seqüência não tem relação alguma com a importância do acontecimento. Deus mostrou a Moisés que até mesmo a área de um arbusto desértico em chamas é santa quando ele está presente. E Estêvão usa esse incidente para dizer ao seu público do Sinédrio que a presença sagrada de Deus não está limitada ao templo de Jerusalém. Elizabeth Barrett Browning captou a essência da presença de Deus na sarça ardente quando disse:

A terra está repleta do céu
E todo arbusto comum está queimando em Deus;
Mas somente aquele que enxerga tira os sapatos,
O restante fica sentado colhendo amoras.

Observe que antes de a sarça começar a queimar, o chão não era mais santo do que qualquer outro lugar na Península de Sinai. E também, o espaço ocupado pelo arbusto queimante se tornou santo somente durante o período em que a glória de Deus estava presente.[43] Então, qualquer lugar da terra é santo quando Deus encontra o homem que o adora.

b. *Comissão* – Moisés passou quarenta anos como pastor de ovelhas em Midiã enquanto os israelitas sofriam as crueldades dos capatazes egípcios. Ele fugiu para a liberdade em Midiã; os israelitas, por outro lado, não podiam escapar e definhavam na penúria. Sem dúvida alguma Moisés pensava no povo de Deus e na promessa de seu livramento. Quando disse que realmente tinha observado a opressão do povo e tinha verdadeiramente ouvido os seus gemidos, Deus revelou que a sua aliança e promessas feitas a Abraão ainda eram válidas. O Senhor falou em termos humanos e no idioma hebraico quando disse que ele realmente vira o sofrimento dos israelitas e realmente ouvira suas súplicas por libertação. E disse ainda que havia descido a fim de livrá-los. Ele comissionou Moisés, como seu servo, para libertar o seu povo: "Vem agora, eu enviarei você ao Egito". Era chegado o tempo para a redenção de Israel e Deus escolheu Moisés como o homem para realizar essa tarefa. A ordem curta "vem agora" significava que Moisés deveria sair de Midiã e retornar ao povo que o rejeitara. Ele não precisava temer os egípcios que o queriam matar, pois Deus revelou a Moisés que eles haviam morrido (Êx 4.19).

35. "Este é o mesmo Moisés a quem os israelitas rejeitaram quando disseram: 'Quem fez de você governante e juiz?' A este homem Deus enviou como governante e libertador com a ajuda do anjo que lhe apareceu na sarça. 36. Ele os liderou para fora do Egito, havendo realizado milagres e sinais no Egito, no Mar Vermelho e no deserto durante quarenta anos."

43. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 194.

a. "Este é o mesmo Moisés." Estêvão não narra mais a história de Moisés como tal. Ele agora começa a interpretar a importância do acontecimento, mostrando que Moisés retornou ao mesmo povo que, quarenta anos antes, o havia rejeitado com a pergunta: "Quem fez de você governante e juiz?" Estêvão chama a atenção para Moisés como pessoa empregando o pronome demonstrativo *este* [*um*] para descrevê-lo. Ele enfatiza o tema da rejeição da qual testifica a história da jornada de Israel no deserto. O paralelo entre Moisés rejeitado pelos israelitas e Cristo repudiado pelos judeus é evidente.

b. "A este homem Deus enviou como governante e libertador." O israelita que, quarenta anos antes havia perguntado a Moisés "Quem fez de você governante e juiz" (v.27) representava a nação de Israel que rejeitara a graça de Deus. Apesar da recusa de Israel, Deus enviou Moisés com poder e autoridade como "governante e libertador". Note a diferença na fraseologia, pois o vocábulo *libertador* tomou o lugar de "juiz". O juiz pode livrar uma pessoa de um adversário que lhe tenha feito acusações. O libertador redime uma nação da opressão imposta por uma outra.[44]

Note que os termos *governante* e *libertador* na realidade apontam para Cristo. Primeiro, Moisés era governante de Israel como o pai dessa nação. Os apóstolos proclamaram Jesus como "Príncipe", que no grego é uma palavra relacionada a "governante" (por exemplo, 5.31). Em segundo lugar, os israelitas sabiam que Deus os livraria do jugo dos egípcios (Êx 6.6), pois ele é o redentor de Israel (Sl 19.14; 78.35).

Quando Estêvão profere a expressão *redentor* no Sinédrio, ele toca no mais profundo desejo do coração de seus contemporâneos. Esse desejo foi expresso de forma eloqüente pelos dois homens no caminho de Emaús: "Nós esperávamos que fosse ele [Jesus] quem havia de redimir a Israel" (Lc 24.21; e comparar com 2.38). Ao chamar Moisés de ambos "governante e libertador", Estêvão diz aos seus ouvintes que, nesse duplo aspecto, Moisés é um tipo de Cristo.[45]

c. "Com a ajuda do anjo." Deus comissionou Moisés quando falou a ele na sarça ardente. E lhe concedeu poder e autoridade divinos para

44. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 577.
45. Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 199.

se dirigir a Faraó e aos anciãos de Israel. Moisés recebeu poder para realizar milagres e sinais no que tange às dez pragas no Egito, à travessia do Mar Vermelho, ao afogamento do exército de Faraó e ao cuidado protetor pelos filhos de Israel no deserto durante quarenta anos. A expressão *milagres e sinais* aponta, indiscutivelmente, para Jesus Cristo, que durante seu ministério terreno demonstrou em palavras e obras, que Deus o comissionara para libertar seu povo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.30-36

Versículo 30

ἐτῶν – o genitivo absoluto ocorre freqüentemente nesse capítulo (por exemplo, vs.21,31).

ἄγγελος – aqui o substantivo está sem o artigo definido e a qualificação του χυρίου (veja 5.19; Êx 3.2 [LXX]). O anjo é a voz do Senhor (v.31), de Deus (v.32) e do Senhor (v.33).

Versículo 31

ἐθαύμαζεν – o tempo imperfeito é descritivo.

χατανοῆσαι – esse infinitivo aoristo ativo revela o sentido perfectivo da forma composta. Ele descreve "o acabamento de um processo mental".[46]

Versículo 34

ἰδὼν εἶδον – duas formas, sendo uma o particípio aoristo e a outra o aoristo ativo de ὁράω (eu vejo), constituem um semitismo que reflete a construção hebraica do infinitivo absoluto. Expressa ênfase.

ἀποστείλω – apesar de ser esperado aqui o futuro do indicativo (eu vou enviar/enviarei), aparece o subjuntivo extraordinário com sentido futurístico.[47]

Versículo 35

τοῦτον – esse pronome demonstrativo que se refere a Moisés ocorre seis vezes nesta passagem (vs.35-40). Para conferir ênfase, ele aparece no início de cada sentença (vs.35 [duas vezes], 36,37,38).

---

46. James Hope Moulton, *A Grammar of New Testament Greek*, vol. 1, *Prolegomena*, 2ª ed. (Edimburgo: Clark, 1906), p. 117. Veja também Hanna, *Grammatical Aid*, p. 201.

47. Moule, *Idiom-Book*, p. 22.

λυτρωτήν – não devemos traduzir este substantivo por "libertador" sem considerar o significado de λυτρόω (eu liberto pagando um resgate). Na Escritura, o substantivo é usado duas vezes para Deus (Sl 19.14; 78.35 [LXX], uma vez para Moisés (At 7.35), mas nunca para Jesus.

ἀπέσταλχεν – em nossa língua, o tempo perfeito não pode ser expresso no contexto desta sentença. As traduções trazem o passado simples "enviou". No entanto o perfeito indica resultado duradouro.

σὺν χειρί – literalmente "com a mão", a expressão é uma tradução direta do hebraico. Significa "com a ajuda de".

Versículo 36

ἐξήγαγεν ποιήσας – o tempo aoristo do particípio não deve ser tomado de forma muito rígida, pois ele se aplica também aos milagres e sinais que Moisés realizou durante a jornada de quarenta anos no deserto. O tempo aoristo do verbo ἐξήγαγεν é climático e se refere à jornada por inteiro.

---

f. O Ensino de Moisés

7.37-43

Se algum ouvinte no público de Estêvão não perceber que existe um paralelo direto entre Moisés e Jesus, que ouça a profecia dada por Deus a Moisés. Essa profecia o compara a outro profeta a quem Deus levantaria dentre o povo judeu. Citando essa profecia, Estêvão diz:

37. "Este é o Moisés que disse aos israelitas: 'Deus vai levantar um profeta para vocês dentre os seus irmãos como ele levantou a mim'."

Estêvão é enfático em seus comentários aos membros do Sinédrio. Ele lhes diz que este Moisés a respeito de quem tem estado falando é o homem que entregou aos israelitas a profecia divina que revela a vinda do Profeta. Na verdade, a fraseologia dessa profecia não traz o artigo definido antes do termo *profeta*. Mas a partir do Novo Testamento e de outras fontes (Samaritano, Qumran e literatura judaica) ficamos sabendo que o povo da época de Jesus aguardava a vinda *do* Profeta (por exemplo, Jo 1.19-21; 7.40).[48] Além disso, Pedro proclamou, nos pátios

48. Joaquim Jeremias, *TDNT*, vol. 4, pp. 859-63; Longenecker, *Acts*, p. 343; Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 269.

do templo, o cumprimento da profecia de Moisés (3.22). Portanto, todos no Sinédrio sabiam que nenhum outro tinha vindo como o profeta predito por Moisés, senão Jesus de Nazaré.

38. "Este é o que esteve na assembléia no deserto com o anjo que lhe falava no Monte Sinai e com nossos pais. Ele recebeu oráculos vivos para passá-los a nós."

a. "Este é o que esteve na assembléia." Uma vez mais Estêvão ressalta que Moisés é aquele quem revela a lei de Deus. O que foi que Moisés fez? Ele serviu de mediador entre Deus e o povo de Israel quando Deus lhes deu os Dez Mandamentos no deserto no Monte Sinai (Êx 20.1-17). Moisés estava na assembléia. O grego, nesse ponto, traz a palavra *ekklēsia*, que literalmente quer dizer "igreja.".[49] O termo descreve, naturalmente, o povo de Israel reunido no Monte Sinai para ouvir Deus entregar o Decálogo (veja Dt 4.10). As traduções modernas trazem, então, a tradução *assembléia* ou *congregação*. F. F. Bruce comenta: "Como Moisés era com a ἐκκλησία outrora, assim Cristo é com a ἐκκλησία hoje, e ela ainda é uma ἐκκλησία peregrina, 'a assembléia no deserto'".[50] Moisés não recebeu a lei no tabernáculo quando Deus habitava no meio dos israelitas, mas recebeu o Decálogo no topo do Monte Sinai. Note que anteriormente Deus o havia comissionado perto dessa mesma montanha (Êx 3.1).

b. "O anjo que lhe falava ... e [com] nossos pais." O relato do Antigo Testamento revela que o próprio Deus falou aos israelitas do Monte Sinai (Êx 20.1; Dt 5.4). Posteriormente, o próprio Deus entregou duas tábuas de pedra a Moisés, nas quais ele havia escrito os Dez Mandamentos (Êx 31.18; Dt 9.10). Mas a tradição judaica, que Estêvão transmitiu ao Sinédrio, ensinava que um anjo serviu como mediador entre Deus e o homem e dessa maneira comunicou a sua lei ao povo.[51]

c. "Ele recebeu oráculos vivos para passá-los a nós." Moisés recebeu numerosos mandamentos (além do Decálogo) os quais ensinou ao povo. Estêvão chama essas leis de "oráculos vivos". O termo *oráculo* significa "um dito curto" e de modo hábil descreve cada mandamento

49. Veja KJV, RV, ASV.

50. Bruce, *Book of the Acts*, p. 142 n. 57.

51. Veja especialmente SB, vol. 3, pp. 554-56. Comparar ainda com 7.53; Gálatas 3.19; Hebreus 2.2.

que Deus deu a Moisés. Quando Estêvão diz que esses oráculos são vivos, ele prova para a sua platéia que tem o mais alto respeito pela lei de Moisés. Não devemos interpretar a palavra *vivos* como significando que Deus emitiu essas leis em viva voz ou que as leis em si concedam vida.[52] Isso é auto-evidente. Esses oráculos não são fósseis que o tempo preservou na rocha. Pelo contrário, Moisés diz aos israelitas que a lei de Deus é a vida deles, pois com ela eles podem viver a vida terrena em sua plenitude (Dt 30.19,20; 32.46,47). A Escritura declara, repetidas vezes, que a Palavra de Deus é viva (por exemplo, Hb 4.12).

39. "Todavia, nossos pais se recusaram a obedecer; eles o rejeitaram e no coração retornaram ao Egito."

Estêvão chama os israelitas rebeldes no deserto de "nossos pais", de quem ele e seus ouvintes são descendentes físicos. Nossos pais, diz ele, não quiseram obedecer a Moisés e aos ensinamentos da lei. Estêvão não está interessado em recitar a história de Israel no deserto. Ele menciona que o povo rejeitou a liderança de Moisés e considerou voltar para o Egito. Estêvão alude ao fato dos doze espias retornando de sua missão de explorar Canaã. Apesar de dois deles, Calebe e Josué, terem exortado os israelitas a tomarem posse da terra, os outros dez espalharam notícias alarmantes de que Canaã era habitada por gigantes. Esses dez atemorizaram tanto as pessoas que elas disseram a Moisés e Arão que seria melhor voltar para o Egito e escolher um outro líder (Nm 14.4).

O tema de Israel rejeitando Moisés predomina no discurso de Estêvão (veja vs.27,35). É claro que o povo não voltou para o Egito, mas, exceto Calebe e Josué, todos os que tinham de 20 anos para cima pereceram no deserto. Mais uma vez fica patente o paralelo entre Moisés rejeitado por Israel no deserto e Jesus rejeitado pelos judeus. Os membros do Sinédrio eram descendentes físicos dos israelitas que repudiaram Moisés e desejavam voltar para o Egito.

40. "Eles disseram a Arão: 'Faça para nós deuses que vão adiante de nós. Pois este Moisés que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que foi feito dele'. 41. E fizeram um bezerro naqueles dias; eles ofereceram sacrifício ao ídolo e se alegraram nas obras de suas mãos."

52. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 77.

Os israelitas foram momentaneamente enganados pelos dez espias? Não, diz Estêvão. Rejeitaram a Deus o tempo todo, como mostra claramente a História. A despeito de tudo o que ele fez por seu povo –

> todos os milagres realizados no Egito,
> a travessia do Mar Vermelho,
> a maná diário e a provisão de água para beber,
> a nuvem que os protegia do sol quente do deserto,
> a coluna de fogo que os protegia de noite

– mesmo assim os israelitas pediram a Arão que fizesse ídolos para que os guiassem.

Estêvão cita, quase que palavra por palavra, a tradução grega do Antigo Testamento. Enquanto Moisés se encontrava no Monte Sinai recebendo a lei, o povo disse a Arão: "Faça para nós deuses que vão adiante de nós. Pois este Moisés que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que foi feito dele" (comparar com Êx 32.1,23). Eles mostram que não depositaram a confiança no Deus de Israel e desejam adorar os ídolos do Egito. Rejeitam o único e verdadeiro Deus em favor de imagens feitas por mãos humanas, afirmando que tais objetos sem vida os conduzirão. Note que pedem "deuses", ainda que o único ídolo moldado por eles seja o bezerro de ouro.

E mais, os israelitas rejeitaram Moisés como seu líder em linguagem afrontosa: "Quanto a esse Moisés que nos tirou do Egito" (NVI). Eles sabem que Moisés tinha subido ao cume do Monte Sinai para receber a lei de Deus, porém expressam sua impaciência: "Não sabemos o que foi feito dele". Setenta líderes de Israel, Arão e seus filhos Nadabe e Abiú, subiram ao Monte Sinai junto com Moisés. Viram a Deus e desfrutaram de uma refeição da aliança na presença dele (Êx 24.9-11). Todas essas pessoas eram testemunhas que podiam testificar sobre a glória de Deus e a missão de Moisés, mas o povo se recusou a aceitar seu testemunho.

Nesse estado de mente, os israelitas quebraram deliberadamente a aliança que Deus fizera com eles (Êx 24.1-8) e com Abraão, seu pai espiritual (Gn 17.7). Desprezaram as ricas promessas que Deus lhes fizera e recusaram-se a aceitar e guardar a sua lei. Não há contraste maior do que aquele entre Moisés recebendo os Dez Mandamentos no

topo do Sinai e de Israel adorando um bezerro de ouro no pé desse monte.

Com essa ilustração tirada da história dos judeus, Estêvão reconta aos seus contemporâneos um capítulo que eles prefeririam ignorar. Aqui está o relato de um incidente no qual é retratado o pecado mais escabroso de Israel: a rejeição do Senhor Deus, a quem os israelitas substituíram por um bezerro de ouro.[53]

"Fizeram um bezerro naqueles dias." Não foi Arão, a quem escolheram como líder para substituir Moisés, mas o próprio povo que moldou um ídolo na forma de um bezerro. Na realidade, o bezerro era retratado como do sexo masculino e símbolo de fertilidade. Os estudiosos deduzem que os israelitas o fizeram de madeira e o banharam em ouro, pois Moisés o queimou com fogo e fez dele pó (Êx 32.20).

"Eles ofereceram sacrifício ao ídolo e se alegraram nas obras de suas mãos." Os israelitas transgrediram deliberadamente a lei de Deus que proíbe ter outros deuses perante ele, não fazer ídolo de nada, nem se curvar e adorar ídolo algum (Êx 20.1-4; Dt 5.7,8). Eles apresentaram ofertas queimadas e de comunhão àquele ídolo e depois entregaram-se a uma celebração com comida, bebida e folia (Êx 32.6). No grego, o verbo *se alegraram* indica que as festividades prosseguiram durante algum tempo.

42. "Mas Deus virou-lhes as costas e os entregou ao culto das hostes dos céus, assim como está escrito no livro dos profetas:

'Vocês não me trouxeram sacrifícios e ofertas
durante quarenta anos no deserto,
Ó casa de Israel, trouxeram?
43. Vocês levaram consigo a tenda de Moloque
e a estrela do seu deus Renfã,
e as imagens que fizeram para as adorar.
Eu banirei vocês para além de Babilônia'."

Observe os seguintes pontos:

a. *O juízo de Deus* – Aqui Estêvão muda, deixando de seguir a

53. Consultar o Talmude Babilônico, por exemplo *Shabbath* 17a, *Megillah* 25b, *Sopherim* 35a. Veja ainda A. Pelletier, "Valeur Évocatrice d'un Démarquage Chrétien de la Septante", *Bib* 48 (1987): 388-94.

seqüência histórica do pecado de Israel, para fazer observações pertinentes. "Deus virou-lhes as costas", diz ele. Essa cláusula não deve, no entanto, ser entendida como significando que Deus meramente se afastou desgostoso. Apesar de o Senhor estar aborrecido, ele tira a desforra trazendo infortúnio sobre aqueles que pecaram contra ele (comparar com Js 24.20; Is 63.10). Mesmo tendo sido bom para com o seu povo, ele agora retém a sua bênção e lhes vira as costas.[54]

"[Deus] os entregou ao culto das hostes dos céus." Aqui está um texto paralelo à descrição de Paulo do povo que se entrega ao pecado. Deus permite que o pecado siga seu curso desastroso na vida deles como justo castigo por sua desobediência (Rm 1.24,26,28). As hostes dos céus representam os corpos celestes (sol, lua e estrelas), os quais Israel adorou primeiro secretamente, e mais tarde abertamente. Em lugar de adorar o Criador, os israelitas erguiam os olhos contemplando as esferas criadas e as reverenciavam.[55]

b. *Registro histórico* – Estêvão se volta agora para o livro dos doze profetas menores, que os judeus consideravam como um só livro no cânon do Antigo Testamento. Ele cita quase que literalmente da tradução em grego de Amós 5.25-27.[56] Nessa passagem, o profeta revela o desagrado de Deus com Israel, primeiro no período da viagem pelo deserto, e depois durante a época dos reis de Israel e Judá até o exílio babilônico.

Deus faz uma pergunta de efeito que os israelitas têm de responder negativamente. "Vocês não me trouxeram sacrifícios e ofertas durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel, trouxeram?" É claro que o povo ofereceu sacrifícios no deserto, conforme evidenciado pela instituição do sacerdócio araônico. Entretanto, durante o período da jornada pelo deserto, faltava muito, e muita coisa era negligenciada no culto verdadeiro. Os israelitas que tinham 20 anos de idade ou mais não serviam a Deus com dedicação e amor, pois o coração deles não era

54. Thayer, p. 590. Bauer (p. 771) sugere o "sentido não literal ... *Deus voltou* os israelitas para os corpos celestes, de forma que deveriam servi-los como deuses seus".

55. Veja Deuteronômio 4.19; 17.3; 2 Reis 21.3,5; 23.11; Jeremias 7.18; 8.2; 19.13; Sofonias 1.5.

56. Veja E. Richard, "The Creative Use of Amos by the Author of Acts", *NovT* 24 (1982): 37-53.

reto perante ele. Adoravam ídolos em vez de adorarem a Deus. Amós anunciou aos seus contemporâneos que Deus poderia passar sem sacrifícios, como o fizera no tempo do êxodo. Portanto, seus sacrifícios não os impediriam de ser exilados para a Babilônia.[57] Da mesma forma, os sacrifícios dos ouvintes de Estêvão não impediriam o templo de Jerusalém de sofrer final destruição (comparar com Lc 19.42-44). O culto a Deus não depende de sacrifícios.

c. *Culto às estrelas* – "Vocês levaram consigo a tenda de Moloque e a estrela do seu deus Renfã, e as imagens que fizeram para as adorar." O texto grego difere da fraseologia do Antigo Testamento em Amós 5.26, que traz:

> "Vocês levantaram o santuário de seu rei,
> o pedestal de seus ídolos,
> a estrela de seu deus –
> que fizeram para si." [NVI]

Exceto para ressaltar a diferença na fraseologia dessa passagem, não entraremos numa discussão a respeito dessas variações. O texto grego menciona dois nomes: Moloque e Renfã. Esses dois nomes aparecem apenas uma vez cada um no Novo Testamento. Moloque era o deus fenício-cananeu do céu e do sol",[58] ou o planeta Vênus.[59] Renfã (com muitas variações na maneira de escrever) é outro nome para o planeta Saturno. Em suma, ambos os nomes se referem ao culto a corpos celestes.

Em sua adoração, os israelitas haviam degenerado até prostrarem-se perante as estrelas do céu. Talvez já o estivessem fazendo durante o período de quarenta anos, porque o texto declara que levantaram o santuário de Moloque. Há um paralelo entre os idólatras carregando o tabernáculo de um deus pagão e os levitas transportando o tabernáculo do Senhor no deserto.

d. *Veredicto divino* – Na última frase da citação de Amós "eu bani-

57. São inúmeras e variadas as interpretações de Amós 5.25-27. Segui a sugestão de J. Ridderbos, *De Kleine Propheten: Hosea, Joël, Amos*, 2ª ed., série Korte Verklaring der Heilige Schrift (Kampen: 1952), p. 224.

58. Bauer, p. 526.

59. Veja J. Gray, "Molech, Moloch", *IDB*, vol. 3, p. 422b.

rei vocês para além de Damasco" (segundo a Bíblia em hebraico e a Septuaginta), Estêvão considera o texto sob o ponto de vista histórico. Ele livremente muda a palavra *Damasco* para "Babilônia" e obviamente tem em mente o exílio do reino de Judá para a Babilônia (comparar com 2Cr 36.15-21).

Considerações Práticas em 7.39-43

Durante seu ministério, Jesus muitas vezes disse aos seus seguidores que os campos espirituais estavam maduros para a colheita, apesar de os trabalhadores serem em número pequeno (Mt 9.37; Lc 10.2; Jo 4.35). No Pentecoste e depois dele, essas palavras provaram ser verdade quando milhares de milhares aceitaram Jesus como seu Senhor. A igreja cresceu, espalhando-se de Jerusalém a Samaria até os confins da terra.

Jesus nos instruiu a orar para que o Senhor da seara se deleitasse ao enviar trabalhadores para esse campo de ceifa. E muitos crentes respondem ao chamado para servir ao Senhor. Inúmeras pessoas ao redor do mundo pregam e ensinam o evangelho de Cristo a incontáveis milhões. Mesmo se esse evangelho já tiver circundado o globo e tiver sido proclamado em todas as principais línguas da terra, a população mundial está aumentando a passos mais largos do que o crescimento da igreja cristã. Milhares ainda não ouviram as boas-novas da salvação em Cristo.

No entanto, missionários trabalharam e estão trabalhando em alguns países do mundo sem alcançar resultados mensuráveis. Eles sentem a ponta aguda da rejeição pelo povo que pertence a outras religiões que contam com a proteção e apoio aberto dos governos de tais nações. Eles experimentam a animosidade de Satanás que está determinado a erradicar a influência do evangelho. Fica parecendo que estão sozinhos no serviço do Senhor. No século 19, Thomas Kelly expressou com eloqüência a rejeição pela qual os missionários passam muitas vezes:

> Quando nenhum fruto aparece para os alegrar,
> E parecem trabalhar em vão,
> Então pela misericórdia Senhor, chega perto deles,
> E sustenta então sua esperança que se afunda;
> E assim apoiados,
> Que o seu zelo se revigore.
>
> Em meio à oposição,

Que confiem, ó Senhor, em Ti;
Quando o êxito aparecer em sua missão,
Que teus servos sejam mais humildes.
Não os deixes jamais
Até que vejam a tua face no céu.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.41-43

Versículo 41

εὐφραίνοντο – o passivo imperfeito de εὐφραίνομαι (eu me alegro em) mostra ação contínua no passado. A causa do regozijo se encontra na frase preposicional ἐν τοῖς ἔργοις (nas obras), que possui uma conotação causal.

Versículo 42

ἔστρεψεν – de στρέφω (eu mudo de direção), falta um objeto direto ao aoristo ativo. O verbo não é reflexivo, e sim intransitivo, significando "virou as costas para".

Versículo 43

τὴν σκηνήν – note a mesma expressão no versículo subseqüente (v.44), em que ela quer dizer o tabernáculo do Senhor.

ἐπέκεινα – esse advérbio é forçado a servir como preposição para significar "além". Ele deriva de ἐπὶ ἐκεῖνα [μέρη], "para aquelas bandas".

---

g. *O Tabernáculo*

7.44-50

Nessa parte de seu discurso, Estêvão refuta habilmente uma das acusações feitas a ele: "você ensina que Jesus de Nazaré irá destruir o templo" (6.14). Ele mostra que, apesar de Israel ter tido um tabernáculo e agora ter um templo, Deus não está limitado a uma estrutura feita por mãos humanas.

44. "Nossos pais tinham o tabernáculo do testemunho no deserto, conforme Deus, que falou a Moisés, lhe havia ordenado construir segundo o modelo que ele tinha visto."

a. "Nossos pais tinham o tabernáculo do testemunho." Em seu dis-

curso Estêvão emprega a expressão *nossos pais* oito vezes.[60] O termo se aplica aos antepassados seus e de sua platéia, dos filhos de Jacó aos israelitas que conquistaram Canaã. A despeito da desobediência dos pais às instruções de Deus, Estêvão ainda os chama respeitosamente de "nossos pais". Na aplicação de sua fala (vs. 51-53), ele se dissocia daqueles pais e de seus ouvintes e diz "seus pais e vocês" (vs. 51,52).

Aqui Estêvão fala dos israelitas que construíram o tabernáculo no deserto. A esta estrutura ele chama de "tabernáculo do testemunho", que na verdade significa o tabernáculo que contém o testemunho das duas tábuas de pedra nas quais Deus gravou os Dez Mandamentos.[61] Nos livros de Moisés, essa tenda é também conhecida como "tabernáculo da reunião" (por exemplo, Êx 27.21). Seguindo a fraseologia da tradução da Septuaginta do texto de Êxodo 27.21, Estêvão usa o termo *tabernáculo do testemunho* para mais uma vez chamar a atenção para a lei de Moisés (6.11,13; 7.38). Além disso, ele elucida o ponto que Deus desejava habitar com seu povo no deserto. O Senhor lhes deu uma estrutura onde os israelitas poderiam adorá-lo e onde ele havia colocado o testemunho do Decálogo. Com certeza os israelitas haviam recebido um grande privilégio, pois agora possuíam uma estrutura visível com o testemunho da lei de Deus.

b. "Conforme Deus, que falou a Moisés, lhe havia ordenado."O plano de construir o tabernáculo não teve origem no homem, mas veio de Deus, que chamou Moisés ao topo do Monte Sinai. Ali Deus lhe revelou um modelo detalhado para a construção do tabernáculo (Êx 25.9, 40; 26.30; 27.8; Hb 8.5). Deus lhe mostrou um tabernáculo original do qual recebeu um modelo? Ou o padrão para edificar tal estrutura existia apenas na mente de Deus? Nós simplesmente não sabemos o que Moisés viu quando estava com Deus no Monte Sinai. Sabemos que Cristo Jesus, como Sumo Sacerdote, passou pelo tabernáculo celestial que é maior e mais perfeito do que aquele feito por Moisés no deserto (comparar com Hb 8.2; 9.11, 24). Mas onde a Escritura silencia, nós também devemos ser reticentes.[62]

---

60. Atos 7.11, 12, 15, 19, 38, 39, 44, 45.

61. Veja Êxodo 31.18; 32.15; 34.29. Para o termo *arca do testemunho*, veja Êxodo 25.22; 26.33,34; para as palavras *tabernáculo do testemunho*, veja Números 1.50; 17.7.

62. Consultar Kistemaker, *Hebrews*, pp. 219-20.

Deus deu a Moisés todas as instruções acerca da construção do tabernáculo e revelou a ele os artífices que escolhera para a obra (Êx 31.1-6). Enquanto Deus instruía Moisés a respeito do tabernáculo e seus operários, os israelitas adoravam o bezerro de ouro. O que se encontrava implícito na mensagem de Estêvão ao Sinédrio é que, apesar de Deus desejar que seu povo o adore, Israel se volta para outra direção em incredulidade. Ele alude também ao fato de que Israel estava sem um santuário até que Moisés construiu uma estrutura móvel chamada tabernáculo. Ele quer dizer que, segundo a Escritura, o culto a Deus não está limitado a um tabernáculo ou a um templo.

45. "E quando nossos pais o receberam de seus pais, eles o trouxeram juntamente com Josué, ao desapossarem os gentios, a quem Deus expulsou de diante deles. E ficou ali até o tempo de Davi."

Durante 38 anos os levitas deslocaram o tabernáculo de lugar para lugar no deserto, à medida que os isralitas viajavam rumo à Terra Prometida. Todos os de 20 anos de idade ou mais morreram no deserto, mas passaram o tabérnáculo à frente para a geração seguinte. Estêvão, respeitosamente, chama também essa geração de "nossos pais". Eram as pessoas que, sob a liderança de Josué, transportaram o tabernáculo atravessando o Rio Jordão (Js 3.14-17). Eles o carregaram para Canaã onde, depois de desalojar os cananeus, armaram-no em Silo (Js 18.1).

Estêvão segue mais uma vez a Escritura quando diz que Deus expulsou os cananeus (Js 23.9; 24.18). Portanto, ele concede a Deus a honra e o respeito pela conquista da Terra Prometida. O Senhor cumpriu a promessa de sua aliança com Abraão e os patriarcas, de que faria sua descendência habitar em Canaã (Gn 17.8; Dt 32.49).

O tabernáculo foi desenhado de forma que pudesse ser transportado durante a caminhada pelo deserto. Assim sendo, ele comunicava a aparência de temporalidade e a esperança de que seria substituído por uma edificação permanente. Como demonstra a história de Israel, o tabernáculo permaneceu em Silo até a época de Samuel (1Sm 4.3). Depois a arca de Deus foi levada para o campo de batalha, capturada pelos filisteus e devolvida aos israelitas. O povo de Quiriate-Jearim levou a arca para a casa de Abinadabe (1Sm 7.1), onde ela permaneceu até o tempo quando Davi se tornou rei. Durante o período dos juízes, os israelitas mostraram pouco interesse em adorar o Se-

nhor.[63] A arca ficou num lugar (Quiriate-Jearim; veja 2Sm 6.3) e o tabernáculo noutro (Nobe; veja 1Sm 21.1). Davi levou a arca para Jerusalém e a colocou numa tenda que fizera para ela (2Sm 6.17), enquanto o tabernáculo foi colocado em Gibeom (1Cr 16.39). Gibeom era situada a cerca de oito quilômetros a noroeste de Jerusalém.

46. "Ele achou favor nos olhos de Deus e pediu para que pudesse prover um lugar de habitação para o Deus de Jacó. 47. Mas foi Salomão quem construiu para ele uma casa."

a. "Ele achou favor nos olhos de Deus." Quando Davi trouxe a arca para Jerusalém, ele expressou ao profeta Natã seu desejo de construir um templo para Deus (2Sm 7.1,2; 1 Cr 17.1). Porém Deus instruiu Natã que dissesse a Davi que ele desejava que seu filho lhe edificasse a casa (2Sm 7.13; 1Rs 8.17-19). O salmista também revela que era desejo de Davi construir um lugar de habitação para o Deus de Jacó (Sl 132.4,5). De fato, Estêvão faz alusão às palavras do salmista.

Deus não permitiu que Davi construísse o templo porque ele era um guerreiro que havia derramado sangue (1Cr 22.8; 28.3). Quer dizer, Davi estava maculado devido ao derramamento de sangue. Contudo, passou o resto de seus anos produtivos fazendo preparativos para a construção do templo. Ele reservou prata, ouro, equipamentos, e os dedicou para o uso na casa de Deus (1Rs 7.51). Apesar de Deus ter Davi em alta estima, ele não lhe concedeu a honra de edificar o templo. Essa recusa, num certo sentido, aponta para o fato de que o culto a Deus pode acontecer sem um templo permanente. Se tal edificação fosse essencial, Deus não teria retardado sua construção.[64] Se Deus tivesse desejado a construção de um templo, ele teria tornado isso conhecido. A idéia surgiu de Davi e Deus concedeu sua aprovação.

b. "Um lugar de habitação para o Deus de Jacó." Algumas traduções trazem a seguinte interpretação: "para que ele pudesse prover um lugar de habitação para a casa de Jacó".[65] A tradução *casa* em vez de "Deus" conta com o apoio de excelentes manuscritos gregos, mas a evidência textual para ambos os vocábulos está dividida. Entre as duas

63. Veja Charles L. Feinberg, "Tabernacle", *ZPEB*, vol. 5, p. 578.

64. Consultar Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 232.

65. Por exemplo a BJ e a NAB. Algumas edições do Novo Testamento Grego também preferem a tradução *a casa de Jacó*; veja Nes-Al (25ª ed.), United Bible Societies (3ª ed.).

opções, a tradução *casa de Jacó* é a mais difícil de se explicar.[66] E a antiga regra de que a versão mais difícil tem mais probabilidade de ser a original é significativa. Mas mesmo quando isso é dito, ainda indagamos o que a palavra *casa* quer dizer no contexto. A corrente de pensamento, especialmente no que se refere ao versículo seguinte (v. 47), parece favorecer da leitura *o Deus de Jacó*.

c. "Mas foi Salomão quem construiu para ele uma casa." Salomão, filho de Davi, um homem de paz, construiu o templo de Jerusalém. Quando a edificação foi concluída, Salomão se deu conta de que Deus não poderia ser contido dentro das paredes de uma estrutura feita por mãos humanas (1Rs 8.27; 2Cr 2.6). Salomão confessou que o templo que construíra era apenas um lugar onde as pessoas poderiam oferecer seus sacrifícios. Nem mesmo os céus, disse ele, podem conter Deus.

Chegando ao término de seu discurso, Estêvão resume seu tema de que o culto a Deus não está confinado a um lugar em especial. Ele diz:

48. "Entretanto, o Altíssimo não vive em casas feitas por mãos humanas. Como diz o profeta:

49. 'O céu é o meu trono,
e a terra o estrado dos meus pés.
Que casa vocês vão construir para mim?
diz o Senhor.
Ou que lugar existe para o meu descanso?
50. A minha mão não fez todas estas coisas?'"

Fazemos as seguintes observações:

a. *Contraste* – Quão grande é o nosso Deus? Na realidade, essa é a pergunta que Estêvão faz aos membros do Sinédrio. Certamente Deus, que criou o universo, não pode ser confinado a um prédio localizado em Jerusalém. A Escritura ensina claramente essa verdade.[67] Nessa sua declaração enfática "o Altíssimo não vive em casas feitas por mãos humanas", Estêvão contrasta os extremos. Coloca Deus, Criador e Sustentador do universo, em oposição aos seres humanos que erguem para ele um templo. Como Deus está em toda parte, ele não tem necessidade alguma de ter um lugar específico para adoração.

66. Para uma discussão detalhada, veja Metzger, *Textual Commentary*, pp. 351-53.
67. Por exemplo, 1 Crônicas 2.6; Salmo 139.7-16; Isaías 66.1,2; Jeremias 23.24; Atos 17.24.

b. *Intento* – É verdade que na Escritura do Antigo Testamento Deus fala repetidas vezes sobre o lugar onde possa colocar seu nome.[68] O nome de Deus significa sua presença, que é garantida no templo, porém o próprio Deus transcende a toda a criação.[69] No tempo do exílio o templo de Salomão se encontrava em ruínas. Entretanto, o povo continuava a adorar a Deus na Babilônia e em outros lugares de desterro. Além do mais, o Santo dos Santos no templo que Herodes construíra estava vazio porque a arca da aliança e seu conteúdo haviam sido destruídos ou perdidos (Jr 3.16). Mas note o propósito desse templo. Quando Jesus o limpou porque seus pátios eram "covis de salteadores", ele disse que a intenção de Deus era a de que o templo fosse uma casa de oração para todas as nações (Mc 11.17; e Is 56.7).

c. *Profecia* – Em lugar de citar as palavras da oração de Salomão (1Rs 8.27), Estêvão volta-se para a profecia de Isaías:

> O céu é o meu trono,
> e a terra o estrado dos meus pés.
> Que casa vocês vão construir para mim?
> diz o Senhor.
> Ou que lugar existe para o meu descanso?
> A minha mão não fez todas estas coisas? [66.1,2]

Assim como fez com todas as outras citações do Antigo Testamento, Estêvão recita o texto da Septuaginta quase que palavra por palavra, que é virtualmente idêntico ao da Bíblia em hebraico.

A profecia de Isaías segue imediatamente a passagem na qual ele fala de um novo céu e uma nova terra. O profeta fala agora de juízo e pergunta onde os israelitas irão construir uma casa para Deus ou onde ele poderá ter um lugar de descanso. O Senhor diz que habita no céu e na terra, e que todas as coisas foram feitas por ele. Ao fazer essas perguntas, Deus infere que o templo será destruído, mas a adoração continuará. Quem são os verdadeiros adoradores? O Senhor diz: "Mas eu cuido dos pobres e dos arrependidos, dos que me temem e obedecem às minhas leis" (Is 66.2b – GNB).[70]

---

68. Deuteronômio 12.5, 11, 21; 14.23; 1 Reis 3.2; 14.21; 2 Crônicas 12.13.
69. Consultar Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 650.
70. T. C. G. Thornton sugere que um midrash aramaico (relacionado ao Targum Jônatas)

d. *Prova* – O que Estêvão está tentando comunicar ao citar a profecia de Isaías? Em seu discurso ele aponta para Abraão, José e Moisés para provar que Deus não pode ser contido em qualquer lugar específico de culto. Logo, a profecia de Isaías que registra palavras ditas pelo próprio Deus, revela claramente que ele é ilimitado e onipresente. Então, por que os membros do Sinédrio reagem violentamente a essas palavras da Escritura? Na mente do judeu, Israel era o centro de todas as nações; o centro de Israel era Jerusalém, a cidade de Deus; e o centro de Jerusalém era o templo onde Deus habitava. Qualquer pessoa que ousasse depreciar essas crenças ortodoxas, mesmo se citasse a Escritura para provar seu argumento, estaria se arriscando a morrer por apedrejamento. Estêvão, no entanto, não se opõe ao templo em si, mas à importância demasiada que os judeus de seu tempo davam à adoração no templo.

Considerações Práticas em 7. 44-50

"Creio na santa igreja universal." Essa é uma das declarações do Credo Apostólico confessado pelos cristãos do mundo inteiro. A igreja é universal, isto é, onde quer que os crentes se reúnam em nome de Cristo, ali a igreja está presente. Em alguns lugares os crentes se reúnem em magníficas catedrais ou edifícios majestosos. Outras vezes os cristãos se reúnem para o culto em salões alugados, galpões de lojas e lares. Nos países onde a perseguição constitui a ordem do dia, os crentes se congregam secretamente ao ar livre em florestas e cavernas. Mas onde quer que estiverem dois ou três reunidos para a adoração no nome de Cristo, ali Jesus estará no meio deles (Mt 18.20).

As liturgias diferem em todas essas igrejas. Algumas não possuem qualquer acompanhamento musical, em outras o órgão ou o piano acompanham o cântico congregacional, e ainda em outras os violões, flautas ou tambores fazem parte do culto. A variedade de instrumentos musicais usados para louvar a Deus é refletida no último salmo do Saltério (Sl 150), onde o salmista menciona a harpa, a lira, o tamborim, instrumentos de cordas, flauta e címbalos.

considera Isaías 66.1 uma profecia acerca da destruição do templo de Salomão. Se essa interpretação fosse conhecida no primeiro século, Estêvão poderia ter usado a profecia de Isaías para prever a ruína do templo de Herodes. "Stephen's Use of Isaiah LXVI. 1", *JTS* 25 (1974): 432-34.

Na igreja cristã, o denominador comum que leva todos os crentes a cultuar juntos é esse: eles adoram a Deus em espírito e em verdade (Jo 4.24). Isso quer dizer que no culto de adoração, Deus é o anfitrião que convida a todos os que crêem a se achegarem em sua presença. Em outras palavras, Cristo como o noivo e a igreja como a noiva se encontram em alegre celebração.

Jesus, onde quer que teu povo se reúna,
Ali contemplam teu trono de misericórdia;
Onde quer que te busquem, tu és encontrado,
E todo lugar é chão sagrado.

Que possamos provar aqui o poder da oração,
Para fortalecer a fé e banir as preocupações;
Para ensinar a erguer nossos desejos enfraquecidos,
E trazer todo o céu perante nossos olhos.

– William Cowper

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.46 e 48

Versículo 46

εὑρεῖν – esse é o infinitivo aoristo ativo do verbo εὑρίσκω (eu encontro). No aoristo ele expressa ação simples. O verbo não transmite o sentido de se descobrir algo, mas de obtê-lo.[71]

Versículo 48

οὐχ – apesar dessa partícula negar o verbo κατοικεῖ (ele habita), ela aparece em primeiro lugar na sentença para dar-lhe ênfase. Além disso, está separada do verbo pelo sujeito da sentença ("o Altíssimo") e por uma frase preposicional ("em [casas] feitas por mãos humanas"). O resultado é uma negação enfática.[72]

O verbo κατοικεῖ é um composto no sentido perfectivo e transmite a idéia de permanência. Veja também 17.24, onde Paulo emprega virtualmente a mesma expressão.

---

71. Bauer, p. 325.
72. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 433.1.

h. *Aplicação*

7.51-53

Como qualquer orador público sabe, o apoio ou rejeição demonstrados pela platéia não precisam ser expressos verbalmente. Estêvão começa seu discurso com as palavras *homens, irmãos e pais*. Mas à medida que desenvolve sua exposição e fala acerca do templo de Jerusalém, ele enfrenta um público hostil que se recusa a ouvir a palavra de Deus. Ainda que não tenha mencionado o nome de Jesus em toda a sua apresentação, ele percebe que os judeus já chegaram à sua própria conclusão no que se refere à visão de Estêvão sobre a adoração no templo. Ele sabe que sua platéia o força a encerrar seu discurso. Por essa razão ele muda abruptamente o estilo; confronta diretamente os membros do Sinédrio com uma penetrante conclusão; e em linguagem imaginosa mostra-lhes que estão fora da aliança de Deus.

51. "Vocês, povo de dura cerviz, incircuncisos de coração e ouvidos. Vocês estão sempre resistindo ao Espírito Santo. Como os seus pais fizeram, assim também vocês o fazem."

a. "Vocês, povo de dura cerviz." Estêvão escolhe cuidadosamente suas palavras ao se dirigir à suprema corte. Ele seleciona uma expressão que Deus empregou para descrever os israelitas rebeldes quando adoraram o bezerro de ouro: "povo de dura cerviz" (Êx 33.3, 5).[73] E seus ouvintes não tiveram dificuldade alguma em entender o termo e seu cenário histórico. A expressão *dura cerviz* tem origem no mundo agrícola da época, empregada para os bois ou cavalos que se recusavam a aceitar o jugo que os fazendeiros tentavam colocar em torno do pescoço deles. A expressão é sinônimo de "desobediência".

b. "Incircuncisos de coração e ouvidos." Essa expressão é até mais pungente do que a anterior. Para os judeus, o termo *incircunciso* se refere a todas as pessoas que não fazem parte da aliança firmada com Abraão. Na comunidade judaica, toda criança do sexo masculino era circuncidada ao oitavo dia e entrava na aliança. Assim, para Estêvão dizer que seus ouvintes eram incircuncisos equivalia a dizer que eles eram gentios. Mas ele está usando as palavras que Deus empregou para descrever os israelitas no deserto e que os profetas usaram quando

73. Veja também Êxodo 32.9; 34.9; Deuteronômio 9.6; 10.16; 31.27.

os judeus se encontravam exilados.[74] Deus instou com o povo judeu para que circuncidassem o coração (Dt 10.16, 30.6; Jr 4.4), querendo dizer que deveriam abrir o coração e os ouvidos para ouvir obedientemente os mandamentos de Deus.

Com esses termos do Antigo Testamento, Estêvão declara que seus ouvintes se acham fora da aliança, porque, por se recusarem a ouvir a Palavra de Deus, eles quebraram seus compromissos.[75] Eles têm o sinal exterior no corpo físico, mas falta-lhes o sinal interior – um coração regenerado pelo Espírito Santo (Rm 2.28-30).

c. "Vocês estão sempre resistindo ao Espírito Santo." Estêvão se dirige enfaticamente ao seu público usando o pronome pessoal *vocês*. Ele novamente alude ao Antigo Testamento, onde Isaías comenta que a despeito do amor e misericórdia de Deus, seu povo se rebelou e entristeceu o Espírito Santo (63.10; e veja Sl 106.33). Os judeus sabiam que se se rebelassem contra o Espírito de Deus, pecariam dolorosamente. Então Deus se voltaria contra eles, tornando-se seu inimigo.

d. "Como os seus pais fizeram, assim também vocês o fazem." Comparado ao Novo Testamento, as referências ao Espírito Santo no Antigo Testamento são poucas. Isso não quer dizer que o Espírito estivesse inativo. A Escritura ensina que o Espírito de Deus agia na era do Antigo Testamento nos filhos da promessa (veja Gl 4.28,29) e nos profetas (1Pe 1.10,11). Tanto os antepassados como os líderes nos dias de Estêvão resistiram continuamente ao Espírito Santo.

52. "Houve algum profeta que seus pais não perseguiram? Eles até mesmo mataram os que anunciaram a vinda do Justo, de quem vocês se tornaram agora traidores e assassinos, 53. vocês que receberam a lei transmitida por anjos, todavia não a guardaram."

a. "Houve algum profeta que seus pais não perseguiram?" Observe que Estêvão se separa distintamente de sua platéia e dos antepassados judeus. Enquanto anteriormente em seu discurso ele respeitosamente havia se incluído com as palavras *nossos pais*, agora, em tom de censura, diz "seus pais". Ele denuncia as ações dos antepassados, que obstinadamente perseguiram e até mesmo mataram os profetas que Deus

74. Levítico 26.41; Jeremias 9.25-26; Ezequiel 44.7, 9.
75. Veja Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 213.

lhes enviara. Um exemplo visível é o do profeta Elias, que se queixou a Deus dizendo que os israelitas haviam matado todos os profetas e agora o queriam matar (1Rs 19.10, 14; e comparar com Cr 36.16; Ne 9.26; Jr 2.30).

Os crimes cometidos pelos israelitas enchiam um capítulo vergonhoso na história de Israel, de forma que os judeus não podiam se gabar inequivocamente a respeito de seus antecessores (veja também Mt 5.12; 23.31). Por isso Estêvão faz uma pergunta de efeito, indagando se o Sinédrio poderia citar qualquer profeta a quem os pais não haviam perseguido. A resposta é: nenhum. Muitos profetas haviam tido morte de mártir no serviço para o qual Deus os chamara.

b. "Eles até mesmo mataram os que anunciaram a vinda do Justo." Os profetas, é claro, profetizaram acerca da vinda do Messias, que era a esperança e salvação de Israel. Dentre eles se encontrava Zacarias, filho de Joiada, cujo sangue foi derramado no pátio do templo (2Cr 24.21; Mt 23.35). Os judeus não somente "cuspiram no prato que comeram", como diz o ditado; eles quebraram o prato. Mataram os mensageiros que levavam as boas-novas sobre o seu libertador. A esse Libertador Estêvão chama de O Justo. Ele chama Jesus de O Justo em conformidade com a mensagem dos profetas que caracterizavam o Messias como o Justo Servo de Deus (Is 53.11; Jr 23.5; 33.15; Zc 9.9; veja ainda At 3.14; 22.14). O termo *Justo* era, presumivelmente, um título messiânico.[76]

c. "De quem vocês se tornaram agora traidores e assassinos." Aqui está a razão pela qual Estêvão se desagrega de seus ouvintes. Eles se acham na fileira dos assassinos, mas ele se coloca ao lado dos profetas. Eles traíram e mataram Jesus de Nazaré, mas ele testifica em favor de Cristo. Assim como Pedro lembrou os judeus de seu crime (3.14), assim também Estêvão, com ousadia, acusa o Sinédrio de trair Jesus por intermédio de Judas Iscariotes e de o assassinar com a ajuda dos soldados romanos. Os juízes da suprema corte de Israel mataram o Justo Servo de Deus.

d. "Vocês que receberam a lei transmitida por anjos." Esses juízes que ocupavam as cadeiras do tribunal conheciam a lei de Deus regis-

76. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 83.

trada no Antigo Testamento. Eles deram a Jesus a sentença de culpado e agora estão reunidos para julgar o próprio Estêvão.

O povo judeu recebera a lei de Moisés, diz Estêvão, pela mediação de anjos (veja v. 38; Gl 3.19; Hb 2.2). Apesar da narrativa histórica em Êxodo 20.1 revelar que Deus transmitiu os Dez Mandamentos verbalmente, a tradição judaica ensinava que os anjos eram intermediários enviados por Deus para transmitir a lei ao homem. A despeito da santidade da lei de Deus, os judeus se recusaram a obedecê-la. Estêvão acusa duramente o Sinédrio de desobediência.

Nós jamais ficaremos sabendo se Estêvão tinha planejado dizer mais alguma coisa. Seu extenso discurso chegou a um final abrupto quando os nobres membros da suprema corte saltaram-lhe em cima e arrastaram-no para fora a fim de matá-lo. Contudo, Estêvão havia se inocentado das falsas acusações que as testemunhas tinham proferido contra a sua pessoa. Ele não pregou o evangelho de Cristo como Pedro fizera em ocasiões anteriores (4.8-12; 5.29-32). Mas ao traçar paralelos, ele indubitavelmente apontou para Cristo.

Principais Temas do Discurso de Estêvão em 7.1-51

Estêvão a responde seus acusadores, não ponto por ponto, mas em estilo narrativo. A seqüência histórica é: Abraão, José, Moisés e a construção do templo. Em toda a sua narrativa ele tece seus temas refutando as acusações feitas contra si. Eis os temas:

a. *Deus* – Estêvão inicia seu discurso com as palavras *o Deus de glória*. Mostra que Deus chamou Abraão, esteve com José, comissionou Moisés, abençoou os israelitas com os Dez Mandamentos e concedeu favor a Davi. À medida que desenvolve seu tema, ele demonstra seu amor e profunda reverência por Deus. Logo, não tem base a acusação de que tenha blasfemado contra ele.

b. *Adoração* – Abraão adorou a Deus na Mesopotâmia, em Harã e em Canaã. José serviu a Deus no Egito, assim como Moisés também o serviu nesse lugar. O culto não está restrito a um lugar ou edificação específicos, pois o povo de Deus o adorou em vários locais e durante séculos mesmo sem um edifício. E quando o tabernáculo foi construído, ele não ficou fincado em caráter permanente, nem no deserto, nem tampouco em Israel. Estêvão conclui que nem mesmo o templo pode conter Deus. Portanto ele

apresenta uma visão compreensível de culto que anula a acusação de seus opositores de que ele falara contra o templo.

c. *Lei* – Estêvão dedica a maior parte de seu discurso a Moisés e relata como ele recebeu a lei no Monte Sinai. Ele mostra que Deus deseja obediência à sua lei, mas que os israelitas se recusaram a obedecer à sua Palavra. E mais, quando o Senhor enviou profetas a Israel levando profecias concernentes ao Messias, eles o perseguiram, chegando mesmo a matá-los. Não foi Estêvão, capaz de pregar habilmente a Palavra de Deus, aquele que rejeitou a lei, mas os judeus.

d. *Aliança* – Deus fez uma aliança com Abraão e com seus descendentes espirituais. O Senhor honrou a promessa feita a Abraão dando descendentes ao patriarca e a Terra Prometida à nação de Israel. Os israelitas falharam em cumprir a sua parte do pacto quando se recusaram a obedecer à Palavra de Deus. Por semelhante modo, os contemporâneos de Estêvão tinham o coração e os ouvidos incircuncisos, bem como resistiam ao Espírito Santo. Para eles, a aliança de Deus se tornara sem sentido.

e. *Jesus* – Apesar de Estêvão nunca mencionar Jesus, mesmo assim ele traça paralelos inconfundíveis entre Moisés e Cristo. Emprega expressões que falam da pessoa e da obra do Messias: o governante e libertador (v. 35), o Profeta (v. 37) e o Justo (v. 52). À semelhança de José e Moisés que foram rejeitados por sua própria gente, assim também Jesus foi recusado pelos judeus. Assim como os judeus assassinaram os profetas, do mesmo modo traíram e mataram Jesus.

Estêvão termina seu discurso lembrando seus ouvintes que eles receberam a lei, mas se recusaram a obedecê-la. As palavras parecem repetitivas e, portanto, supérfluas. Poderíamos esperar que Estêvão exortasse seu público a crer em Cristo. Mas não foi assim. Como John Albert Bengel acertadamente comenta: "quem crê [em] Cristo estabelece a lei; quem coloca Cristo de lado, coloca de lado a lei".[77] Em suma, segundo os judeus, qualquer pessoa que quebrar a lei é posta no mesmo nível do gentio.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.51-53

Versículo 51

ὑμεῖς – note que este pronome pessoal ocorre duas vezes no caso

77. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 583.

nominativo e uma no genitivo. O autor emprega os pronomes para efeito de ênfase.

Versículo 52

τίνα – o pronome interrogativo é seguido do partitivo genitivo.

τῆς ἐλεύσεως – o substantivo deriva do verbo ἔρχομαι (eu venho). Assim como o termo ὁ ἐρχόμενος (aquele que vem) é messiânico, assim também o é esse substantivo. Ele aparece uma vez no Novo Testamento.

Versículo 53

οἵτινες – no Novo Testamento, o pronome relativo indefinido muitas vezes tem uma conotação causal. Aqui também está inferida causa.[78]

εἰς – essa preposição é similar a ἐν (por) no sentido instrumental.

---

54. Quando ouviram isso, o coração deles foi aferroado e começaram a rilhar os dentes para ele. 55. Mas Estêvão estava cheio do Espírito Santo e olhou fixamente para o céu. Ele viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus. 56. Ele disse: "Olhem, eu vejo o céu aberto e o Filho do homem em pé à direita de Deus". 57. Com uma alta voz eles gritavam e cobriam seus ouvidos. Juntos se precipitaram contra ele, 58. jogaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depositaram suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo. 59. Enquanto jogavam pedras em Estêvão, ele orou: "Senhor Jesus, receba o meu espírito". 60. Ele caiu de joelhos e gritou em alta voz: "Senhor, não conte contra eles este pecado". E quando disse isso, ele adormeceu.

8 1a. Saulo consentiu na morte de Estêvão.

---

4. *A Morte de Estêvão*

7.54–8.1a

Se o Sinédrio reunido representava a suprema corte de Israel, então falhou em seguir o procedimento de praxe e não fez a Estêvão justiça alguma. Aliás, não foi pronunciado veredicto algum, e a sentença de morte executada pelo tribunal foi ilegal. Somente os romanos é que podiam emitir pena de morte (Jo 18.31). Cegos de raiva, os membros do Sinédrio mataram Estêvão sem nenhuma parecença de legalidade.

54. Quando ouviram isso, o coração deles foi aferroado e começaram a rilhar os dentes para ele.

---

78. Consultar Robertson, *Grammar*, p. 728.

Ao lermos o discurso de Estêvão, especialmente a conclusão, temos dificuldade em entender a reação do Sinédrio. Todavia, devemos examinar a narrativa sob o ponto de vista cultural do ambiente judaico.

a. "Quando ouviram isto." Estêvão tinha sido levado a julgamento porque ele supostamente havia falado contra a lei. Mas quando se defende relatando a história de Israel e resume seu pronunciamento fazendo o comentário de que os membros do Sinédrio são culpados da quebra da lei, ele passa a ser o promotor e seus ouvintes, os réus.[79] Quando Pedro se dirigiu ao Sinédrio em ocasião anterior, ele também inverteu as posições e direcionou as acusações contra seus juízes (4.12).

b. "O coração deles foi aferroado." Inicialmente, o julgamento de Estêvão produz a mesma reação que o julgamento dos apóstolos causou nos judeus (5.33). Ali, Pedro e os outros apóstolos falaram ao Sinédrio e, ao terminarem, os juízes estavam furiosos. Nessa ocasião, os sinedristas queriam matar os apóstolos, mas foram persuadidos a ouvir o conselho de Gamaliel. No julgamento de Estêvão, os judeus passam a rilhar os dentes para demonstrar sua maldade e desprezo (comparar com Sl 35.16). Eles são consumidos pela ira que os incita ao assassinato.

55. Mas Estêvão estava cheio do Espírito Santo e olhou fixamente para o céu. Ele viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus. 56. Ele disse: "Olhem, eu vejo o céu aberto e o Filho do homem em pé à direita de Deus."

Observe os seguintes pontos:

a. *Fé* – Em meio à tempestade fustigante no salão do Sinédrio, Estêvão parece estar numa ilha de serenidade. Mais uma vez Lucas relata que Estêvão fica cheio do Espírito Santo (veja 6.5, 10), que dessa vez o faz contemplar o céu. Aliás, na expressão *olhar fixamente para o céu* Lucas emprega as mesmas palavras que usou para descrever os apóstolos olhando para cima enquanto Jesus subia (1.10).

A Estêvão é permitido ver a glória de Deus, não numa visão, mas na realidade. No início do julgamento, seu rosto tinha um brilho celestial como a face de um anjo (6.15). Na conclusão do julgamento ele vê a glória de Deus. Apesar de a Escritura afirmar que ninguém pode ver

79. Veja Lenski, *Acts*, p. 301; e veja Williams, *Acts*, p. 132.

Deus e viver, sua glória foi muitas vezes revelada ao homem (comparar com Sl 63.2; Is 6.1; Jo 12.41).

Além de vislumbrar a glória de Deus, Estêvão vê Jesus em pé, e não assentado, à direita de Deus. Não precisamos nos deter muito na possível diferença entre estar em pé e estar sentado.[80] A posição de pé possivelmente denota que Jesus está dando as boas-vindas a Estêvão no céu (veja 1Rs 2.19). A expressão "à direita de Deus" se refere à mais alta honra concedida a Jesus quando de sua ascensão.

O julgamento de Estêvão lembra o de Jesus. Quando Cristo passou pelo julgamento perante o Sinédrio, o sumo sacerdote lhe perguntou se ele era o Filho de Deus. Jesus respondeu afirmativamente e acrescentou que seu público veria "o Filho do homem sentado à destra de poder e vindo nas nuvens dos céus (Mt 26.64; veja ainda Hb 1.3, 13).

b. *Cumprimento* – "Olhem, eu vejo o céu aberto e o Filho do homem em pé à direita de Deus." Estêvão convida seu público a olhar para o céu e ver Jesus em pessoa ocupando o seu lugar de honra. Ele o chama de "o Filho do homem", que é o título que Jesus usou exclusivamente para si a fim de revelar que ele cumprira a profecia messiânica que fala acerca do reinado do Filho do homem (Dn 7.13,14). Segundo os relatos dos evangelhos, as pessoas nunca se referem nem se dirigem a Jesus usando esse título. O comentário de Estêvão constitui exceção a essa prática. Por que ele emprega esse título? Porque reconhece plenamente que Jesus como o Filho do homem cumpriu a profecia messiânica (Dn 7.13,14) e a ele foram dados toda a autoridade, todo o poder e todo o domínio, tanto no céu como na terra (Mt 28.18).[81]

c. *Efeito* – O efeito que o convite de Estêvão causa aos sinedristas para olharem para o céu não é de admiração nem de temor reverente, mas de fúria e ódio. Os judeus consideram as palavras do mártir uma blasfêmia. Assim como o sumo sacerdote no julgamento de Jesus rasgou suas vestes sacerdotais e exclamou "Ele blasfemou" (Mt 26.65), assim também os membros do Sinédrio consideraram que Estêvão blasfemara o nome de Deus. Segundo a visão da crença hebraica daqueles

80. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 219. Observe também que em Apocalipse 5.6 Jesus é retratado como estando em pé, em vez de sentado em seu trono celestial.

81. Veja Bruce, *Book of the Acts*, p. 154.

líderes que declara "Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor"(Dt 6.4), Estêvão não mais ensina o monoteísmo. Quando ele diz que vê Jesus em pé ao lado de Deus, eles o ouvem dizer que Jesus é Deus. Logo, Estêvão é blasfemo.

De conformidade com a lei de Moisés, todo aquele que blasfemar o nome de Deus deve ser morto; os membros da assembléia devem lhe atirar pedras de maneira que morra (Lv 24.16). Em suma, os membros da suprema corte de Israel dizem que ficou provado serem verdadeiras as acusações de blasfêmia proferidas contra Estêvão pelos judeus helenistas, agora que ele alega que Jesus é Deus.

d. *Céu* – Onde fica o céu? Se visualizarmos Estêvão em pé no salão do Sinédrio, ele não poderia olhar para cima e enxergar o céu. O texto não dá indicação alguma de que a reunião tinha, nesse ponto, mudado para o lado de fora do prédio. Como explicamos a aparecimento de Jesus a Estêvão? Deus abriu os seus olhos para que ele visse o céu, e deu-lhe a capacidade de vislumbrá-lo como se estivesse próximo de si. Foi uma experiência semelhante à da conversão de Paulo na estrada de Damasco. Ele ouviu a voz de Jesus, porém seus companheiros ouviram apenas um som (9.7; comparar também com 2Rs 6.17). Assim então, o céu está acima e em torno de nós numa dimensão que somos incapazes de enxergar. Quando Deus abre os olhos dos crentes, como alguns cristãos experimentam no leito de morte, ele lhes permite enxergar dentro do céu.

57. Com uma alta voz eles gritavam e cobriam seus ouvidos. Juntos se precipitaram contra ele, 58. jogaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depositaram suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo.

A cena é quase cômica. Homens cheios de dignidade gritando a plenos pulmões e ao mesmo tempo colocando os dedos nos ouvidos para abafar o barulho ao seu redor. Mas o que estão fazendo é: ao gritar dão expansão à sua raiva, e ao tapar os ouvidos indicam sua recusa em ouvir Estêvão. Como juízes deixam de emitir a sentença de culpado, de forma que o julgamento em si se torna sem sentido.

Os membros do Sinédrio agarram Estêvão e o arrastam para fora dos muros da cidade. Ali pegam em pedras e começam a atirá-las nele.

Note que o Sinédrio age de acordo com as normas legais: a vítima deve ser morta fora da cidade a fim de eliminar o mal do meio de Israel;[82] as testemunhas que testificaram contra o réu devem jogar as primeiras pedras (Dt 17.7). Há um abundante suprimento de pedras em Israel, de modo que nos tempos antigos era comum a morte por apedrejamento em casos de transgressões, desde a adoração de outros deuses até a blasfêmia e o adultério.[83]

As duas ou três testemunhas que testificaram contra Estêvão (Dt 17.6,7) tomam agora pedras e começam a apedrejá-lo. Põem de lado suas vestes externas para facilitar o arremesso das pedras. Colocam essas capas aos pés de um jovem rapaz chamado Saulo. Essa é a primeira vez que o nome dele aparece em conexão com a morte de Estêvão. Saulo era um aluno de teologia, cujo professor Gamaliel servia como membro do Sinédrio (5.34; 22.3). Ele não somente ficou ali em pé observando a execução, como também consentiu na morte de Estêvão (8.1a). A atribuição *jovem rapaz* se aplica a uma pessoa com idade entre 24 e 40 anos.[84] Saulo (Paulo) provavelmente tinha 30.

A questão da legalidade da morte de Estêvão é muito difícil. A partir de todas as aparências, sua morte é resultado de uma ação da turba a qual os romanos não impediram. Não obstante, o governador romano poderia ter conduzido um inquérito, porque os judeus não podiam aplicar a pena de morte (Jo 18.31).[85] Esse poder pertencia ao governador romano. Para ilustrar: Josefo diz que o procurador (governador) romano Copônio, enviado à Judéia pelo imperador, "recebeu de Augusto plenos poderes, inclusive o de aplicar a pena de morte".

Se presumirmos que Estêvão morreu em 35 d.C., Pôncio Pilatos ainda era o governador da Judéia. Naquela época, os problemas de Pilatos resultantes de sua matança de inúmeros samaritanos no Monte Gerizim, eram evidência suficiente para exigir sua chamada de volta a Roma (36 d.C.) a pedido do governador da Síria.[86] Nesse clima político, os judeus não temeriam repercussões por matar Estêvão. Aliás, em

82. Veja especialmente Deuteronômio 13.5; 19.19; 21.21, 23; 24.7.
83. Consultar James C. Moyer, "Stoning", *ZPEB*, vol. 5, p. 524.
84. Bauer, p. 534.
85. Josefo, *War* 2.8.1 [117].
86. Josefo, *Antiquities* 18.4.1-3 [85-89].

seu último ano de governo, Pilatos havia perdido influência e autoridade na Judéia.

Note que já quando os apóstolos estavam sendo julgados, os membros do Sinédrio ficaram com tanta raiva deles que queriam matá-los (5.33). Por outro lado, quando Paulo, ao final de sua terceira viagem missionária, foi atacado por uma multidão na área do templo, o comandante das tropas romanas o protegeu (21.30-36). Isso foi durante o governo de Félix, que tinha total controle da Judéia. Mas quando o governador Festo morreu e seu sucessor Albino não havia ainda chegado em Jerusalém, os judeus, liderados pelo sumo sacerdote Ananos, mandaram matar Tiago, irmão de Jesus, em 62 d.C.[87] Portanto, concluímos que o Sinédrio executou Estêvão porque, naqueles dias, não tinha nada a temer de um fraco governador romano. Além do mais, Pilatos residia em Cesaréia, localizada à distância de dois dias de viagem de Jerusalém.

59. Enquanto jogavam pedras em Estêvão, ele orou: "Senhor Jesus, receba o meu espírito". 60. Ele caiu de joelhos e gritou em alta voz: "Senhor, não conte contra eles este pecado". E quando disse isto, ele adormeceu. 1a. Saulo consentiu na morte de Estêvão.

a. "Enquanto jogavam pedras em Estêvão." Pedra após pedra acerta o indefeso Estêvão. Enquanto o anjo da morte acena, ele articula uma oração semelhante a que Jesus fez na cruz: "Senhor Jesus, receba o meu espírito". Jesus se dirigiu ao Pai: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Mas Estêvão ora a Jesus e se identifica totalmente com aquele a quem já viu como o Filho do homem em pé ao lado de Deus (v. 56). Quando Estêvão ora, Jesus estende a mão ao primeiro mártir da fé cristã e recebe o seu espírito. Ele olha para Jesus, por assim dizer, e se entrega ao seu Senhor.

Nos momentos em que está morrendo, ao se ajoelhar em oração, Estêvão profere praticamente as mesmas palavras ditas por Jesus ao ser curcificado: "Senhor, não conte contra eles este pecado" (veja Lc 23.34). Mas a seqüência dessas duas falas pronunciadas na cruz foi revertida. Estêvão primeiro ora para que Jesus aceite o seu espírito, e depois ora para que o pecado de seus inimigos de assassinar um ho-

87. Josefo, *Antiquities* 20.9.1 [200]; veja Eusébio, *Ecclesiastical History* 2.23.21.

mem inocente seja perdoado. Ele se dirige ao Senhor. Esse título no contexto da passagem não se refere a Deus, mas a Jesus. Em sua oração, Estêvão também coloca Jesus no nível de Deus e dessa forma ora diretamente a ele. Um último comentário sobre essas orações: ainda que a fraseologia das orações de Jesus e Estêvão difiram, o sentimento que expressam é o mesmo. O importante é a identificação de Estêvão com Jesus.

A descrição que Lucas faz da morte de Estêvão é resumida, todavia em sua concisão ele fornece ao leitor informação suficiente sobre o mártir. Lucas apresenta um quadro de serenidade em meio à violência quando escreve que Estêvão adormeceu. Ele emprega um eufemismo para a morte. Durante toda a sua narrativa, ele mantém Estêvão no centro desse quadro.

b. "Saulo consentiu na morte de Estêvão." A primeira sentença do versículo seguinte e capítulo (8.1a) serve de ponte entre a narrativa precedente e a subseqüente. Pela segunda vez (veja v. 58), Lucas introduz Saulo (Paulo), a quem descreve agora como alguém que aprova a morte de Estêvão. O escritor infere que essa morte se torna um ponto decisivo para Saulo (22.20). Saulo é o sucessor de Estêvão para levar o evangelho aos judeus de fala grega e aos gentios. Em sua vida missionária, Paulo sofreu por Cristo dez vezes mais do que Estêvão (2Co 11.23-29). Refletindo sobre a morte de Estêvão e o consentimento de Paulo, Agostinho fez o seguinte poderoso comentário:

> Se Estêvão não tivesse orado,
> a igreja não teria tido Paulo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 7.54-60

Versículos 54,55

διεπρίοντο – para nota explicativa, veja 5.33.

πνεύματος ἁγίου – apesar de o comentário a respeito de Estêvão estar cheio do Espírito Santo também aparecer em 6.5, o escritor aqui menciona as três Pessoas da Trindade: Deus, Jesus e o Espírito Santo.

ἐκ δεξῶν – essa expressão é explicada em 2.33.

Versículo 56

διηνοιγμένους – o tempo perfeito nesse particípio denota efeito duradouro: o céu permanece aberto para Estêvão. O uso da voz passiva sugere que Deus é o agente na abertura do céu. E a forma composta do particípio significa que o céu está totalmente aberto para Estêvão. Somente em 2.34 e aqui, ocorre o substantivo plural τοὺς οὐρανούς (os céus); alhures em Atos, Lucas sempre emprega o substantivo singular *céu*. O plural é um hebraísmo.

Versículos 59,60

ἐλιθοβόλουν – o tempo imperfeito (veja também v. 58) descreve o processo de se atirar pedras.

Κύριε Ἰησοῦ – Estêvão ora "Senhor Jesus". Ao se dirigir a Jesus em oração, ele afirma a deidade de Cristo.

πὴ στήσῃς – essa é uma ordem negativa que contém o aoristo subjuntivo em lugar do aoristo imperativo. O aoristo indica ação única com resultados duradouros.

ἐκοιμήθη – vem do verbo κοιμάω (eu durmo), que na voz passiva significa "eu pego no sono". O aoristo denota ação de entrada. O uso desse verbo aponta indiretamente para a ressurreição do corpo.

Sumário do Capítulo 7

Em pé diante do Sinédrio, Estêvão inicia seu discurso dirigindo-se educadamente aos membros do tribunal. Ele prossegue contando a história de Israel e menciona Abraão. O patriarca foi chamado por Deus na Mesopotâmia e se fixou em Canaã, mas não foi dono de terra nem sequer do tamanho da planta de um pé. Deus lhe disse que seus descendentes seriam escravos durante quatrocentos anos e depois sairiam rumo a Canaã a fim de adorá-lo ali. Deus deu a Abraão a aliança da circuncisão.

José foi vendido como escravo ao Egito, porém mais tarde se tornou governador dessa nação. Durante uma fome, Jacó e sua família foram para o Egito. Apesar de ter morrido ali, ele foi sepultado em Canaã. Seus descendentes continuaram a aumentar em número e receberam tratamento cruel. Foram forçados a abandonar seus bebês recém-nascidos. Moisés nasceu e foi colocado fora, onde a filha de Fa-

raó o encontrou. Moisés foi educado na corte de Faraó, visitou os companheiros israelitas, matou um egípcio e fugiu para Midiã.

Depois de Moisés ter passado quarenta anos em Midiã, Deus o chamou das chamas de uma sarça ardente. O Senhor o enviou ao Egito para livrar seu povo da opressão. Realizando milagres, Moisés conduziu os israelitas para fora do Egito, através do Mar Vermelho e para o deserto. Ele testificou de Cristo, que viria como um profeta. Enquanto Moisés recebia a lei no Monte Sinai, os israelitas fizeram um ídolo na forma de um bezerro de ouro e o adoraram. Deus disse a Moisés que contruísse um tabernáculo segundo o modelo que ele lhe mostrara. O tabernáculo permaneceu com os israelitas até Salomão construir o templo.

Estêvão repreende os membros do Sinédrio por se mostrarem obstinados ao resistirem ao Espírito Santo. Lembra-lhes a vil história de Israel, que perseguiu e até mesmo matou os profetas, e lhes diz que eles são iguais aos seus antepassados. Os judeus ficam furiosos, ouvem-no dizer que ele vê Jesus em pé no céu ao lado de Deus, arrastam-no para fora da cidade e começam a lhe atirar pedras. Em seus momentos finais, Estêvão pede a Jesus que receba o seu espírito e que perdoe os seus inimigos.

8

A Igreja na Palestina

Parte 1

8.1b-40

ESBOÇO

8.1b-11.18	III. A Igreja na Palestina
8.1b-3	A. Perseguição
8.4-40	B. O Ministério de Filipe
8.4-25	1. Em Samaria
8.4-8	a. Proclamando Cristo
8.9-13	b. A Conversão de Simão
8.14-17	c. Com Pedro e João
8.18-23	d. Opondo-se a Simão
8.24,25	e. Conclusão
8.26-40	2. Ao Etíope
8.26-29	a. Viajando
8.30-33	b. Lendo
8.34,35	c. Explicando
8.36-40	d. Batizando

Capítulo 8

ATOS 8.1-3

8 1b. Naquele dia grande perseguição levantou-se contra a igreja em Jerusalém. Todos os crentes, exceto os apóstolos, foram espalhados pelas províncias da Judéia e Samaria. 2. Homens piedosos sepultaram Estêvão e lamentaram-no em alta voz. 3. Mas Saulo começou a destruir a igreja. Entrando de casa em casa, arrastava homens e mulheres e encerrava-os na prisão.

III. A Igreja na Palestina
8.1b-11.18

A. Perseguição
8.1b-3

Pelo Antigo Testamento ficamos sabendo que Jerusalém é uma cidade para onde todo judeu desejava ir. Na verdade, o último versículo da Bíblia Hebraica registra o decreto de Ciro permitindo a todo judeu ir para Jerusalém (2Cr 36.23).[1] Mas assim como no Antigo Testamento as pessoas eram atraídas para a cidade santa, no Novo Testamento elas são enviadas de Jerusalém para o mundo. Em outras palavras, no Antigo Testamento, Jerusalém exerce uma força centrípeta sobre os judeus; no Novo Testamento, ela exerce uma força centrífuga sobre os crentes.

Jesus disse aos apóstolos que fossem pelo mundo e fizessem discípulos de todas as nações (Mt 28.19,20). Eles proclamaram fielmente o evangelho de Cristo em Jerusalém, tanto que o número de crentes atingiu os milhares. Entretanto, a igreja não podia ficar limitada a Jerusalém, pois Jesus havia instruído os apóstolos a serem testemunhas em

1. As traduções da Bíblia seguem a Septuaginta no que diz respeito à seqüência dos livros. A Bíblia Hebraica começa com Gênesis e termina com 2 Crônicas.

Jerusalém, Judéia, Samaria e nos confins do mundo (1.8). Na providência de Deus, a perseguição que se seguiu à morte de Estêvão levou os crentes para a Judéia e Samaria e finalmente para as longínquas Fenícia, Chipre e Antioquia (11.19). Esses cristãos testemunharam a inúmeras pessoas, com o resultado de que a igreja continuava a crescer (11.20,21).

1b. Naquele dia grande perseguição levantou-se contra a igreja em Jerusalém. Todos os crentes, exceto os apóstolos, foram espalhados pelas províncias da Judéia e Samaria.

A morte de Estêvão marca o momento decisivo para a igreja de Jerusalém. De repente, um de seus líderes é caluniado pelos judeus de fala grega e levado preso. É posto perante o supremo tribunal de Israel a fim de ser julgado e é morto sem receber veredito. O povo de Jerusalém, por algum tempo, foi favorável aos cristãos, mas agora se torna hostil a ponto de persegui-los.

a. "Naquele dia." Essa expressão indica o dia durante o qual explodiu a perseguição contra os cristãos. Esta durou algum tempo, pois Saulo ia de casa em casa à procura de crentes. Em Atos, a palavra *perseguição* aparece apenas duas vezes (aqui e em 13.50). Lucas acrescenta o adjetivo descritivo *grande* para distinguir essa ocorrência da perseguição sofrida por Estêvão e os apóstolos.

b. "Todos os crentes, exceto os apóstolos, foram espalhados." Quem está incluído no termo *todos*? Três interpretações são possíveis:

A primeira é a de que literalmente todo crente sofreu perseguição e foi forçado a fugir de Jerusalém. Embora todos sentissem os efeitos da perseguição, alguns cristãos permaneceram na cidade. O texto indica que os apóstolos ficaram.[2] Além disso, presumimos que Maria, a mãe de Jesus, continuou a morar com o apóstolo João. A mãe de João Marcos, que possuía uma casa espaçosa, também permaneceu ali, ou, se saiu, voltou pouco tempo depois (12.12).[3]

Uma segunda possibilidade é que, devido ao fato de os judeus helenistas terem levado Estêvão, um judeu de fala grega, a julgamento,

2. Eusébio, *Ecclesiastical History* 5.18.14.

3. F. W. Grosheide, *De handelingen der Apostelen*, série Kommentaar of het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 249.

essas pessoas se voltaram agora contra os judeus cristãos helenistas e os forçaram a sair da cidade.

E a terceira interpretação é que, apesar de os cristãos de fala grega terem suportado o impacto da perseguição, os crentes de língua aramaica não ficaram isentos. O sumo sacerdote e seus associados crucificaram Jesus, prenderam Pedro e João, açoitaram os apóstolos e mataram Estêvão. Logo, presumimos que os líderes civis e religiosos do Sinédrio tiveram influência tanto na perseguição dos cristãos hebreus quanto na sua expulsão de Jerusalém.

E mais, quando Saulo (Paulo) ia de casa em casa procurando crentes, ele, provavelmente, não fazia nenhuma distinção entre os cristãos de língua grega e os de língua aramaica. Concluímos, pois, que não devemos interpretar o adjetivo *todos* com muita rigidez. Depois da perseguição, a vida na igreja de Jerusalém voltou gradualmente à normalidade, como é evidente pela seqüência histórica de Atos (veja, por exemplo, 9.26).

Geralmente os líderes de uma minoria perseguida estão entre os primeiros a serem presos. Mas no caso dos apóstolos não foi assim. Eles permaneceram em Jerusalém a fim de encorajar os cristãos que ficaram ali e aqueles que foram dispersos. A expressão *espalhados* é significativa para os judeus que viviam na dispersão, pois o exílio e as perseguições subseqüentes tinham afetado diretamente a vida deles. A igreja entra agora no período da dispersão (comparar com Tg 1.1 e 1Pe 1.1). Os profetas do Antigo Testamento ensinavam que quando um judeu vivia na dispersão (por exemplo, durante o exílio babilônico), ele estava recebendo o justo castigo de Deus por desobediências anteriores. Por outro lado, a igreja do Novo Testamento considerava a dispersão dos judeus como "o meio divino preparado com o fim de providenciar a cabeça de ponte para a expansão do evangelho em território estrangeiro".[4]

2. Homens piedosos sepultaram Estêvão e lamentaram-no em alta voz. 3. Mas Saulo começou a destruir a igreja. Entrando de casa em casa, arrastava homens e mulheres e encerrava-os na prisão.

4. George A. Van Alstine, "Dispersion", *IBSE*, vol. 1, p. 968.

a. *Tempo* – Quando Lucas relata que certos homens piedosos sepultaram Estêvão, dá a entender que isso aconteceu poucas horas depois de sua morte. Significa que a perseguição não havia sido ainda deflagrada, pois cristãos tementes a Deus podiam render sua homenagem a Estêvão e prantear sua partida. O sepultamento de Estêvão aconteceu naquele mesmo dia, porque os judeus não permitiam que um corpo contaminasse a terra. Mesmo que alguns judeus fossem conhecidos como piedosos (2.5),[5] não se podia esperar que eles lamentassem a morte de Estêvão. Assim sendo, penso que, imediatamente depois da execução, cristãos tementes a Deus removeram o corpo de Estêvão com o fim de prepará-lo para o sepultamento.

b. *Costume* – O Talmude judaico ensina que não deveria haver nenhum lamento por um criminoso morto por apedrejamento.[6] Mas, nesse caso, é provável que o costume não tenha sido observado, porque à morte de Estêvão faltou qualquer traço de legalidade. Não se sabe onde os homens sepultaram Estêvão, pois os criminosos eram sepultados costumeiramente num túmulo comum. Mas Jesus foi sepultado numa tumba particular, o que indica que os cristãos gozavam de uma certa medida de liberdade. Os crentes prantearam em alta voz a morte de Estêvão, o primeiro mártir cristão.

c. *Perseguidor* – "Mas Saulo começou a destruir a igreja." Essa é a terceira vez que Lucas menciona Saulo (7.58; 8.1a,3). Apesar de ser um discípulo de Gamaliel, Saulo não tinha a moderação de seu mestre. Pelo contrário, Lucas retrata-o como um homem (talvez de 30 anos de idade) determinado a eliminar a igreja de Jesus Cristo.[7]

Em seus discursos, Paulo indica que, cego pelo zelo, perseguiu muita gente. Ao serem mortos, ele dava o seu aval (26.10). Logo, seu assentimento na morte de Estêvão era apenas o início de uma carreira assassina.

Lucas apresenta Saulo como o inquiridor determinado a destruir a igreja, semelhante a uma besta selvagem quando agarra a sua presa.

---

5. Veja também 22.12, onde Paulo chama de judeu devoto a Ananias de Damasco. Ananias observava a lei e era um discípulo de Jesus.

6. *Sanhedrin* 6.6; veja também SB, vol. 2, p. 686.

7. Comparar com 9.1,21; 22.4,19; 26.10,11; Gálatas 1.13,23.

Indo de casa em casa, Saulo agarrava os cristãos e os entregava aos carcereiros. Continuamente arrastava homens e mulheres para a prisão, de onde eram levados para serem julgados, talvez na sinagoga local, (Mt 10.17) e punidos. Note-se que antes da prisão de Estêvão, somente os saduceus se opunham aos apóstolos (4.1). Na morte de Estêvão, os fariseus se juntaram à perseguição da igreja, como é evidenciado pelos atos de Saulo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.1b-3

Versículo 1b

διωγμός – do verbo διώκω (eu persigo), o substantivo com o final -μος indica ação que se encontra em progresso.

διεσπάρησαν – este é um verbo composto com significado diretivo.[8] A forma é aoristo passivo de διασπείρω (eu espalho para fora).

τῆς – note-se que um artigo definido precede os dois substantivos *Judéia* e *Samaria*. Devido à sua proximidade, essas duas províncias estão ligadas.

Versículos 2,3

κοπετόν – o substantivo derivado de κόπτομαι (eu bato em mim) descreve o pranteador que bate no peito para expressar sua tristeza.

ἐλυμαίνετο – o tempo imperfeito descreve ação contínua no passado. O imperfeito é incoativo: "ele começou a destruir".

---

4. Então os que haviam sido espalhados foram de lugar em lugar pregando a palavra. 5. E Filipe desceu à cidade de Samaria e pregava-lhes a Cristo. 6. As multidões prestavam muita atenção ao que Filipe dizia; ouviam-no e viam os milagres que realizava. 7. Espíritos maus, gritando em alta voz, saíam de muitas pessoas possessas; e muitos paralíticos e coxos eram curados. 8. Assim houve alegria naquela cidade.

9. Ora, um certo homem chamado Simão praticava artes mágicas naquela cidade e causava admiração ao povo de Samaria. Ele dizia ser alguém grande. 10. Todos, tanto grandes como pequenos, davam-lhe atenção e diziam: "Este homem é o poder de Deus, o poder que é chamado grande". 11. Davam-lhe ouvidos porque por longo tempo ele lhes havia causado espanto com seus truques de mágica.

---

8. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, (Nashville: Broadman, 1934), p. 581.

12. Mas quando começaram a crer em Filipe, que pregava as boas-novas acerca do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, tanto homens como mulheres iam sendo batizados. 13. Até mesmo o próprio Simão creu e foi batizado. Permanecia junto a Filipe, e à medida que via os grandes sinais e prodígios, ficava atônito.

14. Quando os apóstolos em Jerusalém ouviram que Samaria aceitara a palavra de Deus, enviaram-lhes Pedro e João. 15. Desceram ali e oraram por eles a fim de que recebessem o Espírito Santo, 16. porque o Espírito Santo não havia ainda descido sobre nenhum deles. Eles haviam sido apenas batizados no nome do Senhor Jesus. 17. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos e eles receberam o Espírito Santo.

18. Quando Simão viu que o Espírito era dado por meio da imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, 19. e disse: "Dá-me também este poder, para que todo aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito". 20. Pedro, porém, lhe disse: "Que sua prata pereça consigo, pois que você pensou em comprar o dom de Deus com dinheiro! 21. Você não tem parte nem sorte neste assunto, pois o seu coração não é reto diante de Deus. 22. Arrependa-se, pois, desta sua maldade e ore ao Senhor. Se possível, que o intento do seu coração possa lhe ser perdoado. 23. Pois vejo que você se encontra em fel de amargura e em laço de iniqüidade". 24. Então Simão disse: "Ore ao Senhor por mim para que nada do que você disse possa me sobrevir".

25. Ora, depois de Pedro e João testificarem e falarem a palavra do Senhor, retornaram a Jerusalém; e pregavam as boas-novas a muitas aldeias dos samaritanos.

26. Então um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: "Prepare-se e vá para o sul pela estrada que vai de Jerusalém a Gaza". (Esta é a estrada do deserto.) 27. Ele preparou-se e foi. Ora, um eunuco etíope, que era oficial da corte de Candace, rainha dos etíopes, e seu tesoureiro chefe, tinha ido a Jerusalém para adorar. 28. Ao voltar, sentado na sua carruagem, vinha lendo o livro do profeta Isaías. 29. E o Espírito disse a Filipe: "Vá em direção a esta carruagem e aproxime-se dela". 30. Então Filipe correu em sua direção e ouviu o etíope lendo no livro de Isaías, o profeta. Ele lhe perguntou: "Compreende o que vem lendo?

3l. Como posso se alguém não me explicar?", respondeu o oficial. Ele convidou Filipe a subir e sentar-se com ele. 32. Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta:

> "Ele foi levado como cordeiro para o matadouro,
> e, mudo como uma ovelha perante seus tosquiadores,
> assim não abriu a sua boca.
> 33. Na sua humilhação foi desprovido de justiça.
> Quem contará seus descendentes,
> porque sua vida na terra foi tirada?"

34. O eunuco disse a Filipe: "Diga-me, por favor, acerca de quem o profeta disse isso? Acerca de si mesmo ou de algum outro?" 35. Então Filipe começou a falar, e iniciando com essa passagem da Escritura, pregou-lhe as boas-novas de Jesus.

36. E ao seguirem estrada fora, chegaram a um lugar onde havia água. Disse o eunuco: "Olha! Eis água! O que me impede de ser batizado?" 37. [Veja o comentário.] 38. Ele mandou parar a carruagem. Ambos, Filipe e o eunuco, desceram à água e Filipe o batizou. 39. Quando saíram da água, o Espírito do Senhor tomou a Filipe, e o eunuco não mais o viu. E continuou sua jornada regozijando-se. 40. Mas Filipe apareceu em Azoto; e passando além, continuava a pregar em todas as cidades até que chegou a Cesaréia.

B. O Ministério de Filipe

8.4-40

1. *Em Samaria*

8.4-25

Dos sete homens nomeados pelos apóstolos para ministrarem às viúvas em Jerusalém, Estêvão e Filipe são os únicos cujas atividades Lucas registra. Ambos eram judeus de língua grega que pregaram o evangelho de Cristo ao povo judeu que não era de língua aramaica. Estêvão foi aos judeus helenistas em Jerusalém (6.9-10); Filipe foi a Samaria.

Quando a perseguição expulsou os cristãos de Jerusalém, eles dirigiram-se às áreas rurais da Judéia e Samaria. Ali testificaram de Jesus Cristo e tornaram conhecido o seu evangelho.

a. *Proclamando Cristo*

8.4-8

4. Então os que haviam sido espalhados foram de lugar em lugar pregando a palavra. 5. E Filipe desceu à cidade de Samaria e pregava-lhes a Cristo.

"O sangue dos mártires é a semente da igreja." Esse provérbio antigo provou ser verdadeiro para os cristãos perseguidos depois da morte de Estêvão. Eles fugiram de Jerusalém e iam de lugar em lugar nas regiões da Judéia e Samaria. Onde quer que fossem, pregavam as boas-novas e conseqüentemente fundavam igrejas.

Enquanto os judeus estavam habituados a evitar qualquer contato com os samaritanos, Jesus permaneceu com eles por dois dias, proclamou-lhes o evangelho e conquistou numerosos adeptos para a fé (Jo 4.39-42). Depois da morte de Estêvão, os judeus cristãos de Jerusalém

foram aos samaritanos com a mensagem da salvação. Um desses cristãos judeus era Filipe (não o apóstolo), o diácono que também foi chamado de o evangelista (21.8). Os apóstolos permaneceram em Jerusalém ao passo que Filipe viajou para uma proeminente cidade de Samaria. Ele podia identificar-se com os samaritanos, que adoravam no Monte Gerizim, pois tanto ele como os samaritanos estavam excluídos da adoração no templo de Jerusalém (Jo 4.20). Expulso de Jerusalém, Filipe sabia que Deus não está limitado a um local em particular, mas pode ser adorado em qualquer lugar.

Os tradutores encontram dificuldade em escolher a construção correta para o versículo 5. A evidência textual apóia fortemente a tradução: "Filipe desceu para *a* cidade de Samaria". Mas a maioria dos tradutores prefere outra forma: "Filipe desceu para *uma* cidade de Samaria". A capital Samaria, com o nome mudado por Herodes, o Grande, para Sebaste, era uma cidade gentílica dos tempos apostólicos. O contexto histórico parece favorecer uma cidade de menor importância, talvez Siquém (ou Sicar), localizada nas proximidades do poço de Jacó.[9] No entanto, Lucas não fornece o nome da cidade. Desse modo não podemos assegurar sua identidade.

Lucas escreve que Filipe pregou Cristo aos samaritanos. Eles não estavam mais excluídos das boas-novas (Mt 10.5), que é a mensagem universal de Deus para todos os povos. Como os samaritanos estavam, por assim dizer, a apenas meio passo dos judeus, foram os primeiros a ouvir o evangelho de Cristo, agora que os judeus haviam expulso os cristãos de Jerusalém.

6. As multidões prestavam muita atenção ao que Filipe dizia; ouviam-no e viam os milagres que realizava. 7. Espíritos maus, gritando em alta voz, saíam de muitas pessoas possessas; e muitos paralíticos e coxos eram curados. 8. Assim houve alegria naquela cidade.

"As multidões prestavam muita atenção." Notem-se estes dois paralelos:

9. Josefo, *Antiquities* 11.8.6 [340]. Outro lugar possível é a cidade samaritana de Gita. Justino Mártir, nascido em cerca de 100 d.C. em Samaria, escreve que essa é a cidade natal de Simão, o mágico (8.9). Veja *Apology* 1.26, de Justino.

Primeiro, há um paralelo entre a pregação dos apóstolos em Jerusalém e a de Filipe em Samaria. No dia de Pentecoste e em ocasiões posteriores, milhares de pessoas iam ouvir os apóstolos que pregavam o evangelho. Em Samaria, Filipe pregava e multidões iam ouvi-lo.

Em segundo lugar, note-se o paralelo entre os milagres realizados pelos apóstolos e Estêvão e por Filipe. Primeiramente Pedro, depois os apóstolos, e mais tarde Estêvão realizavam grandes milagres entre o povo.[10] Em Samaria, Filipe também realizava maravilhas e o povo ficava atento ao que ele dizia e fazia. Portanto, o dom especial de pregar e realizar prodígios não estava limitado aos apóstolos. Estêvão e Filipe, que foram nomeados para ajudar os pobres, também tinham esse dom.

Filipe atraía multidões em Samaria como resultado de seu ministério de pregação e cura. O grego indica que ele continuava a realizar milagres à medida que as multidões continuavam a ouvi-lo e a observá-lo. O povo dedicava total atenção a Filipe; por meio da pregação do evangelho e da evidência dos milagres divinos, abraçaram a fé em Cristo.

Quando Jesus começou seu ministério, Satanás se lhe opôs, fazendo com que seus espíritos malignos habitassem em inúmeras pessoas. Alguns desses demônios se encontravam nos cultos das sinagogas e identificaram Jesus como o Santo de Deus (Mc 1.23-26). Nos tempos apostólicos, a possessão demoníaca não diminuiu. Pedro expulsava demônios das pessoas que vinham a ele das cidades circunvizinhas a Jerusalém (5.16). Paulo exorcizou um espírito de uma moça escrava em Filipos (16.16-18) e expulsou demônios quando ele ensinava e pregava em Éfeso (19.12). Igualmente Filipe expulsou demônios dos samaritanos. Ele exorcizava os demônios que, ao deixarem a pessoa, anunciavam essa saída por gritos agudos. Eles sabiam que Filipe lhes falava no nome e no poder de Jesus. Em sua luta para alcançar judeus e gentios, Pedro, Paulo e Filipe sabiam que confrontavam a oposição de Satanás a Jesus Cristo.[11]

Filipe também curava os paralíticos e aqueles que eram coxos. Por meio de seu ministério, as pessoas recebiam cura física e espiritual.

10. Veja 3.6,7; 5.12,15-16; 6.8.

11. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 137.

Desse modo, Lucas relata que havia grande alegria nessa cidade samaritana. Um dos frutos do Espírito é a alegria (Gl 5.22), o que os cristãos demonstram especialmente logo que ficam conhecendo Jesus Cristo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.4-7

Versículo 4

οἱ μὲν οὖν – esta é uma expressão de continuidade que é transicional.[12]

Versículo 5

κατελθών – o verbo composto no particípio aoristo ativo é diretivo e ao mesmo tempo descritivo. Alguém sobe para Jerusalém ou desce de lá para ir para outro lugar.

τὴν πόλιν – é forte o apoio do manuscrito para a inclusão do artigo definido e, assim, exige que seja conservado. Entretanto, como Lucas não revela nenhum nome de lugar, os tradutores são a favor da eliminação.[13]

αὐτοῖς – gramaticalmente, este pronome deveria estar no singular. O masculino plural é usado para se referir a pessoas.[14]

Versículo 6

προσεῖχον – o imperfeito denota ação contínua; o composto significa "preste atenção a". Literalmente significa "eles continuavam a manter [a mente] em".

ἐν τῷ ἀκούειν – esta é uma construção gramatical favorita nos escritos de Lucas e aparece com freqüência. Expressa tempo: "enquanto ouviam".

Versículo 7

πολλοί – este caso nominativo no plural não pode ser sujeito do verbo ἐξῆρχοντο (eles saíram). O sujeito é o acusativo plural πνεύματα (espíritos), que é o objeto direto do gerúndio ἐχόντων (tendo). Kirsopp Lake e H. J. Cadbury atribuem este anacoluto à "condensação mental à

---

12. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge University Press, 1960), p. 162.

13. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bilbe Societies, 1975), pp. 355-56.

14. Robertson, *Grammar*, p. 684.

qual estão propensos todos os escritores".[15] Significa que Lucas tomou o substantivo *espíritos* como um caso nominativo e, desse modo, como o sujeito do verbo. Os finais nominativo e acusativo deste substantivo são idênticos. Lucas se esqueceu de que havia iniciado a sentença com o adjetivo nominativo *muitos*.

b. *A Conversão de Simão*

8.9-13

Filipe encontra calorosa recepção por parte dos samaritanos ao pregar as boas-novas e ao curar os enfermos. O poder do evangelho de Cristo e a autoridade divina de Filipe para realizar milagres são maiores e mais fortes do que as artes mágicas de Simão, o mágico.

9. Ora, um certo homem chamado Simão praticava artes mágicas naquela cidade e causava admiração ao povo de Samaria. Ele dizia ser alguém grande.

Em Jerusalém, a oposição de Satanás veio na forma da traição de Ananias e Safira (5.1-11), do aprisionamento dos apóstolos (4.3; 5.18), da morte de Estêvão (7.60) e da grande perseguição (8.1b). Em Samaria, Satanás emprega métodos diferentes para impedir o crescimento da igreja. Ele usa um homem chamado Simão, conhecido em Samaria como o mágico. Lucas apresenta Simão como alguém que praticava artes mágicas nessa cidade samaritana em especial.

Não temos de pensar que Simão realizava alguns truques por meio da prestidigitação (uma forma de enganar a mente porque os olhos falham em observar corretamente). Em lugar disso, devemos enxergar as artes mágicas como uma séria ameaça à fé cristã, porque representam bruxaria e feitiçaria. Dentre os vícios relacionados por Paulo como atos da natureza pecaminosa está a feitiçaria (Gl 5.20). Aqueles que praticam artes mágicas estão excluídos da Cidade Santa e são lançados no lago que arde com fogo e enxofre (Ap 21.8; 22.15). As artes mágicas procedem de Satanás e são diametralmente opostas a Deus. Portanto, ele diz ao seu povo para não se envolver com nenhuma forma de mágica (Dt 18.10-14).[16]

15. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 90.
16. Veja Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 2, p. 554.

Simão, o mágico, fora capaz de provocar assombro no povo com sua mágica por um longo tempo. Quando Filipe foi a Samaria e proclamou as boas-novas, Simão creu e foi batizado. Antes de sua conversão, gabava-se de ser alguém grande. E mais, as pessoas o respeitavam muito. Consideravam Simão como alguém que recebera o poder divino para realizar sua mágica.

10. Todos, tanto grandes como pequenos, davam-lhe atenção e diziam: "Este homem é o poder de Deus, o poder que é chamado grande". 11. Davam-lhe ouvidos porque por longo tempo ele lhes havia causado espanto com seus truques de mágica.

A Escritura dos samaritanos consistiam dos cinco livros de Moisés que, à luz de todo o Antigo Testamento, davam-lhes apenas um segmento da verdade religiosa. Os judeus proibiam os samaritanos de adorarem em Jerusalém; assim, adoravam em seu próprio templo no cume do Monte Gerizim. Eles também aguardavam a vinda do Messias, a quem chamavam de Ta'eb. Por causa de sua raça misturada e de seu passado religioso (veja 2Rs 17.24-41), eram receptivos à feitiçaria.[17]

No século 2º, Justino Mártir afirmou que Simão, o mágico, mudou-se de Samaria para Roma onde, devido às suas artes mágicas, foi honrado como um deus. Justino, provavelmente, estava enganado ao declarar que havia em Roma uma estátua dedicada a Simão: "A Simão, o Santo Deus": ela trazia provavelmente as palavras ao *Deus Semo Sancus*. Portanto, essa estátua não homenageava Simão, mas um deus sabino.[18] Nos séculos 2º e 3º, o nome de Simão era freqüentemente mencionado. Ele era até mesmo considerado como o pai do gnosticismo.[19] Mas permanece a questão sobre se o Simão que ouviu Filipe e Pedro deve ser identificado com o Simão fundador do movimento gnóstico. Os estudiosos que questionam este ponto refutam os relatórios que indicam uma ligação entre Simão, o mágico, e o gnosticismo précristão. A despeito da forte evidência fornecida pelos escritores dos primeiros séculos, os estudiosos afirmam que o curso de desenvolvi-

17. Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids; Zondervan, Academie Books, 1986), pp. 144-45. Veja especialmente Adolf Deissman, *Bible Studies* (reedição; Winona Lake, Ind.: Alpha, 1979), p. 336.

18. Justino Mártir, *Apology* 1.26.56; *Dialogue* 120.

19. Irineu, *Against Heresies* 1.23.

mento do movimento conhecido como *simonia* permanece tão obscuro como sempre.[20]

"Todos, tanto grandes como pequenos, davam-lhe atenção." Antes de Filipe ir aos samaritanos, essa gente tinha Simão em alta estima. A expressão traduzida como "tanto grandes como pequenos" ou "jovens e velhos" é bastante comum na Escritura (veja, por exemplo, Gn 19.11), e indica que Simão contava com inúmeros admiradores. Os samaritanos confessavam sua fé nele e diziam: "Este homem é o poder de Deus, o poder que é chamado grande". Eles criam num só Deus e presumivelmente consideravam Simão como representante de Deus, revestido de poder divino. Por outro lado, poderia ser que Simão se proclamasse deus por causa das obras mágicas que realizava.

A palavra grega traduzida por "poder" também pode significar "o poderoso". Nesse caso é uma circunlocução do nome de Deus. Isso é evidente, por exemplo, a partir da resposta de Jesus a uma pergunta do sumo sacerdote.[21] Em seu julgamento, Jesus disse ao sumo sacerdote: "No futuro verás o Filho do Homem assentado à direita do Poderoso vindo nas nuvens do céu" (Mt 26.64, NVI). Entretanto, havendo dito tudo isso, não estamos aptos a determinar a exata intenção dessa afirmação de fé samaritana, e, portanto, devemos deixá-la como uma questão em aberto.

A influência de Simão era enorme e seus seguidores numerosos. Durante um longo período ele mantivera o povo em seu poder em decorrência de suas artes mágicas. Mas quando Filipe aparece, prega as boas-novas e realiza milagres de cura, o povo presta atenção ao que Filipe tem a dizer e aos prodígios que opera. Para eles, a mensagem e as obras de Filipe ultrapassam em muito as obras de Simão.

12. Mas quando começaram a crer em Filipe, que pregava as boas-novas acerca do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, tanto homens como mulheres iam sendo batizados. 13. Até mesmo o próprio Simão creu e foi batizado. Permanecia junto a Filipe, e à medida que via os grandes sinais e prodígios, ficava atônito.

20. Wayne A. Meeks, "Simon Magus in Recent Research", *RelStudRev 3* (1977): 137-42; Robert P. Casey, "Simon Magus", *Beginnings*, vol. 5, p. 163.

21. SB, vol. 1, p. 1006. E veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 91; Gustaf Dalman, *The Words of Jesus*, trad. por D. M. Kay (Edimburgo: Clark, 1909), p. 200.

a. “Mas quando começaram a crer em Filipe.” Os samaritanos aceitam o evangelho proclamado por Filipe e começam a crer na mensagem que ele traz. Traduzi o verbo por “começaram a crer” para indicar uma ação que tem um ponto de partida e depois continua de modo uniforme. Os samaritanos primeiramente dão crédito intelectual à mensagem de Filipe e depois se entregam a Jesus pedindo para serem batizados. Sabemos que o seu compromisso é genuíno, especialmente quando Pedro e João chegam e o Espírito Santo desce sobre os samaritanos. Quando o Espírito Santo decide habitar neles, ele fornece evidência de que a fé deles é autêntica. Portanto, concluímos que os samaritanos crêem em Filipe e na mensagem de salvação por ele proclamada.[22]

b. “As boas-novas acerca do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo.” Lucas revela o pleno conteúdo da mensagem de Filipe, isto é, ele menciona primeiramente a expressão *reino de Deus* e depois fala de o “nome de Jesus Cristo”. Nos evangelhos sinóticos, especialmente em Mateus, é proeminente o conceito de reino. Mas em Atos, ele ocorre apenas quatro vezes (19.8; 20.25; 28.23,31). Aqui as palavras *reino de Deus* não devem ser interpretadas meramente com um sinônimo de “o evangelho”. Pelo contrário, Lucas utiliza esse termo para ilustrar que Filipe ressaltava o reinado e a soberania de Deus neste mundo, em oposição aos poderes de Satanás os quais Simão demonstrava por intermédio de sua magia.

Ademais, Filipe proclama o nome de Jesus Cristo aos samaritanos. Note-se que o termo encerra a conotação de plena revelação do Filho de Deus e que o nome duplo Jesus Cristo revela tanto seu ministério terreno como seu papel divino. Portanto, Jesus é rei no reino de Deus. Os samaritanos ouvem o pleno evangelho da salvação, algo que Simão é incapaz de conceder-lhes. E respondem a Filipe com o pedido do batismo.

c. “Tanto homens como mulheres iam sendo batizados.” Lucas não mais registra números específicos de crentes, mas declara simplesmente que homens e mulheres professam sua fé em Jesus Cristo e são batizados (comparar com 5.14). Com o complemento do verbo *batizar* no imperfeito, Lucas indica ação contínua. Presumimos que a cerimônia

22. James D. G. Dunn afirma que o verbo *crer* nesse contexto “significa assentimento intelectual a uma declaração ou proposta, e não compromisso com Deus”. *Baptism in the Holy Spirit*, Studies in Biblical Theology, série 2ª 15 (Londres: SCM, 1970), p. 65.

de batismo era constantemente repetida. Note-se também que o muro de separação entre judeus e samaritanos (veja Jo 4.9) foi derrubado. Os samaritanos estão sendo batizados por um judeu.

d. "Até mesmo o próprio Simão creu e foi batizado." Simão reconhece que alguém maior e mais poderoso do que ele apareceu em Samaria. Quando as pessoas o deixam e seguem Filipe, ele se junta ao grupo e aceita a presença de um poder superior. Observa os milagres realizados por Filipe, mas a pregação do evangelho parece não mudar seu coração (veja v. 21). É da opinião de que ele tem "um convênio com algum espírito poderoso".[23] Enxerga o batismo não como um sinal de entrada para um relacionamento com o Deus Triúno, mas como uma iniciação na comunhão com um espírito poderoso. Ele espera que, por meio do batismo, receba o mesmo poder que Filipe tem para realizar milagres (veja v. 19).

e. "À medida que via os grandes sinais e prodígios, ficava atônito." Depois de seu batismo, Simão permanece junto de Filipe e o segue aonde quer que ele vá. Lucas revela a razão para o comportamento de Simão: o interesse do mágico nos grandes sinais e prodígios que continuavam a ocorrer. A palavra grega traduzida por "prodígios" na realidade significa "poderes". Simão está interessado nos poderosos milagres que Filipe realiza. Ele nunca viu nada comparável ao que Filipe faz. Lucas escreve que à medida que Simão observa os grandes sinais e prodígios, fica atônito. Desse modo ele mostra que não está interessado em conhecer a Jesus Cristo; ele está interessado, isto sim, nos poderes divinos demonstrados por Filipe.

Concluímos esta seção com três breves observações. Primeiro, Filipe é incapaz de julgar o coração de Simão, e assim aceita seu testemunho de fé em Cristo. Segundo, o relato do batismo de Simão constitui prova adequada de que o batismo não é um ato que afeta a salvação. E terceiro, Simão foi batizado junto com os samaritanos para não ofender o povo com quem vivia e trabalhava.[24]

---

23. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), p. 88.

24. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 232.

Considerações Práticas em 8. 9-13

Em nossos dias são comuns as práticas de ocultismo que vão desde a leitura das linhas das mãos até o horóscopo, a leitura da sorte, o espiritismo e a magia. É certo que essas práticas datam do início da história da humanidade, mas nos últimos anos o público em geral as tem aceito como parte da vida. As pessoas que lidam com o ocultismo desejam comunicar-se com o sobrenatural ou com os poderes demoníacos; e esforçam-se para adquirir tal poder a fim de que pessoas se tornem servas suas.[25] Crêem na mentira que Satanás contou a Adão e Eva no Paraíso: "Serás igual a Deus" (Gn 3.5). Assim, na sua busca de conhecimento sobrenatural, tornam-se escravos de Satanás e repudiam as reivindicações de Cristo.

Qual é a diferença entre o ocultismo e a religião cristã? Um pouco de critério fornece uma resposta a essa pergunta. Na prática misteriosa da magia, um profissional manipula uma pessoa ingênua em benefício próprio. Na religião, a pessoa pede a Deus em oração para suprir suas necessidades espirituais e materiais. A magia é dirigida ao indivíduo em particular; a religião é uma atividade de grupo aberta ao público. E, finalmente, as práticas de ocultismo são impessoais; por outro lado, os cultos religiosos evocam uma interação entre Deus e o seu povo em adoração.[26]

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos denunciam as abomináveis práticas do ocultismo. Deus quer que seu povo confie somente nele, pois diz: "Eu sou o Senhor teu Deus". Ele cuida de seu povo e supre todas as suas necessidades (comparar com Sl 81.8-10).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.9-11

Versículo 9

πρου πῆρχεν – note-se primeiramente que o tempo imperfeito é o imperfeito comum "ele praticava". Segundo, o verbo é um composto que consiste da preposição πρό (antes) e do verbo ὑπάρχω (ser). E em terceiro lugar, o verbo faz parte de uma construção perifrástica com o gerúndio μαγεύων (praticando artes mágicas).

τὸ ἔθνος – Lucas literalmente descreve os samaritanos como "a na-

25. Ronald M. Enroth, "Occult, The", *EDT*, p. 787.
26. Veja David E. Aune, "Magic", *ISBE*, vol. 3, pp. 213-14.

ção de Samaria". Ele se abstém de utilizar o termo ὁ λαός, que se relaciona ao povo de Deus (por exemplo, 4.27).

τινα μέγαν – esta combinação expressa a idéia superlativa "um homem grandíssimo".

Versículo 11

προσεῖχον – três vezes (vs. 6,10,11) este verbo aparece para demonstrar o intenso interesse dos samaritanos. Veja a explicação do v. 6.

ταῖς μαγείαις – "com estas artes mágicas". O dativo é de modo. Para a palavra relacionada μάγος, veja 13.6,8.

ἐξεστακέναι – o infinitivo perfeito ativo do verbo ἐξιστημι (eu me espanto) é um perfeito de "continuidade seccionada" para expressar ação repetida no passado.[27]

---

c. *Com Pedro e João*

8.14-17

Os apóstolos vão a Samaria para dar sua aprovação ao trabalho que Filipe fez? Falta o dom do Espírito Santo a Filipe? Há uma inadequação quanto ao estabelecimento de uma igreja cristã em Samaria? Fazemos essas perguntas no contexto do desenvolvimento da igreja do modo como é retratado por Lucas em Atos.

Antes de sua ascensão, Jesus disse aos apóstolos que permanecessem em Jerusalém e aguardassem a vinda do Espírito Santo. Quando receberam o poder do Espírito, passaram a ser testemunhas de Jesus em Jerusalém, Judéia e Samaria, e nos confins da terra (1.8).

O tema desdobrado por Lucas é de círculos cada vez maiores comparados àqueles criados por uma pedra lançada numa plácida lagoa. O Espírito é derramado sobre o povo judeu em Jerusalém e a igreja ali começa a se desenvolver. Quando Filipe prega em Samaria e os samaritanos crêem e são batizados, os apóstolos partem de Jerusalém para dar as boas-vindas a esses crentes no seio da igreja cristã. Deus toma os cristãos judeus e samaritanos e os funde numa só igreja.[28] Ele derruba o muro de separação que existia entre o judeu e o samaritano; abole

27. Robertson, *Grammar*, p. 909.

28. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 234; veja ainda David John Williams, *Acts*, série Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 142.

qualquer animosidade entre esses dois grupos (comparar com 11.17). Faz também com que o Espírito Santo desça a fim de que os samaritanos desfrutem, por assim dizer, de seu próprio Pentecoste, e tanto judeus como samaritanos sabem que eles são um em Cristo.

14. Quando os apóstolos em Jerusalém ouviram que Samaria aceitara a palavra de Deus, enviaram-lhes Pedro e João.

Os apóstolos em Jerusalém ouvem a respeito do trabalho que Filipe realizara em Samaria e agora deliberam o que fazer. Em harmonia com a ordem de Jesus de serem testemunhas em Samaria, nomeiam Pedro e João para viajarem até à cidade onde Filipe prega o evangelho de Cristo. Instruem Pedro e João para serem seus representantes oficiais a fim de receberem bem os crentes samaritanos no seio da igreja cristã. Casualmente, esta é a última vez que Lucas menciona o nome de João em Atos. Note-se também que uma vez João e seu irmão Tiago perguntaram a Jesus se podiam pedir fogo do céu para destruir os samaritanos (Lc 9.54).

Lucas escreve que os apóstolos ouviram que Samaria recebera a palavra de Deus. A palavra *Samaria* é um termo geral não designando a terra como tal, mas os samaritanos como um povo. E a expressão *palavra de Deus*, que em Atos e no restante do Novo Testamento é semelhante às expressões *a palavra do Senhor* ou simplesmente *a palavra*, equivale à mensagem e ao testemunho de Jesus incorporados ao evangelho de Cristo.[29]

15. Desceram ali e oraram por eles a fim de que recebessem o Espírito Santo, 16. porque o Espírito Santo não havia ainda descido sobre nenhum deles. Eles haviam sido apenas batizados no nome do Senhor Jesus.

Pedro e João deixam Jerusalém (veja v. 5) e viajam para a cidade onde Filipe se encontra pregando e batizando os samaritanos. Ao chegarem, os apóstolos oram pelos samaritanos e rogam a Deus que envie o Espírito Santo a esses recém-convertidos (comparar com 2.38 e 10.44). Lucas registra que os samaritanos ainda não tinham tido a experiência da descida do Espírito Santo sobre eles e que ainda não tinham sido batizados no nome do Deus Triúno, mas só no nome de Jesus.

29. Gerhard Kittel, *TDNT*, vol. 4, pp. 114-15.

Por ser um evangelista e não apóstolo, é Filipe incapaz de orar pelo dom do Espírito Santo? O Espírito não está agindo quando os samaritanos se voltam para Cristo pela fé? E por que Filipe batiza apenas no nome de Jesus? Tentarei responder às perguntas uma a uma.

Primeiro, Filipe tinha a capacidade de orar pelo dom do Espírito Santo? Certamente que sim, pois ele próprio estava cheio do Espírito (6.3). Entretanto, Deus enviou os apóstolos Pedro e João a Samaria para indicar que, por intermédio deles, aprovava oficialmente um novo nível do desenvolvimento da igreja: a agregação dos crentes samaritanos. Deus confirmou essa nova fase enviando o Espírito Santo como um sinal visível de sua divina presença. Assim como declarou sua divina presença entre os cristãos judeus em Jerusalém, assim também afirmou que estava próximo dos crentes samaritanos.

Note-se também que quando Pedro pregou na casa de Cornélio e batizou crentes gentios, Deus mais uma vez aprovou um novo período no crescimento da igreja enviando o Seu Espírito (10.44). Logo, concluo que, ao cumprirem a ordem de serem testemunhas em Jerusalém, em Samaria e no mundo gentio (1.8), Deus aprovou essa nova fase em Samaria por intermédio dos apóstolos e não por meio de Filipe.

Em segundo lugar, o Espírito não está agindo entre os samaritanos quando aceitam Cristo pela fé? É claro que sim; esses crentes são batizados exteriormente com água e interiormente experimentam o renascimento e a renovação por intermédio do Espírito Santo (Rm 8.9; 1Co 12.3; 2Ts 2.13; Tt 3.5; 1Pe 1.2). Desse modo, a importância do derramamento do Espírito Santo sobre os crentes samaritanos reside nos sinais visíveis que resultam com a chegada do Espírito (comparar com 10.45,46; 19.6; 1Co 14.27). O poder do Espírito Santo, evidente na vida dos crentes judeus depois do Pentecoste, torna-se agora realidade no coração e na vida dos crentes em Samaria. Em outras palavras, o derramamento do Espírito sobre os samaritanos é prova de sua igualdade em relação aos crentes de Jerusalém.

Em terceiro lugar, por que Filipe batiza os samaritanos apenas no nome de Jesus? Vemos uma inconsistência com referência à fórmula da Grande Comissão que prescreve o batismo no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Porém, observe-se que a ênfase posta nessa fórmula é a palavra *nome*, que se refere à plena revelação

de Deus em palavra e ação. Filipe batizava as pessoas nessa plena revelação e especificava o nome *Jesus* (veja v. 12). Ele seguia a fórmula comum e contemporânea para o batismo (veja 2.38; 10.48; 19.5). Essa fórmula em particular deve ser compreendida no contexto histórico da pregação apostólica na qual ocorre inúmeras vezes a expressão *no nome de Jesus*.[30]

Não devemos enfatizar a fórmula de batismo além do que justificam as circunstâncias históricas. Donald Guthrie conclui: "Não existe apoio algum para a interpretação de que o emprego do nome triúno seja considerado mais ou menos eficiente do que o simples nome de Jesus".[31] O contexto mostra que Filipe proclama Jesus aos samaritanos (v. 12); logo, o seu batismo nesse nome significa que esse batismo é o mesmo que o dos cristãos judeus.

17. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos e eles receberam o Espírito Santo.

Pedro e João, representando os doze apóstolos, impõem suas mãos sobre os crentes samaritanos, que conseqüentemente recebem o Espírito Santo. Esse acontecimento marca a completa participação samaritana na igreja cristã (veja também 19.6). O acontecimento em si é lúcido e simples. Entretanto, a interpretação de seu significado tem sido sempre problemática devido aos vários pontos de vista teológicos.[32] Não podemos discutir extensivamente essas opiniões, e nos limitaremos a uns poucos comentários.

Em certos segmentos da igreja, os teólogos derivam dessa passagem o sacramento ou rito do crisma. Por exemplo, em harmonia com uma encíclica papal, os teólogos católicos romanos ensinam que "a imposição de mãos é designada pela unção da fronte, que em outras palavras se chama crisma, porque por meio dela o Espírito Santo é concedido para um aumento [de graça] e poder".[33] Eles dizem que os

30. Veja, por exemplo, Atos 3.6; 4.10,17,18,30; 5.40; 8.12; 9.27; 16.18; 19.13,17; 21.13; 26.9.

31. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 719.

32. Num capítulo intitulado "The Riddle of Samaria" [O enigma de Samaria], Dunn apresenta um estudo completo e detalhado a respeito deste assunto. *Baptism in the Holy Spirit*, pp. 55-72.

33. Heinrich J. D. Denzinger, *The Sources of Catholic Dogma*, trad. por Roy J. Deferrari

apóstolos na igreja primitiva crismaram os samaritanos impondo suas mãos sobre eles, e assim a igreja, como sucessora dos apóstolos, crisma hoje seus fiéis.

Entretanto, nos tempos apostólicos, Filipe batizou o eunuco que não recebeu o crisma apostólico (8.36-39). Por outro lado, Ananias impôs suas mãos sobre Saulo, que recebeu então o Espírito Santo (9.17). No entanto, Ananias não era um apóstolo. Pedro não impôs as mãos sobre aqueles que foram batizados na casa de Cornélio (10.44-48). E Paulo não impôs suas mãos sobre o carcereiro de Filipos e os membros de sua casa, ainda que tivessem sido batizados (16.30-34).

Com exceção de 19.6, o contexto histórico de Atos não apóia o ensino de que a igreja deve ter o sacramento do crisma que é administrado pela imposição de mãos sobre todo crente, para que ele ou ela possa receber o Espírito Santo. Aliás, o Novo Testamento não ordena que a igreja siga a prática de Pedro e João em Samaria. "Por outro lado, não há nenhuma razão por que a prática bíblica de impor as mãos e orar não deva ser continuada como tal, [isto é], desde que não haja a intenção de um necessário derramamento de dons espirituais por esse meio."[34]

O que o Novo Testamento nos ensina acerca da recepção do Espírito Santo? O derramamento do Espírito ocorreu em Jerusalém (2.1-4) e foi repetido quando à igreja acrescentavam-se novos grupos: os samaritanos (8.11-17), os gentios (10.44-47) e os discípulos de João Batista (19.1-7). Mas afora essas manifestações especiais, o Novo Testamento é desprovido de referências a judeus e gentios recebendo o Espírito Santo por meio da imposição de mão apostólica. Em virtude do Pentecoste, o Espírito Santo permanece com a igreja e vive no coração de todos os crentes verdadeiros (veja Rm 5.5; 8.9-11; Ef 1.13; 4.30). Paulo revela que o corpo do crente é o templo do Espírito Santo (1Co 3.16; 6.19). Portanto, a partir dessas passagens do Novo Testamento, aprendemos "que os que crêem e são batizados têm também o Espírito de Deus".[35]

(St. Louis e Londres: B. Herder Book Co., 1957), p. 165. Veja também Charles Gregg Singer, "Confirmation", *EDT*, pp. 266-67; L. S. Thornton, *Confirmation. Its Place in the Baptismal Mistery* (Londres: Dacre, 1954), p. 73.

34. E. Y. Mullins e Geoffrey W. Bromiley, "Baptism of the Holy Spirit", *ISBE*, vol. 1, p. 428.

35. F. F. Bruce, *The Book of the Acts*, ed. revista, New International Commentary na série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 169.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.14-17

Versículo 14

δέδεκται – embora esta forma seja passiva, é traduzida como ativa. O tempo perfeito do verbo δέχομαι (eu recebo, aceito) significa efeito duradouro.

Versículo 15

πνεῦμα ἅγιον – Lucas não pretende fazer diferença alguma entre esta forma e a que contém artigos definidos: τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον.[36]

Versículos 16,17

ἦν ἐπιπεπτωκός – esta é a construção perifrástica no tempo passado que consiste do tempo imperfeito do verbo *ser* como o particípio perfeito. O perfeito do composto ἐπιπίπτω (eu venho sobre) denota resultado de permanência.

ἐλάμβανον – note-se o emprego do imperfeito para indicar duração. O sujeito deste verbo, naturalmente, é o substantivo *samaritanos* e não o substantivo *apóstolos*.

d. *Opondo-se a Simão*

8.18-23

Aqui está a segunda parte do relato acerca de Simão (veja vs. 9-13) que se coloca em contraste direto com o dom de Deus concedendo o Espírito Santo aos samaritanos. Lucas habilidosamente coloca a generosidade de Barnabé (4.36,37) contrastando-a com o engano de Ananias e Safira (5.1-11). Ele compara o poder majestoso de Deus com a influência maligna de Satanás. De semelhante modo, Lucas retrata os samaritanos recebendo o Espírito Santo na igreja em expansão e Satanás usando Simão para fazer zombaria à fé cristã.

Os atos de Simão revelam que ele não experimentou uma autêntica conversão e nem recebeu o Espírito. Observando a evidência exterior deste, ele avalia os dons em bases comerciais e oferece dinheiro aos apóstolos pela presença do Espírito.

36. Consultar o detalhado estudo de Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, pp. 69-70; veja também Moule, *Idiom-Book*, pp. 112-13.

18. Quando Simão viu que o Espírito era dado por meio da imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, 19. e disse: "Dá-me também este poder, para que todo aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito".

Quando os samaritanos receberam o Espírito Santo, a sua presença se tornou evidente por meio de sinais exteriores. Embora a descrição concisa de Lucas omita detalhes, supomos que alguns sinais, talvez na forma de milagres, fossem visíveis ao povo. Para Simão, que pensa em termos de artes mágicas, torna-se imperativa a posse desses dons extraordinários. Ele também deseja ter à sua disposição o poder que Filipe demonstrava ao curar enfermos e expulsar demônios. Simão notou que os apóstolos de Jerusalém colocaram suas mãos sobre os samaritanos, e que receberam, pois, o miraculoso poder do Espírito Santo. Não ocorre a Simão que o fato de ter sido excluído se deva à sua falta de fé genuína.

Em tempos passados, Simão havia obtido fórmulas mágicas de outros praticantes delas pagando-lhes certa quantia em dinheiro. E ele cobrava do povo taxas pelos serviços que prestava. Agora, aproxima-se de Pedro e João, os quais considera agentes do Espírito Santo, e lhes oferece dinheiro. Se conseguir comprar esse poder sobrenatural, subirá degraus até mais elevados do que os que alcançou antes de sua conversão à fé cristã. Assim sendo, Simão tenta comprar os dons espirituais. Em português, a palavra *simonia* significa a compra ou venda de um cargo eclesiástico, ou a obtenção de uma promoção eclesiástica pelo oferecimento de dinheiro.

Quando Simão oferece dinheiro a Pedro e João, não está tentando suborná-los ou pagar-lhes um honorário por tornarem-se seus sócios. Pelo contrário, ele é de opinião que pode comprar o sacerdócio de Pedro e João do mesmo modo como pode obtê-lo em qualquer religião pagã. Na primeira metade do século 1º, tais sacerdócios eram freqüentemente vendidos em leilão.[37]

"Dai-me também este poder, para que todo aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito." Simão tem a intenção de ser líder

37. Consultar J. Duncan M. Derrett, "Simon Magus (Acts 8:9-24)", *ZNW 73* (1982): 52-68 (veja especialmente p. 61).

na igreja samaritana com autoridade de impor as mãos sobre o povo e conceder-lhes o Espírito Santo. Ele quer ter a função de um sacerdote subordinado aos apóstolos. Para ele, o Espírito Santo é um poder que pode ser sujeitado à vontade humana.

Simão ofende a Deus colocando o Espírito Santo no mesmo nível de suas artes mágicas. Ao querer comprar o Espírito de Deus, demonstra não ter nenhum conhecimento de assuntos espirituais. Não percebe que os apóstolos têm poder celestial para glorificar a Deus. Ele quer ter poderes supernaturais para se autopromover.[38]

20. Pedro, porém, lhe disse: "Que tua prata pereça consigo, pois que você pensou em comprar o dom de Deus com dinheiro!"

Note-se o contraste entre os servos de Deus e Simão, o mágico. Apesar de Jesus ter dito a seus discípulos que o trabalhador é digno do seu salário (Lc 10.7), e que os que proclamam o evangelho devem receber remuneração adequada por seu trabalho (1Co 9.4), ele nunca lhes disse para cobrar do povo pelos seus serviços. Ouça-se a Paulo, que afirma categoricamente não ter desejado nem prata nem ouro, nem roupas de ninguém, mas trabalhou com as próprias mãos a fim de suprir suas necessidades (At 20.33-35; 2Co 11.7; veja ainda 1Pe 5.2).

Não se cobra dos crentes que recebem benefícios espirituais, nem se paga por eles, pois Jesus disse: "De graça recebestes, de graça dai" (Mt 10.8). Isso é compatível com o exemplo de Eliseu, no Antigo Testamento, que se recusou a aceitar presentes por ter curado Naamã da lepra. Mas seu servo Geazi, que aceitou dinheiro e vestimentas de Naamã, contraiu lepra – como castigo por sua avareza (2Rs 5.15,16, 23-27). De igual modo, Simão se chega aos assuntos espirituais sob um ponto de vista comercial e assim ouve Pedro pronunciar contra ele dura maldição.

"Que tua prata pereça contigo, pois pensaste em comprar o dom de Deus com dinheiro." Pedro protege zelosamente a honra e a glória de Deus, e repudia os ataques de Satanás que, por meio de Simão, procura perverter a verdade. Ele emite uma maldição que ecoa do Antigo Testamento, pois diz a Simão que ele e seu dinheiro estão a caminho do inferno. A maldição de Pedro contém significado de grandes propor-

38. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 238.

ções, não se relacionando meramente à eliminação do dinheiro e à morte física de Simão, mas até mesmo ao seu estado pós-morte.[39] O pecado de Simão está em que ele avalia o Espírito de Deus em termos de uma certa quantia de dinheiro, que o dinheiro como tal lhe é de suma importância, e que adora a criatura (dinheiro) em lugar de adorar a Deus.

21. "Você não tem parte nem sorte neste assunto, pois o seu coração não é reto diante de Deus."

Pedro exclui Simão completamente da comunidade cristã, dizendo que ele não tem parte nem sorte no recebimento do Espírito Santo. Se Simão tivesse parte ou sorte nesse assunto, ele não precisaria pedir. A palavra *parte* aponta na direção de sociedade, e o termo *sorte* indica posse. As palavras constituem uma expressão idiomática bem conhecida dos levitas, porque eles não possuíam parte nem herança nos bens imóveis de Israel.[40] Entretanto, Simão, o mágico, não tem parte nem sorte no Senhor (contrastar com Is 57.6). Ele é completamente desqualificado para receber o Espírito Santo e de se tornar um mestre das boas-novas. As palavras *neste assunto* referem-se à obra do ensino e pregação do evangelho de Cristo.

Por que Simão foi excluído? Com discernimento espiritual, Pedro olha para Simão e diz: "Teu coração não é reto diante de Deus". Ele está na realidade citando o Salmo 78.37, onde o salmista registra a infidelidade dos israelitas rebeldes que pereceram no deserto. Pedro olha para o âmago do ser de Simão e sabe que, espiritualmente, Simão não está servindo a Deus, e, sim, a si mesmo. Há somente uma maneira de efetuar uma reversão nessa condição, e esta chama-se arrependimento. Por inferência, a anterior confissão de fé de Simão e subseqüente batismo (v. 13) são sem sentido, já que seu coração é desprovido de arrependimento. Logo, Pedro lhe mostra o caminho da salvação, e diz:

22. "Arrependa-se, pois, desta sua maldade e ore ao Senhor. Se possível, que o intento do seu coração possa lhe ser perdoado. 23. Pois vejo que você se encontra em fel de amargura e em laço de iniqüidade".

39. Hans-Christoph Hahn, *NIDNTT*, vol. 1, p. 463.
40. Veja Deuteronômio 10.9; 12.12; 14.27; 18.1.

a. *Contraste* – Ao compararmos o relato sobre Ananias e Safira (5.1-11) com o de Simão, o mágico, podemos ver várias diferenças. Ananias e Safira eram cristãos judeus que professavam conhecer o Senhor e estar cheios do Espírito Santo. Pertenciam ao verdadeiro Israel; foram batizados e instruídos na fé pelos apóstolos. Pecaram contra o Espírito Santo, propositalmente enganando-o e testando-o. Assim Deus tirou a vida de Ananias e Safira como um sinal de seu descontentamento, e também como uma medida para manter pura a igreja primitiva.

De outro lado, Simão era um samaritano que fez uma confissão de fé verbal, mas cujo coração não era reto diante de Deus. Ele não recebeu o dom do Espírito Santo. Antes tinha sido um mágico conhecido como "o poder de Deus", mas agora, depois de presenciar os milagres de Filipe, juntou-se aos crentes. Simão pecou amargamente contra Deus ao desejar comprar o dom do Espírito Santo. Apesar de Pedro ter pronunciado dura maldição sobre ele, também mostrou-lhe o caminho da libertação. Logo, concluímos que Simão pecou por ignorância, porque nunca fora liberto da escravidão da maldade. O pecado dele não era contra o Espírito Santo.

b. *Condição* – "Arrepende-te, pois, desta tua maldade e ora ao Senhor." Pedro dá a Simão a oportunidade de arrepender-se. Ele lhe diz que se arrependa e rogue que o Senhor o perdoe. Note-se que Pedro não perdoa o seu pecado, mesmo que Jesus tenha lhe concedido autoridade para tal (Jo 20.23). Ele orienta Simão a pedir ao Senhor pela remissão de pecados. "Os próprios apóstolos indicaram o pecado e deixaram-no ao poder soberano de Deus, e não ao poder da absolvição a eles delegada."[41] Pedro aconselha Simão a arrepender-se e a rogar ao Senhor que remova o seu pecado e a maldição que acaba de ser pronunciada sobre ele.

"Se possível, que o intento do teu coração possa ser-te perdoado." Pedro prefacia sua sugestão de achar a remissão de pecados com a expressão *se possível*. Essa declaração condicional não se refere à capacidade divina de perdoar o pecado, e, sim, à disposição de Simão em arrepender-se. Ele deve mudar o curso de sua vida para ficar em harmonia com Deus.

41. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 91.

c. *Aperto* – "Estás em fel de amargura e em laço de iniqüidade." Aqui Pedro faz alusão às passagens do Antigo Testamento. Moisés adverte os israelitas a não adorarem outros deuses e a evitarem trazer entre eles raízes de amargura (Dt 29.18; e veja Hb 12.15). Moisés diz isso em relação à indisposição de Deus em perdoar pecados caso haja veneno amargo no meio deles. De igual modo, Pedro adverte Simão a não alimentar "o fel de amargura". A metáfora relaciona-se ao espírito amargo numa pessoa e à amargura que ele transmite às pessoas que o encontram. Ademais, Simão é um escravo do pecado por causa do laço de iniqüidade que o aperta (comparar com Is 58.6).

Deus não quer nenhuma pessoa cheia de amargura e dominada pela iniqüidade na companhia de seu povo, porquanto a amargura pertence a Satanás. A tristeza é na realidade fruto da amargura e, desse modo, o oposto exato do fruto do Espírito: amor, alegria, paz, e assim por diante (Gl 5.22,23). Deus quer que o seu povo seja livre e feliz.

Considerações Doutrinárias em 8.18-23

Foi Simão, o mágico, algum dia, um crente verdadeiro? Lucas relata que ele creu e foi batizado (v. 13). Ele emprega o mesmo verbo para os samaritanos que aceitaram as boas-novas de salvação e a mensagem do reino de Cristo (v. 12). Mas se Simão tivesse experimentado conversão genuína, teria mostrado evidência de fé verdadeira. O teólogo do século 16, Zacarias Ursinus, perguntou: "O que é fé verdadeira?" E respondeu:

> A fé verdadeira é
> não apenas um conhecimento e convicção
> de que tudo o que Deus revela em sua Palavra é verdadeiro;
> é também uma profunda segurança
> gerada em mim pelo Espírito Santo por meio do evangelho
> que, de plena graça para nós por Cristo conquistada,
> não somente os outros, mas também eu
> tive os meus pecados perdoados,
> fui feito justo para sempre aos olhos de Deus,
> e a salvação me foi concedida para sempre.[42]

---

42. Catecismo de Heidelberg, pergunta e resposta nº 21.

Simão nunca experimentou a conversão genuína e nunca teve a fé verdadeira. Sua fé nunca teve raízes na regeneração e, portanto, era temporária (veja Mt 13.21). Por essa razão, Pedro disse a Simão que se arrependesse, porque a fé e o arrependimento constituem os dois lados da mesma moeda. Onde existe fé verdadeira, ali há genuíno arrependimento. Pedro admoesta Simão a arrepender-se porque lhe faltava a verdadeira fé.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.18-23

Versículo 18

διά – com o genitivo esta preposição significa "por meio de".[43]

ἐπιθέσεως – este substantivo no genitivo (do verbo ἐπιτίθημι [eu coloco sobre]) possui uma terminação - οις no caso nominativo que denota atividade contínua.

Versículo 20

εἴη – o presente optativo ocorre em construção gramatical que demonstra uma maldição (veja Mc 11.14).

τὴν δωρεάν – "o dom de Deus" é a presença operante do Espírito Santo no coração e na vida do povo de Deus. Veja também Mateus 10.8.

Versículo 21

σοι – aqui está um exemplo do dativo de posse.

ἔναντι – a preposição dupla ἐν (em) com ἀντί (oposto) significa "*em* [esta] parte do espaço que é *oposta*".[44]

Versículo 22

κακίας – note-se a diferença entre este substantivo "iniqüidade" e πονηρία, que tem a mesma tradução. "κακία, em vez disso, denota a ferrenha disposição, e πονηρία o ativo exercício da mesma".[45]

εἰ ἄρα – esta combinação expressa um elemento de dúvida numa cláusula condicional.

---

43. Moule, *Idiom-Book*, p. 57.
44. Thayer, p. 213.
45. *Ibid.*, p. 320.

Versículo 23

εἰς – nesta construção, a preposição é semelhante a ἐν (em). É possível explicar a preposição como "destinado para".

ὁρῶ – o presente ativo de ὁράω (eu vejo) junto com oti indica "apreensão intelectual, uma opinião ou juízo".[46]

---

e. *Conclusão*

8.24,25

Apesar de Lucas descrever brevemente a reação de Simão à maldição e ao conselho de Pedro, ele é suficientemente claro. Porém, o manuscrito grego conhecido como Codex Bezae difere do texto que seguimos. Ele suplementa a passagem (como indicam as palavras em itálico):

> E Simão respondeu e disse-*lhes*:
> *Eu vos imploro*, orai por mim *a Deus*,
> que nenhum *destes males* dos quais falastes
> *a mim* possam me sobrevir – *que não parou de*
> *chorar copiosamente*.[47]

24. Então Simão disse: "Ore ao Senhor por mim para que nada do que você disse possa me sobrevir".

25. Ora, depois de Pedro e João testificarem e falarem a palavra do Senhor, retornaram a Jerusalém; e pregavam as boas-novas a muitas aldeias dos samaritanos.

a. "Orai ao Senhor por mim." Não podemos determinar se o arrependimento de Simão era autêntico. Com esse versículo (v. 24), Lucas interrompe o relato a respeito de Simão. Ainda assim, seu pedido é digno de nota devido à sua similaridade com o de Faraó. Muitas vezes Faraó pediu a Moisés e a Arão que orassem ao Senhor por ele, porém nunca se arrependeu (Êx 8.8,28; 9.28; 10.17).

Alguns comentaristas acreditam que a evidência fornecida por Lucas é suficiente para presumir-se a salvação de Simão. Por exemplo, João Calvino afirma que Simão submete-se à repreensão de Pedro, abando-

---

46. Robertson, *Grammar*, p. 1041.
47. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 358-59.

na o pecado, teme o juízo divino, busca a misericórdia de Deus e pede as orações dos apóstolos. Dessa forma Calvino supõe que Simão tenha-se arrependido.[48] Entretanto, devemos ter cuidado para não ler no texto aquilo que Lucas propositalmente desconsidera.

Outros escritores indagam se o pedido de Simão pelas orações dos apóstolos foi motivado por medo. Quer dizer, Simão queria escapar do castigo, e não arrepender-se perante o Senhor.[49] A história da igreja fornece algum apoio a este ponto de vista.

A Escritura nos revelou apenas o pedido de Simão pelas orações da igreja. Não nos é pedido que emitamos julgamento acerca do seu destino eterno, e, portanto, fazemos bem em deixar esse assunto para o dia do juízo final de Deus.

b. "Depois de Pedro e João testificarem e falarem." Os apóstolos concluem sua visita a Samaria. Alcançaram seu objetivo: o pleno reconhecimento dos crentes samaritanos como membros da igreja cristã. Os apóstolos e até mesmo Filipe têm agora a liberdade de deixar Samaria e confiar aos líderes das igrejas de Jerusalém e Judéia a responsabilidade de encorajar e ensinar os cristãos samaritanos. Mesmo enquanto viajam de Samaria a Jerusalém, os apóstolos proclamam as boas-novas por toda parte em muitas aldeias samaritanas. Depois de algum tempo, voltam a Jerusalém para fazer um relatório de seu trabalho.

Não sabemos se Filipe acompanhou Pedro e João a Jerusalém. O texto não especifica, apenas diz que Filipe deixou Samaria. No próximo segmento da narrativa de Lucas, Filipe recebe ordem de viajar para o sul de Jerusalém até Gaza (v. 26). Em suma, Lucas retrata Filipe como uma proeminente figura nos relatos acerca da igreja samaritana e do oficial etíope.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.24,25

Versículo 24

ὑμεῖς – note-se o uso do pronome pessoal plural. Simão apresenta seu pedido aos apóstolos, a Filipe e aos crentes samaritanos.

---

48. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 241.
49. Consultar Williams, *Acts*, p. 143.

ὑπέρ – seguida pelo caso genitivo, esta preprosição significa "para o benefício de" ou "para o bem de".

Versículo 25

μὲν οὖν – esta combinação que freqüentemente ocorre em Atos é uma expressão de continuidade que Lucas emprega para indicar transição: "e assim" ou "ora".[50]

ὑπέστρεφον – o tempo imperfeito nesse verbo e no verbo εὐηγγελί ζοντο é incoativo: "eles começaram a voltar e a pregar as boas-novas".

---

2. *Ao Etíope*

8.26-40

Lucas relata agora a segunda fase do ministério de Filipe. Sua primeira missão era pregar o evangelho aos samaritanos e a segunda é explicar a Escritura a um gentio convertido ao judaísmo. Guiado pelo Espírito Santo, Filipe proclama as boas-novas em círculos cada vez maiores, irradiando-se de Jerusalém. Como judeu de língua grega da dispersão, ele exerce um papel distinto em expandir o ministério da igreja cristã. E como judeu da dispersão, ele faz uma ponte entre os judeus e os não-judeus. Vai de Samaria, talvez via Jerusalém, para o extremo sul da Judéia e viaja em direção a Gaza.

a. *Viajando*

8.26-29

26. Então um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: "Prepare-se e vá para o sul pela estrada que vai de Jerusalém a Gaza". (Esta é a estrada do deserto.)

a. "Um anjo do Senhor." Lucas é um tanto breve em seu relato acerca das viagens de Filipe. Não fornece informação alguma a respeito de onde Filipe se encontrava quando um anjo lhe falou. Pode ser que ele tenha recebido a ordem angélica enquanto acompanhava os apóstolos a Jerusalém ou numa das cidades samaritanas. A localização de Filipe não é importante na história. O que importa é a sua próxima incumbência, revelada a ele por um anjo do Senhor.

---

50. Moule, *Idiom-Book*, p. 162.

Quem é esse anjo do Senhor? Em Atos, Lucas menciona quatro atos do anjo:

> aparece a Moisés na sarça ardente (discurso de Estêvão, 7.30-38),
> instrui Filipe (8.26).
> liberta Pedro (12.7-10),
> e fere Herodes (12.23).

No caso de Filipe, Lucas revela que esse anjo é, na realidade, o Espírito do Senhor (vs. 29, 30). Filipe está a serviço do Senhor, cujo Espírito se comunica com ele por meio de um anjo. Se o anjo apareceu a Filipe ou falou com ele numa visão, não se sabe. Entretanto, a mensagem é clara.

b. "Prepara-te e vai para o sul pela estrada que vai de Jerusalém a Gaza." O texto grego diz literalmente "levanta-te". Mas como o verbo ocorre freqüentemente no Novo Testamento, o contexto determina o seu significado. Aqui ele quer dizer "prepara-te".[51]

Em outras palavras, o anjo instrui Filipe a fazer preparativos para uma viagem. Ele lhe diz a direção que deve tomar, a saber, ao longo da estrada que serpenteia rumo ao sul partindo de Jerusalém, passando pelas colinas da Judéia e se voltando depois em ângulo para o oeste em direção à cidade costeira de Gaza.

O viajante poderia tomar uma das duas estradas de Jerusalém a Gaza. A primeira seguia diretamente a oeste das planícies costeiras passando pela aldeia de Lida, e ligada à rota de caravanas entre o Egito e Damasco; a outra se estendia do sul de Jerusalém até Hebrom e depois do oeste para Gaza. Filipe é instruído a tomar a segunda rota. Aliás, Lucas acrescenta uma nota explicativa e diz: "Esta é a estrada do deserto". Era uma estrada não muito utilizada naqueles dias, o que certamente fez da ordem do anjo algo singular.[52]

O que torna a ordem do anjo duplamente curiosa é uma tradução alternativa para o termo *sul* na expressão "vai para o sul pela estrada". Esse termo em grego pode significar também "ao meio-dia" (veja 22.6). Adotando-se esta tradução, então o anjo teria dado a Filipe uma ordem

51. Bauer, p. 70.
52. W. C. van Unnik, "Der Befethl an Philippus", *ZNW* 47 (1956): 181-91.

estranha para viajar em pleno meio-dia – isto é, bem na hora em que o calor é mais intenso –, e tomar a estrada do deserto, raramente usada. A estranheza dessa ordem combina bem com a tarefa que aguarda Filipe, a quem foi dito que viajasse por uma estrada que leva a Gaza.

No entanto, os tradutores devem determinar se a palavra *deserto* se refere à estrada ou à cidade de Gaza. Estritamente falando, o deserto começa ao sul de Gaza e se estende para dentro do Egito. O termo *deserto* pode ser uma referência às ruínas da velha Gaza em relação à nova Gaza. No início do século 1º antes de Cristo, os judeus destruíram completamente essa cidade. Em 57 a. C., por ordem do general romano Pompeu, Gaza foi reconstruída num novo local ao longo da costa.[53] As ruínas da velha cidade eram conhecidas como "Gaza deserta". No entanto, o contexto parece favorecer a tradução *estrada no deserto*. A ênfase do relato não recai nas cidades (Jerusalém e Gaza), mas num oficial etíope que, ao ler a Escritura, torna-se cristão. E Filipe o encontra numa estrada raramente utilizada.

27. Ele preparou-se e foi. Ora, um eunuco etíope, que era oficial da corte de Candace, rainha dos etíopes, e seu tesoureiro chefe, tinha ido a Jerusalém para adorar.

Filipe ouve obedientemente as instruções que recebe, prepara-se para uma longa viagem e segue pela estrada do deserto em direção a Gaza. Devido às instruções fora do comum, Filipe percebe que algo extraordinário está para acontecer. Ele nota uma carruagem ocupada por um negro, viajando de Jerusalém a Gaza. O viajante é da nação africana da Etiópia, ao sul do Egito. A Etiópia se estendia desde a moderna Barragem de Aswan no Rio Nilo indo para o sul até Cartum. No Antigo Testamento a Etiópia é conhecida como Cuxe (por exemplo, Ez 29.10). Suas principais cidades, localizadas ao longo do Rio Nilo eram Meroe, Napata e Querma, habitadas pelo povo da raça núbia.

Supomos que Filipe é capaz de identificar o etíope devido à sua etnia, fala e vestimenta. E a carruagem possivelmente indique pertencer à casa real etíope. Lucas nota que o ocupante da carruagem é um eunuco, que normalmente trata-se do guarda de um harém. Tais pesso-

53. Josefo, *Antiquities* 13.3 [358-64]; 14.4.4 [76]. E veja Anson F. Rainey, "Gaza", *ISBE*, vol. 2, p. 417.

as eram castradas. Entretanto, o termo é empregado também para oficiais de governo da época, e talvez não deva ser tomado literalmente, pois não significa que esses homens fossem privados de suas funções masculinas.[54]

Se compreendermos a palavra *eunuco* literalmente, então vemos o Cristianismo removendo barreiras erigidas pelo judaísmo. Um estrangeiro poderia converter-se ao judaísmo, mas, porque o etíope era eunuco, não podia participar plenamente da adoração no templo (veja Dt 23.1). Apesar de ter viajado a Jerusalém para adorar, ele ainda era considerado um semiprosélito. Mesmo assim, o Antigo Testamento predisse o dia em que os estrangeiros e eunucos não seriam mais excluídos da comunhão do povo de Deus (Is 56.3-7; comparar também com 1Rs 8.41-43). Observamos que Filipe primeiramente leva para o seio da igreja os samaritanos, que estavam entre o judeu e o gentio. Agora leva o etíope, que era um meio convertido ao judaísmo, para a assembléia do Senhor.

O etíope é um oficial na corte de Candace, rainha da Etiópia. (Incidentalmente, Candace não é o nome de uma pessoa, mas o título da rainha-mãe, que governava no lugar de seu filho.)[55] O oficial serve na corte real como o primeiro tesoureiro. Ele goza da proeminente posição de chanceler do ministro das finanças, encarregado do tesouro real e dos rendimentos nacionais.

O homem etíope viajou a Jerusalém para adorar. Ele não adorava a Deus apenas em sua sinagoga judaica local; também levava sua religião a sério, e foi em romaria a Jerusalém (comparar com Jo 12.20). Registros históricos mostram que inúmeros judeus haviam fixado residência no Egito e Etiópia. Esses judeus adoravam ao Deus de Israel e convidavam os gentios para seus cultos religiosos, resultando que muitos gentios tornaram-se tementes a Deus (veja também At 10.2).

28. Ao voltar, sentado na sua carruagem, vinha lendo o livro do profeta Isaías. 29. E o Espírito disse a Filipe: "Vá em direção a esta carruagem e aproxime-se dela".

Provavelmente o oficial comprara em Jerusalém uma cópia da tra-

54. Johannes Schneider, *TDNT*, vol. 2, p. 766; Hans Baltensweiler, *NIDNTT*, vol. 1, p. 560.
55. Portanto, a NEB traz a tradução "um alto oficial de Candace, ou Rainha, da Etiópia".

dução grega da profecia de Isaías e, a caminho de casa, passa o tempo lendo-a. Nos tempos antigos, as pessoas liam em voz alta e achavam estranho quando alguém não o fazia. Certamente os rabinos judeus eram da opinião de que a leitura de um manuscrito em voz alta era uma ajuda para a memorização, ao passo que a leitura silenciosa era causa de esquecimento.[56] O etíope sabe que a Palavra de Deus o levará à salvação, e está lendo avidamente o texto do livro de Isaías. Apesar de ser incapaz de compreender o total significado do texto, está confiante de que o povo judeu de sua terra natal lho explicará. O Espírito Santo agora instrui Filipe a aproximar-se da carruagem real do oficial e a ficar junto dela. Então ouve dos lábios do etíope as familiares palavras de Isaías, e percebe que esse homem é uma pessoa temente a Deus e que está buscando o caminho da salvação.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.26-28

Versículo 26

μεσημβρίαν – esta é uma combinação de μέσος (meio) e ἡμέρα (dia). Significa tempo (meio-dia) ou lugar (sul).

αὕτη – o pronome demonstrativo feminino tem relação ou com o antecedente mais próximo Γάζαν (Gaza) ou com τὴν ὁδον (a estrada). Esta última é a mais provável.

Versículo 27

Αἰθίοψ – a etimologia desta palavra é interessante: αἴθω (eu queimo) e ὤψ (face).[57]

προσκυνήσων – o particípio ativo futuro denota propósito. O etíope fora (ἐληλύθει, mais-que-perfeito de ἔρχομαι) a Jerusalém para adorar.

Versículo 28

ἦν ὑποστρέφων – a construção perifrástica do imperfeito do verbo *ser* com os particípios presentes dos verbos *retornar* e *assentar* é descritiva. Note-se também o imperfeito do verbo ἀνεγίνωσκεν (ele continuava a ler).

---

56. SB, vol. 2, p. 687. Agostinho menciona que Ambrósio, por ter lido silenciosamente, falhou em explicar o texto. *Confessions* 6.3.

57. Thayer, p. 14.

b. *Lendo*

8.30-33

Em sua providência, Deus está guiando Filipe ao oficial etíope justamente na hora em que este lê em voz alta a profecia messiânica no livro de Isaías. O eunuco que ora lê a profecia é incapaz de compreender a mensagem de Isaías e precisa de alguém que a explique. E mais, está lendo em grego, que é a língua materna de Filipe. Esse é o ponto de contato que Filipe precisa para superar sua hesitação inicial em se aproximar da carruagem real.

30. Então Filipe correu em sua direção e ouviu o etíope lendo no livro de Isaías, o profeta. Ele lhe perguntou: "Compreende o que vem lendo?

3l. Como posso se alguém não me explicar?", respondeu o oficial. Ele convidou Filipe a subir e sentar-se com ele.

O oficial etíope escolhera propositalmente a estrada de menos movimento de Jerusalém a Gaza para que tivesse mais tempo de ler a Escritura. Sem dúvida, a carruagem era conduzida por um servo que recebera ordens de viajar a passo lento. Desse modo, Filipe podia facilmente acompanhar a carruagem e ouvir de perto o que o oficial estava lendo. Filipe sabia de cor as profecias messiânicas de Isaías, e imediatamente reconheceu as palavras lidas em voz alta.

Que maravilhosa oportunidade de ensinar o evangelho de Cristo! Aqui está um homem que avidamente lê a Palavra de Deus, porém não consegue compreender o seu significado. Então, guiado e preparado pelo Espírito Santo, Filipe ouve as palavras pronunciadas por essa pessoa. Ele sabe que Deus o colocou ali, naquele momento, para levar o eunuco etíope a Cristo. Assim, ele faz a insinuante pergunta: "Compreendes o que vens lendo?" No grego, a pergunta contém um trocadilho que aparece mesmo na transliteração: ***ginoskeis*** *ha ana****ginoskeis***. A expressão idiomática revela que a conversa é conduzida em grego, língua comum aos dois homens. E uma possível barreira lingüística é removida.

Na realidade Filipe interrompe o exercício de leitura do etíope, mas espera que o homem não fique ofendido. Pelo contrário, com sua pergunta ele sugere disponibilidade com o fim de ajudar o leitor a com-

preender a Escritura. E o oficial responde amavelmente ao que Filipe pergunta. Sua resposta é interessante, pois ele responde a Filipe com uma contrapergunta: "Como posso se alguém não me explicar?" Ele admite abertamente sua ignorância e sua inabilidade de se apossar do significado do texto que ora lê. As diferenças de classe, raça e nacionalidade desaparecem quando o etíope reconhece sua necessidade de um intérprete. Nem orgulho nem timidez prejudicam o relacionamento que está se desenvolvendo entre esses dois homens.

O eunuco volta-se para Filipe, que como judeu conhece as profecias da Escritura, e como cristão sabe como explicar o seu cumprimento. Jesus Cristo é a essência dessas profecias, pois ele é aquele acerca de quem fala o profeta Isaías. O evangelho de Cristo começa com essas profecias messiânicas e demonstra que Jesus as cumpriu. E mais, Cristo envia os seus servos a fim de interpretarem a mensagem de salvação às pessoas que estão prontas a receber as boas-novas.

As palavras da pergunta oficial expressam perplexidade ("como posso?") e necessidade de um guia (se alguém não me *guiar*"). Esta é "uma metáfora bem óbvia para um professor, quando a vida é comparada a uma estrada, e a igreja é chamada 'o caminho'."[58] Filipe está pronto a abrir a Escritura a fim de guiar o etíope a Cristo. Note-se o distinto paralelo com a narrativa dos dois homens a caminho de Emaús quando Jesus os encontra. Ele lhes explica o que a Escritura disse a respeito dele (Lc 24.27). Ademais, no cenáculo Jesus prometeu aos onze discípulos a vinda do Espírito Santo, que os guiaria em toda a verdade (Jo 16.13). Porém, retornemos ao eunuco etíope.

A visita a Jerusalém não foi uma experiência compensadora ao oficial etíope. Ele não conseguiu encontrar respostas às perguntas espirituais, e mesmo que tenha ouvido a menção do nome de Jesus, não chegou a uma compreensão da verdade. Quando Filipe se oferece para interpretar-lhe a Escritura, aquele que busca está pronto. Filipe é convidado a subir na carruagem, assentar-se junto ao oficial e explicar-lhe a passagem:

32. Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta:

58. Richard S. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 122.

"Ele foi levado como cordeiro para o matadouro,
e, mudo como uma ovelha perante seus tosquiadores,
assim não abriu a sua boca.
33. Na sua humilhação foi desprovido de justiça.
Quem contará seus descendentes,
porque sua vida na terra foi tirada?"

a. "Ora, a passagem da Escritura." O livro das profecias de Isaías que o etíope possuía não consistia de páginas, mas estava numa forma de pergaminho. Esse pergaminho era feito de folhas de papiro coladas umas às outras, folha por folha. Então cada ponta dessa comprida tira de papel era colada a uma vareta; enrolando e desenrolando simultaneamente essas pontas, o leitor poderia encontrar a passagem que quisesse ler. O pergaminho continha provavelmente todo o texto de Isaías e mostrava apenas uma coluna de texto por vez.[59]

A coluna que o oficial lia era Isaías 53.7,8. A fraseologia dessa passagem registrada por Lucas é idêntica à da Septuaginta. Entretanto, a fraseologia do Antigo Testamento baseada no texto grego difere levemente.

b. "Ele foi levado como cordeiro para o matadouro." Aqui está uma passagem messiânica que fala claramente da vida e morte de Jesus Cristo. Mas em virtude de Isaías não mencionar o nome da pessoa apresentada somente como "ele", o etíope é incapaz de perceber o significado do texto. Para Filipe, essa passagem da profecia de Isaías diz muita coisa. Ele vê Jesus preso no Jardim do Getsêmani e levado para a casa do sumo sacerdote a fim de ser julgado. Enquanto testemunhas acusavam Jesus de pretender destruir o templo e reconstruí-lo em três dias, ele permaneceu silencioso (Mt 26.60-63).

c. "Mudo como uma ovelha perante seus tosquiadores." Filipe está familiarizado com as palavras ditas por João Batista aos seus discípulos quando Jesus aproximou-se dele: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29,36). Pedro também descreve Jesus como o Cordeiro sem mancha ou defeito (1Pe 1.19). Quando o termo *cordeiro* aparece na tradução grega do Antigo Testamento, ele indica cordei-

59. Consultar Bruce M. Metzger, *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*, 2ª ed. (Nova York: Oxford University Press, 1968), p. 6.

ros sacrificiais. Na Escritura, as palavras *cordeiro* e *ovelha* são freqüentemente alternadas. Isso é claro em Isaías 53.7, onde o profeta fala de um cordeiro que é morto e uma ovelha muda enquanto o tosquiador lhe retira a lã. (Note-se que as ovelhas adultas são tosquiadas ao aproximar-se o verão, mas os cordeiros nascidos na primavera não possuem lã espessa.) Ademais, quando as expressões *cordeiro* e *ovelha* aparecem em Isaías 53.7, elas se referem a um ser humano que exerce a função de um animal sacrificado.[60]

d. "Na sua humilhação foi desprovido de justiça." Essa é a fraseologia da Septuaginta em Isaías 53.8, mas no Antigo Testamento a leitura difere: "Por opressão e juízo foi tirado". Essa fraseologia aponta profeticamente para o julgamento injusto e subseqüente morte de Jesus. Falta-nos qualquer indicação do motivo pelo qual a tradução do texto grego diverge da do texto hebraico. Todavia, a Septuaginta, nesse versículo, se mistura suavemente com a passagem precedente, na qual a leitura se refere a uma ovelha muda. Aqui está o retrato da humildade, e os tradutores empregam exatamente essa palavra no texto.

e. "Quem contará seus descendentes, porque sua vida foi tirada da terra?" O profeta fala acerca de uma pessoa que possui descendentes. Mas a vida dessa pessoa chega a um fim prematuro (comparar Dn 9.26). Quem são esses descendentes? A Escritura não fornece nenhum paralelo a fim de elucidar esse texto, e Lucas não relata a exposição de Filipe. Talvez nessa passagem possamos ver o cumprimento das palavras de Jesus: "E eu, quando for levantado da terra, atrairei a mim todos os homens" (Jo 12,32). Se entendermos o texto como se referindo aos descendentes espirituais de Jesus, então ele se encaixa no tremendo crescimento da igreja nos primeiros anos depois do derramamento do Espírito Santo. Então a referência aos descendentes de Jesus significa que "o número de seus discípulos aumentará incalculavelmente, porque ele se tornou o Exaltado."[61]

---

60. Johannes Gess, *NIDNTT*, vol. 2, p. 410; Richard N. Longenecker, *The Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology, 2ª série 17 (Londres: SCM, 1970), p. 50. Comparar com Joaquim Jeremias, *TDNT*, vol. 1, p. 339.

61. Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 312. Veja também P. B. Decock, "The Understanding of Isaiah 53.7-8 in Acts 8.32-33", *Neotest* 14 (1981): 123.

Considerações Doutrinárias em 8.30-33

Filipe faz uma pergunta penetrante ao eunuco etíope: "Compreendes o que vens lendo?" Essa pergunta é básica para a confirmação da fé cristã, pois o cristão conhece a Cristo somente por meio da Escritura. Ao ler a Palavra de Deus ele aumenta o seu conhecimento de Jesus Cristo, seu Salvador. Assim Filipe inicia com a Escritura, explica seu cumprimento em Cristo e leva o oficial etíope ao arrependimento, fé e alegria.

A tarefa do pregador é mostrar Cristo aos seus ouvintes. Precisamente por essa razão, algumas igrejas têm uma placa no púlpito, logo abaixo da Bíblia aberta, que é visível somente ao pregador. A placa traz as palavras: "Senhor, queremos ver a Jesus" (Jo 12.21). O membro comum da congregação ouve o pregador apenas no domingo, na hora do culto. Ele não vai ouvir pontos de vista acerca de um sem-número de tópicos que podem ou não ter relação com a sua vida; ele vai para encontrar-se com Jesus. E o encontra pela exposição fiel da Escritura. O pregador deve ser um obreiro "que maneja corretamente a palavra da verdade" (2Tm 2.15) e abre a Palavra aos seus ouvintes. Vale a pena repetir o velho adágio:

Explique a Escritura
Exorte o pecador
Exalte o Salvador

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.30-33

Versículo 30

ἆρά γε – a combinação de duas partículas que introduzem uma pergunta direta expressa um sentido de dúvida.[62]

ἀναγινώσκεις – a forma composta deste verbo no presente do indicativo é intensiva ou perfectiva: "sabes exatamente?", isto é, "compreendes?"

Versículo 31

δυναίμην – precedido pela partícula ἄν, este verbo está no presente optativo. O optativo expressa "o que aconteceria se alguma suposta condição fosse preenchida".[63] A sentença representa uma condição que tem a

62. Moule, *Idiom-Book*, p. 158.
63. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 205.

prótase com um futuro do indicativo ὁδηγήσει (ele explicará) e uma apódose com o optativo.

Versículo 33

ταπεινώσει αὐτοῦ – o substantivo *humilhação* não indica tanto um estado, mas um processo. O pronome *sua* (*dele*) está ausente no texto da Septuaginta. Mesmo assim a sua presença nesse versículo pode ser original.[64]

---

c. *Explicando*

8.34,35

Lucas menciona a passagem que o eunuco etíope lê enquanto viaja de Jerusalém a Gaza. No entanto, deixa de relatar a explicação que Filipe deu ao ocupante da carruagem real. Ele interpreta a profecia messiânica de Isaías 53 sob o ponto de vista de que Cristo cumpriu a Escritura, isto é, todas as profecias messiânicas devem ser compreendidas como tendo sido cumpridas em Jesus Cristo. A passagem na qual o profeta Isaías prediz o sofrimento e a morte do Messias é especialmente significativa. John Albert Bengel comenta: "Por meio desse capítulo [quinqüagésimo terceiro] de Isaías, não somente muitos judeus, mas até mesmo ateus têm sido convertidos; a História registra os nomes de alguns deles; Deus os conhece a todos".[65] Logo, essa passagem determina o padrão para o evangelismo e o empenho missionário.

34. O eunuco disse a Filipe: "Diga-me, por favor, acerca de quem o profeta disse isso? Acerca de si mesmo ou de algum outro?" 35. Então Filipe começou a falar, e iniciando com essa passagem da Escritura, pregou-lhe as boas-novas de Jesus.

O etíope é receptivo às boas-novas e não está longe do reino. Ele pede a Filipe para interpretar-lhe a passagem que leu, porque não consegue enxergar o significado espiritual dela.

"Dize-me, por favor, acerca de quem o profeta disse isto?" ele pergunta. A resposta de Filipe pode ser colocada numa só palavra: *Jesus*. Quando Isaías escreveu sua profecia messiânica, ele não estava escre-

---

64. Metzger, *Textual Commentary*, p. 359.

65. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 590.

vendo a respeito de si próprio. No contexto mais amplo desta profecia (capítulos 42–53), Isaías fala do rei messiânico, a quem Deus chama de "meu servo". Esse servo, diz Isaías em cinco seções de três versículos cada (52.13–53.12),

> sofre em benefício de outros,
> é desprezado e rejeitado pelos homens,
> morre pelos pecados do mundo,
> é sepultado com os ímpios,
> e declara justa muita gente.

Do ponto de vista cristão, o texto de Isaías refere-se inequivocamente ao Messias e não ao profeta. Todavia, até onde podemos determinar, faltava a doutrina do Messias sofredor aos judeus do século 1º. Essa doutrina se originou em Jesus, que "viu cumprido em si mesmo o papel do Servo".[66]

Sabemos qual passagem do livro de Isaías o eunuco etíope leu, mas não sabemos como Filipe lhe explicou o texto e que conteúdo pode ter tido o seu sermão sobre Jesus. Portanto, devemos presumir que, em virtude de o oficial etíope ter em mãos o livro de Isaías, Filipe tenha explicado o contexto mais abrangente dos versículos que não estavam claros para o eunuco. Lucas indica que Filipe iniciou com a passagem que o oficial estava lendo e depois continuou a pregar as boas-novas sobre Jesus. Desse modo Filipe ensinou que Jesus cumpriu as profecias messiânicas, especialmente aquelas do livro de Isaías (comparar com 18.28). Concluímos que porções do Antigo Testamento explicadas à luz dos ensinamentos, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus formaram o sermão de Filipe.

Indubitavelmente, Filipe explicou ao etíope que o batismo significa a lavagem do pecado, e que é o sinal e selo de se pertencer ao povo de Deus. Implicitamente sabemos que o eunuco depositou sua fé em Jesus, confessou seu pecado e desejou ser batizado.

---

66. I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 164.

d. *Batizando*

8.36-40

36. E ao seguirem estrada fora, chegaram a um lugar onde havia água. Disse o eunuco: "Olha! Eis água! O que me impede de ser batizado?" 37. [Veja o comentário.] 38. Ele mandou parar a carruagem. Ambos, Filipe e o eunuco, desceram à água e Filipe o batizou.

Lucas descreve a estrada entre Jerusalém e Gaza como a estrada do deserto (v. 26). Ele não indica quanto tempo Filipe pregou as boas-novas para o oficial etíope, mas supomos que tenha se passado um tempo considerável. Numa área desértica, "o problema não é encontrar água suficiente para imersão, mas sim encontrar água".[67] Mesmo assim, próximo a Gaza, um riacho chamado Wadi el Hashi flui do norte da cidade para o Mar Mediterrâneo. Outra possibilidade é a de que poças naquela área constituíam lugares propícios para o batismo. O que conta nessa passagem é a importância do batismo.

a. *Versículo 36*: "Disse o eunuco: 'Olha! Eis água! O que me impede de ser batizado?'" (Veja 10.47; 11.16). Apesar de o texto escrito fornecer simplesmente as palavras ditas pelo etíope, podemos imaginar animação, alegria e felicidade em sua voz. É ele quem nota a água e pergunta se alguma coisa o impediria de ser batizado. A resposta óbvia a essa pergunta é: nada.

Por meio do batismo, Filipe aceita o homem como membro da igreja. Note-se o paralelo com Pedro tendo aceito Cornélio e os de sua casa. Deus comunica a Pedro a visão de animais imundos e lhe diz para vencer sua hesitação em comer qualquer coisa impura (10.9-16). Depois Pedro vai a Cornélio, prega o evangelho e batiza o centurião romano e a sua casa (10.24-48). Mas observe-se a diferença entre Filipe e Pedro. Apesar de Filipe ser judeu, tem suas raízes na dispersão, em que a língua e cultura gregas são comuns. Devido à sua origem e seu passado, Filipe é um cosmopolita. Pedro, entretanto, é um judeu palestino da Galiléia e fala aramaico. Filipe deixa o grupo de cristãos helenistas em Jerusalém e leva o evangelho primeiramente aos samarita-

67. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 345.

nos e depois, sob a ordem de um anjo, ao eunuco etíope. Pedro ministra exclusivamente a judeus cristãos em Jerusalém e Judéia, e somente depois Deus o prepara para sua missão ao gentio Cornélio. Finalmente, o oficial etíope é batizado, mas não recebe o Espírito Santo. Cornélio e os seus ouvem o sermão de Pedro e o Espírito desce sobre eles. Depois são batizados.

b. *Versículo 37*: Alguns manuscritos do texto grego ocidental trazem esta leitura: "Então Filipe disse: 'Se crês de todo o coração, podes'. E ele, respondendo, disse: 'Creio que Jesus é o Filho de Deus'" (NKJV). Nenhum dos principais testemunhos textuais trazem esse versículo. Bruce M. Metzger diz: "Não há nenhuma razão pela qual os escribas teriam omitido o material se originalmente estivesse contido no texto".[68] Talvez a igreja primitiva tenha sentido a necessidade de que o etíope tivesse professado a sua fé antes de ser batizado. Os escribas acrescentaram o comentário de Filipe e a confissão do eunuco à margem do manuscrito de Atos. As palavras ditas pelo eunuco podem ter sido usadas como fórmulas de batismo no final do século 2º; as palavras eram conhecidas nesses dias, como é evidente pelos escritos do pai da igreja Irineu, que cita parte dessa fórmula.[69] Via manuscritos medievais posteriores, o versículo 37 foi acrescentado ao texto grego e finalmente traduzido para o português. Todavia, pelo fato de o versículo ser uma inserção e revelar um estilo diferente do de Lucas, é geralmente omitido em textos e traduções.

c. *Versículo 38*: "Ele mandou parar a carruagem." O etíope emite agora uma ordem. Ele diz ao condutor para parar o carro. Então, juntamente com Filipe, desce até onde há água e este o batiza. Apesar de o texto em si ser conciso, posso afirmar confiantemente que, de acordo com a prática da igreja primitiva, Filipe batizou o eunuco no nome de Jesus Cristo e não no nome do Deus Triúno (veja 2.38; 8.12; 10.48; 19.5).

39. Quando saíram da água o Espírito do Senhor tomou a Filipe, e o eunuco não mais o viu. E continuou sua jornada regozijando-se. 40. Mas Filipe apareceu em Azoto; e passando além, continuava a pregar em todas as cidades até que chegou a Cesaréia.

68. Metzger, *Textual Commentary*, p. 359.
69. Irineu, *Against Heresies* 3.12.8.

Fazemos as seguintes observações:

a. *Texto* – A narrativa chega a um final abrupto quando Filipe é fisicamente retirado de cena pelo Espírito Santo. Alguns manuscritos antigos trazem a inserção de sete palavras gregas, que traduzidas são: "Espírito [Santo] desceu sobre o eunuco, mas um anjo". A versão ampliada traz o seguinte: "Ao saírem da água, o Espírito Santo desceu sobre o eunuco e um anjo do Senhor levou embora a Filipe". Essa versão é autêntica? Dificilmente. Os manuscritos gregos apóiam a versão mais curta dessa passagem, e não a mais longa. Mesmo que alguns estudiosos estejam a favor do texto mais longo,[70] outros dizem que um escriba provavelmente alterou o texto com o propósito de harmonizá-lo. Ele fez com que o texto concordasse primeiramente com a narrativa acerca do batismo do Espírito Santo em Samaria, e depois com a do anjo do Senhor chamando Filipe (vs. 17,26). Concluímos que até agora não apareceu nenhuma tradução trazendo o texto mais longo.[71]

b. *Remoção* – Não se sabe como o Espírito do Senhor removeu Filipe do local do batismo. Não devemos recorrer a especulações fantasiosas: que Filipe tornou-se invisível ou que tenha voado pelos ares. Até as referências a respeito do Espírito do Senhor que transporta o profeta Elias ao céu não lançam nenhuma luz sobre esse versículo em particular.[72] A descrição que Paulo faz de um homem trasladado ao terceiro céu (2Co 12.2,4) não nos ajuda. Paulo expressa incerteza sobre se sua experiência foi física ou arrebatamento mental.

A ênfase recai na frase *o Espírito do Senhor*. Essa expressão ocorre também na narrativa sobre Ananias e Safira (5.9). E no evangelho de Lucas, a frase aparece no sermão que Jesus prega sobre Isaías 61.1: "O Espírito do Senhor está sobre mim". Jesus diz que essa Escritura foi cumprida nele. Logo, concluímos que o Espírito de Jesus (comparar com 16.7) impele Filipe a ir para outro lugar, transportando-o da cena do batismo.

c. *Regozijo* – Lucas não registra surpresa alguma por parte do eu-

70. Marshall, *Acts*, p. 165; Williams, *Acts*, p. 149; veja também Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 98.

71. Talvez a NEB omita inadvertidamente as palavras *do Senhor* resultando na seguinte tradução: "o Espírito tomou Filipe e o levou".

72. 1 Reis 18.12; 2 Reis 2.16; e veja Ezequiel 3.14; 8.3.

nuco etíope quando Filipe, de repente, desapareceu. O oficial continuou sua jornada e estava cheio de regozijo. Como nova criatura em Cristo, com o Espírito Santo em seu coração, viajou para a sua terra. Supomos que ele foi incapaz de guardar essa alegria para si só, mas que tinha de familiarizar seus compatriotas com Jesus e a mensagem de salvação. Entretanto, não temos nenhum conhecimento a respeito da existência de uma igreja na Etiópia durante os três primeiros séculos. Considerando que a tradição traz narrativas de conversões resultantes da pregação do eunuco, temos evidência apenas de uma igreja etíope no século 4º.

d. *Proclamação* – "Mas Filipe apareceu em Azoto." A tarefa seguinte de Filipe é pregar o evangelho de Cristo nas cidades costeiras, iniciando em Azoto até alcançar Cesaréia. Azoto é uma das cinco antigas cidades filistéias e era conhecida como Asdode (veja 1Sm 5.1), localizada cerca de trinta quilômetros ao norte de Gaza. Filipe levou o evangelho às cidades costeiras, inclusive a Lida e Jope, onde Pedro foi mais tarde visitar os santos (9.32-38). Finalmente, Filipe alcançou Cesaréia, onde fixou-se permanentemente. Anos mais tarde, Paulo ficou na casa de Filipe, o evangelista, em Cesaréia. Lucas registra que ele tinha quatro filhas solteiras que tinham o dom de profecia (21.8,9). Não sabemos se Filipe já residia em Cesaréia quando Pedro pregou o evangelho na casa de Cornélio, o centurião romano (10.24).

Considerações Práticas em 8.34-40

Você já se sentiu culpado por deixar de testemunhar Jesus Cristo? Repetidas vezes você foi exortado a apresentar o Senhor aos seus vizinhos, amigos e conhecidos, mas admite que o resultado de suas tentativas tem sido pobre. Você tenta testemunhar, porém não está certo se escolheu o momento certo para os seus esforços evangelísticos.

Muitas vezes, testemunhamos do Senhor com nosso próprio esforço e na hora errada. Em vez de seguir o Senhor, corremos adiante dele. Em vez de esperar instruções dele, ousadamente formulamos nossas próprias ordens. Em vez de pedir a Deus que providencie uma oportunidade para testemunharmos, falhamos em pedir.

A Escritura nos diz que somos cooperadores de Deus (1Co 3.9). Isso significa que Deus governa, dirige, salva e aumenta a sua igreja. Somos

seus servos e recebemos as ordens dele em obediência. Portanto, humildemente pedimos-lhe para usar-nos em sua igreja e reino, e para dar-nos uma oportunidade de testemunharmos. Quando ele responde à nossa oração, abre uma janela de oportunidade e coroa nossos esforços com a sua bênção.

> Espera pelo Senhor;
> tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração;
> espera, pois, pelo Senhor. [Sl 27.14]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 8.36 e 40

Versículo 36

ἐπί – esta preposição, que precede as palavras τι ὕδωρ (alguma água) no caso acusativo, "parece não indicar estritamente 'sobre', mas 'pelo que' ".[73]

Versículo 40

εὑρέθη – o aoristo passivo do verbo εὑρίσκω (eu acho) significa que Filipe apareceu nas ruas de Azoto. Assim a preposição εις deve ser entendida no sentido local: "em" ou "na".

Sumário do Capítulo 8

A igreja de Jerusalém sofre grande perseguição e conseqüentemente os crentes são dispersos por toda a Judéia e Samaria. Homens piedosos sepultam Estêvão e choram por ele, mas Saulo tenta destruir a igreja. Filipe prega Cristo em Samaria e realiza muitos milagres de cura.

Simão, o mágico, conquistou entre o povo samaritano a reputação de possuir o poder de Deus, o poder chamado grande. O povo ouve Filipe pregar as boas-novas; crê e é batizado. Simão também crê e é batizado.

A igreja de Jerusalém ouve a respeito dos crentes em Samaria e envia Pedro e João para orar por eles. Os apóstolos impõem as mãos sobre os crentes samaritanos, que recebem então o Espírito Santo. Simão oferece dinheiro aos apóstolos na tentativa de comprar o dom do Espírito Santo. Pedro o repreende e lhe diz que se arrependa.

---

73. Robertson, *Grammar*, p. 602.

O anjo do Senhor instrui Filipe a viajar pela estrada do deserto em direção a Gaza, onde ele encontra um eunuco etíope, assentado em sua carruagem e lendo a passagem messiânica da profecia de Isaías. Filipe pergunta ao homem se ele compreende o que lê. O etíope pede ajuda e Filipe interpreta-lhe a passagem, contando-lhe as boas-novas acerca de Jesus. O eunuco percebe um pouco d´água ao longo da estrada, pára a carruagem e é batizado. Filipe é levado, aparece em Azoto e prega o evangelho nas cidades costeiras até chegar em Cesaréia.

9

A Igreja na Palestina

Parte 2

9.1-43

ESBOÇO (continuação)

9.1-31	C. A Conversão de Paulo
9.1-9	1. Paulo vai a Damasco
9.1-3	a. Objetivo
9.4-6	b. Encontro
9.7-9	c. Efeito
9.10-25	2. Paulo em Damasco
9.10-12	a. Chamado
9.13,14	b. Objeção
9.15,16	c. Ordem
9.17-19a	d. Reação
9.19b-22	e. Propagação
9.23-25	f. Trama
9.26-30	3. Paulo em Jerusalém
9.31	4. Conclusão
9.32-11.18	D. O Ministério de Pedro
9.32-35	1. Milagre em Lida
9.36-43	2. Milagre em Jope

Capítulo 9

ATOS 9.1-17

9 1. Ora, Saulo ainda respirava ameaças homicidas contra os discípulos do Senhor. Ele foi ao sumo sacerdote 2. e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse quaisquer pessoas pertencentes ao Caminho, assim homens como mulheres, pudesse levá-las prisioneiras a Jerusalém. 3. E enquanto viajava, aproximando-se de Damasco, de repente uma luz vinda do céu brilhou ao seu redor. 4. Ele caiu por terra e ouviu uma voz dizer-lhe: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?" 5. Saulo perguntou: "Quem és tu, Senhor?" Ele respondeu: "Eu sou Jesus a quem você está perseguindo. 6. Agora levante-se e entre na cidade, e lhe será dito o que você deve fazer".

7. Mas os homens que viajavam com Saulo pararam emudecidos; ouviram a voz, porém não viram ninguém. 8. Saulo levantou-se do chão; ele não via nada, apesar de seus olhos estarem abertos. Então, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco. 9. E por três dias ele não enxergou nada, não comeu nem bebeu coisa alguma.

10. Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: "Ananias". E ele disse: "Aqui estou, Senhor". 11. O Senhor lhe disse: "Vai imediatamente à Rua Direita, e na casa de Judas pergunta por um homem chamado Saulo, de Tarso, pois ele está orando. 12. E numa visão ele viu um homem chamado Ananias entrar e impor as mãos sobre ele a fim de que recuperasse a vista".

13. Ananias replicou: "Senhor, de muita gente tenho ouvido acerca desse homem, quanto mal ele tem causado aos teus santos em Jerusalém. 14. E aqui ele está munido de autorização dos principais sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome".

15. O Senhor lhe disse: "Vá, pois ele é o meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios, os reis e o povo de Israel. 16. Pois lhe mostrarei o quanto deve sofrer pelo meu nome".

17. E Ananias foi e entrou na casa. Impôs suas mãos sobre Saulo e disse: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que apareceu a você na estrada por onde você vinha, enviou-me a fim de que você possa recuperar sua vista e ser cheio do Espírito Santo". 18. E imediatamente algo como que escamas caíram de seus olhos e

ele recuperou sua vista. Levantou-se e foi batizado. 19a. Depois de comer, recuperou suas forças.

19b. Saulo passou vários dias com os discípulos em Damasco. 20. Imediatamente, ele começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus. 21. E todos os que ouviam estavam atônitos e diziam: "Não é este o homem que destruía a todos quantos invocavam este nome em Jerusalém? Não veio ele aqui para levar tais pessoas prisioneiras aos principais sacerdotes?" 22. Saulo fortalecia-se cada vez mais; ele tornava perplexos os judeus que moravam em Damasco, provando que Jesus é o Cristo.

23. Passados muitos dias, os judeus conspiraram para matá-lo. 24. Mas sua trama chegou ao conhecimento de Saulo. E os judeus vigiavam também as portas dia e noite para que pudessem matá-lo. 25. Seus conversos tomaram-no durante a noite e o desceram pela muralha num cesto.

26. Quando Saulo chegou a Jerusalém, tentou associar-se aos discípulos. E todos o temiam porque não acreditavam que ele fosse um discípulo. 27. Porém Barnabé o tomou e o levou aos apóstolos. Explicou-lhes como Saulo, na estrada, vira o Senhor e como lhe falara. E contou-lhes como, em Damasco, Saulo falara ousadamente em nome de Jesus. 28. Assim, Saulo estava com eles, movendo-se livremente em Jerusalém e falando com intrepidez em nome do Senhor. 29. Falava e argumentava com os judeus helenistas, porém eles tentavam matá-lo. 30. E quando os irmãos ficaram sabendo disso, levaram-no a Cesaréia e enviaram-no a Tarso.

31. Então a igreja por toda a Judéia, Galiléia e Samaria desfrutava de um período de paz e era fortalecida. E continuava a aumentar, vivendo no temor do Senhor e no conforto do Espírito Santo.

C. A Conversão de Paulo

9.1-31

1. *Paulo vai a Damasco*

9.1-9

Lucas conclui suas narrativas em torno de Estêvão e Filipe e agora continua a relatar as atividades de Saulo (veja 7.58; 8.1,3). Ele dá a entender que a obra evangelística de Filipe constituiu um interlúdio, e que o leitor deve, uma vez mais, voltar a atenção para Saulo (a quem chamarei doravante de Paulo), determinado a destruir a igreja de Jesus Cristo. Por outro lado, Lucas não está totalmente pronto a devotar-se inteiramente ao ministério de Paulo; assim, o relato da conversão deste é na verdade também um interlúdio, porém da seção a respeito do ministério de Pedro. A narrativa sobre esse ministério chega ao final quando Pedro é liberto da prisão (12.17); depois disso inicia-se o ministério ativo de Paulo (13.2).

a. *Objetivo*

9.1-3

1. Ora, Saulo ainda respirava ameaças homicidas contra os discípulos do Senhor. Ele foi ao sumo sacerdote 2. e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse quaisquer pessoas pertencentes ao Caminho, assim homens como mulheres, pudesse levá-las prisioneiras a Jerusalém.

a. "Ora, Saulo ainda respirava ameaças homicidas." No capítulo precedente (8.3), Lucas retrata Saulo como o perseguidor dos crentes de Jerusalém. Agora ele fornece uma descrição mais temível de Paulo em seu estado de pré-conversão: tudo o que Paulo pensa, diz e faz é dominado pelo seu desejo de aniquilar os seguidores de Jesus. Ele apartou-se de seu mentor Gamaliel, que advertiu os membros do Sinédrio a não se porem em oposição a Deus (5.39). Todo o ser de Paulo está concentrado em destruição e homicídio. Não temos nenhuma razão para acreditar que o próprio Paulo matasse os cristãos. Mas ele mesmo confessa ter aprovado as execuções de cristãos ao dar seu voto contra eles (26.10). Cego por seu zelo, Paulo inconscientemente cumpriu a palavra de Jesus aos apóstolos: "Todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus" (Jo 16.2).

Insatisfeito com apenas o cenário de Jerusalém, Paulo agora olha para outros lugares onde residem os cristãos. Lucas chama estes de "discípulos", pois são aprendizes que recebem instruções no ensino dos apóstolos. Lucas indica que esses discípulos se encontram em Damasco (vs. 10,19), Jerusalém (v. 26), Jope (v. 36) e Lida (v. 38). Assim, com autorização do Sinédrio, Paulo pretende prender os seguidores de Cristo em Damasco.

b. "Ele foi ao sumo sacerdote." O sumo sacerdote era o cabeça do Sinédrio que, como um corpo judiciário, possuía jurisdição sobre os judeus residentes em Jerusalém, na Palestina e na dispersão. Assim ele tinha o poder de expedir mandados para as sinagogas de Damasco, a fim de prender os cristãos judeus que residiam ali (veja 9.2; 22.5; 26.12).[1] Os romanos permitiam perseguições religiosas em suas pro-

1. Emil Schürer, *The History of the Jewish in the Age of Jesus Christ (175 B.C. – A.D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 218.

víncias? Não temos certeza se nesse tempo o governo romano tinha pleno controle de Damasco. Na quarta década do século 1º, os árabes nabetanos, sob a liderança de Aretas IV, exerciam sua influência naquela cidade e concederam aos damascenos autonomia temporária. Os nabetanos e os judeus provavelmente colaboravam uns com os outros em decorrência de sua posição anti-romana.

Pelo Novo Testamento e outros registros históricos, sabemos que o sumo sacerdote era Caifás, genro de Anás.[2] Mesmo assim, Anás exercia a autoridade de sumo sacerdote, como é evidente no versículo 14, onde ocorre o plural *principais sacerdotes*.

c. "E lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco." Essa cidade fornecia residência para um grande número de judeus, tanto que durante séculos Damasco teve o seu próprio bairro judeu (comparar com o v. 22).[3] Conseqüentemente, eram comuns sinagogas judaicas na capital síria. Pelos anais da história judaica, aprendemos que no tempo da guerra dos judeus contra Roma (66 d.C.), foram mortos em Damasco não menos que dez mil judeus.

A Escritura nos diz que Damasco já existia no tempo de Abraão (Gn 14.15; 15.2), foi conquistada por Davi (2Sm 8.6), reconquistou sua independência durante o reinado de Salomão (1Rs 11.24,25) e tornou-se palco de hostilidades contra Israel e finalmente dominou-o por algum tempo (Am 1.3-5). Durante a conquista romana (64 a.C.), Damasco era a capital da província síria do governo romano e uma das dez cidades da região conhecidas como Decápolis (Mc 5.20; 7.31). Os árabes nabetanos governaram a área do deserto da Arábia, sob a liderança de Aretas IV, que era sogro de Herodes Antipas (Mt 14.3; Mc 6.17; Lc 3.19), e que controlou Damasco durante alguns poucos anos (2Co 11.32).

Damasco é situada ao longo do Rio Abana, do qual retira água para irrigar a terra rachada pelo sol dentro e ao redor da cidade. Nos dias de Paulo, a viagem a pé de Jerusalém a Damasco levava cerca de cinco ou seis dias para cobrir uma distância aproximada de 240 quilômetros. A cidade era um centro comercial para onde convergiam caravanas de

2. Mateus 26.3; Lc 3.2; João 11.49; 18.13,14, 24, 28; Atos 4.6.
3. Josefo, *War* 2.20.2 [561]; 7.8.7 [368].

todas as direções do mundo antigo e onde a fé cristã começou a florescer. Paulo percebeu que, de Damasco, o evangelho de Cristo se espalharia por todo o mundo. Por essa razão ele desejava interromper a influência do Cristianismo, e pediu ao sumo sacerdote mandado para prender os cristãos nas sinagogas de Damasco, tanto homens como mulheres. Ele sabia que dentre os adoradores nas assembléias locais encontravam-se inúmeros seguidores de Cristo. Paulo tencionava fazer ali muitas prisões.

d. "Se encontrasse quaisquer pessoas pertencentes ao Caminho." No começo, os cristãos usavam uma variedade de nomes para se autoidentificar. O termo *o Caminho* é um dos primeiros nomes que descrevem a fé cristã (comparar com o termo *o Nome* [5.41]). Em Atos ele aparece algumas poucas vezes (19.9,23; 22.4; 24.14,22). O termo indica o ensinamento do evangelho, a conduta dos cristãos dirigida e guiada por este evangelho,[4] e a comunidade cristã em geral. Considerando que os crentes formavam um grupo distinto, mesmo assim continuavam a se reunir com os seus conterrâneos judeus nas sinagogas de Damasco. Como resultado, os líderes dessas sinagogas podiam identificar imediatamente os seguidores do Caminho; Paulo tencionava depender dos líderes para ajudá-lo a prender os cristãos. Ele planejava levar os seguidores de Cristo como prisioneiros amarrados até Jerusalém, onde deveriam enfrentar o julgamento.

3. E enquanto viajava, aproximando-se de Damasco, de repente uma luz vinda do céu brilhou ao seu redor.

Três relatos descrevem a conversão de Paulo na estrada de Damasco (9.1-19; 22.4-16; 26.12-18). Todos eles trazem um tema em comum: "Paulo viu Jesus, que lhe falou na estrada de Damasco". Mesmo assim todos os três relatórios diferem, ainda que Lucas os tenha escrito. Podemos explicar as diferenças considerando seus propósitos, ambiente e ouvintes. O primeiro relato registra o acontecimento histórico; o segundo apresenta Paulo se dirigindo a uma multidão de judeus enraivecidos em Jerusalém; e o terceiro é um discurso no qual Paulo procura persuadir Agripa a tornar-se cristão.

4. Consultar Wilheim Michaelis, *TDNT*, vol. 5, p. 89; Günther Ebel, *NIDNTT*, vol. 3, p. 942.

Se acreditarmos que os três relatos vieram de Paulo, não teremos dificuldade alguma com suas variações. É um fato da vida: sempre que alguém conta uma história a públicos diversos, sob diferentes circunstâncias, ocorrem mudanças.

Ainda assim, é extensiva a literatura a respeito dos três relatos da conversão de Paulo. A maioria é escrita por críticos literários e críticos de fontes que cuidadosamente analisam as variações de cada narrativa.[5] A conclusão deles é que Lucas compôs as três diferentes apresentações da conversão de Paulo. Mas se Lucas recebeu sua informação dos três relatos do próprio Paulo, devemos presumir que o escritor tenha registrado o conteúdo e a fraseologia de cada relato.

E mais, por razões de estilo, Lucas não está interessado em repetir a mesma história exatamente com as mesmas palavras (9.1-19; 22.4-16; 26.12-18). Assim vemos que Lucas descreve a luz do céu (v. 3) como brilhante (22.6) e até mais brilhante do que o sol (26.13). A hora do dia era pleno meio-dia quando Paulo e seus companheiros se aproximavam de Damasco. Todos eles viram uma luz projetando-se ao seu redor, o que fez com que Paulo, porém não seus companheiros, ficasse cego (v. 8).

A experiência de Paulo na estrada de Damasco se assemelha a um ataque epilético ou à insolação? O Novo Testamento nunca revela que Paulo sofresse de tais enfermidades. Pelo contrário, aprendemos que Jesus lhe apareceu em visões quando Paulo se achava em transe. Então Jesus lhe deu instruções e revelações (veja, por exemplo, 18.9,10; 22.17-21; Gl 1.12). Ele chamou Paulo pessoalmente para ser um de seus apóstolos, e assim o fez fora das fronteiras de Jerusalém para separá-lo do judaísmo. Isso quer dizer que Jesus tomou Paulo com todo o seu preparo nas Escrituras, seu desejo de promover o judaísmo e o seu zelo pela tradição (Gl 1.13,14). Então ele o transformou a fim de que Paulo, com os seus talentos, capacidade e entusiasmo, se tornasse um instrumento desejoso de servir à causa de Cristo.

---

5. Dois estudos são os de: C .W. Hedrick, "Paul's Conversion/Call: A Comparative Analysis of the Three Reports in Acts", *JBL* 100 (1981): 415-32, e Gerhard Lohfink, *The Conversion of St. Paul: Narrative and History in Acts*; trad. e org. por Bruce J. Malina (Chicago: Franciscan Herald Press, 1975). Lohfink atribui as diferenças dos três relatos "à atividade criativa literária e composição do autor, Lucas" (p. 60).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.1, 2

Versículo 1

ἐμπνέων – o particípio presente ativo do verbo composto ἐμπνέω (eu respiro) expressa intensidade. Este verbo também rege o caso genitivo de ἀπειλῆς (ameaça) e φονοῦ (homicídio). Os verbos dos sentidos (tocar, cheirar, provar) e das emoções levam o caso genitivo.

Versículo 2

Note-se o cuidadoso emprego das preposições neste versículo: παρά (do lado de), εἰς (dentro, em) e πρός (para).

εὕρῃ – o subjuntivo aoristo do verbo εὑρίσκω (eu encontro) não expressa incerteza em relação ao fato de que havia cristãos em Damasco. A incerteza tem relação com o número de crentes que moravam ali.

b. *Encontro*

9.4-6

4. Ele caiu por terra e ouviu uma voz dizer-lhe: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?"

Jesus leva Paulo à conversão aparecendo-lhe na luz da glória celestial.[6] Ante essa luz sobrenatural, a única coisa que o homem pode fazer é cair por terra e prostrar-se de rosto em terra. E é exatamente isso o que Paulo faz. Então Jesus se lhe dirige pessoalmente chamando-o pelo nome. Ele faz a Paulo a penetrante pergunta: "Por que me persegues?" Certamente que as palavras de Jesus são admiráveis, pois com essa pergunta ele se identifica plenamente com os crentes a quem Paulo procura aniquilar. Jesus e seus seguidores são um (comparar com Mt 10.40; 25.45).

A mensagem de cautela para não se opor a Deus, advogada por Gamaliel, mestre de Paulo, agora o confronta com a dura realidade. O Estêvão martirizado, os cristãos perseguidos e expulsos de Jerusalém, os crentes aprisionados por Paulo – toda essa gente é representada por

6. João Calvino é da opinião que Cristo apareceu a Paulo num clarão de relâmpago ou raio de trovão, mas isso dificilmente pode ser correto em face das evidências. *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 257.

Jesus Cristo. Desse modo Paulo estivera lutando contra Jesus e perdeu a batalha. Jesus se dirige a Paulo em aramaico (veja 26.14) e repete o seu nome hebraico, Saulo (comparar com, por exemplo, 1Sm 3.10). Paulo sabe que a repetição significa que uma voz divina o está chamando.

5. Saulo perguntou: "Quem és tu, Senhor?" Ele respondeu: "Eu sou Jesus a quem você está perseguindo. 6. Agora levante-se e entre na cidade, e lhe será dito o que você deve fazer".

Alguns comentaristas preferem a tradução "quem és tu, senhor?".[7] Eles pensam que, pelo fato de Paulo não ter ainda conhecimento de Jesus Cristo como o Messias, ele tenha utilizado o educado tratamento de *senhor*. Mas a cena – Paulo prostrado com o rosto em terra, com uma luz intensa brilhando ao seu redor e uma voz do céu chamando-o em aramaico – indica que ele se dá conta de que está sendo confrontado por Jesus, o Senhor que ascendeu aos céus (veja vs. 17,27; 22.14; 26.15).

É claro que Paulo está confuso. Pensando estar fazendo a vontade de Deus ao perseguir os cristãos, ele agora ouve a voz de Jesus chamando-o para encarar a realidade. Apesar de, ao escrever aos coríntios, Paulo parece indicar que ele conheceu a Cristo durante o seu ministério terreno (2Co 5.16), não temos nenhuma evidência sólida de que ele tenha se encontrado com Jesus. Contudo, ele ouviu os cristãos proclamarem a ressurreição e a ascensão. Esses fatos se tornam agora realidade para Paulo quando Jesus o chama. Hesitantemente, ele pergunta: "Quem és tu, Senhor?"

Jesus replica: "Eu sou Jesus a quem estás perseguindo". Note-se que ele usa o seu nome terreno, *Jesus*, o qual lhe foi dado no dia da sua circuncisão (Lc 2.21). Jesus se dirige a Paulo, do céu, e este discerne que as palavras ditas por Estêvão são verdadeiras: "Vejo o céu aberto e o Filho do homem de pé à mão direita de Deus" (7.56). Jesus está vivo, ressurreto dentre os mortos e assentado à destra de Deus no céu. No grego, Jesus está realmente dizendo a Paulo: "Sim, certamente eu sou

7. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 293. Veja também F .F. Bruce, *The Book of the Acts*, rev. e org. New Internation Commentary na série New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988, pp. 182-83).

Jesus". Então acrescenta: "a quem tu mesmo está perseguindo" – para enfatizar a acusação direta. Quer dizer, o que Paulo está fazendo aos cristãos, está fazendo contra Jesus. Por essa razão, Jesus declara duas vezes que Paulo o tem perseguido. Este compreende que tem pecado contra Jesus, o que reconhece repetidamente em suas cartas (veja 1Co 15.9; Gl 1.13,23; Fp 3.6).

Jesus instrui Paulo e diz: "Agora levanta-te e entra na cidade, e ser-te-á dito o que deves fazer". Paulo mal tem tempo de assimilar que Jesus apareceu a ele quando o ouve ordenando-lhe que se levante e entre em Damasco. Jesus está no comando, e Paulo, que antes respirava morte e destruição, obedece. Note-se que Jesus diz a Paulo apenas que entre na cidade, onde receberá outras instruções. Nesse momento Jesus não diz nada acerca do futuro papel de Paulo como apóstolo dos gentios. Primeiramente, ele deve ser aceito pelos cristãos de Damasco como um dos discípulos de Cristo. Depois ficará sabendo que Jesus o comissiona a proclamar o nome de Cristo aos gentios, aos reis, e à nação de Israel (v. 15). E, finalmente, ele deve ser preparado para sofrer por Jesus (v. 16).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.4-6

Versículo 4

Alguns manuscritos complementam o versículo 4 com uma cláusula da passagem paralela (26.14): "é duro para ti escoicear contra o aguilhão". Os copistas provavelmente acrescentaram essa cláusula a fim de harmonizá-la com a fraseologia de 26.14. Ademais, alguns manuscritos latinos, siríacos e cópticos trazem também estas palavras: "Então ele, trêmulo e atônito, disse: 'Senhor, que queres que eu faça?' E o Senhor lhe disse..." (NKJV). Em 1516, Erasmo traduziu essas palavras do latim e colocou-as na sua edição grega do Novo Testamento.[8]

Versículo 5

ὁ δέ – esta é uma construção abreviada; falta-lhe o nome próprio Ἰησοῦς seguindo o artigo definido ὁ, e é inferido o verbo ἔφη (ele disse).

8. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 362.

A combinação ὁ δέ sempre assinala uma mudança de sujeito num relato histórico.

Versículo 6

ἀλλά – este advérbio não está indicando um sentido adversativo, e, sim, consecutivo. Significa: "Bem, levanta-te e entra".

---

c. *Efeito*

9.7-9

7. Mas os homens que viajavam com Saulo pararam emudecidos; ouviram a voz, porém não viram ninguém.

Os homens que acompanhavam Paulo podiam testificar que uma luz intensa brilhou ao redor deles, fazendo com que caíssem por terra (26.13,14); aqueles que ouviram uma voz, porém não compreenderam o que dizia (22.9); e que não viram ninguém.

Os tradutores enfrentam o problema de traduzir o verbo grego *akouō* como "ouvir" ou "compreender" e o substantivo grego *phōnē* como "voz" ou "som". Para ilustrar, aqui estão duas passagens com duas traduções:

Atos 9.7

"Eles ouviram o som" (NVI)	"Eles ouviram a voz" (NEB)

Atos 22.9

"Eles não compreenderam a voz" (NVI)	"[Eles]... não ouviram a voz" (NEB)

A abordagem deste problema é para indicar se Lucas se contradiz nesses dois relatos da conversão de Paulo, ou se no contexto dessas passagens ele insinua uma diferença. A segunda abordagem tem mérito porque o contexto de ambas as passagens mostra que Jesus se dirigiu a Paulo e não àqueles que o acompanhavam. Paulo ocupa o palco central nessas narrativas. No entanto, seus companheiros ouviram o som de uma voz, porém foram incapazes de distinguir o significado das palavras ditas por Jesus (comparar com Dn 10.7). Esses homens ficaram emudecidos, viram a luz brilhante, ouviram o som de uma voz, porém não foram capazes de compreender que Jesus apareceu a Paulo

para levá-lo à conversão, arrependimento e fé. Aliás, o termo *emudecidos* subentende que estavam trêmulos de medo.[9] Ouviam uma voz, porém não podiam ver aquele que falava. De passagem, cito o paralelo no martírio de Policarpo, que relata a sua morte em Roma (155 d.C.):

> Ora, quando Policarpo entrou na arena, veio uma voz do céu: "Sê forte, Policarpo, e sê homem". E ninguém viu quem falava, porém nossos amigos que ali estavam ouviram a voz.[10]

Os companheiros de viagem de Paulo não viram ninguém, porém ouviram um som que não podiam explicar. Por outro lado, Paulo viu Jesus, ouviu a sua voz e compreendeu o que ele lhe disse que fizesse: "Levanta-te e entra na cidade".

8. Saulo levantou-se do chão; ele não via nada, apesar de seus olhos estarem abertos. Então, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco. 9. E por três dias ele não enxergou nada, não comeu nem bebeu coisa alguma.

Somente Paulo compreendeu a mensagem de Jesus, e somente ele ficou cego pela luz. Não era capaz de enxergar nada ao pôr-se de pé. Apesar de seus olhos estarem abertos, tateava dominado pela cegueira. Lucas narra que Deus colocara nos olhos de Paulo algo parecido com escamas, que caíram quando Ananias impôs suas mãos sobre ele (vs. 17,18). Deus atingiu Paulo de cegueira por um período de três dias, a fim de dar-lhe tempo para meditar, refletir e orar (vs. 9,11).

Que inversão de acontecimentos! Paulo, que desejava lançar por terra os crentes, está deitado com o rosto no chão. Ele, que desejava escoltar prisioneiros amarrados de Damasco a Jerusalém, agora é levado para Damasco como um prisioneiro da cegueira. Ele, que agia sob a autoridade do sumo sacerdote, rompe agora seus laços com a hierarquia de Jerusalém. Ele, que veio para triunfar sobre a fé cristã, se submete agora ao Capitão desta fé (Hb 12.2).

Embora Lucas se abstenha de descrever a viagem de retorno dos companheiros de Paulo, que eram talvez membros da guarda do tem-

9. Bauer, p. 265; Thayer, p. 217.

10. Martyrdom of Polycarp 9.1 (LCL). Veja também Everett F. Harrison, *Interpreting Acts; The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 160.

plo (4.1; 5.22,26), concluímos que voltaram a Jerusalém de mãos vazias e relataram ao sumo sacerdote que Paulo passara a residir com um judeu chamado Judas, à Rua Direita em Damasco.

"Por três dias, ele não enxergou nada, não comeu nem bebeu coisa alguma." Separado da sociedade por sua cegueira e deixado sozinho por três dias, Paulo tem tempo de lidar com a maior crise de sua vida: a conversão. Note-se o simbolismo dos três dias que Paulo permaneceu em confinamento solitário. "Ele é crucificado com Cristo, e os três dias de escuridão são como os três dias no túmulo."[11] E note-se o contraste entre luz e trevas no relato da conversão de Paulo. Em cegueira espiritual ele vê Jesus em radiante luz de glória. Fisicamente cego, Paulo ora e começa a enxergar espiritualmente.

Durante três dias Paulo nada comeu nem bebeu. Ele jejuava em virtude da perturbação emocional pela qual passara. Em arrependimento e fé, buscava reconciliar-se com Deus, e assim orava sinceramente. Antes, estava acostumado a fazer orações formais. Agora, como convertido, orava de coração.

Em certo sentido, a conversão de Paulo foi repentina quando Jesus o interrompeu no caminho de Damasco e se lhe dirigiu pessoalmente. Porém, se examinarmos o contexto maior (vs. 10-19), vemos um gradual desenvolvimento de sua conversão e chamamento.[12] Na sua solidão, ninguém lhe proclamou o evangelho até que Ananias, enviado por Jesus, deu a ele as boas-vindas da comunidade cristã.

Considerações Doutrinárias em 9.4-9

Paulo viu Jesus, não numa aparição que poderia ser descrita como uma invenção de sua imaginação, porém num encontro real. Ao ficar na casa de Judas, na Rua Direita, Jesus apareceu-lhe em visão para lhe informar da chegada de Ananias (v. 21). Na estrada próxima de Damasco, Paulo não teve uma visão, e, sim, viu Jesus em glória celestial.

O Novo Testamento revela que Jesus apareceu somente quatro vezes em seu estado glorificado. Primeiro, antes de seu sofrimento, morte, res-

11. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; re-edição Grand Rapids: Baker, 1964), p. 133.

12. Consultar Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 296.

surreição e ascensão, ele apareceu a Pedro, Tiago e João no Monte da Transfiguração (Mt 17.1-8). A seguir, depois de sua ascensão, ele se mostrou a Estêvão (7.55). Depois apareceu a Paulo perto de Damasco (9.1-9). E, por fim, na ilha de Patmos, João viu Jesus glorificado vindo ao seu encontro no dia do Senhor (Ap 1.9-20).

Portanto, quando Jesus apareceu a Paulo, honrou-o de modo singular. Jesus concedeu-lhe essa honra porque Paulo era o seu instrumento eleito para levar o Evangelho aos gentios (v. 15).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.7-9

Versículo 7

ἀκούοντες τῆς φωνῆς – no versículo 4 o verbo ἀκούω aparece junto com o substantivo φωνή (caso acusativo) referindo-se a Paulo; aqui o verbo aparece junto com o substantivo *voz* (caso genitivo) referindo-se aos companheiros de Paulo. Em 22.7, Paulo diz que ele ouviu a voz (caso genitivo) de Jesus falando-lhe. Então assegura que seus companheiros de viagem não compreenderam a voz (caso acusativo [22.9]). O verbo *ouvir* junto com o acusativo significa "compreender" e junto com o genitivo significa "ouvir um som"? Alguns estudiosos afirmam que as duas construções gramaticais eram usadas indiferentemente no mundo helenístico do século 1º.[13] Todavia, outros argumentam que as nuances dessas duas distinções de caso são significativas.[14]

Entretanto, a evidência não é conclusiva. Tome-se, por exemplo, a cena do julgamento de Jesus, quando o sumo sacerdote diz aos membros do Sinédrio: "Ouvistes a blasfêmia". Esse texto é o mesmo em Mateus 26.65 e Marcos 14.64, exceto que no grego a palavra *blasfêmia* está no caso acusativo em Mateus e no genitivo em Marcos.[15] A regra gramatical do grego clássico nem mesmo se aplica aqui; o acusativo se relaciona à coisa que é ouvida e o genitivo à pessoa que é ouvida.

Voltando ao emprego que Lucas faz dos casos genitivo e acusativo

13. H. R. Moehring, "The Verb AKOYEIN in Acts IX 7 and XXII 9", *NovT* (1959); 80-99; Robert G. Bratcher, "*Akouō* in Acts IX 7 and XXII 9", *ExpT 71* (1960): 243-45.

14. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in The Light of Historical Research* (Nashville: Broadman 1934), p. 506.

15. Consultar Nigel Turner, *Grammatical Insights into the New Testament* (Edimburgo: Clark, 1965), pp. 88-90.

com o verbo *ouvir*: ele conscientemente se contradiz? Dificilmente. Devemos encontrar a solução no contexto do versículo em questão e julgar cada caso de acordo com seus próprios méritos. Assim, os companheiros de Paulo ouviram a voz, não viram Jesus, e conseqüentemente não compreenderam o que ele dizia. Jesus dirigiu-se a Paulo e não aos seus companheiros. Logo, concluímos que Lucas pretende indicar uma diferença de significado.

Versículo 8

ἀνεῳγμένων – junto com o substantivo ὀφθαλμῶν (olhos) o particípio forma a construção do genitivo absoluto. O particípio perfeito passivo do verbo ἀνοίγω (eu abro) denota resultado duradouro. Quer dizer, a cegueira fez com que os olhos de Paulo permanecessem abertos.

Versículo 9

μή – a partícula negativa precede o particípio; οὐκ e οὐδὲ negam o verbo. A construção ἦν βλέπων é perifrástica.

---

2. *Paulo em Damasco*

9.10-25

Jesus conduz Paulo à conversão, mas este ainda precisa enfrentar a entrada na igreja à qual tinha ido destruir. No entanto, isso não constitui uma de suas preocupações, pois Jesus abre o caminho para que ele entre na igreja e seja recebido pelos crentes. Uma das lições que aprendemos da conversão de Paulo é que a salvação tem origem em Deus e não no homem. Deus toma a iniciativa e leva a salvação ao seu destinado fim.

a. *Chamado*

9.10-12

10. Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: "Ananias". E ele disse: "Aqui estou, Senhor".

Tendo ficado cego nas proximidades da cidade de Damasco, Paulo tem de depender de seus companheiros para guiá-lo pela mão e levá-lo até à casa de um judeu chamado Judas, que mora na Rua Direita. Este providencia hospedagem para Paulo, que permanece com ele por três

dias. Durante esse período, Jesus aparece a Paulo e diz-lhe que um homem chamado Ananias o visitará a fim de impor-lhe as mãos e restaurar-lhe a vista.

Jesus aparece também a um judeu chamado Ananias, cujo nome é bastante comum em Israel (veja 5.1; 23.2). Lucas descreve Ananias como um discípulo, isto é, um cristão. Indiretamente, ele indica que esse discípulo não é um refugiado expulso de Jerusalém durante a grande perseguição. Conta que Ananias confia nos boatos acerca do sofrimento suportado pelos santos em Jerusalém (v. 13). E mais, anos mais tarde Paulo fala de Ananias em termos candentes ao informar aos seus ouvintes que Ananias guarda a lei e é respeitado pelos judeus (22.12). Jesus escolhe Ananias para apresentar Paulo à comunidade cristã em Damasco.

Jesus, numa visão, chama Ananias pelo nome. Não se sabe se isso foi em forma de sonho, à noite, ou num transe durante o dia (comparar com 10.10). Ananias, à semelhança do menino Samuel nos tempos antigos, responde obedientemente ao chamado de Jesus, dizendo: "Aqui estou, Senhor".

11. O Senhor lhe disse: "Vai imediatamente à Rua Direita, e na casa de Judas pergunta por um homem chamado Saulo, de Tarso, pois ele está orando. 12. E numa visão ele viu um homem chamado Ananias entrar e impor as mãos sobre ele a fim de que recuperasse a vista".

a. "Vai imediatamente." Respeitado entre o povo judeu de Damasco, Ananias não faz objeção alguma em ir à casa de Judas na Rua Direita. Essa rua, na mais antiga cidade mencionada nas Escrituras, ainda é uma via pública principal na Damasco de hoje. Diferente das tortuosas ruas orientais, ele se estende em linha reta na direção oeste da Porta do Leste por cerca de um quilômetro e meio.

b. "Na casa de Judas pergunta por um homem chamado Saulo, de Tarso." Imagine-se o temor e a reação que se levanta na mente de Ananias ao ouvir o nome do grande perseguidor da igreja cristã. A reputação de Paulo o precedeu em Damasco, tanto que os crentes estão em pleno alerta. Agora Jesus instrui Ananias a ir ao encontro de Paulo. A fim de evitar mal-entendidos, Jesus agrega o nome de sua cidade natal:

Tarso. Localizada no sudeste da Ásia Menor (moderna Turquia). Tarso tinha uma população de meio milhão de habitantes e é mencionada várias vezes em Atos.[16] A cidade estava situada ao longo das margens do Rio Cidno e era rodeada por terras férteis. Próximo à cidade, na cordilheira montanhosa de Tauro, encontravam-se as Portas Cilicianas, as quais se constituíam numa passagem obrigatória ao tráfego vindo do norte. As portas controlavam o acesso às partes central e ocidental da Ásia Menor e protegiam a cidade de saqueadores.

Além do mais, Tarso, como capital da província da Cilícia, não era uma cidade comum (21.39). Gozava do privilégio de conceder cidadania romana a todos aqueles nascidos dentro de seus muros (22.28). No século 1º, Tarso era uma cidade influente, conhecida por seus interesses comerciais, localização estratégica, produtos agrícolas e facilidades educacionais.

Paulo nasceu nessa cidade e ali recebeu parte de sua instrução (22.3). Em virtude de sua educação e cidadania (e porque estava a serviço do Sinédrio), Paulo de Tarso era uma pessoa preeminente no mundo judaico. Não é de admirar que, quando ele se tornou perseguidor dos cristãos, medo e pavor o precederam até mesmo antes de sua chegada a Damasco.

c. "Pois ele está orando." A oração é a ponte entre Deus e o homem e entre os crentes individualmente. Quando Paulo, ferido pela cegueira, começa a orar veementemente a Jesus, ele lhe vem ao encontro numa visão e o prepara para sua entrada na comunidade cristã. Jesus acalma o medo de Ananias dizendo-lhe que Paulo está orando. Com essas palavras, Jesus indica que Paulo tem estado o tempo todo em constante oração. E dá a entender que Paulo, ao orar a ele, tem colocado em Jesus a sua confiança, e que este o aceitou. Portanto, é chegada a hora de Paulo conhecer um irmão espiritual em Cristo.

Jesus prepara a ambos, Paulo e Ananias, aparecendo a cada um em visões e dando-lhes instruções. Dessa maneira, o próprio Jesus remove a barreira que separa o ex-perseguidor dos cristãos perseguidos. Em narrativa relacionada, Jesus faz o mesmo em relação a Pedro e Cornélio ao estabelecer uma ponte de união entre os judeus e os gentios. Por

16. 9.11,30; 11.25; 21.39; 22.3.

intermédio de um anjo e uma voz celestial, Jesus instrui os dois homens em visões separadas (10.3-6, 9-16).

d. "E numa visão ele viu um homem chamado Ananias." Jesus informa a Ananias o que tem feito para preparar-lhe o caminho, isto é, Paulo está pronto para recebê-lo, pois numa visão viu um homem chamado por esse nome vindo ao seu encontro, impondo as mãos sobre ele e restaurando-lhe a vista. Essa visão constitui a resposta de Jesus à oração de Paulo. Por meio dela, Paulo recebe de Jesus a certeza de que Ananias o aceitará e o reconhecerá como crente. Por meio de outra visão, Jesus indica a Ananias que ele já aceitou Paulo como crente, e que Ananias deve aceitá-lo também, impondo-lhe as mãos. Por fim, Paulo fica sabendo que Ananias é o instrumento de Deus para restaurar-lhe a vista.

Em outras palavras, Jesus informa a Ananias que Paulo está cego, que o aniquilador da igreja é um crente de oração, que Paulo o espera na casa de Judas para ser recebido como cristão, e que Jesus concederá a Ananias poder para remover a cegueira de Paulo.

b. *Objeção*

9.13,14

13. Ananias replicou: "Senhor, de muita gente tenho ouvido acerca desse homem, quanto mal ele tem causado aos teus santos em Jerusalém. 14. E aqui ele está munido de autorização dos principais sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome".

Não devemos culpar Ananias por apresentar suas objeções à ordem do Senhor. Os relatórios a respeito da grande perseguição em Jerusalém circulam nos ambientes de dispersão e os crentes de Damasco estão preparados para um ataque contra a comunidade cristã dali. Os crentes estão de sobreaviso, especialmente contra Paulo, enviado a Damasco com a autorização dos principais sacerdotes.

Ananias se opõe à ordem divina de visitar Paulo. A história da redenção nos ensina que outros santos do Antigo e do Novo Testamentos receberam ordens e que eles também tornaram conhecidas de Deus as suas objeções. Lembramo-nos de Moisés, chamado por Deus para que fosse à corte de Faraó no Egito (Êx 3); de Jonas, instruído a pregar o arrependimento aos habitantes de Nínive (Jn 1); e de Zacarias, a quem

foi revelado que sua esposa Isabel conceberia um filho (Lc 1.11-20). Deus exercita extrema paciência para com o seu povo quando este apresenta objeções provindas da ignorância. Quando Jesus fala com Ananias numa visão, este desconhece que o perigo da perseguição desaparecera. Ele não revela falta de fé, porém consternação e medo.

a. "Tenho ouvido acerca desse homem." Quando os cristãos foram expulsos de Jerusalém, viajaram para a Judéia e Samaria (8.1b) e finalmente para a Fenícia, Chipre e Antioquia (11.19). Presumimos que alguns foram também para Damasco, onde informaram a comunidade cristã dos horrores da perseguição. Anunciam que um dos principais perseguidores era Paulo. Portanto, o próprio Ananias não era um refugiado, mas recebera essa informação de outros.

b. "Quanto mal tem ele causado aos teus santos." Paulo tentava devastar a igreja e infligia danos incalculáveis aos santos. Essa é a primeira vez no Novo Testamento que os seguidores de Cristo são chamados de "santos".[17] Eles são os santos de Deus que compartilham da sua santidade porque o Espírito de Deus habita neles. Ananias, pois, afirma que Paulo tem feito mal aos santos de Deus.

c. "[Paulo] está munido de autorização dos principais sacerdotes." Presumivelmente, crentes recém-chegados a Damasco relataram que Paulo recebera autorização dos principais sacerdotes para conduzir perseguições nas sinagogas de Damasco. Sabem que ele quer prender os seguidores de Jesus Cristo, amarrá-los e levá-los a Jerusalém. Agora Ananias fala como defensor dos crentes que se reúnem para invocar o nome do Senhor. A expressão "invocar o nome do Senhor" indica reuniões regulares nas quais os cristãos rogam a presença espiritual de Jesus.[18] Desse modo, a objeção emitida por Ananias é válida e oportuna. Em sua resposta, Jesus não faz nenhuma repreensão e se abstém de dizer uma palavra de compreensão; ao contrário, ele fornece informações adicionais precedidas de uma só ordem: "Vai".

17. No grego, o termo ocorre quatro vezes em Atos (9.13,32,41; 26.10) e 39 vezes nas epístolas de Paulo, duas em Hebreus, duas em Judas e treze vezes em Apocalipse.

18. Veja, por exemplo, Mateus 18.20; 28.20; Atos 2.21,38; 22.16; Romanos 10.13; 1 Coríntios 1.2.

c. *Ordem*

9.15,16

15. O Senhor lhe disse: "Vá, pois ele é o meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios, os reis e o povo de Israel. 16. Pois lhe mostrarei o quanto deve sofrer pelo meu nome".

Pela segunda vez Jesus diz a Ananias que fosse ter com Paulo. O Filho de Deus revela três fatos esclarecedores a respeito da vida futura de Paulo. Num certo sentido, estes três fatos formam uma sinopse da segunda parte de Atos[19] Eles retratam a vida de Paulo depois de sua conversão:

1. Paulo se converte num instrumento escolhido.
2. Ele apresentará o evangelho tanto a judeus como a gentios.
3. Assim fazendo, sofrerá pelo nome de Cristo.

Jesus remove toda dúvida da mente de Ananias e o instrui a ir ter com Paulo. Ele diz:

a. "Ele é o meu instrumento escolhido." Por cinco razões, Paulo é a pessoa escolhida para a tarefa que Jesus lhe deu: é judeu inteiramente instruído nas Escrituras do Antigo Testamento por Gamaliel em Jerusalém; foi criado num ambiente de fala grega; está familiarizado com a cultura helenista; sabe como interpretar o evangelho em termos que o mundo helênico possa compreender; e é um cidadão romano ciente de que o vasto complexo de estradas no império romano facilita as viagens, de modo que o evangelho pode alcançar os confins da terra. E. M. Blaiklock escreve: "Nenhum outro homem conhecido na história daquele tempo possuía todas essas qualidades combinadas como Paulo de Tarso. É difícil imaginar algum outro lugar (além de Tarso) onde a atmosfera sadia e a História pudessem tão eficientemente produzi-las numa pessoa".[20] Quando Jesus usa a palavra *escolhido*, ele não está se referindo à *eleição*, mas ao *cargo*. Esta é a tarefa de Paulo:

b. "Levar o meu nome perante os gentios." Paulo é o representante pessoal de Jesus perante o mundo gentílico. Em suas epístolas, ele ressal-

19. Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 do *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 373.
20. E.M.Blaiklock, "Tarsus", *ZPEB*, vol. 5, p. 602.

ta repetidas vezes que foi chamado para ser apóstolo dos gentios.[21] No caminho de Damasco, Jesus o chamou pessoalmente para essa função. Apesar de a comissão para ser apóstolo não vir senão alguns dias mais tarde, não obstante a ordem de levar o evangelho de Cristo perante os gentios permaneceu a mesma. E mais, Paulo proclamou o evangelho primeiramente aos judeus, em suas sinagogas locais; contudo, depois rotineiramente ia aos gentios. Ele se considerava acima de tudo o apóstolo de Jesus aos gentios.

c. "Perante... reis e o povo de Israel." No devido tempo, Paulo se poria diante do rei Agripa e tentaria persuadi-lo a se tornar cristão (26.28). Apelaria para César e finalmente seria julgado pelo tribunal de Nero em Roma (25.11,12,21,25; 26.32; 28.19). E numerosas vezes ele se dirigiu aos judeus, como atesta seu sermão feito nas escadarias da fortaleza romana em Jerusalém (22.1-21).

d. "Pois lhe mostrarei o quanto deve sofrer pelo meu nome." Jesus dá a Ananias somente informação parcial e reserva para si o privilégio de informar Paulo acerca do sofrimento que teria de suportar por causa do evangelho de Cristo. Talvez Jesus antecipe uma pergunta de Ananias, indagando se uma responsabilidade tão grande quanto a de Paulo como embaixador de Cristo envolveria sofrimento. A resposta de Jesus é afirmativa e tranqüilizadora. Ele está no pleno controle da situação e informará Paulo no devido tempo.

Considerações Doutrinárias em 9.15

Paulo alega ser um apóstolo "não dos homens nem por meio do homem, mas por intermédio de Jesus Cristo" (Gl 1.1). À primeira vista, a evidência em Atos não parece apoiar a alegação de Paulo com respeito ao apostolado. Primeiro, os três relatos de sua conversão (9.1-19; 22.6-21; 26.12-18) nada dizem a respeito de sua nomeação para o apostolado. Em segundo lugar, Lucas descreve Paulo somente uma vez como apóstolo, e isso num sentindo mais amplo para incluir Barnabé (14.14). Em terceiro lugar, Pedro claramente determina os requisitos para o apostolado quando os crentes se reúnem para escolher um sucessor de Judas Iscariotes (1.21,22). Quer dizer, o apóstolo tinha de ser um seguidor de Jesus desde

21. Romanos 11.13; 15.15,16; Gálatas 1.16; 2.7,8; veja também Atos 13.2,46; 22.21.

o tempo em que João Batista o batizou no Jordão até ao dia de sua ascensão. E o apóstolo tinha de ser testemunha da ressurreição de Cristo.

Não obstante, Paulo é um apóstolo porque o próprio Jesus o nomeou para a condição de apóstolo. Apesar de não ser contado entre os Doze, os apóstolos em Jerusalém aceitaram-no como o apóstolo de Cristo destinado aos gentios. Eles tinham cinco razões para isso:

Paulo viu Jesus ressurreto e desse modo tornou-se testemunha de sua ressurreição (26.16-18; 1Co 9.1). Como os outros apóstolos, Paulo tinha o poder de realizar sinais e prodígios. Assim como os apóstolos receberam o Dom do Espírito Santo, assim também o recebeu Paulo (9.17). Ele proclamava o mesmo evngelho que os apóstolos proclamavam (Gl 2.2). E, finalmente, Paulo tornou-se intérprete do Evangelho juntamente com o restante dos apóstolos. Em suma, a partir do seu próprio testemunho apresentado em suas cartas e sermões, sabemos que ele cumpriu os requisitos apostólicos. Paulo foi pessoalmente chamado por Jesus.[22]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.15,16

Versículo 15

σχεῦος ἐκλογῆς – traduzida literalmente, a expressão *instrumento de escolha* é um hebraísmo. Os gramáticos explicam o genitivo como um atributivo e tratam-no como um adjetivo descritivo: "instrumento escolhido".[23]

τοῦ βαστάσαι – o artigo definido no caso genitivo seguido pelo aoristo infinitivo denota propósito.

Versículo 16

ὅσα – o antecedente inferido deste pronome indefinido é πάντα (comparar com 14.27).[24]

---

d. *Resposta*

9.17-19a

Ananias compreende que o próprio Jesus pavimentou-lhe o cami-

22. Consultar Everett F. Harrison, "Apostle, Apostleship", *EDT*, pp. 70-72; William Childs Robinson, "Apostle", *ISBE*, vol. 1, p. 192-95.

23. Robertson, *Grammar*, p. 496.

24. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), n. 304.

nho para ir ao encontro de Paulo, e para que este pudesse encontrar um irmão em Cristo. Ele não tem nada a temer do perseguidor dos crentes, pois encontrará Paulo, um cego, na casa de Judas, na Rua Direita.

17. E Ananias foi e entrou na casa. Impôs suas mãos sobre Saulo e disse: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que apareceu a você na estrada por onde você vinha, enviou-me a fim de que você possa recuperar sua vista e ser cheio do Espírito Santo".

a. "E Ananias foi." Obediente à ordem de Jesus, Ananias anda pela Rua Direita até a casa de Judas. Entra ali e encontra Paulo. Considerando que Lucas fornece apenas um esboço desse encontro, supomos que Judas dá as boas-vindas a Ananias quando este entra na casa e informa-o da condição física e espiritual de Paulo. Em lugar de encontrar um homem feroz, Ananias olha para uma pessoa carente da comunhão cristã.

b. "Impôs suas mãos sobre Saulo." O significado exato desse gesto não é claro, e Lucas não dá nenhuma explicação. Em decorrência de um certo grau de ambigüidade nesse ponto, devemos evitar interpretações que não possam ser constatadas pelo contexto. Assim, aventuramo-nos a dizer que o propósito de Ananias ao impor suas mãos sobre Paulo era, primeiramente, reconhecê-lo como um companheiro crente; depois, para restaurar-lhe a vista; e, por fim, para efetivar o derramamento do Espírito Santo. O fato interessante é que Ananias, que é um discípulo e não um apóstolo, serve de instrumento de Jesus para realizar um milagre de cura e conferir o Espírito Santo.[25]

c. "Irmão Saulo." Tocado pela mansidão de Paulo, Ananias demonstra seu genuíno amor ao saudar Paulo. Como indica a palavra transliterada do grego, *Saoul*, ele se dirige a Paulo em hebraico ou aramaico. Não apenas isso, senão que ele também o chama de "irmão". Para Paulo, essa palavra, mais do que qualquer outra, diz muita coisa. Agora ele sabe que com a saudação, *irmão*, Ananias o aceita e o recebe no seio da igreja.[26] Portanto, esse servo do Senhor constrói uma ponte sobre o vazio entre o judaísmo e o Cristianismo. Ao tocar Paulo, ele indica que

25. Donald Guthrie, *New Testament Theology*, (Downers Grove: Inte-Varsity, 1981), pp. 541-42.

26. Lake e Cadbury até mesmo sugerem que essa saudação "realmente teria sido melhor transmitida por 'meu companheiro cristão'", *Beginnings*, vol. 4, p. 104.

o reconhece como crente. E então ele entrega a mensagem que Jesus lhe dera.

d. "O Senhor Jesus, que te apareceu... enviou-me." Ananias menciona Jesus, a quem chama Senhor, e assim estabelece um ponto de contato com Paulo. Ele dá a entender que Jesus lhe transmitiu a experiência da conversão de Paulo perto de Damasco. E afirma que Jesus o nomeou para ir ao encontro de Paulo. Por outro lado, Jesus contou a Paulo que Ananias iria restaurar sua vista (v. 12). O retrato verbal pintado por Lucas é vívido, porém faltam detalhes. Em linguagem descritiva, ele revela que Paulo recebeu sua vista, mas as palavras concernentes ao enchimento do Espírito Santo são vagas. Lucas não apresenta nenhuma sequência de acontecimentos, portanto não podemos afirmar quando ocorreu a vinda do Espírito Santo. Ele declara que depois de Paulo ter recobrado sua visão, foi batizado.

18. E imediatamente algo como que escamas caíram de seus olhos e ele recuperou sua vista. Levantou-se e foi batizado. 19a. Depois de comer, recuperou suas forças.

Apesar de Lucas ser médico, ele relata a restauração da vista de Paulo de forma sucinta. Um paralelo da expressão *algo como que escamas* aparece no livro apócrifo de Tobias, onde lemos que quando este aspergiu o fel de um peixe nos olhos cegos de seu pai Tobit, o cego recuperou sua vista: "E quando os seus olhos começaram a ferroar, ele os esfregou, e películas brancas se escamaram dos cantos dos seus olhos".[27]

No segundo relato da conversão de Paulo (22.13), Ananias lhe diz: "Irmão Saulo, recebe a tua vista!" E depois disso instrui a Paulo com estas palavras:

> "O Deus de nossos pais te designou para conheceres a sua vontade e veres o Justo e ouvires a mensagem da sua boca, porque tu serás testemunha dele a todos os homens das coisas que viste e ouviste. E agora, por que te demoras? Levanta-te, sê batizado e purifica-te dos teus pecados, invocando o seu nome" [22.14-16].

Entendemos que no primeiro relato Lucas apresenta uma descri-

27. Tob. 11.12,13 (RSV).

ção breve e factual do encontro entre Ananias e Paulo. No segundo relato, o próprio Paulo fala sobre o encontro e de modo vívido se lembra das palavras ditas por Ananias.

Paulo se levanta e torna conhecido seu desejo de ser batizado. Lucas omite detalhes quanto ao lugar do batismo, o modo do batismo e a pessoa que o batiza. O Rio Abana, que atravessa Damasco ao norte e corre paralelo à Rua Direita, é possivelmente o lugar onde Paulo foi batizado. Entretanto, o importante é o fato de que os assuntos espirituais precedem as necessidades físicas. Depois de três dias de jejum, Paulo não tem nenhuma pressa de acalmar as dores da fome. Ele deseja ser conhecido como discípulo de Jesus Cristo, sendo batizado. Supomos que Ananias ministrou o sacramento do batismo a Paulo. Depois da cerimônia, ele se alimenta para pôr fim ao seu jejum e recobrar as forças físicas.

Considerações Práticas em 9.18

Uma das tarefas de um clérigo ordenado é realizar o ritual do batismo sempre que lhe for solicitado. Em algumas congregações maiores, os cultos de batismo são marcados para um domingo específico do mês. Nesses cultos, o pastor da igreja local geralmente oficia os batismos.

O Novo testamento menciona com freqüência o batismo e indica que um apóstolo (1Co 1.14-16), um evangelista (At 8.38; 21.8) e um membro da igreja cristã (At 9.18) ministraram o batismo. Não existia na igreja primitiva nenhuma regra fixa. Paulo até declara que sua primeira responsabilidade era pregar o evangelho e não batizar (1Co 1.17). Portanto, o costume de permitir que membros da igreja não-ordenados ministrem o batismo tem prevalecido durante os séculos. Na maioria das igrejas, principalmente nas de orientação reformada, esta prática foi interrompida. Para promover a ordem e a dignidade, apenas pastores ordenados realizam batismos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.17-19[a]

Versículo 17

ὁ κύριος ... Ἰησοῦς – a palavra *Senhor* é separada do nome *Jesus* a fim de indicar ênfase.

Versículo 18

ἐβαπτίσθη – o aoristo passivo insinua um agente implicado, a saber, Ananias. Em 22.16, aparece o primeiro imperativo aoristo médio βάπτισαι. O médio não significa "batizar-se a si mesmo", e, sim, "deixar-se batizar".[28]

Versículo 19a

ἐνίσχυσεν – do verbo ἐνισχύω (eu fortaleço), esta forma composta é intensiva.

---

e. *Propagação*

9.19b-22

Os tradutores dividem o texto no meio do versículo 19. Percebem que Paulo entrou numa nova fase de sua vida, um acontecimento do qual faz parte sua reclusão no deserto da Arábia. Segundo informação dada por Paulo em sua carta aos gálatas, ele passou três anos na Arábia e em Damasco antes de ir a Jerusalém (1.17,18). Não sabemos se esse período se refere a três anos completos, ou se se tratou de um ano completo mais partes do ano precedente e do ano subseqüente. Os judeus consideram parte de um ano como equivalente ao ano inteiro.

A reclusão de Paulo no deserto é significativa por mais de uma razão: primeiro, uma longa permanência num lugar solitário o preparou para a tarefa que o aguardava;[29] em segundo lugar, porque o tempo cura todas as feridas e uma longa ausência de Jerusalém era benéfica tanto para ele como para a igreja; e, finalmente, Paulo não se apressou a ir a Jerusalém para encontrar-se com os apóstolos porque o próprio Jesus, não os apóstolos, o havia designado para o apostolado.

Depois de sua permanência no deserto, que pode ter sido em qualquer lugar no reino nabetano que se estendia de Damasco até às fronteiras do Egito, Paulo retornou a Damasco. A partir de seu próprio testemunho (Gl 1.16-24) e da narrativa de Lucas em Atos pode-se postular a seguinte seqüência de acontecimentos na vida de Paulo:

---

28. Nigel Turner, *A Grammar of New Testament Greek*, 4 vols. (Edimburgo: Clark, 1963), vol. 3, p. 57. Veja ainda C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2 ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 26.

29. Tanto João Batista (Lc 1.80) como Jesus (Mt 4.1-11) passaram tempo no deserto preparando-se para suas tarefas.

1. Conversão no caminho de Damasco (9.1-19a.)
2. Breve estada em Damasco (9.19b-22)
3. Isolamento na Arábia (Gl 1.17)
4. Retorno a Damasco por algum tempo (9.23)
5. Fuga para Jerusalém (9.23-25; 2Co 11.32,33)
6. Encontro com os apóstolos (9.26-28; Gl 1.18-19)
7. Partida para a Síria e Cilícia (9.30; Gl 1.21)

A informação fornecida por Lucas e Paulo é insuficiente para formular uma cronologia exata dessa fase da vida de Paulo, em particular. Portanto, somos compelidos a lançar mão do uso de hipóteses. Uma delas é que, com referência à expressão *vários dias* (v. 19b) e *muitos dias* (v. 23), Lucas condensa acontecimentos que incluem o isolamento de Paulo no deserto da Arábia.[30]

19b. Saulo passou vários dias com os discípulos em Damasco. 20. Imediatamente, ele começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus.

Apesar de Lucas omitir o relato de Paulo encontrando-se com os crentes de Damasco, estamos confiantes de que Ananias serviu como porta-voz de Paulo, removeu as barreiras de medo e ressentimento, e fez com que a igreja aceitasse o seu ex-perseguidor. Presumimos também que Paulo tinha de provar ser discípulo de Cristo e tinha de ganhar a confiança da comunidade cristã.

Vemos que Paulo, delegado pelo Sinédrio de Jerusalém para ir às sinagogas de Damasco, começa imediatamente a pregar nessas sinagogas.[31] Em suas pregações, ele declara como convicção que Jesus é o Filho de Deus. Definitivamente, essa mensagem constitui o cerne do Cristianismo, mas para o judeu é blasfêmia. Ele professa o credo hebraico: "Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus, o Senhor é um!" (Dt 6.4, NIV).

30. Alguns comentaristas afirmam que Lucas não estava ciente da permanência de Paulo na Arábia. Mas nesse caso devem presumir que Lucas nunca tinha visto a carta de Paulo aos gálatas. Veja Gerhard Schneider, *Die Apostelgeschichte*, série Herders Theologister Kommentar, 2 vols. (Freiburg: Herder, 1982), vol. 2, p. 34. Consultar também Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 334.

31. Pregar em sinagogas judaicas tornou-se uma prática constante de Paulo. Veja 13.5,14; 14.1; 17.2,10,17; 18.4,19; 19.8.

É significativo o fato de que apenas no versículo que descreve a pregação inicial de Paulo aparece em Atos a expressão *Filho de Deus*, isto é, a pregação de Paulo inicia com a afirmação de que Jesus é o Filho de Deus, que cumpriu as profecias do Antigo Testamento. Mesmo que o termo *Filho de Deus* se aplique aos israelitas e à nação de Israel (veja, por exemplo, Jr 3.19,20; Os 11.1), a idéia de filiação se aplica especificamente a um descendente real de Davi (2Sm 7.14) e ao Messias (Sl 2.7).[32] O próprio Jesus nunca usou o título, exceto quando, no julgamento, o sumo sacerdote lhe perguntou se ele era o Filho de Deus (Mt 26.63). Quando Jesus respondeu afirmativamente, foi acusado de blasfemo. Agora Paulo continua pregando nas sinagogas de Damasco que Jesus é o Filho de Deus, e revela, assim, o cerne da fé cristã.

21. E todos os que ouviam estavam atônitos e diziam: "Não é este o homem que destruía a todos quantos invocavam este nome em Jerusalém? Não veio ele aqui para levar tais pessoas prisioneiras aos principais sacerdotes?"

Lucas descreve a reação dos judeus que freqüentavam os cultos nas sinagogas. Eles perguntam a si mesmos se estão ouvindo um representante do sumo sacerdote ou um cristão. Esperam ouvir uma mensagem do sumo sacerdote de Jerusalém e instruções acerca da perseguição aos cristãos. Em vez disso, ouvem que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Filho de Deus. Eles perguntam: "Não é este o homem que destruía a todos quantos invocavam este nome em Jerusalém?" E querem saber o que lhe teria acontecido. A completa reviravolta os surpreende, e assim, num certo sentido, os priva da faculdade de levantar objeções.

Lucas parece estar familiarizado com os comentários biográficos de Paulo na sua epístola aos gálatas. Por exemplo, ele relata que os judeus damascenos empregam a palavra *destruir* para descrever a perseguição que Paulo fazia à igreja. No Novo Testamento, essa palavra ocorre somente aqui (v. 21) e em Gálatas 1.13 e 23. Em seguida, o título *Filho de Deus*, que aparece apenas uma vez em Atos (9.20), é um nome que Paulo incorpora ao pregar o evangelho aos gentios (Gl 1.16).

Paulo proclama o nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus. E assim fazendo, ele se situa entre os discípulos que invocam este nome. Logo,

32. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 302; veja também Bruce, *Book of the Acts*, p. 190.

extremamente atônitos, seus ouvintes indagam se ele é o mesmo homem enviado a Damasco para prender tais pessoas e levá-las como cativas ao sumo sacerdote. Começam a perceber que o Cristianismo ganhou uma das pessoas mais talentosas do judaísmo. Paulo deixa os círculos autoritários de Jerusalém para receber as ordens de Cristo.

22. Saulo fortalecia-se cada vez mais; ele tornava perplexos os judeus que moravam em Damasco, provando que Jesus é o Cristo.

A reação à pregação de Paulo é inevitável, e ele parece prosperar em meio à oposição que encontra. O verbo *fortalecer* não se refere somente à força física, mas à sua habilidade de provar pelas Escrituras que Jesus é o Messias. Manuscritos do texto ocidental acrescentam à cláusula *Saulo se fortalecia cada vez mais* a frase preposicional *na Palavra*. Desse modo, o texto "se refere ao seu poder de pregar e não simplesmente à recuperação de suas forças físicas" depois de seus três dias de jejum.[33] Paulo recebeu vasto treinamento no Antigo Testamento, e agora usa a educação que recebeu para explicar aos seus auditórios o cumprimento dessa Escritura. E quanto mais abre a Palavra de Deus, mais ele vê o Cristo personificado em Jesus de Nazaré.

Os judeus têm a Palavra sagrada em alta estima, mas ficam confusos e atônitos quando Paulo lhes mostra o cumprimento dessas profecias messiânicas. São incapazes de se opor a esse erudito que, cheio do Espírito Santo, lhes mostra a verdade das Escrituras. Seus débeis esforços para se defenderem resultam em contradição, confusão e fracasso. Devem admitir que Paulo está correto no seu ensino e que tudo o que ele diz se harmoniza com a Palavra de Deus. Paulo prova "que Jesus é o Cristo". No grego, o verbo *provar*, na realidade, significa reunir muitas partes pelas quais uma pessoa pode chegar a uma conclusão.[34] Paulo reúne inúmeras passagens do Antigo Testamento e prova o seu ensinamento de que Jesus de Nazaré é o Messias.

33. Metzger, *Textual Commentary*, p. 365.
34. Bauer, p. 777.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.20,21

Versículo 20

ἐκήρυσσεν – o tempo imperfeito denota ação contínua no passado; é também incoativo; "Ele começava a pregar".[35]

συναγωγαῖς – por causa da grande comunidade judaica em Damasco, a cidade possuía muitas sinagogas.

ὅτι – a conjunção introduz uma cláusula objeto: "que este é o Filho de Deus".

Versículo 21

τὸ ὄνομα τοῦτο – estas palavras são traduzidas por "este nome" e se referem a Jesus. F. F. Bruce comenta: "Talvez 4.17 e 5.28 devam ser comparados pela imprecisão de τὸ ὄνομα τοῦτο".[36]

ἐληλύθει – mais-que-perfeito ativo do verbo ἔρχομαι (eu venho) é traduzido em inglês como um tempo passado. O mais-que-perfeito nesse contexto perdeu seu significado real porque a sua ação é um fato consumado.

f. Trama

9.23-25

Nesse ponto se encaixa o isolamento de Paulo no deserto da Arábia. A frase preposicional *passados muitos dias* difere da expressão *vários dias* no versículo 19b. Lucas parece indicar uma interrupção na permanência de Paulo em Damasco. Como vimos no comentário do versículo 21, Lucas está familiarizado com a vida de Paulo e suas cartas. Mesmo assim, não julga necessário relatar detalhes acerca de sua permanência solitária na Arábia.

23. Passados muitos dias, os judeus conspiraram para matá-lo. 24a. Mas sua trama chegou ao conhecimento de Saulo.

A descrição geral do tempo, "passados mutos dias", relaciona-se com o comentário autobiográfico de Paulo: "Então, após três anos [de

35. Robertson, *Grammar*, p. 885.

36. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3 ed., (revista e aumentada), (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 241.

minha conversão perto de Damasco] subi a Jerusalém" (Gl 1.18). O período de tempo não deve ser necessariamente de três anos completos, mas pode ser até mesmo menos de dois anos. Nesse caso, contamos um ano inteiro com os dois anos parciais, sendo um precedente e o outro subseqüente (comparar com 20.31). Esse período de tempo inclui sua permanência na Arábia e seus dias em Damasco.

Paulo continua sua pregação nas sinagogas de Damasco, onde encontra forte oposição dos judeus que se recusavam a aceitar o evangelho. Com certeza Paulo corre o risco de ser morto por esses judeus. Que reversão de acontecimentos! O perseguidor que respirava ameaças homicidas contra os cristãos (9.1) agora recebe a sua própria sentença de morte. O religioso zelote que fez os seguidores de Cristo sofrerem, sofre agora, ele próprio, por causa de Cristo (veja v. 16). Nesse ponto, sua vida de sofrimento apenas desponta (veja 2Co 11.23-29).

Os judeus engendram um plano para matar Paulo, mas, por meio de contatos na comunidade, ele recebe informação a respeito da trama (comparar com 23.16,30). Não estão interessados num ataque de tocaia. Pelo contrário, os judeus operam pelos canais oficiais do governo local e intencionam desse modo alcançar seu objetivo de eliminar Paulo.[37] Segundo a passagem paralela (2Co 11.32,33), o representante do governo oficial em Damasco não é o governador romano, mas o etnarca (governador) nomeado por Aretas IV, rei dos árabes nabetanos (9 a.C. – 40 d.C.). Nos últimos anos de sua vida, esse rei nabetano tomou Damasco do controle romano e governou-a temporariamente.[38] Seu governador dá agora ordens para que se vigiem as portas da cidade de Damasco, porque ele e os judeus querem prender e matar Paulo.

24b. E os judeus vigiavam também as portas dia e noite para que pudessem matá-lo. 25. Seus conversos tomaram-no durante a noite e o desceram pela muralha num cesto.

Por que os judeus conseguem persuadir o governador nabetano de Damasco a emitir uma ordem de prisão contra Paulo? Embora imaginemos que Paulo tenha passado algum tempo no deserto da Arábia

37. Consultar Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, p. 306.

38. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, pp. 129-30. Veja F .F. Bruce, *New Testament History* (1969; Garden City, N.Y.: Doubleday, 1971), p. 242. Contrastar com Kirsopp Lake, "The Conversion of Saul", *Beginnings*, vol. 5, p. 193.

para meditar e preparar-se, não devemos eliminar a possibilidae de que ele tenha tentado evangelizar os árabes nabetanos. Durante mais de um ano Paulo proclamou o evangelho aos nabetanos e talvez ao próprio rei. Não é remota a probabilidade de que o rei Aretas IV não mais tolerasse Paulo e tentasse prendê-lo. Quando o governador subordinado a Aretas ficou sabendo que Paulo residia em Damasco, montou guarda na cidade a fim de prendê-lo.[39]

Entretanto, os conversos de Paulo o protegem e o ajudam a fugir. Numa casa construída junto às muralhas, típica das cidades orientais, colocam Paulo num cesto e o descem, por uma janela, até ao chão, do lado de fora da cidade (2Co 11.33; Js 2.15). Isso acontece sob a proteção da escuridão. Os esforços da missão de Paulo não foram em vão, porque ele ganhou um bom número de conversos (discípulos, em grego). O dono da casa da muralha pode ter sido um deles. Mesmo assim, o tempo de Paulo em Damasco chega ao fim e ele retorna a Jerusalém.

Antes de deixarmos o assunto da fuga de Paulo de Damasco, devemos olhar uma vez mais os dois relatos (vs. 23-25; 2Co 11.32,33), porquanto um esclarece o outro. Por exemplo, a expressão *pela muralha* (v. 25) torna-se significativa quando comparada com as palavras *janela da muralha* (2Co 11.33). Também o verbo *descer* é o mesmo em ambas as passagens. Conquanto essas indicações não passem de indícios reveladores, ainda assim apontam na direção da familiaridade de Lucas com a segunda carta de Paulo aos coríntios.[40]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.23-25

Versículo 23

ἐπληροῦτο – o uso do imperfeito passivo do verbo πληρόω (eu encho) transmite o sentido de tempo passando gradualmente: "estavam sendo cheios".

ἱκαναί – referindo-se ao tempo, este adjetivo mostra que considerável tempo se passou (veja também 27.7).[41]

---

39. Veja Lake, "Conversion of Saul", p. 194; e consultar Bruce, *Book of the Acts*, pp. 191-92.

40. C. Masson, "A Propos de Act. 9.19b-25. Note sur l'utilisation de Gal.et de 1 Cor. Par l'auteur de Actes", *TheolZeit 18* (1962): 161-66.

41. Bauer, p. 374.

Versículo 24

παρετηροῦντο – este é o imperfeito médio do verbo composto παρατηρέω (eu vigio de perto). O imperfeito denota atividade constante, o médio significa "vigiar-se a si mesmo"[42] e o composto reflete intensidade.

ἡμέρας καὶ νυκτός – genitivo de tempo, isto é, o tempo em que ocorre um acontecimento.

Versículo 25

διά – a preposição seguida por um substantivo no caso genitivo significa "por" no sentido de "por uma abertura da janela".

---

3. *Paulo em Jerusalém*

9.26-30

Essa seção apresenta a volta de Paulo a Jerusalém, de onde havia saído como um implacável perseguidor dos cristãos enviado do sumo sacerdote. Ele sabe que, como convertido à fé cristã e apóstolo dos gentios – nomeado pelo próprio Jesus – deve encontrar-se com a igreja e com os apóstolos. A passagem traz algumas dificuldades. Por exemplo, Lucas relata que Barnabé apresentou Paulo aos apóstolos, porém este, na sua carta aos gálatas, escreve que não se encontrou com nenhum dos apóstolos exceto Pedro e Tiago (1.18,19).

Por outro lado, essa seção também apresenta uma notável semelhança com a seção paralela precedente (vs. 19b-25): a apresentação de Paulo às igrejas, sua pregação nas sinagogas locais e ameaça à sua vida e a fuga para outros lugares.

26. Quando Saulo chegou a Jerusalém, tentou associar-se aos discípulos. E todos o temiam porque não acreditavam que ele fosse um discípulo.

a. "Saulo chegou a Jerusalém." Lucas, aparentemente, não olha para a disposição emocional e psicológica de Paulo, todavia podemos imaginar a tremenda pressão que Paulo sofre ao aproximar-se da cidade de Jerusalém. Em todos os sentidos práticos, essa cidade, mais do que Tarso, é o seu lar. Ali ele poderia ter-se hospedado com sua irmã (23.16). Mas, como um ex-fariseu (Fp 3.5), Paulo terá de enfrentar

42. Thayer, p. 486.

seus antigos colegas, mestres e superiores. Eles o considerarão como um traidor do judaísmo e alguns deles não hesitarão em tentar matá-lo (v. 29). Seguramente, quando Paulo explica como o Senhor o chamou nas imediações de Damasco, eles se recusam a aceitar o seu testemunho referente a Jesus; o próprio Senhor precisa dizer a Paulo que deixe Jerusalém imediatamente (22.17,18).

b. "Tentou associar-se aos discípulos." Como cristão, Paulo terá de encontrar-se com os membros da igreja de Jerusalém em culto e oração. Porém, ele sabe que ninguém servirá de intermediário para apresentá-lo aos membros dessa igreja. Em Damasco, Ananias realizou para ele esse ato de amor, mas aqui está sozinho. Ele tem plena consciência de que os cristãos em Jerusalém o temem. Consideram-no o perseguidor da igreja, e que não é digno da confiança deles.

c. "Todos o temiam." Repetidas vezes, Paulo tenta adorar junto com os crentes, a quem Lucas chama de "os discípulos", mas sofre discriminação e rejeição. Nos dias anteriores à sua conversão, Paulo planejara retornar a Jerusalém com numerosos discípulos de Jesus, aprisionados, vindos da comunidade cristã de Damasco. Agora ele vai à igreja de Jerusalém como um discípulo de Cristo. Que reversão! A igreja não está pronta a aceitá-lo e se recusa a acreditar que ele tenha se tornado um discípulo.

Em sua carta aos gálatas, Paulo revela que três anos depois de sua conversão ele foi a Jerusalém (1.8). Mas a igreja de Jerusalém não teria ficado sabendo de sua conversão? O fato é que depois desses três anos essa igreja ainda está sofrendo os resultados da grande perseguição (8.1a.) Paulo não menciona a igreja de Jerusalém, mas revela que as igrejas da Judéia não o conheciam pessoalmente (Gl 1.22). Como Paulo passou mais tempo no deserto da Arábia do que na própria Damasco, as notícias referentes a ele foram indefinidas, escassas e talvez de pouca confiança. Paulo está sozinho entre dois corpos religiosos, o judaísmo e o Cristianismo, pois nenhum dos dois o aceita.

27. Porém Barnabé o tomou e o levou aos apóstolos. Explicou-lhes como Saulo, na estrada, vira o Senhor e como lhe falara. E contou-lhes como, em Damasco, Saulo falara ousadamente em nome de Jesus.

Mais uma vez Lucas introduz Barnabé (4.36,37), um levita de

Chipre, a quem os apóstolos chamavam de "Filho do Encorajamento". Ele havia vendido um campo e doado a importância a fim de sustentar os pobres de Jerusalém. Lucas descreve-o também como "um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé" (11.24).

Barnabé faz jus ao nome que tem quando resolve ajudar Paulo. Ele compreende a necessidade de este ser aceito pela igreja cristã, e, portanto, lhe estende a mão. Antecendentes semelhantes facilitam o contato inicial entre Barnabé e Paulo. Ambos procedem de comunidades judaicas da dispersão, Chipre e Tarso, respectivamente; ambos falam grego como seu idioma natal. Devemos precaver-nos de especulações em torno da questão sobre se esses dois homens haviam se conhecido anteriormente na dispersão ou em Jerusalém. As Escrituras não fornecem nenhuma indicação de que eles se conheciam. Se esse fosse o caso, esperaríamos que Paulo fosse diretamente a Barnabé ao chegar em Jerusalém.[43]

Barnabé crê no relato da conversão de Paulo e está convencido de sua autenticidade. Ele o leva aos apóstolos, quando age como portavoz de Paulo, bem semelhante ao modo como Ananias o apoiara em Damasco. A história da confiabilidade de Barnabé faz com que os apóstolos ouçam o que ele tem a dizer a respeito de Paulo. Barnabé narra a história da experiência deste a caminho de Damasco, sua conversão à fé cristã e sua intrepidez ao pregar acerca do nome de Jesus nas sinagogas de Damasco. Barnabé persuade os apóstolos a respeito de genuinidade da conversão de Paulo.

Quem são esses apóstolos em Jerusalém? O próprio Paulo declara que durante sua visita a Jerusalém, ele viu somente Pedro e Tiago, o irmão do Senhor, mas a nenhum dos outros apóstolos (Gl 1.18,19). Tiago, naturalmente, não pertence aos Doze, mas ao círculo mais abrangente de apóstolos. O que Paulo quer dizer quando diz que se encontrou apenas com Pedro e Tiago? Ele quer dizer que Pedro se encontrava em Jerusalém, mas todos os outros se encontravam ocupados na liderança de "muitas comunidades cristãs espalhadas pela região".[44] O

43. "É bem provável que Barnabé e Saulo tivessem se conhecido pessoalmente na sua juventude", escreve Henry Alford no *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols., (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 105.

44. William Hendriksen, *Exposition of Galatians*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1968), p. 61.

comentário de Lucas de que Barnabé levou Paulo aos apóstolos é uma declaração geral que se refere a pelo menos a dois representantes, Pedro e Tiago.

28. Assim, Saulo estava com eles, movendo-se livremente em Jerusalém e falando com intrepidez em nome do Senhor. 29. Falava e argumentava com os judeus helenistas, porém eles tentavam matá-lo.

O que fez Paulo quando esteve com Pedro em Jerusalém? Certamente que não conversou sobre as condições climáticas durante quinze dias (Gl 1.18). Nas sinagogas damascenas, Paulo havia proclamado Jesus como aquele que cumprira as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Com base no seu treinamento nas Escrituras e seu encontro com Jesus, Paulo podia pregar no nome de Jesus. Entretanto, ele não o seguira desde o batismo do Senhor até ao tempo de sua ascensão (1.21,22). Apesar de declarar que não recebera o evangelho de homem algum, e, sim, pela revelação de Jesus Cristo (Gl 1.12), mesmo assim ele necessitava de confirmação e discernimento para pregar o evangelho de Cristo. Como apóstolo, Paulo não trabalhava independentemente dos outros apóstolos (veja Gl 2.1,2). Ele proclamava o evangelho em harmonia com os Doze.

Para provar aos cristãos que ele é realmente um convertido, Paulo desenvolve um ministério de pregação entre os judeus de fala grega. Em suma, ele continua a obra iniciada por Estêvão. Com intrepidez, apresenta o nome de Jesus Cristo aos helenistas (veja 6.1,9), que não mais o consideram um respeitável estudioso das Escrituras, mas como um traidor da causa do judaísmo. Assim como fizeram com Estêvão, assim também tentam eliminar Paulo.

30. E quando os irmãos ficaram sabendo disso, levaram-no a Cesaréia e enviaram-no a Tarso.

O paralelo entre as experiências de Paulo em Damasco e em Jerusalém é acentuado; ele tem de fugir para salvar sua vida. Note-se também que em ambos os casos, crentes chamados de "irmãos" protegem-no do perigo. Em Damasco, eles o ajudam a fugir, descendo-o num cesto para fora dos muros da cidade. Os irmãos em Jerusalém o acompanham a Cesaréia, onde o colocam a bordo de um navio, enviando-o a Tarso, sua cidade natal.

Levantamos duas questões referentes à permanência de Paulo em Jerusalém e seus anos em Tarso. Primeiramente, ele escreve que ficou com Pedro durante quinze dias (Gl 1.18), mas Lucas relata que Paulo falava e debatia com os judeus de fala grega em Jerusalém. Essa dificuldade desaparece ao percebermos que a natureza impetuosa de Paulo não lhe permitia simplesmente sentar-se imóvel e tranqüilo enquanto Pedro e Tiago lhe relatavam os numerosos detalhes acerca da vida e do ministério de Jesus. No período de duas semanas, ele foi às sinagogas que Estêvão havia visitado. Ali, dentro de poucos dias, os judeus helenistas foram incapazes de rebater a habilidosa argumentação do antigo fariseu. Desse modo, em oposição a ele, recorreram às ameaças contra sua vida. E essas tramas, visando eliminá-lo, limitaram sua permanência em Jerusalém a quinze dias.

Em segundo lugar, o que fez Paulo ao retornar a Tarso, sua cidade natal? Ele permaneceu ali por muitos anos até que Barnabé foi e o convidou a ajudá-lo a ensinar e pregar na igreja de Antioquia (11.25-26). Apesar de Lucas escrever a respeito das viagens missionárias de Paulo e das igrejas que visitou, nunca menciona a existência de uma igreja em Tarso. Mesmo assim, sabemos que inúmeros judeus viviam naquela cidade e sem dúvida haviam construído sinagogas.

Em Cilícia, sua província natal, Paulo deve ter sido um missionário atuante. Ele próprio escreve que, depois de deixar Jerusalém, foi para a Síria e Cilícia (Gl 1.21). A advertência do Concílio de Jerusalém aos crentes gentios foi endereçada àqueles que viviam em Antioquia, Síria e Cilícia (15.23). Quando Paulo iniciou sua segunda viagem missionária, ele e Silas visitaram as igrejas da Síria e Cilícia com o propósito de fortalecê-las (15.41).[45] Logo, tudo indica que Paulo utilizou seu tempo na proclamação do evangelho de Cristo nas províncias da Síria e Cilícia.

Humanamente falando, Paulo foi um fracasso, pois, em virtude de sua ousada abordagem na pregação do Evangelho, criava inimizades onde quer que fosse. Ele pouco fez para expandir a igreja e o reino de Cristo. O que ele precisava era de um período de amadurecimento e reflexão em Tarso a fim de ganhar confiança e aprender a paciência.

45. E.A.Judge, "Cilícia", *ISBE*, vol.1, p. 699. Veja também R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of The Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 378.

De uma perspectiva divina, dizemos que Jesus removeu Paulo da cena do conflito e confrontação em Damasco e Jerusalém. No tempo oportuno, Jesus chamou Paulo como seu instrumento escolhido para proclamar o evangelho aos gentios.

Considerações Práticas em 9.26-30

"O perfeito amor lança fora o medo" – escreve João em uma de suas epístolas (1Jo 4.18). O perfeito amor entra em ação quando amamos ao Senhor de todo o nosso coração, alma e entendimento, e amamos ao nosso próximo como a nós mesmos. Quando amamos a Deus e ao nosso próximo, então o medo, no sentido de alarme e pavor, é banido de nosso coração. Jesus nos diz para amarmos até mesmo aos nossos inimigos e a orarmos por eles (Mt 5.44). Portanto, ele coloca os inimigos no mesmo nível de nossos próximos.

Barnabé não somente ouviu esse ensinamento como também o aplicou. Quando Paulo chegou em Jerusalém e foi rejeitado pelos crentes, porque duvidavam de sua sinceridade, Barnabé estendeu a mão em amor e aceitou Paulo como um irmão em Cristo. Com o coração cheio de amor por Paulo, Barnabé não temeu o antigo perseguidor da igreja de Jerusalém. Ele se tornou uma ponte para Paulo ao levá-lo aos apóstolos e membros da igreja com o fim de conquistar sua aceitação. Motivou os irmãos a aceitarem-no. Quando, dentro de duas semanas, a situação em Jerusalém se tornou precária para Paulo, estes irmãos acompanharam-no a Cesaréia, Barnabé e os irmãos demonstraram seu genuíno amor por Paulo, e dessa forma viveram sem medo. Nas palavras de um autor de hinos do século 9º:

> Tinham fé que não conhecia a vergonha,
> Amor que não conhecia a fraqueza;
> A eterna esperança vencia
> A angústia momentânea.
> – trad. para o inglês por John Mason Neale

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.26-28

Versículo 26

ἐπείραζεν – note-se o tempo imperfeito deste verbo e do verbo ἐφοβοῦντο neste versículo. O imperfeito descreve ação contínua. O verbo πειράζω significa "tentar".

πιστεύοντες – este particípio presente ativo sugere a causa da ação do verbo precedente *temer*.

ὅτι – usada como conjunção, esta palavra introduz discurso indireto no qual o tempo presente do verbo ἐστίν é traduzido no passado.

Versículo 27

ἐπιλαβόμενος – o significado básico deste particípio aoristo é "apoderar-se de". O sentido figurado é preferido: "tomar interesse em".

πῶς ... ὅτι ... πῶς – a frase muda de uma pergunta indireta para uma afirmação indireta e então volta a uma pergunta indireta.[46]

Versículo 28

εἰσπορευόμενος καὶ ἐκπορευόμενος – aqui está uma expressão idiomática que na realidade quer dizer "movendo-se livremente". As palavras não devem ser compreendidas como uma construção perifrástica com o verbo ἦν, "ele entrava e saía de Jerusalém". Pelo contrário, o verbo *estar* tem concordância com μετ᾽ αὐτῶν (ele estava com eles). Também, a preposição εἰς equivale a ἐν (em).

4.*Conclusão*

9.31

Por todo o seu livro, Lucas fornece pequenos resumos que alertam o leitor quanto a uma transição. Por exemplo, ele dá um resumo transicional entre o seu relato do Pentecoste e a narrativa de Pedro e João curando o coxo no perímetro do templo (2.44-47).[47] Antes de escrever a respeito do alcance missionário de Pedro em Lida e Jope, Lucas relata que as igrejas da Palestina entraram num período de paz.

31. Então a igreja por toda a Judéia, Galiléia e Samaria desfrutava de um período de paz e era fortalecida. E continuava a aumentar, vivendo no temor do Senhor e no conforto do Espírito Santo.

a. "A igreja por toda a Judéia, Galiléia e Samaria." Lucas focaliza sua atenção no alvo final: os confins da terra. Por essa razão ele não revela quase nada acerca do trabalho missionário na Palestina. Presu-

46. Robertson, *Grammar*, p. 1047; e veja Moule, *Idiom-Book*, p. 153.
47. Veja ainda 4.32-35; 5.12-16.

mimos que os crentes espalhados por toda a Judéia e Samaria (1.8) ensinaram as boas-novas e foram instrumentos no estabelecimento de igrejas. Somente aqui em Atos é que Lucas menciona a palavra *Galiléia*. Podemos esperar que os quinhentos irmãos a quem Jesus apareceu depois de sua ressurreição e antes de sua ascensão (1Co 15.6) tenham testemunhado de Cristo na Galiléia. Agora, numa declaração resumida, Lucas divulga que a igreja na Judéia, Galiléia e Samaria desfrutou de um período de paz. Note-se que ele emprega a palavra *igreja* no singular a fim de indicar a unidade do corpo de Cristo.[48] Cristãos judeus do sul (Judéia) e do norte (Galiléia) viviam em perfeita harmonia com os cristãos samaritanos.

b. "[A igreja] desfrutava de um período de paz e era fortalecida." Nesse texto, Lucas indica que toda a igreja na Palestina desfrutava de paz. Ele transmite a impressão de que a atenção daqueles judeus antagônicos voltada para a igreja cristã foi desviada para outros assuntos. Em outras palavras, as notícias religiosas e políticas do dia requeriam a atenção deles; como resultado, a igreja conquistou uma trégua com relação à perseguição.

Se supusermos que o sumário de Lucas reflete os anos 36-37 d.C., então sabemos pelo historiador Josefo que esses anos foram marcados por mudanças. Por exemplo, em 36 d.C., o governador romano Vitélio sucedeu Pôncio Pilatos. Logo que assumiu o cargo, ele depôs Caifás, o sumo sacerdote, e transferiu o seu sacerdócio para Jônatas; um ano mais tarde Jônatas foi substituído por seu irmão Teófilo.[49] Vitélio, ao contrário de Pilatos, promoveu a ordem e a estabilidade. E mais, em 37 d.C., o imperador Tibério morreu e foi sucedido por Calígula. Nesse ano, Calígula concedeu ao seu amigo Herodes Agripa I autoridade para governar como rei na Palestina.[50] Herodes Agripa I, que era neto de Herodes, o Grande, governou de 37-44 d.C. Ele foi ferido pelo anjo do Senhor e teve uma morte dolorosa (12.23). Essas mudanças fizeram com que os judeus, inclinados a perseguir os cristãos, desistissem e

48. Pelo menos duas traduções (KJV e NKJV) trazem o plural *igrejas*. Entretanto "o âmbito e a idade das testemunhas que lêem o número no singular é superior às que o lêem no plural", Metzger, *Textual Commentary*, p. 367.

49. Josefo, *Antiquities* 18.4.3 [95]; 18.5.3 [123].

50. Josefo, *War* 2.9.6 [181]; *Antiquities* 18.6.10 [237].

ouvissem os seus novos governantes. Desse modo a igreja desfrutou de um período de paz e tranqüilidade, e foi fortalecida na fé. Ela aumentou não apenas sua força espiritual, mas também em número.

c. "E continuava a aumentar." Em todas as áreas da Palestina, a igreja demonstrava aumento substancial na sua membresia. Quando o medo da perseguição arrefeceu, incontáveis pessoas confessaram abertamente a sua fé em Jesus Cristo. Lucas menciona duas razões para esse aumento: primeiro, os cristãos estavam vivendo no temor do Senhor. Significa que reverenciavam e honravam Jesus Cristo como Salvador e Senhor em seu viver diário. Em segundo lugar, experimentavam o conforto do Espírito Santo. Em suma, esses crentes primitivos demonstravam aos olhos do mundo a alegria de viver a vida cristã. Por intermédio de uma vida cheia do Espírito, atraíam inúmeras pessoas ao conhecimento salvador de Cristo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.31

μὲν οὖν veja a explicação desta expressão idiomática recorrente em Atos 8.25.

τῆς um único artigo definido é seguido por três substantivos (Judéia, Galiléia, Samaria) e portanto se refere a todo o país da Palestina.[51]

εἶκεν este verbo (estava tendo) e o seguinte ἐπληθύνετο (estava aumentando) estão no imperfeito, que descreve uma ação contínua no passado.

τῷ φοβῳ o caso dativo é de lugar com o verbo πορεύομαι (eu ando, vivo).

---

32. Certa vez, quando Pedro viajava por várias regiões, ele desceu aos santos que viviam em Lida. 33. Ali encontrou um homem chamado Enéias, que estava acamado há oito anos como paralítico. 34. E Pedro lhe disse: "Enéias, Jesus Cristo o cura. Levante-se e arrume o seu leito". Imediatamente, Enéias levantou-se. 35. E todos os que viviam em Lida e Sarona viram-no e se converteram ao Senhor.

---

51. Robertson, *Grammar*, p. 787.

D. O Ministério de Pedro
9.32–11.18

1. *O Milagre em Lida*
9.32-35

Em Atos, Lucas se move rapidamente através da história da igreja cristã na primeira década de sua existência. Depois de relatar a conversão de Paulo nas proximidades de Damasco e seu breve ministério ali e em Jerusalém, Lucas, uma vez mais, narra o ministério de Pedro. Este, naturalmente, encontrou-se com Paulo em Jerusalém por um período de duas semanas. Quando as igrejas, por toda a Palestina, desfrutavam de uma trégua em meio à sua perseguição e continuavam a crescer em espírito e em número, Pedro deixou Jerusalém e começou a viajar por todo o país. Talvez sua missão tenha acontecido no último ano da quarta década.[52]

A jornada de Pedro é um prelúdio de seu chamado para visitar o centurião romano, Cornélio, em Cesaréia. Conseqüentemente, Jesus comissionou Paulo para ser seu apóstolo destinado aos gentios, porém instruiu Pedro a pregar o evangelho à família gentia de Cornélio. Pedro, e não Paulo, é o primeiro a dar as boas-vindas aos gentios no seio da igreja cristã.

Antes de sua viagem a Cesaréia, Pedro visita igrejas localizadas ao longo das fronteiras da Judéia. Ele segue rumo à região costeira a fim de se encontrar com os crentes em Lida.

32. Certa vez, quando Pedro viajava por várias regiões, ele desceu aos santos que viviam em Lida.

Nada sabemos acerca das viagens de Pedro exceto aquilo que Lucas relata em Atos. Paulo registra que Pedro levava consigo sua esposa nas viagens missionárias (1Co 9.5). Supomos que tenha visitado as igrejas da Galiléia e Samaria. Lucas dá uma descrição geral e diz que Pedro viajava por várias regiões. Até onde ele ia não é importante para Lucas, que está interessado em narrar a respeito da visita de Pedro a Lida.

Das localidades mais elevadas de Jerusalém ou Samaria, Pedro desceu aos campos férteis da planície de Sarona ao longo da costa do

52. Alford argumenta que Pedro visitou as igrejas antes de Paulo ir visitá-lo em Jerusalém, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 107.

Mediterrâneo. A cidade de Lida, anteriormente conhecida por seu nome hebraico, *Lode*,[53] estava localizada a dezessete quilometros de Jope. Ficava situada no entrosamento da rota de comércio entre o Egito e Damasco e a estrada de Jerusalém a Jope. Júlio César deu a cidade de Lida aos judeus, que a governaram até à época da revolta judaica em 66 d.C. Então, enquanto o povo se encontrava em Jerusalém para a celebração da Festa dos Tabernáculos, o comandante romano Céstio reduziu Lida a cinzas.[54]

Quem evangelizou o povo de Lida e Jope? Deduzimos, a partir da evidência fornecida por Lucas, que o evangelista Filipe, depois de batizar o eunuco etíope, apareceu em Azoto e levou o evangelho a todas as cidades das regiões costeiras; finalmente chegou até Cesaréia (8.40).

Lucas escreve que Pedro visitou os santos de Lida. É interessante que a palavra *santos* ocorre apenas umas poucas vezes em Atos (vs. 13,32,41; 26.10). Na primeira década da era cristã, os crentes eram conhecidos como discípulos de Jesus Cristo. Alguns anos mais tarde, os crentes de Antioquia são chamados cristãos (11.26). Mas nos anos finais da quarta década, os seguidores de Jesus ainda não possuíam identidade, tanto que o nome *santos* servia ao propósito.

Os santos de Lida dão as boas-vindas a Pedro. Como resultado do milagre de cura que realiza, aumenta a membresia das igrejas em Lida e na planície de Sarona (v. 35). Sempre que lemos no Novo Testamento a respeito de um milagre realizado por Jesus ou pelos apóstolos e evangelistas, vemos que esses milagres são designados com o propósito de fortalecer a fé. Esse é certamente o caso em Lida, onde Enéias deposita sua confiança nas palavras ditas por Pedro e é curado. Suponho que Pedro tenha contado a Lucas esse milagre e o da ressurreição de Dorcas. Em ambas as ocasiões, Lucas menciona os nomes das pessoas envolvidas (Enéias e Dorcas) e assim pode transmitir a essas histórias vividez e colorido.

33. Ali encontrou um homem chamado Enéias, que estava acamado há oito anos como paralítico.

---

53. O aeroporto internacional de Israel tem o nome de *Lode*. Foi construído a dezessete quilômetros a leste de Tel Aviv (antiga Jope).

54. Josefo, *Wari 2.19.1 [515-16]; Antiquities* 14.10.6 [205-8]. Veja também William Ewing e R. K. Harrison, "Lydda", *ISBE*, vol. 3, p. 151.

Os santos em Lida apresentam Pedro a Enéias, o qual sofrera um derrame ou paralisia e assim permaneceu preso ao leito durante os últimos oito anos. Esse homem não consegue levantar-se de seu humilde leito, mesmo quando Pedro se aproxima dele. Não podemos determinar se esse homem é crente ou não, pois a narrativa é muito abreviada. Talvez Enéias tenha ouvido que Pedro curou pessoas em Jerusalém; agora aguarda na expectativa de que Pedro fale.

34. E Pedro lhe disse: "Enéias, Jesus Cristo o cura. Levante-se e arrume o seu leito". Imediatamente, Enéias levantou-se. 35. E todos os que viviam em Lida e Sarona viram-no e se converteram ao Senhor.

Pedro cura as pessoas apenas invocando o nome de *Jesus Cristo* (comparar com 3.6), pois o Senhor, e não Pedro, é quem realiza os milagres de cura. Pedro chama Enéias pelo nome e então anuncia que Jesus Cristo o cura. Ele usa o tempo presente numa sentença declarativa. Pedro anuncia um fato que se torna realidade no momento em que pronuncia as palavras. Então ordena a Enéias que se levante e arrume a sua cama. A fraseologia literal do grego é "arruma para ti". O objeto do verbo *arrumar* está faltando e pode ser "leito" ou "mesa". Os tradutores preferem tomar o verbo com o substantivo *leito*.[55]

O advérbio *imediatamente* revela que, sem um momento sequer de demora, Enéias se levanta e arruma a sua cama com o fim de mostrar ao povo que foi curado. Ele ficou de posse das plenas funções de seus membros.

O povo de Lida e da região circunvizinha de Sarona vê e ouve acerca daquilo que acontecera e deposita sua fé e confiança em Jesus Cristo. A planície de Sarona se estende de Jope ao longo da costa até depois de Cesaréia, no Monte Carmelo. Aqui Lucas fala em termos gerais a fim de transmitir a notícia de que a igreja continua a crescer numericamente.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.32-34

Versículo 32

χατελθεῖν o infinitivo aoristo depende do verbo ἐγένετο, que é seguido por Πέτρον (acusativo) como sujeito do infinitivo. A forma com-

55. Bauer, p. 771.

posta do infinitivo indica que Pedro desceu à planície de Sarona vindo de lugares geograficamente situados em elevações mais altas.

Versículo 34

ἰᾶται este indicativo presente ativo – o perfeito ativo ἴαται – é um presente aoristo. Quer dizer, a cura acontece enquanto Pedro fala.

στρῶσον o imperativo aoristo ativo toma o substantivo subentendido κλίνην (leito) como objeto direto. A palavra *leito* pode também se referir a um sofá colocado ao lado de uma mesa.

36. Em Jope havia uma mulher, uma discípula chamada Tabita (que traduzido é Dorcas). Ela realizava continuamente muitas obras de bondade e compaixão. 37. E naqueles dias ela adoeceu e morreu. E depois de lavarem o seu corpo, deitaram-no no cenáculo. 38. Como Lida era perto de Jope, e os discípulos ouviram dizer que Pedro estava ali, enviaram dois homens, pedindo-lhe: "Por favor, venha sem demora".

39. Pedro foi com eles. Ao chegar, conduziram-no ao cenáculo. Todas as viúvas o rodearam; choravam e mostravam-lhe todos os casacos e outras roupas que Dorcas fizera enquanto ainda estava com elas. 40. Pedro mandou todos saírem da sala, ajoelhou-se e orou. Ele voltou-se para o corpo e disse: "Tabita, levante-se". Ela abriu os olhos, viu Pedro e sentou-se. 41. Estendendo a sua mão, ele ajudou-a a levantar-se. Depois chamou os santos e as viúvas e a apresentou-lhes viva. 42. E isso tornou-se conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor. 43. Pedro permaneceu em Jope por algum tempo com Simão, o curtidor.

2. O Milagre em Jope

9.36-43

36. Em Jope havia uma mulher, uma discípula chamada Tabita (que traduzido é Dorcas). Ela realizava continuamente muitas obras de bondade e compaixão. 37. E naqueles dias ela adoeceu e morreu. E depois de lavarem o seu corpo, deitaram-no no cenáculo.

Ao longo das águas azuis do Mar Mediterrâneo repousa a cidade de Jope (a Jafa de nossos dias), cerca de 56 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Cidade portuária, Jope serviu Salomão quando a madeira era enviada do Líbano em balsas (2Cr 2.16). Em Jope o profeta Jonas embarcou num navio (Jn 1-3). Através dos séculos muitas nações controlaram a cidade, porém, no século 1º a.C., Júlio César deu-a aos judeus.[56] Ela permaneceu em mãos judaicas até que estes guerrearam contra Roma (66-70 d.C.).

56. Josefo, *War* 1.20.3 [396]; *Antiquities* 14.10.6 [202-5]; 15.7.3 [217].

Os habitantes de Jope ouviram as boas-novas proclamadas pelo evangelista Filipe (8.40), e entre aqueles que criam encontrava-se uma discípula chamada Tabita. Esta senhora era uma verdadeira discípula de Jesus Cristo, pois vivia seu Cristianismo em tudo o que dizia e realizava. Era conhecida por seu incansável trabalho entre os pobres; fazia obras de bondade e compaixão. Aparentemente, ela era abençoada com bens materiais. Sempre que tinha oportunidade, vivia pela ordem divina de cuidar dos pobres (comparar com Dt 15.11; Mt 26.11; Gl 6.9-10).

O nome *Tabita* é aramaico e significa "gazela". Em grego, o nome dela é Dorcas. Como muitas pessoas na Palestina do século 1º, Dorcas tinha dois nomes (um em aramaico e o outro em grego). Como ela era conhecida por suas numerosas obras dedicadas aos pobres dessa região, sua enfermidade e morte chegaram como um raio sobre eles e criou um vazio na comunidade cristã. Faltam detalhes sobre sua doença e morte, porém Lucas relata que os cristãos foram preparar-lhe o corpo para o sepultamento. Lavaram seu corpo e o colocaram no cenáculo localizado na parte superior da casa onde ela morava (veja 1Rs 17.19; 2Rs 4.10,21). O cenáculo freqüentemente servia como quarto de hóspedes para aqueles que visitavam a casa. Lucas registra esses fatos para mostrar que Dorcas falecera e que sua morte ocorrera naquele dia. O sepultamento no clima quente do Oriente Médio acontece no dia da morte ou no dia seguinte. Tanto os judeus como os gregos tinham o costume de lavar o morto em preparação para o sepultamento. Aliás, os judeus ainda observam o costume conhecido como "Purificação dos Mortos".[57]

O corpo era normalmente ungido antes do sepultamento. Lucas menciona apenas que o corpo de Dorcas foi lavado, e, portanto, parece querer dizer que os cristãos tinham um motivo oculto. Tendo ouvido que Pedro realizara um milagre, curando um paralítico na vizinha Lida, queriam pedir-lhe que ressuscitasse Dorcas dos mortos.

38. Como Lida era perto de Jope, e os discípulos ouviram dizer que Pedro estava ali, enviaram dois homens, pedindo-lhe: "Por favor, venha sem demora".

A distância entre Jope e Lida era relativamente curta, e a presença

57. Lake e Cadbury, *Beginnings, vol. 4,* p. 110.

de Pedro tornou-se conhecida dos cristãos dessa região. Assim os crentes de Jope enviaram dois de seus homens a Pedro. Eles sabiam que já que Jesus havia ressuscitado pessoas dentre os mortos e Pedro havia recebido a autoridade de Jesus para realizar milagres semelhantes, a possibilidade de Pedro trazer Dorcas de volta à vida era real. Os cristãos agiram pela fé enviando dois de seus homens para pedir que Pedro fosse sem demora a Jope. Esses homens demonstraram fé em ação ao persuadirem Pedro a acompanhá-los a Jope. Apesar de Lucas registrar apenas o pedido dos homens para que Pedro fosse, eles provavelmente não podiam esconder sua tristeza. Supomos que Pedro imediatamente ouviu a respeito da morte de Dorcas. Ficou sabendo que o povo pobre de Jope sofrera a tremenda perda de sua benfeitora.

O pedido é envolvido em palavras de cortesia ("Por favor, vem depressa" [NIV]), e a urgência do convite é ligada ao iminente sepultamento de Dorcas. O pedido não é para que Pedro realizasse o seu ofício fúnebre. Ao contrário, pela fé os cristãos esperam o milagre da volta de Dorcas ao seu meio, viva e em boa saúde.[58]

39. Pedro foi com eles. Ao chegar, conduziram-no ao cenáculo. Todas as viúvas o rodearam; choravam e mostravam-lhe todos os casacos e outras roupas que Dorcas fizera enquanto ainda estava com elas.

A distância entre Lida e Jope era pelo menos uma caminhada de três horas. Os dois homens enviados pelos crentes de Jope já tinham gasto esse número de horas na estrada. A necessidade de ação era urgente, e Pedro, interrompendo sua visita às igrejas, deixou os cristãos em Lida e imediatamente acompanhou os dois homens até Jope.

Quando Pedro chegou ali, os crentes levaram-no ao andar de cima onde jazia o corpo de Dorcas. O quarto estava cheio de viúvas que, segundo o costume judaico, pranteavam. As viúvas desse tempo eram identificadas por vestimentas especiais e comumente pertenciam à classe mais pobre da sociedade. As viúvas de Jope dependiam de Dorcas, que confeccionara numerosas túnicas e outras peças de vestuário e lhes dera. Essas pobres viúvas mostravam as vestimentas a Pedro, e assim fazendo honravam a memória de Dorcas.

58. Veja Harrison, *Interpreting Acts*, pp. 172-73.

João Calvino observa que Deus poderia ter conservado Dorcas viva para que cuidasse das viúvas. Mas, ao ressuscitá-la dos mortos, ele concedeu-lhe duas vidas. Ao mesmo tempo, mostrou às viúvas o poder de seu Filho como o Autor da Vida.[59]

40. Pedro mandou todos saírem da sala, ajoelhou-se e orou. Ele voltou-se para o corpo e disse: "Tabita, levante-se". Ela abriu os olhos, viu Pedro e sentou-se.

a. "Pedro mandou todos saírem da sala." Ninguém lhe pedira que realizasse um milagre, ainda que Jesus, certa vez, lhe tenha concedido o poder de levantar pessoas dentre os mortos (veja Mt 10.8). Pedro não podia agir por iniciativa própria, mas sentiu a necessidade de pedir a direção do Senhor. Seguindo a prática de Jesus quando este ressuscitou a filha de Jairo,[60] Pedro mandou que todos saíssem do cenáculo. Precisava estar sozinho com Jesus em oração reservada. Pedro ajoelhou-se em humilde adoração e dependência de Deus. Ele compreendia a necessidade de Dorcas continuar seu trabalho entre os pobres. E agora ora pedindo poder a fim de realizar um milagre em harmonia com a vontade de Deus.

b. "Ele voltou-se para o corpo e disse: 'Tabita, levanta-te'." Ao contrário dos dois profetas, Elias e Eliseu, que ressuscitaram crianças, tocando-as (1Rs 17.19-23; 2Rs 4.32-35), Pedro falou ao corpo de Dorcas (comparar com Jo 5.25). Ele seguiu o exemplo de Jesus que disse à filha de Jairo: "Talita cumi!" (Mc 5.41). Essas palavras em aramaico significam: "Menina, levanta-te". Temos razões para crer que Pedro falou aramaico ao ressuscitar Dorcas. Chamando-a pelo seu nome aramaico, ele disse: "Tabita cumi!" ("Tabita, levanta-te"). A diferença entre a ordem de Jesus à filha de Jairo e a de Pedro a Dorcas é de apenas uma letra.

No entanto, a semelhança, apenas coincidente, não vai além disso. Ademais, os manuscritos do texto ocidental estendem a ordem de Pedro. Temos a leitura: "Tabita, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, levanta-te" (comparar com 4.10).[61] A sentença adicional é irrelevante.

59. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 280.
60. Mateus 9.25; veja também Lucas 7.11-17; João 11.44.
61. Os tradutores rejeitam essa tradução, mas Lake e Cadbury chamam-na de "a fórmula correta", *Beginnings*, vol. 4, p. 111.

c. "Ela abriu os olhos, viu Pedro e sentou-se." Note-se que não é Pedro, e, sim, Jesus quem operou a ressurreição de Dorcas. Ao abrir os olhos e sentar-se, ela provou estar viva e bem. A enfermidade anterior que ceifara sua vida desapareceu. Ela olhou para Pedro. Lucas não indica o que ela lhe disse. Porém, Pedro a ajudou a levantar-se.

41. Estendendo a sua mão, ele ajudou-a a levantar-se. Depois chamou os santos e as viúvas e a apresentou-lhes viva.

Pedro não tocou Dorcas até que ela mostrasse estar viva. Talvez o medo judeu da contaminação o tenha impedido de tomar a mão de Dorcas para fazê-la levantar-se. Depois de realizar o milagre da restauração da vida de Dorcas, Pedro saiu do quarto e chamou os cristãos e as viúvas para irem ver Dorcas viva. Que alegria entre os crentes! Que gratidão a Deus! Que fé triunfante!

42. E isso tornou-se conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor. 43. Pedro permaneceu em Jope por algum tempo com Simão, o curtidor.

Veja o tremendo impacto provocado por esse milagre e o de Lida. Lucas relata que o povo em Lida e os que viviam na planície de Sarona se converteram ao Senhor depois que Enéias foi curado (v. 35). Depois de Dorcas ter sido levantada dentre os mortos, muitas pessoas de Jope creram no Senhor. A igreja cristã tinha agora congregações em Asdode, Lida, Jope e ao longo de toda a costa, "quase até Cesaréia".[62] Lucas já se referiu à igreja na Judéia, Galiléia e Samaria (v. 31). É chegada a hora de levar as boas-novas aos gentios.

Não é Pedro, e, sim, o Senhor quem recebe o louvor, pois o povo de Jope põe sua fé em Jesus. Pedro permaneceu na cidade portuária e passou a residir com um curtidor chamado Simão, que vivia perto da praia (10.6,32). Ali Simão tinha bastante água para esfolar e deixar o couro de molho. Ali ele retirava os pêlos e a sujeira do couro.[63] Talvez a informação de Lucas nos esclareça algo a respeito dos membros da congregação de Jope. A população em geral pode ter evitado Simão, pois os materiais de curtição, os animais mortos e seus couros exalavam mau cheiro. E mais, os judeus consideravam a ocupação de curti-

62. Haenchen, *Acts*, p. 341.
63. Howard M. Jamieson, "*Tanner*", *ZPEB*, vol. 5, p. 595.

dor como sendo cerimonialmente imunda. Rejeitado pelos judeus da sinagoga local, Simão foi aceito pelos membros da igreja cristã. A decisão de Pedro de morar com Simão, o curtidor, reflete sua prontidão em se separar do legalismo judaico e comprometer-se com o trabalho missionário entre os gentios. Em suma, sua hospedagem com Simão, o curtidor, prepara-o para o seu chamado a proclamar o evangelho na casa de Cornélio, o centurião romano.

Considerações Práticas em 9.35 e 42

A igreja do Novo Testamento nasceu num dia singular – o dia de Pentecoste, quando três mil crentes foram acrescentados ao grupo inicial de cristãos (2.41). O próximo número revelado por Lucas é o de cinco mil homens pertencendo à igreja. Se estes eram chefes de família, então somamos as esposas e chegamos a um total de dez mil (4.4). Subseqüentemente, números cada vez maiores de homens e mulheres crêem em Jesus (5.14; 6.1,7; veja também 21.20).

O evangelho reúne pessoas de línguas diferentes: judeus de fala grega e judeus de fala aramaica (6.1). Ele transpõe barreiras de cultura: pessoas comuns abraçam a fé cristã, como também um grande número de sacerdotes (6.7); os samaritanos e os judeus são parte da mesma igreja; e Cristo aceita os ricos e os pobres (por exemplo, Dorcas e as viúvas).

Como as águas de uma enchente inundam a terra, assim o evangelho cobre a nação de Israel dentro de dez anos depois do Pentecoste. O evangelho de Cristo toca todas as áreas e todas as classes de pessoas. Num sentido, a obra missionária na Palestina foi levada a bom termo. Desse modo Pedro e Paulo devem ir aos gentios e aos judeus da dispersão. Entretanto, guiados pelos ensinamentos das parábolas de Jesus, do grão de mostarda e do fermento, observamos que, externamente, a igreja continua a crescer. Internamente, o evangelho deve penetrar cada camada, segmento e setor da sociedade. Assim, como o fermento afeta cada partícula da massa, assim também o evangelho do reino de Cristo penetra as esferas da vida familiar, profissional, escolar e governamental. Regozijamo-nos quando a igreja cresce em número, mas não devemos negligenciar a oração para que, obedientemente, apliquemos a Palavra de Deus em tudo o que fizermos e dissermos. O cristão deve viver sua vida na presença de Deus.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 9.36-39

Versículo 36

μαθήτρια ocorrendo somente aqui, esta forma é o feminino do substantivo μαθητής (discípula). Note-se que, no caso de Dorcas, Lucas declara explicitamente que ela era uma discípula; ele não especifica se Enéias era um discípulo.

Ταβιθά uma palavra aramaica transliterada, o nome é relacionado a *Zíbia* em 2 Reis 12.1.

Versículo 38

οὔσης Λύδδας tanto o particípio quanto o substantivo no caso genitivo revelam a construção gramatical do genitivo absoluto.

δύο Lucas declara que são enviados dois mensageiros, segundo o costume do Oriente Próximo de enviar discípulos de dois em dois (comparar com 8.14; 11.30; 13.2; 15.27; 19.22; 23.23).[64]

μὴ ὀκνήσῃς do verbo ὀκνέω (eu hesito, demoro), este é o subjuntivo aoristo precedido por μή na forma de uma ordem no negativo. A proibição espera a resposta "eu evitarei fazê-lo".[65] Veja também Números 22.16.

Versículo 39

ἐπιδεικνύμεναι este particípio presente na voz mediana significa "mostrar pelo uso". Não há necessidade de interpretar o particípio como ativo, porque "um significado válido pode ser derivado da voz mediana".[66]

ἐποίει o tempo do verbo que precede esta forma do imperfeito ativo influencia sua tradução. Logo, o tempo aparece como um mais-que-perfeito ("fizera").

Sumário do Capítulo 9

Paulo viaja para Damasco a fim de perseguir a igreja, deter os crentes e levá-los prisioneiros a Jerusalém. Ao aproximar-se de Damasco, uma

64. Veja Bruce, *Acts* (texto grego), p. 199.
65. James Hope Moulton, *A Grammar of New Testament Greek*, vol. 1, *Prolegomena*, 2 ed. (Edimburgo: Clark, 1906), p. 125.
66. Robert Hanna, *A Grammatical Aid to the Greek New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 207.

forte luz do céu brilha ao seu redor. Ele ouve a voz de Jesus que lhe pergunta porque ele o está perseguindo. Cegado pela luz, Paulo é levado a Damasco onde jejua por três dias.

Jesus chama Ananias e o envia à casa de Judas, na Rua Direita, onde Paulo está hospedado. Depois de fazer objeções à tarefa e ouvir tranqüilizadoras palavras de Jesus, Ananias vai ter com Paulo. Ele lhe impõe as mãos, e então Paulo recebe sua vista e fica cheio do Espírito Santo. É batizado, põe fim ao seu jejum e é fortalecido.

Paulo prega nas sinagogas de Damasco, mas com o passar do tempo recebe tanta oposição que corre risco de vida. Seus conversos o descem, num cesto, para fora dos muros da cidade. Ele escapa e vai a Jerusalém onde é apresentado aos apóstolos por meio das palavras habilidosas de Barnabé. Paulo debate com os judeus de língua grega, em Jerusalém, novamente é ameaçado e viaja para Cesaréia e Tarso.

Pedro realiza dois milagres: um em Lida, onde cura Enéias que se encontrava preso a um leito, e o outro em Jope, onde ele traz Dorcas de volta à vida. Muita gente crê no Senhor, e Pedro permanece com Simão, o curtidor.

10

A Igreja na Palestina

Parte 3

10.1-48

ESBOÇO (continuação)

10.1-8	3. O Chamado de Pedro
10.1-3	a. Cenário
10.4-6	b. Mensagem
10.7-8	c. Ação
10.9-23a	4. A Visão de Pedro
10.9-13	a. Visão
10.14-16	b. Instrução
10.17-20	c. Chamado
10.21-23a	d. Recepção
10.23b-48	5. A Visita de Pedro a Cesaréia
10.23b-29	a. Chegada
10.30-33	b. Explicação
10.34-43	c. Sermão
10.44-48	d. Reação

Capítulo 10

ATOS 10.1-8

10 1.Em Cesaréia havia um homem chamado Cornélio, oficial do que era chamado de Regimento Italiano. 2. Ele era piedoso e temia a Deus junto com os de sua casa; dava generosamente ao povo e orava continuamente a Deus. 3. Por volta das três da tarde, ele viu distintamente numa visão, um anjo de Deus, que veio a ele e disse: "Cornélio!" 4. Olhando fixamente para ele de forma atenta e amedrontada, Cornélio disse: "O que é Senhor?" O anjo respondeu: "Suas orações e ofertas generosas aos pobres subiram e são lembradas perante Deus. 5. E agora envie homens a Jope e chame um homem por nome Simão que é chamado Pedro. 6. Ele está hospedado com um certo curtidor por nome Simão, cuja casa fica perto do mar". 7. E quando o anjo que lhe havia falado partiu, Cornélio chamou a dois dos seus servos e a um soldado piedoso dos que estavam continuamente com ele. 8. Explicou-lhes tudo e os enviou a Jope.

---

3. *O Chamado de Pedro*

10.1-8

Nos últimos anos de sua primeira década, a igreja cristã continuava a conquistar adeptos tanto entre os judeus na Judéia e Galiléia como entre os samaritanos. A igreja crescia ao longo da costa do Mediterrâneo onde Filipe havia pregado o evangelho em Azoto e cidades tão ao norte como Cesaréia. Além disso, depois de visitar os cristãos em Lida, Pedro se hospedou com os crentes em Jope.

Era chegada a hora de pregar o evangelho ao povo que não era de descendência judaica ou samaritana; o evangelho tinha de ser levado aos gentios (Mt 28.19,20). Não foi Paulo, a quem Jesus comissionara para ser o apóstolo dos gentios (9.15), mas Pedro o primeiro a romper a barreira entre judeus e gentios. Essa ação de Pedro é compreensível. Primeiro, ele era o porta-voz em Jerusalém quando, no Pentecoste, pro-

clamou o evangelho aos judeus. Depois, ele e João foram a Samaria para receber, de bom grado, os samaritanos no seio da igreja cristã. E por fim, Pedro abriu o caminho para os gentios entrarem na igreja quando Deus o chamou para ir a Cornélio em Cesaréia.

a. *Cenário*

10.1-3

1. Em Cesaréia havia um homem chamado Cornélio, oficial do que era chamado de Regimento Italiano.

Essa é a terceira vez que Lucas menciona Cesaréia. Primeiro, Filipe se estabelece ali depois de ter pregado o evangelho enquanto viajava na direção norte vindo de Azoto (8.40). Depois, quando Paulo teve de fugir de Jerusalém, seus amigos cristãos o levaram a Cesaréia a fim de embarcá-lo num navio com destino a Társis (9.30). E terceiro, Cornélio morava em Cesaréia.

Cesaréia era conhecida originalmente como Torre de Estrato, que César Augusto deu a Herodes o Grande em 30 a.C.[1] Por seu turno, Herodes queria agradar a César Augusto e deu à cidade o seu nome. Ele reconstruiu Cesaréia para fazer dela uma vitrine do Oriente. Num período de doze anos (22 a 10 a.C.), Herodes construiu um teatro, um anfiteatro, prédios públicos, uma pista de corridas, um palácio, um aqueduto e um magnífico porto.

A cidade floresceu; a cultura grega e a influência romana atraíram uma população mista para aquela linda cidade portuária. Entre essa gente estava o governador romano, que tinha sua residência e sede em Cesaréia. Apesar de gregos, romanos e outras nacionalidades representarem a maioria da população, os judeus constituíam uma minoria influente e poderosa.

Havia, sob a autoridade do governador romano, cerca de três mil tropas, dentre elas o Regimento Italiano. Seus membros pertenciam à segunda coorte dos cidadãos romanos que haviam oferecido seus serviços como voluntários (Coorte II – Miliaria Italica Civium Romanorum Voluntariorum).[2] Com a finalidade de proteger os interesses roma-

1. Josefo, *Antiquities* 13.12.2 [324]; 13.15.4 [395]; 15.7.3 [215-17].
2. T. R. S. Broughton, "The Roman Army", *Beginnings*, vol. 5, p. 437.

nos, esse regimento prestava serviços em Cesaréia no ano 69 d.C., e presumivelmente, também antes dessa data.

Servindo com o Regimento Italiano encontrava-se um centurião, em essência um oficial não comissionado que comandava cem soldados, por nome Cornélio. O nome *Cornélio* era comum nos círculos romanos e evidencia a cidadania romana; sabemos também que um centurião tinha de ser cidadão romano. E mais, a partir da descrição de Lucas, entendemos que Cornélio morava numa casa espaçosa e possuía muitos servos. Durante seus anos de serviço nas forças armadas, sem dúvida alguma ele havia acumulado muitos ativos financeiros (comparar com Lc 7.1-6) e gozava de uma certa medida de prestígio.

2. Ele era piedoso e temia a Deus junto com os de sua casa; dava generosamente ao povo e orava continuamente a Deus.

No decorrer de sua carreira militar, Cornélio havia se inteirado da religião judaica e a havia abraçado como alguém temente a Deus. Isso quer dizer que ele freqüentava os cultos dos sábados na sinagoga local e observava o sábado como dia de descanso. Cumpria as leis judaicas de restrições alimentares, dava generosamente contribuições materiais para aliviar as necessidades dos pobres e orava diariamente em determinados horários.[3] No entanto, não consentia com a circuncisão e o batismo e se abstinha de oferecer sacrifícios. Desse modo ele seguia o exemplo de inúmeros gentios que adoravam a Deus, mas não eram admitidos na comunidade judaica.[4]

"[Cornélio] era piedoso e temia a Deus junto com os de sua casa." O oficial não considerava sua religião um assunto pessoal, mas familiarizou os de sua residência com as verdades espirituais. Com efeito,

3. P. L. Schoonheim, "De Centurio Cornelius", *NedTTs* 6 (1964): 462; veja F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. (revista e aumentada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 342.

4. Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 A.C. – 135 D.C.)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Miller, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 3, pp. 173-74; Max Wilcox, "The 'God-fearers' in Acts – A Reconsideration", *JSNT* 13 (1981): 102-22; A. T. Kraabel, "The Disappearance of the 'God-Fearers'", *Numen* 28 (1981): 113-26, e o seu "Roman Diaspora: Six Questionable Assumptions", *JJS* 33 (1982): 445-64; T. M. Finn, "The God-Fearers Reconsidered", *CBQ* 47 (1985): 75-84; J. A. Overman, "The God-Fearers: Some Neglected Features", *JSNT* 32 (1988): 17-26; Colin J. Hermer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), pp. 444-47.

pelo menos um de seus soldados era conhecido como um homem piedoso (v.7). Cornélio procurava viver em harmonia com os Dez Mandamentos e, ao observá-los, expressava seu amor por Deus. Lucas escreve que Cornélio orava fielmente a Deus, expressava sua preocupação amorosa pelos pobres e provia generosamente para a satisfação das necessidades deles. Suas dádivas aos pobres eram aceitáveis a Deus e lembradas por ele como ofertas (v.4). Cornélio tinha uma fé genuína no Deus de Israel, tinha conhecimento verdadeiro de seus preceitos e aguardava a vinda do Messias. Sem as virtudes que Lucas menciona, Cornélio não poderia ter se tornado um crente. Em suma, ele estava pronto para ouvir o evangelho e aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

3. Por volta das três da tarde, ele viu distintamente numa visão, um anjo de Deus, que veio a ele e disse: "Cornélio!"

Vemos um paralelo nas visões de Ananias e Paulo em Damasco (9.11-16 e 9.12, respectivamente) com as de Cornélio e Pedro em Cesaréia e Jope (vs.3 e 10-16). Aparecendo a Ananias e Paulo em visões separadas, Jesus os preparou para seu encontro real. O mesmo é verdade com respeito a Cornélio e Pedro.

Para os judeus, a hora costumeira de oração era às três da tarde (veja 3.1). Nessa hora do dia, Cornélio se encontrava de joelhos em oração, quando de repente viu um anjo. Lucas usa a palavra *visão* para descrever o aparecimento de "um anjo de Deus". Quando os apóstolos foram libertados de sua prisão em Jerusalém, um anjo do Senhor abriu-lhes as portas (5.19). De igual modo, Pedro foi solto do cárcere por um anjo do Senhor (12.7-10). Mas o anjo que veio até Cornélio apareceu numa visão (veja também 8.26).

Presume-se que já haviam contado a Cornélio a respeito da existência e tarefa dos anjos. Para o centurião, no entanto, a aparição de um anjo que o chamava pelo nome foi uma experiência singular. Mesmo que o oficial não tivesse familiaridade com visitas angelicais, ele não se deixara enganar pelos sentidos. Ele estava no pleno controle de suas faculdades mentais.[5] O anjo o chamou e disse: "Cornélio".

5. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 599.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.2

φοβούμενος τὸν θεόν – "temente a Deus". Esta expressão ocorre quatro vezes em Atos (10.2,22; 13.16,26). Ademais, o verbo σέβομαι (eu adoro) com as formas participiais se refere aos gentios que adoram a Deus (13.43,50; 17.4,17; 18.7).

οἴκῳ – este substantivo ("casa") é virtualmente idêntico ao substantivo οἰκία. Dependendo do contexto, o substantivo οἶκος significa "unidade domiciliar" (por exemplo, neste versículo e em 16.31,34; 18.8); como também οἰκία em João 4.53.[6]

διὰ παντός – uma expressão idiomática que significa "sempre"ou "regularmente". Está faltando o substantivo χρόνου (tempo/hora).

b. *Mensagem*

10.4-6

4. Olhando fixamente para ele de forma atenta e amedrontada, Cornélio disse: "O que é Senhor?" O anjo respondeu: "Suas orações e ofertas generosas aos pobres subiram e são lembradas perante Deus".

Dois mundos se unem no encontro do anjo e Cornélio: o mundo sem pecado dentro do qual o anjo se move e o mundo pecaminoso ao qual Cornélio pertence. Tão logo vê o anjo, ele percebe a presença divina de Deus representada por um de seus mensageiros. Não é de admirar, então, que Cornélio fique com medo quando olha atentamente para o anjo.[7] Zacarias e Maria, a quem o anjo Gabriel apareceu no templo de Jerusalém e em Nazaré respectivamente, também ficaram grandemente perturbados. Por causa disso o anjo teve de dizer-lhes que não ficassem com medo (Lc 1.13,30). Da mesma maneira, Cornélio não tinha nada que temer.

Ele pergunta: "O que é Senhor?" Note a similaridade entre Paulo e Cornélio: Jesus chamou Paulo pelo nome no caminho de Damasco, e o anjo se dirigiu a Cornélio pelo nome em Cesaréia; Paulo respondeu a Jesus com a palavra *Senhor* (9.5), e Cornélio usou a mesma palavra

6. Jürgen Goetzmann, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 248, 250.

7. Consultar João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 287.

para o anjo.[8] O oficial sabe que está defronte de um santo anjo e, portanto, sua resposta é mais do que um tratamento cortês.

O anjo continua: "Suas orações e ofertas generosas aos pobres subiram e são lembradas perante Deus". A mensagem do anjo tranqüiliza esse centurião romano de que suas orações ao Deus de Israel não são feitas em vão. Deus aceita o amor que Cornélio lhe demonstra por meio de suas ofertas generosas aos pobres. Por conseguinte, o anjo diz a Cornélio que Deus se lembrou de suas orações e generosidade.

Para o judeu, a lembrança significava que ele podia apelar a Deus em oração, porque tinha a certeza de poder contar com ele para receber ajuda.[9] Já que Cornélio era um temente a Deus e não um convertido judeu, estava impedido de apresentar ofertas a ele no templo de Jerusalém. Mas suas orações e seus atos de generosidade para com os seus semelhantes haviam sido aceitos por Deus.

5. "E agora envie homens a Jope e chame um homem por nome Simão que é chamado Pedro. 6. Ele está hospedado com um certo curtidor por nome Simão, cuja casa fica perto do mar."

Qual era o conteúdo das orações que Cornélio apresentava a Deus? Apesar de Lucas deixar de relatar tais detalhes, o conteúdo das orações do centurião é inferido pela mensagem do anjo. A partir do estudo da Escritura, Cornélio havia aprendido acerca do Messias prometido. Entendemos que desde sua chegada na Palestina, ele ouvira acerca da vida e morte de Jesus, mas não sobre sua ressurreição, seus aparecimentos e sua ascensão. Agora ele orava para que Deus lhe concedesse a salvação por intermédio do Messias prometido, a quem os apóstolos e evangelistas proclamavam. Apesar do texto bíblico não indicar especificamente (veja 8.40), nesse tempo talvez Filipe já houvesse chegado a Cesaréia e, havendo ali se fixado, pregava o evangelho de Cristo.

"E agora envie homens a Jope e chame um homem por nome Simão que é chamado Pedro." Fazemos duas observações. Primeiro, o anjo não revela a Cornélio qual é a resposta de Deus às suas orações.

---

8. David John Williams, *Acts*, série Good News Commentaries (San Francisco: Harper and Row, 1985), p. 172.

9. Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 238. Veja Levítico 2.2, 9, 16; 5.12; Siraque 35.6; 38.11; 45.16.

Ele lhe diz somente como Deus irá responder aos seus pedidos. Em outras palavras, Deus deseja que Cornélio exercite a sua fé. Em segundo lugar, Deus não instrui o oficial a viajar para Jope a fim de se avistar com Pedro. Em lugar disso, o centurião deve enviar homens a ele e pedir-lhe que venha a um lar gentio em Cesaréia. Isso é significativo: assim como os apóstolos Pedro e João foram a Samaria e deram as boas-vindas aos samaritanos como membros plenos da igreja cristã, assim também Pedro viaja até Cesaréia e recebe os gentios como membros plenos na igreja. Dessa maneira, em cumprimento ao mandado de Cristo aos apóstolos (1.8), Deus ordena novas fases no crescimento da igreja por intermédio dos apóstolos de Cristo.

As instruções que Cornélio recebeu do anjo foram claras. Como centurião e chefe de sua casa, ele deveria enviar homens a Jope, uma cidade localizada aproximadamente na metade do caminho entre Gaza ao sul e o Monte Carmelo ao norte. Para ser exato, Jope estava situada a 56 quilômetros ao sul de Cesaréia. Os homens convidariam Simão, que é chamado Pedro, para ir à casa de Cornélio. Note que o anjo empregou o nome hebraico *Simão* para indicar que Cornélio iria pedir a um judeu que entrasse em sua casa. E mais, os homens não teriam dificuldade alguma para achar Simão. Eles o encontrariam na casa de Simão, o curtidor, que morava perto do mar. Seriam capazes de localizar prontamente a casa do curtidor, que estava localizada fora dos limites da cidade (veja comentário sobre 9.43).

Considerações Doutrinárias em 10.1-6

Quando os missionários cristãos levaram o evangelho aos gentios, eles encontraram um grupo de pessoas, grupo esse chamado de tementes a Deus. Tratava-se de gentios que não haviam abraçado totalmente a religião judaica e portanto não podiam ser classificados nem como pagãos, nem tampouco como prosélitos. Eles conheciam a tradução Septuaginta da Escritura, mas não haviam sido incorporados ao judaísmo porque não haviam se submetido aos regulamentos de Moisés referentes à circuncisão, ao batismo e aos sacrifícios.[10] Muitos tementes a Deus aceitavam os ensinamentos do evangelho, se uniam à fé cristã e criam em Jesus como

10. Kirsopp Lake, "Proselytes and God-fearers", *Beginnings*, vol. 5, pp. 74-96.

seu Salvador. Dentre esses tementes a Deus estavam Lídia, que era vendedora de tecidos de púrpura em Filipos (16.14), gregos em Atenas (17.4) e Tício Justo em Corinto (18.7).

Ao orar ao Deus de Israel, Cornélio não conhecia Jesus Cristo. Não obstante Deus ouviu e respondeu sua oração. A questão é que Cornélio não poderia ter orado a não ser que orasse pela fé.[11] Assim, ele orou a Deus e pediu o dom da salvação antes de conhecer a Cristo. Ele vivia na expectativa de Cristo entrar em sua vida, tal como os santos do Antigo Testamento aguardavam o Messias. Lucas não fornece nenhuma evidência de que Cornélio orava a Deus e mostrava generosidade para com os pobres com o propósito de merecer a salvação. Devotado a Deus, ele se esforçava por guardar os seus mandamentos, com um coração cheio de amor por ele e pelo próximo necessitado.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.4-6

Versículo 4

ἀτενίσας – o verbo ἀτενίζω (eu olho atentamente para) aparece quatorze vezes no Novo Testamento; doze estão nos escritos de Lucas (Lc 4.20; 22.56; At 1.10; 3.4,12; 6.15; 7.55; 10.4; 11.6; 13.9; 14.9; 23.1). Veja ainda 2 Coríntios 3.7,13.

κύριε – é o vocativo, porém denota mais do que um tratamento cortês. No contexto ele significa "Senhor".

ἐλεημοσύναι – junto com o verbo ποιεῖν este substantivo significa "praticar a virtude de misericórdia ou beneficência". Aqui ele quer dizer fazer "uma doação aos pobres".[12]

Versículos 5,6

μετάπεμψαι – este é o infinitivo ativo aoristo do verbo μεταπέμπω (eu envio após você ou para [buscá-lo]). A preposição neste verbo composto quer dizer "depois".[13]

11. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 111; veja Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 290.

12. Thayer, p. 203.

13. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 609.

βυρσεῖ – o dativo está em aposição ao nome *Simão*, conseqüentemente, "Simão o curtidor".

c. *Ação*

10.7,8

7. E quando o anjo que lhe havia falado partiu, Cornélio chamou a dois dos seus servos e a um soldado piedoso dos que estavam continuamente com ele. 8. Explicou-lhes tudo e os enviou a Jope.

O anjo tinha uma tarefa, e esta era entregar a mensagem de Deus a Cornélio. Havendo completado seu trabalho, o anjo partiu. Mas pela fé Cornélio obedeceu às instruções que o Senhor lhe dera. Chamou dois dos seus servos domésticos totalmente confiáveis, que conheciam a devoção de seu amo a Deus e eram homens espirituais (veja v.2). Além disso, Cornélio encarregou um soldado de acompanhar os dois servos, obviamente para protegê-los. Esse soldado era um homem devoto que participava dos cultos que Cornélio realizava para beneficiar os de sua casa. Todos os três homens possuíam um tesouro espiritual e estavam, dessa forma, unidos em propósito.

Então Cornélio enviou os dois servos e o soldado a caminho de Jope. Se isso aconteceu numa segunda-feira, Cornélio esperava que retornassem na quinta-feira (veja vs.9,23,24,30). Se caminhassem pela estrada arenosa e nivelada ao longo do Mar Mediterrâneo, levariam cerca de dez horas para cobrir a distância entre Cesaréia e Jope. Eles andaram provavelmente quatro horas naquele primeiro dia e então, partindo bem cedo na manhã seguinte, chegaram a Jope aproximadamente ao meio-dia do segundo dia.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.7,8

ὁ λαλῶν – o particípio presente é traduzido no tempo passado ("falou") por causa do tempo aoristo de ἀπῆλθεν (ele partiu).

ἅπαντα – a palavra é equivalente a πάντα (todos). Este é um termo predileto de Lucas, tanto em seu evangelho como em Atos. Ele ocorre dezessete vezes no evangelho de Lucas, treze vezes em Atos, quatro em Marcos, quatro nas epístolas de Paulo e uma vez em Tiago.

9. No dia seguinte ao meio-dia, enquanto viajavam e estavam se aproximan-

do da cidade, Pedro subiu ao telhado para orar. 10. Ele ficou com fome e queria comer; mas enquanto a comida estava sendo preparada, caiu num transe. 11. E ele viu o céu aberto e um certo objeto como um grande lençol sendo baixado à terra por seus quatro cantos. 12. Dentro dele estavam todos os animais de quatro patas, répteis da terra, e pássaros do ar. 13. Então uma voz lhe disse: "Levante-se, Pedro. Mate e coma".

14. Pedro replicou: "Certamente que não, Senhor. Eu nunca comi nada impuro ou imundo". 15. E a voz falou a ele uma segunda vez: "Não considere imundo aquilo que Deus tornou limpo". 16. Isso aconteceu três vezes; e imediatamente o objeto foi levado para o céu.

17. Enquanto Pedro estava imaginando o que poderia significar a visão que vira, os homens enviados por Cornélio, depois de perguntar como chegar à casa de Simão, encontravam-se no portão. 18. Eles chamaram e perguntaram se Simão chamado Pedro estava hospedado ali. 19. Enquanto Pedro refletia acerca da visão, o Espírito lhe disse: "Três homens estão procurando por você. 20. Mas levante-se e desça ao andar de baixo. Acompanhe-os sem hesitação, pois eu próprio os enviei". 21. Então Pedro desceu aos homens e disse: "Eu sou aquele que vocês estão procurando. O que os traz aqui?" 22. Eles disseram: "Cornélio, um oficial, homem justo, que teme a Deus e é respeitado por todo o povo judeu, nos mandou. Um santo anjo disse a ele para convocar você a ir até a casa de Cornélio a fim de ouvir de você uma mensagem". 23a. Pedro os convidou a entrar na casa e lhes deu hospedagem.

4. *A Visão de Pedro*

10.9-23a

Lucas revela que Deus prepara Cornélio para entrar na igreja cristã e prepara Pedro para receber os gentios no seio da igreja como membros plenos. Lucas dedica cerca de um capítulo e meio (10.1-11.18) ao assunto dos primeiros gentios aceitando Jesus Cristo como seu Salvador, recebendo o dom do Espírito Santo e sendo batizados. Nesses capítulos Lucas observa que Deus comissiona Pedro a abrir a porta para os gentios; Pedro representa os apóstolos e é o líder da igreja de Jerusalém. Por essa razão é Pedro, e não Paulo, a pessoa a oferecer as boas-vindas aos gentios.

Pedro é um judeu que desde a sua meninice aprendera a não entrar na casa de um gentio e a não ter comunhão à mesa com um não-judeu. Ele deve agora aprender a vencer seu preconceito e aceitar como irmãos e irmãs gentios tementes a Deus que crêem em Jesus. Por intermédio de uma visão, Deus prepara Pedro para o encontro com Cornélio e os de sua casa.

a. *Visão*

10.9-13

9. No dia seguinte ao meio-dia, enquanto viajavam e estavam se aproximando da cidade, Pedro subiu ao telhado para orar.

Os mensageiros de Cornélio não perderam tempo algum na viagem. Dentro de dez horas chegaram em Jope. Supomos que depois de ter descansado durante a noite, eles continuaram sua jornada ao amanhecer, alcançando Jope ao meio-dia. Pela referência de Lucas a Pedro estar no topo da casa, deduzimos que era verão naquela época do ano, o que proporcionava aos viajantes períodos mais longos de luz do dia.

Enquanto os mensageiros se aproximam de Jope, Pedro busca privacidade no teto plano da casa do curtidor onde está hospedado. As casas palestinas desses dias tinham escadas externas que levavam a tetos planos, onde as pessoas podiam dormir durante as noites quentes de verão ou, como no caso de Pedro, desfrutar da brisa fresca vinda do Mar Mediterrâneo durante o dia. Aparentemente a casa do curtidor não possuía um cenáculo ou sala no piso superior. Nesse dia, ao meio-dia, Pedro sobe ao telhado com o propósito de passar algum tempo em oração individual.

Os horários de oração particular em Israel eram pela manhã, ao meio-dia e no fim da tarde (veja, por exemplo, Sl 55.17; Dn 6.10). Os judeus em Jerusalém participavam das orações públicas no templo durante a hora do sacrifício matinal e nas ofertas feitas no meio da tarde às três horas (veja 3.1).[14] Em Jope, Pedro observa a hora de oração ao meio-dia enquanto espera pela refeição desse horário.

10. Ele ficou com fome e queria comer; mas enquanto a comida estava sendo preparada, caiu num transe.

O grego indica que Pedro fica com muita fome, talvez porque ele tivesse jejuado. De fato seu corpo exige algo para comer. Entrementes, sua anfitriã acha-se ocupada preparando a refeição do meio-dia. Enquanto Pedro suporta pontadas de fome em seu organismo, seus sentidos estão aguçados à medida que focaliza o pensamento em oração a Deus. Então ele cai num transe, que o grego expressa com a palavra

14. SB, vol. 2, pp. 696-702; Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 2, p. 481.

ekstasis (da qual temos o derivativo *êxtase*). Enquanto em transe, Pedro não perde o controle de seus sentidos, nem está sonhando. Durante uma experiência extática semelhante, Paulo vê o Senhor falando com ele e dizendo-lhe para deixar Jerusalém imediatamente (22.17,18). Numa e noutra instância, o apóstolo entra na presença de Deus a fim de receber instruções para o seu ministério. Num profundo estado de concentração, ambos os homens se acham parcial ou completamente alheios às sensações externas, mas totalmente alertas às influências subjetivas que vêm até eles por meio da vista e do som.

No caso de Pedro, todos os seus sentidos estão voltados para Deus na expectativa das ordens divinas. O próprio Deus induz o transe de Pedro para que possa se comunicar com ele de modo visual e audível.[15] Note então que as pontadas de fome de Pedro se relacionam diretamente à visão que ele recebe quando cai em transe. Seus sentidos físicos estão estimulados devido ao seu desejo de se alimentar, porém, a despeito de seu apetite aguçado, ele está plenamente preparado para recusar o convite para comer.

11. E ele viu o céu aberto e um certo objeto como um grande lençol sendo baixado à terra por seus quatro cantos. 12. Dentro dele estavam todos os animais de quatro patas, répteis da terra, e pássaros do ar. 13. Então uma voz lhe disse: "Levante-se, Pedro. Mate e coma".

Pedro vê que o céu se abre e desce um grande lençol cheio de todos os tipos de animais. Isso é certamente interessante, pois esperaríamos que acontecesse o contrário, a saber, que todas as espécies de animais se reunissem na terra e depois fossem levadas ao céu. Mas um objeto desce do céu para a terra, e Pedro observa que ele é baixado por seus quatro cantos. Os agentes que baixam esse grande lençol não são mencionados, mas são, sem dúvida, anjos. O propósito dessa apresentação é indicar que o espetáculo se origina no céu e não na terra.[16] Em outras palavras, é ordenado por Deus.

Quando o lençol chega mais perto da vista, Pedro discerne que ele

15. Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academic Books, 1986), p. 177.

16. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 601.

contém todo tipo de animais quadrúpedes, répteis e aves do céu. Com exceção dos peixes do mar, todas as criaturas que Deus fez estão presentes naquele grande recipiente aberto e conseqüentemente, por comparação, são semelhantes aos que estavam na arca de Noé (Gn 6.20). O lençol contém animais puros e impuros – ovelhas e porcos, a vaca e o coelho (comparar com Lv 11; Dt 14.3-21). Quando Pedro considera todos esses animais, ele sente aversão ao ouvir uma voz do céu ordenando-lhe para matar e comer.

Deus instruíra o judeu a se separar do gentio, consumindo alimentos ritualmente preparados de acordo com as leis judaicas. O povo judeu nem pensaria em entrar no lar de um gentio e comer e beber com ele (veja 11.3; Jo 18.28). Os judeus também se recusavam a comer carne de um açougueiro gentio, evitando assim se contaminar com algo ritualmente impuro.[17] Essas leis rígidas de separação ofendiam os gentios, que não viam mal algum em comer animais comuns. E mais, ao observar a ordem de Moisés para não comer com os gentios, Pedro se considerava puro e todos os gentios impuros (comparar com Gl 2.12-14).

A lição que Deus ensina a Pedro nessa visão dos animais limpos e impuros é que ele removeu as barreiras que uma vez erigira para separar seu povo das nações circundantes. A barreira entre o judeu cristão e o samaritano cristão havia sido retirada quando Pedro e João foram a Samaria a fim de aceitar os crentes samaritanos como membros plenos da igreja. Agora era chegada a hora de estender o mesmo privilégio aos crentes gentios. Não foi o homem, mas Deus, quem removeu a barreira que separava o judeu do gentio. Deus instrui Pedro a aceitar os crentes gentios no seio da igreja cristã. Deus, e não Pedro, abre as portas do céu aos gentios. O próprio Deus inaugura para Pedro uma nova fase do ministério do evangelho (11.18).

Considerações Doutrinárias em 10.9-13

Antes de Jesus ter ascendido ao céu, ele disse aos apóstolos que fizessem discípulos de todas as nações, batizando e ensinando os crentes, não importando raça ou cor (Mt 28.19,20). Os apóstolos, é claro, entenderam

17. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 150.

a ordem que receberam para proclamar o evangelho de Cristo em toda parte. Seu preparo, cultura e antecedentes os direcionava primeiramente aos judeus: eles foram às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10.6). Mas Jesus lhes disse para serem suas testemunhas em Jerusalém, Judéia, Samaria e os confins do mundo. Exceto por admitir samaritanos dentro da igreja cristã, os apóstolos entenderam a ordem de incluir apenas judeus que vivessem em outros países além da Palestina (veja, por exemplo, 11.19).

Deus dirigia os apóstolos, passo a passo, à medida que a igreja continuava a se desenvolver. Primeiro, no Pentecostes, judeus piedosos se arrependeram, foram batizados e receberam o Espírito Santo (2.38). Então, depois da perseguição que se seguiu à morte de Estêvão, as boas-novas entraram em Samaria, onde Filipe pregou a Palavra. Representando os apóstolos, Pedro e João foram até Samaria, oraram para os crentes samaritanos receberem o Espírito Santo e os batizaram (8.14-17).

A seguir, por intermédio de uma visão de animais puros e impuros, Deus preparou Pedro para pregar o evangelho aos da casa do oficial romano Cornélio. Esses representantes dos gentios receberam o Espírito Santo e foram batizados. Mas a questão da aceitação plena dos gentios no seio da igreja cristã não foi resolvida até que Paulo e Barnabé retornassem de sua primeira viagem missionária aos gentios e relatassem suas experiências aos membros do Concílio de Jerusalém (15.4).

Nessa reunião conciliar, os presentes debateram se os crentes gentios deveriam ou não se submeter à circuncisão. Para o judeu, a circuncisão significava que ele pertencia ao pacto que Deus fizera com Abraão (Gn 17.7). Logo, os cristãos judeus questionavam se os gentios que não haviam se submetido à circuncisão eram membros da aliança de Abraão. Dirigido pelo Espírito Santo, o Concílio de Jerusalém determinou que os gentios não precisavam se submeter à circuncisão, mas somente às regras que já fossem consideradas sagradas antes das leis de Moisés (15.19,20). Para os gentios, por conseguinte, bastava o batismo.

Quando Pedro pregou o evangelho em Cesaréia e batizou os da casa de Cornélio, a questão da circuncisão não foi levantada. O próprio Deus orientou Pedro, os apóstolos e os crentes judeus em Jerusalém, a aceitarem os gentios. E em anos posteriores Deus levou a igreja a admitir os gentios sem a circuncisão. Concluímos que Deus determina a direção e o desenvolvimento da igreja.

b. *Instrução*

10.14-16

14. Pedro replicou: "Certamente que não, Senhor. Eu nunca comi nada impuro ou imundo". 15. E a voz falou a ele uma segunda vez: "Não considere imundo aquilo que Deus tornou limpo". 16. Isso aconteceu três vezes; e imediatamente o objeto foi levado para o céu.

a. "Certamente que não, Senhor. Eu nunca comi nada impuro ou imundo." Quando Pedro vê os animais e ouve a voz dizendo: "Levante-se, Pedro, mata e come" ele responde usando algumas palavras que o profeta Ezequiel pronunciou quando Jerusalém estava sitiada:

> Não, Soberano Senhor! Eu jamais me contaminei. Desde a minha mocidade até agora eu nunca comi nada encontrado morto ou dilacerado por animais selvagens. Nenhuma carne imunda jamais entrou em minha boca [Ez 4.14 – tradução livre do inglês da NVI]

Pedro ouve a voz de Deus se dirigindo a ele; em sua resposta, ele se dirige a Deus como Senhor. Ele sabe que sempre que Deus fala do céu, um acontecimento importante está tendo lugar. Duas dessas ocasiões foram o batismo e a transfiguração de Jesus (Mt 3.17; 17.5). Mas o acontecimento de Deus se dirigindo a Pedro é também significativo. Ele marca a entrada dos gentios na igreja de acordo com a vontade, o plano e o propósito de Deus.[18]

As objeções culturais enraizadas em Pedro são tão fortes que ele energicamente se recusa a obedecer a ordem de Deus para matar e comer. Fazendo alusão à Escritura (Ez 4.14), ele sente que está pisando em terreno seguro ao fazer objeção à diretiva divina. Pedro diz ao Senhor que jamais comera qualquer coisa impura ou imunda, indicando assim que ele observava a barreira entre o judeu e o gentio.

Qual é o significado das palavras *impuro* e *imundo*? O judeu podia comer somente a carne dos animais que Deus havia declarado limpos, isto é, os ruminantes e os das patas fendidas. Todos os outros animais eram impuros e imundos. O grande lençol baixado à terra continha

18. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), Vol. 1, p. 331.

animais limpos e imundos. Quando Deus disse a Pedro para matar e comer, ele não fez distinção entre essas duas categorias. Por contraste, Pedro distinguia entre os limpos e os imundos; ele considerava os animais como estando contaminados devido à sua associação com os animais impuros.[19]

b. "Não considere imundo aquilo que Deus tornou limpo." Essa é a segunda vez que uma voz fala do céu e responde à legítima objeção de Pedro. Essa voz comunica a mensagem de que Deus, aquele que formulou as leis concernentes aos alimentos para o seu povo, Israel, pode também revogá-las segundo sua vontade soberana. Deus transformou os animais imundos em puros; assim Pedro, juntamente com seus companheiros judeus cristãos podem desconsiderar as leis de alimentação que vinham sendo obedecidas desde os dias de Moisés (comparar com Rm 14.14). O texto grego pode ser literalmente traduzido como "o que Deus tornou limpo, não continue a chamar de imundo".

Quando é que Deus abole, para os judeus cristãos, as leis relativas aos alimentos? No momento em que ele remove a barreira entre o judeu e o gentio, cessa a validade das leis quanto à comida. A abolição dessas leis significa que o cristão judeu e o gentio podem entrar num novo relacionamento e aceitar um ao outro como iguais na igreja. O próprio Deus remove a barreira, pois ele é o Legislador.

c. "Isso aconteceu três vezes." A voz celestial não convence Pedro até que ele a ouve por três vezes. Ele deveria ter se lembrado do ensinamento de Jesus de que o alimento não torna o homem impuro quando entra em sua boca (Mt 15.11). Três vezes a voz do céu fala a Pedro para dizer-lhe que Deus purificou todos os alimentos. Isso sugere que Deus está ensinando ao apóstolo que, com a abolição das leis alimentares, ele agora pode se associar com os gentios e ter comunhão com eles ao redor da mesa. Depois de ouvir a voz celestial por três vezes, Pedro fica convencido. Quando o principal porta-voz dos doze apóstolos e líder da igreja de Jerusalém atende à voz, o lençol é imediatamente recolhido ao céu. Esse retorno ao céu indica mais uma vez que o próprio Deus abriu o caminho para o ministério do evangelho aos gentios.

19. Colin House, "Defilement by Association: Some Insights from the Usage of *KOINÓSKOINÓŌ* in Acts 10 and 11", *AUSS* 21 (1983): 143-53.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.14,15

Versículo 14

μηδαμῶς – o advérbio intensivo é um composto negativo que significa "de jeito nenhum". Trata-se de uma combinação de μηδέ (e não) com ἅμα (a um homem).

οὐδέποτε ... πᾶν – o advérbio negativo nega o verbo, todavia, ele claramente significa "nada".[20]

Versículo 15

πάλιν ἐκ δευτέρου – a construção é reduntante, mas a frase preposicional é idiomática (veja Mt 26.42; e comparar com Jo 4.54; 21.16).

ἐκαθάρισεν – o aoristo ativo denota uma única ocorrência na qual Deus declarou limpos todos os animais.

μὴ κοίνου – o imperativo presente com a partícula negativa transmite a mensagem "pare de considerar imundo o que Deus declarou limpo".[21]

c. *Chamado*

10.17-20

17. Enquanto Pedro estava imaginando o que poderia significar a visão que vira, os homens enviados por Cornélio, depois de perguntar como chegar à casa de Simão, encontravam-se no portão. 18. Eles chamaram e perguntaram se Simão chamado Pedro estava hospedado ali.

Quando Deus retira o lençol, ele faz também cessar o transe de Pedro. Entretanto, a importância da visão que Deus lhe dera não estava bem clara para ele. O apóstolo medita; ele pondera a respeito do significado do que vira.

Pedro se dá conta de que Deus está trabalhando em sua vida e que há de esclarecer o significado da visão. Ele sabe que a visão extraordinária tem algo que ver com o seu ministério do evangelho. E de fato o próprio Deus fornece imediatamente a explanação da visão. Ele envia, da parte de Cornélio em Cesaréia, gentios a Pedro em Jope.

20. Robertson, *Grammar*, p. 752.

21. James Hope Moulton, *A Grammar of New Testament Greek*, vol. 1, *Prolegomena*, 2ª ed. (Edimburgo: Clark, 1906), p. 125.

Os três homens enviados por Cornélio chegaram a Jope e indagaram aqui e ali para descobrir o endereço de Simão, o curtidor. Deduzimos que não tiveram dificuldade alguma para encontrar a casa, que se situava à beira-mar. Quando chegam ao portão, indagam se Simão, também conhecido como Pedro, está hospedado com o curtidor. A presença do soldado romano provavelmente perturba o anfitrião de Pedro. Ademais, as roupas e a fala dos dois servos indicam que não são judeus. Os homens se postam em pé fora do portão, chamam o dono da casa e indagam onde Simão Pedro reside.

19. Enquanto Pedro refletia acerca da visão, o Espírito lhe disse: "Três homens estão procurando por você. 20. Mas levante-se e desça ao andar de baixo. Acompanhe-os sem hesitação, pois eu próprio os enviei".

Pedro ainda está refletindo profundamente e não ouviu nada da conversa entre seu anfitrião e os visitantes. O Espírito de Deus se dirige a ele e lhe diz que há três homens à porta desejando conhecê-lo. Lucas registra muitas vezes que o Espírito instrui os servos de Deus a irem a algum lugar ou a fazerem alguma coisa (por exemplo, 8.29; 11.12; 13.2; 21.11). O Espírito informa a Pedro quantos homens o procuram, mas não diz quem são. Entretanto, para acalmar a mente do apóstolo, ele o instrui a descer sem qualquer hesitação. O Espírito assegura a Pedro que ele próprio enviou aqueles homens a Jope a fim de se avistarem com o apóstolo.

Para se encontrar com os homens no portão, Pedro tem de superar pelo menos duas causas da hesitação. Primeiro, ele sabe que são gentios que estiveram em viagem e necessitam de acomodação. Isso quer dizer que Pedro e o seu anfitrião devem deixar de lado as restrições judaicas sobre a associação com os gentios. Eles devem alimentar esses homens e providenciar abrigo para passarem a noite. Em segundo lugar, Pedro deve deixar de lado qualquer temor por estar na presença de um soldado romano e de dois servos de um oficial romano, em tempos de tensões políticas entre judeus e romanos.[22]

Quando o Espírito Santo tira os temores de Pedro dizendo-lhe que

22. Josefo, *Antiquities* 18.8.2 [261]; Suetonius, *Gaius Caligula*, *in The Lives of the Caesars*, trad. por John C. Rolfe, 2 vols., vol. 1, livro 4, pp. 405-97 (LCL).

Deus enviou os três homens até ele, o significado da visão fica claro para o apóstolo. O próprio Deus lhe assegura que aquilo que ele declarou limpo, Pedro não deve chamar de imundo. Deus deseja que Pedro se associe com aqueles gentios. E eles, por seu turno, irão lhe fazer o relato acerca do anjo de Deus que visitara Cornélio. Essa é a confirmação que Pedro recebe, isto é, saber que Deus lhe está interpretando a visão em termos relacionados ao ministério do evangelho.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.17-20

Versículo 17

τί ἂν εἴη – introduzido pelo imperfeito ativo διηπόρει (ele estava completamente perplexo), a pergunta indireta mostra o optativo presente do verbo εἰμί com a partícula ἄν: "quanto ao que a visão possa significar".[23] Observe o uso dos tempos presente, imperfeito, aoristo e perfeito nos verbos e particípios desse versículo.

Versículo 18

ἐπυνθάνοντο εἰ Σίμων – o imperfeito médio de πυνθάνομαι (eu indago) é seguido por uma pergunta indireta. "Mas o fato de εἰ poder ser empregado para introduzir uma pergunta *direta* e ἐνθάδε, *aqui*, ser estritamente incorreto para uma pergunta *indireta*, que requer ἐκεῖ, *lá*, pode levar à dedução de que a intenção não era a de ser, de maneira alguma, indireta, porém uma citação direta: *eles estão perguntando: Simão ... se hospeda aqui?*"[24]

Versículo 19

τοῦ Πέτρου – com o particípio presente médio no genitivo (διενθυμουμένου), esse pronome pessoal forma a construção do genitivo absoluto.

τρεῖς – O Codex Vaticanus traz a leitura δύο (dois). Essa tradução é baseada no versículo 7 e se refere aos dois servos, que estão acompanhados por um soldado para lhes servir de guarda. Os escribas supostamente

---

23. Robertson, *Grammar*, p. 940.

24. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 154. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 116.

harmonizaram a leitura com 11.11, onde aparece a palavra τρεῖς. Contudo, uma vasta gama de testemunhas textuais apóia a tradução τρεῖς.[25]

d. *Recepção*
10.21-23a

21. Então Pedro desceu aos homens e disse: "Eu sou aquele que vocês estão procurando. O que os traz aqui?" 22. Eles disseram: "Cornélio, um oficial, homem justo, que teme a Deus e é respeitado por todo o povo judeu, nos mandou. Um santo anjo disse a ele para convocar você a ir até a casa de Cornélio a fim de ouvir de você uma mensagem".

Pedro encontra os homens no portão e se apresenta como a pessoa a quem desejam ver. Ele lhes pergunta por que vieram a Jope e por que querem vê-lo. Então ouve os detalhes relativos à vida espiritual e moral de Cornélio, um oficial militar romano em Cesaréia. Os mensageiros retratam Cornélio como um homem justo e temente a Deus. Em outras palavras, dizem a Pedro que Cornélio adora a Deus na sinagoga local e também em casa. Acrescentam que o centurião conta com o respeito de todo o povo judeu, especificamente dos que residem em Cesaréia. Este último ponto é significativo, pois os judeus não dariam testemunho da piedade do oficial se ele não adorasse o Deus de Israel.[26]

Em seguida os homens informam Pedro sobre a visita angélica a Cornélio cerca de dois dias antes. Relatam que em obediência à mensagem recebida pelo centurião, vieram encontrar Simão Pedro em Jope. Eles descrevem o anjo como "santo". Ao respeitar a santidade do anjo demonstram sua sinceridade e fidelidade. Relatam ainda a informação significativa que o anjo passou a Cornélio, a saber, convidar Simão Pedro para entregar a mensagem do evangelho na casa do oficial em Cesaréia. Ali está, então, o propósito da missão desses homens, e eles olham para Pedro aguardando uma resposta.

25. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 373.
26. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 298.

Infelizmente Lucas é breve em seu registro e não descreve a reação de Pedro. Como o apóstolo deve ter-se maravilhado com o cuidado, direção, desígnio e propósito de Deus! Que belo deve ter sido para ele compreender que a igreja estava para entrar numa nova fase de seu ministério! Na verdade, a visão e a visita dos três homens de Cesaréia testificam das mudanças que estão para acontecer.

23a. Pedro os convidou a entrar na casa e lhes deu hospedagem.

Pedro compreende que ele deve aceitar os visitantes e, implicitamente, o curtidor Simão concorda. Esses dois homens servem agora como anfitriões aos visitantes e providenciam para eles a refeição que havia sido preparada (v.10). Não temos informação alguma se Pedro parte ou não o pão junto com os gentios, mas temos razão para acreditar que, em obediência à visão, ele o faz. Logo que sair de Jope ele terá de partilhar várias refeições com os não-judeus. Os homens passam a tarde conversando uns com os outros e Pedro faz os preparativos para a viagem até Cesaréia. Pernoitam ali com Simão, o curtidor e no dia seguinte estão prontos para retornar a Cornélio.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.22

τοῦ ἔθνους – "a nação". Estas palavras vieram dos lábios de gentios. Um judeu teria empregado o termo λαός (o próprio povo de Deus).

23b. No dia seguinte, Pedro, acompanhado por alguns dos irmãos de Jope, foi com eles. 24. E no dia imediato ele chegou a Cesaréia. Cornélio estava esperando por eles e tinha convidado seus parentes e amigos chegados. 25. Ao entrar Pedro na casa, Cornélio o encontrou, caiu aos seus pés e o adorou. 26. Mas Pedro o fez levantar-se e disse: "Levante-se! Eu também sou apenas um homem". 27. E conversando com ele, Pedro entrou e encontrou as muitas pessoas que haviam se reunido. 28. Ele disse a elas: "Vocês próprios sabem que é proibido ao judeu se associar com o gentio ou visitá-lo. Todavia Deus me mostrou que não posso chamar qualquer homem de impuro ou imundo. 29. É por essa razão que eu vim sem levantar objeção alguma quando fui chamado. Assim, pergunto, por que vocês me chamaram?"

30. Cornélio disse: "Quatro dias atrás nesta hora, às três da tarde, eu estava em minha casa orando. De repente um homem vestido de roupas radiantes se achava em pé diante de mim 31. e disse: 'Cornélio, sua oração foi ouvida e suas ofertas generosas aos pobres foram lembradas perante Deus.32. Mande portanto a Jope e convide Simão que é chamado Pedro. Ele está hospedado na casa de Si-

mão, o curtidor, perto do mar.' 33. Assim imediatamente eu mandei buscá-lo, e fez bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui perante Deus para ouvir tudo o que você foi instruído por ele a nos dizer."

34. Pedro disse: "Eu verdadeiramente entendo que Deus não mostra favoritismo.35. Mas em toda nação, o homem que o teme e faz o que é direito é aceito por Deus. 36. Vocês sabem que a mensagem que proclama a paz por meio de Jesus Cristo, que ele é Senhor de todos, foi enviada ao povo de Israel. 37. E vocês sabem o que aconteceu por toda a Judéia, iniciando na Galiléia depois do batismo que João pregou. 38. Vocês sabem a respeito de Jesus de Nazaré, de como Deus o ungiu com o Espírito Santo e poder, e de como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os que se achavam dominados pelo diabo, pois Deus estava com ele. 39. E somos testemunhas de tudo o que ele fez tanto na terra dos judeus como em Jerusalém. Eles o mataram pendurando-o num madeiro, 40. mas Deus o levantou no terceiro dia. Deus fez com que ele fosse visto, 41. não por todos, mas por testemunhas que foram apontadas anteriormente por Deus, a saber, a nós que comemos e bebemos com ele depois de ter ele se levantado dentre os mortos. 42. Ele nos ordenou a pregar ao povo e testificar que Jesus é aquele a quem Deus nomeou Juiz dos vivos e dos mortos. 43. Todos os profetas dão testemunho dele e por meio do seu nome todos os que nele crêem recebem perdão de pecados."

44. Enquanto Pedro ainda falava estas palavras, o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a mensagem. 45. E todos os crentes circuncidados que tinham vindo com Pedro ficaram espantados que o dom do Espírito Santo tivesse sido derramado também sobre os gentios. 46. Pois os ouviam falando línguas e louvando a Deus. Então Pedro disse: 47. "Alguém pode impedir estas pessoas de serem batizadas com água? Porque receberam o Espírito Santo assim como nós recebemos". 48. Então mandou que fossem batizados no nome de Jesus Cristo. Depois disso, pediram que ficassem com eles por alguns dias.

5. *A Visita de Pedro a Cesaréia*

10.23b-48

Na primeira parte do capítulo 10, Lucas relata que Deus tornou possível o encontro entre Cornélio e Pedro. Também, Pedro tem autoridade para pregar o evangelho aos gentios e aceitá-los como cristãos. Ele percebe que esse passo é significativo para a igreja e portanto pede que seis cristãos judeus de Jope o acompanhem (veja 11.12). Por semelhante modo, Cornélio está bastante consciente da importância desse acontecimento e convida seus parentes e amigos íntimos para irem à sua casa.[27]

27. Rackham, *Acts*, p. 153.

a. *Chegada*

10.23b-48

23b. No dia seguinte, Pedro, acompanhado por alguns dos irmãos de Jope, foi com eles. 24. E no dia imediato ele chegou a Cesaréia. Cornélio estava esperando por eles e tinha convidado seus parentes e amigos chegados.

Pedro faz os preparativos finais para sua visita a Cesaréia: convida seis membros da igreja de Jope para irem junto consigo. Ele quer ter testemunhas oculares que possam relatar com exatidão a sua visita ao lar de um gentio, para que a igreja possa ficar sabendo dos detalhes dessa extraordinária visita (11.1-18).

Não temos nenhuma indicação de quando Pedro e seus companheiros saíram de Jope, mas um grupo de dez pessoas precisa de mais tempo para se preparar do que dois ou três mensageiros. Lucas observa que eles saem, viajam o dia todo, e chegam a Cesaréia no dia seguinte. A viagem a pé leva cerca de dez horas. Sem dúvida os viajantes passaram a noite em algum lugar e chegaram a Cesaréia durante o curso do dia seguinte. Se Cornélio recebeu as instruções do anjo numa segunda-feira e imediatamente mandou seus mensageiros a Jope, esses homens chegaram ali na terça-feira. No dia seguinte, Pedro partiu para Cesaréia e adentrou a casa de Cornélio na quinta-feira (veja v.30).

Lucas escreve que Cornélio estava esperando ansiosamente pela chegada de Pedro. O oficial fez todos os preparativos para aquela importante visita reunindo parentes e amigos chegados em sua casa. Evidentemente ele mora há muitos anos em Cesaréia, pois sua parentela viera residir ali. Com o passar do tempo o oficial tinha sido capaz de fazer amizades duradouras com os habitantes da área. Toda essa gente responde ao convite do centurião para se encontrar com Simão Pedro e ouvi-lo proclamar o evangelho de Cristo. Juntamente com Cornélio, eles aguardam para saudar os mensageiros que retornam, os seis cristãos judeus de Jope (veja v.45; 11.12) e Pedro. Quando o grupo de dez pessoas entra na casa do oficial na hora esperada, ele recebe Pedro no portão e lhe dá as boas vindas.[28]

28. A evidência em manuscritos apoia tanto a tradução *eles entraram* quanto *ele entrou*. Logo, os tradutores se acham divididos a esse respeito: as versões KJV, NJKV, RV, ASV,

25. Ao entrar Pedro na casa, Cornélio o encontrou, caiu aos seus pés e o adorou. 26. Mas Pedro o fez levantar-se e disse: "Levante-se! Eu também sou apenas um homem".

Como Cornélio sabia a hora exata da chegada de Pedro a Cesaréia? Não sabemos. O texto ocidental traz uma ampliação dessa passagem e apresenta uma explicação: "E quando Pedro se aproximava de Cesaréia, um dos servos correu à frente e avisou que ele havia chegado. E Cornélio se levantou de um salto e [se encontrou com ele]".[29] Mas essa leitura é considerada uma explanação posterior do texto, e assim, falta-lhe autenticidade.

Quando Pedro entra na casa de Cornélio, ele fica espantado ao ver que esse oficial militar coloca sua autoridade de lado e se prostra ao chão a fim de oferecer respeito ao apóstolo. Com seus antecedentes gentios, Cornélio não conhece nenhuma outra maneira de honrar a Pedro senão se prostrando em terra. É da opinião de que a pessoa apontada pelo anjo de Deus "deve ser merecedora do mais alto respeito".[30] Pedro, por outro lado, tolhe qualquer ação que se assemelhe a idolatria, pois um dos mandamentos de Deus é adorar somente a ele (Êx 20.3,4; Dt 5.7,8). A Escritura ensina que toda vez que o homem procura adorar, quer seja um anjo ou um ser humano semelhante seu, ele não deve fazê-lo, e sim, adorar a Deus (veja 14.14,15; Ap 19.10; 22.8,9). Conseqüentemente, quando Cornélio e Pedro deparam um com o outro, seu contato inicial causa constrangimento.

Pedro percebe que Cornélio deseja mostrar-lhe profundo respeito, mas diz ao oficial para pôr-se em pé. Ele busca corrigir a situação com uma reação apropriada e diz: "Levante-se! Eu também sou apenas um homem". Em outras palavras, Pedro se mostra como um homem comum que, aos olhos de Deus, se acha no mesmo nível do oficial romano. Ele ensina ao centurião a igualdade de todos os crentes na presença de Deus.

27. E conversando com ele, Pedro entrou e encontrou as mui-

RSV, MLB e SEB trazem o plural; o singular tem a preferência nas versões GNB, NAB, NASB, NIV e *Moffat*.

29. Metzger, *Textual Commentary*, pp. 374-75.

30. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 116.

tas pessoas que haviam se reunido. 28. Ele disse a elas: "Vocês próprios sabem que é proibido ao judeu se associar com o gentio ou visitá-lo. Todavia Deus me mostrou que não posso chamar qualquer homem de impuro ou imundo. 29. É por essa razão que eu vim sem levantar objeção alguma quando fui chamado. Assim, pergunto, por que vocês me chamaram?"

a. "Conversando com ele, Pedro entrou." Lucas descreve o encontro inicial de Pedro e Cornélio, indicando que os dois homens têm muitas coisas a tratar. Cornélio convida Pedro a entrar numa grande sala, onde ele encontra os parentes e amigos chegados do centurião. O apóstolo, então, defronta-se com um público gentio composto de muitas pessoas. Se tivesse ainda alguma dúvida a respeito da importância de sua visão, na presença desses gentios essa dúvida desaparece.

b. "É proibido ao judeu se associar com o gentio ou visitá-lo." À primeira vista, o comentário de Pedro parece pouco amigável e se assemelha a uma lição verbal sobre a diferença que há entre ele e os possíveis convertidos à fé cristã. No entanto, Cornélio, seus parentes e amigos estão pessoalmente familiarizados com as rígidas leis de separação observadas pelos judeus. Apesar de alguns gentios adorarem junto com os judeus na sinagoga local, não podem se socializar com eles por causa das leis judaicas referentes à comunhão à mesa (veja 11.2,3). Os judeus reconheciam apenas os convertidos ao judaísmo; somente essas pessoas obtinham pleno reconhecimento na comunidade judaica (veja Is 56.3); a estes é permitido visitar os judeus e comer com eles. Os gentios sabem que os judeus nem mesmo compram os alimentos das mãos dos gentios por medo da contaminação. Já tiveram experiência de como o judeu não está disposto a nem mesmo botar os pés no lar de um gentio (comparar com Mt 8.8; Lc 7.6).

Ao entrar na casa de Cornélio e talvez comer algo que lhe tenha sido oferecido como refrigério depois da jornada, Pedro deve explicar à sua platéia gentia por que ele difere de outros judeus. Desde a infância é dito a todo judeu que estar na casa de um gentio e comer com ele constitui violação da lei judaica.[31] Os gentios sabem disso devido aos seus relacionamentos com os judeus nos negócios e no trabalho. Se

31. Comparar com Êxodo 34.15,16; veja SB, vol. 4, pt. L, pp. 352-414.

Pedro falhasse agora em explicar sua conduta contrária a toda prática judaica, ele seria considerado como insincero e indigno de confiança. Por essa razão, logo de início Pedro se ocupa em tratar dessa questão específica, e explica sua conduta social informando os seus ouvintes sobre a revelação de Deus a ele.

c. "Todavia Deus me mostrou que não posso chamar qualquer homem de impuro ou imundo." Quando Pedro diz que veio por causa de uma revelação de Deus, e conseqüentemente, por sua ordem, os gentios se dão por satisfeitos. O apóstolo é a ponte entre o judeu e o gentio, pois anuncia que o próprio Deus removeu a barreira racial (Ef 2.11-22). Como cristão judeu, Pedro não pode mais se separar dos gentios e chamá-los de "impuros ou imundos" (v.14). Ele informa esses gentios, que adoram a Deus, mas não são convertidos plenos ao judaísmo, que Deus os aceita como puros e limpos. Com essa declaração, o apóstolo revela implicitamente que Deus não exige que eles se submetam à circuncisão.[32] No tempo do século 1º, os judeus empregavam as palavras *impuro* e *imundo* para referir-se aos gentios não somente em relação às leis alimentares, mas também em relação à circuncisão. Essa questão afinal se torna explícita quando os apóstolos, presbíteros e igreja se reúnem no Concílio de Jerusalém (veja especialmente 15.1, 7-11).

d. "Eu vim sem levantar objeção alguma quando fui chamado." Pelo fato de Lucas freqüentemente apresentar os discursos de forma resumida, presumimos que Pedro descreve a visão que teve em Jope. Com base nessa visão, o apóstolo pode agora declarar livremente que foi até os gentios sem qualquer objeção. Ele sabe que sua visita a Cornélio e aos de sua casa está de acordo com a vontade de Deus.

e. "Por que vocês me chamaram?" Pelos mensageiros Pedro ficara sabendo que Cornélio desejava ouvir uma mensagem do apóstolo. E mais, os servos lhe contaram acerca da visão do centurião alguns dias antes; porém agora Pedro quer saber a razão de o terem chamado a Cesaréia. Ele espera uma explicação de Cornélio.

Considerações Práticas em 10.23-29

Os apóstolos entregaram à igreja cristã a simples verdade de que Deus

32. Schürer, *History of the Jewish People*, vol. 3, p. 173.

não demonstra favoritismo, pois todo crente é igual em sua presença.[33] Nos dias dos apóstolos, ensinava-se aos judeus que eles deviam respeitar o sumo sacerdote (veja 23.1-5). Eles também respeitavam os mestres da lei e os fariseus, que gostavam de ser chamados de Rabinos (Mt 23.7). Entretanto Jesus teve uma abordagem diferente e ensinou humildade ao seu povo:

> "Vocês, porém, não deverão ser chamados Rabinos [meu grande mestre], pois somente um é o seu Mestre, e todos vocês são irmãos. E não chamem a ninguém na terra de 'pai', pois somente um é o seu Pai nos céus. E não sejam chamados 'mestres', pois somente um é o seu Mestre, a saber, Cristo. Aquele que for o maior entre vocês será o seu servo". [Mt 23.8-11]

Com certeza os líderes que servem a igreja bem merecem respeito e "são dignos de dupla honra" (1Tm 5.17). A Escritura ensina que devemos obedecer a nossos líderes por causa da autoridade a eles confiada (Hb 13.17). Porém, o líder deve dar o exemplo sendo um servo que ouve obedientemente a palavra de Jesus: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos" (Mc 9.35 – NVI).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.23b-29

Versículo 23b

ἀναστάς – veja a argumentação em 5.17.

Versículos 24,25

συγκαλεσάμενος – o aoristo médio do particípio tem o mesmo sentido do particípio aoristo ativo: "ele chamou".

ἀναγκαίους – "necessário". Este adjetivo está relacionado ao substantivo ἀνάγκη (necessidade). Ele tem um significado secundário: "ligado por laços naturais ou de amizade".[34] Uma tradução aceitável seria "íntimo".

τοῦ εἰσελθεῖν – o artigo definido que precede o aoristo infinitivo é supérfluo.

---

33. Veja, por exemplo, v. 34; Romanos 2.11; Efésios 6.9; Colossenses 3.25; Tiago 2.1.
34. Thayer, p. 36.

Versículos 27,28

εὑρίσκει – "ele encontra". O emprego de Lucas do presente histórico dá vivacidade ao seu relato.

ὡς – este particípio é o equivalente de ὅτι (aquilo).

κἀμοί – formada pela combinação de καί e ἐγώ, a palavra neste contexto é adversativa: "mas a mim".

---

b. *Explicação*

10.30-33

30. Cornélio disse: "Quatro dias atrás nesta hora, às três da tarde, eu estava em minha casa orando. De repente um homem vestido de roupas radiantes se achava em pé diante de mim 31. e disse: 'Cornélio, sua oração foi ouvida e suas ofertas generosas aos pobres foram lembradas perante Deus'".

a. "Quatro dias atrás." É chegada a hora de Cornélio explicar por que mandara chamar Pedro em sua casa. Em algumas poucas sentenças ele relata o incidente ocorrido "quatro dias atrás nesta hora". No sentido exato da palavra, o tempo decorrido entre a visão de Cornélio e o momento quando ele se dirige a Pedro é de apenas três dias. Mas na Palestina do século 1º, o povo considerava parte do dia como sendo um dia completo. Por essa razão o dia da visão de Cornélio é o primeiro; o dia da visão de Pedro e da chegada dos mensageiros a Jope, o segundo; o dia em que os viajantes partiram de Jope, o terceiro; e o dia em que chegaram a Cesaréia, o quarto.

b. "Às três da tarde." Deduzimos que os homens de Jope chegaram por volta do meio-dia no quarto dia, e que lhe foram oferecidos comida, bebida e um banho refrescante. Quando se reuniram para ouvir Cornélio responder a pergunta de Pedro, a hora do dia era três da tarde. Nessa hora do dia, Cornélio tinha, como de costume, seu momento devocional.

Uma tradução literal do grego apresenta dificuldades para o intérprete: "Desde o quarto dia até esta hora eu estava orando às três em minha casa".[35] Na verdade, o texto se torna ininteligível. Apesar de

35. As versões KJV e NKJV trazem a seguinte leitura: "Quatro dias atrás eu jejuava até esta hora; e na hora nona eu orava em minha casa".

possuirmos provas insuficientes, supomos que a fraseologia grega apresente duas expressões idiomáticas relacionadas ao horário; elas não devem ser tomadas literalmente, mas têm suas correspondentes no modo como nós expressamos o tempo.[36] "Desde o quarto dia" na realidade significa "quatro dias atrás"; e "até esta hora" quer dizer "nesta hora".

c. Um homem vestido de roupas radiantes se achava em pé diante de mim." Cornélio descreve o anjo em termos humanos. No Novo Testamento os escritores retratam anjos como homens com vestimentas brancas, que muitas vezes apresentam um brilho sobrenatural.[37]

d. "Cornélio, sua oração foi ouvida." Embora Lucas não revele o conteúdo da oração, inferimos que Cornélio havia pedido a Deus direção espiritual e compreensão de sua palavra, especialmente no que se referia às profecias messiânicas (veja v.4). O anjo lhe diz que Deus se lembrara de sua generosidade para com os pobres e necessitados conforme ele os ajudava com ofertas materiais.

32. "'Mande portanto a Jope e convide Simão que é chamado Pedro. Ele está hospedado na casa de Simão, o curtidor, perto do mar.' 33. Assim imediatamente eu mandei buscá-lo, e fez bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui perante Deus para ouvir tudo o que você foi instruído por ele a nos dizer."

Lucas repete quase que palavra por palavra o relato histórico registrado nos versículos 5,6. Quando os mensageiros chegam até Pedro em Jope, relatam que o anjo pedira a Cornélio para chamar Pedro porque este teria para ele uma mensagem (v.22). Lucas deixa de lado essa observação adicional, em vista do fato que, na presente situação, Cornélio espera que Pedro pregue o evangelho.[38]

Em resposta ao chamado dos mensageiros, Pedro veio até a casa de Cornélio. Ele ouve as palavras de agradecimento dos lábios de seu anfitrião, pois este o elogia dizendo: "Fez bem em vir". O oficial continua e revela o grande desejo que todos os presentes têm de ouvir a

36. Metzger menciona a possibilidade de que "o grego possa ser explicado como coiné coloquial ou grego semitizado". *Textual Commentary*, p. 376.

37. 1.10; Mateus 28.3; Marcos 16.5; Lucas 24.4; João 20.12.

38. Numerosos manuscritos antigos acrescentam "quando ele vier, falará a você" (versão NKJV). As palavras são um reflexo de 11.14 e podem, portanto, constituir uma expansão do texto.

mensagem de Pedro. O centurião diz: "Agora, pois, estamos todos aqui perante Deus para ouvir tudo o que você foi instruído por ele a nos dizer".

Que oportunidade para pregar a Palavra de Deus! Que público! Que desejo intenso de ouvir o evangelho! Que alegria e satisfação para Pedro proclamá-lo! Cornélio declara que aquele ajuntamento de pessoas veio para ouvir a Palavra de Deus e por essa razão todos naquela platéia se acham na sagrada presença de Deus. Quer dizer, Deus vai falar com eles por intermédio da boca de seu servo, o apóstolo Pedro.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.30 e 33

Versículo 30

τὴν ἐνάτην – o caso acusativo para a referência *a hora nona* (três da tarde) não expressa tanto a duração do tempo, mas diz respeito ao horário.[39]

Versículo 33

καλῶς ἐποίησας παραγενόμενος – as ações do particípio aoristo e do verbo principal ocorreram simultaneamente. As duas primeiras palavras da frase grega denotam gratidão: "obrigado por ter vindo." A expressão καλῶς ποιήσεις significa "por favor, você poderia fazer [isto]?"

---

c. *Sermão*

10.34-43

Na primeira parte do discurso de Pedro (vs.34,35), ele explica a intenção de Deus em salvar pessoas de todas as nações. A seguir, lembra seus ouvintes da mensagem de Deus em palavras e obras por intermédio de Jesus Cristo (vs.36-38). Depois ele revela a morte, a ressurreição e os aparecimentos de Cristo (vs.39-41). E por último, proclamando a mensagem da salvação, ele chama sua platéia à fé em Cristo e ao perdão de pecados (vs.42,43). Enquanto Pedro ainda está pregando, ele é interrompido pela vinda do Espírito Santo (v.44). Não obstante, seu sermão como tal está completo.

34. Pedro disse: "Eu verdadeiramente entendo que Deus não mostra favoritismo".

---

39. Moule, *Idiom-Book*, p. 34.

Essa é a primeira vez que Pedro se dirige a uma platéia gentia.[40] Como representante da igreja cristã, está plenamente consciente da singularidade de sua situação. Ele se dá conta da importância de sua visão em Jope e sabe que está cumprindo a vontade de Deus. Diz: "Eu verdadeiramente entendo que Deus não mostra favoritismo". Os judeus dos dias de Pedro viviam pela doutrina de que Deus fizera uma aliança com Abraão e seus descendentes e que eles eram o seu povo escolhido. Desprezavam os gentios porque, segundo os judeus, Deus rejeitara os gentios e retivera deles as suas bênçãos.

Os judeus sabiam também que Deus havia dito a Abraão que nele todas as nações da terra seriam benditas (Gn 12.3; 18.18; 22.18; 26.4). Assim, então, os crentes de todas as nações iriam reivindicar Abraão como seu pai espiritual. É interessante que Pedro, em seu sermão no Pórtico de Salomão, citara as palavras que Deus falara a Abraão: "Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra"(3.25). Mas nesse momento Pedro não havia ainda compreendido a profundidade dessa declaração divina. Agora, entretanto, ele vê o cumprimento da palavra de Deus a Abraão. O centurião romano, os membros de sua casa e todos os seus convidados parentes e amigos, recebem a bênção de Deus.

Pedro apela para a Escritura quando diz que Deus não demonstra favoritismos. Por exemplo, Moisés diz aos israelitas no deserto: "Porque o Senhor vosso Deus é Deus dos deuses e Senhor dos senhores, o grande Deus, poderoso e tremendo, que não demonstra parcialidade alguma nem aceita suborno" (Dt 10.17 – tradução livre do inglês, NVI).[41]

Deus não olha para a aparência exterior da pessoa, sua nacionalidade, riqueza, posição social e realizações. À luz de seus ensinamentos dados na visão, Pedro põe de lado seu arraigado preconceito contra os gentios e, conforme declara, aceita verdadeiramente a doutrina da imparcialidade de Deus. Está convencido de que a salvação per-

40. O grego diz, literalmente, "havendo aberto a sua boca, Pedro disse". Essa é uma expressão idiomática aramaica para a qual os tradutores procuram encontrar um equivalente em inglês. O texto transmite o sentido de *Pedro disse*. Comparar com as traduções de 8.35; Mateus 5.2; 13.35.

41. Veja Jó 34.19; Marcos 12.14; Romanos 2.11; Gálatas 2.6; Efésios 6.9; Colossenses 3.25; Tiago 2.1; 1 Pedro 1.17.

tence a todas as nações e não meramente a Israel. Ele sabe que sua visão anterior de Deus era defeituosa.[42]

> Existe uma vastidão na misericórdia de Deus,
> Como a vastidão do mar;
> Há uma bondade em sua justiça,
> Que é mais do que liberdade.
> Pois o amor de Deus é mais amplo
> Do que a mente do homem pode medir;
> E o coração do Eterno
> É tão maravilhosamente generoso.
> – Frederick W. Faber

35. "Mas em toda nação, o homem que o teme e faz o que é direito é aceito por Deus."

A expressão *em toda nação* aparece no início da sentença para ênfase. Deus não exclui nenhum país da face desta terra, porém aceita no seio da igreja os crentes de todas as nações. Ele removeu a barreira entre a nação de Israel e os gentios. Todavia, Deus aceita o gentio somente quando este o teme e faz a sua vontade em obediência. Deus não aceita pecador algum por seu próprio mérito; todos, quer judeu, quer gentio, devem ser salvos por meio da obra redentora de Jesus Cristo. Se Cornélio fosse aceitável com base em sua própria pureza moral e religiosidade pessoal, Pedro não teria de pregar o evangelho na casa do oficial.[43]

Qual é o significado do comentário de Pedro de que Deus aceita o homem que o teme e faz o que é direito? O apóstolo está dizendo que uma pessoa que busca a Deus e se esforça por guardar a sua lei está, nesse caso, ansiosa por ouvir as boas-novas de salvação. Em Atos, Lucas mostra que os tementes a Deus que sinceramente fazem o que é direito, depositam prontamente sua confiança em Jesus. Quando os apóstolos lhes pregam o evangelho, eles crêem (veja 16.14,15; 17.4, 12; 18.7,8). Deus aceita pessoas de todas as raças, tribos e línguas, não com base em sua reverência para com ele ou pelo esforço em prol da justiça, mas

42. Consultar Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 101.
43. Alford, *Alford's Greek Testament*, vol. 2, p. 118.

porque depositaram sua fé em Jesus. Dessa maneira Pedro lembra seus ouvintes do conhecimento que têm de Cristo.

36. "Vocês sabem que a mensagem que proclama a paz por meio de Jesus Cristo, que ele é Senhor de todos, foi enviada ao povo de Israel."

a. "Vocês sabem." Pedro dá a entender que as pessoas de seu auditório tinham ouvido os relatos concernentes a Jesus Cristo como o soberano supremo e sua mensagem de paz. Essa mensagem, é claro, era proclamada nos círculos judaicos e ainda não havia sido divulgada aos gentios. O evangelista Filipe havia pregado as boas-novas nas sinagogas locais ao longo da costa do Mediterrâneo e talvez até mesmo em Cesaréia.

b. "A mensagem que proclama a paz." Os gentios sabem que Deus enviou essa mensagem de paz por intermédio de Jesus Cristo, pois as pessoas que viviam na Palestina nesses dias tinham ouvido acerca das pregações de Jesus. Ele proclamava o conceito bíblico de paz, que não é meramente uma ausência de hostilidade. A paz é um conceito compreensível que se refere à restauração do relacionamento do homem com Deus (veja Is 52.7; Rm 5.1). A paz é evidente quando o homem entra na presença de Deus e recebe o seu favor e graça. A paz significa que Deus abençoa o homem, protege-o de perigos e males e o torna outra vez completo.[44]

c. "Por meio de Jesus Cristo." A proclamação de paz não está limitada ao ministério terreno de Jesus; é extensiva a todos os seus servos que fielmente pregam o evangelho da salvação (Ef 2.17; 6.15). Esta paz pode ser obtida somente em Deus por meio de Jesus Cristo (comparar com Jo 14.6).

d. "Ele é Senhor de todos." A mensagem de Pedro ao seu público gentio é que Jesus é Senhor de judeus e gentios (Rm 10.12). É certo que a autoridade de Cristo se estende a tudo e a todos (Mt 28.18). Jesus Cristo é, portanto, o Senhor de Cornélio e de seus companheiros.

e. "[A mensagem] foi enviada ao povo de Israel." O texto grego diz literalmente "os filhos de Israel". Como filhos, os judeus são os herdeiros da promessa de Deus para Abraão e seus descendentes; essa

44. Hartmut Beck e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 2, pp. 776-83; veja Werner Foerster, *TDNT*, vol. 2, pp. 406-20.

promessa inclui a vinda do Messias. "Estes [filhos] eram os herdeiros legais de Israel que herdaram a posição e prerrogativas [de Israel] na aliança" (comparar com 5.21).[45]

O evangelho foi pregado primeiro aos judeus e depois aos gentios (Rm 1.16), porém ambos são iguais aos olhos de Deus. Pedro se encontra diante dos gentios a fim de proclamar-lhes o evangelho da paz.

37. "E vocês sabem o que aconteceu por toda a Judéia, iniciando na Galiléia depois do batismo que João pregou."

Aqui Pedro prega sua mensagem do evangelho, a qual Lucas registra em forma estrutural. Na realidade o apóstolo nos fornece um esboço do evangelho oral que parece corresponder a um sumário do Evangelho de Marcos.[46] Dessa forma, os líderes cristãos do século 2º escrevem que Marcos, ao compor seu evangelho, serviu como intérprete de Pedro. De maneira simples, Pedro relata a Cornélio e a seus amigos as palavras ditas por Jesus e os milagres que ele realizou na Galiléia e Judéia depois de seu batismo no Rio Jordão.

a. "Vocês sabem o que aconteceu por toda a Judéia." Os quatro evangelhos indicam que as notícias concernentes às palavras e obras de Jesus se espalharam por toda parte. Vinha gente de todos os lugares para ouvi-lo (veja, por exemplo, Mt 4.24). Pelo termo *Judéia*, Lucas se refere freqüentemente à totalidade da terra dos judeus, desde a Galiléia ao norte, até o Deserto do Neguebe ao sul.[47]

Pedro pode, de modo confiante e até mesmo enfático, dizer a seus ouvintes que eles estão familiarizados com os eventos ocorridos em Israel durante o ministério de Jesus. Podemos imaginar que os mensageiros tivessem informado o apóstolo a respeito da propagação do evangelho em Cesaréia. Desse modo ele pode asseverar que sua platéia sabe acerca de Jesus.

b. "Iniciando na Galiléia depois do batismo que João pregou." Note que o ministério de João Batista não era desconhecido dos gentios,

45. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 420.

46. C. H. Dodd, "The Framework of the Gospel Narrative", *ExpT 43* (1932): 396-400. Veja, do mesmo autor, *Apostolic Preaching and Its Developments* (Nova York e Evanston: Harper and Row, 1964), p. 28.

47. Veja Lucas 1.5; 4.44; 7.17; 23.5; Atos 1.8; 2.9.

pois o apóstolo fala simplesmente do "batismo que João pregou" e não identifica o Batista. Pedro menciona João Batista a fim de marcar a distinção entre a era do Antigo Testamento e os tempos do início do Novo.[48] Ele diz que Jesus começou seu trabalho na Galiléia, fato evidente a partir dos evangelhos.[49]

38. "Vocês sabem a respeito de Jesus de Nazaré, de como Deus o ungiu com o Espírito Santo e poder, e de como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os que se achavam dominados pelo diabo, pois Deus estava com ele."

a. "Vocês sabem a respeito de Jesus de Nazaré." Pedro repete o nome de Jesus e se assegura, indiscutivelmente, de que seus ouvintes estão familiarizados com o nome *Jesus de Nazaré*. Este é o nome pelo qual Jesus era conhecido quando ensinava as multidões e curava os enfermos (veja Mt 21.11; Jo 1.45).

b. "Deus o ungiu com o Espírito Santo e poder." Pedro apresenta seu relato do evangelho em ordem cronológica, pois no batismo de Jesus o Espírito Santo desceu sobre ele como uma pomba (Mt 3.16). Deus ungiu Jesus com o Espírito e com poder para capacitá-lo a cumprir a profecia messiânica (Is 61.1; veja ainda Lc 4.18).[50] Quer dizer, Deus equipou Jesus para a tarefa especial de pregar e curar. O termo *poder* aponta para a obra que Jesus era capaz de realizar por meio da habitação do Espírito Santo dentro de si. Jesus resistiu ao diabo, expeliu demônios, curou os aleijados e doentes, purificou os leprosos, ressuscitou os mortos e proclamou o evangelho (comparar com Mt 11.4,5).

c. "Ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os que se achavam dominados pelo diabo." Jesus libertava as pessoas da escravidão do pecado, da doença e de Satanás (veja, por exemplo, Lc 13.16). Onde quer que fosse, ele era um benfeitor para as pessoas. Reconquistava território das mãos de Satanás, de modo que o diabo tinha de ceder seu poder a Jesus. Ele libertava os que se encontravam sob o poder de Satanás.

---

48. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 607.

49. Mateus 4.12; Marcos 1.14; Lucas 4.14; João 1.43; 2.1.

50. Consultar W. C. van Unnik, "Jesus the Christ", *NTS 8* (1962): 113-16; Richard N. Longenecker, *The Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology, série 2ª 17 (Londres: SCM, 1970), pp. 79-80.

d. "Deus estava com ele." Lucas apresenta apenas o esboço do sermão de Pedro. Ele dá a entender que o apóstolo narrou vários incidentes sobre o ministério de cura realizado por Jesus. Observe também que Pedro ainda não falou da divindade de Cristo. Ele relata somente as manifestações externas. Deus capacitou Jesus a realizar milagres e sinais por causa da presença do Pai em seu Filho (comparar com Jo 10.30,38; 14.9,10).

39. "E somos testemunhas de tudo o que ele fez tanto na terra dos judeus como em Jerusalém. Eles o mataram pendurando-o num madeiro, 40. mas Deus o levantou no terceiro dia. Deus fez com que ele fosse visto, 41. não por todos, mas por testemunhas que foram apontadas anteriormente por Deus, a saber, a nós que comemos e bebemos com ele depois de ter ele se levantado dentre os mortos."

Observe os seguintes pontos:

a. *Morte* – Pedro agora familiariza seu público com a parte que os seguidores imediatos de Jesus têm na proclamação das boas-novas. Diz enfaticamente que ele e o restante dos apóstolos são testemunhas oculares de tudo o que Jesus fez por toda a terra de Israel. Ao dizer à sua platéia que ele é uma testemunha ocular, Pedro se apresenta como uma fonte de informação acerca de Jesus. Entretanto infere que ele é apenas um servo daquele que o enviou, e como tal, está no mesmo nível de qualquer outro seguidor de Jesus.

Com a frase inclusiva *na terra dos judeus*, Pedro se refere ao ministério total de Jesus na Galiléia e Judéia. Ele menciona Jerusalém para identificar o lugar onde Jesus morreu na cruz. Sua referência à sua morte pela crucificação é breve; o apóstolo não está interessado em lançar qualquer culpa ao militar romano pela execução de Jesus. Em discursos anteriores ele havia culpado os judeus, não os romanos, por esse crime (2.23; 3.15; 4.10; 5.30).

b. *Ressurreição* – "Deus o levantou no terceiro dia". Pedro proclama as boas-novas da ressurreição de Jesus e assim introduz seu ofício apostólico. Juntamente com os demais apóstolos, Pedro é testemunha da ressurreição (1.22). Ele é testemunha do ministério total de Jesus, mas esse testemunho culmina quando ele testifica de sua ressurrei-

ção.[51] Pedro recebeu a incumbência de proclamar a notícia de que Jesus saiu da sepultura ao terceiro dia. Ele deve contar ao povo que o próprio Deus levantou Jesus dentre os mortos. Afora das referências nos evangelhos, a expressão *no terceiro dia* ocorre apenas aqui e uma vez nas epístolas de Paulo (1Co 15.4).

c. *Aparecimentos* – Deus concedeu a apenas umas poucas pessoas o privilégio de ver Jesus depois da ressurreição. Exceto por seu aparecimento aos quinhentos irmãos de uma só vez (1Co 15.6), Jesus se mostrou exclusivamente aos seus seguidores imediatos.[52] Estes devem testemunhar da ressurreição de Jesus. Também, não é remota a possibilidade de que Cornélio e seus amigos não tivessem ouvido nada a respeito dos aparecimentos de Jesus durante o período de quarenta dias entre sua ressurreição e ascensão. Os judeus da sinagoga local em Cesaréia não poderiam dizer nada ao centurião sobre os aparecimentos de Jesus, pois eles podiam somente testificar a respeito de sua morte na cruz.[53]

d. *Prova* – Pedro tira qualquer aparência de ceticismo a respeito da ressurreição de Jesus. Sabemos que os apóstolos se defrontavam com zombaria e incredulidade sempre que ensinavam a doutrina da ressurreição na sociedade do século 1º (por exemplo, 17.32). Pedro, no entanto, fala como testemunha ocular e lembra que Jesus muitas vezes comeu e bebeu com os apóstolos depois de ter sido ressuscitado dos mortos. Sem dúvida ele conta que Jesus partiu o pão com os dois homens de Emaús (Lc 24.30), comeu um pedaço de peixe grelhado no cenáculo (Lc 24.42-43), e tomou o café da manhã com sete discípulos na praia do lago da Galiléia (Jo 21.13). Pedro fornece prova absoluta de que o corpo físico de Jesus foi ressuscitado dentre os mortos e que o Senhor está vivo.[54] A certeza confortadora que Pedro proclama é a de que os apóstolos têm comunhão com Jesus, não somente durante sua vida terrena, mas também depois de sua ressurreição (Mt 28.20).

---

51. Rackham, *Acts,* p. 158.

52. Veja o comentário sobre 1.3.

53. Grosheide, *Handelingen der Apostelen,* vol. 1, p. 349.

54. O corpo ressurreto de Jesus não era angélico. Uma referência à tradição concernente aos anjos (Tobias 12.19) salienta o contraste: O arcanjo Rafael revela a Tobit e Tobias que todos os dias em que Rafael apareceu a eles, não comeu nem bebeu.

42. "Ele nos ordenou a pregar ao povo e testificar que Jesus é aquele a quem Deus nomeou Juiz dos vivos e dos mortos. 43. Todos os profetas dão testemunho dele e por meio do seu nome todos os que nele crêem recebem perdão de pecados."

a. *Ordem* – "Ele nos ordenou a pregar ao povo." Aqui está a incumbência dada por Jesus aos apóstolos, a saber, pregar, em seu nome, o evangelho da salvação a todas as nações (Mt 28.19; Mc 16.15; Lc 24.47). Repare que Pedro emprega a palavra grega para "povo", que até aquele tempo se referia ao povo de Israel; trata-se de uma expressão usada para os que estão na aliança de Deus. Mas agora ele derrubou o muro da separação entre judeu e gentio, resultando em que os gentios também pertencem ao povo de Deus. E estes gentios passam a fazer parte da igreja cristã; eles crêem em Jesus Cristo mas não têm de se submeter ao rito da circuncisão.

Ainda assim Pedro e seus companheiros de Jope ficam espantados quando os gentios recebem o dom do Espírito Santo (v.45). Eles precisam de tempo para aceitar que os crentes gentios são iguais aos cristãos judeus e samaritanos.

Pedro informa a seu auditório que Cristo deu uma segunda ordem aos seus apóstolos: "testificar que Jesus é aquele a quem Deus nomeou Juiz dos vivos e dos mortos". Quer dizer, os apóstolos têm de advertir o povo que Deus estabeleceu o dia do julgamento e já nomeou Jesus para servir como Juiz naquele dia. Isso é significativo porque, havendo nomeado Jesus como Juiz, Deus declara que Cristo é igual ao próprio Deus. Tanto Deus o Pai, quanto Deus o Filho, julgarão o povo no dia do juízo.[55]

Em sua fala perante os filósofos atenienses, Paulo faz a mesma afirmação: "Porque determinou um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que ele designou. Ele deu prova disso a todos os homens, ressuscitando-o dentre os mortos" (17.31; e veja 24.25).

Ninguém pode escapar do julgamento, pois todos têm de comparecer diante de Deus. Pedro emprega a expressão idiomática *os vivos e*

55. Comparar Gênesis 18.25; Juízes 11.27; João 5.22, 27; 9.39; Romanos 2.16; 14.9,10; 2 Timóteo 4.1; 1 Pedro 4.5.

os mortos para indicar que todos estão incluídos quando Cristo julgar o povo. Então aqui Pedro adverte os componentes de seu auditório a buscar perdão do pecado por meio da fé em Jesus Cristo, de forma que quando comparecerem perante o Juiz nomeado por Deus, eles possam ser absolvidos.

b. *Compromisso* – "Todos os que nele crêem recebem perdão de pecados". Este é o ponto central do evangelho: Cristo purifica todo pecador que vai a ele com fé e arrependimento. Ele se compromete com essa verdade, de maneira que o crente que foi perdoado não tem nada a temer no dia do juízo. Pedro acrescenta que a remissão dos pecados acontece somente por meio do nome de Cristo. A palavra *nome* significa mais do que um título, pois ela engloba a completa revelação de Jesus Cristo, especialmente com referência à sua vida, obras e palavras. Para quem é a purificação do pecado por intermédio do nome de Cristo? Pedro diz que é para todo aquele que crê. Ele não impõe restrição nem limitação alguma: tanto o judeu como o gentio recebem remissão do pecado. Assim, todo aquele que continua a depositar sua fé e confiança nele pertence a Jesus. O oposto também é verdadeiro, isto é, o que se recusa a crer em Jesus irá se defrontar com ele como Juiz no dia do julgamento. Então ouvirá sua sentença de condenação por sua recusa em aceitar a oferta da salvação.

Pedro baseia seu anúncio da obra purificadora de Cristo na Escritura do Antigo Testamento. Ele abstém-se de dar o capítulo e o versículo, mas afirma que "todos os profetas dão testemunho de [Cristo]" e falaram sobre o seu amor perdoador.[56] Ele diz a Cornélio que é verdadeiro o conhecimento da Escritura por ele acumulado nos cultos de adoração na sinagoga. Os profetas certamente testificam a respeito da pessoa e obra do Cristo, que cumpriu as promessas messiânicas.

Considerações Doutrinárias em 10.34-43

Lucas registra como Pedro apresenta o evangelho de Cristo a uma platéia gentia. Ao fazê-lo, o apóstolo demonstra habilidade na remoção de possíveis mal-entendidos. Ele anuncia as boas-novas de salvação e traça a história da vida, morte e ressurreição de Jesus. Revela também seu papel

56. Isaías 33.24; 53.5,6, 10,11; Jeremias 31.34; 33.8; 50.20.

como testemunha ocular, a quem foi dito para proclamar o evangelho. E por fim, referindo-se às escrituras do Antigo Testamento, convida o povo ao arrependimento e fé.

Pastores, evangelistas e missionários que pregam o evangelho semana após semana, devem conhecer seu público para que possam ser eficazes no ministério. Em seus sermões, eles devem iniciar estabelecendo uma conexão com seus ouvintes. Quando tiverem a atenção deles, devem ministrar ao povo lendo e explicando a Palavra de Deus. Em todo sermão eles devem apontar para Jesus Cristo como o autor e aperfeiçoador da fé. Na conclusão da pregação, eles devem convidar os adoradores à fé em Cristo e exortá-los a que se arrependam do pecado. Devem dizer-lhes que a permanência no pecado acaba em perdição, mas o perdão do pecado resulta em vida eterna.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.34-43

Versículo 34

ἐπ᾽ ἀληθείας – esta expressão é a tradução de Lucas da expressão aramaica em forma transliterada (ἀμήν, ἀμήν), que ocorre 25 vezes no Evangelho de João. Ela introduz uma declaração solene.

προσωπολήμπτης – a forma composta advinda de πρόσωπον (face) e λαμβάνω (eu recebo, aceito) ocorre uma vez no Novo Testamento.

Versículos 36-38

Os tradutores diferem em sua abordagem para conseguir uma tradução mais suave da sintaxe notavelmente dura e desarticulada desses versículos. Alguns tomam ὁ θεός (v.34) como o sujeito controlador do versículo 36 e eliminam o pronome relativo ὅν (o qual). Eu tomo o verbo οἶδατε (vocês conhecem) como verbo principal para os versículos 36, 37 e 38, e dessa forma incorporo o pronome relativo na construção da sentença. Apesar disso, o caso nominativo de ἀρξάμενος (v.37) e o caso acusativo de Ἰησοῦν (v.38) continuam problemáticos.[57]

---

57. Para uma outra abordagem, vejam F. Neirynck, "Acts 10, 36a *ton logom*", *EphThl 60* (1984): 118-23; e Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 606. Consultar Harald Riesenfeld, "The Text of Acts 10.36", *in Text and Interpretation: Studies in the New Testament Presented to Mathew Black*, org. por E. Best e R. McL. Wilson (Cambridge: Cambridge University Press, 1979), pp. 191-94.

Versículo 38

πνεύματι e δυνάμει – estes dois dativos expressam o meio com o qual Jesus foi ungido.

διῆλθεν – διέρχομαι (eu passo por), este aoristo é constativo porque ele engloba a ação do verbo em sua totalidade.[58]

Versículo 39

κρεμάσαντες – veja a explanação de 5.30. O tempo do particípio aoristo ativo coincide com o do verbo principal.[59]

Versículo 41

ἡμῖν – o dativo do pronome pessoal está em aposição a μάρτυσιν (testemunhas) e é enfático.

οἵτινες – este pronome relativo indefinido tem conotação causal. No final deste versículo, os manuscritos ocidentais expandem o texto acrescentando as palavras em itálico: "que comeram e beberam com ele *e (o) acompanharam*, depois que ressuscitou dentre os mortos, *durante quarenta dias*".[60]

Versículo 42

τῷ λαῷ – no versículo precedente, esta expressão se refere aos judeus; aqui ela se refere ao gentios.

οὗτος – vários manuscritos importantes trazem o termo αὐτός (ele). Com base na evidência externa, a escolha é difícil.

ὡρισμένος – o particípio perfeito passivo de ὁρίζω (eu nomeio) demonstra ação iniciada no passado que continua no presente e prossegue no futuro.

Versículo 43

Observe os tempos neste versículo: μαρτυροῦσιν (eles testificam) é o presente durativo; λαβεῖν (receber) é o aoristo constativo; e πιστεύοντα (está crendo) é o particípio presente ativo que denota ação contínua.

---

58. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1967), p. 196.
59. Robertson, *Grammar*, p. 1113.
60. Metzger, *Textual Commentary*, p. 381.

d. *Reação*

10.44-48

O Espírito Santo foi derramado em Jerusalém sobre os judeus (2.1-4), em Samaria sobre os samaritanos (8.15-17) e em Cesaréia sobre os gentios (10.44-46). O círculo da igreja cristã se expandiu com todos os grupos adicionais, a fim de que a ordem dada aos apóstolos na ascensão de Jesus pudesse ser cumprida (1.8).

44. Enquanto Pedro ainda falava estas palavras, o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a mensagem.

Pedro ainda não concluíra seu sermão quando é interrompido pelo derramamento do Espírito Santo. De fato, o próprio Pedro explica à igreja de Jerusalém o que aconteceu. Ele diz: "Quando comecei a falar o Espírito Santo caiu sobre eles assim como caiu sobre nós no começo" (11.15). Pedro havia experimentado o derramar em Jerusalém no dia de Pentecoste. Naquela vez, os apóstolos e os que estavam com eles ouviram um ruído como de um forte vento, viram línguas de fogo sobre a cabeça de cada um e, cheios do Espírito Santo, "começaram a falar em outras línguas" (2.4).

Na casa de Cornélio, Pedro mais uma vez presencia o derramar do Espírito Santo. Mas desta vez ele desce sobre gentios, indicando assim que eles fazem parte da igreja em pé de igualdade com os judeus cristãos.

O Espírito Santo vai aos gentios antes de serem batizados. Se qualquer um dos cristãos judeus que acompanham Pedro a Cesaréia levantasse a questão sobre se os gentios deveriam ser batizados antes de receberem o Espírito Santo, sua descida repentina impede esse questionamento. E mais, a vinda do Espírito torna obsoleto o rito da circuncisão,[61] um rito que na verdade mais tarde o Concílio de Jerusalém abole (15.8-11).

Pedro prega a palavra aos gentios, que mal têm tempo de reagir ao evangelho. De repente, Deus envia o seu Espírito como sinal de que ele aceita esses crentes gentios como povo seu. Observe que o Espírito Santo desce sobre Cornélio, sobre os de sua casa e seus convidados, mas não sobre os seis judeus cristãos que acompanhavam Pedro (veja

61. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 609.

v.46). Assim, Deus demonstra que ele está introduzindo uma nova fase no desenvolvimento da igreja cristã.

45. E todos os crentes circuncidados que tinham vindo com Pedro ficaram espantados que o dom do Espírito Santo tivesse sido derramado também sobre os gentios. 46a. Pois os ouviam falando em línguas e louvando a Deus.

Apesar de Jesus ter ordenado aos apóstolos que pregassem o evangelho a todas as nações, mesmo assim os companheiros de Pedro ficam atônitos quando Deus aceita os gentios concedendo-lhes o dom do Espírito. Porque este derramamento do Espírito Santo é idêntico ao da experiência do Pentecoste em Jerusalém, os crentes judeus agora vêem que os gentios e judeus são iguais aos olhos de Deus.[62] E mesmo tendo o próprio Pedro começado seu sermão dizendo que Deus não mostra favoritismo (veja vs.34,35), ainda assim seus amigos ficam espantados pelo fato de o próprio Deus confirmar essa verdade derramando seu Espírito sobre os crentes gentios. Nesse momento Pedro se lembra do que Jesus disse: "João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo" (11.16, NVI; veja ainda 1.5; Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16).

Os seis membros da delegação de Jope (11.12) ouvem os gentios falando em línguas e louvando a Deus. Presenciam os sinais evidentes do derramamento do Espírito Santo (comparar 2.4,11; 19.6). Lucas não explica a maneira desse falar em línguas; ele apenas registra o relatório de Pedro à igreja de Jerusalém. Pedro conta que o Espírito desceu sobre os gentios exatamente como o fizera com os apóstolos no Pentecoste (11.15) e que Deus dera aos gentios o mesmo dom que concedera aos judeus (11.17). A única diferença entre o relato de Lucas sobre o Pentecoste e sua narrativa acerca dos gentios de Cesaréia é a palavra *outras*, isto é, em Jerusalém os apóstolos falavam em outras línguas (idiomas), mas Cornélio e seus amigos estavam "falando em línguas". Lucas não explica se os gentios se expressavam em idiomas conhecidos ou em fala extática. Não podemos assegurar o significado preciso da expressão *falar em línguas* nesse texto e em 19.6.[63] Sem dúvida, a

62. Comparar com 11.1, 18; 13.48; 14.27; 15.7, 12.

63. "Com exceção das ocorrências em Atos e 1 Coríntios, os únicos casos ... em datas

dificuldade com a qual lutamos está na extrema raridade dessa expressão nos escritos do Novo Testamento.

Com o emprego dos tempos verbais no grego, Lucas indica que a explosão de alegria e júbilo demorou certo tempo. Os cristãos judeus continuaram ouvindo enquanto os gentios levantavam suas vozes em louvor a Deus (veja 13.48). Lucas parece sugerir que os judeus ouviam os gentios falando em línguas mas não necessitavam de intérpretes para compreenderem as palavras ditas.[64]

46b. Então Pedro disse: 47. "Alguém pode impedir estas pessoas de serem batizadas com água? Porque receberam o Espírito Santo assim como nós recebemos". 48. Então mandou que fossem batizados no nome de Jesus Cristo. Depois disso, pediram que ficassem com eles por alguns dias.

Quando Pedro ouve os gentios falando e cantando louvores a Deus, ele sabe que ninguém pode impedi-los de ser batizados e de procurarem ser membros da igreja. Ele faz uma pergunta de efeito que pede uma resposta negativa. Em outras palavras, nenhum cristão judeu, nem samaritano, pode barrar os cristãos gentios de serem membros plenos da igreja. A frase "alguém pode impedir estas pessoas de serem batizadas com água?", talvez seja uma pergunta de praxe feita no momento do batismo. O eunuco etíope fez a Filipe pergunta semelhante antes de ser batizado (8.36).

Quando Pedro e João foram a Samaria, oraram para que os samaritanos recebessem o Espírito Santo. Depois disso, impuseram-lhes as mãos, e então aqueles samaritanos receberam o Espírito (8.15-17). Mas em Cesaréia, Deus interrompe o sermão de Pedro fazendo com que o Espírito caia sobre os gentios. Depois de Cornélio e os de sua casa terminarem seus louvores a Deus, Pedro pergunta se há alguma objeção contra o batismo. Concluímos que a reverão na seqüência do batismo e a descida do Espírito revela o deleite soberano de Deus.

---

anteriores ao século 4º, são encontrados em Marcos 16. 17 e em *Against Heresies* (V vi I)", de Irineu. Stuart D. Currie, "Speaking in Tongues: Early Evidence Outside the New Testament Bearing on *Glossais Lalein*", *Interp* 19 (1965): 277. Publicado ainda *in Speaking in Tongues: A Guide to Research in Glossolalia*, org. por Watson E. Mills (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

64. Anthony A. Hoekema, *Holy Spirit Baptism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), pp. 48-49.

Pedro, como o texto grego dá a entender, dá ordem aos seis cristãos judeus para batizarem os convertidos gentios. Em Samaria não foram os apóstolos, e sim Filipe, quem batizou o povo. Escrevendo aos Coríntios, Paulo declara que ele não batizara qualquer crente em Corinto exceto Crispo, Gaio e os da casa de Estéfanas (1Co 1.14,16; e comparar com Jo 4.2). Paulo até mesmo escreve que ele não quer que seu nome seja ligado ao batismo (1Co 1.15). Desse modo, os apóstolos não colocam a ênfase em si próprios, mas no nome de Jesus; logo, Pedro instrui seus companheiros para batizarem os gentios no nome de Jesus Cristo. Ele segue os procedimentos comuns de batismo dessa época (2.38; 8.16; 19.5).

O nome *Jesus Cristo* significa a plena revelação de tudo o que Jesus fez e disse. E mais, ele mostra tudo o que a Escritura expõe acerca da vinda, obra e função do Messias. Também, nos tempos apostólicos, quando um crente era batizado no nome de Jesus Cristo, declarava que, como candidato ao batismo, ele se identificava completamente com este nome.[65]

Cornélio e seus amigos convidam Pedro para ficar com eles em Cesaréia durante alguns dias. Eles fazem inúmeras perguntas e desejam receber instruções concernentes à fé cristã. Lucas dá a entender que os companheiros de viagem de Pedro também permanecem em Cesaréia, e mais tarde o acompanham até Jerusalém. Ele declara explicitamente que eles se encontravam em Jerusalém (11.12) quando Pedro prestou relatório à igreja ali. Hospedando-se em lares gentios, Pedro e seus amigos judeus demonstram que aceitam plenamente seus anfitriões como membros em estado de igualdade da igreja cristã. E assim sua presença nesses lares fortalece os crentes gentios.[66]

Considerações Práticas em 10.44-48

"Quando em Roma, faça como os romanos." Este provérbio popular se aplica especialmente aos homens e mulheres que pregam e ensinam o

65. Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academic Books, 1986), p. 166.

66. Pedro estava errado quando posteriormente se recusou a comer com cristãos gentios em Antioquia. Por essa razão Paulo repreendeu abertamente a Pedro por seu comportamento incorreto (Gl 2.11-14).

evangelho em países e culturas que não sejam seus. Eles devem não somente aprender a língua de forma que possam se comunicar com fluência e serem dignos embaixadores de Jesus Cristo. Devem também mergulhar totalmente na cultura onde vivem e trabalham. Isso quer dizer que têm a obrigação de se identificar o máximo possível com o povo a quem ministram. A mensagem que transmitem deve ser clara e sem rodeios: dizer às pessoas que se arrependam do pecado e do mal e se voltem a Jesus Cristo pela fé. E. T. Cassel formulou este pensamento de forma concludente nas palavras de um hino:

> Esta é a ordem do Rei:
> Que todos os homens, em todo lugar,
> Se arrependam e virem as costas
> À armadilha sedutora do pecado;
> Que todos os que obedecem,
> Reinarão com ele para sempre –
> E esta é a minha tarefa por meu Rei.
> Esta é a mensagem que trago,
> Uma mensagem que os anjos cantam com prazer:
> "Ó, reconciliem-se",
> assim diz meu Senhor e Rei,
> "Ó, reconciliem-se com Deus."

[A tradução do texto do hino acima é livre e literal do original inglês; o correspondente em português está na 2ª estrofe e coro do Hino nº 288 do Hinário Novo Cântico, com tradução de E. R. Smart, Igreja Presbiteriana do Brasil, Casa Editora Presbiteriana – *nota da tradutora*]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 10.44-48

Versículo 44

λαλοῦντος – com o nome *Pedro* no caso genitivo, este particípio ativo presente forma a construção do genitivo absoluto.

τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον – os dois artigos definidos tornam claro que este é o Espírito Santo (distinto de um espírito) e se refere ao derramamento sobre os gentios.[67]

---

67. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 257.2.

Versículo 45

ἐκ – a preposição descreve o grupo dos cristãos judeus que enfatizavam o rito da circuncisão.

ὅτι καί – os tradutores estão divididos entre tomar ὅτι como causal ("porque") ou tomá-lo como a conjunção *para que*. A conjunção καί é ascendente ou adjuntiva, e é traduzida por "até" ou "também".

δωρεὰ τοῦ ἁγίου πνεύματος – veja comentário sobre 2.38.

ἐκκέχυται – esta forma no perfeito passivo do verbo ἐκχέω (eu derramo) é traduzida no tempo mais-que-perfeito devido ao tempo passado do verbo principal ("eles ficaram espantados").

Versículo 47

μήτι – a partícula interrogativa introduz uma pergunta retórica que pressupõe resposta negativa. A partícula negativa μή antes do infinitivo *ser batizado* é redundante por causa do verbo *impedir*.

οἵτινες – este pronome relativo indefinido tem significado causal. Veja o versículo 41.

Versículo 48

Todos os tempos nesse versículo estão no aoristo e significam ocorrência única. O infinitivo aoristo grego indica que os cristãos judeus oficiaram a cerimônia do batismo.

Sumário do Capítulo 10

Cornélio, servindo na capacidade de centurião do Regimento Italiano localizado em Cesaréia, é um devoto temente a Deus. Ele sustenta materialmente os pobres e passa muito tempo em oração. Num de seus momentos de oração, um anjo lhe aparece e o instrui a mandar chamar Simão Pedro em Jope. Cornélio envia dois servos de confiança e um soldado piedoso a Jope, a fim de pedir que Pedro vá a Cesaréia.

Em Jope, Pedro passa alguns momentos no teto plano da casa onde está hospedado. Enquanto ora, ele cai em transe e, numa visão, vê um grande lençol descendo do céu cheio de toda espécie de animais. Pedro ouve uma voz dizendo-lhe para matar e comer. Ele objeta, dizendo que jamais comera nada imundo. Mas a voz lhe informa que Deus removeu a distinção entre limpo e impuro. Isso acontece três vezes, e enquanto

Pedro pondera a respeito do significado de sua visão, chegam os mensageiros de Cesaréia. Eles o convidam para ir à casa de Cornélio.

Dois dias mais tarde Pedro e seus companheiros de viagem entram em Cesaréia, onde Cornélio lhes dá as boas-vindas. Um grande círculo dos amigos de Cornélio aguarda Pedro. Este explica que Deus lhe dissera para não chamar ninguém de impuro, isto é, que ele deveria acompanhar os mensageiros. Cornélio relata a visita e a mensagem do anjo. Então Pedro prega as boas-novas ao seu auditório gentio. De repente o Espírito Santo desce sobre os gentios, o que espanta os cristãos judeus. Os gentios falam em línguas, glorificam a Deus e são batizados. Pedro permanece com eles durante alguns dias.

11

A Igreja na Palestina

Parte 4

11.1-18

A Igreja em Transição

Parte 1

11.19-30

ESBOÇO (continuação)

11.1-18	6. A Explicação de Pedro
11.1-3	a. A Crítica
11.4-10	b. A Visão
11.11-14	c. A Visita
11.15-18	d. Conclusão
11.19-13.3	IV. A Igreja em Transição
11.19-30	A. O Ministério de Barnabé
11.19-21	1. A Expansão do Evangelho
11.22-24	2. A Missão de Barnabé
11.25,26	3. Os Cristãos em Antioquia
11.27-30	4. Profecia e Cumprimento

Capítulo 11

ATOS 11.1-18

11 1. Os apóstolos e irmãos por toda a Judéia ouviram que os gentios também haviam recebido a palavra de Deus. 2. E quando Pedro subiu para Jerusalém, os que eram circuncidados discordaram dele. 3. Disseram: "Você entrou na casa de homens incircuncisos e comeu com eles".

4. Pedro começou a explicar a eles, ponto por ponto, o que havia acontecido. Ele disse: 5. "Eu estava na cidade de Jope orando, e num transe tive uma visão. Vi um certo objeto como um grande lençol sendo baixado do céu pelos quatro cantos, e desceu até mim". 6. "Eu olhei atentamente para observar o que estava dentro dele e vi animais da terra, quadrúpedes, bestas selvagens, répteis e pássaros do ar. 7. Então ouvi uma voz me dizendo: 'Levante-se, Pedro. Mate e coma'. 8. Mas eu disse: 'Certamente que não, Senhor. Nada impuro ou imundo jamais entrou em minha boca'. 9. A voz do céu falou uma segunda vez: 'Não considere imundo o que Deus tornou limpo'. 10. Isso aconteceu três vezes e então a coisa toda foi puxada para cima ao céu."

11. "Imediatamente três homens que haviam sido enviados a mim de Cesaréia apareceram na casa onde estávamos hospedados. 12. O Espírito me disse para não ter qualquer apreensão em ir com eles. Esses seis irmãos também foram comigo e entramos na casa do homem. 13. Ele nos relatou como tinha visto um anjo de pé em sua casa dizendo: 'Mande em Jope buscar Simão chamado Pedro, 14. que proferirá palavras pelas quais você e toda a sua casa serão salvos'.

15. "Quando comecei a falar, o Espírito Santo caiu sobre eles assim como caiu sobre nós no início. 16. Então eu me lembrei da palavra do Senhor, de como ele costumava dizer: 'João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo'. 17. Se Deus deu, pois, a eles o mesmo dom que ele deu a nós os que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para me postar no seu caminho?"

18. Quando ouviram essas coisas eles se acalmaram e glorificaram a Deus dizendo: "Então também aos gentios Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida".

6. *A Explicação de Pedro*
11.1-18

Em diversos lugares, do começo ao fim de Atos, Lucas fornece apenas uns poucos detalhes das narrativas históricas que registra. Temos a impressão de que, devido à vasta história da igreja cristã, ele é forçado a ser seletivo e conciso. No entanto, ao registrar a visita de Pedro a Cornélio, Lucas elabora o texto com esmero proposital. Dedica cerca de um capítulo e meio (10.1-11.18) a esse incidente. Como cristão gentio, ele dá considerável importância ao ingresso dos gentios na igreja.

Quando Pedro chega em Jerusalém, os cristãos judeus exigem uma explicação a respeito de sua visita aos gentios. Ele tem de informar a igreja de Jerusalém que o próprio Deus abriu o caminho para os gentios serem membros da igreja. Quando os samaritanos ingressaram na igreja, os cristãos judeus em Jerusalém não fizeram objeção alguma. Mas agora que os gentios se voltam para a fé em Cristo, Pedro precisa dizer à igreja de Jerusalém que Deus os aceitou.

Em seu relato, Lucas não fornece qualquer indicação de quando Pedro viajou para Cesaréia. Entretanto, vamos presumir que a visão de Pedro tenha acontecido no final da quarta década ou até mesmo no início da quinta (39-41 d.C.). Sabemos que nesses anos a situação política em Jerusalém era tensa. O Imperador Calígula, cuja insanidade havia causado indizíveis distúrbios e mortes,[1] havia decretado que fosse colocada uma estátua do imperador no templo de Jerusalém. Calígula emitiu esse decreto depois de ter recebido uma delegação judaica que queriam explicar por que os judeus de Alexandria, no Egito, não tinham um altar para César. Nesse encontro Calígula foi ofendido pelos judeus e ficou irritado com eles. Josefo relata:

> Indignado por ser tão menosprezado pelos judeus, Gaio enviou expeditamente Petrônio [governador da Síria, 39-42 d.C.] como seu emissário à Síria a fim de suceder Vitélio em seu cargo. Suas ordens eram para que comandasse uma grande força à Judéia e, se os judeus consentissem em recebê-lo, erigir uma imagem de Gaio no templo de

1. Veja *Gaius Caligula*, de Suetonius, *in The Lives of the Caesars*, trad. por John C. Rolfe, 2 vols., vol. 1, livro 4, pp. 403-97 (LCL).

Deus. Se, no entanto, se mostrassem obstinados, ele deveriam subjugá-los pela força das armas e assim colocá-la ali.[2]

Quando Petrônio finalmente chegou a Tiberíades, localizada às margens do Mar da Galiléia, milhares de judeus foram ao seu encontro e o persuadiram a não erigir a estátua do imperador em Jerusalém. Arriscando a própria vida, Petrônio escreveu a Calígula e pediu-lhe que revogasse a ordem. Pouco tempo depois o imperador morreu nas mãos de assassinos (41 d.C.) e a calamidade que ameaçava os judeus foi evitada.

Se estivermos corretos ao presumir que a visita de Pedro a Cesaréia tenha acontecido na época do decreto de Calígula, podemos imaginar que os judeus em Jerusalém objetaram ao fato de Pedro visitar um oficial militar romano. Seja como for, as relações entre judeus e romanos estavam tensas.

a. *A Crítica*

11.1-3

1. Os apóstolos e irmãos por toda a Judéia ouviram que os gentios também haviam recebido a palavra de Deus.

Os cristãos judeus que viviam em Cesaréia tinham ouvido que Pedro e seis judeus de Jope haviam adentrado a casa de Cornélio e ficado ali com ele por algum tempo. Relataram o acontecido aos judeus na Judéia e especialmente em Jerusalém. Além disso, contaram que gentios em Cesaréia haviam recebido a palavra de Deus e que haviam depositado sua fé em Jesus Cristo.

Lucas menciona primeiro os apóstolos e depois acrescenta a palavra *irmãos*, cujo uso no Novo Testamento tem o significado de "companheiros crentes". Os apóstolos consultaram os membros da igreja e procuravam entender as notícias que tinham ouvido. Sabiam que os gentios haviam se tornado cristãos, pois a expressão *palavra de Deus* era sinônima da pregação apostólica do evangelho.[3] Essa pregação estava arraigada na história de Jesus Cristo (10.36-43).

---

2. Josefo, *Antiquities* 18.8.2 [261]; *War* 2.10.1 [184-87].

3. Veja 4.29, 31; 6.2, 7; 8.14; 13.5, 7, 44, 46, 48; 16.32; 17.13; 18.11. Bertold Klappert, *NIDNTT*, vol. 3, p. 1113.

De repente os cristãos judeus tiveram de encarar uma nova fase no desenvolvimento da igreja: a entrada de gentios no rol de membros. Os judeus não mais detinham o monopólio da graça de Deus, pois ele havia convidado também os gentios a serem participantes plenos de sua graça. Apesar de terem ouvido as novas desse recente acontecimento, faltava-lhes informações detalhadas, e ao mesmo tempo, não estavam dispostos a se ajustarem às mudanças inevitáveis que estavam ocorrendo na igreja. Eles exigiam de Pedro uma explicação.

2. E quando Pedro subiu para Jerusalém, os que eram circuncidados discordaram dele. 3. Disseram: "Você entrou na casa de homens incircuncisos e comeu com eles".

Logo depois de deixar Cesaréia, Pedro retorna a Jerusalém, onde tem de prestar contas aos apóstolos e à igreja a respeito de sua visita à casa de Cornélio. Incidentemente, alguns manuscritos ocidentais (grego, latim, siríaco e cóptico) trazem um texto ampliado que indica que Pedro gastou um tempo considerável na sua ida para Jerusalém.[4] Não podemos dizer quanto tempo levou para ele chegar até a cidade; sabemos, no entanto, que ao chegar, o apóstolo enfrentou "os que eram circuncidados".

Alguns comentaristas interpretam a frase *os que eram circuncidados* como se referindo a um partido judaico em separado dentro da igreja cristã.[5] outros são da opinião de que a expressão se refere a pessoas judias por nascimento (veja a NEB). Dizem que "não há nada que sugira ter havido um 'partido' definido na igreja nesse estágio, especialmente antes de a questão da circuncisão ter sido levantada de maneira tal que levou as pessoas a assumirem posições a esse respeito".[6]

O próprio Pedro havia expressado sua aversão por entrar no lar de um gentio até que Deus lhe disse para fazê-lo (10.28). Logo, podemos dizer que, de um modo geral, todo judeu que evitava contato social

4. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 382-83.

5. Por exemplo, R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 438.

6. I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: An Introduction and Commentary*, série Tyndale New Testament Commentary (Leicester: Inter-Varsity; Grand Rapids: Eerdmans, 1980), p. 195.

com os gentios pertencia ao grupo "dos que eram circuncidados". Mas Lucas tem os judeus cristãos em mente, e não todos os judeus em Israel e na dispersão. Ele emprega a mesma expressão para descrever os seis judeus cristãos que acompanharam Pedro (10.45). E mais, sendo ele próprio gentio, Lucas vê toda a igreja de Jerusalém dessa época como cristãos circuncisos. Ele salienta que todos os judeus cristãos em Jerusalém e Judéia na época da visita de Pedro se opunham em aceitar os cristãos gentios no seio da igreja.[7] Ele introduz o partido dos judaizantes (15.5) num cenário posterior, porém não agora.

A objeção dos membros da igreja é a de Pedro haver entrado num lar de gentios e ter comido com eles. Os judeus evitavam visitar os gentios (veja Jo 18.28) por medo de se tornarem cerimonialmente impuros. E se recusavam a ter comunhão à mesa com os gentios porque era-lhes ordenado não comer nada imundo. Essa rígida lei de separação os compelia a rejeitar qualquer contato com os gentios; a pressão vinda de companheiros judeus que não eram membros da igreja cristã constituía também um fator decisivo.

Os judeus viajavam por terra e por mar a fim de arrebanhar convertidos à sua fé, conforme Jesus observou (Mt 23.15), porém evitavam escrupulosamente a contaminação, comendo somente alimentos preparados de acordo com os preceitos judaicos. Note que os judeus cristãos em Jerusalém, embora tenham ouvido que os gentios aceitaram o evangelho de Cristo, não questionam a missão evangelística de Pedro a eles. Não indagam a respeito da fé em Cristo nem tampouco sobre o batismo; eles investigam as razões do apóstolo para entrar num lar gentio e ingerir alimento impuro.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11.1-3

Versículo 1

κατά– no contexto, essa preposição significa "em/dentro". Veja 13.1; 15.23; 24.12; Hb 11.13.[8]

---

7. Veja F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 360.

8. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1957), p. 107.

τὰ ἔθνη – normalmente o substantivo plural neutro é o sujeito de um verbo no singular. Aqui ele ocorre no plural. A despeito da variante textual, é preferido o plural ἐδέζαντο (eles receberam).

Versículo 2

διεκρίνοντο – esse é o imperfeito médio do verbo composto διαχρίνομαι (eu contendo) e tem um sentido incoativo: "eles começaram a contender".[9]

περιτομῆς – a falta do artigo definido generaliza a sentença na qual aparece o substantivo. Logo, sem o artigo definido, a frase mal pode se referir a um partido.

Versículo 3

ὅτι – alguns tradutores entendem ὅτι como um interrogativo (RSV, BJ). Pode significar "Por que você entrou ...?" Essa conjunção tem, assim, o significado de *por que*, que aparece também em Marcos 2.16; 9.11, 28. Entretanto, a maioria dos tradutores favorece o uso recitativo, que introduz o discurso direto.[10]

---

b. *A Visão*

11.4-10

Lucas tem uma propensão a contar o mesmo incidente mais de uma vez (comparar com 9.1-19; 22.3-16; 26.9-18).[11] Aqui ele repete a história da visão de Pedro e sua visita a Cesaréia. Apesar de omitir alguns detalhes, ele acrescenta outros para enfatizar certos detalhes do incidente. Contudo, em muitos versículos os relatos são idênticos.

4. Pedro começou a explicar a eles, ponto por ponto, o que havia acontecido. Ele disse: 5. "Eu estava na cidade de Jope orando, e num transe tive uma visão. Vi um certo objeto como um grande lençol sendo baixado do céu pelos quatro cantos, e desceu até mim".

---

9. A. T. Robertson, *A Grammar of the New Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 885.

10. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of the New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 132.

11. Lucas faz referência a Cornélio quatro vezes (10.3-6, 22, 30-32; 11.13), quatro vezes à estada de Pedro com Simão, o curtidor (9.43; 10.6, 17, 32), e duas vezes à visão de Pedro em Jope (10.9-16; 11.5-10).

Em sua defesa, Pedro se abstém de citar passagens relevantes do Antigo Testamento e ditos pertinentes de Jesus. Em vez disso, narra sua história pessoal iniciando a partir de quando teve sua visão em Jope. Ele está completamente à vontade, pois sabe que o próprio Deus lhe disse, por meio de uma visão, para proclamar o evangelho de Cristo aos gentios.

Evidentemente Lucas apresenta uma versão condensada da experiência de Pedro porque omite o fato de que o apóstolo estava no telhado ao meio-dia e de que estava com fome enquanto a refeição estava sendo preparada. Ele relata a explicação de Pedro que, enquanto orava, Deus lhe mostrou a visão de um grande lençol seguro por suas quatro pontas e descendo em sua direção.

6. "Eu olhei atentamente para observar o que estava dentro dele e vi animais da terra, quadrúpedes, bestas selvagens, répteis e pássaros do ar. 7. Então ouvi uma voz me dizendo: 'Levante-se, Pedro. Mate e coma'. 8. Mas eu disse: 'Certamente que não, Senhor. Nada impuro ou imundo jamais entrou em minha boca'. 9. A voz do céu falou uma segunda vez: 'Não considere imundo o que Deus tornou limpo'. 10. Isso aconteceu três vezes e então a coisa toda foi puxada para cima ao céu."

Pedro relata a visão na primeira pessoa do singular e apresenta ao público uma vívida descrição do que vira. Ele salienta que observou atentamente o conteúdo do grande lençol: as criaturas vivas desta terra (ele acrescenta uma referência específica aos animais selvagens), répteis e pássaros do ar (comparar com Sl 148.10).

Como judeu, Pedro evita usar o nome *Deus* e assim lembra que uma voz do céu lhe disse para levantar-se, matar e comer. E mais, ele infere que o lençol continha animais limpos e imundos; esse fato se relaciona diretamente à sua recusa judaica em comer algo impuro. Permanecendo fiel às leis do Antigo Testamento, Pedro faz objeção em se contaminar. Mas a voz celestial revela que ele não deve considerar imunda qualquer coisa que Deus tenha tornado limpa. Em outras palavras, Deus retirou a distinção entre os animais puros e impuros. Depois de Deus ter falado três vezes sucessivas, o lençol foi recolhido de volta ao céu e a visão terminou. Obviamente o propósito dela era preparar Pedro para a sua missão em Cesaréia.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11.6

ἀτενίσας esse particípio aoristo ativo do verbo ἀτενίζω (eu olho atentamente para) é seguido pelo imperfeito ativo κατενόουν (eu estava observando) e pelo aoristo ativo εἶδον (eu vi). O emprego dos tempos verbais nesse versículo é significativo.

c. A *Visita*

11.11-14

A seguir, Pedro descreve sua visita à casa de Cornélio. Esse homem é o primeiro gentio convertido à fé cristã, todavia Pedro deixa de mencionar seu nome nesse seu relatório. O apóstolo o chama simplesmente de "o homem" (v. 12), e exclui, talvez de propósito, qualquer referência à posição militar de Cornélio.

11. "Imediatamente três homens que haviam sido enviados a mim de Cesaréia apareceram na casa onde estávamos hospedados. 12. O Espírito me disse para não ter qualquer apreensão em ir com eles. Esses seis irmãos também foram comigo e entramos na casa do homem. 13. Ele nos relatou como tinha visto um anjo de pé em sua casa dizendo: 'Mande em Jope buscar Simão chamado Pedro, 14. que proferirá palavras pelas quais você e toda a sua casa serão salvos'."

Pedro revela ao seu público que imediatamente depois de ter tido a visão, três homens de Cesaréia chegaram à casa onde ele e alguns companheiros estavam hospedados. Apesar de não revelar que aqueles visitantes eram gentios, seus ouvintes sabiam que gentios o haviam convidado para ir até Cesaréia. Note que Pedro informa os membros de sua platéia que Deus o instruíra a visitar a casa de Cornélio. Isso quer dizer que ele não decidira, por iniciativa própria, ir até os gentios. Pelo contrário, Deus lhe dissera para aceitar o convite, primeiro numa visão e depois falando-lhe por intermédio do Espírito Santo. O apóstolo, de maneira correta, coloca a ênfase em Deus, e não em si mesmo.

Somos informados de que os seis judeus cristãos que foram junto com Pedro a Cesaréia se encontram agora em Jerusalém para comprovar seu relatório. O apóstolo confirma que ele e seus seis companheiros judeus entraram na casa de um gentio e ficaram ali por alguns dias.

Pedro conta que um anjo instruíra esse gentio a mandar mensageiros até ele a fim de convidá-lo para ir à sua casa. Observe que Lucas apresenta uma versão da mensagem angélica que difere do relato do capítulo precedente (10.4-6,31,32). O anjo prometeu salvação a Cornélio e a toda a sua casa. O termo *casa* inclui todos os membros da família do centurião, seus servos e até mesmo seus soldados (16.15, 31-34; 18.8; veja Jo 4.53; 1 Co 1.11,16). Além do mais, quando o anjo prometeu salvação a Cornélio e a toda a sua casa, ele implicitamente fez referência ao autor da salvação, Jesus Cristo. Embora Cornélio tivesse recebido instrução religiosa na sinagoga e adorasse a Deus por práticas devocionais em casa, ainda não havia recebido o dom da salvação. Somente pela fé em Jesus Cristo é que ele e os membros de sua casa poderiam receber esse dom.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11.11-14

Versículo 11

ἦμεν – alguns manuscritos trazem o singular ἤμην (eu estava) ao invés do plural ἦμεν (nós estávamos). A forma plural é a interpretação mais difícil, e portanto a preferível.

Versículos 13,14

τὸυ ἄγγελον – apesar do fluxo da história requerer a omissão do artigo definido, sua presença, no entanto, parece ser original. Os escribas seriam mais inclinados a omitir o artigo do que a acrescentá-lo.

σωθήσῃ σύ – note o emprego enfático do pronome pessoal na segunda pessoa para corroborar o verbo no futuro passivo na segunda pessoa do singular.

---

d. *Conclusão*

11.15-18

Pedro declara que visitou os gentios porque Deus lhes estava concedendo o dom da salvação. Confessa que não convém interferir quando Deus dá presentes a seja quem for do seu agrado fazê-lo. Desse modo, direciona a atenção de seus ouvintes para Deus. Salienta que quando ele derrama do seu Espírito sobre os gentios, da mesma forma

que derramou sobre os judeus no Pentecoste, gentios e judeus se tornam iguais na igreja cristã.

15. "Quando comecei a falar, o Espírito Santo caiu sobre eles assim como caiu sobre nós no início. 16. Então eu me lembrei da palavra do Senhor, de como ele costumava dizer: 'João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo'. 17. Se Deus deu, pois, a eles o mesmo dom que ele deu a nós os que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para me postar no seu caminho?"

As palavras *quando comecei a falar* não devem ser tomadas literalmente, mas em sentido figurado. O que Pedro deseja comunicar é que ele apenas começara a pregar um esboço do evangelho de Cristo, e que nos dias sucessivos de sua visita continuava a explicar o caminho da salvação ao seu público gentio. Por essa razão, logo no começo de sua permanência ali, o Espírito Santo desceu sobre Cornélio e sobre os de sua casa. O derramamento do Espírito sobre os judeus em Jerusalém foi um grande e importante acontecimento na história da igreja. Agora Pedro explica que os gentios também receberam o dom do Espírito. Conseqüentemente, a igreja cristã agora consiste de judeus, samaritanos e gentios.

A essa altura de sua história, Pedro introduz a palavra dita por Jesus: "João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo" (1.5; Mc 1.8). O verbo *lembrar-se* é interessante porque Jesus disse aos seus discípulos que enviaria o Espírito Santo para ajudá-los a se lembrar de tudo o que ele lhes havia dito (Jo 14.26). Quando o Espírito Santo desceu sobre os gentios, ele fez com que Pedro se lembrasse das palavras de Jesus concernentes ao batismo do Espírito Santo.

A conclusão que Pedro tira desse incidente histórico é que Deus é soberano ao conceder salvação a judeus e gentios. Quando ele coloca os cristãos gentios no mesmo nível dos cristãos judeus, e tanto o judeu como o gentio crêem no Senhor Jesus Cristo, Pedro é incapaz de até mesmo pensar em negar aos gentios o ingresso na igreja. Ele faz a pergunta cabível: "Quem era eu para me postar no seu caminho?" Fazer a pergunta é o mesmo que respondê-la. Pedro nada diz acerca da circuncisão. Ele e os membros da igreja de Jerusalém vêem a mão de Deus no desenvolvimento da igreja. A igreja de Jerusalém não deseja se opor à obra de Deus entre os gentios.

18. Quando ouviram essas coisas eles se acalmaram e glorificaram a Deus dizendo: "Então também aos gentios Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida".

Quando os antiqüíssimos padrões de conduta se tornam, de repente, obsoletos e têm de dar lugar a uma nova maneira de vida, o povo que for intimamente afetado por essa mudança precisa se adaptar. A igreja de Jerusalém aceitou a explanação de Pedro a respeito de sua visita a Cesaréia e reconheceu a soberania de Deus ao conceder salvação aos gentios. Ainda assim, passou-se grande parte de uma década antes que o Concílio de Jerusalém se reunisse para determinar os requisitos básicos que os gentios deveriam seguir (15.20,28,29).

As pessoas que ouviram a explicação de Pedro se dão por satisfeitas e não têm mais objeção alguma em permitir aos gentios entrarem para a igreja. Reconhecem que o próprio Deus instruíra Pedro a ir a Cesaréia e, conseqüentemente, louvam a Deus por sua misericórdia e graça. Num certo sentido, os crentes de Jerusalém levantaram as mesmas objeções que Pedro quando, em visão, Deus lhe disse para comer alimento imundo. Mas assim como Deus assegurou ao apóstolo que ele tornara puras todas as coisas, assim também faz as pessoas de Jerusalém entenderem que ele aceitou os gentios e lhes concedeu o dom da salvação.

Louvando a Deus, os cristãos judeus em Jerusalém concluem: "Então também aos gentios Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida". A igreja de Jerusalém aceita os gentios na base dupla do dom do Espírito dado por Deus a eles, e do seu arrependimento. Esses dois fatos apresentam evidência suficiente de que a igreja cristã (diferente do judaísmo) não depende das observâncias legalistas, mas da orientação divina.[12]

À conclusão de seu sermão do Pentecoste, Pedro exortou seus ouvintes a que se arrependessem de seus pecados (2.38). Em seu sermão no Pórtico de Salomão, pregado depois de ter curado o coxo, ele chamou o povo ao arrependimento (3.19). Punindo Simão, o mágico, Pedro lhe disse para se arrepender de sua maldade (8.22). Todavia, o

12. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 686.

arrependimento não é algo que tem origem no coração do homem, de sua própria iniciativa. Conforme crêem os crentes em Jerusalém, o arrependimento é um presente de Deus: "Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida" (veja também 5.31; 2Tm 2.25). Quer dizer, Deus concede ao seu povo os dons do arrependimento, perdão de pecados e vida eterna.

Considerações Doutrinárias em 11.18

Ao pregar seu batismo para o arrependimento, João Batista confrontou o clero de seus dias, o cobrador de impostos, o soldado a serviço de Roma e Herodes Antipas, que havia se casado com a mulher de seu irmão Filipe. Disse a eles que se arrependessem e fossem batizados (Lc 3.7-20). João mandava que os pecadores deixassem a vida de pecado e se voltassem para uma vida dedicada a Deus. Ele lhes ensinava até mesmo como viver uma vida que glorificasse a Deus.

O pecador que se arrepende pode declarar que deve receber crédito por ter virado as costas para o mal? Não, realmente não. O pecador que reconhece que Deus, por intermédio de Cristo, o purificou do pecado e deu-lhe vida, dá o crédito a Deus. Ele percebe que foi salvo, não por obras, mas pela graça por meio da fé (Ef 2.8,9). Assim, ele aceita o arrependimento como um dom de Deus, que por intermédio de seu Filho assegurou a salvação, e que por meio de seu Espírito, o levantou da morte espiritual. Numa de suas epístolas, Paulo atribui a salvação tanto a Deus quanto ao homem: "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12,13). Deus concede a sua graça erguendo o homem para uma nova vida em Cristo, e então o chama a arrepender-se de tudo o que é maligno.[13] Logo, o crente enxerga o arrependimento como um dom de Deus a ele, e em troca, deseja expressar sua gratidão ao Pai obedecendo aos seus preceitos.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11.15-18

Versículo 15

ἐν τῷ ἄρξασθαι – o aoristo infinitivo articular no dativo (por causa

13. Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academic Books, 1986), p. 181.

da preposição ἐν) indica o tempo durante o qual Pedro começou a falar. A fraseologia não deve ser forçada a um extremo lógico (veja-se 10.44).

ἐν ἀρχῇ – a frase preposicional se refere à experiência do Pentecoste, que para os judeus cristãos, marcou o início da fé cristã. O derramamento do Espírito Santo em Cesaréia é o Pentecoste dos gentios.

Versículo 16

ἐμνήσθην – de μιμνήσκομαι (eu me lembro), esse verbo no aoristo passivo é seguido pelo caso genitivo. Os verbos com a idéia de lembrar e esquecer têm seu objeto direto no genitivo.

ἔλεγεν – o tempo imperfeito ("ele costumava ...") é habitual.[14] O dito, emitido primeiramente por João, parece ser um provérbio; todos os quatro evangelistas citam-no, usando variações (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.26).

Versículo 17

εἰ – essa partícula introduz uma sentença condicional que declara um fato simples e representa realidade.

πιστεύσασιν – no dativo plural, esse particípio aoristo ativo se refere aos crentes tanto judeus como gentios. No final do versículo, os manuscritos ocidentais acrescentam: "que ele não devesse lhes dar o Espírito Santo depois de terem crido nele".[15]

Versículo 18

ἡσύχασαν – o aoristo ativo de ἡσυχάζω (eu estou quieto/calmo) transmite o sentido de constatação. O verbo "descreve uma condição de quietude ... inclusive de silêncio".[16]

ἀρᾰ – a partícula de inferência significa "conforme, assim".[17]

---

19. Então os que haviam sido espalhados por causa da perseguição que ocorreu em conexão com Estêvão, foram abrindo caminho até a Fenícia, Chipre e Antioquia, pregando a palavra apenas a judeus. 20. Alguns deles, homens que eram de Chipre e Cirene, foram até Antioquia e começaram a falar também aos gregos, proclamando o Senhor Jesus. 21. E a mão do Senhor estava com eles, e um grande número creu e se voltou para o Senhor.

---

14. Dana e Mantey, *Manual Grammar*, p. 188.
15. Metzger, *Textual Commentary*, p. 386.
16. Thayer, p. 281.
17. Robertson, *Grammar*, p. 1190.

22. As notícias a respeito deles chegaram aos ouvidos da igreja em Jerusalém
e eles enviaram Barnabé até Antioquia. 23. Quando ele chegou e testemunhou da
graça de Deus, regozijou-se e passou a encorajar a todos que, com coração resolu-
to, permanecessem verdadeiros ao Senhor. 24. Ele era um homem bom, cheio do
Espírito Santo e fé. E uma grande multidão foi acrescentada ao Senhor. 25. Barna-
bé saiu para Tarso a fim de procurar Saulo. 26. Quando o encontrou, ele o levou
para Antioquia. E durante todo um ano eles se reuniram com a igreja e ensinaram
um grande número de pessoas. Os discípulos foram chamados de cristãos primei-
ro em Antioquia.

27. Ora, naquele tempo alguns profetas desceram de Jerusalém a Antioquia.
28. Um deles, chamado Ágabo, se levantou e predisse, por intermédio do Espírito,
que haveria uma grave fome por todo o mundo romano. Isso aconteceu durante o
reinado de Cláudio. 29. E os discípulos, cada qual conforme era financeiramente
capaz, decidiram enviar ajuda para assistir aos irmãos que moravam na Judéia. 30.
Fizeram isso mandando sua oferta aos presbíteros por intermédio de Barnabé e
Saulo.

IV. A Igreja em Transição

11.19-13.3

A. O Ministério de Barnabé

11.19-30

Lucas retoma sua narrativa sobre os judeus cristãos que haviam sido forçados a deixar Jerusalém depois da morte de Estêvão (8.1-4). Esses cristãos perseguidos se deslocaram da Judéia e Samaria na direção norte para a Fenícia (Líbano de hoje), Chipre e Antioquia na Síria. Lucas pode ter tido um interesse especial em fornecer esse relato, pois o exórdio mais antigo a respeito dele, escrito entre 160 e 180 d.C., declara que Lucas era sírio, natural de Antioquia, e médico (Cl 4.14) por profissão.[18] Apesar de não sabermos quando ele se converteu, é possível que estivesse entre os primeiros gentios a reconhecer Cristo como seu Salvador e Senhor.

A cidade de Antioquia, localizada a cerca de 32 quilômetros no interior a partir do Mar Mediterrâneo, foi fundada em 300 a.C. por Seleuco I Nicator, que deu à cidade o nome de seu pai, Antíoco. Quando os romanos conquistaram a Síria em 64 a.C., Antioquia tornou-se a

18. Albert Huck, *Synopsis of the First Three Gospels*, 9ª ed. rev. por Hans Lietzman (Oxford: Blackwell, 1957), pp. vii-viii.

capital da Síria ocidental e prosperou como importante centro comercial. No império romano, essa cidade era a terceira cidade mais importante, ficando atrás apenas de Roma, a oeste, e Alexandria, no leste.[19] Um grande número de judeus foi se fixar ali nessa cidade. Eles eram influentes e firmes, tendo recebido direitos de cidadania iguais aos dos gregos.[20] No entanto, Antioquia era conhecida, não por suas virtudes, mas por causa de seus vícios: era uma cidade de depravação moral, conforme salienta um autor romano.[21] Ali o povo judeu possuía suas sinagogas, ensinava aos sábados a lei e os profetas, e até mesmo evangelizava a população local. (Por exemplo, Nicolau se converteu ao judaísmo em Antioquia. Ele foi a Jerusalém, onde se tornou cristão e um dos sete diáconos [6.5].) O convertido tinha de preencher três requisitos: submeter-se à circuncisão a fim de estabelecer a relação da aliança por meio de Abraão (Gn 17.11,12); consentir no batismo para a purificação de impurezas morais e assim demonstrar obediência à lei judaica; e oferecer um sacrifício apropriado.[22] Os gregos, todavia, idolatravam o corpo e faziam objeção à circuncisão. As pessoas que se recusavam a ser circuncidadas não podiam se tornar convertidas do judaísmo e eram chamadas pelos judeus de tementes a Deus. É lógico pressupor que alguns desses gentios tementes a Deus se tornaram cristãos, contribuíram para a missão da igreja e receberam menção honrosa em Atos.

1. *A Expansão do Evangelho*

11.19-21

19. Então os que haviam sido espalhados por causa da perseguição que ocorreu em conexão com Estêvão, foram abrindo caminho até a Fenícia, Chipre e Antioquia, pregando a palavra apenas a judeus.

Depois da morte de Estêvão, o trabalho missionário entre a população de Israel sofreu uma interrupção. Na providência de Deus, os cristãos que haviam sido forçados a deixar a cidade levaram o evange-

19. Josefo, *War* 3.2.4 [29].

20. Josefo, *War* 7.3.3 [43-45].

21. Juvenal, *Satires* 3.62. Veja também Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 do *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 399.

22. Everett F. Harrison, *The Apostolic Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 54.

lho ao povo da Palestina. Onde quer que fossem, proclamavam o evangelho da salvação causando a expansão da igreja. De modo similar, Deus usou a morte de Estêvão e a subseqüente perseguição para ampliar a igreja por meio da obra missionária dos cristãos perseguidos. Os judeus helenistas que abraçaram os ensinamentos de Cristo retornaram aos seus países de origem; alguns se fixaram nas cidades e aldeias costeiras da Fenícia. Esses crentes, que se relacionavam apenas com judeus e não com gentios, pregavam as boas-novas somente aos membros de sua própria raça.

20. Alguns deles, homens que eram de Chipre e Cirene, foram até Antioquia e começaram a falar também aos gregos, proclamando o Senhor Jesus.

Os judeus helenistas residentes de Chipre e Cirene foram até Antioquia e comunicaram o evangelho aos gregos. Sabemos que inúmeros judeus viviam em ambos os lugares.[23] Por ser a distância entre Chipre e Antioquia relativamente curta e direta, podemos compreender que os judeus viajavam de um local para o outro. Mas não podemos explicar por que os judeus de Cirene, no norte da África, iam a Antioquia.

Contudo, quando esses judeus helenistas chegaram a Antioquia, pregaram o evangelho aos gregos. Assim como era costume dos judeus em Antioquia ensinar a Escritura do Antigo Testamento aos gentios, da mesma forma os cristãos levavam o evangelho aos gregos. E esses gregos estavam prontos a depositar sua fé em Jesus Cristo.

Alguns estudiosos preferem a tradução *gregos* no texto, ao passo que outros optam pela palavra *helenistas*. O problema surge de uma variação no texto: a palavra para "gregos" é *Hellēnas* e para "helenistas" é *Hellēnistas*. O problema da variação no texto grego é refletido nas traduções que procuram transmitir a importância do vocábulo grego fundamental. Eis alguns exemplos:

Gentios (GNB)
Gregos (KJV)
Não-judeus (SEB)

Como abordamos esta questão? Primeiro, a variante textual possui

23. Para Chipre, veja 4.36; 13.4,5; 21.16; e para Cirene, veja 2.10; 13.1; Mateus 27.32.

forte apoio externo, de modo que não podemos optar com base na evidência do manuscrito. Conseqüentemente, somos forçados a confiar na evidência interna. Lucas declara que os judeus cristãos de fala grega, vindos de Chipre, proclamavam o evangelho, não aos judeus, mas às pessoas que, ou tinham nascido na Grécia, ou cuja língua materna era o grego. Com esse contraste total, ele dá a entender que os missionários judeus cristãos não se dirigiam aos judeus de fala grega, a quem ele chama em outros lugares de *Hellēnistas*,[24] porém os gregos não-judeus, a quem ele repetidas vezes classifica como *Hellēnas*.[25] Logo, a evidência interna parece apoiar a tradução *gregos*.

Em segundo lugar, como devemos interpretar essa tradução? No Novo Testamento, o termo *gregos* indica, ou pessoas naturais da Grécia e Macedônia, ou residentes não-judeus helenizados residentes das principais cidades, incluindo Antioquia, Icônio, Éfeso, Tessalônica e Corinto.[26]

Lucas indica que os cristãos judeus, além de pregar o evangelho aos judeus em Antioquia, proclamavam Jesus Cristo aos gentios. Não somente Lucas em Atos, como também Paulo em seus escritos, ressaltam que o evangelho é primeiro para o judeu, depois para o grego, isto é, o gentio (Rm 1.16, veja especialmente a NVI).[27]

21. E a mão do Senhor estava com eles, e um grande número creu e se voltou para o Senhor.

Nesse texto Lucas ressoa uma nota de triunfo. Como cristão gentio, ele descreve o crescimento da igreja cristã entre os gentios. Eles ouviram a mensagem, creram no Senhor Jesus e se uniram à comunhão da igreja. Lucas atribui o aumento à mão do Senhor (veja 4.30; 13.11). Quer dizer, em sua providência, Deus abençoou o trabalho dos missio-

24. O termo *Hellēnistas* ocorre duas vezes em Atos, referindo-se aos judeus (cristãos ou não-cristãos) cuja língua materna era o grego (6.1; 9.29). Mas com exceção dessas duas vezes e a variação da leitura em 11.20, a palavra não ocorre em nenhum outro lugar na literatura conhecida.

25. Veja 14.1; 17.4; 18.4; 19.10, 17; 20.21; 21.28; e 16.1, 3 no singular.

26. Veja Hans Windisch, *TDNT*, vol. 2, p. 510; Hans Bietenhard, *NIDNTT*, vol. 2, p. 126; Martin Hengel, *Between Jesus and Paul*, trad. por John Bowden (Filadélfia: Fortress, 1983), p. 58.

27. Metzger prefere a tradução *Hellēnistas* mas compreende o termo "no sentido amplo das 'pessoas de fala grega'". *Textual Commentary*, pp. 388-89.

nários e numerosos gentios se converteram. Talvez Lucas fosse um desses primeiros convertidos.

É espantosa a ênfase na palavra *Senhor*. Ela aparece três vezes sucessivas (vs. 20,21) e apresenta um destaque marcante na proclamação das boas-novas. Isso não quer dizer que o termo *Senhor* teve origem em Antioquia entre os crentes gentios.[28] Pelo contrário, Jesus aplicou o versículo do Salmo 110.1 "disse o Senhor ao meu Senhor" a si próprio, como também o fizeram seus apóstolos (Mt 22.41-44; At 2.34). Tanto os judeus quanto os gentios aceitaram Jesus Cristo como seu Senhor; ao confessar o seu nome eles se tornaram seus discípulos.

Com base no versículo 19, presumimos que o ministério inicial dos cristãos judeus entre os judeus e gregos aconteceu nos limites das sinagogas de Antioquia. As notícias do grande número de convertidos chegaram logo aos apóstolos em Jerusalém (veja 2.47; 6.7; 9.31; 12.24; 14.1; 16.5; 19.20). Eles perceberam que era chegada a hora de pregar o evangelho aos gentios e que deveriam ser tomados passos de ação adequados para que ele fossem recebidos no seio da igreja.

2. A Missão de Barnabé

11.22-24

22. As notícias a respeito deles chegaram aos ouvidos da igreja em Jerusalém e eles enviaram Barnabé até Antioquia. 23. Quando ele chegou e testemunhou da graça de Deus, regozijou-se e passou a encorajar a todos que, com coração resoluto, permanecessem verdadeiros ao Senhor. 24. Ele era um homem bom, cheio do Espírito Santo e fé. E uma grande multidão foi acrescentada ao Senhor.

Tecemos as seguintes observações:

a. *Notícias* – Boa notícia anda depressa! Os viajantes que chegavam a Jerusalém relatavam para a igreja a influência fenomenal da fé cristã e o resultante aumento de crentes na cidade de Antioquia. Primeiro, a igreja de Jerusalém recebeu a notícia acerca dos samaritanos que haviam aceitado o evangelho. Em decorrência disso, seus mem-

28. Este é o ponto de vista de Wilhelm Bousset, *Kyrios Christos: A History of the Belief in Christ from the Beginning of Christianity to Irenaeus*, trad. por John E. Steely (Nashville: Abingdon, 1970), pp. 146-47. Mas veja Richard N. Longenecker, *The Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology, série 2ª 17 (Londres: SCM, 1970), p. 122.

bros lhes enviaram Pedro e João (8.14). Em seguida, a igreja-mãe ouviu a respeito dos gentios em Antioquia que aceitaram o evangelho. Em resposta a isso, comissionou Barnabé como representante dos apóstolos. Note, então, que a igreja de Jerusalém se manteve no comando dos acontecimentos lá fora.

Quando as notícias chegaram aos ouvidos da igreja em Jerusalém, os apóstolos se encontravam, quem sabe, em outras regiões (comparar com v. 30). Os cristãos judeus não tinham objeção alguma a que os gentios se unissem à igreja, principalmente porque Pedro lhes havia contado sua experiência em Cesaréia. Apesar de Cesaréia estar situada na Palestina, na mente dos judeus, a cidade de Antioquia era a capital de uma nação ímpia. Mesmo assim a igreja em Jerusalém não emitiu desacordo algum. Em vez disso, seus líderes procuraram alguém que pudesse representá-los e que pudesse compreender a situação em Antioquia. Eles nomearam Barnabé.

E finalmente, a igreja de Jerusalém não podia desprezar o crescimento da igreja em Antioquia. Com o passar do tempo esta passou a ser o centro de missões da fé cristã e superou a igreja-mãe em Jerusalém. Embora Jerusalém provesse liderança e orientação, Antioquia tinha visão e ambição. A partir dali o evangelho se espalhou pelos países fronteiriços ao Mar Mediterrâneo. Antioquia passou a ser a cidade gentia que ocupava uma posição estratégica entre o centro judaico de Jerusalém e as igrejas gentílicas fundadas por Paulo.[29] Depois da queda de Jerusalém em 70 d.C., Antioquia preencheu o vácuo da liderança na igreja como um todo.

b. *Ação* – Como judeu cristão de fala grega e natural de Chipre, Barnabé é a pessoa certa para promover o desenvolvimento da igreja em Antioquia. Ele não vai até lá para mostrar autoridade, mas para ajudar os crentes a crescer na fé.

Viajando, quem sabe, pela região costeira, visitando e fortalecendo as igrejas ao longo do caminho, Barnabé chega, finalmente, a Antioquia. Ele fica admirado com a graça de Deus ao constatar a harmonia existente entre judeus e gentios nessa igreja. Com olhos espirituais, ele

29. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; ed. reimpressa, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 167.

observa o desenvolvimento da igreja e dá glória a Deus. Barnabé se regozija ao ver o efeito do evangelho de Cristo entre o povo e, fazendo jus ao seu nome – Filho do Encorajamento (4.36) – imediatamente começa a encorajar os crentes a permanecerem fiéis ao Senhor. Ele se dá conta de que esses novos convertidos podem se tornar presas fáceis de Satanás. Exorta-os a se agarrarem a Cristo com determinação (comparar com 13.43; 14.22).

c. *Resultado* – Lucas expressa sua admiração pelas características espirituais de Barnabé. Ele o chama de "um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé". A descrição combina com a de Estêvão (6.5; 7.55) e assim coloca Barnabé no mesmo nível do mártir. O adjetivo *bom*, empregado para Barnabé, exprime a qualidade de excelência. Lucas descreve Barnabé como bom no sentido de que essa pessoa possui caráter genuíno, é benfazejo, capaz e útil. Cheio do Espírito Santo e de fé, Barnabé vive em comunhão diária com Deus, o Pai, e com o Senhor Jesus Cristo (1Jo 1.3). A presença do Espírito Santo e a total confiança em Jesus dão a ele estabilidade serena, amor genuíno pelo próximo e incomparável dedicação à obra do Senhor.

Como resultado disso, a igreja em Antioquia continua a crescer em número. Lucas escreve: "Uma grande multidão foi acrescentada ao Senhor". De fato, essa é a segunda vez que Lucas relata o crescimento da igreja de Antioquia (v. 21). Ela experimenta um crescimento singular no mundo gentio e, num certo sentido, indica que coisas maiores ainda virão.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11. 22,23

εἰς τὰ ὦτα – essa é uma expressão idiomática semita que aparece com freqüência na Septuaginta. Veja também Mateus 10.27.

τῇ προθέσει – o substantivo no caso dativo modifica o verbo. O dativo é usado adverbialmente para expressar modo, isto é, como permanecer verdadeiro ao Senhor.[30]

---

3. *Os Cristãos em Antioquia*

11.25,26

Barnabé prova ser o homem certo no lugar certo. Ele se relaciona

30. Robertson, *Grammar*, p. 530.

bem com o povo que vive na capital Antioquia, é bilíngüe, tem familiaridade com a cultura grega, e talvez trabalhe em algum ofício para se sustentar. Devido ao crescimento numérico da igreja de Antioquia, Barnabé precisa de auxílio. Ele sabe que Paulo reside em Tarso e é um professor bastante capaz.

25. Barnabé saiu para Tarso a fim de procurar Saulo. 26. Quando o encontrou ele o levou para Antioquia. E durante todo um ano eles se reuniram com a igreja e ensinaram um grande número de pessoas. Os discípulos foram chamados de cristãos primeiro em Antioquia.

a. "Barnabé saiu para Tarso a fim de procurar Saulo." A distância geográfica entre Antioquia e Tarso era relativamente curta e, viajando-se a pé, ela podia ser coberta em uns poucos dias. Tarso era uma importante cidade da Cilícia, uma província romana na parte sudoeste da Ásia Menor (Turquia de hoje). Era uma cidade universitária e ocupava posição acadêmica mais alta do que Alexandria e Atenas. Paulo nasceu nessa cidade; ele se descreveu como um "judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia" (21.39). E. M. Blaiklock comenta que os judeus influentes dessa cidade haviam pedido a Roma para lhes conferir a cidadania romana, com a cláusula de que esse privilégio fosse transmitido aos seus descendentes por direito de nascimento.[31] Roma deferiu o pedido deles e, como conseqüência, Paulo gozava da proteção da cidadania romana (16.37; 22.28).

Depois que Paulo saiu de Jerusalém e viajou para Tarso via Cesaréia, ele parece ter desaparecido. Entretanto, face à referência de Lucas às igrejas da Cilícia (15.41), presumimos que Paulo, como ativo missionário aos gentios que era, proclamava e ensinava o evangelho nessa área. Não é de admirar que Barnabé o tenha escolhido para ser seu braço direito no ensino da Palavra aos cristãos gentios em Antioquia.

b. "Quando o encontrou ele o levou para Antioquia." Lucas não revela quanto tempo Barnabé teve de procurar por Paulo em Tarso e seus arredores. Diz simplesmente que ele encontrou Paulo e o levou

31. E. M. Blaiklock, *Cities of the New Testament* (Westwood, N.J.: Revell, 1965), p. 21; veja ainda "Tarsus", *ZPEB*, vol. 5, p. 602; William M. Ramsey, *The Cities of St. Paul: Their Influence on His Life and Thought* (1907; reedição, Grand Rapids: Baker, 1963), pp. 197-98.

até Antioquia. Barnabé sabia que Jesus chamara Paulo para ser um apóstolo aos gentios (9.27). E mesmo que tivessem se passado muitos anos desde que ambos estiveram em Jerusalém, o chamado de Paulo permanecia intacto. Barnabé informou-o acerca da afluência de gentios que estavam entrando para a igreja de Antioquia e o convidou para ser professor deles.[32] Quando Paulo concordou em acompanhar Barnabé e trabalhar com ele em Antioquia, fez sua estréia como mestre dos cristãos gentios.

c. "E durante todo um ano eles se reuniram com a igreja." Tanto Barnabé quanto Paulo ensinaram os crentes em Antioquia por um ano. Além disso, Lucas acrescenta que esses dois homens ensinaram um grande número de pessoas. Essa informação indica o tremendo crescimento da igreja cristã nessa cidade. É evidente que Paulo era bem qualificado para ensinar ao povo que a Escritura do Antigo Testamento fora cumprida em Jesus Cristo. Ele tinha estudado a Escritura aos pés de Gamaliel em Jerusalém (22.3), e depois de sua conversão perto de Damasco, ele interpretava as profecias messiânicas do Antigo Testamento sob o tema de seu cumprimento.

d. "Os discípulos foram chamados de cristãos primeiro em Antioquia." Desde o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste em Jerusalém, os seguidores de Jesus se referiam a si mesmos como irmãos, discípulos, crentes, santos e os que pertenciam ao Caminho. Todavia, era chegada a hora de adotar um nome definitivo e descritivo para o povo que aceitava Jesus como seu Senhor e Salvador. O nome *cristãos* foi usado pela primeira vez em Antioquia, no ambiente multicultural dessa cidade. Em Atos o nome aparece apenas duas vezes, aqui e em 26.28 (onde Herodes Agripa II repreende Paulo por tentar fazer dele um cristão). A palavra aparece também em 1 Pedro 4.16. Pedro a coloca no contexto do sofrimento e incita seus leitores a não se envergonharem por carregar esse nome. Não podemos determinar se os antagonistas da fé cristã cunharam o vocábulo grego *christianoi* com o intuito de infamar os seguidores de Cristo. À luz do comentário de Agripa a Paulo e no contexto das palavras de Pedro aos seus leito-

32. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 127.

res, somos inclinados a pensar que os inimigos da fé imputaram esse nome aos cristãos.

A outra possibilidade é a de que os crentes escolheram, cuidadosamente, esse nome. Eles não chamaram a si próprios de seguidores de Jesus, nem tampouco adotaram o nome "seita dos nazarenos"(24.5) que fora lhes conferido pelos judeus. Em vez disso usaram o título oficial *Cristo* e, acrescentando a terminação *–ãos* (grego *–ianoi*), indicavam que se identificavam completamente com Cristo.[33] Por semelhante modo, os membros da casa de César, soldados e oficiais públicos se chamavam de *kaisarianoi* a fim de demonstrar sua lealdade ao imperador romano.

Apesar de os cristãos judeus poderem ficar sob a sombra protetora da "liberdade religiosa" que o governo romano havia concedido aos judeus, com a afluência de gentios para o seio da igreja, os cristãos tinham de se distinguir dos judeus e adotarem um novo nome. Entretanto não podemos provar que os próprios cristãos tenham cunhado o termo *christianoi*. A ausência desse vocábulo da literatura cristã primitiva (exceto nas cartas de Inácio) "sugere que, no final das contas, não foi um nome aceito de imediato pelos próprios cristãos".[34] Assim como os cristãos em Antioquia se dedicaram totalmente a Jesus Cristo, assim também nós devemos refletir as virtudes, a glória e a honra de Cristo. Como cristãos, somos irmãos e irmãs na família da fé, cidadãos do reino do céu e soldados do exército de Cristo.

Considerações Práticas em 11.26

Por que você é chamado cristão? A palavra *cristão* significa que você se identifica completamente com Cristo porque é discípulo dele. Mas para muitos cristãos essa identificação parece se aplicar apenas no culto de domingo. Durante a semana, muitos cristãos parecem colocar de lado a etiqueta de cristão que exibem aos domingos quando cantam louvores a Deus, lêem a Escritura, oram e ouvem um sermão. Como vivem alguns

33. Uma variação ortográfica originada com historiógrafos romanos é "Chrestianoi". Tácito, *Annals* 15.44; Suetônio, *Life of Claudius* 25.4 e *Nero* 16.2; Plínio, *Epistles* 10.97. O Codex Sinaitico também apresenta essa grafia.

34. H. J. Cadbury, "Names for Christians and Christianity in Acts", *Beginnings*, vol. 5, p. 386.

cristãos? Alguns vivem pelo dinheiro; outros se acham no processo de destruir o próprio corpo por meio da dependência química; e ainda outros usam linguagem vã e profana como parte de sua fala diária. A pergunta "por que você é chamado cristão?" é pessoal e direta. Ela faz muitos cristãos corarem de vergonha.

No século 16, o teólogo alemão Zacharius Ursinus fez a mesma pergunta e formulou a seguinte resposta:

> Porque pela fé sou um membro de Cristo
> E assim compartilho de sua unção.
> Sou ungido
> Para confessar seu nome,
> Para me apresentar a ele como sacrifício vivo de ação de graças,
> Para me esforçar, em boa consciência, contra o pecado e o diabo nesta vida
> E depois reinar com Cristo
> Sobre toda a criação
> Por toda a eternidade.[35]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11.25,26

O Codex Bezae e outros manuscritos ocidentais trazem um texto ampliado. As cláusulas e frases em itálico indicam variações:

> E *tendo ouvido que Saulo estava em Tarso*, ele saiu para procurá-lo; e *quando o encontrou, pediu-lhe para ir* até Antioquia. *Quando chegaram*, durante todo um ano um grande número de pessoas *se agitou*, e *então*, pela primeira vez, os discípulos em Antioquia foram chamados cristãos.[36]

ἀναζητῆσαι o infinitivo aoristo composto expressa propósito e, ao mesmo tempo, completeza, isto é, Barnabé foi a Tarso para fazer uma busca diligente.[37]

ἐγένετο αὐτοῖς a expressão simplista traduzida literalmente "cabia a eles" introduz três infinitivos: o primeiro, συναχθῆναι (eles se reuniram), depois διδάξαι (eles ensinaram), e por fim χρηματίσαι (eles receberam um nome).

---

35. Catecismo de Heidelberg, pergunta e resposta 32.
36. Metzger, *Textual Commentary*, p. 390.
37. Thayer, p. 37.

4. *Previsão e Cumprimento*
11.27-30

Como historiador, Lucas fala em termos gerais (comparar com 12.1) e deixa de fornecer datas precisas. Pela informação sobre a fome e pelo contexto histórico de Atos e outras fontes, supomos que Ágabo predisse a fome na primeira parte da quinta década. Os estudiosos diferem acerca da data exata, porém a evidência histórica parece apoiar o parecer de que essa fome aconteceu em mais ou menos 46 d.C.[38]

27. Ora, naquele tempo alguns profetas desceram de Jerusalém a Antioquia. 28. Um deles, chamado Ágabo, se levantou e predisse, por intermédio do Espírito, que haveria uma grave fome por todo o mundo romano. Isso aconteceu durante o reinado de Cláudio.

Tecemos os seguintes comentários:

a. *Profetas* – O elo entre as igrejas em Jerusalém e Antioquia parece ser forte, pois com o tempo alguns profetas desceram de Jerusalém para visitar os crentes em Antioquia. Eles são profetas cristãos que têm o dom do Espírito Santo (v. 28) e vão com o fim de fortalecer os cristãos em sua fé (13.1). Apesar de essa ser a primeira vez que Lucas menciona profetas, sabemos, a partir de outras passagens neotestamentárias, que eles interpretavam e pregavam a Palavra de Deus, encorajavam as pessoas e prediziam acontecimentos.[39] Eles diferiam dos profetas do Antigo Testamento no que diz respeito à sua função. Os de então prediziam principalmente o nascimento e vinda de Cristo. Mas depois da vinda de Jesus, a profecia messiânica havia cessado e os profetas do Novo Testamento pregavam o evangelho e previam acontecimentos. Ademais, o evangelho de Cristo havia sido confiado aos apóstolos, que exerciam o papel principal dentro da igreja cristã. Dessa forma Paulo cita primeiro os apóstolos e depois os profetas (veja Ef 4.11).

b. *Previsão* – Um dos profetas era Ágabo, que previu uma fome que atingiria o Império Romano. Ágabo mera e simplesmente prediz;

38. Josefo, *Antiquities* 3.15.3 [320]; 20.2.5 [51-52]; 20.5.2 [101]; Suetônio, *Claudius* 18.2; Tácito, *Annals* 12.43; Dio Cássio, *Roman History* 60.11; Eusébio, *Ecclesiastical History* 2.8.

39. Veja especialmente 15.32; 19.6; 21.9,10; Romanos 12.6; 1 Coríntios 12.10; 13.2, 8; 14.3, 6, 29-37.

ele não profetiza. Do mesmo modo, quando Paulo chegou em Cesaréia no final de sua terceira viagem missionária, Ágabo veio da Judéia e previu a prisão do apóstolo (21.10,11). O fato de que esse profeta era cheio do Espírito Santo significa que Deus desejava comunicar-se com seu povo a respeito de um acontecimento no futuro. Esse acontecimento tocou as vidas não somente dos cristãos, mas de todos os que viviam no império romano.

A fome predita por Ágabo aconteceu durante o reinado do imperador Cláudio que governou de 41 a 54 d.C. Lucas a classifica como uma fome grave, pois ela, em graus variados, afetou todo o império romano. O Egito vendeu grãos para beneficiar o povo de uma Jerusalém assolada pela fome. Chipre forneceu figos,[40] e os cristãos em Antioquia enviaram ajuda aos crentes da Judéia (v. 29). Diferentes partes do império romano sofreram fome. Logo, interpretamos a descrição de Lucas "uma grave fome por todo o mundo romano", não num sentido literal, mas abrangente.

29. E os discípulos, cada qual conforme era financeiramente capaz, decidiram enviar ajuda para assistir aos irmãos que moravam na Judéia. 30. Fizeram isso mandando sua oferta aos presbíteros por intermédio de Barnabé e Saulo.

O propósito da visita dos profetas de Jerusalém era informar aos crentes de Antioquia que uma fome severa iria acontecer na Judéia com conseqüências danosas para os cristãos dessa área. A igreja em Antioquia não recebeu a mensagem apenas a título de informação, mas traçou planos imediatos para aliviar as necessidades dos cristãos da Judéia.

Lucas descreve o cuidado amoroso dos cristãos de Antioquia em termos entusiasmados: "E os discípulos, cada qual conforme era financeiramente capaz, decidiram enviar ajuda para assistir aos irmãos que moravam na Judéia". Os cristãos de Antioquia decidiram formar um fundo assistencial para o qual cada pessoa contribuía tanto quanto lhe permitiam suas posses. Em base voluntária, os crentes deram suas ofertas para mostrar seu amor pelos irmãos necessitados. Decerto "Deus ama

40. Josefo, *Antiquities* 20.2.5 [51-52]. Veja ainda Kenneth S. Gapp, "The Universal Famine under Claudius", *HTR* 28 (1935): 258-65.

a quem dá com alegria" (2Co 9.7). A igreja gentia derrubou o muro de separação entre judeu e gentio enviando socorro para matar a fome da igreja judia em Jerusalém.

Por décadas, talvez como resultado da perseguição subseqüente à morte de Estêvão, a igreja de Jerusalém empobreceu. Durante suas viagens missionárias Paulo pedia donativos às igrejas gentias a fim de ajudar os pobres em Jerusalém.[41] Os cristãos gentios queriam agradecer aos cristãos judeus por compartilhar com eles suas bênçãos espirituais. Retribuindo uma gentileza, os gentios repartiam as bênçãos materiais com os cristãos judeus em Jerusalém (comparar com Rm 15.27).

Lucas é extremamente breve em seu relato. Ele não indica que tipo de ajuda os crentes de Antioquia mandaram a Jerusalém nem quando foi despachada. Deduzimos que entregaram uma oferta em dinheiro a Barnabé e Paulo, que serviram de emissários seus (veja v. 30). E mais, cremos que os dois enviados chegaram a Jerusalém antes da fome começar. Devemos manter em mente que os profetas foram a Antioquia com o propósito de informar os cristãos a respeito de uma necessidade entre os crentes na Judéia. Quando essa notícia chegou aos ouvidos dos de Antioquia, a reação deles foi imediata e espontânea. Eles nomearam Barnabé e Paulo para levarem uma oferta aos presbíteros em Jerusalém, demonstrando assim a visível unidade da igreja de Cristo.

Dois itens carecem de uma palavra explicativa. Primeiro, os crentes em Antioquia enviaram seus principais mestres a Jerusalém como seus representantes. Barnabé aproveitou a ocasião para relatar à igreja de Jerusalém o trabalho que ele e Paulo desempenharam em Antioquia (veja v. 22). Para Paulo, essa viagem representava uma espécie de volta ao lar. Anos antes ele deixara Jerusalém porque líderes locais judeus procuravam matá-lo (9.29,30). Ele retornou sem saber se seus inimigos permitiriam que ele ficasse a salvo na cidade. Foi essa visita a volta de Paulo a Jerusalém "quatorze anos mais tarde" (Gl 2.1)? Mantemos pendente essa questão, pois ela tem relação com a visita de Paulo na época do Concílio de Jerusalém (veja comentário em 15.2).[42]

41. Veja 24.17; Romanos 15.25-28, 31; 1 Coríntios 16.1; 2 Coríntios 8.1-6.

42. Alguns estudiosos equiparam a visita da fome com a de Gálatas 2.1; veja, por exemplo, Longenecker, *Acts*, p. 405. Consultar ainda P. Benoit, "La deuxième visite de Saint Paul à Jerusalem", *Bib* 40 (1959): 778-92.

A seguir, o versículo 30 traz a primeira menção de presbíteros na igreja de Jerusalém. Quando Paulo e Barnabé estabeleceram igrejas na Ásia Menor, eles nomearam presbíteros em cada uma (14.23; veja também 20.17). E quando Paulo escreveu uma carta a Tito, que era pastor na ilha de Creta, ele o instruiu a nomear presbíteros em cada cidade (Tt 1.5). Lucas introduz a expressão *presbyteroi* (presbíteros) em conexão com os líderes da igreja de Jerusalém. Essa liderança era padronizada segundo a sinagoga judaica, na qual um conselho de presbíteros ocupava papel de liderança.[43]

Palavras, Frases e Construções em Grego em 11.28-30

Versículo 28

O texto do Codex Bezae e alguns outros manuscritos indicam que Lucas estava presente em Antioquia. Aqui está a primeira passagem do tipo "nós": "E houve muito regozijo; e quando *nós* nos encontrávamos juntos reunidos, um deles por nome Ágabo, falou dizendo que ..."[44]

διὰ τοῦ πνεύματος "a profecia cristã era um dom do próprio Espírito Santo, e Ágabo falou diretamente da parte de Deus".[45]

μέλλειν ἔσεσθαι esses dois infinitivos introduzidos pelo aoristo ativo ἐσήμανεν (ele indicou) apresentam redundância. O primeiro infinitivo dá uma conotação futura; o segundo está no tempo futuro.

ἐπί essa preposição transmite uma idéia de tempo, "na época de".

Versículos 29,30

εὐπορεῖτο imperfeito médio de εὐπορέομαι (eu estou bem de vida) é significativo porque descreve situação financeira.

αὐτῶν esse pronome no caso genitivo, redundante em face ao caso genitivo ("dos discípulos"), expressa ênfase.

ὅ o pronome relativo está no caso acusativo e se refere por inteiro à cláusula verbal da sentença precedente.

διά não "através" mas "por intermédio de".

---

43. Lothar Coenen, *NIDNTT*, vol. 1, p. 199; Günther Bornkamm, *TDNT*, vol. 6, p. 662.
44. Metzger, *Textual Commentary*, p. 391 (itálicos acrescentados).
45. Nigel Turner, *Grammatical Insights into the New Testament* (Edimburgo: Clark, 1965), p. 21.

Sumário do Capítulo 11

Quando Pedro chega a Jerusalém, ele é acusado de entrar na casa de gentios e de comer com eles. O apóstolo explica aos membros da igreja de Jerusalém os acontecimentos conforme ocorreram e de forma completa. Ele lhes conta sobre sua visão em Jope quando viu um lençol cheio de animais descer do céu; quando ouviu uma voz que lhe ordenava matar e comer; e quando, depois de ouvir a voz três vezes, ele viu o lençol ser recolhido ao céu.

Pedro relata que três homens enviados de Cesaréia pediram a ele que os acompanhasse. Ordenado pelo Espírito Santo a fazê-lo, e em companhia de seis crentes judeus de Jope, Pedro viajou a Cesaréia. Ali ele falou aos gentios e testemunhou a descida do Espírito sobre eles. O apóstolo declara que ele não podia se opor a Deus. Seus ouvintes não têm outras objeções e louvam a Deus.

Refugiados de Jerusalém proclamam o evangelho aos judeus na Fenícia, Chipre e Antioquia. Mas uns poucos de Chipre e Cirene também pregam as boas-novas sobre Jesus aos gregos em Antioquia. Como resultado disso, muitos deles crêem. As notícias concernentes ao crescimento da igreja em Antioquia chega ao conhecimento da igreja de Jerusalém. Barnabé é designado para ir até Antioquia. Ao chegar ali, ele se regozija na evidente graça de Deus. Ele vai a Tarso procurar Paulo, que o acompanha até Antioquia. Esses dois ensinam os crentes durante um ano inteiro. A igreja cresce numericamente e os discípulos são chamados de cristãos pela primeira vez em Antioquia.

Ágabo vem de Jerusalém e prediz uma grave fome no império romano. Os crentes de Antioquia estendem sua preocupação amorosa aos crentes de Jerusalém e delegam Barnabé e Paulo para levarem uma oferta aos presbíteros na Judéia.

12

A Igreja em Transição

Parte 2

12.1-25

ESBOÇO (continuação)

12.1-19	B. Pedro Foge da Prisão
12.1-5	1. Preso por Herodes
12.6-11	2. Solto por um Anjo
12.12-17	3. A Igreja em Oração
12.18,19	4. A Reação de Herodes
12.20-25	C. A Morte de Herodes Agripa I

Capítulo 12

ATOS 12.1-19

12 1. Ora, por volta daquele tempo, o rei Herodes prendeu alguns dos que pertenciam à igreja a fim de maltratá-los. 2. Ele mandou matar Tiago, o irmão de João, à espada. 3. E quando viu que isso agradava aos judeus, prosseguiu prendendo também a Pedro. Foi durante a Festa dos Pães Asmos. 4. Tendo apanhado Pedro, Herodes o colocou na prisão. Entregou-o a quatro escoltas de quatro soldados cada uma, para guardá-lo. Ele intencionava levá-lo perante o povo depois da Páscoa. 5. Então Pedro foi mantido no cárcere, mas fervente oração por ele era oferecida pela igreja a Deus.

6. Na noite anterior à que Herodes estava para levá-lo a julgamento, Pedro se encontrava dormindo entre dois soldados. Pedro estava preso com duas correntes, e guardas estavam diante da porta vigiando a prisão. 7. De repente um anjo do Senhor apareceu e uma luz brilhou na cela. Ele tocou o lado de Pedro e o acordou. Ele disse: "Levante-se depressa". E as correntes caíram das mãos de Pedro.

8. O anjo disse a ele: "Vista-se e calce suas sandálias". E Pedro assim o fez. O anjo disse: "Enrole sua capa em torno de si e siga-me". 9. Ele saiu e seguiu o anjo, mas não sabia se o que o anjo estava fazendo era real. Ele pensou estar tendo uma visão. 10. E quando tinham passado o primeiro e o segundo guardas, chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade. O portão se lhes abriu sozinho e passaram por ele. Andaram por uma rua e de repente o anjo o deixou.

11. Quando Pedro caiu em si, ele disse: "Agora sei com certeza que o Senhor enviou o seu anjo e me resgatou do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava". 12. Quando ele percebeu isso, foi para a casa de Maria, a mãe de João chamado Marcos, onde muitas pessoas se encontravam reunidas e orando. 13. Pedro bateu na porta do portão e uma criada moça chamada Rode veio atender. 14. Ao reconhecer a voz de Pedro, por causa de sua alegria, ela não abriu o portão. Antes, correu para dentro e anunciou que Pedro estava em pé na frente do portão. 15. Eles disseram a ela: "Você está louca". Mas ela continuava insistindo que era assim. Mas eles disseram: "E o anjo dele". 16. Pedro continuou batendo; quando abriram a porta, eles o viram e ficaram atônitos. 17. Mas depois de fazer-lhes sinal com sua mão para que fizessem silêncio, descreveu-lhes como o Senhor

o conduzira para fora da prisão. Disse: "Relatem estas coisas a Tiago e aos irmãos". Então ele saiu e partiu para um outro lugar.

18. Ora, quando chegou a luz do dia, houve não pequena comoção entre os soldados quanto ao que acontecera a Pedro. 19. Herodes mandou realizar uma busca, mas não o encontrou. Então ele sujeitou os guardas a exame e ordenou que fossem levados para execução. Herodes desceu da Judéia para a Cesaréia e estava passando algum tempo ali.

B. Pedro Foge da Prisão

12.1-19

Lucas começa um novo episódio da vida de Pedro, que se torna prisioneiro, é liberto do cárcere por um anjo, e deixa Jerusalém, indo para um outro lugar. Apesar de Lucas introduzir o capítulo com a frase geral *ora, por volta daquele tempo*, devem ser levantadas questões concernentes à seqüência cronológica. Lucas apresenta uma narrativa estritamente cronológica, ou o relato sobre a prisão de Pedro constitui um interlúdio que aconteceu antes da fome? A fraseologia de Lucas "ora, por volta daquele tempo" parece excluir uma seqüência cronológica dos capítulos 11 e 12. Ele simplesmente usa a frase introdutória a fim de lançar mão de um incidente histórico que sustenta o desenrolar de seu relato.[1] Logo, presumimos que a fome aconteceu depois da morte de Herodes em 44 d.C. e que Saulo e Barnabé fizeram sua visita de ajuda humanitária aos irmãos da Judéia depois dessa data.

1. *Preso por Herodes*

12.1-5

1. Ora, por volta daquele tempo, o rei Herodes prendeu alguns dos que pertenciam à igreja a fim de maltratá-los. 2. Ele mandou matar Tiago, o irmão de João, à espada. 3. E quando viu que isso agradava aos judeus, prosseguiu prendendo também a Pedro. Foi durante a Festa dos Pães Asmos.

a. *História* – Os cristãos em Jerusalém haviam estado relativamente livres de perseguição desde a morte de Estêvão (8.1). Apesar de Paulo ter recebido ameaças contra a sua vida (9.29), havia-lhe sido permitido ir e vir livremente dentro de Jerusalém. Em anos posteriores, a igreja recebeu uma ameaça, não dos líderes religiosos dos ju-

1. Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 132.

deus, nem do povo comum, mas de uma pessoa a quem Lucas descreve como Rei Herodes.

Quem era esse rei? Era Herodes Agripa I (nascido em 10 a.C.), neto de Herodes, o Grande (Mt 2.1) e de Mariane, uma judia. Ele era filho de Aristóbolo, que morreu em 7 a.C. Sua mãe o mandou para Roma, onde Herodes Agripa foi educado e fez amizade com Gaio (Calígula), que se tornou imperador em 37 d.C. Este imperador proclamou Herodes Agripa rei sobre a Ituréia, Traconites e Abilene (Lc 3.1), tetrarquias do leste da Galiléia.[2] Em 39 d.C., Herodes Antipas, tio de Herodes Agripa, pediu ao imperador, assim como fizera seu sobrinho, que lhe concedesse um título real. Antipas havia governado a tetrarquia de Galiléia e Peréia desde a morte de seu pai em 4 a.C. Entretanto, em lugar de receber o cobiçado título, Antipas foi deposto e exilado, e, Herodes Agripa, que obviamente havia influenciado o imperador, obteve a tetrarquia de Antipas.[3] Depois da morte de Calígula em 41 d.C., Herodes Agripa apelou ao Imperador Cláudio e recebeu dele a Judéia e Samaria.[4] Assim, naquele tempo, o rei Herodes Agripa governava sobre territórios que se igualavam aos de seu avô Herodes, o Grande.

b. *Tiago* – Por intermédio de sua avó Mariane, Herodes Agripa podia alegar ascendência judaica. Ele tirou o máximo de proveito dessa vantagem. Por exemplo, ele tornou conhecido o fato que lhe agradava morar em Jerusalém; enquanto ali permanecia, observava escrupulosamente a lei e a tradição judaicas. Oferecia diariamente sacrifícios no templo; durante a Festa dos Tabernáculos as autoridades judaicas concediam a ele a honra de ler, em público, uma passagem da lei.[5] Ele o fazia de acordo com a lei mosaica de que o rei deveria ler uma cópia da lei todos os dias da sua vida (Dt 17.19). Em suma, os judeus aceitavam o rei Herodes Agripa como um dos seus.

Desse modo, Herodes Agripa continuou sua maquinação e decidiu botar as mãos em cima de vários membros da igreja com a intenção de maltratá-los, e dessa forma ganhar o favor dos judeus. Lucas não indica quantas pessoas foram presas, mas menciona o nome de Tiago, ir-

2. Josefo, *Antiquities* 18.6.10 [225-39].
3. *Antiquities* 18.7.1-2 [240-55]; *War* 2.9.6 [181-83].
4. *Antiquities* 19.5.1 [274-75]; *War* 2.11.5 [214-15].
5. Mishnah, *Sota* 7.8.

mão de João e filho de Zebedeu. Aliás, Herodes mandou passar o apóstolo Tiago ao fio de espada. O rei aparentemente agiu em conluio com o Sinédrio, que servia como um tribunal de justiça. Segundo Deuteronômio 13.6-18, se alguém instigasse um judeu a se engajar em idolatria, este alguém deveria ser morto por apedrejamento. Mas se essa pessoa persuadisse uma cidade inteira a servir a outros deuses, então ela deveria ser morta à espada. Aos olhos de Herodes Agripa, Tiago havia levado a cidade de Jerusalém a se extraviar. Ironicamente, de acordo com a lei mosaica, todos os habitantes de Jerusalém deveriam ter sido mortos (Dt 13.15).[6]

Lucas registra uma série de primeiros acontecimentos em Atos: o primeiro Pentecoste (2.1-11), a primeira perseguição (4.1-4), o primeiro mártir (7.54-60), e agora, o primeiro apóstolo a morrer pela espada. Note-se que, apesar de a igreja ter escolhido Matias para ocupar o lugar de Judas Iscariotes, ela não nomeou nenhum sucessor para Tiago. Desde a época do Pentecoste até a sua morte em 44 d.C., Tiago (ao contrário de Judas) cumpriu seu ofício apostólico. Pelo fato de ele ter executado sua missão, não foi substituído. E ainda, embora Tiago fosse um discípulo preeminente que pertencia ao círculo íntimo dos seguidores de Jesus (Pedro, Tiago e João), Lucas o menciona apenas na lista dos apóstolos (1.13) e aqui. O enfoque não é em Tiago, mas em Pedro.

c. *Pedro* – Estimulado pela aprovação dos judeus, o rei Herodes Agripa deu passos ainda mais ousados e prendeu Pedro, líder e porta-voz dos doze apóstolos. O rei determinou matá-lo, mas protelou até que passasse a festa judaica dos pães asmos. Nos tempos do Novo Testamento a festa havia se fundido à da Páscoa (veja Lc 22.1). O povo observava essa celebração, que durava uma semana, no final de março ou início de abril.[7] Pressupomos que Pedro se encontrava em Jerusalém para essa festa. Como líder da igreja, ele se tornara vulnerável e caíra nas mãos de Herodes Agripa.

4. Tendo apanhado Pedro, Herodes o colocou na prisão. Entregou-o a quatro escoltas de quatro soldados cada uma, para guar-

6. Consultar J. Blinzler, "Rechtsgeschichtliches zur Hinrichtung des Zebedäiden Jakobus", *NovT* (1962): 191-206.

7. Gleason L. Archer, Jr., *Encyclopedia of Bible Difficulties* (Grand Rapids; Zondervan, 1982), pp. 375-76.

dá-lo. Ele intencionava levá-lo perante o povo depois da Páscoa. 5. Então Pedro foi mantido no cárcere, mas fervente oração por ele era oferecida pela igreja a Deus.

Herodes julgou oportuno atrasar a execução de Pedro. Por conseguinte, colocou-o na prisão, que servia como uma casa de detenção. No império romano, o aprisionamento em si não era considerado medida punitiva. Os detentos eram mantidos sob custódia enquanto aguardavam o julgamento, que poderia resultar em soltura, açoite, exílio ou morte. O julgamento de Pedro aconteceria depois do término da festa da Páscoa. Além do mais, a execução de Tiago havia aguçado o desejo dos judeus pelo julgamento e execução de Pedro.

Supomos que Herodes tenha mandado colocar Pedro no cárcere localizado na Fortaleza de Antônia no canto noroeste da área do templo. Ele destacou dezesseis soldados para guardar o apóstolo: quatro escoltas de quatro soldados cada. Os soldados eram sujeitos à execução se seu prisioneiro escapasse (v. 19); o tratamento dispensado a Pedro equivalia aproximadamente ao que recebe, em nossos dias, uma pessoa presa numa penitenciária de segurança máxima.

Por que Herodes Agripa mandou vigiar Pedro de maneira tão rígida? É possível que o Sinédrio lhe tivesse informado acerca das prisões anteriores de todos os apóstolos que haviam escapado do cárcere durante a noite (5.19). Ademais, o próprio Pedro havia realizado numerosos milagres em Jerusalém e em outros lugares e, conseqüentemente, demonstrara possuir, por vezes, poder sobrenatural. Portanto, Herodes Agripa queria estar absolutamente certo de que dessa vez Pedro não poderia fugir.

Herodes não se deu conta do poder da oração que toda a igreja dirigia em favor de Pedro, isto é, por intermédio das orações de seu povo, o próprio Deus interveio e mostrou a Herodes Agripa que sua oposição era insignificante e inútil. Enquanto Pedro era mantido na prisão, a igreja orava constantemente por ele. O texto fala de *fervente* oração, o que significa que a igreja orava com ardor e de coração, alma e mente, implorando a Deus pela soltura de Pedro.[8]

8. Cf. Lucas 22.44; Tiago 5.16; Judite 4.9.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 12.1-5

Versículo 1

κατ᾽ ἐκεῖνον δὲ τὸν καιρόν – esta expressão significa simplesmente "naquele tempo". O substantivo καιρόν tem a conotação de um tempo definido e limitado "junto com a somada noção de adequabilidade".[9]

ἀπό – denotando adeptos de um partido, a preposição aponta para os membros da igreja.

Versículo 3

προσέθετο – do verbo προστίθημι (eu acrescento), esta forma no aoristo médio seguida pelo aoristo infinitivo ativo συλλαβεῖν (prender) significa "ele o fez novamente"; precisamente "Herodes prendeu também a Pedro".[10]

τῶν ἀζύμων – o plural é uma expressão idiomática hebraica que é sintaticamente transferida para o grego. A palavra se refere a um festival judaico.

Versículo 4

ἔθετο – apesar da forma ser um aoristo médio (de τίθημι, eu coloco), neste verbo a distinção entre o ativo e o médio desapareceu (veja 4.3; 5.18, 25). Portanto, este verbo não deve ser traduzido por "colocou para si mesmo" na prisão.

Versículo 5

μὲν οὖν – a combinação destas duas palavras ocorre freqüentemente em Atos e geralmente constitui uma expressão de continuação.

ἦν γινομένη – note-se que esta construção perifrástica com um particípio presente traz tanto o verbo εἰμί (eu sou) como γίνομαι (eu sou, me torno). Ela provavelmente coloca "ênfase especial ... na continuidade da oração".[11]

9. Thayer, p. 319.

10. C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 177.

11. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3ª ed. (revista e ampliada) (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 381.

2. Solto por um Anjo
12.6-11

6. Na noite anterior à que Herodes estava para levá-lo a julgamento, Pedro se encontrava dormindo entre dois soldados. Pedro estava preso com duas correntes, e guardas estavam diante da porta vigiando a prisão. 7. De repente um anjo do Senhor apareceu e uma luz brilhou na cela. Ele tocou o lado de Pedro e o acordou. Ele disse: "Levante-se depressa". E as correntes caíram das mãos de Pedro.

Lucas relata, com detalhes, a fuga de Pedro da prisão. Em contraste com isso, ele descreve a soltura dos doze apóstolos em poucas palavras (5.19,20). Como um artista literário, ele retrata a cena, descreve as ações e registra as conversas que aconteceram. Faz cada palavra contar a fim de exaltar o efeito da miraculosa libertação de Pedro.

Herodes Agripa havia marcado o julgamento e a execução do apóstolo para o dia seguinte, ao término do festival judaico. De acordo com a prática romana de vigiar prisioneiros detidos na segurança máxima, Herodes Agripa ordenou que dois soldados fossem acorrentados a Pedro, um à sua direita e o outro à sua esquerda.[12] Foram também colocados guardas à porta. Conseqüentemente, a possibilidade de fuga estava completamente descartada.

No entanto, Lucas não coloca a ênfase sobre Herodes Agripa, nem sobre os soldados, mas em Pedro. Ele retrata o prisioneiro dormindo profundamente entre dois guardas e pinta um quadro de completa confiança e fé em Deus: na véspera de seu julgamento e morte, Pedro dorme. O texto correlato do Antigo Testamento está registrado num dos salmos de Davi. Quando fugia de seu filho Absalão, ele disse:

> Deito-me e pego no sono;
> acordo, porque o Senhor me sustenta. [Sl 3.5]

Deus intervém no último momento, quando a situação é crítica. Ele está no controle de cada situação e vigia o seu povo. E Deus ouve e responde as orações dos crentes que, pela fé, fazem-lhe petições.

---

12. Em 37 d.C., o próprio Herodes Agripa tinha sido prisioneiro em Roma, onde ele fora acorrentado a um soldado. Josefo, *Antiquities* 18.6.7 [196]. Veja também 28.16; Efésios 6.20; 2 Timóteo 1.16.

"De repente", diz Lucas, "um anjo do Senhor apareceu e uma luz brilhou na cela." Note-se que, à semelhança de outros lugares em Atos, Lucas escreve "um anjo", e não "o anjo".[13] Esse anjo se postou em pé ao lado de Pedro e não desempenhou sua tarefa no escuro, mas fez com que sua luz celestial iluminasse a cela. A implicação é que os guardas estavam tomados pelo sono e não notaram a luz. O anjo tocou Pedro no seu lado a fim de despertá-lo. Sem dúvida, Pedro ficou confuso ao ver alguém em pé mandando que se levantasse. Como poderia ele fazê-lo quando correntes o prendiam a dois soldados? Mas as cadeias caíram de seus pulsos e ele estava livre. Obviamente, aconteceu um milagre que desafia a lógica humana e não tem uma explicação plausível.[14] Quando o anjo disse a Pedro para se levantar depressa, ele não quis dizer que o tempo para a fuga era reduzido. Pelo contrário, a palavra *depressa* indica que Pedro, sonolento, tinha de apurar seus sentidos para poder obedecer às instruções do anjo.

8. O anjo disse a ele: "Vista-se e calce suas sandálias". E Pedro assim o fez. O anjo disse: "Enrole sua capa em torno de si e siga-me". 9. Ele saiu e seguiu o anjo, mas não sabia se o que o anjo estava fazendo era real. Ele pensou estar tendo uma visão.

O anjo teve de dizer a Pedro, que ainda estava tentando acordar, o que fazer: "Vista-se e calce suas sandálias". Uma tradução literal indica que o anjo instruiu o apóstolo a colocar o cinto em torno da cintura de forma que sua longa e fluida capa não o atrapalhasse para andar. E as sandálias de Pedro tinham sido colocadas de lado, talvez à entrada da cela. Em seguida o anjo lhe disse para se embrulhar na capa; eles estavam para deixar a prisão.

Pedro fez exatamente o que o anjo dissera. Quando acabou de se vestir, ele o seguiu. O tempo do verbo no grego indica, na realidade, que ele continuava seguindo. Perplexo, olhava em torno de si, pois "ele não tinha nenhuma idéia se o que o anjo fazia estava realmente

13. Veja 5.19; 8.26; 10.3; 12.23; 27.23.

14. Ernst Haenchen chama o relato de lenda (*The Acts of the Apostles: A Commentary*, trad. por Bernard Noble e Gerald Shinn [Filadélfia: Westminster, 1971], p. 391). Mas se a narrativa da libertação de Pedro da prisão for considerada lendária, a ressurreição de Cristo dentre os mortos pode ser reputada como sendo mítica. "Então a nossa fé", diz Paulo, "é inútil" (1Co 15.14).

acontecendo" (NVI – tradução livre). O apóstolo já tinha tido uma visão; agora pensa que está tendo outra. À medida que continuava seguindo o anjo pelos corredores do prédio, as portas se abriam automaticamente e os guardas pareciam estar dormindo. Pedro se deu conta de que estava acontecendo um milagre e que ele próprio era seu objeto.

10. E quando tinham passado o primeiro e o segundo guardas, chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade. O portão se lhes abriu sozinho e passaram por ele. Andaram por uma rua e de repente o anjo o deixou.

Lucas descreve sentinelas a postos em dois vãos de entrada. Talvez devamos pensar em termos de oito soldados de serviço e oito fora do plantão. Dos oito de plantão, dois estavam acorrentados a Pedro, dois montavam a primeira guarda, dois a segunda, e os últimos dois se achavam no portão de ferro.[15] O anjo e Pedro passaram pelos portões como se alguém os tivesse aberto. No grego, Lucas emprega a palavra *automatē*, da qual deriva o termo *automaticamente*.[16] Aquele pesado portão se abriu sozinho. Do outro lado dele ficava a rua, que significava liberdade para Pedro.

Alguns manuscritos trazem um trecho adicional. Quando o anjo e Pedro deixaram a prisão, eles "desceram os sete degraus da escadaria" do prédio. Se Pedro estivesse detido na Forlateza de Antônia – o que parece provável, pois Paulo também esteve preso nessa caserna e foi vigiado por soldados – ele teria de descer um bom número de degraus (veja 21.40).[17]

Subitamente o anjo foi à cela de Pedro, e subitamente o deixou, enquanto andavam juntos pelas ruas de Jerusalém. O anjo havia cumprido a sua tarefa (Hb 1.14). Isso estava de acordo com o plano de Deus. João Calvino comenta que Deus poderia ter transferido o apóstolo instantaneamente para a sala em que os crentes se achavam oran-

15. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, série Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, pp. 386-87.

16. Josefo usa a palavra *automatos* ao narrar que, logo antes da queda de Jerusalém (70 d.C.), "observou-se que o portão templo, na hora sexta, se abriu por si só". *War* 6.5.3 [293] (LCL).

17. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), p. 394. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 136.

do por sua libertação. Se Deus tivesse removido Pedro de um lugar para outro, ele teria realizado apenas um milagre. Como Lucas indica, Deus realizou uma série de milagres ao soltar Pedro e ao responder às orações dos santos.[18]

11. Quando Pedro caiu em si, ele disse: "Agora sei com certeza que o Senhor enviou o seu anjo e me resgatou do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava".

Somos incapazes de explicar o milagre da fuga de Pedro. Sabemos que podemos indagar por que Deus permitiu que Tiago fosse morto, porém resgatou Pedro. Podemos questionar por que Herodes, em seguida à libertação de Pedro, matou seus soldados (v. 19). Mesmo estando impossibilitados de fornecer respostas, não obstante confessamos nossa fé num Deus soberano. E juntamente com William Cowper, poeta do século 18, nós cantamos:

> Deus induz de maneira misteriosa
> Suas maravilhas a realizar.
> Ele firma seus passos no mar
> E cavalga na tempestade.

Quando Pedro, repentinamente, se apercebeu de que o anjo desaparecera, caiu em si e compreendeu que não tivera uma visão. Ele experimentou, instantaneamente, a realidade de seu resgate e sabia que Deus realizara um milagre. Compreendeu que sua tarefa na terra continuaria, que ele receberia um ministério mais abrangente fora de Jerusalém, e que estava para entrar numa nova fase da pregação do evangelho de salvação.

"Agora sei com certeza que o Senhor enviou o seu anjo e me resgatou do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava", disse Pedro a si mesmo. (Pelo registro desse solilóquio, Lucas indica ter ouvido o relato acerca da soltura de Pedro da boca do próprio apóstolo e então transmitiu, de maneira exata, suas palavras.) Pedro expressou seu agradecimento a Deus por enviar um anjo para livrá-lo do cárcere. Ele estava plenamente cônscio, não apenas dos intentos malignos de

18. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 341.

Herodes Agripa, mas também do conhecimento do povo judeu acerca de sua prisão e julgamento iminente. Os judeus tomaram o lado de Herodes Agripa e aguardavam a execução de Pedro depois de seu julgamento.

Considerações Doutrinárias em 12.6-11

Quando o povo judeu celebrava a Festa dos Pães Asmos, eles literalmente interrompiam e punham um fim ao ciclo de fermentação no processo de cozedura em forno. O fermento velho, que tinha de ser retirado de todas as casas e então queimado, representava o mal e a malícia (1Co 5.8). Como Festa dos Pães Asmos e Páscoa eram dois nomes para o mesmo festival nos tempos do Novo Testamento, os judeus não apenas rompiam simbolicamente com o seu passado pecaminoso, como também comemoravam sua libertação da escravidão egípcia.

Os judeus de Jerusalém na época da prisão de Pedro, removiam simbolicamente o mal do próprio coração e vida ao queimarem o fermento velho. Ao mesmo tempo, antecipavam o julgamento do apóstolo e sua subseqüente morte. E assim, o simbolismo da remoção do mal e da malícia do coração ficou sem sentido. Por outro lado, o simbolismo da libertação na celebração da Páscoa tornou-se realidade para Pedro quando o anjo o libertou do cárcere. Enquanto o homem falhou não conseguindo purificar-se a si mesmo do pecado e da maldade, Deus demonstrou sua fidelidade livrando Pedro.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 12.6-11

Versículo 6

ἦν κοιμώμενος – com o verbo *ser* e o particípio presente médio, esta é a construção perifrástica que indica duração de tempo.

δεδεμένος – de δέω (eu prendo), o particípio perfeito passivo significa que uma ação que teve lugar no passado continua no presente. Em suma, Pedro estava preso já fazia algum tempo.

ἐτήρουν – o imperfeito ativo de τηρέω (eu guardo) denota ação continuada no tempo passado. Neste versículo em particular, Lucas emprega os tempos gregos com o máximo proveito.

Versículos 7,8

ἐκ – aqui a preposição não significa "fora de" mas "vindo de" e assim equivale a ἀπό.

περιβαλοῦ – o imperativo aoristo médio traz a conotação de uma única ação: "embrulhe sua capa em torno de si". Mas ἀκολούθει, o imperativo presente ativo, expressa ação linear: "continue me seguindo".

Versículo 10

ἥτις – o pronome relativo indefinido neste caso significa "esta porta mesmo".

αὐτομάτη – apesar de a palavra ser um adjetivo, é empregada adverbialmente. Ela modifica o verbo *abriu*, e não o substantivo *porta*.

Versículo 11

ἐν ἑαυτῷ γενόμενος – o pronome no caso dativo indica que Pedro não estava mais dormindo, sonhando ou num transe. O texto diz, literalmente, "ele caiu em si".[19]

---

3. *A Igreja em Oração*

12.12-17

Lucas registra, indiretamente, um contraste entre o povo judeu, que celebrava a festa da Páscoa enquanto antecipava o julgamento público e morte de Pedro, e os cristãos, que passavam o tempo em contínua oração, pedindo a Deus para libertar o apóstolo. Para sua própria segurança, os cristãos permaneciam juntos, por trás de um portão trancado que controlava a entrada na casa. Eles tentavam impedir qualquer intruso inesperado de entrar na casa e efetuar prisões.

12. Quando ele percebeu isso, foi para a casa de Maria, a mãe de João chamado Marcos, onde muitas pessoas se encontravam reunidas e orando.

Pedro foi até a igreja que estava em oração em casa de Maria. Ele sabia onde alguns dos crentes haviam se reunido e foi até eles para revelar que Deus responde às orações e para agradecer-lhes por seu apoio. Sabia também que ele era um refugiado que necessitava buscar segurança num outro local.

---

19. Moule, *Idiom-Book*, p. 75.

Lucas identifica o lugar da reunião como "a casa de Maria, a mãe de João chamado Marcos". Parece que a casa de Maria era espaçosa e podia acomodar um grande número de pessoas. Ela pertencia a uma classe de cidadãos bem de vida, pois sua casa tinha um portão externo no muro que a rodeava. Embora Maria fosse cristã e provavelmente viúva, ela tinha podido ficar com sua casa durante e depois da perseguição que se seguiu à morte de Estêvão. Paulo relata que ela era tia de Barnabé (Cl 4.10), e Lucas diz que ela é mãe de João Marcos.[20] A única menção de Maria na Escritura tem relação com a sua presteza em tornar sua casa disponível para os cristãos que ali se reuniam para adorar e orar.

Não temos nenhuma prova de que a casa de Maria tenha sido o lugar onde Jesus instituiu a Ceia do Senhor (Mc 14.13-15), onde os apóstolos se reuniram depois da sua ascensão (1.13), e onde os cristãos se reuniram depois que Pedro e João foram soltos da prisão (4.23-31). Todavia, Lucas relata que Pedro foi até a casa de Maria, onde os cristãos passaram a noite a fim de orar para a libertação do apóstolo. Dois membros da casa de Maria também se encontravam ali: Rode, uma criada, e provavelmente João Marcos.

Ao filho de Maria tinha sido dado o nome *João*; subseqüentemente passou a ser conhecido por Marcos. Ele acompanhou Paulo e Barnabé em sua primeira viagem missionária a Chipre (13.4,5) mas decidiu não ir com eles até a Ásia Menor (13.13). Apesar de Paulo ter expressado sentimentos negativos para com Marcos (15.37-40), mais tarde fez as pazes com ele (Cl 4.10; 2 Tm 4.11; Fm 24). E Pedro chamou Marcos, afetuosamente, de seu filho (1Pe 5.13). De acordo com fontes que remontam desde o início do século 2, Marcos compôs o segundo evangelho com a ajuda e aprovação de Pedro.[21]

13. Pedro bateu na porta do portão e uma criada moça chamada Rode veio atender. 14. Ao reconhecer a voz de Pedro, por causa de sua alegria, ela não abriu o portão. Antes, correu para dentro e anunciou que Pedro estava em pé na frente do portão.

20. A. van Veldhuizen, *Markus. De Neef van Barnabas* (Kampen: Kok, 1933), pp. 18-19.
21. Eusébio, *Ecclesiastical History* 2.15.1-2; 3.24.7; 3.39.15; 5.8.3; 6.14.6-7; 6.25.5; veja ainda Ralph P. Martin, *Mark: Evangelist and Theologian* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), pp. 80-83.

Aqui está um sutil toque de humor quebrando a tensão que mantém os cristãos em suas garras tenazes. Imagine a cena: primeiro, o apóstolo Pedro em pé de fora do portão externo da casa de Maria, batendo cautelosamente, desejando ardentemente segurança e abrigo; em seguida, a jovem criada Rode, temerosamente se aproximando do portão e relutando em abri-lo; por fim, os crentes, exaustos e abatidos, porém orando intensamente pelo livramento de Pedro. Quando eles todos afinal se encontraram, perceberam que Deus havia ouvido suas orações e que as havia respondido.

O fato de Lucas mencionar Roda pelo nome indica que Pedro conhecia pessoalmente os membros da casa de Maria. Presumimos que anos depois Lucas tenha recebido um relato detalhado do próprio Pedro. Roda era, ou uma escrava, ou uma serva que, a serviço de Maria, se tornara cristã. Aliás, nós esperaríamos que fosse um homem, em vez de uma criada mocinha, a guardar a entrada da residência de Maria. Mas nesses dias o costume parece ter sido o de designar moças servas como porteiras (Jo 18.16,17).

Quando Rode se aproximou da entrada externa, ela reconheceu a voz de Pedro. Mas em vez de abrir o portão, ela o deixou plantado lá fora. Espantada, correu para dentro da casa, e com voz trêmula de emoção, exclamou alegremente: "Pedro está junto ao portão". Note-se que Deus revela gradualmente o milagre da libertação de Pedro. Em lugar de fazer com que o apóstolo se apresse para junto do grupo de cristãos em oração, Deus causa um pequeno atraso a fim de preparar os crentes para a oração respondida.

15. Eles disseram a ela: "Você está louca". Mas ela continuava insistindo que era assim. Mas eles disseram: "E o anjo dele". 16. Pedro continuou batendo; quando abriram a porta, eles o viram e ficaram atônitos.

Note-se que Lucas não registra nenhuma palavra de reprovação pela incredulidade expressa pelos cristãos. Ele descreve uma reação humana normal à subitaneidade das boas-novas concernentes à soltura de Pedro. Retrata vividamente a reação dos cristãos registrando suas exclamações: "Você está louca". A tradução coloquial do verbo em grego seria "Você está maluca". O oposto, no entanto, é verdadeiro. De todas as pessoas na casa, apenas Rode manteve sua sanidade e

insistiu firmemente que Pedro estava em pé lá fora junto ao portão.[22]

Os cristãos se recusaram a acreditar que Pedro estava vivo e livre. Disseram a Rode: "É o anjo dele". É interessante que um anjo do Senhor livrara o apóstolo do cárcere, mas depois o deixara (v. 10). Todavia, o pessoal em casa de Maria não estava ciente, a essa altura, de que um anjo o havia libertado. Entretanto, sabemos que os judeus criam que anjos da guarda os protegiam (veja Sl 91.11; Mt 18.10). E pelo Talmude Judaico, que reflete uma período de tempo um pouco posterior, ficamos sabendo que os judeus ensinavam que os anjos da guarda tomavam a forma das pessoas a quem protegiam, e desse modo serviam como seus sósias.[23]

Enquanto isso Pedro permanecia em pé junto ao portão e possivelmente ouvia a comoção lá dentro. Ele ansiava estar com seus amigos, e assim continuava batendo no portão. Finalmente os cristãos se deram conta de que o próprio Pedro estava ali; abriram a porta, viram-no, e totalmente estupefatos, receberam-no em seu meio. Medo e tensão desapareceram imediatamente, dando lugar ao riso, felicidade, alegria e gratidão.

17. Mas depois de fazer-lhes sinal com sua mão para que fizessem silêncio, descreveu-lhes como o Senhor o conduzira para fora da prisão. Disse: "Relatem estas coisas a Tiago e aos irmãos". Então ele saiu e partiu para um outro lugar.

Fazemos as seguintes observações:

a. *Relato* – Seguindo o costume de seus dias, Pedro moveu a mão para trás e para diante como sinal aos seus ouvintes para que se calassem (veja 13.16; 21.40; 26.1). Ele lhes relatou acerca do cárcere onde esteve acorrentado a dois soldados. Contou-lhes da impossibilidade de escapar, sua completa confiança em Deus, e de seu sono profundo até ser despertado por um anjo do Senhor. Ele descreveu como as cadeias lhe caíram dos pulsos, como as portas da prisão se abriram sem qualquer resistência por parte dos guardas, e como o anjo o deixou numa das ruas de Jerusalém.

22. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 480.

23. SB, vol. 1, pp. 781-83; vol. 2, pp. 707-8; C. P. Thiede, *Simon Peter: From Galilee to Rome* (Exeter: Paternoster, 1986), pp. 153-58.

b. *Tiago* – Pedro disse: "Relatem estas coisas a Tiago e aos irmãos". Essa curta declaração está cheia de significado, pois com efeito, Pedro está nomeando seu sucessor enquanto ele próprio passa a ser um fugitivo. Tiago é o meio-irmão de Jesus, não o filho de Zebedeu a quem Herodes Agripa matou (v. 2).

Pela Escritura, sabemos que durante o ministério de Jesus, Tiago não cria nele (Jo 7.5); que depois de sua ressurreição, ele apareceu a Tiago (1Co 15.7); e que subseqüente à ascensão de Jesus, Tiago se encontrava presente no cenáculo (1.14). Já nesses primeiros anos, Tiago havia se tornado um líder influente na igreja de Jerusalém e era considerado um apóstolo, embora não fosse um dos Doze (comparar com Gl 1.19). Juntamente com Pedro e João, Tiago foi contado como um dos "pilares" da igreja (Gl 2.9). Era um homem abençoado com a habilidade natural de liderança, pois assumiu um papel ativo, tendo presidido o Concílio de Jerusalém (15.13-21). Ao final de sua terceira viagem missionária, Paulo foi a Jerusalém e relatou a Tiago "todas as coisas que Deus fizera entre os gentios" (21.19). Supomos que durante o aprisionamento de Pedro, Tiago tinha ido se esconder e, portanto, precisava receber o recado de Pedro de maneira indireta. Contudo, subentende-se que Pedro nomeou Tiago seu sucessor.

No Novo Testamento, a palavra *irmãos* normalmente significa "companheiros crentes". Conseqüentemente, nesse versículo, o termo não deve ser aplicado aos irmãos biológicos de Tiago, e sim, aos seus irmãos e irmãs na fé.

c. *Lugar* – Pedro "saiu e partiu para um outro lugar". Apesar de Lucas omitir o nome do local para onde o apóstolo se dirigiu, ele explicita declarando que Pedro deixou Jerusalém. Alguns estudiosos sugerem que Pedro foi para Roma e, como conta a tradição, foi o primeiro bispo de Roma durante 25 anos.[24] Entretanto, a evidência para essa tradição é insuficiente. A Escritura indica que Pedro estava em Jerusalém na época do Concílio de Jerusalém (15.7-11). Mais tarde, ele se encontrava em Antioquia (Gl 2.11-14). Paulo indica que Pedro passou algum tempo em Corinto (1Co 1.12; 3.22) e era um apóstolo viajante

24. Veja, por exemplo, John Wenham, "Did Peter go to Rome in AD 42?" *TynB* 23 (1972): 92-102; R. E. Osborne, "Where Did Peter Go?" *CJT* 14 (1968): 274-77.

cuja esposa o acompanhava (1Co 9.5). Concluímos que o local para o qual Pedro se dirigiu é desconhecido, porém o texto indica que ele era um missionário itinerante.

Considerações Doutrinárias em 12.15

Nós temos anjos da guarda? A Escritura ensina claramente que Deus comissiona seus anjos para nos guardar e nos servir. O salmista escreve: "Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os seus caminhos" (Sl 91.11). Jesus nos adverte a não desprezar os pequeninos, porque "os anjos deles nos céus estão sempre vendo a face de meu Pai celeste" (Mt 18.10, NVI). E o autor de Hebreus faz uma pergunta de efeito que encerra uma resposta positiva: "Não são todos os anjos espíritos ministradores enviados para servir àqueles que hão de herdar a salvação?" (1.14, NVI).[25]

Então, qual é a mensagem que a Escritura nos dá? A Bíblia ensina que Deus comissionou seus anjos – para ser exato, uma determinada classe de anjos – para proteger os crentes na terra. No entanto, a Escritura não indica que todo crente seja protegido por um anjo específico durante toda a sua vida terrena. Os anjos são servos de Deus que tomam conta dos crentes. Dizer mais do que a Escritura revela acaba resultando em conjetura e especulação.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 12.14 e 17

Versículo 14

ἀπὸ τῆς χαρᾶς – "por causa de sua alegria". A preposição ἀπό expressa causa.

τὸν πυλῶνα – não é usada a palavra πύλη (portão, porta), mas é empregado um termo que significa porta de entrada de uma cidade ou, nesse caso, de uma casa.[26]

Versículo 17

ὁ κύριος – note-se que Pedro dá crédito ao Senhor, e não a um anjo, pelo milagre de livrá-lo da prisão.

25. Veja também Tobias 12.12-15.

26. Veja Mateus 26.71; Lucas 16.20; Atos 10.17. David Hill, *NIDNTT*, vol. 2, p. 30; Joaquim Jeremias, *TNDT*, vol. 6, p. 921.

ἕτερον – aqui o adjetivo denota um lugar inteiramente diferente do ambiente familiar a Pedro.

---

4. *A Reação de Herodes*

12.18,19

18. Ora, quando chegou a luz do dia, houve não pequena comoção entre os soldados quanto ao que acontecera a Pedro. 19. Herodes mandou realizar uma busca mas não o encontrou. Então ele sujeitou os guardas a exame e ordenou que fossem levados para execução. Herodes desceu da Judéia para a Cesaréia e estava passando algum tempo ali.

Os caminhos de Deus são inescrutáveis e seus juízos insondáveis. Ele protege seu servo Pedro e faz com que ele escape fugindo para um abrigo onde Herodes Agripa é incapaz de prendê-lo. Mas Deus não ampara e protege os soldados, que por ordem de Herodes, desempenham o seu dever de guardar um prisioneiro numa cela de segurança máxima. Eles sofrem as terríveis conseqüências da fuga noturna de Pedro. De modo semelhante, quando Jesus nasceu em Belém, Herodes, o Grande, disse aos seus soldados para irem lá e matarem todos os meninos com menos de 2 anos de idade (Mt 2.16). Essas crianças eram inocentes, todavia foram mortas. Deus concede a vida, mas também a tira.

a. "Houve não pequena comoção entre os soldados." Na manhã seguinte, os soldados foram tomados de consternação. Os dois que se achavam dentro da cela acordaram com as correntes ainda em seus pulsos, mas elas não estavam presas a Pedro. Eles sabiam que a lei romana estipulava a pena de morte para os guardas que permitissem a fuga de seus prisioneiros (veja também 16.27; 27.42). As sentinelas colocadas às portas também estavam cheias de pavor porque elas seriam igualmente mortas.

b. "Herodes mandou realizar uma busca." A notícia da fuga de Pedro se espalhou e, dentro de pouco tempo, chegou aos ouvidos de Herodes Agripa. Na condição de comandante supremo das forças armadas, ele imediatamente deu ordens aos seus soldados para que fizessem uma busca diligente a fim de encontrar Pedro. Talvez nutrisse a secreta esperança de que se Pedro houvesse escapado miraculosamente do cárcere, ele ainda poderia estar em Jerusalém (5.25). Indubitavel-

mente, os soldados procuraram nas casas de crentes preeminentes e questionaram inúmeros cristãos acerca da soltura do apóstolo. Essa busca, no entanto, foi inútil, pois Pedro havia fugido.

c. "Então ele sujeitou os guardas a exame." No decorrer desse dia, os guardas receberam ordens para comparecer perante Herodes Agripa a fim de explicar a fuga de Pedro. A única explicação que tinham era a de que naquela noite tinham pegado no sono. E apesar de as portas estarem trancadas e Pedro acorrentado a dois soldados, ele desaparecera. Asseguraram a Herodes que não tiveram cumplicidade alguma no ato.

d. "[Ele] ordenou que [os guardas] fossem levados para a execução." O verbo *ser levado* pode se referir a colocar uma pessoa na cadeia,[27] mas nesse caso o termo aponta para a pena capital. Do ponto de vista humano, o veredito de Herodes parece cruel e injusto. Entretanto, esse ato humano de injustiça serve de contraste com um ato divino de justiça (o fim miserável de Herodes; veja v. 23).

e. "Herodes desceu da Judéia para a Cesaréia." Cesaréia servia como quartel-general dos governadores romanos que dirigiam a Palestina, porém o rei Herodes Agripa decidira morar em Jerusalém. Depois da fuga miraculosa de Pedro, Herodes Agripa deixou a capital judaica e passou a residir em Cesaréia.

Em Jerusalém, Herodes levantou sua mão contra o povo de Deus, descobriu que o Senhor combatia do lado dos que criam, e dessa forma experimentou desapontamento. Em Cesaréia Herodes sofreria o juízo divino.

---

20. Herodes estava com muita raiva do povo de Tiro e Sidom. De comum acordo eles foram até ele; tendo alcançado o favor de Blasto, um importante oficial do rei, procuraram paz porque eles dependiam da terra do rei para seus alimentos.

21. No dia designado, Herodes usou seu manto real e se assentou no seu trono. Ele passou a fazer um discurso público. 22. Então o povo gritou: "A voz de um deus, e não de um homem". 23. Imediatamente um anjo do Senhor o atingiu porque ele não deu glória a Deus. Ele foi comido por vermes e morreu.

24. Mas a palavra de Deus continuava a crescer e multiplicar. 25. Quando

---

27. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 344.

Barnabé e Saulo retornaram depois de terem cumprido sua missão em Jerusalém, eles levaram consigo João, também chamado Marcos.

C. A Morte de Herodes Agripa I
12.20-25

Lucas liga a narrativa da fuga de Pedro à da morte de Herodes com a declaração transicional "Herodes desceu da Judéia para Cesaréia e estava passando algum tempo ali" (v. 19). O tempo do verbo grego para "passar" indica que ele permaneceu em Cesaréia por um período indeterminado de tempo. Contudo, sob o ponto de vista divino, seus dias estavam contados.

20. Herodes estava com muita raiva do povo de Tiro e Sidom. De comum acordo eles foram até ele; tendo alcançado o favor de Blasto, um importante oficial do rei, procuraram paz porque eles dependiam da terra do rei para seus alimentos.

Por que Lucas introduz história secular em seu relato que descreve o desenvolvimento da igreja cristã de Jerusalém para Cesaréia e Antioquia, e finalmente para Roma? Em primeiro lugar, Deus pune Herodes Agripa tirando a sua vida. Ele o faz em resposta ao ataque do rei sobre dois dos doze apóstolos: Tiago, a quem matou, e Pedro, a quem aprisionou. Deus julgou Herodes Agripa, que conhecia a Escritura do Antigo Testamento, e que tocara a menina dos olhos de Deus (Zc 2.7-9). Em segundo lugar, Lucas indica que Deus abençoou a igreja: "a palavra de Deus continuou a crescer e multiplicar" (v. 24).

Herodes já vinha com raiva do povo de Tiro e Sidom há algum tempo. Os habitantes dessas duas cidades portuárias da Fenícia (Líbano de hoje) eram rivais de Cesaréia no mundo do comércio, mas para seus suprimentos de comida eles dependiam das colheitas de grãos de Israel. Pressupomos que Herodes negou aos fenícios o acesso aos mercados de grãos de Israel, tornando assim infeliz a vida deles. Em suma, Herodes mantinha uma guerra econômica com os fenícios que, durante séculos, haviam sido parceiros comerciais de Israel.[28]

Lucas não está interessado em fornecer detalhes sobre a rixa de Herodes. Ele relata simplesmente que o desejo comum dos cidadãos

28. Veja 1 Reis 5.11; Esdras 3.7; Ezequiel 27.17.

de Tiro e Sidom era buscar a paz com o rei. Para alcançar esse objetivo, uma delegação persuadiu Blasto, que era o principal oficial de Herodes, a pedir-lhe para suspender o embargo de grãos e estabelecer relações normais entre Israel e Fenícia. A palavra *paz* é equivalente a "reconciliação" e significa que a briga acabou.[29] Por causa da brevidade do relato, não sabemos se a delegação retornou imediatamente a Tiro e Sidom, ou se ficou para as festividades programadas em Cesaréia.

21. No dia designado, Herodes usou seu manto real e se assentou no seu trono. Ele passou a fazer um discurso público. 22. Então o povo gritou: "A voz de um deus, e não de um homem". 23. Imediatamente um anjo do Senhor o atingiu porque ele não deu glória a Deus. Ele foi comido por vermes e morreu.

O historiógrafo Josefo relata que Herodes Agripa tinha ido a Cesaréia a fim de comemorar um festival feito em honra ao Imperador Cláudio.[30] A festa consistia de jogos que aconteciam a cada cinco anos, presumivelmente marcados para 1º de agosto a fim de coincidir com o aniversário do imperador.[31] Essa data seria significativa – vinha depois do término da colheita de grãos, e dessa forma os mercadores comprariam trigo.

Josefo escreve que no segundo dia desses jogos, Herodes entrou na arena ao romper do dia. Estava vestido com uma peça tecida de fios de prata. Quando os primeiros raios de sol tocaram seu manto, ele foi iluminado pelo reflexo da luz solar.

> Incontinenti seus bajuladores alçaram as vozes de várias direções – apesar de dificilmente para o próprio bem dele – dirigindo-se a ele como a um deus. "Que sejas propício a nós", acrescentaram, "e se até aqui nós te temíamos como a um homem, todavia, daqui em diante concordamos que tu és mais do que mortal em teu ser." O rei não repreendeu nem rejeitou essas lisonjas como ímpias.[32]

Tanto Lucas quanto Josefo descrevem o aparecimento de Herodes

29. Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, 7ª ed., 4 vols. (1877; Grand Rapids: Guardian, 1976), vol. 2, p. 136.
30. Josefo, *Antiquities* 19.8.2 [343].
31. Suetônio, *Claudius* 2.1.
32. Josefo, *Antiquities* 19.8.2 [345] (LCL).

Agripa perante a multidão. Os dois escritores diferem somente em alguns poucos pontos: Lucas declara que Herodes começou a fazer um discurso público, porém Josefo omite esse detalhe; Lucas relata que o povo gritou: "A voz de um deus, e não de um homem"; Josefo diz que a massa gentia se dirigiu a Herodes como a um deus; Lucas menciona que um anjo do Senhor atingiu o rei, ao passo que Josefo observa que Herodes viu "uma coruja empoleirada numa corda por sobre a sua cabeça". Eusébio, citando extensivamente do relato de Josefo, mescla esse detalhe com o registro bíblico e diz que Herodes "viu um anjo sentado acima de sua cabeça".[33]

Em numerosas passagens na Escritura, lemos que Deus comissionou um anjo para executar castigo. Por exemplo, um anjo matou 185.000 soldados assírios numa noite (2Rs 19.35).[34] O Senhor puniu Herodes Agripa publicamente por aceitar honras que eram devidas ao próprio Deus. O Senhor é um Deus zeloso, como ele mesmo afirma. Ele não permite que ninguém tome o seu lugar (Êx 20.5; Dt 5.9).

Lucas descreve, de maneira explícita, o fim de Herodes dizendo que ele foi comido por vermes e morreu. Apesar de os estudiosos terem sugerido um sem-número de causas da morte, desde apendicite até o envenenamento, fiamo-nos na análise médica de Lucas sobre o óbito do rei. Fazemo-lo no conhecimento de que, devido à divina intervenção, Deus revela o castigo de Herodes Agripa: ele teve de ser devorado por vermes e dessa forma seu fim é extremamente doloroso e totalmente desprezível. Calvino comenta que o corpo de Herodes cheirava mal por causa da podridão, de modo que ele não era nada além de uma carcaça viva.[35] Outras fontes descrevem a morte excruciante de se ser consumido por vermes; um relato se refere a Antíoco Epifanes, um tirano que perseguiu os judeus e que portanto, foi ferido por uma doença incurável: "E assim o corpo do homem ímpio fervilhava de vermes, e enquanto ele ainda vivia em angústia e dor, sua carne apodrecia, e por causa de seu fedor, o exército inteiro sentia repulsa por sua deterioração" (2 Macabeus 9.9, RSV).

33. Eusébio, *Ecclesiastical History* 2.10.6 (LCL).
34. Veja também Êxodo 33.2; Salmo 35.5,6; 78.49; Mateus 13.41.
35. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 347.

Josefo fornece a informação de que Herodes faleceu depois de cinco dias de dor, "no qüinquagésimo quarto ano de sua vida e no sétimo de seu reinado",[36] isto é, Herodes morreu em 44 d.C. Perseguidor da igreja, ele encontrou uma morte vergonhosa relativamente pouco tempo depois de ter matado Tiago e encarcerado Pedro.

24. Mas a palavra de Deus continuava a crescer e multiplicar.

Depois da morte de Herodes, o imperador romano nomeou um governador para dirigir a terra dos judeus. Os cristãos, mais uma vez, ficaram livres de perseguição. Como resultado disso, a igreja continuava crescendo em número. Lucas dá a entender que os mensageiros do evangelho iam por todos os lados levando as boas-novas. Sempre que esses ministros proclamavam a mensagem de salvação, ali a igreja era fortalecida na fé e apoiada por numerosos crentes adicionais. No começo de seu livro, Lucas menciona números para indicar o crescimento fenomenal da igreja. Mas à medida que ela se expandia em círculos cada vez mais abrangentes, ele fala apenas em termos gerais e declara que "a palavra de Deus continuava a crescer e multiplicar" (veja 6.7; 19.20).

25. Quando Barnabé e Saulo retornaram depois de terem cumprido sua missão em Jerusalém, eles levaram consigo João, também chamado Marcos.

Lucas chega ao final de seu apanhado histórico acerca da influência de Herodes Agripa sobre a igreja. Depois desse intervalo, ele retoma sua narrativa sobre Barnabé e Saulo (11.30). Esses dois homens haviam viajado de Antioquia a Jerusalém levando ajuda para a população dessa cidade atingida pela fome. Fizeram essa viagem depois que Herodes Agripa tinha morrido. Lucas não liga o retorno de Barnabé e Paulo ao governo de Herodes em Jerusalém. Pelo contrário, ele separa completamente os dois relatos e usa o versículo 25 como introdução para a sua narrativa da primeira viagem missionária de Paulo (13.1-3).

Lucas escreve o verbo *retornaram* e, por inferência, sugere que Barnabé e Paulo foram a Antioquia. Do ponto de vista de Lucas, os homens retornaram à cidade natal dele. Para ele, o centro de missões não é Jerusalém, e sim, Antioquia, que ocupa um lugar estratégico no

36. Josefo, *Antiquities* 19.8.2 [350] (LCL).

crescimento e desenvolvimento da igreja. Antioquia enviou missionários para o mundo greco-romano.

João Marcos, que mais tarde na vida passou a ser conhecido como Marcos, acompanhou seu primo Barnabé e Paulo. Ele mostrou interesse em espalhar as boas-novas de salvação e se tornou um auxiliar dos dois missionários a quem a igreja de Antioquia enviou a Chipre (13.5).

Considerações Doutrinárias em 12.21-23

Quando Deus diz no Decálogo "eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso" (Êx 20.5; Dt 5.9), não está pronunciando palavras vãs. Com zelo, ele guarda a sua honra. Aliás, abundam os exemplos de pessoas que depararam com o castigo divino quando, conscientemente, tentaram se apossar da honra devida a ele. Dois filhos de Arão, Nadabe e Abiú, desprezaram as instruções de Deus em relação aos seus deveres no altar e decidiram seguir suas próprias inclinações. Deus os puniu com morte súbita (Lv 10.1,2). Uzias, rei de Judá, encheu-se de orgulho e desejava queimar incenso no templo. Ele abandonou os preceitos de Deus de que somente os sacerdotes poderiam oferecer incenso. Conseqüentemente, Deus o feriu com lepra, o que fez dele um excluído, e Uzias morreu em isolamento (2Cr 26.16-21). O rei Herodes Agripa conhecia a Escritura, que ele lia publicamente ao povo na área do templo durante uma festa judaica. Todavia, quando a multidão em Cesaréia se lhe dirigiu como se ele fosse divino, Herodes não os repreendeu, antes reivindicou para si a honra que pertencia somente a Deus.

Note-se o contraste na vida de Paulo e na de Barnabé que curaram um homem coxo em Listra. Em sua euforia, o povo exclamou que deuses haviam descido até eles; os licaônios consideraram Barnabé como Zeus e Paulo como Hermes (14.11,12). E mais, o sacerdote de Zeus queria honrar Paulo e Barnabé oferecendo-lhes sacrifícios. No entanto, os missionários opuseram veemente objeção a essa honra indevida. Expressaram sua angústia rasgando suas vestes e declararam enfaticamente que eles não eram deuses, mas apenas homens (14.13-15). Falaram ao povo a respeito do Deus vivo, criador do céu e da terra, e assim exaltaram o nome e a honra de Deus. Certamente sabiam que Deus é um Deus zeloso.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 12.20 e 25

Versículo 20

ἦν θυμομαχῶν – a construção perifrástica do verbo *ser* com o particípio presente indica que a rixa de Herodes não era uma explosão momentânea de raiva, mas uma contínua disputa. O particípio composto deriva do substantivo θυμός (ira) e do verbo μάχομαι (eu brigo). A segunda parte do composto controla a primeira parte e dessa forma significa "estar com muita raiva".[37]

κοιτῶνος – o substantivo se refere, literalmente, a "aquele encarregado do quarto de dormir".[38] No entanto, no contexto, a palavra indica um oficial de alta confiança.

Versículo 25

εἰς – a tradução *para Jerusalém* é realmente importuna. O contexto exige que se traduza *de Jerusalém*, especialmente porque João Marcos, um residente dessa cidade, acompanhou Barnabé e Paulo. Os melhores manuscritos trazem a preposição εἰς em vez de ἀπό e ἐξ (fora de; de). Mas o verbo ὑποστρέφειν (retornar) em Atos, freqüentemente especifica o local para o qual a pessoa retorna.[39] A preposição εἰς pode tomar o lugar de ἐν (em). Bruce M. Metzger sugere, portanto, a seguinte tradução: "Barnabé e Saulo retornaram, depois de haverem cumprido sua missão, trazendo junto com eles João, cujo outro nome era Marcos".[40] Ainda assim, permanecem dificuldades.

πληρώσοντες – do verbo πληρόω (eu cumpro), o particípio é um aoristo efetivo que enfatiza a conclusão da tarefa. O particípio συμπαραλαβόντες (levando junto) é um aoristo constativo que "contempla a ação em sua totalidade".[41]

37. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 191.1.

38. Bauer, p. 440.

39. Por exemplo, 1.12; 8.25; 12.25; 13.13, 34; 14.21; 21.6; 22.17; 23.32.

40. Metzger, *Textual Commentary*, p. 400.

41. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1967), p. 196. Veja ainda A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 859.

Sumário do Capítulo 12

O rei Herodes Agripa I persegue a igreja matando o apóstolo Tiago, irmão de João. Prende Pedro e o coloca no cárcere durante a Festa dos Pães Asmos (Páscoa). Ele manda que Pedro seja vigiado por quatro escoltas de quatro soldados cada uma. Enquanto Pedro se acha na prisão, a igreja está orando por seu livramento.

Na véspera do julgamento do apóstolo, um anjo entra em sua cela na prisão. Profundamente adormecido, Pedro está acorrentado a dois guardas. Despertado pelo anjo e livre de seus grilhões, ele segue o anjo através das portas e do portão até a rua externa. O anjo desaparece e Pedro cai em si. Ele vai rapidamente à casa da mãe de João Marcos, onde bate à porta. Muitos cristãos se acham orando, e Rode, uma mocinha criada da casa, vai até a porta. Ela reconhece a voz de Pedro, mas não abre a porta. Os cristãos fazem-no entrar e ficam atônitos. Pedro relata a história de sua libertação e, depois de dar instruções, sai para Jerusalém.

Herodes examina o relatório dos soldados. Ordena que sejam executados e então parte para Cesaréia. Ele resolve uma contenda com o povo de Tiro e Sidom. Num certo dia ele se veste de traje real, fala à multidão e aceita a alegação do povo de que ele é um deus, e não um homem. Um anjo do Senhor o fere, de modo que ele é comido por vermes e morre.

A igreja continua a crescer e a se multiplicar. Barnabé e Paulo, acompanhados por João Marcos, viajam de Jerusalém para Antioquia.

13

A Igreja em Transição

Parte 3

13.1-35

e A Primeira Viagem Missionária

Parte 1

13.4-52

ESBOÇO (continuação)

13.1-3	D. Paulo e Barnabé Comissionados
13.4-14.28	V. A Primeira Viagem Missionária
13.4-12	A. Chipre
13.4,5	1. Sinagoga Judaica
13.6-12	2. Barjesus
13.13-52	B. Antioquia da Pisídia
13.13-15	1. Convite
13.16-22	2. Apanhado do Antigo Testamento
13.23-25	3. A Vinda de Jesus
13.26-31	4. Morte e Ressurreição
13.32-41	5. Boas-novas de Jesus
13.42-45	6. Convite Reiterado
13.46-52	7. Efeito e Oposição

Capítulo 13

ATOS 13.1-3

13 1. Na igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém que havia sido criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. 2. Enquanto eles adoravam o Senhor e jejuavam, o Espírito Santo disse: "Nomeiem para mim Barbané e Saulo para o trabalho para o qual eu os chamei". 3. Então, depois de haver jejuado e orado, impuseram as mãos sobre eles e os enviaram.

D. Barnabé e Paulo Comissionados

13.1-3

Nos três primeiros versículos desse capítulo, Lucas continua o relato sobre a igreja em Antioquia e a retrata como um importante centro da fé cristã (11.19-30). Um de seus primeiros ministérios foi enviar auxílio aos crentes atingidos pela fome em Jerusalém (11.27-30). Em seguida, Antioquia adquiriu proeminência quando a igreja enviou missionários ao mundo gentio, inicialmente a Chipre e Ásia Menor, e mais tarde, a Macedônia e Grécia. Lucas menciona Antioquia quatorze vezes,[1] ao passo que Paulo faz referência a ela uma vez (Gl 2.11). À medida que a igreja se desenvolve, Lucas chama a atenção para Antioquia em vez de Jerusalém como o centro de atividade. Ele coloca, decisivamente, Antioquia no mesmo nível da igreja de Jerusalém quando relata os principais nomes dos que lideravam a igreja de Antioquia.

1. Na igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém que havia sido criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo.

1. Veja 11.19,20,22,26 [duas vezes], 27; 13.1; 14.26; 15.22,23,30,35; 18.22,23.

Fazemos as seguintes observações:

a. *Igreja* – Nos doze primeiros capítulos de Atos, a palavra *igreja* refere-se, consistentemente, ao ajuntamento de cristãos em Jerusalém. Mas quando os crentes em Antioquia receberam instruções de Barnabé e Paulo, Lucas se refere a eles como uma igreja (11.26). Os cristãos em Antioquia se tornaram igreja quando passaram a ouvir o evangelho regularmente pregado, receberam instruções na fé, nomearam líderes da igreja e implementaram sua visão de missões para o mundo. Todavia, sabemos que a igreja é um corpo mesmo se seus membros se reúnam em diferentes lugares e países. Os crentes em Antioquia, portanto, pertenciam à mesma igreja dos que se encontravam em Jerusalém.

b. *Ofício* – A igreja em Antioquia tinha vários profetas e mestres. Pelo grego não podemos discernir se as palavras *profetas* e *mestres* significam dois ofícios separados, ou se uma pessoa pode ser tanto profeta como mestre. Paulo, por exemplo, fala de "pastores e mestres" (Ef 4.11); do ponto de vista dele, a pessoa preenche um ofício que tem uma função dupla. Ademais, ele coloca os profetas numa categoria em separado, a qual é relacionada depois da do apostolado. Devemos concluir que o Novo Testamento revela uma diferença entre profetas e mestres. "Enquanto os mestres explanam a Escritura, tratam da tradição acerca de Jesus e explicam os fundamentos do catecismo, os profetas, sem serem tolhidos pela Escritura ou tradição, falam à congregação com base nas revelações" (veja 1Co 14.29-32).[2] Lucas descreve tanto Barnabé como Paulo como mestres na igreja em Antioquia (11.26), mas na lista de cinco nomes (13.1) ele não especifica quem é mestre e quem é profeta, deixando assim a questão em aberto.

c. *Nomes* – Dos cinco líderes da igreja, Barnabé é citado primeiro. Isso é compreensível porque a igreja de Jerusalém o comissionara para ministrar às necessidades espirituais dos crentes em Antioquia (11.22).

A pessoa seguinte da relação é Simeão, chamado Níger. Presumimos que outros tinham o nome *Simeão*, de modo que se tornou necessária uma identificação adicional. A palavra *niger* (do latim: negro),

2. Gerhard Friedrich, *TNDT*, vol. 6, p. 854; veja também Carl Heinz Peisker, *NIDNTT*, vol. 3, p. 84. Jacques Dupont entende os termos *profetas* e *mestres* como se referindo às mesmas pessoas. *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, Lectio Divina 118 (Paris: Cerf, 1984), p. 164.

indubitavelmente se refere à cor da pele e descendência de Simeão. Devido ao fato de Lucas colocá-lo na lista junto com Lúcio de Cirene, não é remota a possibilidade de que Simeão também fosse natural da África do Norte. Não podemos determinar se Simeão é o mesmo Simão de Cirene, que carregou a cruz de Jesus (Mt 27.32), nem se Lúcio é aquele a quem Paulo enviou saudações em Roma (Rm 16.21).[3] Ambos provavelmente se encontravam entre os refugiados que, tendo fugido de Jerusalém por causa da perseguição que se seguiu à morte de Estêvão, chegaram até a Antioquia e eram originários de Chipre e Cirene (11.19,20).

Manaém é o próximo. Seu nome é uma forma grega da palavra hebraica *Menaḥem*, que quer dizer "consolador". Lucas o descreve como um homem "que havia sido criado com Herodes, o tetrarca". Essa descrição indica que Manaém era irmão de criação de Herodes Antipas, o tetrarca da Galiléia e Peréia (4.27; Mt 14.1-12; Mc 6.14-29; Lc 3.1). Manaém, uma pessoa influente de ascendência real e cristão em Antioquia, forneceu a Lucas informações sobre Herodes Antipas, e possivelmente sobre outros membros da família herodiana.[4]

A última pessoa é Paulo, mencionado aqui com seu nome hebraico Saulo. A convite de Barnabé, ele tinha ido à igreja de Antioquia como mestre, quando o trabalho se tornou muito pesado para Barnabé (11.25,26). "Entre os veteranos em Antioquia, com admirável modéstia, ele estava contente com o lugar mais inferior."[5]

2. Enquanto eles adoravam o Senhor e jejuavam, o Espírito Santo disse: "Nomeiem para mim Barbané e Saulo para o trabalho para o qual eu os chamei". 3. Então, depois de haver jejuado e orado, impuseram as mãos sobre eles e os enviaram.

a. "Enquanto eles adoravam o Senhor e jejuavam." A palavra *adorar*, um típico termo religioso do Antigo Testamento, dantes descrevia o serviço dos sacerdotes no templo em Jerusalém (veja, por exemplo, Lc 1.23). Mas no versículo 2, Lucas aplica a palavra, pela primeira vez, à prática cristã. Pelo emprego da palavra *adorar*, o autor de Atos

3. Consultar H. J. Cadbury, "Lucius of Cyrene", *Beginnings*, vol. 5, pp. 489-95.

4. Veja Richard Glover, "'Luke the Antiochene' and Acts", *NTS* 11 (1964-65): 101.

5. John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, rev. e org. por Andrew R. Fausset, 5 vols. (Edimburgo: Clark, 1877), vol. 2, p. 618.

mostra continuidade com o passado, porém indica, de forma sutil, uma ênfase diferente e espiritualizada.[6] Na nova forma de adoração, não são os sacerdotes que vemos no altar, mas cada crente na igreja em oração.

Nesses versículos, Lucas indica também que os cristãos em Antioquia combinavam a oração com o costume judaico do jejum; as duas práticas eram ligadas somente em ocasiões especiais (veja 14.23).

O contexto imediato dos versículos 2 e 3 parece restringir a referência à adoração aos cinco profetas e mestres mencionados por Lucas (v. 1). Mas há pelo menos três objeções a esta interpretação. Primeiro, o culto de adoração é para todos os crentes da igreja. Em segundo lugar, a igreja de Antioquia estava envolvida, em sua totalidade, no comissionamento de Barnabé e Saulo, pois ao retornarem, os missionários relataram à igreja o que Deus havia feito (14.27). E por último, o Espírito Santo move toda a igreja a se comprometer na obra de missões, e não somente cinco pessoas.[7]

b. "O Espírito Santo disse: 'Nomeiem para mim Barnabé e Saulo para o trabalho ao qual eu os chamei'." Enquanto a igreja orava, o Espírito Santo falou por meio dos profetas e tornou conhecida a sua vontade. Por intermédio do seu Espírito, Deus amplia a igreja e nomeia seus servos para as tarefas que ele lhes dá.[8] Então, Deus designa Barnabé e Paulo como missionários.

Jesus havia chamado Paulo para ser um apóstolo aos gentios, mas tanto Barnabé como Paulo tinham estado ensinando na igreja de Antioquia. Agora o Espírito Santo chamou os crentes para nomearem esses dois homens para uma tarefa específica: proclamar as boas-novas ao mundo. Para a igreja de Antioquia isso significava que esses crentes, ao comissionarem Barnabé e Paulo, estariam perdendo dois professores capazes; que prometiam suporte em oração aos missionários; e que Antioquia continuaria a ser um centro de missões.

Tanto Paulo quanto Barnabé tinham sido chamados para serem

6. Hermann Strathmann, *TNDT*, vol. 4, p. 226; Klaus Hess, *NIDNTT*, vol. 3, p. 552.
7. Comparar com Everett F. Harrison, *Interpreting Acts: The Expanding Church*, 2ª ed. (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 216.
8. Por exemplo, 8.39; 9.31; 10.19,44.

apóstolos aos gentios. Aliás, quando Lucas se refere a esses homens em sua primeira viagem missionária, ele os chama de "apóstolos" (14.14; e veja 1Co 9.1-6). O trabalho que o Espírito Santo designa a Barnabé e Paulo é o de familiarizar o mundo com o evangelho de Cristo e estender a igreja até aos confins da terra (comparar com 1.8).

c. "Impuseram as mãos sobre eles e os enviaram." Depois de um período de jejum e oração, os líderes da igreja de Antioquia impuseram suas mãos sobre Barnabé e Paulo. Em Damasco, Ananias impusera as mãos sobre Paulo e assim ele recebeu o dom do Espírito Santo (9.17). Embora tanto Barnabé como Paulo tivessem ensinado o evangelho de Cristo durante muitos anos, a igreja em Antioquia ordenou oficialmente esses dois homens para serem missionários aos gentios. Depois de Deus os chamar para a tarefa especial de proclamar o evangelho ao mundo greco-romano (comparar com Gl 1.16), a igreja antioquense conduziu a cerimônia externa da ordenação de Barnabé e Paulo.[9] O culto de ordenação mostra claramente que os missionários e a igreja estão unidos na obra de missões.

Considerações Doutrinárias em 13.1-3

À luz do trabalho realizado por Barnabé e Paulo, qual é a importância de sua ordenação em Antioquia? Primeiro, até esse tempo, nem Paulo nem Barnabé tinham sido chamados de apóstolos, mas quando Lucas narra sua primeira expedição missionária, ele lhes dá o título de *apóstolos* (14.14). Em segundo lugar, os dois missionários demonstram miraculosos poderes de cura, pregam o evangelho a judeus e gentios, e possuem autoridade igual à dos apóstolos Pedro e João. E em terceiro, o paralelo entre Pedro e Paulo é evidente na cura do coxo (3.1-10 e 14.8-10), na repreensão a um mágico ou feiticeiro (8.18-24 e 13.6-12, e na organização de igrejas (8.14-17 e 14.21-25). O que a ordenação de Barnabé e Paulo significa? Os dois homens "foram consagrados para uma tarefa que seria reconhecida como a obra dos apóstolos e na qual eles agiriam com autoridade apostólica, tendo uma posição semelhante à dos Doze".[10]

9. João Calvino, *Commentary on the Acts of the Apostles*, org. por David W. Torrance e Thomas F. Torrance, 2 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), vol. 1, p. 355. Comparar com Ernest Best, "Acts xiii. 1-3", *JTS* 11 (1960): 344-48.

10. Richard B. Rackham, *The Acts of the Apostles: An Exposition*, série Westminster Commentaries (1901; reedição, Grand Rapids: Baker, 1964), p. 192.

Ademais, observemos o paralelo entre os doze apóstolos e Barnabé e Paulo. O Espírito Santo enche os doze apóstolos em Jerusalém no dia de Pentecoste de forma que eles são capazes de se dirigir às multidões judias (2.1-41). E o Espírito Santo orienta a igreja em Antioquia para que nomeie Barnabé e Paulo a fim de proclamarem o evangelho às multidões gentias. Os Doze estão envolvidos na formação da igreja de Jerusalém que cresce rapidamente, ao passo que Barnabé e Paulo são enviados pela igreja de Antioquia para organizar igrejas até aos confins da terra (1.8).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.1,2

Versículo 1

κατὰ τὴν οὖσαν ἐκκλησίαν – "na igreja local" (11.22) é um termo técnico.[11] Contudo prevalece a unidade da igreja.

Versículo 2

λειτουργούντων – a construção do genitivo absoluto deste particípio presente e o pronome αὐτῶν separam a cláusula do sujeito da sentença principal ("o Espírito Santo disse"). No entanto, o pronome é indefinido, ao passo que o particípio demonstra ação contínua. A palavra *liturgia* é derivada do verbo λειτουργέω (eu sirvo).

δή – esta partícula tem a força de um convite: "Vem, nomeia para mim ..."[12]

προσκέκλημαι – aqui o perfeito médio aponta para uma ação transcorrida no passado, mas com plena significação no presente.

4. Tendo sido enviados pelo Espírito Santo, eles desceram para Selêucia. Dali navegaram para Chipre. 5. Quando chegaram em Salamina, eles começaram a proclamar a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. Eles tinham também João como ajudante. 6. Depois de cruzar toda a ilha até Pafos, eles encontraram um certo mágico e falso profeta judeu chamado Barjesus. 7. Ele estava com o procônsul Sérgio Paulo, um homem inteligente, que chamou Barnabé e Saulo e queria ouvir a palavra de Deus. 8. Mas Elimas, o mágico – pois é isso o que significa o

11. Friedrich Blass e Albert Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), nº 474.5c.

12. A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (Nashville: Broadman, 1934), p. 1149.

seu nome – se-lhes opôs, procurando desviar o procônsul da fé. 9. Então Saulo, também conhecido por Paulo, cheio do Espírito Santo, fixou seu olhar sobre Elimas 10. e disse: "Você está cheio de engano e malícia, seu filho do diabo, seu inimigo de toda a justiça; você não vai cessar de perverter os retos caminhos do Senhor? 11. E agora a mão do Senhor está contra você. Você vai ficar cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo".

Imediatamente uma névoa de escuridão caiu sobre ele, e saiu procurando alguém para conduzi-lo pela mão. 12. Quando o procônsul viu o que acontecera, ele creu e ficou pasmo com o ensino do Senhor.

13. Paulo e seus companheiros partiram de Pafos por mar e foram a Perge na Panfília, onde João os deixou e retornou a Jerusalém. 14. Mas prosseguindo de Perge, chegaram a Antioquia da Pisídia. No sábado entraram na sinagoga e se assentaram. 15. Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os oficiais da sinagoga lhes mandaram esta mensagem: "Homens e irmãos, se vocês têm alguma palavra de exortação para o povo, por favor, falem".

16. Paulo se colocou em pé fazendo sinal com a mão e disse: "Homens de Israel e vocês que temem a Deus, ouçam-me! 17. O Deus desta nação de Israel escolheu nossos pais e tornou o povo grande durante sua permanência na terra do Egito. Com braço estendido ele os conduziu para fora de lá. 18. Suportou-os durante cerca de quarenta anos no deserto. 19. Ele destruiu sete nações na terra de Canaã e repartiu a terra delas como herança. 20. Tudo isso levou cerca de quatrocentos e cinqüenta anos.

Depois dessas coisas, Deus lhes deu juízes até o tempo de Samuel, o profeta. 21. Então, eles pediram um rei, e Deus lhes deu Saul, filho de Quis, um homem da tribo de Benjamim, por quarenta anos. 22. Depois de tê-lo removido, Deus suscitou Davi para ser o rei deles. Concernente a ele Deus testificou: 'Encontrei Davi, o filho de Jessé, um homem segundo o meu coração, que fará tudo o que eu desejar'. 23. Dos descendentes deste homem, Deus trouxe a Israel um salvador, Jesus, segundo a promessa. 24. Antes de Jesus vir, João pregava um batismo de arrependimento a todo o povo de Israel. 25. Enquanto João completava seu trabalho, ele dizia repetidas vezes: 'Quem vocês imaginam que sou? Eu não sou o Cristo. Não, mas alguém está vindo depois de mim cuja sandália não sou digno de desatar'.

26. "Homens e irmãos, filhos da família de Abraão, e aqueles entre vocês que temem a Deus, a nós a palavra desta salvação foi enviada. 27. Aqueles que vivem em Jerusalém e seus governantes não reconheceram Jesus, e, ao condená-lo, eles cumpriram as palavras dos profetas que são lidas todos os sábados. 28. E apesar de não terem encontrado nenhum motivo para execução, eles pediram a Pilatos que ele fosse morto. 29. Quando completaram tudo o que havia sido escrito a respeito dele, eles o desceram da cruz e deitaram-no numa tumba. 30. Mas Deus o levantou dos mortos. 31. Por muitos dias, apareceu àqueles que vieram com ele da Galiléia a Jerusalém. Eles são agora suas testemunhas ao povo.

32. "E nós proclamamos estas boas-novas a vocês. Esta promessa feita aos

pais 33. Deus cumpriu a nós, os filhos deles. Ele levantou Jesus, assim como
estava escrito no segundo salmo:

'Você é o meu Filho;
hoje eu me tornei o seu Pai'.

34. A saber, Deus o levantou dentre os mortos, para jamais se decompor,
conforme Deus disse: 'Eu lhe darei as santas e seguras bênçãos de Davi'. 35. Por
essa razão, Deus diz em outro salmo,

'O Senhor não permitirá que o seu Santo entre em decomposição'.

36. Pois Davi, depois de servir ao propósito de Deus em sua própria geração,
adormeceu. Ele foi sepultado com seus pais e entrou em decomposição. 37. Mas a
quem Deus levantou dentre os mortos não entrou em decomposição.

38. "Portanto, homens e irmãos, fiquem sabendo que por meio dele o perdão
dos pecados é proclamado a vocês. 39. Todo aquele que crê é justificado por ele
de todas as coisas das quais vocês não podiam ser justificados por intermédio da
lei de Moisés. 40. Tenham cuidado para que o que foi dito pelos profetas não
sobrevenha a vocês:

41. 'Vejam, seus zombadores,
fiquem maravilhados e pereçam!
Porque eu vou fazer uma obra
nos seus dias, uma obra na qual vocês jamais acreditarão
mesmo se alguém a descrever a vocês'. "

42. Quando Paulo e Barnabé estavam saindo, o povo lhes implorou que essas
coisas lhes fossem ditas no sábado seguinte. 43. Depois do término da reunião na
sinagoga, muitos judeus e tementes a Deus prosélitos do judaísmo, seguiram Pau-
lo e Barnabé, que falavam com eles e os instavam a continuar na graça de Deus.

44. No sábado seguinte, quase a cidade inteira se reuniu para ouvir a palavra
do Senhor. 45. Mas quando os judeus viram as multidões, ficaram cheios de inve-
ja. E de modo insultante passaram a contradizer as coisas que Paulo estava dizen-
do. 46. Paulo e Barnabé ousadamente lhes responderam: "A palavra de Deus tinha
de ser dita a vocês primeiro. Já que a rejeitam e não se consideram dignos da vida
eterna, estamos nos voltando para os gentios. 47. Pois isto é o que o Senhor nos
ordenou:

'Eu coloquei você como uma luz aos gentios,
para trazer salvação aos confins da terra'. "

48. Quando os gentios ouviram isso, eles começaram a se regozijar e glorifi-
car a palavra do Senhor. E tantos quantos foram ordenados para a vida eterna
creram.

49. A palavra do Senhor se espalhou por toda a região. 50. Mas os judeus
incitaram os tementes a Deus, as mulheres honradas e os homens líderes da cida-
de. Eles instigaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé e os expulsaram de
sua região. 51. Então Paulo e Barnabé sacudiram o pó de seus pés em protesto

contra eles e foram para Icônio. 52. E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

V. A Primeira Viagem Missionária

13.4-14.28

A. Chipre

13.4-12

A tarefa missionária para a qual o Espírito Santo chamou Barnabé e Paulo é precisa. Os missionários freqüentam as sinagogas judaicas, mas, além disso, buscam ativamente novos convertidos dentre a população gentia. Esse novo aspecto da tarefa dos missionários é desafiador, pois resulta, afinal, na necessidade da formulação de princípios de conduta para os crentes gentios (15.1-35).

1. *Sinagoga Judaica*

13.4,5

4. Tendo sido enviados pelo Espírito Santo, eles desceram para Selêucia. Dali navegaram para Chipre. 5. Quando chegaram em Salamina, eles começaram a proclamar a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. Eles tinham também João como ajudante.

a. "Tendo sido enviados pelo Espírito Santo." Lucas enfatiza que os missionários são enviados, não pela igreja de Antioquia, mas pelo Espírito Santo. O Espírito disse à igreja para nomear Barnabé e Paulo, e próprio Espírito os mandou para o campo de trabalho. Conseqüentemente, Paulo pode dizer que ele fora enviado "não da parte de homens nem por meio de pessoa alguma, mas por Jesus Cristo e Deus Pai" (Gl 1.1, NVI), isto é, o Deus Triúno mandou Paulo e Barnabé primeiro a Chipre, e depois para a Ásia Menor.

b. "Eles desceram para Selêucia." Localizada às margens do Rio Orontes e próxima à costa do Mediterrâneo, Selêucia servia como porto marítimo para a cidade de Antioquia. Pelo fato de Antioquia estar em território montanhoso, Barnabé e Paulo tiveram de viajar uma distância relativamente curta, descendo até Selêucia.

c. "Dali navegaram para Chipre." Em dia limpo de nuvens em Selêucia, os apóstolos podiam enxergar a linha costeira e o complexo

montanhoso de Chipre. A viagem de travessia das águas levava menos de um dia.[13] Chipre era a terra natal de Barnabé (4.36), e portanto ele conhecia intimamente os habitantes, as sinagogas judaicas e a cultura. Esse conhecimento provou ser de grande valia. Barnabé não foi o primeiro cristão a visitar a ilha; Lucas conta que refugiados cristãos de Jerusalém haviam viajado até lá (11.19).

d. "Quando chegaram em Salamina, eles começaram a proclamar a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus." Salamina era uma cidade portuária da costa leste de Chipre e situada diretamente ao norte da moderna cidade de Famagusta. Era um centro comercial, onde mercadores da Cilícia, Síria, Fenícia e Egito negociavam azeite de oliva, vinho e grãos. Ao longo do tempo, essa cidade portuária atraíra um grande número de judeus que pertenciam à classe dos mercadores e que haviam estabelecido ali várias sinagogas. Quando Barnabé e Paulo chegaram em Salamina, os judeus lhes deram as boas-vindas em suas sinagogas.

Em seu breve relato, Lucas deixa de mencionar o efeito da mensagem proclamada pelos missionários. Entretanto, com o emprego do tempo de um verbo grego, ele indica que Barnabé e Paulo continuaram pregando a Palavra de Deus por algum tempo. Supomos que os apóstolos provaram, pela Escritura do Antigo Testamento, que Jesus cumprira as promessas messiânicas. A Palavra de Deus era, portanto, o denominador comum de ambos os lados. Talvez, em seus contatos iniciais com o povo, Barnabé e Paulo tenham gasto seu tempo com a população judaica de Salamina, pois não é dito nada a respeito de gentios freqüentando os cultos de adoração nas sinagogas. Os missionários aplicavam a regra que, com o passar do tempo, passou a ser sua marca registrada: primeiro ao judeu, e depois ao gentio.

e. "Eles tinham também João como ajudante." Como uma reflexão posterior, Lucas insere a informação de que João Marcos acompanhou os missionários até a ilha de Chipre (veja 12.25). Talvez Lucas queira colocar a ênfase sobre a missão de Barnabé e Paulo, e, de passagem, ele menciona também João Marcos, o companheiro de viagem deles. Certamente Marcos não havia sido chamado pelo Espírito Santo nem

13. Veja E. M. Blaiklock, "Seleucia", *ZPEB*, vol. 5, p. 334.

tampouco ordenado pela igreja de Antioquia. Por essa razão, Lucas o descreve como um auxiliar dos missionários. Não nos é dito qual era a natureza da assistência exercida por João Marcos, mas seu trabalho não se limitava a apenas providenciar o suprimento das necessidades físicas de seus companheiros (por exemplo, alimentação e alojamento). Para descrever Marcos, Lucas emprega, literalmente, a palavra *serviçal*, o que quer dizer que ele fazia tudo quanto os missionários lhe pediam que fizesse.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.5

κατήγγελλον – do verbo καταγγέλλω (eu proclamo publicamente), esta forma é o imperfeito de ingresso: "eles começaram a proclamar".

ὑπηρέτην – traduzido como "servo" ou "atendente" (veja Lc 4.20), o substantivo é um acusativo de aposição.

---

2. Barjesus

13.6-12

6. Depois de cruzar toda a ilha até Pafos, eles encontraram um certo mágico e falso profeta judeu chamado Barjesus. 7. Ele estava com o procônsul Sérgio Paulo, um homem inteligente, que chamou Barnabé e Saulo e queria ouvir a palavra de Deus.

A ilha de Chipre havia sido conquistada pelos romanos e elevada a província imperial que se achava sob a jurisdição do senado romano. Evitando as áreas montanhosas do interior da ilha, os missionários caminharam pelas planícies niveladas ao longo da costa marítima do lado sul de Chipre. Viajaram cerca de 160 quilômetros, indo da costa leste até a costa oeste da ilha, até a cidade de Pafos. Essa cidade era famosa por suas lindas edificações e um templo dedicado à deusa Afrodite. Durante o reinado do imperador Augusto, Pafos foi destruída por um terremoto (15 a.C.), porém foi logo reconstruída com fundos do governo romano. A cidade tornou-se o centro administrativo e religioso da ilha, bem como a residência do procônsul romano. Os procônsules, nomeados pelo senado romano, geralmente governavam durante um ano e tinham autoridade militar e judicial absolutas (veja 18.12; 19.38).

Em suas viagens missionárias, Paulo geralmente visitava as capi-

tais, especialmente aquelas onde residiam oficiais do governo romano. Em Pafos, Paulo e Barnabé encontraram um procônsul romano chamado Sérgio Paulo. Ele empregava um mágico – homem que interpretava sonhos e mexia com ocultismo – chamado Barjesus. O nome *Barjesus* é aramaico e quer dizer "filho de Jesus", ou, nos termos do Antigo Testamento, "filho de Josué". Lucas relata que esse homem era um falso profeta e judeu. Como judeu, Barjesus estava familiarizado com a condenação de Deus sobre os profetas que não haviam sido chamados por ele (veja Jr 14.14-16). Mas a despeito dos ensinamentos de Deus concernentes aos feiticeiros e falsos profetas, Barjesus era um deles (comparar com 19.13).[14] Tanto o Talmude quanto a literatura pós-apostólica, contêm severas admoestações a que não se pratique a magia (e veja Ap 22.15).[15]

No versículo 7, Lucas diz que o procônsul Sérgio Paulo era um homem inteligente que desejava ouvir a palavra de Deus. Ele estava aberto à instrução religiosa vinda dos mestres judeus; conseqüentemente, empregou Barjesus e ouviu Barnabé e Paulo pregando o evangelho. Ele não era um temente a Deus, porém desejava ouvir a palavra de Deus e se familiarizar com os ensinamentos dos apóstolos.

Os arqueólogos descobriram, na parte norte de Chipre, um fragmento de uma inscrição grega que traz o nome *Quintus Sergius Paulus*, que presumivelmente foi um procônsul durante o reinado do Imperador Cláudio (41-54 d.C.). Se aceitarmos que Paulo tenha começado sua primeira viagem missionária na segunda metade da quinta década (46 d.C.), a descoberta arqueológica aponta para o procônsul descrito por Lucas em Atos.[16]

8. Mas Elimas, o mágico – pois é isso o que significa o seu nome – se-lhes opôs, procurando desviar o procônsul da fé. 9. Então Saulo, também conhecido por Paulo, cheio do Espírito Santo, fixou seu olhar sobre Elimas 10. e disse: "Você está cheio de engano e malícia, seu filho do diabo, seu inimigo de toda a justiça; você não

14. Veja Arthur Darby Nock, "Paul and the Magus", *Beginnings*, vol. 5, pp. 182-83
15. *Shabbath* 75a; *Didache* 2.2.
16. Bastiaan Van Elderen, "Some Archaeological Observations on Paul's First Missionary Journey", *in Apostolic History and the Gospel*, org. por W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pp. 151-56.

vai cessar de perverter os retos caminhos do Senhor? 11a. E agora a mão do Senhor está contra você. Você vai ficar cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo".

a. "Mas Elimas, o mágico ... se-lhes opôs." Lucas indica que Barjesus tinha um nome grego, Elimas, que é uma transliteração de uma palavra aramaica ou árabe que significa "mágico".[17] Na corte de Sérgio Paulo, Barjesus usava seu nome grego, em lugar do aramaico. Note-se que, nesse contexto, Paulo também preferia seu nome grego ao hebraico (v. 9).

b. "[Ele procurou] desviar o procônsul da fé." Se por um lado a pregação do evangelho intrigava Sérgio Paulo, por outro ela mobilizava Elimas a se opor. Ele era um mágico que se dera conta de que, se Sérgio Paulo se tornasse cristão, seus serviços não seriam mais necessários e ele perderia sua fonte de renda. E mais, Elimas era um judeu que se opunha cruelmente ao evangelho e a seus mensageiros. Quando ele viu que Sérgio Paulo havia chamado os missionários a fim de ouvir o evangelho explicado, Elimas fez todo o possível para dissuadir o procônsul de aceitar a fé cristã (comparar com 2Tm 3.8). A situação chegou a um ponto crítico, pois a veracidade do evangelho estava em jogo. Ou Elimas era um impostor, ou o eram Barnabé e Paulo.

c. "Então Saulo, também conhecido por Paulo, cheio do Espírito Santo, fixou seu olhar sobre Elimas." Observamos pelo menos quatro mudanças distintas.

Primeiro, a partir desse momento, Lucas dá proeminência a Paulo. Quer dizer, Paulo não é mais a pessoa que acompanha Barnabé; os papéis são revertidos. Todavia, em outras vezes, a ordem *Barnabé e Paulo* é mantida (veja 14.14; 15.12).

Em segundo lugar, Paulo adota o nome grego *Paulus*, que é uma palavra emprestada do latim que significa, literalmente, "o pequeno". Paulo não usa mais seu nome hebraico. Agostinho acreditava que Paulo adotou esse novo nome para indicar que ele era "o menor dos apóstolos" (1Co 15.9; e veja Ef 3.8). Mas esse ponto de vista não tem apoio. Nem tampouco temos prova de que Paulo tenha usado seu nome grego

17. S. F. Hunter, "Bar-jesus", *ISBE*, vol. 1, p. 431; veja também L. Yaure, "Elymas – Nehelamite – Pethor", *JBL* 79 (1960): 297-314.

como expressão de cortesia a Sérgio Paulo. O apóstolo Paulo, como cidadão romano, já tinha outros dois, senão três nomes. (Os cidadãos romanos tinham, em geral, três nomes; por exemplo, Quintus Sergius Paulus.) E Paulo usava seu nome grego mesmo antes de Sérgio Paulo se tornar um crente.[18]

Em terceiro, apesar de Paulo ter recebido o Espírito Santo quando Ananias lhe impôs as mãos (9.17) e fora enviado pelo Espírito Santo (v. 4), essa é a primeira declaração explícita de que ele está cheio do Espírito.

E, por fim, capacitado pela presença do Espírito Santo, Paulo amaldiçoou Elimas com cegueira, e dessa forma manifestou sua autoridade apostólica. De passagem, chamamos a atenção ao paralelo entre os dois apóstolos: Pedro repreendendo Simão, o mágico (8.20-23), e Paulo amaldiçoando Elimas.

d. "Paulo ... disse: 'Você está cheio de engano e malícia, seu filho do diabo'." Ao acusar Elimas na frente de Sérgio Paulo, Paulo despejou uma explosão verbal. Ele chamou Elimas de "filho do diabo" (comparar com Jo 8.44) em vez de "filho de Jesus" (Barjesus). Paulo estava cheio do Espírito Santo, porém Elimas estava cheio de engano e malícia.[19] Paulo representava Jesus Cristo e Elimas representava o diabo. Portanto, em seu combate espiritual, o apóstolo se dirigiu diretamente a Elimas e indiretamente a Satanás: "Seu filho do diabo, cheio de engano e malícia". Em Atos, Lucas se refere duas vezes a Satanás (5.3; 26.18) e uma vez ao diabo (13.10).

Paulo não poderia ser mais explícito em sua acusação. Segundo ele, Elimas praticava engano e maldade no mais alto grau. O apóstolo continuou e esbravejou: "Seu inimigo de toda a justiça. Ele considerava Elimas um servo de Satanás, e portanto, um inimigo. Que tipo de inimigo era Elimas? Esse falso profeta havia se colocado contra tudo o que era reto, justo e verdadeiro. Estava ativa e persistentemente pervertendo "os retos caminhos do Senhor". Pela Escritura do Antigo Testamento, Elimas sabia que os caminhos de Deus são perfeitos, retos e

18. Comparar com Colin J. Hemer, "The Name of Paul", *TynB* 36 (1985): 179-83.

19. F. W. Grosheide, *De Handelingen der Apostelen*, serie Kommentaar op het Nieuwe Testament, 2 vols. (Amsterdã: Van Bottenburg, 1942), vol. 1, p. 411.

justos.[20] Porém ele se opunha implacavelmente aos ensinamentos do Senhor. Para Elimas, o termo *Senhor* significava o Senhor Deus de Israel. E este Deus, a quem ele se opunha pessoalmente, o castigou com cegueira temporária. Paulo repreendeu o mágico e disse:

e. "E agora a mão do Senhor está contra você. Você vai ficar cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo." Note-se, em primeiro lugar, que não é Paulo, e sim o Senhor, quem puniu Elimas por sua ostensiva oposição ao ensino do evangelho. Com sua mão, o Senhor coloca limites (Jz 2.15; 1Sm 12.15). Em segundo lugar, o Senhor estendeu sua graça e misericórdia a Elimas dizendo-lhe que seu castigo seria apenas temporário. E terceiro, Deus afligiu o mágico com o castigo da cegueira que o fez viver em confinamento. Paulo podia se identificar com essa condição; durante seu estado de cegueira física, sua cegueira espiritual fora removida de forma que ele pôde compreender os propósitos de Deus (9.8-18).

11b. Imediatamente uma névoa de escuridão caiu sobre ele, e saiu procurando alguém para conduzi-lo pela mão. 12. Quando o procônsul viu o que acontecera, ele creu e ficou pasmo com o ensino do Senhor.

Que quadro deplorável ver o mágico Elimas tropeçando ao redor, sem poder enxergar, e ouvi-lo pedir às pessoas que o levassem pela mão de um lugar para outro. No desacordo veemente entre Paulo e Elimas, o apóstolo triunfou ao passo que seu opositor tateava na escuridão. O pronto castigo divino que desceu sobre Elimas deixou perplexo o procônsul, que percebeu ser Paulo o verdadeiro profeta do Senhor, e Elimas o embusteiro.

Sempre que o Novo Testamento revela que Deus realiza um milagre, o resultado é que as pessoas se voltam a ele em fé. Por exemplo, Pedro curou o coxo no portão do templo e numerosos adoradores creram em Jesus (3.6; 4.4). Quando Deus feriu Elimas com cegueira, levou Sérgio Paulo à fé em Cristo. Não nos é dito se Elimas se arrependeu e creu. Mas Sérgio Paulo, liberto dos laços com os quais Elimas o prendera, agora cria no ensino do evangelho de Cristo, do qual lhe havia sido dito anteriormente para duvidar.[21]

20. Veja Deuteronômio 32.4; 2 Samuel 22.31; Salmo 18.30; Oséias 14.9.
21. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 361.

Considerações Doutrinárias em 13.4-12

"A fé vem pelo ouvir, e o ouvir vem pela palavra de Cristo", escreve Paulo (Rm 10.17). Lucas revela que as pessoas aceitam a Cristo quando ouvem seu evangelho. Os samaritanos crêem quando Filipe lhes proclama as boas-novas (8.12). Filipe ensina o eunuco etíope, que segue seu caminho se regozijando (8.39). Cornélio e sua casa ouvem de Pedro o evangelho e recebem o dom do Espírito Santo (10.44). E Sérgio Paulo vê o que acontece a Elimas e crê. Lucas acrescenta que ele continuava maravilhado com os ensinamentos do evangelho de Cristo; entretanto, não temos nenhuma razão para duvidar da genuinidade de sua fé.[22] Nada mais é dito acerca desse oficial romano que, ao terminar seu mandato no cargo, deixaria Chipre. Sérgio Paulo serve como marca de aprovação do Espírito Santo sobre o propósito missionário da igreja de proclamar as boas-novas ao mundo greco-romano.

Palavras, Frases e construções em Grego em 13.10

ὦ – uma interjeição que expressa emoção. Ela prefacia um anúncio do iminente juízo divino: o castigo de cegueira temporária. Junto com os vocativos υἱέ (filho) e ἐχθρέ (inimigo) que a acompanham, a partícula é intensamente pessoal.[23]

οὐ παύσῃ a segunda pessoa do singular do futuro do indicativo do verbo παύομαι (eu paro) é seguida do particípio ativo presente διαστρέφων (pervertendo). A frase é quase um imperativo e certamente expressa um desejo: "Você não vai parar de perverter?"[24]

B. Antioquia da Pisídia

13.13-52

Vemos um interessante desenrolar na rota que Paulo e Barnabé tomam na primeira viagem missionária. Porque Barnabé nasceu e foi criado na ilha de Chipre, os viajantes visitam Chipre primeiro. Mas depois de terem cruzado a ilha de leste a oeste, embarcam num navio e navegam para a Ásia Menor, o lugar de nascimento de Paulo. E apesar

22. Vários estudiosos duvidam que Sérgio Paulo tenha tido uma conversão verdadeira. Veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 147.

23. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 146.1.

24. Robertson, *Grammar*, p. 874.

de não visitarem Tarso, sua cidade natal, aportam em Perge, na Panfília, viajam na direção norte até Antioquia da Pisídia, e dali finalmente vão para Icônio, Listra e Derbe, onde organizam igrejas. Essas igrejas, localizadas no coração da província romana da Galácia, receberam uma carta de Paulo, conhecida como a Epístola aos Gálatas.

Durante os dois últimos séculos, alguns estudiosos têm sustentado que em sua terceira viagem missionária, Paulo viajou pelo norte da Galácia em sua ida para Éfeso (18.23). Esses estudiosos consideram que a Epístola aos Gálatas foi dirigida a congregações do norte da Galácia. Mas não temos evidência alguma de que Paulo tenha visitado áreas na parte norte dessa província, de modo que são formidáveis as objeções a essa teoria (chamada de a teoria da Galácia do norte). Assim sendo, somos inclinados a defender o que é denominado teoria da Galácia do sul. Consideramos as igrejas fundadas por Paulo durante sua primeira viagem missionária com sendo as destinatárias de sua Epístola aos Gálatas.[25]

1. *Convite*

13.13-15

13. Paulo e seus companheiros partiram de Pafos por mar e foram a Perge na Panfília, onde João os deixou e retornou a Jerusalém.

Deparamos com dois problemas nesse texto:

a. *Local* – Paulo, Barnabé e Marcos decidiram deixar Pafos em Chipre, embarcar num navio e navegar rumo noroeste em direção à Ásia Menor. Para ser exato, eles singraram para Perge, uma das principais cidades na província costeira da Panfília. Paulo e seus companheiros sem dúvida conheciam alguns judeus da Panfília que tinham ouvido o sermão de Pedro no Pentecoste em Jerusalém (2.10) e haviam levado o evangelho à sua província de origem. Essa província, limitando-se com a Cilícia a leste, com Lícia a oeste, e com a Pisídia e as Montanhas Taurus ao norte, possuía campos férteis ao longo da costa

25. Uma discussão completa a respeito das teorias da Galácia do norte e do sul é apresentada por Herman N. Ridderbos, "Galatians, Epistle to the", *ISBE*, vol. 2, pp. 380-81; e por William Hendriksen, *Exposition of Galatians*, série New Testament Commentary (Grand Rapids: Baker, 1968), pp. 5-14.

do Mediterrâneo. O Rio Cestro fluía das montanhas para o mar e fornecia água para as planícies agrícolas ao longo de suas margens. "A terra era rica em frutos e grãos, e era um centro de produtos farmacêuticos."[26] Perge era localizada um pouquinho no interior e a uma curta distância do Rio Cestro.

Paulo e seus colegas não organizaram uma igreja em Perge, embora tivessem proclamado ali o evangelho em seu retorno da Antioquia da Pisídia (14.25). Paulo e Barnabé, em lugar disso, foram para o interior e pregaram as boas-novas aos gálatas na Pisídia. William M. Ramsay propôs que em Perge, Paulo ficou doente com malária, e assim foi para um clima mais ameno na altitude mais elevada da Antioquia da Pisídia,[27] pois o apóstolo faz referência a estar enfermo quando foi até os gálatas pela primeira vez (Gl 4.13; e comparar com 2Co 12.7). Mesmo se adotarmos a sugestão de Ramsey, deparamos ainda com um segundo problema. Por que João Marcos deixou Paulo e Barnabé em Perge e voltou para Jerusalém?

b. *Retorno* – Mais uma vez, o texto é obscuro. Talvez por ser a informação concernente ao seu amigo Marcos, Lucas se cala. Os estudiosos têm especulado a respeito de Marcos estar sentindo saudades de casa, dos perigos da viagem pelas regiões montanhosas da Panfília e Pisídia (veja 2Co 11.26), da insegurança da jornada em território desconhecido por Marcos, e sobre sua possível objeção em se pregar o evangelho principalmente aos gentios.

Se examinarmos, de forma compreensiva, os capítulos 13 e 14, notaremos que a ênfase recai na proclamação do evangelho de Cristo aos gentios. Quando Paulo e Barnabé foram rejeitados pelos judeus em Antioquia da Pisídia, eles anunciaram que se voltariam para os gentios (13.46; veja também 14.27).[28] Esse propósito passou a ser objetável a Marcos, que se despediu dos missionários e retornou a Jerusalém. Pressupomos que ali ele tenha relatado que a preocupação dominante de Paulo era converter os gentios à fé cristã. Algum tempo mais tarde, quando Barnabé queria levar Marcos junto numa outra viagem missio-

26. E. A. Judge, "Pamphylia", *ISBE*, vol. 3, p. 650.

27. William M. Ramsey, *St. Paul the Traveler and the Roman Citizen* (1897; reedição, Grand Rapids: Baker, 1962), pp. 89-97.

28. Consultar Dupont, *Nouvelles Etúdes*, p. 344.

nária, rompeu sua amizade com Paulo. Por Marcos haver abandonado os missionários na Panfília, Paulo se recusou em tê-lo como parceiro (15.37-39). O rompimento das relações entre Paulo e Barnabé pode ser mais bem explicado se a desistência de Marcos tiver sido causada por sua oposição a que se pregasse aos gentios.[29]

14. Mas prosseguindo de Perge, chegaram a Antioquia da Pisídia. No sábado entraram na sinagoga e se assentaram. 15. Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os oficiais da sinagoga lhes mandaram esta mensagem: "Homens e irmãos, se vocês têm alguma palavra de exortação para o povo, por favor, falem".

Lucas relata apenas que os missionários continuaram sua jornada de Perge até a Antioquia da Pisídia. Porém sabemos que eles tiveram de viajar por muitos dias, seguindo o Rio Cestro, e subir a uma altitude de 1.100 metros. Além disso, a rota era perigosa porque os bandidos locais atacavam os viajantes nas passagens estreitas das montanhas (comparar com 2Co 11.26). Os missionários entraram num território que os romanos chamavam de Província da Galácia. Na parte sul dessa província, os romanos haviam fundado uma colônia em Antioquia (25 a.C.).

O nome *Antioquia* era comum a muitas cidades do mundo antigo que haviam sido fundadas ou pelo governante sírio Selêuco Nicator (301-281 a.C.) ou por seu filho Antíoco I. Lucas escreve que Paulo e Barnabé foram a Antioquia da Pisídia e dessa forma a distingue da Antioquia na Síria. Antioquia da Pisídia, localizada na margem direita do Rio Antios,[30] ficava na parte centro-noroeste da Ásia Menor (Turquia de hoje). A cidade era lar para numerosos gregos, frígios, romanos e judeus. Os judeus haviam sido levados para ali pelos selêucidas no século 3º antes de Cristo. A população judaica tinha construído uma sinagoga e familiarizado os gentios com os ensinamentos da Escritura do Antigo Testamento.

Ademais, a sinagoga na dispersão servia de centro de ensino, fonte de ajuda para as necessidades da comunidade, local de reuniões e corte

29. Richard N. Longenecker, *The Acts of the Apostles*, no vol. 9 do *The Expositor's Bible Commentary*, org. por Frank E. Gaebelein, 12 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 421.

30. Bastiaan Van Elderen, "Antioch (Pisidian)", *ISBE*, vol. 1, p. 142; Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, org. por Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989), pp. 201, 228.

de justiça. As sinagogas passaram a fazer parte da vida pública das comunidades gentias. Numerosos gentios freqüentavam os cultos na sinagoga local, observavam a lei judaica e criam em Deus. Mas alguns deles, por causa de sua recusa em ser circuncidados, eram chamados de tementes a Deus. Conseqüentemente, pelo menos quatro grupos de pessoas cultuavam juntos aos sábados: judeus nascidos na dispersão ou em Israel, convertidos ao judaísmo, tementes a Deus e gentios que demonstravam interesse, mas não tinham assumido um compromisso.

Depois que os missionários chegaram a Antioquia da Pisídia, eles entraram na sinagoga no sábado seguinte. Sentaram-se e esperaram receber das pessoas as boas-vindas ao culto. Lucas escreve que era costume de Paulo ir às sinagogas locais e ensinar a Escritura.[31]

Lucas descreve a liturgia do culto do sábado. Relata que a Lei e os Profetas foram lidos, isto é, eram designados membros da congregação na dispersão para lerem porções da Escritura do Antigo Testamento na tradução grega (a Septuaginta). Naturalmente, as outras partes da liturgia constavam da recitação do Shema (Dt 6.4-9; 11.13-21; veja ainda Nm 15.37-41), oração, um sermão e uma bênção final. A parte importante do culto era sempre o sermão.[32]

Os chefes da sinagoga convidaram Paulo e Barnabé a darem às pessoas "uma palavra de exortação". Esses chefes eram os encarregados e muitas vezes participavam nas várias partes da liturgia. Eles receberam os visitantes e esperavam que ou Paulo ou Barnabé aceitassem o convite para pregar um sermão. Na sinagoga local, regularmente pedia-se aos visitantes que falassem.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.13-15

Versículo 13

ἀναχθέντες – de ἀνάγω (eu conduzo), no aoristo passivo este particípio é um termo náutico que indica "fazer-se à vela".

---

31. Veja versículos 5; 14.1; 17.1, 2, 10, 17; 18.4, 19, 26; 19.8.

32. Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C.-A.D. 135)*, rev. e org. por Geza Vermes e Fergus Millar, 3 vols. (Edimburgo: Clark, 1973-87), vol. 2, p. 448. Consular também Robert F. O'Toole, "Christ's Resurrection in Acts 13, 13-52", *Bib* 60 (1979): 361-72.

οἱ περὶ Παῦλον – esta é uma clássica expressão idiomática que quer dizer "Paulo e seus companheiros".[33]

Versículos 14,15

σαββάτων – a forma plural deriva da expressão idiomática hebraica *shemain* (céus) mas é traduzida no singular.

ἀνάγνωσιν – vindo do verbo ἀναγινώσκω (eu leio), este substantivo tem a terminação - σις para indicar a atividade de ler a Escritura.

---

2. *Apanhado do Antigo Testamento*

13.16-22

Paulo teve a oportunidade de fazer um apanhado da Escritura do Antigo Testamento e mostrar que Jesus Cristo de Nazaré cumprira as profecias messiânicas. Ele se dirigiu a uma platéia mista, da qual os gentios tementes a Deus se tornaram não apenas ouvintes, mas também seguidores de Cristo. Essas pessoas perceberam que a fé cristã era baseada na Escritura do Antigo Testamento, porém estava livre das demandas que os judeus lhes impunham.

16. Paulo se colocou em pé fazendo sinal com a mão e disse: "Homens de Israel e vocês que temem a Deus, ouçam-me!"

Os cultos nas sinagogas locais eram marcados por barulho desmedido, especialmente durante algum pequeno intervalo. Homens e mulheres aproveitavam a oportunidade para trocar notícias e opiniões; eram prontos para expressar seus gostos e desgostos. Quando os chefes da sinagoga enviaram um recado a Paulo e Barnabé, que presumivelmente ocupavam assentos longe da frente, os participantes do culto se achavam engajados em conversa animada. Eles se reuniam não somente para adorar a Deus; também usavam a sinagoga como local de reuniões informais. Conseqüentemente, quando Paulo aceitou o convite para dizer "uma palavra de exortação", ele teve de pedir a atenção de todos, e o fez segundo o costume da época. Fez um sinal com a mão e dessa forma pediu ordem no recinto (veja também 12.17; 19.33; 21.40; 26.1).

Lucas optou por registrar o sermão que Paulo pregou a um público de judeus e gentios em Antioquia da Pisídia. Em forma de sumário,

---

33. Robertson, *Grammar*, p. 766.

este sermão é do tipo que Paulo pregou por toda a Ásia Menor, Macedônia e Grécia (veja 14.15-17; 17.22-31). E mais, em muitos aspectos, o sermão se parece com os que Pedro pregou no Pentecoste (2.14-36) e no Pórtico de Salomão (3.12-26), e ao que Estêvão pregou perante o Sinédrio (7.2-53). O sermão de Paulo em Antioquia da Pisídia consiste de três partes: um apanhado da história de Israel; vida, morte e ressurreição de Jesus; e a aplicação da mensagem do evangelho.

Em seu Evangelho e em Atos, Lucas descreve dois cultos em sinagogas. Em um, Jesus se assenta para pregar (Lc 4.20), e no outro, Paulo se coloca em pé quando profere seu sermão (At 13.16). A diferença provém de duas culturas separadas: nas sinagogas de Israel o mestre ficava sentado e nas da dispersão ele ficava em pé.

Paulo inicia seu discurso com as sobejamente conhecidas palavras: "Homens de Israel e vocês que temem a Deus". Note-se que ele se dirige primeiro aos judeus e depois aos gentios. Estes são os tementes a Deus que, de boa vontade, dão ouvidos ao que Paulo tem a dizer. Entre eles se encontram muitas proeminentes senhoras gentias (v. 50).

17. "O Deus desta nação de Israel escolheu nossos pais e tornou o povo grande durante sua permanência na terra do Egito. Com braço estendido ele os conduziu para fora de lá. 18. Suportou-os durante cerca de quarenta anos no deserto. 19. Ele destruiu sete nações na terra de Canaã e repartiu a terra delas como herança. 20a Tudo isso levou cerca de quatrocentos e cinqüenta anos."

a. "O Deus desta nação de Israel." À semelhança de Estêvão diante do Sinédrio, Paulo começa seu sermão tecendo um apanhado histórico da Nação de Israel. Em suas palavras de abertura, ele declara primeiro que Deus é o Deus de Israel. De fato, Paulo especifica que Deus chama o povo de Israel de povo seu – nesse caso, os que o adoram na sinagoga local de Antioquia da Pisídia (veja v. 15).

A seguir, o apóstolo declara que "Deus ... escolheu nossos pais". É Deus quem faz a escolha, e não o homem. E ele escolhera os pais, isto é, os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (veja Dt 4.37; 10.15). A graça da eleição de Deus se estende ao povo de Israel: "Em sua vontade e seu propósito eternos, *Deus escolheu Israel*, quando Israel nem ainda existia, assim como escolheu Paulo (9.15; 22.14), e assim como pré-orde-

nou Cristo antes da fundação do mundo (Lc 9.35; 23.35; comparar com At 3.20)".[34] Lucas fornece apenas um resumo da saudação de Paulo e passa rapidamente do período dos patriarcas à formação de Israel como nação.

b. "[Ele] tornou o povo grande." Com esse comentário registrado por Lucas, Paulo se refere aos descendentes de Jacó que se tornaram nação enquanto viviam no Egito. Os israelitas eram desprezados pelos egípcios e foram reduzidos a uma vida de escravidão. Mas o próprio Deus proveu livramento para os israelitas oprimidos e os levou a ser uma nação (comparar com, por exemplo, Êx 1.20; 5.5; 33.13; Is 1.2). Deus considerava os israelitas como povo da sua aliança, e fez deles povo importante num país estranho. Ele os tornou numerosos e fortes, fazendo com que prosperassem durante seu tempo de permanência no Egito.

c. "Com braço estendido ele os conduziu para fora de lá." Paulo toma emprestada a linguagem do Antigo Testamento ao falar da poderosa mão ou braço de Deus.[35] Ele emprega o termo *estendido* para mostrar que o braço de Deus era o poder que cobria como um arco e controlava todo e qualquer acontecimento no Egito. Ele tributa glória e honra ao Deus de Israel, que libertou o seu povo do jugo da escravidão e os tirou do Egito por meio de sinais e milagres.

d. "[Deus] suportou-os durante cerca de quarenta anos no deserto." Depois de Deus ter guiado seu povo para fora do Egito, ele continuou a ser seu provedor. Durante quarenta anos, diariamente Deus lhes deu comida na forma de maná (Êx 16.35), lhes supriu de água (Êx 17.6), impediu que suas roupas e sandálias se gastassem (Dt 8.4; 29.5) e os protegeu de inimigos (Êx 17.8-13). Ele carregou seu povo assim como um pai carrega seu filho (Dt 1.31).

Apesar dos milagres, da bondade e do amor do Senhor, os israelitas murmuraram, reclamaram e rejeitaram a Deus. No deserto, por dez vezes eles desobedeceram e testaram o Senhor Deus (Nm 14.22). Todavia, ele continuou a tolerá-los durante quarenta anos. Incidentemen-

34. Rackham, *Acts*, p. 211.

35. Veja Êx 6.1, 6; 13.3; Deuteronômio 4.34; 5.15; 7.8; 9.26, 29; Salmos 77.15; 118.15; 136.12; Ezequiel 20.33.

te, o texto grego traz uma variação em sua versão com a mudança de uma letra no verbo *suportar* (v. 18). Uma versão adotou a seguinte variação: em vez de "suportou-os", a Bíblia de Jerusalém traduz por "cuidou deles".[36]

e. "[Deus] destruiu sete nações na terra de Canaã." Paulo segue estritamente a narrativa do Antigo Testamento e relata que não foram os israelitas, e sim, Deus, quem conquistou Canaã, expropriando e destruindo seus habitantes. As sete nações foram os heteus, girgaseus, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus e jebuseus (Dt 7.1; Js 3.10; 24.11). Nem todos os povos de Canaã foram mortos durante a conquista. Na verdade, Davi finalmente destruiu os jebuseus quando conquistou Jerusalém e fez dela a Cidade de Davi (2Sm 5.6,7; 1Cr 11.4-8).

f. "[Deus] repartiu a terra delas como herança." Paulo faz referência ao cumprimento da promessa de Deus a Abraão (Gn 15.18-21) de dar a terra aos seus descendentes por causa da aliança que fizera com o patriarca. Séculos mais tarde, quando a conquista havia sido completada, Josué distribuiu a terra prometida entre os israelitas, tribo por tribo (Js 14-21). A terra de Canaã passou a ser a herança sagrada de Israel, povo de Deus.

g. "Tudo isso levou cerca de quatrocentos e cinqüenta anos." Paulo se aventura a fornecer um número redondo para o período que começa com Jacó e seus filhos entrando no Egito e termina com os israelitas recebendo sua herança em Canaã. Deus disse a Abraão que sua descendência seria oprimida numa terra estrangeira por quatrocentos anos (Gn 15.13). Acrescente-se a esse número os quarenta anos que os israelitas passaram no deserto, faculte-se mais dez anos para a conquista de Canaã; chega-se ao total de 450 anos.

No entanto, a fraseologia desse texto (vs. 19b-20a) pode ser traduzida de maneiras variadas:

> Depois disso, ele lhes deu juízes durante cerca de quatrocentos e cinqüenta anos, até Samuel, o profeta. [v. 20][37]

---

36. A variação deriva do texto de Deuteronômio 1.31 da Septuaginta. Veja comentários em Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, pp. 622-25; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 149.

37. NKJV; e veja KJV.

> Ele deu-lhes sua terra como herança, durante cerca de quatrocentos e cinqüenta anos. E depois disso, ele lhes deu juízes até Samuel, o profeta. [vs. 19b-20a][38]

No texto grego não aparece divisões em parágrafos; logo, os tradutores têm de determinar onde um versículo termina e o outro começa. Se optarmos pela primeira tradução, temos de contar o número total de anos (410) que os juízes governaram Israel. Se acrescentarmos a este número os quarenta anos que o sacerdote Eli governou, o total é 450. Mas 1 Reis 6.1 fala de 480 anos do êxodo ao quarto ano do reinado de Salomão. Além do mais, Josefo calcula em 592 anos o período do êxodo até a construção do templo.[39] Em resumo, deparamos com uma confusa ordem de números. Fazemos bem em interpretar os 450 como um número redondo e aplicá-lo à estada de Israel no Egito, à jornada no deserto e à conquista de Canaã. Por isso, suspeitamos que Paulo começa a contar a partir do tempo em que Israel se tornou uma nação.

20b. "Depois dessas coisas, Deus lhes deu juízes até o tempo de Samuel, o profeta. 21. Então, eles pediram um rei, e Deus lhes deu Saul, filho de Quis, um homem da tribo de Benjamim, por quarenta anos."

Apesar da desobediência de Israel, Deus continuou a prover direção espiritual para o povo (Jz 2.16). Essa orientação espiritual veio de seis juízes menores (Sangar, Tola, Jair, Ibsã, Elom e Abdom) e seis juízes maiores (Otniel, Eúde, Débora, Gideão, Jefté e Sansão). Por ter feito com eles uma aliança, Deus mantém sua promessa de cuidar do seu povo.

Paulo menciona Samuel pelo nome, mas o chama de profeta. Para ser exato, Deus chamou Samuel para servi-lo como sacerdote e profeta (1Sm 2.35; 3.20), mas o comissionou para ser o profeta que servisse de ponte, por assim dizer, no período transicional entre os juízes e os reis de Israel. Samuel teve de ser o líder dos israelitas, que rejeitaram Deus como o seu Rei e pediram um rei humano.[40] Deus instruiu Samuel a

38. RSV; veja ainda NASB, NAB, NEB, SEB, BJ, GNB, MLB.

39. Josefo, *Antiquities* 8.3.1 [61]. Consultar Eugene H. Merrill, "Paul's Use of 'About 450 Years' in Acts 13.20", *BS* 138 (1981); 246-57.

40. Veja Deuteronômio 17.14-17; 1 Samuel 8.6,7; 10.19; 12.17,19.

ouvir o pedido do povo, mesmo tendo os israelitas pecado, quebrando assim a aliança com o Senhor.

Deus nomeou Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, para que fosse o rei de Israel. (Observe-se as referências pessoais: *Saul[o]*, o nome hebraico de Paulo, e a tribo de Benjamim, à qual Paulo pertencia [veja Rm 11.1; Fp 3.5].) Paulo diz que o rei Saul governou durante quarenta anos. Sabemos, não pelo Antigo Testamento, mas por Josefo, que Saul foi rei durante dezoito anos enquanto Samuel ainda era vivo, e por mais 22 anos depois da morte do profeta.[41] Porém é incerta a informação concernente à idade de Saul e a duração de seu reinado (1Sm 13.1). John Albert Bengel sugere que "os anos de Samuel, *o profeta* e os de Saul, *o rei* [sejam] combinados numa única soma: pois entre a unção do rei Saul e sua morte não se passaram *vinte* anos, muito menos *quarenta*: 1 Samuel 7.2".[42]

22. "Depois de tê-lo removido, Deus suscitou Davi para ser o rei deles. Concernente a ele Deus testificou: 'Encontrei Davi, o filho de Jessé, um homem segundo o meu coração, que fará tudo o que eu desejar'. "

Quando Saul rejeitou as instruções de Deus e se colocou acima da lei, o Senhor o rejeitou. Samuel disse a Saul:

> Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar. Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei. [1Sm 15.23]

Saul perdeu seu reinado e a possibilidade de fundar uma dinastia. Nenhum de seus filhos jamais ocuparia o trono. Deus orientou Samuel a ir a Jessé, em Belém, e ungir Davi rei sobre Israel (1Sm 16.1,13), o que levou ao cumprimento da profecia de Jacó que o cetro não se apartaria de Judá (Gn 49.10).[43] Não foi Saul, um descendente de Benjamim, mas Davi, um natural de Belém, localizada dentro do território da tribo de Judá, o precursor do Rei messiânico.

---

41. Josefo, *Antiquities* 6.14.9 [378]. Mas em contraste, veja 10.8.4 [143], que declara que Saul reinou durante vinte anos.

42. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. 2, p. 628. E veja- SB, vol. 2, p. 725.

43. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 367.

Apesar de Samuel e o salmista Etã, o ezraíta, terem dito palavras referentes a Davi, Paulo atribui essas palavras a Deus e diz que o Senhor testificou a respeito de Davi (1Sm 13.14; Sl 89.20). Deus disse: "Encontrei Davi, o filho de Jessé, um homem segundo o meu coração, que fará tudo o que eu desejar". O verbo *testificar* significa que Deus falou favoravelmente acerca de Davi. Todavia, ele pecou gravemente contra Deus e seu próximo quando cometeu adultério com Bate-Seba e ordenou que seu marido Urias fosse morto numa batalha. Davi, entretanto, buscou sinceramente a remissão e a purificação (Sl 51). Deus ouviu o seu clamor, aceitou sua confissão e o restaurou. Davi mostrou que estava disposto a obedecer aos mandamentos de Deus e que era um homem segundo o coração do próprio Deus.

Considerações Doutrinárias em 13.22

Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, pois por intermédio da Escritura, Deus se revela e se comunica conosco. Damo-nos conta de que, apesar de serem autores humanos aqueles que escreveram os livros do Antigo e do Novo Testamentos, suas palavras são, com certeza, a Palavra de Deus. Paulo nos diz que cada palavra na Escritura é revelada por Deus (2Tm 3.16), e Pedro escreve que os autores humanos falaram da parte de Deus e foram movidos pelo Espírito Santo (2Pe 1.21). Conseqüentemente, asseveramos que a Escritura ensina a doutrina da inspiração.

Como os autores do Novo Testamento vêem os do Antigo? Eles têm uma elevada concepção da Escritura, pois nesses livros eles ouvem a voz, não de homens, mas de Deus. Embora citem passagens nas quais o homem é o orador, eles atribuem as palavras a Deus, e não ao homem.

O autor da Epístola aos Hebreus não atribui as palavras "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei" (Sl 2.7) ao salmista, porém a Deus (Hb 1.5). As linhas do salmo de Davi "A meus irmãos declararei o teu nome; cantar-te-ei louvores no meio da congregação" (Sl 22.22), são palavras de Jesus (Hb 2.12). E a advertência do salmista contra a incredulidade "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração ..." (Sl 95.7-11) são introduzidas pela frase *diz o Espírito Santo* (Hb 3.7). O autor de Hebreus trata as palavras escritas por homens como palavras ditas por Deus.[44]

44. Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1981), p. 974.

O que a Escritura do Antigo Testamento comunica não é a voz de homens, mas a voz de Deus. Por essa razão, Paulo identifica as palavras da Escritura com a voz de Deus. Por exemplo, as palavras iradas que Sara disse a Abraão em relação a Hagar – "Rejeita essa escrava" (Gn 21.10) – são atribuídas a Deus na discussão de Paulo a respeito dos papéis de Hagar e Sara (Gl 4.30). De igual modo, Paulo atribui a Deus a condenação que Samuel faz ao Rei Saul, como se Deus tivesse se dirigido pessoalmente ao rei (1Sm 13.14). Enfim, os autores do Novo Testamento demonstram que eles consideram a Escritura como divinamente inspirada e tendo plena autoridade, porque o próprio Deus é aquele que fala.

Deus escreve com uma caneta
que nunca borra,
Fala numa língua
que nunca tropeça,
Age com uma mão
que nunca falha.
– Charles Haddon Spurgeon

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.16-22

Versículo 16

οἱ φοβούμενοι – o particípio presente médio articular é dependente do pronome pessoal inferido ὑμεῖς (vocês que temem a Deus).

Versículo 18

χρόνον – aqui está o acusativo de extensão de tempo: "por um período de tempo".

ἐτροποφόρησεν – este verbo ("ele os suportou") tem apoio de manuscrito igual ao da tradução fraseio ἐτροφοφόρησεν (ele cuidou deles). Esta última aparece no texto de Deuteronômio 1.31 da Septuaginta. Os tradutores aplicam a regra de que a tradução mais difícil é a melhor. Quer dizer, acomodar-se ao texto da Septuaginta é mais fácil de explicar do que divergir dele. Conseqüentemente, é preferível a tradução *ele os suportou*.[45]

---

45. Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 3ª ed. corrigida (Londres e Nova York: United Bible Societies, 1975), pp. 405-6. Veja ainda R. Gordon, "Targumic Parallels to Acts XIII 18 and Didache XIV 3", *NovT* 16 (1974): 285-89.

Versículos 19,20a

κατεκληρονόμησεν – este verbo tem um sentido causal: "[Deus] fez com que eles herdassem".

ἔτεσιν – apesar de que o grego clássico traria o caso acusativo (acusativo de extensão), o grego coiné emprega o dativo de tempo para expressar duração.

Versículo 22

μεταστήσας – do verbo μεθίστημι (eu removo), este particípio aoristo ativo pode se referir tanto à deposição de Saul quanto à sua morte.

εἰς βασιλέα – esta construção é o predicado acusativo que significa "ser um rei para eles".

πάντα τὰ θελήματά μου – o substantivo plural é empregado de maneira idiomática e significa "tudo o que eu desejar".[46]

---

3. A Vinda de Jesus

13.23-25

Depois de fornecer um breve apanhado histórico da Escritura do Antigo Testamento, Paulo vai mostrar seu cumprimento em Jesus. Ele está pronto para salientar que Deus cumpriu, por meio de Jesus Cristo, a promessa da vinda do Messias.

23. "Dos descendentes deste homem, Deus trouxe a Israel um salvador, Jesus, segundo a promessa."

Fazemos as seguintes observações:

a. *Linhagem* – Jesus descendeu da linhagem real de Davi, verdade que Mateus mostra claramente na genealogia de Jesus (Mt 1.1-17). Cristo certamente cumpriu a Escritura que previra a descendência real do Messias (Mq 5.2; Mt 2.5,6; Lc 2.4; Jo 7.42). Quando o anjo Gabriel anunciou a concepção e o nascimento a Maria, disse a ela que Deus daria a Jesus o trono real de Davi. E mais, ele disse que o reino de Jesus jamais teria fim (Lc 1.32,33; comparar com 2Sm 7.12,13; 22.51;

46. A cláusula *tudo o que eu desejar* é uma paráfrase de "segundo o meu próprio coração" (veja 1Sm 13.14). Consultar F. F. Bruce, "Paul's Use of the Old Testament in Acts", *in Tradition and Interpretation in the New Testament*, org. por Gerald F. Hawthorne (Grand Rapids: Eerdmans; Tübingen: Mohr, 1987), p. 72.

1Cr 17.11-14; Sl 132.11,12). "A lógica das genealogias de Mateus e Lucas é a convicção de que a linhagem de Jesus é demonstravelmente davídica ".[47]

b. *Promessa* – Deus prometeu ao povo de Israel que lhes daria um salvador. Assim, ele trouxe Jesus ao mundo a fim de cumprir a promessa que fizera ao seu povo. Algumas passagens do Antigo Testamento indicam que Deus certamente traria o Redentor, o Santo de Israel, para estar com o seu povo (Is 48.15-17). Ilustrando, Deus disse ao sumo sacerdote Josué e a seus companheiros também sacerdotes: "Eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo" (Zc 3.8).

c. *Função* – Em Antioquia da Pisídia, Paulo informa sua platéia que o salvador prometido por Deus viera na pessoa de Jesus. Seus ouvintes aplicavam a palavra *salvador* (libertador) aos juízes que governaram Israel (por exemplo, Jz 3.9,15); a Deus, que a seu tempo conduzira o povo para fora do exílio (veja Is 45.15); e à vinda do Messias que, segundo a opinião popular, libertaria Israel do governo estrangeiro. Mas Paulo proclama Jesus como o Salvador que redime o seu povo dos grilhões do pecado (veja Mt 1.21), Aquele a quem Deus nomeou e preparou para salvar o seu povo.[48] Ao designar Jesus como Salvador, Paulo tira a possibilidade de se enxergar Jesus como um libertador político.

24. "Antes de Jesus vir, João pregava um batismo de arrependimento a todo o povo de Israel. 25. Enquanto João completava seu trabalho, ele dizia repetidas vezes: 'Quem vocês imaginam que sou? Eu não sou o Cristo. Não, mas alguém está vindo depois de mim cuja sandália não sou digno de desatar'. "

a. "Antes de Jesus vir, João pregava." João Batista era aparentemente conhecido entre os judeus e tementes a Deus na Palestina e na dispersão. Pedro se referiu a ele em seu sermão a Cornélio e sua família; discípulos de João Batista residiam em Éfeso (19.1-6); e em seu sermão, Paulo observa que João, o precursor de Jesus de Nazaré, pregava uma mensagem de arrependimento e batismo. João Batista pro-

47. Richard N. Longenecker, *The Christology of Early Jewish Christianity*, Studies in Biblical Theology, série 2ª 17 (Londres: SCM, 1970), p. 110. Veja também Otto Glombitza, "Akta xiii. 15-41. Analyse einer Lukanischen Predigt vor Juden", *NTS* 5 (1959): 306-17.

48. Johannes Schneider e Colin Brown, *NIDNTT*, vol. 3, p. 219.

clamou essa mensagem a todo Israel: aos fariseus e saduceus, às multidões, aos cobradores de impostos e soldados, e até mesmo a Herodes Antipas (Mt 3.7-12; Lc 3.7-20).

Quando João pregava a mensagem de arrependimento e encontrava um público receptivo, ele batizava o povo. Seu batismo diferia das lavagens dos judeus, pois o arrependimento do pecado era pré-requisito ao ritual do batismo. Josefo fornece uma breve descrição do ponto de vista de João Batista e declara que "ele exortara os judeus a levarem uma vida reta, a praticarem justiça para com seu próximo e piedade para com Deus, e assim fazendo, unirem-se ao batismo. A seu ver, isso era uma preliminar para que o batismo fosse aceitável a Deus".[49]

b. "Enquanto João completava seu trabalho." Paulo dá a entender que a tarefa de João era apenas temporária; com a chegada de Jesus, terminava o trabalho de João Batista. Mas durante seu breve ministério, ele teve de responder às perguntas que os sacerdotes e levitas lhe faziam em relação à sua pregação desautorizada e ao batismo no Rio Jordão, igualmente não autorizado (Jo 1.19-27).

Os mensageiros enviados pelo Sinédrio pediram a João para se identificar, ao que ele respondeu dizendo: "Quem vocês pensam que eu sou?" Eles queriam saber se João era o Messias, Elias ou o Profeta. A essas indagações João respondeu negativamente. De modo enfático, declarou que ele não era o Cristo. Desviando o mérito de si próprio, disse que não era digno nem mesmo de desatar a sandália daquele que viria depois dele (veja Mc 1.7; Jo 1.27; os judeus usavam a expressão *aquele que virá* para se referir ao Messias [comparar com Mt 11.3]). João descreve o trabalho de um escravo que tirava as sandálias e lavava os pés das pessoas que entravam na casa de seu mestre, e dessa forma indicou que na presença "daquele que virá" ele não se achava nem mesmo no nível de um escravo. Afirmou que Cristo deveria crescer e ele próprio diminuir em importância (Jo 3.30). Da mesma maneira, João identificou como Jesus a pessoa de quem falou, e deu a conhecer que o Messias tinha vindo.

Paulo emprega essas bem conhecidas palavras de João Batista para apresentar Jesus à sua platéia. Ele comunica a notícia de que o anúncio

49. Josefo, *Antiquities* 18.5.2 [117}.

de João acerca da chegada do Messias é verdadeiro, pois ele veio na pessoa de Jesus Cristo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.23-25

Versículos 23,24

τούτου – note-se a posição incomum deste pronome. Por causa do seu lugar no início da sentença, ele indica ênfase.

προκηρύξαντος – junto com o substantivo Ἰωάννου no caso genitivo, este particípio aoristo forma a construção do genitivo absoluto. A preposição πρό no particípio composto é temporal e descreve o tempo antes da vinda de Jesus.

πρὸ προσώπου τῆς εἰσόδου – "antes da face de sua entrada". Aqui está uma circunlocução hebraica que quer dizer "antes de sua vinda".[50]

Versículo 25

τί – o pronome pode ser relativo ("eu não sou *o que* vocês pensam que eu sou", NEB) ou interrogativo ("*O que* vocês imaginam que eu seja?"). Os tradutores preferem o interrogativo.[51]

---

4. *Morte e Ressurreição*

13.26-31

Paulo segue a prática costumária de se dirigir ao público da sinagoga, primeiro como "homens de Israel", e depois, na segunda metade de seu sermão, como "irmãos". Quando Pedro pronunciou o sermão do Pentecoste e o discurso no Pórtico de Salomão, ele seguiu o mesmo costume (2.22,29; 3.12,17). Paulo sabe que sua platéia em Antioquia da Pisídia é diversa e portanto se dirige tanto aos judeus quanto aos gentios.

26. "Homens e irmãos, filhos da família de Abraão, e aqueles entre vocês que temem a Deus, a nós a palavra desta salvação foi enviada."

a. "Homens e irmãos." O tom de voz de Paulo é íntimo porque fala

50. Robertson, *Grammar*, p. 94.

51. Consultar Metzger, *Textual Commentary*, p. 408; C. F. D. Moule, *An Idiom-Book of New Testament Greek*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 1960), p. 124.

a conterrâneos seus. Ele se sente em casa entre os judeus, e em seu desejo é familiarizá-los com Jesus Cristo, ele os chama de "homens e irmãos". Paulo emprega um chavão judeu aceitável. E sua intenção é a de não excluir as mulheres. Sabemos que várias senhoras gentias importantes e tementes a Deus participavam do culto na sinagoga (v. 50).

b. "Filhos da família de Abraão." Os judeus desse auditório reivindicavam Abraão como seu ancestral físico. Todavia, o que Paulo está salientando não é a relação natural deles, porém sua filiação espiritual. Ao colocar a conexão com Abraão em nível espiritual, Paulo pode incluir os crentes que não são de ascendência judaica.

c. "Aqueles entre vocês que temem a Deus." Estes são os gentios que haviam sido evangelizados pela população judaica local. Eles vão à sinagoga a fim de receber instrução na Escritura, mas não consentem em submeter-se à circuncisão. Sua recusa os impede de se tornar convertidos; em vez disso, eles são chamados de "tementes a Deus" (veja v. 16; 10.2,35).[52]

d. "A nós a palavra desta salvação foi enviada." O que une o judeu e o temente a Deus na comunhão conjunta é a busca da salvação que Deus prometeu em sua Palavra. Porque Deus deu a Abraão a promessa extensiva a todos os seus descendentes espirituais, Paulo pode dizer "a *nós*". Logo, o apóstolo se inclui como destinatário da mensagem de salvação que Deus enviou do céu. Qual é essa mensagem? Colocando de forma simples, é o cumprimento da promessa de Deus em seu Filho Jesus. Deus provê salvação por intermédio do único Salvador, a saber, Jesus Cristo, ao judeu e ao gentio que crê (comparar com vs. 16,23).

27. "Aqueles que vivem em Jerusalém e seus governantes não reconheceram Jesus, e, ao condená-lo, eles cumpriram as palavras dos profetas que são lidas todos os sábados."

Paulo se encontra entre os primeiros a admitir que ele fazia parte da elite de Jerusalém, com a qual se opunha energicamente à mensagem de salvação. Ele perseguia os crentes em Jerusalém e na Judéia. Fora até mesmo enviado a Damasco para deter os cristãos dali e entregá-los como prisioneiros às autoridades judaicas em Jerusalém (9.2).

52. Comparar com Max Wilcox, "The 'God-Fearers' in Acts – A Reconsideration", *JSNT* 13 (1981): 102-22; Hemer, *Book of Acts*, p. 183.

Entretanto, Paulo foi convertido no caminho de Damasco, foi chamado por Jesus para ser apóstolo aos gentios, e está agora proclamando o evangelho de salvação tanto aos judeus quanto aos gentios em Antioquia da Pisídia.

a. "Aqueles que vivem em Jerusalém e seus governantes." Paulo enfrenta a dificuldade de se dirigir a um auditório que considera Jerusalém sede da fé judaica, e portanto, honra os líderes religiosos dessa cidade. Ele precisa levar seus ouvintes da posição que ele próprio ocupava enquanto estava associado ao sumo sacerdote de Jerusalém, para a posição de liberdade que ele possui agora em Cristo. As pessoas que habitavam Jerusalém foram as primeiras a rejeitar Jesus e sua mensagem; elas foram influenciadas por seus líderes religiosos, que instaram as multidões a condenar Jesus.

b. "[Eles] não reconheceram Jesus [porém o condenaram]." Como é que Paulo leva sua platéia a aceitar o fato que Jesus é o salvador? Primeiro, ele observa que o povo em Jerusalém agiu em ignorância ao rejeitar o Cristo. Tanto Pedro quanto Paulo testificam desta verdade (3.17; 1Tm 1.13; veja também Lc 23.34; Jo 16.3). O povo judeu não sabia o que estava fazendo. Por outro lado, os habitantes de Jerusalém e os líderes religiosos não podiam esquivar-se da responsabilidade; se eles não tivessem entregado Jesus a Pilatos, o governador romano jamais o teria matado.[53] Pedro, em seus sermões e discursos em Jerusalém, também responsabilizava os judeus pela morte de Jesus dizendo que eles o haviam matado (2.23, 36; 3.14,15; 4.10). Além do mais, a própria Escritura era suficientemente clara.

c. "Eles cumpriram as palavras dos profetas que são lidas todos os sábados." A Escritura era lida nas sinagogas por todo o Israel e na dispersão. Nenhum judeu devoto poderia jamais dizer que ele ignorava as palavras dos profetas. Parte da liturgia de todo culto de sábado era a leitura da Lei e dos Profetas (v. 15; 15.21) com a qual todo judeu se familiarizava. Os profetas previram que o Messias haveria de sofrer, morrer, e ainda assim, ser o salvador de seu povo (veja Is 52.13-53.12). Logo, com base na mensagem profética, Jesus podia ser o salvador

53. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus: Wartburg, 1944), p. 528.

deles, que tivera uma morte vergonhosa, como o substituto deles. Paulo dá a entender que, ao condenar Jesus, os judeus de Jerusalém cumpriram as palavras que os profetas haviam dito em referência ao Messias.

28. "E apesar de não terem encontrado nenhum motivo para execução, eles pediram a Pilatos que ele fosse morto. 29. Quando completaram tudo o que havia sido escrito a respeito dele, eles o desceram da cruz e deitaram-no numa tumba."

Ao pedir a Pilatos para crucificar Jesus de Nazaré, os judeus em Jerusalém cumpriram a Escritura do Antigo Testamento. Leon Morris comenta: "Todo o panorama que se desenrola é cumprimento daquilo que Deus colocara em movimento".[54] Não obstante, Deus responsabiliza os judeus por condenar à morte um homem inocente. Eles tentaram encontrar uma acusação que requeresse a execução de Jesus, mas não conseguiram. Aliás, Pilatos disse, repetidas vezes, que ele não encontrava motivo algum para executar Jesus.[55]

Na colônia romana de Antioquia da Pisídia, Paulo não está atribuindo a culpa pela morte de Jesus aos romanos, mas aos judeus. Ele mostra, propositadamente, que os membros do Sinédrio, a suprema corte de Israel, haviam agido contra suas próprias leis, condenando Jesus e pedindo a Pilatos a pena de morte. Paulo diferencia os judeus de seu auditório dos judeus de Jerusalém, e infere que eles deveriam denunciar a ação tomada pelo Sinédrio, separando-se dos judeus que rejeitam Jesus e sua mensagem. Num sentido, Paulo arriscou tudo, porque seus ouvintes poderiam decidir continuar leais aos líderes religiosos de Jerusalém.

Paulo ressalta que "[os judeus] completaram tudo o que havia sido escrito a respeito dele [Jesus]". Mais uma vez o apóstolo chama a atenção para a Escritura que revela o cumprimento da profecia acerca de Jesus Cristo. Ele mostra que a morte de Jesus fora divinamente ordenada (2.23). Paulo ensina que Jesus veio para cumprir a Escritura que revela a vinda, o sofrimento, a morte e o sepultamento do Messias (comparar com Lc 18.31). E ao se referir duas vezes à Escritura (vs.

54. Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, Academie Books, 1986), p. 175.

55. Mateus 27.23; Lucas 23.4, 14, 22; João 18.38; 19.4, 6.

27,29), Paulo procura convencer seu público de que Jesus de Nazaré é de fato o Messias.

Quando Paulo diz que "eles o desceram [Jesus] da cruz" e colocaram seu corpo num túmulo, ele não está dizendo que as autoridades judaicas tenham feito isso. Pelo contrário, infere que os amigos de Jesus pediram permissão a Pilatos para retirar o corpo da cruz e deitá-lo numa sepultura (Mt 27.57-60; Jo 19.38,39). Esses amigos de Jesus, Nicodemos e José de Arimatéia, eram membros do Sinédrio e líderes religiosos em Jerusalém. Portanto, Paulo está correto ao declarar que eles desceram o corpo da cruz. Deduzimos que seus ouvintes conheciam os detalhes históricos da morte e do sepultamento de Cristo. No original, Paulo emprega a palavra *madeiro* para representar a cruz (veja 5.30). Para o judeu, esse termo se refere à maldição de Deus, colocada sobre todo aquele que for morto e pendurado num poste (Dt 21.23; Gl 3.13).

Como poderia uma pessoa amaldiçoada por Deus ser colocada numa tumba nova e assim, conforme profetizara Isaías, estar com o rico em sua morte (Is 53.9)? Os judeus tinham de reconhecer a mão de Deus no sepultamento de Jesus. Eles tinham de ver que, se Deus fizera Jesus descer ao mais baixo nível de humilhação (sepultamento), ele também removeria a maldição e o exaltaria, ressuscitando-o dentre os mortos.

30. "Mas Deus o levantou dos mortos. 31. Por muitos dias, apareceu àqueles que vieram com ele da Galiléia a Jerusalém. Eles são agora suas testemunhas ao povo."

Note-se os seguintes pontos:

a. *Ressurreição* – Os judeus pediram a Pilatos que tornasse seguro o túmulo de Jesus para que seus discípulos não pudessem retirar seu corpo. Para garantir isso, a tumba foi lacrada e uma guarda foi colocada ali. Robert Lowry comenta, em seus versos poéticos:

> Tomaram precaução com seu sepulcro.
> Foi tudo em vão, porém, para o reter.
>
> Da sepultura saiu! Com triunfo e glória ressurgiu!
> Ressurgiu, vencendo a morte e seu poder!
> Pode agora a todos vida conceder!
> Ressurgiu, ressurgiu! Aleluia! Ressurgiu!
>
> – R. Lowry – R. Pitrowisky, Hinário Novo Cântico, nº 274, CEP

Apesar de os judeus terem espalhado a mentira de que os discípulos de Jesus tinham roubado o corpo durante a noite, a evidência provou o contrário. Deus levantou Jesus dentre os mortos – ato que nenhuma força humana pôde impedir (veja 3.15). E mais, depois de sua ressurreição Jesus apareceu fisicamente a numerosas pessoas.

b. *Aparecimentos* – Paulo faz uma observação geral sobre o período durante o qual Jesus apareceu, por quem ele foi visto e onde as revelações aconteceram. O apóstolo diz que Jesus apareceu "por muitos dias". Lucas fornece a informação de que a duração do tempo entre a ressurreição de Cristo e sua ascensão foi de quarenta dias (1.3). Contando os aparecimentos mencionados nos evangelhos, Atos e epístolas (excluindo-se os paralelos), temos um total de dez.[56] Numa dessas, mais de quinhentas pessoas viram Jesus de uma só vez. Moisés disse que o depoimento de duas ou três testemunhas era suficiente para se estabelecer um fato (Dt 19.15), mas uma multidão de testemunhas atestou a ressurreição de Jesus. Paulo acrescenta que esses observadores eram pessoas que tinham viajado com Jesus da Galiléia para Jerusalém. Ele se refere aos doze apóstolos (1.21-22). Tinham recebido as instruções de Jesus e agora eram seus embaixadores. Talvez por razões de modéstia, Paulo exclui qualquer referência ao seu próprio encontro com Jesus na estrada de Damasco e se furta em se apresentar como o apóstolo dos gentios. Contudo, no versículo subseqüente (v. 32), declara que Barnabé e ele são mensageiros do evangelho de Cristo.

c. *Testemunhas* – As pessoas a quem Jesus apareceu são agora suas testemunhas. Porque elas o viram, testificam da veracidade de sua ressurreição (comparar com 1Jo 1.1-3). Por inferência, Paulo comunica que essas testemunhas têm proclamado abertamente a doutrina apostólica (2.42) na cidade de Jerusalém. E depois da perseguição que se seguiu à morte de Estêvão, elas, juntamente com inúmeros outros crentes, espalharam as boas-novas aos judeus que viviam na dispersão. Como todo olho pode ver e todo ouvido pode ouvir, Paulo e Barnabé estão em Antioquia da Pisídia a fim de proclamar a mensagem de salvação.

56. Mateus 28.1-10,16-20; Marcos 16.9-11; Lucas 24.13-49; João 20.19-25,26-31; 21.1-23; Atos 1.3-8; 1 Coríntios 15.5-7.

Considerações Doutrinárias em 13.29

A cruz é o símbolo mundialmente conhecido do Cristianismo, pois ela significa a morte de Jesus Cristo fora dos muros de Jerusalém. Simbolizando a morte de Cristo, a cruz é um emblema de segurança para todo crente. No entanto, nos dias de Paulo, ela veio a ser uma pedra de tropeço para o judeu que não era capaz de identificá-la com o Messias. Para essa pessoa, o Messias era vitorioso, porém a cruz significava morte. O judeu não podia aceitar o ensinamento apostólico de que o Messias teve de morrer numa cruz e dessa maneira ser colocado sob a maldição de Deus (Dt 21.23). Para o gentio do século 1º, a cruz era loucura. Ele sabia que somente rebeldes políticos e escravos desprezíveis eram crucificados (1Co 1.23). Para ele, Jesus era um criminoso.

Quando os missionários proclamaram a mensagem da cruz, eles enfrentaram um público que tinha uma dificuldade enorme em eceitar o evangelho. Eles precisavam convencer o judeu e o gentio de que Jesus morreu na cruz pelos pecados deles, suportou a ira de Deus em favor deles, removeu a maldição que jazia sobre eles, proporcionou vida eterna para todo aquele que crê, restaurou o relacionamento entre Deus e seu povo e abriu o caminho para o céu. Em suma, Jesus pagou a dívida do pecado morrendo na cruz.

Por essas e outras razões, a cruz de Cristo é um símbolo precioso para o cristão que canta alegremente:

> Na cruz de Cristo eu me glorio,
> Altaneira por sobre a ruína dos tempos;
> Toda a luz da história sagrada
> Põe-se em torno de seu sublime alto.
>
> – John Bowring

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.26-31

Versículo 26

ἡμῖν – apesar de alguns manuscritos trazerem o pronome na segunda pessoa do plural (ὑμῖν), o contexto pede a primeira pessoal do plural.

ἐξαπεστάλη – o verbo composto αποστέλλω (eu envio) com a preposição ἐκ (para fora de) é diretivo, isto é, a mensagem de salvação não teve origem entre os homens de Jerusalém, mas veio de Deus. A voz passiva no tempo aoristo indicafere que Deus é o agente.

Versículo 27

κατοικοῦντες – o particípio presente composto de κατά (para baixo) e o verbo σἰκέω (eu habito em) indica permanência, em contraste às pessoas que são residentes temporárias (παροικοῦντες; comparar comem-se 7.6,29).

τοῦτον – este pronome se refere ou a ὁ λόγος (a mensagem, v. 26) ou a Jesus. Pelo contexto, os tradutores entendem que o pronome se refere a Jesus. Os particípios são ἀγνοήσαντες (sendo ignorante) com uma conotação causal, "porque eles não o reconheceram", e κρίναντες (julgando) com um sentido de modo, "por condená-lo".

κατά – o contexto exige a uso distributivo desta preposição: "todo sábado".

Versículo 28

θανάτου – o genitivo é objetivo e assemelha-se ao dativo: "por morte".

εὑρόντες – o particípio aoristo ativo do verbo εὑρίσκω (eu encontro) é concessivo: "apesar de não terem encontrado nenhuma causa ..."

Versículos 30,31

ὁ δὲ θεὸς – note-se a força adversativa da partícula δέ para indicar uma mudança de sujeito. Paulo coloca Deus contra os judeus.

ἐπί – a preposição preenche a idéia do acusativo de tempo: "por muitos dias".[57]

οἵτινες – o pronome relativo indefinido não é de causa, mas enfático. É o equivalente a ὅσπερ (no plural) e significa "estas mesmas pessoas são agora testemunhas".

---

5. *Boas-novas de Jesus*

13.32-41

À semelhança de Pedro em seus sermões no Pentecoste e no Pórtico de Salomão, Paulo apóia seu sermão citando passagens do Antigo Testamento. Ele recorre aos Salmos e aos Profetas para fortalecer sua mensagem. Depois de seu apanhado sobre a vida, a morte e a ressurreição de Jesus, ele espera que seus ouvintes perguntem por que Deus fez com que o Messias sofresse e morresse. Eles perguntariam sobre a

57. Robertson, *Grammar*, p. 602.

importância da ressurreição. Por essa razão, Paulo conta ao seu auditório o significado das boas-novas de salvação em Cristo.

a. *Salmo 2.7*

32. "E nós proclamamos estas boas-novas a vocês. Esta promessa feita aos pais 33. Deus cumpriu a nós, os filhos deles. Ele levantou Jesus, assim como estava escrito no segundo salmo:

'Você é o meu Filho;
hoje eu me tornei o seu Pai'. "

Com o uso do pronome *nós*, Paulo passa a ser pessoal, referindo-se a Barnabé e a si próprio. Sem qualquer introdução, o apóstolo afirma que eles são testemunhas de Jesus Cristo e proclamam o seu evangelho. Os judeus e gentios tementes a Deus estão recebendo, em primeira mão, o relatório dos mensageiros a quem o próprio Deus enviou. No grego, os pronomes nesse versículo são pronunciados: "*nós mesmos* proclamamos esta boa-nova *a vocês*". Está implícita a idéia de que Paulo e Barnabé desejam que os ouvintes reclamem para si as riquezas das boas-novas.

Qual é a boa-nova trazida pelos missionários? Ela vem da Escritura do Antigo Testamento. É a boa notícia que Deus, há muito tempo atrás, proclamou aos antepassados espirituais e a qual seria cumprida em seu tempo. Os profetas anunciaram a mensagem de paz e salvação de Deus, da vinda do Messias e do seu reinado (Is 40.9; 52.7). A promessa à qual Paulo se refere compreende todas as profecias messiânicas da Escritura, incluindo as que falam da ressurreição.

Antes de Paulo se voltar para a Palavra escrita, ele declara, de modo inequívoco, que Deus cumpriu sua promessa messiânica aos descendentes dos pais espirituais. Qual é o significado da expressão *os filhos deles*? Em Antioquia da Pisídia, Paulo está se dirigindo a uma platéia composta de judeus, convertidos e gentios tementes a Deus. Ele engloba todos esses adoradores como herdeiros espirituais dos patriarcas, e até mesmo expressa a abrangência nestas palavras: "Esta promessa ... Deus cumpriu a *nós*".

A New American Standard Bible traz a tradução *aos nossos filhos*, que é baseada no texto dos melhores manuscritos gregos. Mas se o pronome *nossos* se refere a Paulo e Barnabé, é incompatível com o

contexto e deve ser excluído. Testemunhas gregas de menor importância trazem o pronome *deles* ("aos filhos deles"). Mas mesmo que essa tradução seja desprovida de forte apoio dos manuscritos e seja até mesmo um pouco desajeitada na seqüência *a nós, os filhos deles*, ainda assim é a preferível.[58]

Para a sua primeira citação, Paulo recorre ao Salmo segundo. Ele o faz porque esse salmo fazia parte da liturgia do culto da sinagoga e o povo sabia as palavras de cor. Ao citar palavras retiradas de um salmo bem conhecido, Paulo estabelece uma identificação imediata com os seus ouvintes. E mais, sabemos que os judeus do século 1º interpretavam certas passagens bastante conhecidas de maneira messiânica (2Sm 7.14; Sl 2.7).[59] Pelo Salmo segundo, eles sabiam que Deus trouxe o seu Filho ao mundo. Paulo diz: "Ele levantou Jesus". Quando empregado num sentido geral, o verbo *levantar* significa "trazer, mandar sair, fazer nascer". No desenvolvimento de seu sermão, Paulo já mencionou que Deus trouxe Jesus da família real de Davi (v. 23).

Sendo repetitivo, o apóstolo cita agora o Salmo 2.7, onde Deus diz ao seu Filho: "Você é o meu Filho; hoje eu me tornei o seu Pai". Entre os cristãos desse tempo, essa citação se aplicava indiscutivelmente a Jesus, o Filho de Deus (veja, por exemplo, Hb 1.5; 5.5). Deus levantou o seu Filho para o propósito de redimir este mundo pecador. Assim, nessa citação do salmo, está incluída toda a missão terrena de Jesus, desde o seu nascimento até a sua morte e ressurreição. Na verdade, a citação em si não fala especificamente da ressurreição do Filho dentre os mortos, mas da entronização de Cristo e, nos versículos subseqüentes, de seu reinado universal sobre as nações. Sabemos, a partir do Novo Testamento, que Cristo pronunciou seu discurso da entronização depois de sua ressurreição e antes de sua ascenção, quando disse: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18).

No Salmo 2, o salmista retrata um filho subindo ao trono real de seu pai, que o instala como rei e diz: "Você é o meu Filho; hoje eu me tornei o seu Pai" (v. 7). O salmo é um cântico de coroação e a citação

58. Consultar Metzger, *Textual Commentary*, pp. 410-11.

59. SB, vol. 3, pp. 675-77; Longenecker, *Christology of Early Jewish Christianity*, pp. 80, 95; Simon J. Kistemaker, *The Psalm Citations in the Epistle to the Hebrews* (Amsterdã: Van Soest, 1961), p. 17.

específica é um decreto de entronização. A escolha de palavras diz ao leitor que o Rei é o próprio Deus, que nomeia um rei davídico para o cargo real. Mas a fraseologia informa ao leitor que este filho real de Davi é Jesus Cristo, o Messias.

Com essa citação do Salmo, Paulo ensina que Deus levantou Jesus para sua tarefa messiânica. Presumimos que quando o apóstolo relatou, pela primeira vez em seu sermão, os fatos concernentes à ressurreição de Cristo, a platéia queria provas vindas do Antigo Testamento. O povo desejava saber se a Escritura predizia que Deus levantaria Jesus dentre os mortos. Agora aceitam a referência messiânica de Paulo ao Salmo segundo, e crêem em seu relato verbal de que Jesus aparecera fisicamente a numerosas testemunhas. Porém, desejam ouvir provas adicionais de que a ressurreição havia sido predita nas profecias messiânicas. Conseqüentemente, Paulo se volta uma vez mais para a Escritura.

b. *Isaías 55.3*

34. "A saber, Deus o levantou dentre os mortos, para jamais se decompor, conforme Deus disse: 'Eu lhe darei as santas e seguras bênçãos de Davi'. "

Paulo é específico e agora diz que Deus é o agente que levanta Cristo dos mortos. A ressurreição de Jesus é a base da fé cristã e essa verdade fundamental vinha sendo proclamada desde a época do Pentecoste. Pedro fez dela o ponto central de todos os seus sermões e discursos, e Paulo pregava a doutrina da ressurreição de Cristo tanto aos judeus quanto aos gentios. Em Antioquia da Pisídia, ele volta-se para a profecia de Isaías, que implicitamente declara que Deus prosseguiu com sua aliança eterna para com Davi, cuja família real culminaria no Messias, o Rei eternal. Se Jesus é o Messias, como mostra claramente a Escritura, então a morte não tem nenhum poder sobre ele porque Deus o ressuscitou dentre os mortos.[60]

Antes de Paulo citar a profecia de Isaías, ele declara que o corpo de Cristo jamais veria a corrupção. Num certo sentido, o apóstolo apresenta ao seu público uma introdução preliminar a um assunto que irá

60. Veja D. Goldsmith, "Acts 13:33-37: A *Pesher* on II Samuel 7", *JBL* 87 (1968): 321-24.

explanar com uma terceira citação do Antigo Testamento. Por ora ele deseja comunicar o pensamento de que, embora tenha morrido na cruz, Jesus ressuscitou e seu corpo jamais entrará em decomposição. Num outro lugar Paulo escreve: "Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele" (Rm 6.9). Cristo tem um corpo glorificado e vive para sempre.

Em harmonia com este pensamento, Paulo cita um texto da tradução grega de Isaías 55.3, em que Deus diz a Israel: "Eu lhe darei as santas e seguras bênçãos de Davi". O texto em hebraico do Antigo Testamento difere consideravelmente: "Farei contigo uma aliança eterna, meu infalível amor para com Davi". As diferenças de tradução não devem nos deter nesse ponto. Em vez disso, examinemos a colocação de palavras da citação empregada por Paulo e indaguemos o que ele deseja transmitir por meio dessa passagem específica da Escritura. Num primeiro exame, admitimos que o texto não tem nada em comum com a doutrina da ressurreição de Cristo, pois o contexto se refere a Davi. Entretanto, a referência de Isaías a Davi é mais do que suficiente para Paulo mostrar que as "santas e seguras bênçãos" de Deus não cessaram depois da morte de Davi. Quando o apóstolo diz que Deus dará ao seu povo "as santas e seguras bênçãos de Davi", ele não usa o texto para provar que Cristo ressurgiu dos mortos. Antes, enfatiza os benefícios advindos da ressurreição de Jesus.[61]

O grego está incompleto nessa citação. Uma tradução literal seria: "Eu lhe darei as santas [coisas], as [coisas] seguras de Davi". Os tradutores tomam os adjetivos *santas* e *seguras* como modificadores do substantivo *bênçãos* que é fornecido na sentença. Se examinarmos a citação do Antigo Testamento (Sl 16.10) no versículo subseqüente (v. 35), vemos a expressão *o seu Santo,* que claramente se refere a Cristo. As santas e seguras bênçãos pertencem ao Santo descendente de Davi, a saber, Jesus Cristo. Como Cristo torna essas bênçãos disponíveis ao seu povo? Ele o purifica do pecado e o santifica. "Pois tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só"(Hb 2.11). Com certeza, por intermédio de Jesus Cristo, Deus jamais deixa de cumprir suas promessas ao seu povo. Então, decisivamente, Deus le-

61. Jacques Dupont, "TA OSIA DAVID TA PISTA (Ac XIII 34 = Is LV 3)," *RB* 68 (1961): 91-114.

vantou Cristo dentre os mortos a fim de estender as santas e seguras bênçãos a todos os que crêem.

c. *Salmo 16.10*

35. "Por essa razão, Deus diz em outro salmo,
'O Senhor não permitirá que o seu Santo entre em decomposição'."

Paulo inicia com a frase *por essa razão*. Usando o jeito judeu de interpretar o Antigo Testamento, o apóstolo procura uma palavra-chave, que nesse caso é o termo *santo*, e então coloca as duas citações uma ao lado da outra. Ele torna essa citação, de importância bem maior do que a primeira, dependente da anterior e então escreve: "Por essa razão". O apóstolo emprega a regra exegética da analogia: explica uma palavra obscura encontrando um texto análogo que traga a mesma palavra, porém de forma clara.[62] Conseqüentemente, o sentido da expressão *o Santo* no Salmo 16.10 serve para esclarecer a expressão *santas (coisas)* de Isaías 55.3 na tradução do grego. As duas citações estão intimamente ligadas, pois juntas elas apresentam a mensagem de que o Santo, que jamais passará outra vez pela morte nem experimentará a decomposição, tornará suas santas e seguras bênçãos disponíveis ao seu povo. Jesus Cristo é o Santo, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. Em suma, ele é o Messias.

A importância messiânica do Salmo 16 era sobejamente conhecida entre os cristãos; Pedro, em seu sermão do Pentecoste (2.27,31) cita a mesma passagem que Paulo escolhe. Os cristãos usavam o texto para provar que Cristo havia ressuscitado e que, em seu estado de glorificação, ele jamais passaria novamente pela morte e nunca entraria em decomposição. Deus o levantou dos mortos e não permitiu que a corrupção tomasse conta permanente de seu Filho, que é o Santo. Essa citação do salmo, aplicada originalmente a Davi, foi cumprida no Messias.

36. "Pois Davi, depois de servir ao propósito de Deus em sua própria geração, adormeceu. Ele foi sepultado com seus pais e entrou em decomposição. 37. Mas a quem Deus levantou dentre os mortos não entrou em decomposição."

62. Longenecker, *Acts*, p. 426; Kistemaker, *Psalm Citations*, p. 62.

a. "Pois Davi ... adormeceu." É interessante notar que a apresentação de provas da Escritura feita por Paulo coincide com a de Pedro (veja 2.29-35). Essa coincidência não causa nenhuma surpresa, haja vista o desejo de Paulo, expresso depois do término de sua primeira viagem missionária, de comparar o evangelho que ele pregava ao dos apóstolos em Jerusalém (Gl 2.2). Aqui está a evidência de que Paulo prega o mesmo evangelho proclamado por Pedro no Pentecoste.

A diferença entre as apresentações de Pedro e Paulo é de ênfase. Pedro salienta o túmulo de Davi como evidência da morte e do sepultamento do rei, mas Paulo acrescenta que o ministério de Davi estava limitado à sua própria época. Diz o apóstolo: "[Ele] serviu o propósito de Deus em sua própria geração." Tudo o que Davi realizou de acordo com o plano de Deus, terminou quando a morte o removeu deste cenário terreno. Conclui-se que o ministério de Jesus dura para sempre.

Como interpretamos o versículo 36? O texto pode ser lido como "[Davi] serviu ao propósito de Deus em sua própria geração"[63] ou como "[Davi] serviu à sua própria geração".[64] Se usarmos o princípio de interpretar um texto com a ajuda de uma passagem paralela, voltamo-nos ao versículo 22 e lemos que Deus diz "[Davi] fará tudo o que eu desejar". O objeto direto desse versículo é o desejo de Deus, isto é, o propósito de Deus. Por essa razão, os tradutores e intérpretes são a favor da tradução "[Ele] serviu ao propósito de Deus em sua própria geração".

b. "Ele foi sepultado com seus pais e entrou em decomposição." O eufemismo *adormeceu* era comum entre os cristãos primitivos. Por exemplo, Estêvão "adormeceu" quando pedras esmagadoras puseram fim à sua vida terrena (7.60). Paulo se refere aos restos mortais de Davi repousando em paz numa tumba de Jerusalém. A despeito das habilidades do embalsamador, seu corpo foi objeto de decomposição e aguarda o dia da ressurreição.

c. "Mas a quem Deus levantou dentre os mortos não entrou em decomposição." Jesus também foi sepultado numa tumba fora dos muros

63. Veja NASB, RSV, NEB, NIV, BJ, MLB, GNB, SEB.

64. NKJV, KJV. Para outras traduções desse texto, veja Ernst Haenchen, *The Acts of the Apostles: A Commentary*, tradução de Bernard Noble e Gerald Shinn (Filadélfia: Westminster, 1971), p. 412.

de Jerusalém. E apesar de seu corpo lacerado estar sujeito à desintegração enquanto permanecia no túmulo da tarde de sexta-feira até a manhã do domingo, Deus não permitiu que as forças da corrupção o prendessem no seu laço. Deus o libertou do poder da morte e da sepultura (2.24; 3.15) e deu-lhe poder sobre elas (Ap 1.18). Jesus Cristo é vitorioso, e, como descendente real de Davi, vive eternamente. Por contraste, Davi morreu na cidade de Jerusalém, foi sepultado junto a seus pais numa tumba, e em seu estado de decomposição, aguarda a ressurreição geral dos mortos. Não foi Davi, o compositor do Salmo 16.10, quem cumpriu a palavra profética, mas Jesus Cristo, o Messias.

38. "Portanto, homens e irmãos, fiquem sabendo que por meio dele o perdão dos pecados é proclamado a vocês. 39. Todo aquele que crê é justificado por ele de todas as coisas das quais vocês não podiam ser justificados por intermédio da lei de Moisés."

Considere os seguintes pontos:

a. *Perdão* – Paulo chega ao final de seu sermão. Ele toca num assunto que penetra o coração de cada ouvinte em sua platéia: "Como obtenho perdão para o pecado?" Os judeus e os gentios tementes a Deus tinham de se conformar às leis cerimoniais e morais do Antigo Testamento a fim de conseguir o alívio espiritual do fardo premente do pecado. Agora Paulo vem a eles e ensina que suas tentativas para cumprir as exigências da lei jamais os aliviarão desse fardo. Proclamando ao povo as boas-novas de Jesus Cristo, Paulo lhes diz que Jesus perdoa o pecado. Esta é a mensagem que os apóstolos pregam aos judeus bem como aos gentios.[65]

No grego, Paulo apresenta essa boa-nova com uma declaração de peso: "Portanto, ... fiquem sabendo" (veja 4.10; 28.28), e depois pelo tratamento familiar *homens e irmãos*. A declaração significa, na verdade, que Paulo está para anunciar algo da maior importância. E mais, o modo de tratamento repetitivo significa que Paulo e seus ouvintes se encontram no mesmo nível no que diz respeito a encontrar a remissão do pecado.

"Por meio dele [Jesus] o perdão dos pecados é proclamado." Paulo lembra ao seu público a pessoa de João Batista, que pregava "um batis-

65. Veja 2.38; 3.19; 5.31; 10.43; 26.18.

mo de arrependimento para o perdão dos pecados" (Mc 1.4, NVI). Os judeus sabiam que, por meio do arrependimento, eles receberiam perdão e salvação. Os ouvintes de Pedro no Pentecoste lhe perguntaram: "O que devemos fazer?" Ele lhes disse que se arrependessem e fossem batizados no nome de Jesus para a remissão dos pecados (2.37,38). Ambos, Pedro e Paulo, proclamam a mesma mensagem: o homem encontra o perdão de pecados somente por intermédio de Jesus Cristo! João Batista foi o precursor de Jesus Cristo e podia apenas exortar o povo a que se arrependessem e fossem batizados. Mas o Senhor e Salvador ressurreto tem o poder para perdoar os pecados de todo aquele que for a ele com arrependimento e fé.

b. *Fé* – Paulo apresenta a oferta de salvação a todo o que crer em Jesus Cristo. Ele não faz distinção alguma entre judeu e gentio, pois Deus justifica qualquer pessoa que suplicar a remissão do pecado. Ele declara que todo aquele que depositar sua fé em Cristo é justificado perante Deus. Ao empregar a frase literalmente traduzida *aquele que crê*, Paulo pode emitir um chamado universal para encontrar, em Jesus Cristo, a remissão de pecados.

c. *Justificação* – Ao relatar o sermão de Paulo proferido em Antioquia da Pisídia, Lucas reflete o ensino do apóstolo sobre a justificação pela fé e não pela lei. Paulo apresenta esse ensinamento em seu sermão e em algumas de suas epístolas.[66] Em sua carta aos Gálatas, por exemplo, ele escreve:

> [Nós] sabemos que o homem não é justificado pela prática da lei, mas mediante a fé em Jesus Cristo. Assim, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pela prática da lei, porque pela prática da lei ninguém será justificado. [2.16, NVI]

Paulo diz aos seus ouvintes que quando eles colocam sua fé em Jesus Cristo, Deus os declara justificados, isto é, sem culpa. Seus pecados são perdoados, não com base na observância diligente das leis de Moisés, mas por intemédio da obra redentora de Cristo. Os contem-

66. Consultar Theodor Zahn, *Die Apostelgeschichte des Lucas*, série Kommentaar zum Neuen Testament, 2 vols. (Leipzig: Deichert, 1921), vol. 1, p. 447; Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 157.

porâneos de Paulo sabem que são incapazes de cumprir as demandas da lei mosaica e se dão conta de que suas tentativas de obter sozinhos a justificação são inúteis e levam à frustração. Por essa razão, Paulo prega que a fé em Cristo os liberta.

Exceto pela exortação final, Paulo chega, virtualmente, ao final de seu sermão. Se resumirmos essa mensagem, vemos um desenvolvimento gradual em sua apresentação, que pode ser sumariado ponto por ponto. Paulo testifica que:

1. Deus ressuscitou Cristo dentre os mortos, segundo a Escritura;
2. testemunhas comprovaram a ressurreição de Jesus;
3. seus ouvintes não conseguem cumprir a lei mosaica;
4. por meio da fé em Cristo os pecadores são justificados perante Deus;
5. conseqüentemente, o perdão de pecados está intimamente ligado à ressurreição de Cristo.[67]

40. "Tenham cuidado para que o que foi dito pelos profetas não sobrevenha a vocês:

41. 'Vejam, seus zombadores,
fiquem maravilhados e pereçam!
Porque eu vou fazer uma obra
nos seus dias, uma obra na qual vocês jamais acreditarão
mesmo se alguém a descrever a vocês'. "

Como um fim apropriado para o seu sermão, Paulo primeiro exorta seus ouvintes a prestarem atenção ao que os profetas do Antigo Testamento declararam. Depois ele recita diretamente a partir da profecia de Habacuque, homem que viveu algumas décadas antes da destruição de Jerusalém e o subseqüente exílio de Judá (em 586 a.C.). Contemporâneo de Jeremias, Habacuque disse ao povo de Judá e Jerusalém que Deus faria algo extraordinário, a saber, os babilônios os levariam cativos. Deus faria isso por causa da violência desenfreada, da corrupção social e da falência espiritual em Judá. Os contemporâneos de Paulo sabiam que o povo de Judá havia desprezado as advertências do profe-

67. Grosheide, *Handelingen der Apostelen*, vol. 1, pp. 437-38; Zahn, *Apostelgeschichte des Lucas*, vol. 1, pp. 447-48.

ta e continuado a viver em pecado. Finalmente, a paciência de Deus chegou ao limite, e o exército babilônico conquistou Jerusalém, exilando seus habitantes.

Por semelhante modo, Paulo adverte os fiéis em Antioquia da Pisídia a que ouçam a mensagem de salvação e depositem sua fé em Jesus Cristo. Ele percebe que alguns dos judeus em sua platéia estão para ridicularizar suas palavras. Eles necessitam de uma palavra direta da Escritura, e assim, com variações menores, Paulo cita o texto grego de Habacuque 1.5. As palavras dessa profecia são propositadamente duras:

a. "Vejam, seus zombadores, fiquem maravilhados e pereçam!" Assim como o Habacuque de outrora, Paulo instrui sua platéia a examinar de perto o que está acontecendo. Os que zombam da mensagem de salvação estão rejeitando o próprio Deus. E ao desprezarem a Deus, ficarão cheios de grande espanto quando o juízo do Senhor atacar de repente e eles perecerem. No grego, o verbo *perecer* significa, na realidade, "sumir da vista". Por exemplo, a palavra é usada para descrever as cidades demolidas por terremoto.[68]

b. "Porque eu vou fazer uma obra nos seus dias." O orador nessa profecia é Deus, dizendo ao povo que ele fará algo surpreendente no meio deles e em seu tempo de vida. De fato, as forças romanas destruíram totalmente a cidade de Jerusalém e seu templo em 70 d.C., mataram ou dispersaram seus habitantes e proibiram os judeus de recolonizar Jerusalém e de reconstruir o templo.

Paulo encerra abruptamente o seu sermão a fim de obter o efeito máximo. Jamais antes aquele público ouvira tal "mensagem de exortação" (v. 15). Segundo o texto grego do Codex Bezae, os ouvintes de Paulo ficam em silêncio.

Considerações Doutrinárias em 13.39

Quando os legisladores formulam e aprovam leis para suas nações, com o passar do tempo eles freqüentemente as modificam ou até mesmo as anulam. Por vezes admitem que uma certa lei não funciona mais ou tem sérios defeitos. As leis que Deus fez para o seu povo também estão sujeitas a mudanças? Ele deu a Israel as leis cerimoniais que foram colocadas

68. Bauer, p. 124.

de lado quando Cristo cumpriu sua obra mediadora. Entretanto, os Dez Mandamentos permanecem inalterados, são válidos para todos os povos e aplicáveis a qualquer cultura e época.

Se a lei de Deus é perfeita (Sl 19.7), por que ela não pode justificar o crente perante Deus? A lei está livre de falhas, mas o pecador não está, isto é, o problema não é inerente à lei, porém àquele que quebra a lei (Rm 7.12,13). Jesus Cristo cumpriu as exigências da lei, e por intermédio de sua obediência tornou o crente reto aos olhos de Deus. O cristão é justificado, não pela observância da lei, mas pelos méritos de Cristo. Por meio de seu Filho, Deus concede vida eterna a todo aquele que crê nele (Jo 3.16). Como resultado, o cristão deseja obedecer à lei de Deus e expressa sua gratidão a ele por enviar seu Filho ao mundo.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.32-41

Versículo 32

ἡμεῖς ὑμᾶς – estes dois pronomes pessoais estão justapostos a fim de expressar ênfase e inclusão.

Versículo 33

ἐκπεπλήρωκεν – o composto do verbo ἐκπληρόω (eu cumpro totalmente) está no tempo perfeito para mostrar uma ação no passado com significado duradouroa para o presente.

τοῖς τέκνοις αὐτων ἡμῖν – "para os filhos deles, para nós". A evidência do manuscrito para esta tradução é fraca, porém é forte o apoio do contexto. Por outro lado, os melhores manuscritos apresentam a fraseologia τοῖς τέκνοις ἡμῶν (para os nossos filhos), mas o contexto milita contra essa tal escolha de palavras. Há ainda uma outra disposição de palavras que é τοὶς τέκνοις αὐτῶν (para os filhos deles), mas seu apoio externo é insignificante.

τῷ δευτέρῳ – a tradução *o salmo segundo* possui força sólida, porém o Codex Bezae traz as palavras τῷ πρώτῳ (o primeiro). Segundo autores dos primeiros séculos, os dois primeiros salmos eram freqüentemente combinados e considerados como um só. Muitos estudiosos apóiam a tradução *o salmo segundo*.[69]

---

69. Metzger, *Textual Commentary*, p. 414.

Versículos 34,35

τὰ ὅσια – a tradução do hebraico (Is 55.3) é "as misericórdias". Os tradutores da Septuaginta alternaram as formas plurais das palavras *ḥēsēd* (misericórdia) e *ḥasid* (santo) e apresentaram a tradução *as santas (coisas)*.

ἐν ἑτέρῳ – por ter considerado a citação do versículo 34 e esta como uma seqüência de duas citações, Paulo empregou este adjetivo como "o segundo" de um par.[70]

Versículos 38,39

διὰ τούτου – a preposição é instrumental ("por meio deste [homem]"). O pronome demonstrativo, que se refere a Jesus, liga estes dois versículos. O texto ocidental fornece algumas adições que estão indicadas em itálico: "Por intermédio deste homem o perdão de pecados é proclamado a vocês, e *arrependimento* de todas aquelas coisas das quais vocês não podiam ser libertos pela lei de Moisés; por meio dele, *portanto*, todo aquele que crê é liberto *perante Deus*".[71]

ἐν νόμῳ – esta expressão ("por meio da lei") é equilibrada pela expressão ἐν τούτῳ ("por meio dele"). A preposição aparece para auxiliar.

Versículos 40,41

βλέπετε – "tenham cuidado". O imperativo presente é seguido pelo imperativo aoristo ἴδετε (veja!). Ambos os verbos servem para avisar o povo acerca do iminente juízo caso deixem de dar atenção à advertência.

ἐκδιηγῆται – na prótase de uma sentença condicional, este subjuntivo presente médio expressa probabilidade. O composto é perfectivo e pode ser traduzido por "declarar".[72]

6. *Convite Reiterado*

13.42-45

A brevidade é uma característica do estilo de Lucas. Ele enfatiza e expande a respeito de itens relevantes ao desenvolvimento de sua narrativa. E deixa o resto por conta da imaginação do leitor. E é exatamente isso o que acontece quando procuramos retratar a conclusão do culto e a saída da sinagoga.

70. Robertson, *Grammar*, p. 748.
71. Metzger, *Textual Commentary*, p. 415.
72. Robertson, *Grammar*, p. 597.

42. Quando Paulo e Barnabé estavam saindo, o povo lhes implorou que essas coisas lhes fossem ditas no sábado seguinte. 43. Depois do término da reunião na sinagoga, muitos judeus e tementes a Deus prosélitos do judaísmo, seguiram Paulo e Barnabé, que falavam com eles e os instavam a continuar na graça de Deus.

À primeira vista os dois versículos parecem repetitivos. Ambos indicam que o culto havia terminado e que Paulo e Barnabé estavam saindo. Os costumes e as tradições variam de país para país e de povo para povo. Logo, não devemos interpretar esses versículos como refletindo nossas práticas de hoje. Presumimos que imediatamente depois do término do culto formal, os fiéis permaneciam no prédio por motivos de sociabilidade (veja comentário sobre o v. 16). Quando finalmente terminava a parte informal da reunião, o zelador fechava as portas e as pessoas iam para casa. Lucas, então, descreve os costumes em uso nesse tempo em Antioquia da Pisídia.

Paulo e Barnabé saem da sinagoga, mas são barrados pelos fiéis que desejam ouvi-los falar novamente. A maioria dos tradutores acrescenta o sujeito *Paulo e Barnabé* para maior esclarecimento, ao passo que outros seguem literalmente a fraseologia grega: "Enquanto estavam indo, o povo implorou ..." (RSV). Ainda outros, apoiados no Texto Majoritário dos manuscritos gregos, expandem a tradução empregando dois sujeitos diferentes: "E quando os judeus saíram da sinagoga, os gentios imploraram ..." (NKJV; também a KJV).[73]

O povo fica favoravelmente impressionado com a mensagem de Paulo e o convida, bem como a Barnabé, a retornarem no sábado seguinte. Querem ouvir mais a respeito das coisas pertinentes a Jesus Cristo e seu evangelho. Lucas relata que muitas pessoas, tanto judias como gentias, continuam a conversar com os missionários. Também deduzimos que outros judeus evitam falar com os visitantes e ficam aguardando para ver o que acontece (v. 45). Lucas descreve os crentes gentios como prosélitos tementes a Deus (convertidos incompletos ao judaísmo).[74] Paulo, o apóstolo dos gentios, entende-se imediatamente

73. Os melhores testemunhos gregos trazem a tradução mais curta para a primeira cláusula e omitem o sujeito *os gentios* na segunda. Veja também Metzger, *Textual Commentary*, pp. 416-17.

74. Comparar com 16.14; 17.4, 17; 18.7; e veja 2.11; 6.5. Para uma discussão detalhada, veja Kirsopp Lake, "Proselytes and God-fearers", *Beginnings*, vol. 5, pp. 74-96.

com esses prosélitos e os conduz a Cristo. Por outro lado, os judeus haviam cruzado terra e mar para fazer um convertido (Mt 23.15) e agora vêem que Paulo e Barnabé atraem gentios tementes a Deus à fé cristã. Não é de causar surpresa que muitos dos judeus se sintam incomodados com os missionários e rivais importunos.

Todavia, tanto Paulo como Barnabé estendem a conversa e exortam os judeus e convertidos que os ouvem ansiosamente "a continuar na graça de Deus". Paulo e seus companheiros sabem que depois de apagado o primeiro fluxo de entusiasmo, os crentes necessitam de palavras de encorajamento. O verbo *continuar* indica que o povo já depositou sua confiança em Jesus e o aceitou como seu Messias (comparar com 11.23; 14.22). Eles estão em comunhão com Jesus Cristo e agora Paulo e Barnabé os exortam a continuarem nessa relação, a permanecerem leais ao Senhor, e a "se exporem à graça de Deus".[75] "Graça" é uma palavra que Paulo usa repetidas vezes em suas epístolas; ela sugere o ato decisivo de Deus de salvar o homem em Jesus Cristo.

44. No sábado seguinte, quase a cidade inteira se reuniu para ouvir a palavra do Senhor. 45. Mas quando os judeus viram as multidões, ficaram cheios de inveja. E de modo insultante passaram a contradizer as coisas que Paulo estava dizendo.

Supomos que, durante toda a semana, os cristãos de Antioquia da Pisídia falaram acerca de sua fé em Cristo; e também, Paulo e Barnabé por seu turno, não ficaram calados até o sábado seguinte, esperando uma oportunidade para falar. O texto ocidental (o Codex Bezae e outros dois manuscritos) acrescenta uma sentença introdutória a esse versículo: "Assim aconteceu que a palavra de Deus se espalhou por toda a cidade". As conseqüências da pregação de Paulo são esmagadoras. Lucas generaliza e diz que no sábado seguinte "quase a cidade inteira se reuniu para ouvir a palavra do Senhor". Lucas não conta se isso aconteceu na sinagoga local com múltiplas reuniões, ou numa reunião do lado de fora, no anfiteatro da cidade. A população gentia não costumava guardar o sábado. Não obstante, o povo tira tempo para ouvir Paulo e Barnabé pregar o evangelho de Cristo. O texto grego, nesse ponto, traz uma variação na tradução a qual muitos tradutores adota-

75. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 106. Veja ainda Rackham, *Acts*, p. 220.

ram: "para ouvir a palavra de Deus".[76] As duas expressões *palavra de Deus* e *palavra do Senhor* têm igual apoio nos manuscritos. Os estudiosos favorecem a segunda opção porque ela aparece com menor freqüência do que a frase *palavra de Deus*. A diferença no significado é inexpressiva.

A resposta que Paulo e Barnabé recebem da população gentílica prova que Deus os está abençoando como missionários ao mundo greco-romano. Entretanto, para os judeus, essa tremenda reação parece ser demais. Já irritados pela palavra de Paulo proferida no sábado anterior, eles agora se enchem de inveja. Notamos que não são os gentios tementes a Deus que ficam contra Paulo e Barnabé, mas os judeus. Estes se dão conta de que os missionários colhem uma safra evangelística, depois de os judeus terem testemunhado à população gentia durante anos. Do ponto de vista humano, a inveja deles é compreensível. Mas da perspectiva divina, os judeus deveriam ter sido os primeiros a aceitar o evangelho da salvação. Em vez de obedecer aos ensinamentos da palavra de Deus, eles passam a contradizer as palavras ditas por Paulo. Lucas até mesmo acrescenta que eles o fazem de forma insultante. O termo que Lucas emprega para descrever sua ação abusiva é o verbo *blasfemar*, isto é, os judeus blasfemam o Cristo proclamado por Paulo e Barnabé (comparar com 26.11). Indubitavelmente, dizem às multidões que o homem crucificado, Jesus, é um criminoso amaldiçoado por Deus.[77] E eles zombam de Paulo e o injuriam por falar a respeito de Jesus. Lucas omite os detalhes dos ataques verbais dos líderes judaicos da sinagoga local, mas a narrativa é suficientemente clara para que o leitor forme uma imagem mental do procedimento.

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.42-45

Versículo 42

ἐξιόντων αὐτῶν – a construção do genitivo absoluto separa o pronome do sujeito do verbo principal. O particípio presente deriva do verbo ἔξειμι (eu saio). No entanto, no Texto Majoritário, o sujeito da cláusula

76. Veja, por exemplo, KJV, NKJV, RSV, NEB, NASB, BJ, MLB.
77. Rackham, *Acts*, p. 220.

do genitivo absoluto é τῶν Ἰουδαίων (os judeus) e o sujeito do verbo principal é τὰ ἔθνη (os gentios).[78]

μεταξύ – normalmente este advérbio, que se refere a espaço ou tempo, significa "entre". Aqui ele quer dizer "depois" ou "próximo/seguinte".

Versículo 44

ἐρχομένῳ – modificando o substantivo σαββάτῳ (sábado), o particípio presente médio significa "aquele que vem" ou "aquele que segue". Alguns manuscritos trazem a leitura ἐχομένῳ (próximo/seguinte).

ἀχοῦσαι – o infinitivo aoristo denota propósito.

Versículo 45

ζήλου – o genitivo junto com o verbo ἐπλήσθησαν (eles foram cheios) é o genitivo junto com os verbos que indicam compartilhar, partilhar e encher.[79]

ἀντέλεγον – o tempo imperfeito descreve ação contínua no passado. O composto é diretivo.

---

7. *Efeito e Oposição*

13.46-52

46. Paulo e Barnabé ousadamente lhes responderam: "A palavra de Deus tinha de ser dita a vocês primeiro. Já que a rejeitam e não se consideram dignos da vida eterna, estamos nos voltando para os gentios".

a. *Ousadia* – Uma palavra que aparece repetidamente na descrição de Lucas acerca da postura dos apóstolos é *ousadamente* ou *corajosamente*.[80] Os apóstolos sabem que Jesus lhes disse para jamais temerem quando fossem chamados a falar por ele. Jesus disse: "Visto que não sois vós que falais, mas o Espírto de vosso Pai é quem fala em vós" (Mt 10.20). Assim, tanto Paulo como Barnabé falam ousadamente em favor de Jesus e observam sua regra básica de proclamar o evangelho primeiro aos judeus, e depois aos gentios (v. 26; 1.8; 3.26; Rm 1.16; 2.9; veja ainda Mt 10.5,6).

---

78. Arthur L. Farstad e Zane C. Hodges, *The Greek New Testament According to the Majority Text* (Nashville: Nelson, 1982), p. 420.

79. Robertson, *Grammar*, pp. 509-10.

80. Veja 2.29; 4.13, 29, 31; 9.27, 28; 13.46; 14.3; 18.26; 19.8; 26.26; 28.31.

b. *Prioridade* – Paulo e Barnabé declaram inequivocamente aos judeus: "A palavra de Deus tinha de ser dita a vocês primeiro". Os missionários salientam a necessidade de sua ação. Por causa do amor e cuidado de Deus para com os judeus (veja Rm 11.1), os missionários se sentem obrigados a revelar a mensagem de salvação primeiro a eles. Os judeus são os destinatários e guardiães da palavra revelada de Deus (Rm 3.2). Eles são os seus filhos adotivos; receberam a Lei, as alianças e as promessas; têm a adoração no templo; e honram o patriarca de quem descende o Messias (Rm 9.4,5). Assim, Deus compele Paulo e Barnabé a irem primeiro aos judeus e proclamar a eles as boas-novas de salvação em Cristo. Mas se os judeus se recusam a ouvir os embaixadores de Deus, os missionários irão aos gentios. Paulo havia sido chamado para servir como apóstolo aos gentios, e sem dúvida Barnabé tinha o mesmo chamado (veja v. 2).

c. *Rejeição* – No prólogo de seu Evangelho, João escreve que Jesus veio para a sua própria herança, mas seu próprio povo se recusou a aceitá-lo (Jo 1.11). Os embaixadores de Jesus experimentam a mesma coisa em Antioquia da Pisídia. Já que os judeus rejeitam a mensagem do evangelho de Cristo, os gentios passam a ser os destinatários do favor de Deus.[81] Os judeus perdem, propositalmente, seu lugar na habitação de Deus e não podem mais ser considerados dignos da vida eterna. Não podem mais contar com seus privilégios, pois Deus os tirou deles. Paulo e Barnabé se voltam para os gentios e trabalham no meio deles. Estes, então, são os ramos de oliveira brava enxertados na oliveira; alguns dos ramos naturais (isto é, os judeus) são quebrados (Rm 11.17-21). Em seu ministério, Paulo, repetidas vezes, experimenta rejeição da parte dos judeus, e então se volta para os gentios (veja 18.6).

47. "Pois isto é o que o Senhor nos ordenou:
'Eu coloquei você como uma luz aos gentios,
para trazer salvação aos confins da terra'. "

Paulo baseia seus ensinamentos na Escritura do Antigo Testamento, e dessa forma segue o exemplo de Jesus Cristo. Ele defende sua decisão de ir até os gentios citando uma profecia do Livro de Isaías

81. Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 391.

(49.6). A partir dessa citação, os judeus podem ver, por si mesmos, que séculos antes Deus havia planejado conceder a salvação aos gentios. Em outras palavras, a Escritura prova que os missionários estão certos e os judeus errados.

Na resposta de Paulo, a Escritura tem a última palavra. Ele diz: "Isto é o que o Senhor nos ordenou". As palavras ditas originalmente por Deus por meio do profeta Isaías, mais de sete séculos antes do nascimento de Cristo, agora são reivindicadas por Paulo. Aliás, Paulo leu a Escritura do Antigo Testamento à luz do chamado de Jesus a ele para ser um apóstolo aos gentios. Portanto, as palavras de Isaías são cumpridas em Paulo, quando ele volta as costas aos judeus e trabalha entre os gentios.

Quais são as palavras da profecia de Isaías? O profeta descreve a tarefa do servo messiânico de Deus, a quem o Senhor designa para libertar os descendentes de Jacó dos grilhões do pecado e reconduzi-los a Deus. A tarefa do Messias é restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta um remanescente do Israel fiel (Is 49.6a). Mas a tarefa adicional do Messias é ser uma luz para os gentios, concedendo assim salvação até os confins da terra (Is 49.6b). Essa profecia messiânica em particular era bem conhecida dos contemporâneos judeus de Paulo. Ao citar essa passagem, o apóstolo ressalta que quando o Messias torna a salvação disponível aos gentios, Paulo, como servo dele, deve fazer de igual modo. Colocando de modo sucinto, esse texto é freqüentemente chamado de "a grande comissão do Antigo Testamento".[82] Quando Simeão tomou o bebê Jesus em seus braços no pátio do templo, ele ficou cheio do Espírito Santo e falou profeticamente. Disse que os seus olhos agora tinham visto a "luz para revelação aos gentios e para a glória do teu povo, Israel" (Lc 2.32, NVI; comparar com Is 42.6).

Paulo sabiamente escolhe uma passagem do Antigo Testamento que fala claramente da obra do Messias de levar salvação aos gentios. Nenhum dos opositores é capaz de contradizer o ensino explícito das Escrituras. Apesar de os judeus ficarem calados depois dos comentá-

82. Consultar Edward J. Young, *The Book of Isaiah*, New International Commentary na série Old Testament, 3 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), vol. 3, p. 276. Veja Pierre Grelot, "Note sur Actes, XIII, 47", *RB* 88 (1981): 368-72.

rios de Paulo, os gentios ficam cheios de alegria. Eles sabem que a profecia citada pelo apóstolo se aplica a eles.

48. Quando os gentios ouviram isso, eles começaram a se regozijar e glorificar a palavra do Senhor. E tantos quantos foram ordenados para a vida eterna creram.

a. "Quando os gentios ouviram isso." O evangelho tem sempre um efeito duplo sobre o povo que o ouve. Para alguns ouvintes, a mensagem do evangelho é como um aroma agradável; é a fragrância de vida, conforme Paulo escreve aos Coríntios. Mas para outros, o mesmo evangelho encerra um odor malcheiroso que transmite o cheiro de morte (2Co 2.14-16). Em Antioquia da Pisídia, alguns dos judeus vociferam fazendo objeção à pregação do evangelho de Cristo e rejeitam este evangelho. Os gentios, no entanto, ouvem a exposição de Paulo e respondem alegremente com louvores por aquilo que ouviram.

b. "[Os gentios] começaram a se regozijar e glorificar a palavra do Senhor." A reação dos gentios é exuberante: eles se enchem de alegria porque sabem que a salvação que Deus prometeu, ele a concedeu também a eles.

Nos antigos manuscritos aparecem variações da expressão *glorificar a palavra do Senhor*. Por exemplo, um manuscrito traz o verbo *receber*, porque o povo recebe em lugar de glorificar a palavra do Senhor (comparar com 8.14; 11.1; 17.11). Outro elimina a frase *a palavra do Senhor* e a substitui pela palavra *Deus*, resultando na tradução *glorificar a Deus*. Em outros lugares em Atos, essa colocação é comum, ao passo que a fraseologia *glorificar a palavra do Senhor* ocorre apenas aqui (veja 4.21; 11.18; 21.20). Aliás, as variações *palavra de Deus* (RSV) e *palavra do Senhor* são insignificantes (veja v. 44).

Um princípio verdadeiro e testado é o de que a tradução mais difícil é a correta, pois os escribas muitas vezes apresentavam uma tradução mais agradável do texto na tentativa de esclarecer seu significado. A colocação mais difícil que traz *glorificar a palavra do Senhor* tem apoio substancial dos manuscritos e, portanto, é a preferida pelos tradutores. Os gentios glorificaram a palavra do Senhor, aceitando-a com grande alegria.

c. "E tantos quantos foram ordenados para a vida eterna creram."

Lucas acrescenta uma sentença na qual emprega a voz passiva *foram ordenados*. A implicação é a de que Deus é o agente, pois somente ele concede a vida eterna (Mt 25.46; Jo 10.28; 17.2). No grego, a forma *foram ordenados* constitui um particípio passivo no tempo perfeito. O perfeito indica ação que teve lugar no passado, mas é relevante para o presente. No passado, Deus predestinou a salvação dos gentios. Em muitos lugares nas Escrituras do Antigo Testamento, Deus revela que a bênção da salvação é também para os gentios (por exemplo, Gn 12.1-3; Is 42.6; 49.6). Quando eles, pela fé, aceitam Cristo, ele lhes concede a dádiva da vida eterna.

Quando os gentios em Antioquia da Pisídia depositam sua fé em Jesus Cristo, eles se apropriam da vida eterna para si. O texto revela os dois lados da mesma moeda: o amor da eleição de Deus e a resposta crente do homem (comparar com Fp 2.12,13). Ainda que esse texto traga o verbo principal *crer*, ele também ensina a doutrina da divina eleição (veja Rm 8.29,30). Observe-se que Lucas diz "[os gentios] foram ordenados para a vida eterna". Ele não diz que foram ordenados a crer. "O que lhe interessa é que a vida eterna não é recebida somente pela fé, mas é essencialmente plano de Deus."[83]

49. A palavra do Senhor se espalhou por toda a região. 50. Mas os judeus incitaram os tementes a Deus, as mulheres honradas e os homens líderes da cidade. Eles instigaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé e os expulsaram de sua região.

O efeito da apresentação que Paulo fez do evangelho é fenomenal: em toda a parte as pessoas falam acerca da "palavra do Senhor". De boca em boca a boa-nova está se espalhando pela cidade de Antioquia e região circundante da Pisídia. Cristãos gentios cheios de entusiasmo, proclamam a mensagem do evangelho a qualquer que desejar ouvi-la. A igreja cristã está crescendo e se desenvolvendo rapidamente. Sob o ponto de vista de Paulo, ele pode dizer que Deus está abençoando o trabalho missionário.

Depois de passado algum tempo,[84] segue-se uma grande persegui-

83. Guthrie, *New Testament Theology*, p. 618. Consultar Calvino, *Acts of the Apostles*, vol. 1, p. 393; e veja Lake e Cadbury, *Beginnings*, vol. 4, p. 160.

84. Ramsay pensa que os missionários permaneceram em Antioquia da Pisídia pelo me-

ção. Os judeus da sinagoga local estão com inveja de Paulo e Barnabé por causa da inesperada resposta que eles receberam dos gentios. Esses judeus percebem que sua influência religiosa está minguando, pois os gentios convertidos agora aceitaram os ensinamentos de Cristo. Como já disse alguém: "A inveja é a matéria bruta do assassinato" (comparar com 14.19). A inveja envenena a mente dos judeus e os impele a buscar o apoio de mulheres de alta posição que ainda estão freqüentando os cultos da sinagoga. (No século 1º, as mulheres gentias de alta posição iam, com freqüência, aos cultos na sinagoga local. Elas eram convertidas tementes a Deus, achando-se presentes em considerável número [veja 17.4].)[85] Os judeus pedem que essas mulheres influentes persuadam os principais homens líderes da cidade a instigar uma perseguição contra Paulo e Barnabé.

Os judeus querem que os pais da cidade fiquem do seu lado, levantem uma perseguição contra os missionários e os expulsem da Pisídia. Não parecem se dar conta de que o evangelho criou raízes na sua região e não pode ser erradicado. A igreja de Jesus Cristo continua se desenvolvendo (14.21-24). A perseguição instigada pelos judeus e permitida pelas autoridades da cidade não toca apenas a vida dos novos cristãos, mas também leva à expulsão dos dois missionários. Dentre os principais do governo se encontram os oficiais romanos que patrocinam a política romana de promover a paz e a ordem. Mesmo se os próprios Paulo e Barnabé não criarem distúrbio algum, os agitadores judeus geram suficiente desassossego, de modo que as autoridades goverantes são compelidas a intervir. As autoridades locais expulsam da região os dois missionários, apesar de a expulsão em si parecer ter sido temporária. Algum tempo depois eles estão de volta em Antioquia, fortalecendo os crentes e nomeando presbíteros na igreja.

51. Então Paulo e Barnabé sacudiram o pó de seus pés em protesto contra eles e foram para Icônio. 52. E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

---

nos de dois a seis meses. Como centro administrativo daquela região, Antioquia atraía gente de outras cidades; o resultado foi que o evangelho foi disseminado na parte centro-sul da Ásia Menor. *St. Paul the Traveler*, p. 105.

85. Josefo relata que em Damasco as mulheres gentias, "com poucas exceções, todas haviam se tornado convertidas à religião judaica". *War* 2.20.2 [560]. Veja também Max Wilcox, "The 'God-Fearers' in Acts – A Reconsideration", *JSNT* 13 (1981): 102-22.

Aqui está uma descrição vívida de um costume judaico que simboliza uma renúncia a pessoas ou a coisas. Os fariseus, por exemplo, sacudiam o pó dos pés quando saiam de solo gentio para não ficar impuros.[86] Entretanto, Paulo e Barnabé objetam, não contra os gentios, mas contra os judeus. Eles usam o ato simbólico de sacudir a poeira dos pés para indicar que não querem saber, de jeito nenhum, dos judeus de Antioquia da Pisídia (comparar com 18.6).

Os missionários deixam agora a região da Pisídia e a cidade de Antioquia, e viajam na direção leste para Icônio.[87] Essa cidade, conhecida hoje como Cônia, na verdade fazia parte da Frígia, apesar de fazer fronteira com a Licaônia. Situada num planalto, Icônio era cercada por campos férteis que recebiam suficiente água de fontes que fluíam das montanhas próximas. Era um centro comercial que servia às comunidades agrícolas dessa área. Ela se tornou uma importante cidade às margens de uma rodovia principal, e desse centro saíam pelo menos cinco estradas, que rumavam para o interior nos territórios vizinhos.[88]

Lucas encerra esse segmento da narrativa sobre a primeira viagem missionária descrevendo a atitude dos cristãos em Antioquia. Ele diz: "Os discípulos ficaram cheios de alegria e do Espírito Santo". Como é o costume em Atos, Lucas chama de discípulos os recém-convertidos ao Cristianismo (isto é, eles são aprendizes). Poderíamos esperar que esses crentes novatos fossem ficar desalentados com a partida de Paulo e Barnabé. Em vez disso, eles se enchem de alegria e com o Espírito Santo. Deus preenche o vácuo criado pela súbida saída dos mestres, dando aos discípulos o dom da alegria, que é um fruto do Espírito Santo (Gl 5.22). A presença do Espírito Santo no coração dos crentes constitui, em si mesma, uma alegria indescritível.

Considerações Práticas em 13.52

Missões! A palavra nos lembra a coleta de roupas usadas para serem enviadas aos campos missionários. Pensamos nos equipamentos de se-

86. A expressão *sacudir o pó dos pés* ocorre cinco vezes no Novo Testamento: Mateus 10.14; Marcos 6.11; Lucas 9.5; 10.11; Atos 13.51.

87. Consultar M. F. Unger, "Archaeology and Paul's Visit to Iconium, Lystra and Derbe", *BS* 118 (1961): 107-12.

88. Donald A. Hagner, "Iconium", *ISBE*, vol. 2, p. 792.

gunda mão que não usamos mais, mas que os obreiros em terras distantes irão valorizar muitíssimo. Designamos somas em dinheiro para sustentar os missionários que proclamam o evangelho em lugares distantes. Temos ouvido dizer de pessoas que encontraram dificuldades acadêmicas, mas que lhes foi dito que se não conseguissem boas notas para passar de ano, elas sempre poderiam ir para os campos missionários. Temos sabido de ministros que optaram por ser missionários a fim de evitar o *stress* de um pastorado local.

Mas o campo missionário deve sempre receber roupas usadas, equipamentos de segunda mão, sobras de dinheiro e missionários medíocres? O que aconteceria se enviássemos mercadoria novinha em folha, se destinássemos mais fundos para as missões do que para as necessidades de nossa igreja local e se recrutássemos os melhores pastores como missionários? Em Antioquia da Síria, o Espírito Santo disse à igreja: "Nomeiem para mim Barnabé e Saulo para o trabalho ao qual eu os chamei" (v. 2). Os membros da congregação jejuaram, oraram, e então comissionaram seus melhores professores para fazer o trabalho missionário. E Deus abençoou aquela igreja além da medida. Em Antioquia da Pisídia, Paulo e Barnabé foram inestimáveis na edificação da nascente igreja. Por causa da perseguição, eles tiveram de sair. Mas em lugar de aborrecimento e tristeza, os membros dessa igreja transbordavam de alegria e do Espírito Santo. Deus os abençoou de maneira abundante com a sua sagrada presença e providenciou para as necessidades deles. "Deus ama a quem dá com alegria" (2Co 9.7).

Palavras, Frases e Construções em Grego em 13.46-52

Versículo 46

τε καί – a posição destes dois particípios na cláusula demonstra que tanto Paulo como Barnabé falavam com ousadia. O particípio aoristo médio παρρησιασάμενοι deriva das palavras πᾶν (todos) e o verbo ῥέω (eu falo) ou do substantivo ῥῆσις (palavra). O particípio funciona como um verbo independente: "Paulo e Barnabé falaram ousadamente e disseram".[89]

ἀπωθεῖσθε αὐτόν – a voz média neste verbo no presente significa "vocês se empurram/forçam para longe da palavra de Deus".[90]

89. Blass e Debrunner, *Greek Grammar*, nº 420.3.
90. Robertson, *Grammar*, p. 810.

Versículo 48

ἔχαιρον – o uso do tempo imperfeito neste verbo e em ἐδόξαζον é iniciador e significa "a iniciação de um processo",[91] isto é, "eles começaram a se regozijar e louvar". Note-se os empregos dos vários tempos neste versículo. O particípio ἀκούοντα é presente: "eles continuaram a ouvir". Depois, dois verbos no imperfeito indicam continuidade no passado. São seguidos pelo aoristo ἐπίστευσαν (eles creram). O último verbo é a construção perisfrástica do verbo *ser* (ἦσαν) no imperfeito com o particípio perfeito passivo τεταγμένοι. O perfeito indica uma ação no passado que tem significado duradouro para o presente.

Versículo 52

ἐπληροῦτο – o tempo imperfeito de πληρόω (eu encho) significa ação prolongada no tempo passado. A voz passiva infere que Deus é o agente.

Sumário do Capítulo 13

O Espírito Santo diz à igreja em Antioquia que comissione Barnabé e Paulo para serem missionários aos gentios. Depois de um período de jejum e oração, a igreja os ordena como missionários. Eles viajam, via Selêucia, a Chipre, onde pregam o evangelho primeiro em Salamina e depois em Pafos. Ali eles encontram um mágico judeu chamado Barjesus, também conhecido como Elimas, e o procônsul Sérgio Paulo. Por causa da oposição de Elimas ao evangelho, o mágico é ferido de cegueira, mas Sérgio Paulo crê.

Os missionários deixam Chipre e navegam para a Ásia Menor. Eles chegam em Perge, na Panfília, e depois viajam para Antioquia da Pisídia. Ali eles vão ao culto na sinagoga judaica local. São convidados a dar uma palavra de encorajamento. Paulo aceita o convite e prega um sermão no qual ele traça a história do povo de Israel, desde o tempo de sua permanência no Egito até o reinado do rei Davi. Paulo prova que a promessa feita por Deus concernente ao descendente real de Davi foi cumprida no Salvador Jesus. A mensagem de salvação, tanto aos filhos de Abraão como aos gentios tementes a Deus, é que Jesus foi crucifica-

91. H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament* (1927; Nova York: Macmillan, 1967), p. 190.

do, porém Deus o ressuscitou dentre os mortos. Paulo mostra, pelas Escrituras, que o Santo não veria a corrupção, mas se levantaria do túmulo. Todo aquele que crê em Jesus é justificado. Paulo insta com seus ouvintes a que não zombem do evangelho, mas creiam para que não pereçam.

Muitos dos judeus e gentios tementes a Deus crêem. Eles convidam Paulo e Barnabé a voltarem no sábado seguinte com mais uma mensagem. Outros judeus, cheios de inveja, atacam verbalmente e se opõem a Paulo. Mais uma vez, o apóstolo cita trechos da Escritura e prova que, por serem rejeitados pelos judeus, ele e Barnabé devem ir aos gentios. Com a ajuda de autoridades do governo, os judeus instigam uma perseguição. São bem-sucedidos em seus esforços para expulsar Paulo e Barnabé dessa região. Os missionários viajam para Icônio e os membros da igreja ficam cheios de alegria e do Espírito Santo.